BOOK 20 ANOS BFB.indd 1 29/04/10 02:15

BOOK 20 ANOS BFB.indd 2 29/04/10 02:15



1988 - 2008

ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 3 29/04/10 02:15

BOOK 20 ANOS BFB.indd 4 29/04/10 02:15



José Carlos Arandiba (Zebrinha) e Walson Botelho (Vavá)

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS



Ninho Reis

BOOK 20 ANOS BFB.indd 6 29/04/10 02:15



BOOK 20 ANOS BFB.indd 8 29/04/10 02:15

APRESENTAÇÃO

Vinte anos pela dança e pela raça

O tempo mede a qualidade de um objeto artístico. O tempo aprimora, sofistica e vai determinar os muitos diálogos que, ao longo dos anos, uma produção artística tem com a sociedade que a gerou.

Mas, além do tempo vencido, quando há a identificação de um povo com a sua arte e com a qualidade com que esta é produzida, também existe uma geografia que pode ser transposta. O objeto artístico também tem esse poder. É a chamada universalidade. Assim, um filme, um livro, uma música, uma peça de teatro podem ser reconhecidos como arte, num determinado lugar e, igualmente, num outro canto do mundo, serem aplaudidos. Hoje ou daqui a mil anos.

O Balé Folclórico da Bahia (BFB) faz aniversário. Vinte anos de atividades vencendo o tempo e a geografia da Bahia. Já é sem tempo. É do mundo. E além de ganhar o mundo, ultrapassando as fronteiras da baianidade, mantém um compromisso atemporal e revolucionário.

O BFB fala da dança de uma cultura, de uma gênese longínqua que vem sendo lida, relida, transformada há duas décadas por um grupo. Fala da cultura negra que aqui foi violentamente aportada e, por obra da condição humana, absorvida como lhe foi muito injustamente ser em seu ciclo histórico e vital.

O trabalho primoroso de Walson Botelho, o Vavá, Ninho Reis e José Carlos Santos, o Zebrinha, é aquele de resgatar e atualizar. Pelos séculos do movimento feito pelos negros, a Bahia tem há vinte anos um grupo, entre outros, certamente, que busca reconhecimento para os negros. Um espelhamento não idêntico às suas raízes mas, sim, identificado. Aqui, onde o tempo e a geografia tecem seus próprios e únicos percursos.



Márcio Meirelles
Secretário de Cultura do Estado da Bahia

BOOK 20 ANOS BFB.indd 10 29/04/10 02:15

UM TESTEMUNHO

O Balé Folclórico da Bahia ocupa hoje uma posição de destaque no panorama nacional e internacional do gênero, devido à seriedade e ao empenho com que realiza seus trabalhos.

Para isso, vem ministrando aulas de dança, realizando estudos e pesquisas, o que lhe permite registrar e reinterpretar as danças folclóricas da Bahia e do Brasil, na ampla área da mítica e da lítica nacionais.

Através de espetáculos de primorosa beleza cênica, com um elenco de dançarinos e músicos extraordinários, contando com o insubstituível apoio técnico de coreógrafos e professores liderados pelo diretor, Walson Botelho, vem mostrando ao mundo a beleza e a dinâmica cênica do nosso folclore.

Dideua Agô!

Emília Biancardi
Etno musicóloga, Professora e Folclorista



BOOK 20 ANOS BFB.indd 12 29/04/10 02:15

CONSIDERAÇÕES SOBRE O BFB

O Balé Folclórico da Bahia, indiscutivelmente o melhor instrumento estético da dança calcada em recursos tradicionais e elevada à contemporaneidade com vigor, movimentos precisos, arrojados e, o mais importante, mostrando em vários momentos o sagrado afro religioso sem macular os mistérios existentes na religiosidade negra tão seriamente cultuada na Bahia.

Não é falso afirmar que ao longo dos seus vinte anos de existência, o Balé é o produto artístico que melhor vende a cultura baiana no exterior. Prova incontestável do que supra afirmo são os depoimentos dos mais conceituados críticos da linguagem da dança em todos os países pelos quais tem o BFB se apresentado. E é exatamente por ser uma vitrine tão respeitada que custa muito constatar (isso falo como Presidente do Conselho Deliberativo da Fundação BFB) que tão minguados sejam os incentivos oriundos do Governo do Estado da Bahia ao fortalecimento desse grupo que sob a regência de Walson Botelho e Zebrinha é uma expressiva mostra da grandiosidade da cultura contemporânea desta nossa Bahia, através da dança e da música que tão visceralmente emergem dos corpos dos seus componentes e hipnotizam com encantamento as mais variadas platéias do planeta.

Parabéns aos músicos, cantores, dançarinos, técnicos e diretores que através de uma luta insana conseguem fazer tanto com tão pouco.

Nilson Mendes
Presidente do Conselho Deliberativo da Fundação Balé Folclórico da Bahia



AO BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

"Nossa tarefa se desdobra em um continente maravilhoso e desafiante, mesmo que profundamente ferido. Maravilhoso em sua multiplicidade cultural, étnica e natural, no caudal criativo de suas populações, na inesgotável variedade de suas "artes populares" e no talento de sua gente, no sempre aberto redemoinho de suas identidades buscando o destino comum, a própria visão frente ao universo. (...) Em nossa experiência, criar e compartilhar a emoção das Artes é, em si, a abertura de um estado distinto na relação entre as pessoas, no qual a transformação própria e a do mundo se fundem em um jogo orientado pelo conhecimento humano e coletivo, em um salto para o futuro, ao impossível, intrinsecamente educativo". Excerto - AVINA - Arte e Transformação Social (Encontro em Abril - 2003).

O Balé Folclórico da Bahia é hoje reconhecido nacional e internacionalmente como uma das companhias mais significativas, representantes das expressões da cultura híbrida desenvolvida no Brasil, que veio determinar a formação da nossa identidade.

A junção involuntária dos vários povos indígenas autóctenes, portadores de um pensamento e sentimento de caráter animista, onde a natureza é o ambiente por excelência para ser e estar no mundo, que em convívio com os povos africanos aqui escravizados, produziu uma cultura mestiça oriunda das nações banto, malê e iorubá, provenientes do Golfo do Benin, Angola, Congo, Moçambique, Daomé e Nigéria. Essa cultura tribal indígena e africana, ambas subjugadas pela imposição "civilizatória" avassaladora dos colonizadores. Os jesuítas violentaram a alma dos nossos índios e negros ao satanizar suas crenças, desqualificando seus valores mais básicos e desmoralizando seus costumes, sob a ótica dos dogmas de uma igreja católica, então empenhada no processo de uma catequese impositiva.

Porém esses povos indígenas e africanos conseguiram desenvolver aqui uma significativa capacidade de resistência cultural, enfrentando estigmas impostos, em geral através de um sincretismo das culturas e religiões entre dominados e dominadores. Assim nossa identidade, desde o início, teve sua integridade comprometida devido às drásticas transformações, através dessas assimilações que não aconteceram pela troca e interação voluntárias, mas foram impostas pelo poder, estabelecendo uma discriminação étnica na perversa diáspora dos povos escravizados, conseqüência da sua exploração econômica social.

Os descendentes indígenas e, principalmente, africanos, através de uma estratégia de sobrevivência da sua dignidade, processando práticas corporais e musicais, têm reverenciado sua memória ancestral, via uma dinâmica renovadora onde se dá o equilíbrio entre o tradicional e sua sutil, porém constante, transformação e inevitável assimilação e interferência na cultura hegemônica ibérica. Manifestações tradicionais onde não se separa festas sagradas da diversão, rituais em forma de dança e cantos sob uma sofisticada e exuberante polirritimia percursiva.

Uma das funções da arte é despertar os múltiplos olhares imaginados sobre cada indivíduo, cada grupo, cada cultura, inventando possibilidades, revelando territórios de toda ordem, sem fronteiras estabelecidas, propostas de vida em contínuo movimento, caminhos se construindo e mudando de rumo, sem predeterminações nem preconceitos, sem certezas, mas com muita sensibilidade e intuição, enfim, idéias e sentimentos polimorfos em busca da produção de sentido.

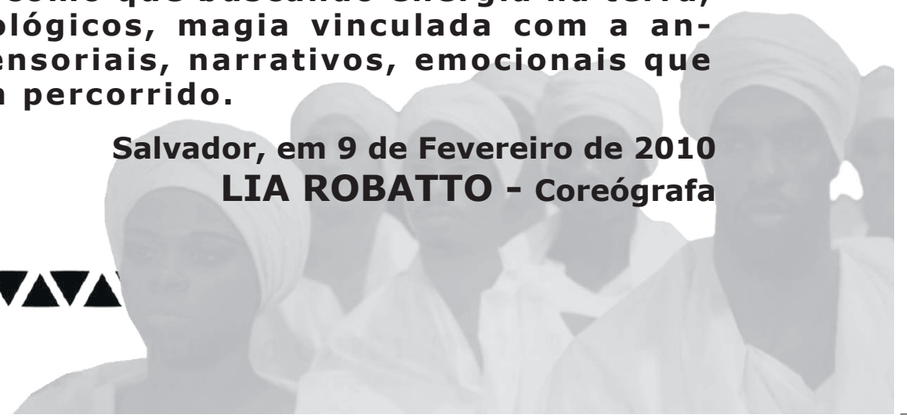
A dança também passa pela questão da identidade cultural. O poder econômico e tecnológico tende perigosamente a gerar uma hegemonia de sua cultura, pasteurizando as manifestações populares, envolvendo, portanto, uma ameaça em direção ao dirigismo cultural ideológico, preconceito e exclusão, etnocentrismo e padronização estética, entre outras práticas perniciosas do predomínio de uma cultura em detrimento da diversidade.

O que se procura hoje é um intercâmbio cultural com a noção da pluriculturalidade, em busca da troca de experiências, da absorção de novas idéias e formas expressivas, e da consciência crítica de cada cultura através da comparação com outras soluções e outras visões de mundo, assim como o aprendizado de novas técnicas de linguagens artísticas entre grupos e profissionais com estágios evolutivos diferenciados, enfim, de ampliação e enriquecimento do universo cultural. É preciso ter a noção de que somos constituídos por sistemas de signos diferenciados. O que se procura hoje é um intercâmbio cultural com a noção da diversidade.

Integrar a diversidade cultural é procurar entender o imaginário e os valores de cada manifestação cultural dentro do seu contexto particular, aprender outras possíveis soluções, estabelecer uma relação dialética entre a tradição e a inovação, a assimilação do "outro" com transformação e a manutenção de valores mais permanentes, criar novas relações estéticas, enriquecendo nosso patrimônio.

Esta companhia profissional vem trabalhando justamente contra uma tendência perversa de exclusão, evitando a adoção de clichês do folclore estereotipado, através da pesquisa, do resgate, da manutenção e principalmente da recriação cênica dessas manifestações que nos identifica, produzindo um forte sentimento de pertencimento através da sua exuberante dança, que propicia um regozijo estético, provocando em quem participa e em quem assiste um prazer e uma alegria contagiante através de seus espetáculos coreográficos, caracterizados por uma movimentação vigorosa e rítmica estimulante, onde a natureza dançante se manifesta através do ritmo vibrado no corpo todo dos seus excelentes bailarinos, em ondulações contínuas, pés bem plantados no chão, como se fossem "a terra mãe" de onde vem a energia vital, dança marcada pela sensual movimentação dos quadris, deslocamentos velozes em corridas ou saltos, movimentos descendentes, como que buscando energia na terra, a cabeça sempre altiva, com orgulho, gestuais simbólicos, relatos mitológicos, magia vinculada com a ancestralidade, tradição de brincantes populares, enfim, fatores físicos, sensoriais, narrativos, emocionais que seduzem a todas as platéias do mundo que o Balé Folclórico da Bahia tem percorrido.

Salvador, em 9 de Fevereiro de 2010
LIA ROBATTO - Coreógrafa



BOOK 20 ANOS BFB.indd 16 29/04/10 02:16

“DE UM SONHO PARA A REALIDADE E DELA PARA O MUNDO.”

Chegar aos vinte anos à frente do Balé Folclórico da Bahia é compreender que todos os percalços, barreiras e momentos de alegria não foram vividos em vão. É voltar no tempo, é saber da exata dimensão dos encontros com meus grandes mestres, Edvaldo Brito, Emília Biancardi, Carlos Morais e Lia Robatto. Eles me deram a certeza e o lastro para tudo isto que o Balé Folclórico da Bahia é hoje. Ainda, o encontro com Ninho Reis e, posteriormente com Zebrinha, firmou definitivamente essa história, que hoje entendo como uma missão que se cumpre conforme o desejo dos Encantados. Tantos encontros não poderiam resultar em outra coisa a não ser numa confluência de pensamentos e de pessoas com o mesmo destino traçado.

As conquistas alcançadas, apesar dos que estão de fora não terem idéia de quão difíceis elas foram, não somente levaram o Balé ao topo do mundo da dança nos quatro cantos do planeta, mas fizeram surgir em nós a necessidade de criar outros projetos, que continuaram fazendo parte de uma missão a ser cumprida, dessa vez sob a responsabilidade de muito mais gente. Projetos como o Balé Junior, que nesses muitos anos de existência já abrigou mais de 300 crianças e adolescentes, várias delas em situação de risco social, concedendo-as a chance de enxergarem um novo horizonte e muito nos orgulhando por isso, pois sabemos que dessas centenas de jovens nenhum sequer voltou a ter sua vida conduzida pela possibilidade de um final infeliz. Podem até não terem se tornado todos dançarinos, mas cidadãos para o mundo, com certeza, sim.

Ainda como parte das comemorações dos 20 anos resolvemos editar esse livro, que nada mais é do que um clipping dessa nossa trajetória, mas que dará uma idéia a todos aqueles que se dispuserem a lê-lo cuidadosamente do trabalho árduo, porém gratificante, que foi executado por tanta gente que passou por esta companhia de dança, de quanta gente se doou de corpo inteiro, para que hoje sejamos reconhecidos mundialmente não só pelo nosso profissionalismo ou pela beleza cênica e qualidade dos espetáculos apresentados, mas, principalmente, pela importância do trabalho social que realizamos e pelo resgate cultural das nossas mais importantes tradições populares.

Esta publicação é um instrumento de pesquisa que ajudará a contar um pouco da história da dança em nosso estado e, posso assim também dizer, no mundo. Muito obrigado a todos que em 20 anos possibilitaram que isso pudesse acontecer: bailarinos, músicos, cantores e cantoras, técnicos, administração, produção, enfim, uma grande equipe unida em prol do mesmo objetivo. Não posso deixar de fazer um agradecimento mais que especial aqui à toda imprensa nacional e internacional. Sem o registro feito por ela jamais poderíamos contar nossa história de forma tão viva, folcloricamente falando “matando a cobra e mostrando o pau”.



Walson Botelho
Fundador e Diretor Geral do Balé Folclórico da Bahia

HISTÓRIA

Criado em 1988, por Walson Botelho e Ninho Reis, com o objetivo de resgatar e divulgar as mais expressivas manifestações folclóricas em nosso estado, o Balé Folclórico da Bahia vem, desde então, desenvolvendo um trabalho que passou a ser referência, no Brasil e no exterior, no âmbito da pesquisa, da manutenção e da promoção das diversas tradições culturais de seu povo. Sempre procurando preservar no mais puro estado estas tradições, o BFB desenvolveu uma linguagem cênica que parte basicamente dos aspectos populares da cultura, atingindo a contemporaneidade do mundo atual, sem, contudo, perder suas raízes, não se distanciando, assim, da realidade nacional.

Reconhecido como a única companhia de dança folclórica profissional em atividade no país, o BFB ostenta um vasto e importante currículo, onde as turnês internacionais e os prêmios conquistados têm sido seus maiores méritos, tudo isso respaldado pelo prestígio adquirido através da resposta do público e da crítica especializada em todo o mundo.

O fato de a Bahia ser a região do Brasil onde ainda podemos encontrar facilmente diversas manifestações populares no dia a dia do seu povo fez com que o BFB escolhesse tais manifestações como tópico de suas pesquisas, demonstrando-as através da dança, música e outros aspectos que compõem os espetáculos, tornando-se, assim, a fonte asseguradora da autenticidade das coreografias apresentadas e do natural aprimoramento técnico-interpretativo de seus profissionais.

Funcionando em regime de oito horas de trabalho por dia, os componentes, entre bailarinos, músicos e cantores, recebem as mais variadas informações de diferentes técnicas relativas às suas áreas, sob a coordenação artística de José Carlos Arandiba (Zebrinha), tornando-se alvo de inúmeros elogios por parte de profissionais e críticos da área de dança, valendo-lhe, inclusive, um prêmio pelo desempenho de seu elenco – o "Prêmio Mambembão" – oferecido pelo Ministério da Cultura como a melhor preparação técnica de elenco no país.

Baseada em Salvador, a companhia fez sua estréia no Festival de Dança de Joinville, mesmo antes do seu lançamento oficial, quando milhares de pessoas ovacionaram entusiasticamente o espetáculo "Bahia de Todas as Cores". O sucesso imediato propagou-se e trouxe inúmeros convites para apresentações em diversos outros festivais por todo o país. Com apenas seis meses de criada, a companhia foi convidada pelo Ministério da Cultura para apresentar-se nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, como reconhecimento pelo importante trabalho de divulgação das manifestações tradicionais populares baianas.

Nos anos seguintes o BFB continuou exibindo-se em festivais e eventos realizados em Salvador e outras cidades brasileiras até que em 1992 veio o primeiro convite para uma apresentação internacional. Foi durante o famoso Festival da Alexander Platz, em Berlim, que a companhia fez sua estréia mundial, quando foi assistida por mais de 50 mil pessoas e tendo sido aplaudida de pé por quase 15 minutos. Porém, o reconhecimento internacional só veio a se concretizar em 1994, quando participou da Bienal de Dança de Lyon, na França, considerado o mais importante evento da área em todo o mundo. Por sua atuação majestosa, a maior autoridade em crítica de dança

BOOK 20 ANOS BFB.indd 18 29/04/10 02:16

em todos os tempos, a jornalista Anna Kisselgoff, do The New York Times, considerou o Balé Folclórico da Bahia como a companhia que melhor expressava a idéia da verdadeira dança negra em sua diáspora no mundo inteiro e conclui seu artigo de página inteira no jornal com a seguinte frase: "... este exuberante e único grupo deve, absolutamente, ser visto nos Estados Unidos...".

A partir daí todos os caminhos foram abertos ao BFB e em 20 anos de existência já se apresentou nos maiores e mais importantes teatros em todos os continentes, a exemplo do City Center, em Nova York - EUA; do Sydney Opera House, em Sydney - Austrália; da Maison de La Danse, em Lyon - França; do Shubert Theater, em Boston - EUA, do Massey Hall, em Toronto - Canadá; do Parkteatern, em Estocolmo - Suécia, entre vários outros, perfazendo um total de mais de 400 espetáculos no exterior, em 35 turnês internacionais por 19 países, para um público estimado em mais de 4 milhões de pessoas, incluindo as turnês nacionais e os espetáculos realizados na Bahia.

Em 1995 o Governo da Bahia criou o projeto Pelourinho Dia & Noite e convidou o BFB para realizar espetáculos diários no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, com o objetivo de atrair o turismo para o recém-reformado Centro Histórico de Salvador. O sucesso da temporada foi imediato e o projeto ainda segue com apresentações do Balé Folclórico da Bahia, que já contabiliza 4800 espetáculos e mais de 385 mil espectadores. Desde 2004, em reconhecimento ao valioso trabalho de preservação e divulgação da cultura popular da Bahia em todo o mundo, o governo baiano entregou o Teatro Miguel Santana ao BFB, que passou a funcionar, também, como sede própria da companhia, e hoje, além dos espetáculos que continuam sendo apresentados diariamente, durante todo o ano, o Balé Folclórico desenvolve inúmeros projetos sócio-culturais, dentre eles o Balé Folclórico Junior, que abriga centenas de crianças e adolescentes de todas as comunidades carentes de Salvador, no intuito de contribuir com o processo de inclusão social desses jovens em nossa sociedade e cujo resultado tem sido o mais espetacular possível.



CRÍTICAS

"Exuberantes, infatigáveis e virtuosos, os dançarinos, cantoras e músicos desta extraordinária companhia explodiram com os ritmos afro brasileiros, que são suas principais heranças. Como mostra de bravura, o maculelê – com seus bastões e lâminas faiscando e a capoeira – com seus saltos e golpes voadores, foram eletrizantes. E ninguém pôde estar imune ao contagiante ritmo do samba reggae..." – Anna Kisselgoff, The New York Times – USA

"Energias explodem desinibidamente nas danças folclóricas de origem africana desta maravilhosa companhia brasileira, o Balé Folclórico da Bahia. Das vinte companhias dos quatro continentes que se apresentaram na Bienal de Lyon, na França, nenhuma melhor incorporou a idéia da dança negra na África e em sua diáspora do que este vibrante grupo do Brasil. Com suas coreografias do carnaval e dança dos escravos e, acima de tudo, na alegria do samba, este exuberante e único grupo brasileiro deve, absolutamente, ser visto nos Estados Unidos..." – Anna Kisselgoff, The New York Times - USA

"Se alguém ainda pensa que os tons bronzeados da 'Garota de Ipanema' representam tudo do Brasil, deveria mudar de idéia e de conceito após a estréia do Balé Folclórico da Bahia em Nova York, no City Center..." – Anna Kisselgoff, The New York Times - USA

"O prazer dos dançarinos, músicos e cantoras em fazer o que eles fazem sobre o palco é tão obviamente parte da vida deles que contagia todo o teatro. Melhores condições de trabalho têm permitido a companhia se aprofundar mais nas pesquisas. Os resultados são impressionantes e sedutores. Os intervalos musicais incluem um virtuoso solo de berimbau apresentado por Daniel Sousa e uma mistura de pop e tradicional é incorporada por Dora Santana, que continua mais maravilhosa do que nunca. As mulheres na companhia nunca são menos energéticas do que os homens. Elas não são 'Garotas de Ipanema' e essa diferença é grande e clara..." - Anna Kisselgoff, The New York Times – USA

"Uma nova turnê internacional trouxe a companhia esta noite com um novo programa e com uma produção muito mais espetacular, que terminou com o público seguindo os bailarinos e músicos porta a fora do New Jersey Performing Arts Center. Ver o público dançando na praça externa do teatro não é nenhuma surpresa para quem já assistiu algum espetáculo do Balé Folclórico da Bahia..." - Anna Kisselgoff, The New York Times – USA

"Bravura brasileira! No Brasil todos dançam, mas ninguém dança, samba ou joga capoeira da mesma forma que os dançarinos do Balé Folclórico da Bahia..." - The Washington Post – USA

"Um poderoso Balé Folclórico aporta na cidade. Você poderia chamá-lo de 'a explosão brasileira' ou do 'Riverdance baiano'. Como os milhares de fãs dessa companhia podiam esperar o espetáculo não terminou até que todo o público estivesse aos seus pés, dançando pelos corredores. Com o Balé Folclórico da Bahia todos os comentários são em superlativos: o tempo operativo é frenético, a dinâmica numerosamente alta, os movimentos furiosos, as cores alucinantes. Nada é sutil. Ninguém teve pressa em voltar para casa..." - The Boston Globe – USA

"O Balé Folclórico da Bahia realmente precisa de um daqueles avisos de 'apertem os cintos' antes do início dos seus espetáculos. O show apresentado ontem à noite no Shubert Theater foi um dos mais espetaculares já vistos em Boston. As novas coreografias da companhia mostraram figurinos exuberantes de tirar o fôlego. Alguém que já tenha vivenciado, recentemente, algum espetáculo brasileiro poderá surpreender-se com a paixão polirrítmica que conduz os componentes da companhia que honram sua Bahia nativa com sensualidade e atletismo..." - Boston Herald – USA

"Apesar do frio do outono, o Balé Folclórico da Bahia aqueceu a noite do Anderson Theater apresentando um espetáculo de 90 minutos, sem intervalo, para uma casa de lotação esgotada. A companhia soube captar os sentimentos, o visual e a sonoridade de uma rica e vibrante cultura brasileira. O palco inteiro era pura vida com os músicos, cantoras e energéticos dançarinos dessa extraordinária companhia baiana..." - Sun Bulletin – USA

"Fogos de artifício e proezas do Brasil. Desliguem a eletricidade, os dançarinos do Balé Folclórico da Bahia se encarregam de fornecer a energia para o show. O queixo caía a cada vez que os dançarinos saltavam no palco. Dificilmente você encontrará um outro grupo de dançarinos que possa executar tais proezas da mesma forma e tão perfeitamente..." - The Orange County Register – USA

"Numa espetacular mostra de cores, movimentos e interpretação, o Balé Folclórico da Bahia provou que o mais famoso estado do nordeste do país não produz somente grandes cantores. É fácil ver porque a companhia é a melhor do Brasil. Não apenas o grupo mostra com muito orgulho as danças de forma energética e precisa, mas a paixão com que eles se apresentam mostra um importante aspecto da forma de arte integral encontrada em todos os gêneros africanos. É um show por si só..." - Chicago Sun-Times – USA

"Duas horas, foi o tempo que o Balé Folclórico da Bahia teve para trazer toda a platéia aos seus pés. Quão delicioso isso foi! Certamente o programa foi mais do que uma orgia de energias. As coreografias apresentadas tinham muitas propostas sociais..." – Burlington Free Press – USA

BOOK 20 ANOS BFB.indd 21 29/04/10 02:16

"Ao final do espetáculo do Balé Folclórico da Bahia, senhoras de cabelos grisalhos estavam dançando tomadas por uma tempestade de alta-tensão transposta do palco para a platéia. Como um dos patrocinadores comentou: 'foi para isso que o Festival de Spoleto foi criado'..." – The Post and Courier – USA

"Algo se passou no Brasil que nada mais foi do que o feliz encontro dos impulsos melódicos da sensibilidade latina com a energia propulsiva da música africana. Estes dançarinos movem o bater do coração de uma nação. O pulsar exuberante do samba fez com que todo o público se mantivesse de pé e dançasse nos corredores..." – San Francisco Chronicle – USA

"Um show eletrizante. A imaginação dos coreógrafos e o uso maravilhoso dos espaços eram visivelmente evidentes. A dança do tempo dos escravos, o maculelê, com suas batidas dos bastões e os golpes rodopiantes dos duelos da capoeira dão uma mostra do trabalho técnico rigoroso utilizado na companhia. O Brasil é internacionalmente reconhecido por sua grande variedade de ritmos e os cinco percussionistas do Balé Folclórico da Bahia dão impressão de terem sido mestres de todos no passado. O grupo inteiro dançou com uma energia que trouxe o público aos seus pés..." – The Boston Globe – USA

"Balé Folclórico da Bahia, um grupo hiper-carregado de jovens músicos e dançarinos flexíveis, fluidos, musculosos e sensuais. Energéticos, exuberantes e tecnicamente virtuosos, este grupo veio ricocheteando no pulsar das batidas dos ritmos afro brasileiros. Os tambores eram trovões. A melancolia estava estática. O lugar vibrou. Quando eu deixei o teatro o teto ainda estava no lugar, mas era a única coisa que estava lá..." – Minneapolis Star – USA

"Uma tempestade tropical de energia e exuberância soprou sobre Lincoln durante a apresentação do Balé Folclórico da Bahia. Cores brilhantes, movimentos sem parada e ritmos contagiantes fazem dessa companhia uma recordação de momentos em que dançar fazia parte integral de uma sociedade. Que bela recepção para a primavera em Nebraska..." – Lincoln Journal Star - USA

"O Balé Folclórico da Bahia é como uma bomba empacotada com alegria, cores, música e dança..." – The Advertiser – Austrália

"O Balé Folclórico da Bahia é a primeira companhia brasileira a mostrar a riqueza da verdadeira cultura dos negros 'importados' em massa como escravos para o Brasil..." – SudOuest – França

"Assistir uma apresentação do Balé Folclórico da Bahia é como estar próximo a um vulcão em erupção. Talvez você não queira assisti-la todas as noites, mas somente um tolo poderia perder a oportunidade de passar por essa experiência. A energia intensa, a habilidade dos dançarinos, a exuberância teatral da iluminação, do palco, dos trajes e o explosivo impacto da companhia, todos esses elementos em conjunto formam um todo impressionante que deve ser visto e, uma vez visto, jamais poderá ser esquecido..." – The Australian - Austrália

"Mais uma vez a cultura brasileira firma presença e encanta os frequentadores do Harbourtfront. E, neste início de verão, foi a hora e a vez do Balé Folclórico da Bahia, numa apresentação de encher os olhos pela sua beleza, ritmo e cor. Com uma programação tão intensa e brasileira não houve quem conseguisse ficar quieto nas cadeiras. No dia da estréia, as crianças simplesmente invadiram o palco para pular e dançar com os artistas..." – The Toronto Star – Canadá

"Viva a Bahia! O Auditorium Maurice Ravel foi transfigurado por um balé de flama e furor..." - Le Progrès – França

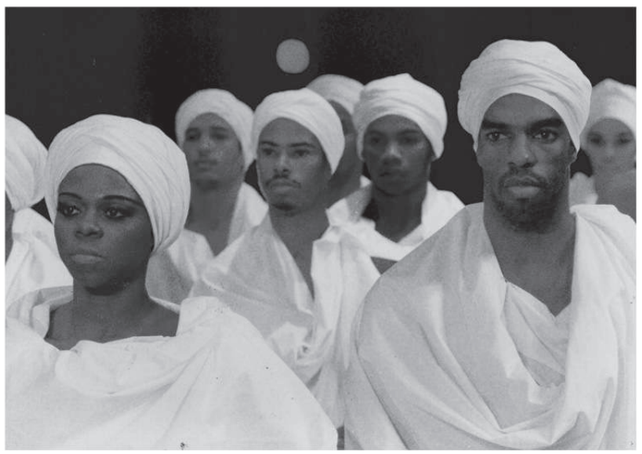


BOOK 20 ANOS BFB.indd 24 29/04/10 02:16

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A CORTE DE OXALÁ
AFIXIRÊ
ARRAIÁ
BERIMBAU
BOI-BUMBÁ
CAPOEIRA
DANÇA DE ORIGEM
FÊMEAS
GINGA
MACULELÊ
MARACATU
PUXADA DE REDE
SAGRAÇÃO
SAMBA DE RODA
SAMBA REGGAE
XAXADO





A CORTE DE OXALÁ

Coreografia: Walson Botelho e Zebrinha
Música: Cânticos Sagrados do Candomblé

Como forma maior de resistência às barbáries a que foram submetidos ao serem trazidos para o Brasil na condição de escravos, os africanos mantiveram, quase que intacta, a sua manifestação religiosa e através dela foram aos poucos dando uma nova forma e conceito aos valores existentes na época. Através desta coreografia alguns dos mais importantes rituais são mostrados, num trabalho de pesquisa que procura preservar e divulgar o Candomblé, como uma das mais antigas, sagradas e belas religiões da história da humanidade.

- EXÚ: Orixá de temperamento irascível, astuto e por vezes indecente. Mensageiro entre os seres terrenos e as Divindades africanas.
- INICIAÇÃO DE YAÔ: Apresentação pública do novo adepto à comunidade religiosa.
- XIRÊ: Sequência de danças realizadas para todos os Orixás.
- A CORTE DE OXALÁ: OGUN, OXUM, OMOLÚ, IANSÃ, OXOSSI.

AFIXIRÊ

Coreografia: Rosângela Silvestre
Música: Antônio Portella e Jorge Paim

AFIXIRÊ, em Yorubá, significa "festa da felicidade". Uma coreografia inspirada na grande influência que os povos africanos tiveram na formação da cultura brasileira, em especial, na Bahia. Uma verdadeira festa de cores, movimentos e sons. Uma ode à FELICIDADE DE SER NEGRO.



ARRAIÁ
Coreografia: Walson Botelho e a companhia
Música: Folclore Junino Baiano

Coreografia inspirada nas quadrilhas encenadas nas festas de São João, na Bahia e em todo o nordeste brasileiro, resgatando antigos costumes típicos da época junina, a exemplo das rezas de Santo Antônio, do forró, do casamento na roça, dos trajes caipiras, entre várias outros.



BERIMBAU
Coreografia: Zebrinha
Música: Folclore Baiano

Conta a lenda que do amor entre dois jovens de tribos rivais, por se amarem e desobedecerem as leis impostas por seus superiores de nunca se relacionarem, foram separados e transformados por uma feiticeira em pássaros chamados IÚNA. O canto melancólico deste pássaro reflete a agonia dos protagonistas nesta estória de amor na tentativa inútil de se reencontrarem.
E foi o canto da IÙNA que inspirou o mais belo e sagrado dos toques do berimbau.





BOI-BUMBÁ

Coreografia: Amélia Conrado
Música: Folclore Nordestino e Amazonense

Manifestações folclóricas que têm a figura do boi como personagem central em seus enredos existem centenas por todo o mundo, desde os tempos mais remotos. Essa manifestação chegou ao Brasil trazida pelos portugueses, que de imediato incorporaram elementos das culturas indígena e africana dando uma outra versão àquela que fora trazida da Europa.

No início do século passado, o povo nordestino, tangido pela seca e pela miséria, migrou para o Amazonas, iludido pela riqueza do ciclo da borracha, levando consigo sua cultura, seus costumes e seus folguedos. E foi assim que o Bumba-Meu-Boi nordestino chegou à floresta amazônica e miscigenou-se com a cultura indígena: de um lado, a força e a alegria dos nordestinos e do outro, as criaturas mágicas que habitam a floresta sagrada, tudo misturado num redemoinho doido em que não se distingue mais onde começa a lenda e onde termina a realidade.

A história, independente da localidade, tem o mesmo enredo, é simples e sua origem se perdeu no tempo: Catirina, mulher do vaqueiro Pai Francisco, grávida, tem o desejo de comer a língua do boi mais formoso do patrão. Pai Francisco para satisfazer o desejo de sua mulher mata o boi, sendo, imediatamente, descoberto e colocado na prisão. Para resolver toda esta situação e ressuscitar o boi são invocados os poderes de doutores, padres, feiticeiras e de pajés.

CAPOEIRA

Coreografia e mise-en-scéne: Walson Botelho, Zebrinha e a companhia
Música: Folclore Baiano

Luta de origem africana trazida para o Brasil pelos escravos vindos de Angola durante o período colonial e que com o passar do tempo foi incorporando movimentos oriundos de outras lutas marciais, havendo hoje duas vertentes: a Capoeira Angola, cujos golpes são mais rasteiros e maliciosos e a Capoeira Regional, com golpes mais rápidos, altos e muitas vezes entremeados com acrobacias corporais.





DANÇA DE ORIGEM
Coreografia: Augusto Omolú e Zebrinha
Música: Antônio Portella

De uma explosão, uma faísca, um átomo, uma célula, a natureza. Aliando este princípio à concepção da criação do universo através da visão mística Yorubá esta coreografia reflete a confluência de crenças e ciência na tentativa de explicar a origem do seu maior feito: o HOMEM.

FÊMEAS
Coreografia: Rosângela Silvestre
Música: José Ricardo Sousa

Coreografia inspirada na energia e força das mulheres negras, desde a África, onde viviam em harmonia e liberdade, até serem transportadas na condição de escravas para o Brasil.





GINGA
Coreografia: Rosângela Silvestre
Música: José Ricardo Sousa

Coreografia que se utiliza da inspiração dos movimentos da dança afro brasileira numa releitura contemporânea de todos os aspectos da cultura popular baiana. A forte influência dos escravos africanos, dos portugueses e dos nativos indígenas criou uma cultura rica, na qual o sorriso, o dengo, o swing, a cara, a voz, a pele e a cor do povo da Bahia são únicos no mundo.

MACULELÊ
Coreografia: Walson Botelho
Música: Folclore Baiano

Dança dramática que teve sua origem nas plantações de cana-de-açúcar, na cidade de Santo Amaro, na Bahia, durante o período colonial. O maculelê era dançado pelos escravos africanos em comemoração à festa da Santa Padroeira local, que coincidia com a época da colheita da cana. Por ter movimentos considerados violentos e por vezes fatais, foi utilizado, em diversas ocasiões, como um meio de defesa contra os senhores feudais.





MARACATU

Coreografia: Amélia Conrado
Música: Folclore Nordestino e José Ricardo Sousa

O Maracatu, cortejo que representa as festividades da coroação dos reis africanos em terras brasileiras, reflete com pomposidade e ironia a forte influência européia da corte portuguesa do século XVII nas cerimônias e rituais africanos da época. Entre os diversos personagens que aparecem no Maracatu, os mais destacados são: o Rei, a Rainha, a Dama do Paço, sempre portando sua Boneca Calunga, as Baianas e os Embaixadores - ou Caboclos de Lança - defensores da realeza e da nobreza, além de inúmeros outros personagens que compunham o cenário religioso e lúdico da sociedade colonial.

PUXADA DE REDE

Coreografia: Walson Botelho
Música: Folclore Baiano

Manifestação popular ainda encontrada nas praias da Bahia, na qual os pescadores, acompanhados de suas mulheres, saem durante a madrugada para a pescaria e durante todo tempo realizam rituais para IEMANJÁ, Deusa do Mar, através de cantos e danças, rogando-lhe paz, proteção e fartura.





SAGRAÇÃO
Coreografia: Zebrinha
Música: "Sagração da Primavera", de Igor Stravinsky

Como no livreto original, que trata de um ritual de sacrifício de uma jovem que tem sua alma entregue aos deuses, sendo obrigada a dançar até a morte, como forma de saudar a Primavera (símbolo do "renascer"), os artistas do Balé Folclórico da Bahia entregam suas almas aos sacrifícios diários da vida. A nossa "Sagração" é uma saudação àqueles que passam suas vidas dentro de salas de aulas, diariamente, por horas a fio, e que carregam as marcas no corpo das contusões, das lesões e que se contorcem de lágrimas de dor ao chegar em casa, sem força nem para fechar os olhos e dormir. Mas este ritual diário pelo qual um bailarino passa é que o faz acordar pronto para novos sofrimentos, pois ele sabe que sua Primavera é uma missão da qual ele não pode fugir. Está no sangue. E os deuses não abrirão mão desse sacrifício.

SAMBA DE RODA
Coreografia e mise-en-scéne: Walson Botelho, Zebrinha e a companhia
Música: Folclore Baiano

Forma mais popular e autêntica do samba brasileiro. Tido como a primeira forma do samba brasileiro, o samba de roda era dançado pelos escravos nas senzalas durante suas poucas horas de descanso. Diz-se que a partir dele vieram todos os demais estilos de samba existentes na atualidade.





SAMBA REGGAE

Coreografia: Walson Botelho, Zebrinha e a companhia

Manifestação musical surgida na Bahia como resultado da mistura de ritmos afro brasileiros, como o ijexá, o afoxé e o samba duro com diversos outros ritmos caribenhos. Esta nova linguagem musical inspirou a criação de danças populares, surgidas durante o período de carnaval na Bahia, e rapidamente difundidas em todo o país.

XAXADO

Coreografia: Amélia Conrado
Música: Folclore Nordestino

Durante a conquista das terras do interior da região Nordeste do Brasil, no início e meado do século XX, existiram grandes confrontos entre os velhos Coronéis, proprietários de grandes latifúndios e os posseiros, que buscavam um pedaço de terra para cultivar e morar. Entre os personagens de mais destaque desta época, encontram-se, sem sombra de dúvida, Lampião e Maria Bonita, que representavam a força da justiça em favor dos pobres contra a tirania dos senhores opressores da caatinga. Apesar do eterno clima de guerra que viviam os Cangaceiros, havia, também, momentos de muita alegria, principalmente após grandes conquistas e batalhas vitoriosas. Nestas festas a comida era abundante e dançava-se até o dia amanhecer. Tinha de tudo: baião, xote, forró e o principal de todos eles: o Xaxado, cuja origem provem do som que as alpercatas faziam ao serem arrastadas no chão árido do sertão – XÁ, XÁ, XÁ, XÁ..... e lá iam eles xaxando a noite inteira!



BOOK 20 ANOS BFB.indd 34 29/04/10 02:16

Balé Folclórico da Bahia
Bailarinos / Músicos / Cantores / Técnicos - 1988 a 2008

BAILARINOS

Adalberto Dias
Adeilton Ribeiro
Adelmo Oliveira
Adriana Oliveira
Ágata de Jesus
Agatha Simas
Agnaldo Fonseca
Ailton Sacramento
Alan Augusto Dias
Alan Souza
Alberto Adam
Aldinei Silva
Alessandra Santos
Alex Correia
Alisson Klismann
Ana Lúcia Santos
Ana Paula Nascimento
Anaíza Mesquita
Anderson Pina
Anderson Pinheiro
André Borges
Ângela Pita
Antônia Ribeiro
Antônio Santana
Arilson Freitas
Arinaldo Tomé
Arismar Junior
Arivelton Cardoso (Patuá)
Ary Junior
Augusta Braga
Beatriz Santana
Caliane Pereira
Caline Matos
Carlos Alberto Teixeira
Carlos dos Anjos
Carlos Lima (Carlotinha)
Carlos Pacífico
Caroline Dias
Célia Brito
Charles Brito
Charles Gomes
Cláudio Santos
Cleidimilson Carvalho
Clodonaldo Marinho (Codô)
Cosme Ferreira
Cristiane de Jesus
Cristiane Nascimento
Cristiano Oliveira
Cristiano Santos (Bananal)
Cristiano Souza
Cristina Oliveira
Daiana Ribeiro
Dailton Carvalho (Faísca)
Dalila Leal
Daniele Nobre
Darlan de Jesus
Darlan Nery
Darlan Oliveira
David Caldas
David Santana
Denialbert Santos
Denise Rocha
Dérica Gonzaga
Diego Oliveira
Djalma Fernandes (Pelé)
Djamile Mucarzel
Domingos Moreira (Domingão)
Durval Junior
Ederson Domingos
Edicarlos Vieira (Dico)
Edilene Alves
Edileuza dos Santos (Cainana)
Edílson Brito (Saci)
Ediraíldes Ataíde
Edmar Cardoso
Ednei Boa Morte
Ednei Soares
Edson Reis
Eduardo Oliveira (Pica-pau)
Edvan Barros
Edvan Lima (Ananias)
Eliana Conceição
Eliciane Barreto
Emanueli Nascimento
Emerson Almeida (Bilú)
Emerson Silva
Érica Ferreira
Erick Rabelo
Erivan Souza
Erivelton Cardoso
Eró Muniz
Estevam Santos
Euclides Oliveira (Kidinho)
Evandro Nascimento
Everaldo Alves
Fábio Conceição
Fábio Luis Santos
Fábio Santana
Felipe Santos
Fernanda Santana
Fernando Pereira (Totó)
Flávia Sant´Anna
Gabriela Ramos
George Cunha
George Lima (Oberom)
Gerônimo Cruz
Gesse dos Santos
Gil Carlos
Gilberdan Veríssimo
Gilberto Neto
Gilmar Sena
Gilson Brito
Gilson Correia
Gilson Lago
Gilson Santos
Guilherme Duarte
Gustavo Caldas
Hermano Martem (Baraúna)
Honorato Carvalho (Xedi)
Humberto Lima
Iberson Dorea (Bimbo)
Igor Silva
Ísis Barbosa
Ísis Oliveira
Israel Oliveira
Itana Meireles
Ivon Rosas
Jackson Conceição
Jadson Nascimento
Jailson Souza
Jailton de Almeida
Jailton Guimarães
Jair de Oliveira
Jander Santos
Janice Muniz
Janete Santana
Jean Salomão
Jéferson Cavalcanti
Jéferson Conceição
João Bispo (Caboclinho)
João Lima
Joaquim Santana

Joely Pereira
Joice Barbosa
Joice Nogueira
Joilson Gomes
Joilson Lima
Jones Santana
Jorge Cipriano
Jorge Fraga
José Carlos Guimarães
José Nepomuceno
José Valdo Teixeira
José Valter Araújo (Xixaro)
Josedilma Guimarães (Pingo)
Josenildo Braga
Josué Santana
Juçara Conceição
Julieta Rodrigues
Julivaldo Santiago
Keno Santos
Lázaro Cardoso
Lázaro Tupinambá
Leandro Almeida
Leandro Santos
Letícia Cardoso
Lívia Anunciação
Loraine Martins
Lourival Souza
Luana Almeida
Luana França
Luanda Mori
Lucas Pinheiro
Luciana Castro
Luciano Santana
Luciano Souza
Luciano Xavier
Lucidalva Oliveira
Luciene Mariano
Luciene Souza (Sila)
Lucimar Cerqueira
Luís Fernando Souza (Formigão)
Luís Sacramento
Luiz Alberto de Santana (Vagalume)
Luziane Costa
Maiara Oliveira
Marcelo Bomfim
Márcio Luz
Márcio Nery
Marcos Nepomuceno
Margarete Sampaio
Maria Auxiliadora Santos
Maria Conceição Santos (Nêga)
Marinaldo Silva (Nadinho)
Marinilda Almeida
Maristela Meneses
Marivaldo Pereira
Maurício Barbosa
Maurício Oliveira
Meire Santos
Micleison Beigi
Milena Nascimento
Moesés Santos (Dum)
Nara Couto
Nara Pessoa
Neidson Akim
Neilson Lopes
Nil Paixão
Nildinha Fonseca
Nilmara Rocha
Ninho Reis
Normando Alves
Orlando de Jesus (Rasta)
Patrícia dos Anjos
Paulo Alberto dos Santos
Paulo Almeida
Paulo José Santos
Paulo Silva
Priscila Azevedo
Priscila Borges
Priscila Ribeiro
Rafael Amorim
Rafael Leal
Rayson Santana
Reinaldo Amorim
Reinaldo Pepe
Reinaldo Santos (Palminha)
Renê Oliveira
Ricardo Novais
Ricardo Vieira
Rita Nobre
Roberto Montenegro
Roberto Santos
Roberval Bomfim
Rodson Santos
Romualdo Silva
Ronaldo Muniz
Roque Gomes
Rosana Melo
Rose Soares
Rosenice de Jesus
Rosenildo Moreira (Sapo)
Rosilene Fiúza
Rui Basílio
Sandra Maria Santos
Sérgio Amorim
Sidinei Leite
Sidnei Conceição
Simone Lisete
Sivaldo Tavares
Slim Melo
Sueli Paixão
Suely Araújo
Susane Barreto
Tainá Portela
Tainara Cerqueira
Telmo Conceição
Tiago Ferreira
Tiago Lima
Tiago Santos
Ticiane Veloso
Tito Barys
Uandenilton Neves (Nito)
Ubirajara Conceição
Ulisses Sacramento
Vagner Conceição
Válber Alcântara
Valdete Santos
Valéria Pitta
Valfred Pereira
Valfredo Souza
Valmir Borges
Valter Azevedo
Valter Santana
Vanderson Souza
Vanessa Carvalho
Vanessa Oliveira
Vanice Muniz
Veli Assis
Vera Passos
Wagner Silva
Waldir Alves (Axé)
Wanderson Ferreira
Washington Santos (Pepê)
Washington Souza
Wellington Nascimento
William Bispo
Wilton Junior (Paquito)
Xênia Soares

MÚSICOS

Adenilton Silva (Deni)
Alcides Morais
Aldo Bordignon
Alzenir Santana (Baby)
André Junior
André Souza
Antônio Carlos Araújo (Tolete)
Antonio Geraldo Martins
Antonio Roque Ribeiro
Carlos Augusto Paixão
Carlos Gazinéu
Daniel Sousa
Daniel Vieira
Dênis Celestino
Edson Nei
Edson Santos
Elpídio Bastos
Evaldo de Souza Ferreira (Val)
Evilásio da Paz (Gamo)
Fábio Alessandro Santos
Felipe Silva
Heronildo Rodrigues (Curimã)
Joel Souza
Jorge Paim
José Alberto Azevedo (Beto)
José Eduardo Maia
José Eduardo Santana
José Luis Nascimento
José Ricardo Sousa
Joselito Bezerra (Zelito)
Jucelino Ferreira (Nino)
Lázaro Gonçalves
Márcio Souza
Marcos Brito
Marcos Ferreira
Marinaldo Santos
Mário Sérgio Plácido
Nei Sacramento
Paco Gomes
Paulo César Pereira
Renato Cavalcanti (Totó)
Ricardo Sibalde (Cabo)
Robson Cardoso
Roberval Bomfim
Sandoval Nascimento (Abaeté)
Wellington Pereira

CANTORES

Antônio Portella (Gordo)
Ângela Mendonça
Carla Fabianny
Celeste Costa
Célia Lobo
Dora Santana
Julieta Rodrigues
Lidia Harris
Miralva Couto
Ruth Dantas
Silvino Netto
Suzana Matta
Terezinha Barbosa

PROFESSORES

Augusto Omolú
Durval Santos
Gilmar Sampaio
Lúcia Helena Ribeiro (Nena)
Marcos Cesar Santos (Zambi)
Nelma Seixas
Nildinha Fonseca
Rosângela Silvestre
Zebrinha

TÉCNICOS

Adeilson Carvalho (Deca)
Antônio José Oliveira
Arielton Pereira (Tatau)
Bernadete Oliveira
Caíque Vidal
Carlos Fonseca
Cláudio Serra
Dernei Coutinho
Eduardo Maia
Fernando Bergen
Geraldo Nascimento (Laleska)
Gian Allatta
Gustavo Cobas
Jairo Fonseca
João Tiago Melo
Keiye Onierere
Luis Gustavo Giron
Marcos Arenari (Marqueza)
Marcos Souza
Murilo Farias
Patrícia Souza
Rita de Cássia Barbosa
Robson Nunes
Sílvia Santos
Terezinha Barbosa
Tiê Valente

ADMINISTRAÇÃO

Bianca Araújo
Fábio Anunciação
Luís Carlos Tupinambá
Norma Freitas
Sílvaro Botelho
Vidalvo Araújo

BOOK 20 ANOS BFB.indd 37 29/04/10 02:16

ESPETÁCULOS - BAHIA

1987			
28/09	28º Congresso de Lojistas do Brasil	Hotel Meridien	Salvador/BA
04/10	Congresso Internacional de Hematologia	Centro de Convenções	Salvador/BA
12/12	Fórum Permanente de Secretários de Estado de Transporte	Hotel Meridien	Salvador/BA
1988			
05/05	Programa de Apoio a Organizadores de Congressos	Centro de Convenções	Salvador/BA
09/06	Seminário MERK - SHARP	Hotel Quatro Rodas	Salvador/BA
07/08	LANÇAMENTO OFICIAL DO BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA	Hotel Meridien	Salvador/BA
14/08	Festival Nacional de Teatro da Caixa Econômica Federal	Teatro Vila Velha	Salvador/BA
01/09	Congresso Nacional UNIMED	Hotel Meridien	Salvador/BA
10/09	Exibição Especial para o Ballet Berioszka (Rússia)	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
14/09	Mês Internacional da Dança	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
15/09	3º Congresso Brasileiro de Manutenção	Centro de Convenções	Salvador/BA
04/11	Dia Nacional da Cultura	Teatro Espaço Xis	Salvador/BA
21/11	1º Encontro de Escritores de Países de Língua Portuguesa	Centro de Convenções	Salvador/BA
10/12	Formatura de Turismo da Universidade Estadual da Bahia	Centro de Convenções	Salvador/BA
12/12	Encontro Nacional de Guias e Agentes de Turismo	Restaurante Casquinha de Sirí	Salvador/BA
1989			
06 a 08/01	Abertura da Temporada de Verão do Teatro Castro Alves	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
21/02	Troféu Imprensa "Melhores de 1988"	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
01/03	Congresso Internacional de Cardiologia	Hotel Meridien	Salvador/BA
07 a 09/03	Semana da Cultura	Praça Pública	Candeias/BA
16/03	Exibição para Grupos Turísticos	Hotel Meridien	Salvador/BA
07/04	Reinauguração do Museu Wanderley de Pinho	Museu Wanderley de Pinho	Candeias/BA
07/04 a 01/05	Exibição para Grupos Turísticos	Hotel Meridien	Salvador/BA
25/05	Oficina Internacional de Dança	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
24/07	Encontro Nacional de Estudantes de Administração	Centro de Convenções	Salvador/BA
07/08	Espetáculo Comemorativo de 1 Ano do Balé Folclórico da Bahia	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
11/08	Encontro do Clube de Diretores Lojistas de Salvador	Hotel Meridien	Salvador/BA
25/08	Semana da Cultura de Feira de Santana	Teatro Amélia Amorim	Feira de Santana/BA
26/08	Abertura do Concurso "Miss Bahia 89"	Teatro Nazaré	Salvador/BA
26/08	Semana do Folclore	Shopping Barra	Salvador/BA
26/09	Abertura do Campeonato Nacional de Karatê	Centro de Tradições Gaúchas	Salvador/BA
26/10	Fórum Estadual de Cultura	Teatro Espaço Xis	Salvador/BA
14/11	Exibição Especial para o BALLET BOLSHOI	Centro de Convenções	Salvador/BA
18/11	Lançamento Nacional do Automóvel Verona	Hotel Meridien	Salvador/BA

1990

27/01	Semana do Turismo	Shopping Barra	Salvador/BA
04/02	Encontro Internacional de Revendedores "Caterpillar"	Hotel Meridien	Salvador/BA
06/02	Encontro Internacional de Revendedores "Caterpillar"	Hotel Quatro Rodas	Salvador/BA
23/03	3º Congresso Brasileiro de Magistrados do Trabalho	Clube do BANEB	Salvador/BA
30/6 e 01/07	Semana da Cultura de Ilhéus	Teatro Municipal	Ilhéus/BA
19/07	Espetáculo Prêmio FIAT	Centro de Convenções	Salvador/BA
27 e 28/07	Espetáculo Prêmio FIAT	Teatro Espaço Xis	Salvador/BA
13/08	XVIII Congresso Nacional de Buiatria	Centro de Convenções	Salvador/BA
18/08	Semana da Cultura	Praça Pública	Feira de Santana/BA
25/08	Semana do Folclore	Shopping Barra	Salvador/BA
29 e 30/08	Projeto Quartas das Artes Cênicas	Teatro Espaço Xis	Salvador/BA
10/11	1º Congresso Brasileiro de Clubes Sociais	Clube Costa Verde	Salvador/BA

1991

09/01	Convenção Nacional da Xerox do Brasil	Hotel Quatro Rodas	Salvador/BA
10/04	Jantar de Congraçamento dos Funcionários do Hotel Quatro Rodas	Hotel Quatro Rodas	Salvador/BA
12/01	Convenção Nacional da Xerox do Brasil	Hotel Quatro Rodas	Salvador/BA
13/04	Convenção Nacional da Kellogg´s	Hotel Quatro Rodas	Salvador/BA
16 e 17/01	Convenção Nacional da Xerox do Brasil	Hotel Quatro Rodas	Salvador/BA
24/04	Exibição para Grupos Turísticos	Praia de Itapoan	Salvador/BA
01/05	IX Congresso Brasileiro de Alcoolismo e Outras Fármaco-Dependências	Hotel Meridien	Salvador/BA
18/05	Exibição para Grupos Turísticos	Hotel Quatro Rodas	Salvador/BA
15/06	Festa Junina	Shopping Barra	Salvador/BA
15/06	Festa Junina	Ginásio do SESI	Salvador/BA
17 a 21/06	Festa Junina	Shopping Iguatemi	Salvador/BA
22/06	Festa Junina	Praça Pública (STIEP)	Salvador/BA
25 a 28/06	Festa Junina	Shopping Iguatemi	Salvador/BA
29/06	Encerramento do "Arraiá do Galo"	Ginásio Antônio Balbino	Salvador/BA
05/07	Convenção Latino Americana da Wella	Hotel Quatro Rodas	Salvador/BA
13/07	XI Congresso Latino Americano do Movimento Familiar Cristão	Centro de Convenções	Salvador/BA
03/08	IX Congresso Internacional Interdisciplinar Sobre Hipertensão em Negros	Hotel Meridien	Salvador/BA
04 e 08/08	Convenção Nacional da AVON	Hotel Sofitel	Salvador/BA
09 e 10/08	Espetáculo Comemorativo de 3 Anos do Balé Folclórico da Bahia	Teatro Espaço Xis	Salvador/BA
18/08	XIX Congresso de Agências de Viagem	Centro de Convenções	Salvador/BA
22/08	Semana da Cultura	Shopping Barra	Salvador/BA
21/09	XIV Convenção Rotary Club do Brasil	Hotel Meridien	Salvador/BA
22/09	XVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação	Centro de Convenções	Salvador/BA

30/09	Espetáculo Comemorativo ao "Dia da Secretária"	Bahia Othon Hotel	Salvador/BA
29/10	XV Congresso Nacional de Supermercados	Club Med	Itaparica/BA
13/11	XIV Congresso Nacional de Administradores de Consórcios	Hotel Meridien	Salvador/BA
22/11	Convenção Internacional Companheiros das Américas	Hotel Sofitel	Salvador/BA
30/11	Projeto Viva Esta Festa	Praça do Pelourinho	Salvador/BA
07/12	Lançamento do Projeto Summer Open Bahia	Hotel Meridien	Salvador/BA

1992

10/01	Projeto Viva Esta Festa	Praça do Pelourinho	Salvador/BA
13/0 a 03/02	Temporada Teatral	Teatro Casa do Comércio	Salvador/BA
21/01	Convenção Internacional da "La Seignenie"	Hotel Meridien	Salvador/BA
15/02	Abertura do Concurso "Miss Camaçari 92"	Clube Social	Camaçari/BA
01/04	Troféu Dodô e Osmar	Teatro Casa do Comércio	Salvador/BA
13/04	Bolsa de Turismo do Nordeste - BTN	Hotel Meridien	Salvador/BA
28/05	Lançamento do Projeto "Promoção Brahma"	Hotel Sofitel	Salvador/BA
15 a 22/06	Festa Junina	Shopping Iguatemi	Salvador/BA
17/06	Festa Junina da Bahiatursa	Centro de Convenções	Salvador/BA
17/06	Festa Junina da Fundação Cultural da Bahia	Teatro Espaço Xis	Salvador/BA
17/06	Festa Junina do SESI	Ginásio do SESI	Salvador/BA
19/06	Festa Junina do Bahia Othon Hotel	Bahia Othon Hotel	Salvador/BA
20/06	Festa Junina da VARIG	Clube da VARIG	Salvador/BA
02/07	Simpósio Sobre União de Coronária	Hotel Meridien	Salvador/BA
03/07	Convenção Nacional da BIOLAB-Laboratório de Bioquímica	Hotel Sofitel	Salvador/BA
06/08	XI Campeonato Mundial de Bycicross	Estádio de Pituaçú	Salvador/BA
07/08	Espetáculo Comemorativo ao "Dia do Magistrado"	Clube do Magistrado	Salvador/BA
01/09	IX Congresso Nacional do Ministério Público	Centro de Convenções	Salvador/BA
05/09	Exibição para Grupos Turísticos	Hotel Sofitel	Salvador/BA
17/09	Convenção de Turismo Ibero-Americano	Hotel Sofitel	Salvador/BA
23/09	Encontro de Agentes Italianos de Turismo	Hotel Meridien	Salvador/BA
04/10	XIV Congresso Nacional de Clínica Veterinária	Centro de Convenções	Salvador/BA
15/10	XIII Congresso da Previdência Privada	Hotel Sofitel	Salvador/BA
25/10	Semana do Modernismo de Paulo Afonso	Ginásio Municipal	Paulo Afonso/BA
30/10	Campeonato Mundial de Triathlon	Hotel da Bahia	Salvador/BA
12/11	Convenção Internacional de Gerentes da Xerox	Hotel Sofitel	Salvador/BA
28/11	Tributo a Mário Gusmão	Teatro Gregório de Matos	Salvador/BA
03/12	III Fórum Internacional de Turismo	Hotel Meridien	Salvador/BA
10/12	Câmara Clara	Teatro Vila Velha	Salvador/BA
27/12	Projeto Viva Esta Festa	Largo de Santo Antônio	Salvador/BA

1993

28/01	IV Convenção Interna de Gerentes do BANEB	Hotel da Bahia	Salvador/BA
27/03	444º Aniversário da Cidade do Salvador	Praça de Cajazeira 10	Salvador/BA
30/03	Inauguração da Reforma do Pelourinho (1ª etapa)	Praça do Pelourinho	Salvador/BA
15/04	Simpósio Nacional Sobre Novas Fronteiras em Cardiologia	Hotel Meridien	Salvador/BA
23/04	Faceta Turismo	Hotel Meridien	Salvador/BA
30/04	Convenção Nacional de Secretarias de Fazenda	Hotel Meridien	Salvador/BA
15 a 23/06	Festa Junina	Shopping Barra	Salvador/BA
02/07	Programa Viver Bahia	Teatro Casa do Comércio	Salvador/BA
15 e 16/07	III Conferência Ibero Americana de Chefes de Estado e Governo	Praça Municipal	Salvador/BA
03/09	III Convenção Nacional de Distribuidores Antarctica	Centro de Convenções	Salvador/BA
03/09	Inauguração do Parque do Abaeté	Lagoa do Abaeté	Salvador/BA
11/09	Abertura do Jogo da Seleção Brasileira de Volley	Ginásio Antônio Balbino	Salvador/BA
24/09	Feira da Bahia	Parque de Exposições	Salvador/BA
25/09	Congresso Brasileiro de Hepatologia	Teatro Casa do Comércio	Salvador/BA
10/10	28º Congresso Brasileiro de Pediatria	Centro de Convenções	Salvador/BA
31/10	XII Oficina Nacional de Dança Contemporânea	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
26/11	Convenção Nacional do Laboratório Wellcome	Resort Praia do Forte	Praia do Forte/BA

1994

28/01	Eleição da Rainha do Araketu	Sede Social do Araketu	Salvador/BA
03/02	Convenção Nacional da Xerox do Brasil	Hotel Sofitel	Salvador/BA
18/03	Convenção Latino Americana da Bayer	Praia de Plakaford	Salvador/BA
24/04	Inauguração da Reforma do Pelourinho (2ª e 3ª etapas)	Largo de São Francisco	Salvador/BA
25/04	1º Congresso Internacional de Arquitetura, Pedras e Tecnologia	Centro de Convenções	Salvador/BA
04 e 05/05	Semana da Cultura do Colégio Teresa de Lisieux	Parque do Abaeté	Salvador/BA
23/05	Abertura da Palestra da Escritora Mary Ferguson	Bahia Othon Hotel	Salvador/BA
15/06	Congresso Nacional do Skall Club	Centro de Convenções	Salvador/BA
16/06	Festa Junina do Hotel Meridien	Hotel Meridien	Salvador/BA
13 a 22/06	Festa Junina	Shopping Barra	Salvador/BA
17/06	Festa Junina do Colégio Drumond	Clube Português	Salvador/BA
20/06	Festa Junina	Shopping Itaigara	Salvador/BA
26/06	Arraia da Capitá	Parque de Exposições	Salvador/BA
05/08	Abertura da Semana do Exército	Colégio Militar	Salvador/BA
11/08	1º Seminário da COELBA	Sede da COELBA	Salvador/BA
20/08	Festival de Música e Arte "Bahia 94"	Concha Acústica	Salvador/BA
31/10	29º Painel Telebrasil	Hotel Meridien	Salvador/BA
12/11	Projeto Expresso 251	Praça de Cajazeira	Salvador/BA

21/11	Congresso Internacional de Informática "SUCCESS 94"	Centro de Convenções	Salvador/BA
28/11	Oficina Nacional de Dança Contemporânea	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
29/11	Dance Audition	Teatro ACBEU	Salvador/BA
05/12	Festa Natalina do Hospital da COT	Clube Baiano de Tênis	Salvador/BA
14/12	Convenção Nacional de Vendas do Laboratório Hoescht	Hotel Sofitel	Salvador/BA
23 e 30/12	Projeto Ritos e Agitos	Largo do Pelourinho	Salvador/BA

1995

27/01	Eleição da Rainha do Araketu	Sede do Araketu	Salvador/BA
08/03	Troféu Bahia Folia	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
02/07	Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais	Centro de Convenções	Salvador/BA
17/09	XVIII Congresso Brasileiro de Engenharia Ambiental e Sanitária	Centro de Convenções	Salvador/BA
23/09	1º Encontro de Distribuidores da Boehringer de Angeli	Hotel Sofitel	Salvador/BA
09/10	Congresso Latino Americano de Medicina Nuclear	Bahia Othon Hotel	Salvador/BA
07/11	XI Congresso Brasileiro de Economistas	Centro de Convenções	Salvador/BA
20/11	Visita do Presidente da Alemanha à Bahia	Largo do Pelourinho	Salvador/BA
22/11	8º Congresso da Sociedade Pan-Americana de Trauma	Centro de Convenções	Salvador/BA
05/12	45º Encontro da Associação Nacional de Usuários Unisys	Bahia Othon Hotel	Salvador/BA

1996

25/04	III Simpósio Internacional de Cardiologia	Hotel Meridien	Salvador/BA
10/05	Temporada Teatral	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
02/06	Projeto Abaeté	Lagoa do Abaeté	Salvador/BA
26/06	Jogos Olímpicos de Colégios Salesianos do Brasil	Liceu Salesiano	Salvador/BA
14/07	Centenário da Cidade de Juazeiro	Praça Municipal	Juazeiro/BA
15/07	IV Congresso da "ABLA 96"	Centro de Convenções	Salvador/BA
10/10	Congresso da ABAV	Centro de Convenções	Salvador/BA
15/10	Projeto Expresso 2001	Praça de Sussuarana	Salvador/BA
30/10	Projeto Expresso 2001	Praça do Uruguai	Salvador/BA

1997

22/04	Congresso Nacional do Laboratório Hoescht	Bahia Othon Hotel	Salvador/BA
18/06	Fórum Regional do Conselho Mundial de Energia	Museu de Arte Sacra	Salvador/BA
17/07	1º Encontro de Ministros de Países de Língua Portuguesa	Solar do Unhão	Salvador/BA
18/07	Lançamento da Pedra Fundamental da Fábrica Hyundai	Centro Industrial de Aratu	Salvador/BA
22/10	Seminário Interno da Secretaria da Fazenda	Hotel Sofitel	Salvador/BA

24/10	Centenário da Cidade de Jequié	Praça da Matriz	Jequié/BA
08/11	10 Anos do Shopping Barra	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
30/11	III Convenção Nacional da Kaiser	Club Med	Itaparica/BA
02/12	Reunião Executiva da Boehringer	Hotel Sofitel	Salvador/BA
04/12	III Convenção Nacional da Kaiser	Club Med	Itaparica/BA
04/12	Reunião Executiva da Construtora Norberto Odebrecht	Solar Santo Antônio	Salvador/BA
1998			
04/01	Projeto Boa Praça	Largo do Campo Grande	Salvador/BA
11/05	32º Congresso Interamericano de Administradores Tributários	Praça Teresa Batista/Pelourinho	Salvador/BA
06 a 08/08	10 ANOS DO BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
1999			
11/02	Lançamento Astra/Ford	Hotel Meridien	Salvador/BA
11/05	Visita da Rainha da Dinamarca à Bahia	Palácio de Ondina	Salvador/BA
13/06	450 Anos da Câmara Municipal de Salvador	Praça Municipal	Salvador/BA
21/10	Inauguração do Aeroclube Plaza Shopping	Aeroclube Plaza Shopping	Salvador/BA
26/10	10ª Reunião Ordinária da Junta Interamericana de Agricultura	Bahia Othon Hotel	Salvador/BA
17/11	Visita do Príncipe da Bélgica à Bahia	Terreiro de Jesus/Pelourinho	Salvador/BA
17/11	Convenção Latino Americana da Volkswagen	Restaurante Bargaço	Salvador/BA
2000			
23/03	97ª CONFAZ	Bahia Marina	Salvador/BA
26/05	Congresso Extraordinário e Mundial da Santa Casa de Misericórdia	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
02/07	Congresso Brasileiro de Serviços Públicos	Centro de Convenções	Salvador/BA
24/09	28º Congresso Brasileiro de Dermatologia	Bahia Marina	Salvador/BA
2001			
20 e 21/01	Temporada de Verão	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
31/05	XXVIII Congresso Latino Americano do Skall Club	Centro de Convenções	Salvador/BA
09/08	Espetáculo Comemorativo 13 Anos do Balé Folclórico da Bahia	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
2002			
24/01	Festival de Cultura Popular	Terreiro de Jesus	Salvador/BA
25 e 26/01	Temporada de Verão	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
24/02	1º Festival Internacional de Artistas de Rua	Aeroclube Plaza Shopping	Salvador/BA

06, 09 e 12/03	Convenção Latino Americana da General Motors	Hotéis Costa do Sauípe	Costa do Sauípe/BA
22/03	Convenção Nacional do Laboratório Roche	Hotéis Costa do Sauípe	Costa do Sauípe/BA
02/05	Inauguração Hotel Pestana	Hotel Pestana	Salvador/BA
04/12	Projeto Quarta Que Dança	Teatro Espaço Xis	Salvador/BA

2003

16/03	Reunião Executiva do Laboratório Wyeth	Museu da Cidade	Salvador/BA
21/03	Inauguração do Club Med	Club Med Trancoso	Trancoso/BA
02/04	Convenção Latino Americana da Microsoft	Hotéis Costa do Sauípe	Costa do Sauípe/BA
03/04	Reunião do Conselho Federal da Fazenda	Palácio da Aclamação	Salvador/BA
21/09	Inauguração da Fábrica Pirelli	Teatro SESC	Salvador/BA
13/12	Reinauguração Praça Campo Grande	Praça Campo Grande	Salvador/BA

2004

26/04	Reunião do Conselho Executivo do Laboratório Wyeth	Hotel Pestana	Salvador/BA
08/07	1º Seminário Nacional de Direito Eleitoral	Hotel Pestana	Salvador/BA
18/08	Syngenta Latem Conference	Hotéis Costa do Sauípe	Costa do Sauípe/BA

2005

04/02	Navio Seven Seas Mariner	Seven Seas Cruiser	Salvador/BA
12/03	Convenção Internacional do Laboratório Wyeth	Hotel Catussaba	Salvador/BA
26/04	Pré-inauguração do Hotel Pestana Convento do Carmo	Hotel Pestana Convento do Carmo	Salvador/BA
19/08	Espetáculo Comemorativo 17 Anos do Balé Folclórico da Bahia	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
21/09	10 anos do SAC	Fundação Luís Eduardo Magalhães	Salvador/BA
05/10	Convenção ITU Telecom	Restaurante Tempero da Dadá	Salvador/BA
17/10	Top Model SESC 2005	Clube do SESC	Salvador/BA
24/10	26ª Conferência Interamericana de Contabilidade	Espaço Jequitaia	Salvador/BA
29/10	Inauguração do Hotel Pestana Convento do Carmo	Hotel Pestana Convento do Carmo	Salvador/BA

2006

11/04	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
13/04	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
18/04	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
20/04	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
25/04	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
27/04	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
28/04	Inauguração Hotel Vila Galé	Hotel Vila Galé	Guarajuba/BA
02/05	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA

04/05	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
06/05	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
09/05	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
11/05	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
18/05	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
19/05	7º Encontro de Qualidade de Gestão em Serviço Público	Hotel Bahia Tree Tower	Salvador/BA
23/05	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
25/05	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
30/05	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
01/12	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
05/12	Convenção Mundial da Renault	Clube Med	Itaparica/BA
26/12	Festa Natalina do Hotel Iberostar	Hotel Iberostar	Praia do Forte/BA

2007

28/01	Navio Regent Mariner	Navio Regent Mariner	Salvador/BA
21/05	36º Congresso Mundial de Bioquímica e Biologia Molecular	Centro de Convenções	Salvador/BA
30/08	Espetáculo Comemorativo 19 Anos do Balé Folclórico da Bahia	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
17/09	XI Congresso de Cirurgia do Ombro e Cotovelo	Hotéis Costa do Sauípe	Costa do Sauípe/BA
26/09	XVII Congresso Nacional do Ministério Público	Centro de Convenções	Salvador/BA
28/10	XXXI Congresso Brasileiro de Urologia	Centro de Convenções	Salvador/BA
25/11	Projeto Ritmos da Arte Negra	Cidade do Saber	Camaçari/BA
06/12	Sua Nota É O Show	Teatro Castro Alves	Salvador/BA

2008

12/02	Navio Regent Mariner	Navio Regent Mariner	Salvador/BA
16/08	19ª Conferência Mundial de Serviço Social	Centro de Convenções	Salvador/BA
23 e 24/08	20 ANOS DO BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
05/09	Título de Cidadão Baiano a Manuel Carnaúbas	Salão Nobre da Assembléia Legislativa	Salvador/BA
13/11	Aniversário 40 Anos da Bahiatursa	Centro de Convenções	Salvador/BA

TURNÊS NACIONAIS

1988			
17/07	Festival SESC MOBIL de Dança e Ginástica	Teatro do SESC	Santos/SP
20/07	Festival de Dança de Joinville	Ginásio Abel Shultz	Joinville/SC
22/07	Festival de Dança de Joinville	Ginásio Ivan Rodrigues	Joinville/SC
23/07	Turnê Nacional	Teatro Álvaro Carvalho	Florianópolis/SC
08 e 09/10	II Festival de Dança Popular	Parque do Povo	Campina Grande/PB
10 a 12/10	II Festival de Dança Popular	Teatro Severino Cabral	Campina Grande/PB
28/10	XVII Festival de Arte de São Cristóvão	Praça Pública	São Cristóvão/SE
1989			
11 a 15/01	Projeto Mambembão	Centro de Convenções	Brasília/DF
18 a 22/01	Projeto Mambembão	Teatro Cacilda Becker	Rio de Janeiro/RJ
25 a 29/01	Projeto Mambembão	Teatro Maria Della Costa	São Paulo/SP
01/12	XVIII Festival de Arte de São Cristóvão	Praça Pública	São Cristóvão/SE
1990			
22/12	XIX Festival de Arte de São Cristóvão	Praça Pública	São Cristóvão/SE
1993			
19 a 23/05	Turnê Nacional	Teatro João Caetano	Rio de Janeiro/RJ
26/05	Turnê Nacional	Teatro Palácio das Artes	Belo Horizonte/MG
02 a 06/06	Turnê Nacional	Teatro Sérgio Cardoso	São Paulo/SP
18/06	Congresso Internacional de Ortopedia	Clube Ilha Porchat	Santos/SP
26/06	V Congresso Latino Americano de Fertilidade e Esterilidade	Memorial da América Latina	São Paulo/SP
28/09 a 1/10	II Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo	Ginásio Municipal	Passo Fundo/RS
02 e 03/10	1º Festival Internacional de Folclore de Farroupilha	Ginásio Municipal	Farroupilha/RS
05/10	Congresso Brasileiro de Urologia	Hotel Transamérica	São Paulo/SP
06/10	II Festival Internacional de Folclore de Curitiba	Teatro da Ópera de Arame	Curitiba/PR
07/10	II Festival Internacional de Folclore de Curitiba	Praça Pública	Curitiba/PR
1995			
10 a 13/04	Festival Internacional de Folclore de Caruaru	Parque de Exposições	Caruaru/PE
29/06	XIX Encontro Nacional de Folguedos do Piauí	Parque Potycabana	Teresina/PI
28/08 a 3/09	IV Festival Internacional do Folclore de Passo Fundo	Ginásio Municipal	Passo Fundo/RS
03/09	1º Festival Internacional de Folclore de Getúlio Vargas	Centro Esportivo Getuliense	Getúlio Vargas/RS
22/09	Centenário da Cidade de Petrolina	Parque de Exposições	Petrolina/PE
07/11	Tricentenário de Zumbi dos Palmares	Praça Zumbi dos Palmares	Palmares/AL
08/11	Tricentenário de Zumbi dos Palmares	Praia de Pajuçara	Maceió/AL

1996			
28/07	Projeto "Comfort in Dança"	Parque Ibirapuera	São Paulo/SP
31/07	Festival de Dança do SESC	Teatro do SESC	Santos/SP
17/12	Projeto Natal Cultural	Esplanada dos Ministérios	Brasília/DF
19/12	Projeto Natal Cultural	Praça da Cinelândia	Rio de Janeiro/RJ
23/12	Projeto Natal Cultural	Teatro SESI-MINAS	Belo Horizonte/MG
1997			
20/06	Convenção Mundial de Presidentes do Laboratório Boehringer	Hotel Intercontinental	São Paulo/SP
06/07	Festival de Dança "Olhar a Dança"	Ginásio de SESC	São José do Rio Preto/SP
08/07	Festival de Dança do SESC	Ginásio do SESC	São Carlos/SP
1998			
23/03	Festa Baiana	Clube do Exército	Brasília/DF
2000			
23/04	Bienal Brasil 500 Anos	Parque Ibirapuera	São Paulo/SP
24/04	Turnê Nacional	Teatro Municipal	São Paulo/SP
24/07	Festival de Dança de Joinville	Centreventos	Joinville/SC
2001			
18 e 19/09	Turnê Nacional	Teatro Carlos Gomes	Rio de Janeiro/RJ
21/09	Turnê Nacional	Teatro do SESC	Santos/SP
23/09	Turnê Nacional	Teatro Municipal	São Paulo/SP
26/09	Turnê Nacional	Palácio das Artes	Belo Horizonte/MG
30/09	Turnê Nacional	Teatro Guaíra	Curitiba/PR
04/10	Turnê Nacional	Teatro Nacional	Brasília/DF
2006			
14/07	Festival de Inverno de Campina Grande	Teatro Severino Cabral	Campina Grande/PB
2008			
05/11	Cara e Cultura Negra	Teatro Nacional	Brasília/DF

TURNÊS INTERNACIONAIS

1992			
06 a 15/09	Semana da Bahia	Palasthotel	Berlim / Alemanha
06 a 12/11	Semana da Bahia	Teatro da Trindade	Lisboa / Portugal
1994			
22 a 25/09	Bienal de Dança de Lyon	Auditurium Marice Ravel	Lyon / França
28/09	TURNÊ FRANÇA	Theatre Arsenal	Metz / França
30/09		Theatre de I´Université Paris VIII	Paris / França
1995			
22 a 27/08	Festival Mondial de Folklore de Confolens	Centre Culturel	Confolens / França
12 a 20/08	Festival International de Folklore	Theatre Municipal	Fribourg / Suíça
1996			
17/01	TURNÊ FRANÇA	Centre Culturel de Soissons	Soissons / França
18/01		Centre Culturel de Herblay	Herblay / França
19/01		Theatre Municipal de Sens	Sens / França
23/01		Theatre Municipal d´Annonay	Annonay / França
24/01		Theatre Municipal de Privas	Privas / França
26/01		Theatre Equinoxe	Chateauroux / França
28/01		Theatre Le Moulin du Roc	Niort / França
30/01		Theatre Odyssud	Blagnac / França
01/02		Theatre Claude Debussy	Maison Alfort / França
02/02		Theatre Alexandre Dumas	Saint-Germain-en-Laye / França
03/02		Theatre Agora	Evry / França
04/02		Theatre Claude Debussy	Maison Alfort / França
09/02	TURNÊ EUA	Nazareth Arts Center	Rochester / New York
13/02		Campus Center Theatre	Dartmouth / Massachusetts
15 e 16/02		Flynn Theatre	Burlington / Vermont
17 e 18/02		John Hancock Hall	Boston / Massachusetts
23 e 24/02		City Center Theatre	New York / New York
27/02		Palace Theatre	Cleveland / Ohio
28/02 e 01/03		Zellerbach Hall	Berkeley / California
05/03		Arthur Fuller Auditorium	Kennewick / Washington
07/03		Ruth Finley Pearson Auditorium	Santa Rosa / California
09/03		Robert B. Moore Theatre	Costa Mesa / California
11/03		Sorayan Theatre	Fresno / California
14 e 15/03		Lisner Auditorium	Washington DC

16 e 17/03	TURNÊ CARIBE	Queen´s Park Savannah	Port of Spain / Trinidad &Tobago
21 e 22/03	TURNÊ EUA	Northrop Memorial Auditorium	Minneapolis / Minnesota
27 a 29/03		Lied Center for the Performing Arts	Lincoln / Nebraska
17 a 29/09	Bienal de Dança de Lyon	Auditorium Maurice Ravel	Lyon / França

1997

20 a 25/01/97	Sydney Festival	Sydney Opera House	Sydney / Austrália
29/01 a 01/02	Adelaide Festival	Adelaide Center Theatre	Adelaide / Austrália
07/02	TURNÊ EUA	Medinah Temple Theatre	Chicago / Illinois
10/02		Martha B. Knobel Theatre	Long Beach / California
11/02		Bridges Auditorium	Claremont / California
13/02	TURNÊ CANADÁ	Royal Theatre	Victoria / British Columbia
15/02	TURNÊ EUA	Pantages Theatre	Tacoma / Washington
18/02		Palace Theatre	Cleveland / Ohio
19/02		Mershon Auditorium	Columbus / Ohio
21/02		Jackie Gleason Theatre	Miami / Florida
22 e 23/02		Lisner Auditorium	Washington DC
01 e 02/03		Performing Arts Center	Vero Beach / Florida
04/03		Porter Auditorium	Macon / Georgia
06/03		Carolina Theatre	Durham / North Carolina
08/03	TURNÊ CANADÁ	Fisher Auditorium	Barrie / Ontario
13 a 16/03	TURNÊ EUA	Emerson Majestic Theatre	Boston / Massachusetts
18/03		Rice Auditorium	Monmouth / Oregon
21/03		High School Auditorium	Port Angeles / Washington
25 e 26/03		Van Duzer Theatre	Arcata / California
29/03		Marin Center Theatre	San Rafael / California
03 a 05/04		City Center Theatre	New York / New York
09 a 11/05		Germantown Performing Arts Center	Memphis / Tennessee
15 a 16/05		Rialto Theatre	Atlanta / Georgia
30/05 a 01/06	TURNÊ CANADÁ	Malcolm Place Theatre	Toronto / Ontario
05/06	TURNÊ EUA	Sottile Theatre	Charleston / South Carolina
07 a 17/08	Festival Mondial de Folklore de Confolens	Theatre Municipal	Confolens / França
02 a 06/09	Aruba International Dance Festival	Cas di Cultura Theatre	Oranjestad / Aruba

1998

28/01	TURNÊ FRANÇA	Centre Culturel Jean Arp	Clamart / França
30/01		Centre Culturel de Saint Nazaire	Saint Nazaire / França
01/02		Theatre Palais de Congres	Le Mans / França

06 e 07/02		Theatre Saint Quentin-en-Yvelines	Saint Quentin-en-Yvelines / França
10/02		Theatre Le Corum-Opera Berlioz	Montpellier / França
19 e 20/02	TURNÊ EUA	Orpheum Theatre	Phoenix /Arizona
21/02		Centennial Hall	Tucson / Arizona
24/02		Ohio Theatre	Cleveland / Ohio
27 e 28/02	TURNÊ CANADÁ	Massey Hall	Toronto / Ontario
02/03		Theatre Saint Denis	Montreal / Quebec
04 e 05/03	TURNÊ EUA	Community Center Theatre	Sacramento / California
06 e 07/03		Zellerbach Hall	Berkeley / California
09/03		Arlene Schnitzer Auditorium	Portland / Oregon
10/03		Austin Auditorium	Corvallis / Oregon
12 a 15/03		Shubert Theatre	Boston / Massachusetts
20 e 21/03		Brooklyn College	New York/ New York
25/03		Jorgensen Auditorium	Storrs / Connecticut
27 e 28/03		Rialto Theatre	Atlanta / Georgia
31/03		Lisner Auditorium	Washington DC
02/04		Smith Opera House	Geneva / New York
04/04		Memorial Hall	Dayton / Ohio
08/04		Kravis Center	West Palm Beach / Florida
09/04		Carolina Theatre	Durham / North Carolina
11/04		New Jersey Performing Arts Center	Newark / New Jersey
13/04		Homewood High School	Birmingham / Alabama
14/04		Minor High School	Birmingham / Alabama
16/04		Fairfield High School	Birmingham / Alabama
17 e 19/04		Linn Park	Birmingham / Alabama
18/04		The Club	Birmingham / Alabama
27 e 28/06	Kuopio Dance Festival	Music Center Teateeri	Kuopio / Finlândia
30/06 e 01/07	TURNÊ EUROPA	Savoy Teateeri	Helsinki / Finlândia
03 a 06/07		Parkteatern	Stockholm / Suécia
09 a 11/07		Musik Teatret Albertslund	Copenhagen / Dinamaca

1999

18 a 21/05	Festival de Ludwigshafen	Theater Im Pfalzbau	Ludwigshafen / Alemanha

2000

13, 17 e 19/06	20 Ans de la Maison de la Danse	Maison de La Danse	Lyon / França
07/09	Expo 2000	Expo 2000 Pavillion	Hannover / Alemanha
29 e 30/09	TURNÊ EUA	Rialto Theatre	Atlanta / Georgia
01/10		Lander Performing Arts	Greenwood / South Carolina
04 /10		Hampton Coliseum	Hampton / Virginia

05/10		Grand Opera House	Wilmington / Delaware
06 e 07/10		Warner Theatre	Washington DC
08/10		McCarter Theatre	Princeton / New Jersey
10/10		Clemens Center	Elmira / New York
11/10		Anderson Center	Binghamton / New York
12/10		Roberts Auditorium	Providence / Rhode Island
13/10		New Jersey Performing Arts Center	Newark / New Jersey
14/10		Staller Center For The Arts	Stony Brook / New York
15/10		George Mason Center For The Arts	Fairfax / Virginia
17/10		Garde Arts Center	New London / Connecticut
18/10		Hutchins Concert Hall	Orono / Maine
19 a 22 /10		Shubert Theatre	Boston / Massachusetts
24/10		Center For The Arts	Buffalo / New York
25/10	TURNÊ CANADÁ	Massey Hall	Toronto / Ontario
26/10	TURNÊ EUA	Macomb Center For Performing Arts	Clinton Township / Michigan
27 e 28/10		Hill Auditorium	Ann Arbor / Michigan
29/10		The Valentine Theatre	Toledo / Ohio
30/10		Embassy Theatre	Fort Wayne / Indiana
01/11		Wharton Center	East Lansing / Michigan
02/11		Emens Auditorium	Muncie / Indiana
03 e 04/11		Chicago Theatre	Chicago / Illinois
05/11		Kirkland Fine Arts Theatre	Decatur / Illinois
06/11		Tilson Music Hall	Terre Haute / Indiana
08/11		Bologna Performing Arts Center	Cleveland / Mississippi
09 /11		Heymann Performing Arts Center	Lafayette / Louisiana
10/11		Jesse H. Jones Hall	Houston / Texas
11/11		Laurie Auditorium	San Antonio / Texas
14/11		Popejoy Hall	Albuquerque / New Mexico
15/11		Ardrey Memorial Auditorium	Flagstaff / Arizona
16 e 17/11		Centennial Hall	Tucson / Arizona
18/11		McCallum Theatre	Palm Desert / California
19/11		Robert D. Haugh Performing Arts Center	Glendora / California
21/11		Smothers Theatre	Malibu / California
22/11		Harman Hall	San Luis Obispo / California
24, 25 e 26/11		Irvine Barclay Theatre	Irvine / California
29/11		Marin Veterans Memorial Auditorium	San Rafael / California
30/11		Community Center Theatre	Sacramento / California
01 e 02/12		Zellerbach Hall	Berkeley / California
03/12		Laxson Auditorium	Chico / California

04/12		Van Duzer Theatre	Arcata / California
06/12		Arlene Schnitzer Concert Hall	Portland / Oregon
08 e 09/12		Meany Hall	Seattle / Washington
2001			
07 e 09/06	Spoleto Festival USA	Gaillard Municipal Auditorium	Charleston / South Carolina
25 e 26/10	Semaine Culturelle Bré-	Centre des Arts	Pointe-à-Pitre / Guadeloupe
03, 04 e 05/04	silienne	Meervaart	Amsterdam / Holanda
06/04	TURNÊ HOLANDA	Rotterdanse Danscademie	Rotterdam / Holanda
07/04		Lucent Danstheater	Den Haag / Holanda
08/04		Rotterdamse Schouwburg	Rotterdam / Holanda
11/04		Stadsschouwburg	Haarlem / Holanda
12/04		Theater A/H Vrijthof	Maastricht / Holanda
13/04		Stadsschouwburg De Harmonie	Leevwarden / Holanda
14/04		Stadsschouwburg	Groningen / Holanda
16/04		De Lawei	Drachten / Holanda
19/04		Muziekcentrum Vredenburg	Utrecht / Holanda
20/04		Chasse Theater	Breda / Holanda
2003			
27 e 28/12	Carnavales Culturales de Valparaíso	Plaza Sotomayor	Viña Del Mar / Chile
2004			
21 e 22/09	TURNÊ EUA	Selena Auditorium	Corpus Christi / Texas
23/09		Paramount Theater	Austin / Texas
24/09		Jesse H. Jones Hall	Houston / Texas
25 e 26/09		McFarlin Auditorium	Dallas / Texas
28/09		Lensic Theater	Santa Fe / New México
30/09		Smothers Theater	Malibu / California
01/10		Alex Theatre	Glendale / California
03/10		Luther Burbank Center	Santa Rosa / California
05/10		Mondavi Center	Davis / California
06/10		Laxson Auditorium	Chico / California
07 e 08/10		Zellerbach Hall	Berkeley / California
12/10		Farthing Auditorium	Boone / North Carolina
15 e 16/10		Rialto Theater	Atlanta / Georgia
19/10		Attucks Theater	Norfolk / Virginia
22/10		Spaulding Auditorium	Hanover / New Hampshire
23/10		Orpheum Theatre	Boston / Massachusetts
26/10		Flynn Center for the Arts	Burlington / Vermont

26/10		Flynn Center for the Arts	Burlington / Vermontt
27/10		Jorgensen Auditorium	Storrs / Connecticut
28 a 30/10		Symphony Space	New York / New York
30/10		New Jersey Performing Arts Center	Newark / New Jersey
31/10		Purchase Concert Hall	Purchase / New York
03/11		Eisenhower Auditorium	University Park / Pennsylvania
04/11		McCarter Theater	Princeton / New Jersey
05/11		Carpenter Center	Richmond / Virginia
06/11		George Mason Center for the Arts	Fairfax / Virginia
24 e 27/11	V Festival Afro e Oltre e Altro	Teatro Nuovo di Torino	Torino / Itália
2005			
25 a 28/05	Reggio Emilia Danza Festival	Teatro Valli	Reggio Emilia – Itália
2007			
20 a 22/04	Festival Cultural del Colegio San Ignacio de Loyola	Centro de Bellas Artes de Caguas	San Juan / Porto Rico
25/10	Festival des Divinités Noires		Klouvidonnou / Togo
26/10	Festival des Divinités Noires		Glídjí / Togo
27 e 28/10	Festival des Divinités Noires		Aného /Togo
29/10	Festival des Divinités Noires		Lomé / Togo
2008			
07/06/08	Semana Cultural Brasileña	Teatro de Bellas Artes de Bogotá	Bogotá / Colômbia

ESPECIAIS

1988			
09/08	Documentário para TV Itapoan	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
24/08	Palestras e Aulas para a Escola de Dança da Fundação Cultural da Bahia	Teatro Castro Alves	Salvador/BA
25/08	Aula Pública e Exibição de Vídeo do Balé Folclórico da Bahia na Semana do Folclore	Teatro Espaço Xis	Salvador/BA
1989			
02/09	Documentário para TV Belga	Teatro Espaço Xis	Salvador/BA
17/03	Especial "Eloniê" para TV Globo	Forte de São Marcelo	Salvador/BA
27/05 a 12/06	Participação Especial no Filme "Orquídea Selvagem"	Solar do Unhão	Salvador/BA
15 a 24/06	Participação Especial no Filme "Orquídea Selvagem"	Praça Mauá	Rio de Janeiro/RJ
10 a 14/07	Documentário para TV Francesa – TFI	Centro Histórico	Salvador/BA
09/09	Gravação de "Clip" com Margarete Menezes e Sting	Praia de Stella Maris	Salvador/BA
1990			
22/03	Lançamento da Novela Pantanal da TV Manchete	Espaço Cultural Zouk Santana	Salvador/BA
1992			
19/12	Caminhada Axé	Ondina/Barra	Salvador/BA
1993			
04/09	Caminhada Axé	Lagoa do Abaeté	Salvador/BA
18/12	Caminhada Axé	Ondina/Barra	Salvador/BA
1994			
04/12	Participação Especial no Programa "Som Brasil" - TV Globo	Praia de Massarandupió	Massarandupió/BA
17/12	Caminhada Axé	Ondina/Barra	Salvador/BA
1995			
16/12	Caminhada Axé	Ondina/Barra	Salvador/BA
1997			
17 a 26/11	Seminário Interno do Balé Folclórico da Bahia tendo como palestrantes: Edvaldo Brito, Lia Robatto, Nelma Seixas, Gideon Rosas, Carla Leite, Júlio Braga e Chica Carelli	Studio do Corpo	Salvador/BA
1999			
13/05	Participação Especial no Programa "Mama África" - TV Globo	Farol da Barra	Salvador/BA
2008			
23 e 24/08	Exposição 20 Anos do Balé Folclórico da Bahia	Foyer do Teatro Castro Alves	Salvador/BA

PRÊMIOS

●**PRÊMIO FIAT** – oferecido pela Fiat do Brasil como a melhor companhia de dança do país em 1990.

●**PRÊMIO ESTÍMULO** – oferecido pelo Ministério da Cultura como a melhor companhia de dança do país e melhor espetáculo de dança do país em 1993.

●**PRÊMIO MAMBEMBÃO** – oferecido pelo Ministério da Cultura como a melhor pesquisa em cultura popular e melhor preparação técnica de elenco em 1996.

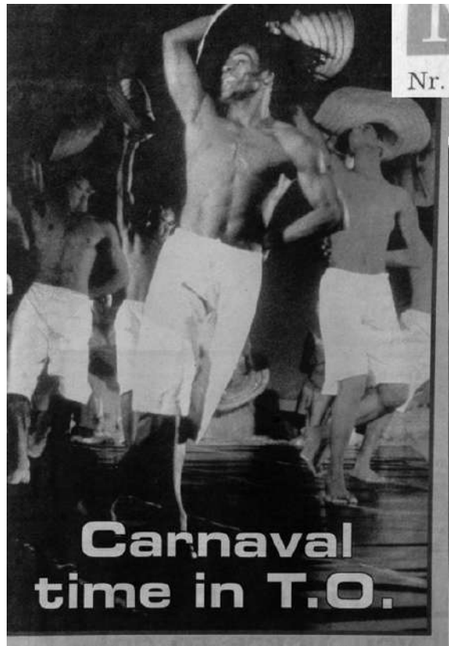
●**PRÊMIO BOM DO BRASIL** – oferecido pela VARIG como um dos cinco melhores projetos sócio-culturais no país em 2004.

●**PRÊMIO MÉRITO AO TURISMO** – oferecido pela ABRAJET – Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo pelos serviços prestados ao turismo e à cultura no estado da Bahia em 2006.

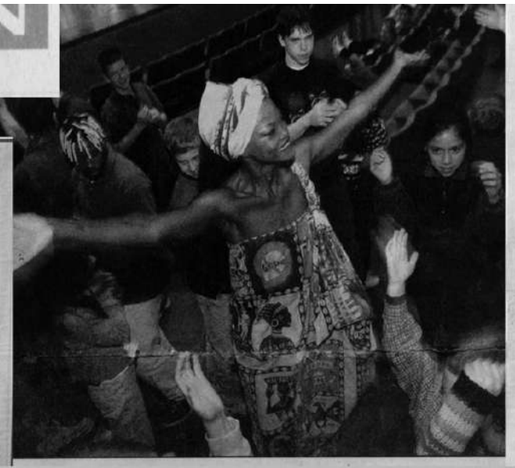


BOOK 20 ANOS BFB.indd 56 29/04/10 02:17

IMPRENSA INTERNACIONAL



































BOOK 20 ANOS BFB.indd 58 29/04/10 02:17

ESTADOS UNIDOS

AUSTIN AMERICAN STATESMAN

BACKSTAGE

CHARLESTON CITY PAPER

CHICAGO SUN-TIMES

CORPUS CHRISTI CALLER-TIMES

DAILY HERALD

DAVIS ENTERPRISE

DAYTON DAILY NEWS

FOCUS

GRAPHIC

IJ WEEKEND

IRVINE WORLD NEWS

LANSING STATE JOURNAL

LATIN AMERICAN RHYTHM MAGAZINE

LINCOLN JOURNAL STAR

LOS ANGELES TIMES

MINNEAPOLIS STAR TRIBUNE

NEWSDAY

PENISULA DAILY NEWS

PRESS-REPUBLICAN

REPORTER

SAN FRANCISCO CHRONICLE

SPOLETO TODAY

THE ARIZONA DAILY STAR

THE ATLANTA JOURNAL-CONSTITUITION

THE BRAZILIAN MONTHLY NEWSPAPER

THE BOSTON GLOBE

THE BOSTON HERALD

THE COLUMBUS DISPATCH

THE COMMERCIAL APPEAL

THE DAILY BAROMETER

THE DAILY CAMPUS

THE DALLAS MORNING NEWS

THE DAY

THE INDEX JOURNAL

THE ORANGE COUNTY REGISTER

THE NEW YORK TIMES

THE PATRIOT LEDGER

THE PLAIN DEALER

THE POST AND COURIER

THE PRESS DEMOCRAT

THE SACRAMENTO BEE

THE STAR PRESS

THE STRANGER CALENDAR

THE WASHINGTON POST

THIS WEEK

TIMES STANDARD

TRAVEL WORLD NEWS

UPDATE

USA TODAY

VILLAGE VOICE

VOX

WASHINGTON CITY PAPER

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

The New York Times

THE NEW YORK TIMES, SUNDAY, OCTOBER 16, 1994

DANCE



Balé Folclórico da Bahia, from Brazil, at the Lyons Dance Biennial—No company performing at the festival better embodied the idea of black dance.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE NEW YORK TIMES

OUTUBRO 1994

BOOK 20 ANOS BFB.indd 60 29/04/10 02:17

THE NEW YORK TIMES

OUTUBRO 1994

DANCE VIEW/Anna Kisselgoff

Striking Imagery Out of Africa and Beyond

"MAMA AFRICA: FROM Africa to Harlem" may sound more like a slogan than a festival title, but it aptly stated the theme of the Lyons Dance Biennial last month: the manner in which Africa and her Diaspora have taken dance and music around the world.

What might have been an amorphous celebration glued together by a tenuous pretext turned instead into a rich exploration of complexity and diversity. Of the 20 companies, from 4 continents, that performed in this French festival, no company better embodied the idea of black dance in Africa and beyond than the vibrant Balé Folclórico da Bahia, from Brazil.

The population of Salvador, in the state of Bahia, is mainly descended from slaves brought by the Portuguese from Benin, in West Africa. The link is so direct that as the troupe's founder, Walson Botelho, put it, gods no longer worshiped in Africa are acknowledged in Bahia. "African culture is stronger in our part of Brazil than in some parts of Africa," he said.

The route from Africa is just as visible in the company's repertory, which draws repeatedly from the basic idiom and stance (feet flat, knees bent) found today in African dance. On the surface a layman might find striking similarities between some of the Bahia numbers and the equally theatricalized works of another folk troupe at the biennial, the Ballets Africains from Guinea.

In the 1990's young black artists think in universal terms. One choreographer sees 'tradition only as a springboard.'

But the exuberant Bahia company, which should absolutely be seen in the United States, also shows how African traditions have been affected in the New World. There is a lilt that even Africa's most lyrical dances do not have. With their feet on the ground, African dancers connect the earth and the sky. But men in Bahia often show off an aerial aspect in the Capoeira, the high-kicking dances that are also a form of martial arts. Above all there is the gaiety of the samba that has subsumed its African influences into something uniquely Brazilian.

This lesson in how roots can be both treasured and transformed was never as neatly provided by the other companies who performed in Lyons. Unity was less easy to come by than in past biennials. The 10-year-old festival, directed by Guy Darmet, has been the only one to specialize in overviews of dance in one country. The surveys of dance in France (1988) and the United States (1990) proved spectacular on every level. The 1992 biennial on Spain, through its outdoor fiesta, became the talk of Lyons.

That edition, encompassing Spain's still young experimentalists, was weak on the creative side. "Mama Africa," however, balanced the emerging groups with world-class choreographic and performing values. The Alvin Ailey American Dance Theater, Dance Theater of Harlem, Bill T. Jones/Arnie Zane Dance Company, Dayton Contemporary Dance Company and two younger troupes, Ron Brown/Evidence and David Rousseve/Reality, may not have saved the day, but they guaranteed artistic substance in this year's biennial. Mr. Jones was the only American to present a premiere: "Still/Here" will open at the Brooklyn Academy of Music on Nov. 30 as part of the Next Wave Festival and is sure to leave its audience as moved as in Lyons.

"Still/Here" did not refer to Africa; it is a sensitive and original meditation about what people of all races and ages feel when seriously ill. There was no need to ponder whether this work fit into a festival focusing on black dance. Mr. Jones put the issue to rest by noting that black dance is "any dance that a black artist chooses to make."

Twenty years ago, a black choreographer might have answered differently by emphasizing his or her black heritage. This source of artistic inspiration could have posed a risk for the biennial. It is easier to look at the diversity of dance in a single country than within a culture whose unity throughout the world is yet to be defined. One might have expected the festival to emphasize what Leopold Senghor, the late president of Senegal, once called the "collective soul" of a distinctive black civilization.

BUT IN THE 1990'S, YOUNG black artists think in more universal terms. Jean-François Colombo, a promising choreographer from Martinique who needs to sort out his eclectic, striking imagery, told the press: "We are not Martiniquais but individuals who are concerned with the world." His collaborator, Josiane Antourel, explaining her need for personal creative expression, said she saw "tradition only as a springboard."

There was no time to wax romantic about Martinique as a paradise, she said. "Pretty soon, the island will be full of parking lots, she explained, "and you won't hear the sound of drums."

In pressing the theme of the Diaspora, Mr. Darmet may have encouraged black choreographers living in France to refer back to African and Caribbean roots more than the Americans did. One result was a showcase for small companies that have few performing opportunities, partly because they receive smaller subsidies than white groups. Another result made for some artistic cross-pollination. Fred Bendongué, whose father was African, has looked to the Carribean. On the other hand, Elsa Wolliaston, born in the Caribbean, studied in Africa and teaches African dance. The highly talented Mr. Bendongué, once a break dancer, has some affinities with American groups like Momix and Urban Bush Women. His stream-of-consciousness piece was inspired by the history of runaway slaves in the Caribbean and Brazil.

The leitmotif of the biennial came across as a spiritual message; the theme of conciliation among all peoples was expressed repeatedly at a time when racial tensions are rising in France. The warm ovations for the dancers spoke for themselves.

In the festival's cabaret, musicians were also featured: the American blues singers Sandra Reaves and B. J. Crosby and — a revelation — the African Jazz Pioneers, a big band with an understated South African beat that integrates minimalist repetitive dance sequences into the music.

Ntemi Piliso, the band's leader, summed up the festival mood by recalling how black music was considered subversive under apartheid. "Now," he said, "we have ceased to sing about an oppressive Government. We sing about peace and reconciliation." □

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 61 29/04/10 02:17

THE NEW YORK TIMES

SETEMBRO 1994

By ANNA KISSELGOFF

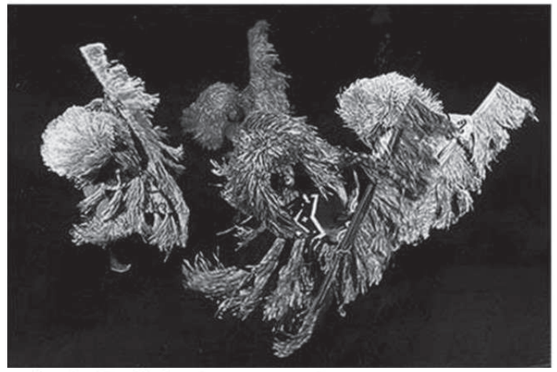
Special to The New York Times

LYONS, Sept. 24 — Like any successful festival, the current Lyons Dance Biennial is full of strong, even contrasting, images. This year's focus on black dance in Africa and beyond ("Mama Africa") is especially stimulating.

The same energy that is subsumed into such intellectualized sophistication in Grupo Corpo explodes uninhibitedly in the more explicitly African-derived folk dances of another marvelous Brazilian company, Balé Folclórico da Bahia.

The dancers in the Bahia troupe from Salvador, a city in northern Brazil, are black. Grupo Corpo, virtually all white, has a few black dancers. The African Jazz Pioneers, who might be expected to have only black members, have a white trombonist, Jasper Cook, who is one of the main dancers.

For all the diversity, the basic image of the African dancer (knees bent, feet flat on the ground) recurred through the Biennial. The Bahia group, with its choreographed carnival and slave dances, exemplified the theme of "Mama Africa" at its best. At a matinee attended by schoolchildren, the company's samba sent the dancers into the aisles. Teachers told the bounding and jumping children to stop dancing, then realized their mistake and joined in.



Flying down to Bahia

The event: Bale Folclorico da Bahia
Dates and times: 8 p.m. Thursday
Location: Burbank Center for the Arts, 50 Mark West Springs Rd., north of Santa Rosa. **Admission:** $19.50.
Phone: 546-3600

"More than 10 million slaves came from Africa" to Bahia.

WALSON BOTELHO, BALE FOLCLORICO DA BAHIA

"In the middle of 1500s, when Brazil was discovered, the Portuguese came to Brazil with a lot of slaves," explains Botelho. "More than 10 million slaves came from Africa.

"The only people who stayed in Africa were the old ones and the children," he continues. "The oldest, they died. And the children, they didn't know anything. So the people who knew about the culture, they came to Brazil. And they transformed all the country with them.

"Now, the main African teachers come to Bahia to study and come to learn about the old traditions."

Many of the dances in the Bale Folclorico da Bahia's repertory revolve around the colorful costumes and customs of candomble. The Purification Ritual dance is derived from a ceremony dedicated to Exu, the most fearsome African god. The Puxada de Rede is a popular dance in which Yemanja, the goddess of the sea, is greeted by the fishermen and their wives, who ask for a bountiful catch. The Fire Dance is an homage to Xango, the African god of fire and thunder.

Other dances have roots in the sugar cane plantations of colonial Bahia, where many of the slaves worked. These include maculele, a dramatic dance with knives in celebration of a good harvest; and capoeira, a strenuous form of martial art that is part dance, part game, and part lethal weapon.

Capoeira is believed to be a form of resistance secretly developed by the slaves in order to prepare themselves physically to rebel against their masters. It is still practised in Bahia today, especially on Sundays at the market, and is the origin of break-dancing in the United States.

"Capoeira is one of the most popular pieces that we have," says Botelho of the theatrical presentation. "The stage is transformed into a Sunday afternoon in an open market. I brought from Bahia old clothes and things that the people used to sell in the markets, like berimbaus (a one-stringed instrument used to accompany capoeira). So you can see the Bahian people in the open market, playing capoeira."

For their grand finale, the troupe will encourage the audience to join them in a samba-reggae dance inspired by Olodun, the musical group from Bahia that accompanied Paul Simon on his "Rhythm of the Saints" record. Just last month, Michael Jackson spent a week in Bahia recording with Olodun.

"It's a mixture of Caribbean rhythm and the African and Bahian rhythms," says Botelho.

While on the road, Botelho and his troupe managed to celebrate carnaval by bringing along their favorite music cassettes and singing and dancing on the bus.

Did the bus driver dance along?

"Only when we stopped," says Botelho.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE PRESS DEMOCRAT

FEVEREIRO 1996

BOOK 20 ANOS BFB.indd 62 29/04/10 02:18

Brazilian folk troupe to show brilliant 'Colors'

DANCE

by Karen Campbell

This weekend marks the Boston debut of Brazil's only professional folk dance company, the highly acclaimed Bale Folclorico da Bahia. From the northern Brazilian state of Bahia, this exuberant company of 30 professional dancers, singers and musicians will present "All the Colors of Bahia," which demonstrates the most important and vibrant expressions of Bahia folklore and Candomble, the African religion brought to Brazil by African slaves.

Carnival and slave dances, the seductive samba and the acrobatic *capoeira* promise to be the program highlights of this World Music presentation. (If you've never seen capoeira, a stunningly athletic dance form inspired by the martial arts, this alone will probably be worth the price of admission.)

In addition to performances tomorrow at 8 p.m. and Sunday at 4 p.m. in Hancock Hall, the company will conduct a special dance workshop on Sunday from 11 a.m. to 12:30 p.m. at the Dance Complex in Cambridge. Call 876-4275.

THE BOSTON HERALD
FEVEREIRO 1996

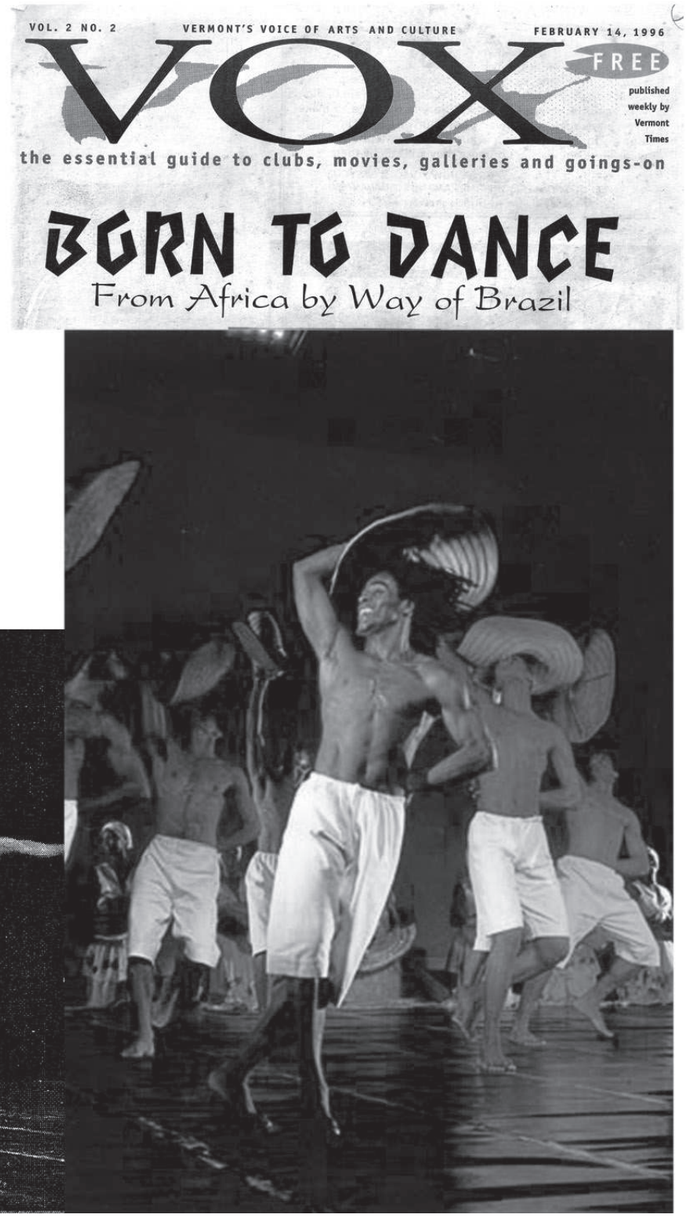
BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 63 29/04/10 02:18

VOX

FEVEREIRO 1996







BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

When the Bale Folclorico da Bahia performed at a matinee in Lyons a year and a half ago, these traditional dancers from Brazil bounded down the aisles to the strains of a *samba* and the assembled children began to respond in kind. After trying to tame the exuberant students, the teachers "then realized their mistake and joined in," wrote a *New York Times* reporter who was in France to witness it all.

This infectious art form will now be offered to Vermont youngsters, as kids from some 30 schools flock to the Flynn Theatre at 11 a.m. on Friday, February 16. Any adults interested in a similarly transcendent experience can partake of the Bale Folclorico's 8 p.m. show that evening.

But the 30-member troupe of dancers, singers and musicians, hailing from the city of Salvador in the state of Bahia on Brazil's northern coast, doesn't limit itself to the party rhythms of *samba*, so popular at *Carnaval* time. These energetic performers, sporting spectacular and often surprising costumes, have mastered at least nine other styles, such as *afixire*, "the dance of happiness;" *puxada de rede*, for the goddess of the sea; *maculele*, which originated on sugar cane plantations during the country's colonial period; *capoeira*, derived from an Angolan martial art.

And in performing, they bring more than four centuries of history and cross-cultural diversity to the stage. Courtesy of marauding Portuguese, Salvador's population is largely descended from the estimated 3.5 million slaves forced to leave West Africa for Brazil. With them came a rich heritage of dance, music, dress, and religious beliefs that survive — even thrive — today in this country boasting the most people of African descent outside Africa.

In 1988, Walson Botelho, a native son of Bahia who had studied anthropology, decided to use this science of human customs and characteristics to help create an authentic Bahian dance company. "The anthropology lets me think beyond the artistic vision," he says, during a phone interview on the eve of the company's first-ever American tour during the same week Michael Jackson landed in Salvador to shoot a music video. "That was a way for me to get to the folkloric roots. It's the best thing I did in my life."

Initially, however, Botelho – the Bale's director/choreographer – had to "sell my apartment and sell my car to begin the group. There is no government help for the arts whatever in Brazil. So everything came with difficulty."

Now 34, he's been dancing since age eleven but that's apparently not the least bit unusual in Botelho's hometown. "Everybody dance. Everybody sing. We say in Bahia, 'You're not born; you open.' The way a show opens."

Bale Folclorico, Brazil's only professional folklore dance company, quickly became its most renowned as well, winning awards and gaining world attention. Performers are directly connected to their faith in *Candomble* — described as "a way of life, a community, a mutual aid society, a family and a dance" — an ancient African pantheistic form of worship that was preserved in Bahia despite considerable integration with Catholicism. (Botelho says Salvador has 365 churches, many with baroque architecture and one even completely made of gold.)

According to Botelho, "Some of our pieces show the gods of Africa and some just show the influence of the religion. All of the dancers in our company make *Candomble* part of their lives. It's not just a job. We dance with pleasure. We live this day by day. "

Curiously, Bahia is frequently more African than Africa. "Certain gods have been forgotten there," Botelho explains. "We have a big exchange program. African teachers come to Bahia to study the pure culture."

Conversely, he hopes that Bale Folclorico will be able to visit Africa some day soon, "to perform in the middle of old tribes and old cities where our ancestors used to live: Nigeria, Ivory Coast, Benin, Senegal."

When the company has toured Europe, Botelho can "count the black people in the audience on one hand. Here in the United States black consciousness is growing so people maybe can understand our message. I think Americans are more open, always searching for new things. They want to see everything. They are thirsty to see things in the world. I hope I am right."

In Brazil, he says, racism is strong. Even in Bahia, where 90 percent of the people are of African descent. And much of the racial discrimination is enforced by blacks against other blacks, Botelho points out. "We have many problems. At hotels and clubs, we have to enter by the service door not because we work there but because we are black. We cannot enter an elevator full of white people. I say to my dancers, 'Some day we will go in by the service door because, as performers, we are workers but we'll go out the front door with champagne and a limousine.'"

Meanwhile, they'll keep dancing those *sambas* and *capoeiras*, paying tribute to all the gods of *Candomble*, and encouraging audiences to join in. "It's very contagious," Botelho acknowledges. "It always happens. No one can stay in their seats." V

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

FEBRUARY 16, 1996 THE ARTS PRESS-REPUBLICAN PAGE 7

In Review: *Bale Folclorico da Bahia*



PRESS-REPUBLICAN FEVEREIRO 1996

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 66 29/04/10 02:18

PRESS-REPUBLICAN

FEVEREIRO 1996

Brazil's Bale Folclorico da Bahia perform tonight, at 8 p.m., at the Flynn Theatre in Burlington. Tickets are $22.50, $18.50 and $12. A free pre-performance discussion with Walson Botelho, choreographer/director will be held at 6:30 p.m. in the Flynn Gallery Space at 147 Main St. For information, call (802) 86-FLYNN.

Drumming workshop brought African gods to life



ROBIN CAUDELL
Staff Writer

There was more going on than Jose Carlos Arandiba of the Bale Folclorico da Baia was saying.

The African Gods, Orishas — Ossain, Ogun, Oxum, Omulu, Iansa, Oxossi and Oxala — were in residence with Arandiba; I felt their presence.

Arandiba spoke Portuguese as he led an Afro-Brazilian drumming workshop on stage at the Flynn Wednesday evening. Fifteen of us came with our congas and ashikas to learn samba and traditional West African rhythms.

Walson Botelho, who co-founded Bale Folclorico da Bahia (Folk Ballet of Bahia, pronounced ba-EE-ah) with Ninho Reis in 1987, translated what Arandiba was saying when Arandiba intuited that we needed a fuller explanation of the origins of a dance or rhythm and in what context it was performed.

Tall, black and handsome, Arandiba is a lithe and sensual dancer and exuberant drummer. He was very patient teaching basic rhythms by first having us clap out syncopated patterns before we transferred them to our drums with our hands or sticks.

Briefly, this transported me back to my girlhood in Maryland, where I did similar things with my cousins and friends for hours on end. But Arandiba was before me, gracefully linking me to his treasured and transformed roots, our African ancestors.

Arandiba performed many dances including the samba de roda, the most popular dance in Bahia since the period of slavery where, during their free hours in the "Senzala," the beautiful young Bahian girls emphasize movements of the legs and feet.

Arandiba beat rhythmically and shuffled his feet clad in red, black and white Reeboks onstage.

He told the drummers not to play and he motioned for us not to play as his footwork became faster and more complex.

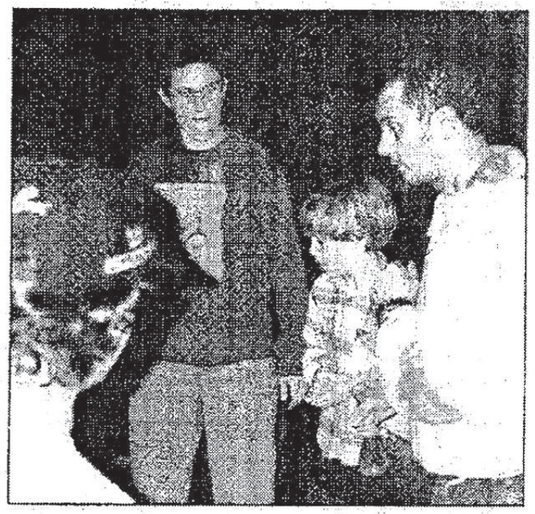
The music and dance of Bahia, a region of northern Brazil, with Portuguese, African and native Indian traditions, is a synthesis of Carnival dances, samba, Capoeira ("ca-PWEAR-ah") — a martial arts-style dance with African origins — and ritualistic dances and songs of Candomble — an African religion brought to Brazil by Africans taken as slaves in the 16th century by the Portuguese.

Brazil has the largest African-descended population outside of Africa. The African influence is especially evident in Bahia, a region famous for musicians like Caetano Veloso, where the women still wear African-style head wraps.

Botelho wrapped a gray scarf around his head and performed a samba. It is traditionally performed by women. The woman dances in the center of a circle, and picks her successor by pointing her belly in the direction of another woman.

Bothelho showed us how the dance is centered on the movement of the hips in a side-to-side motion.

Before long we were all dancing with our hands up to honor the drums and the Orishas, who speak through them.



Staff Photo/Robin Caudell

Walson Bothelho, choreographer/director, demonstrates traditional dances of Bahia, which is located in northern Brazil.

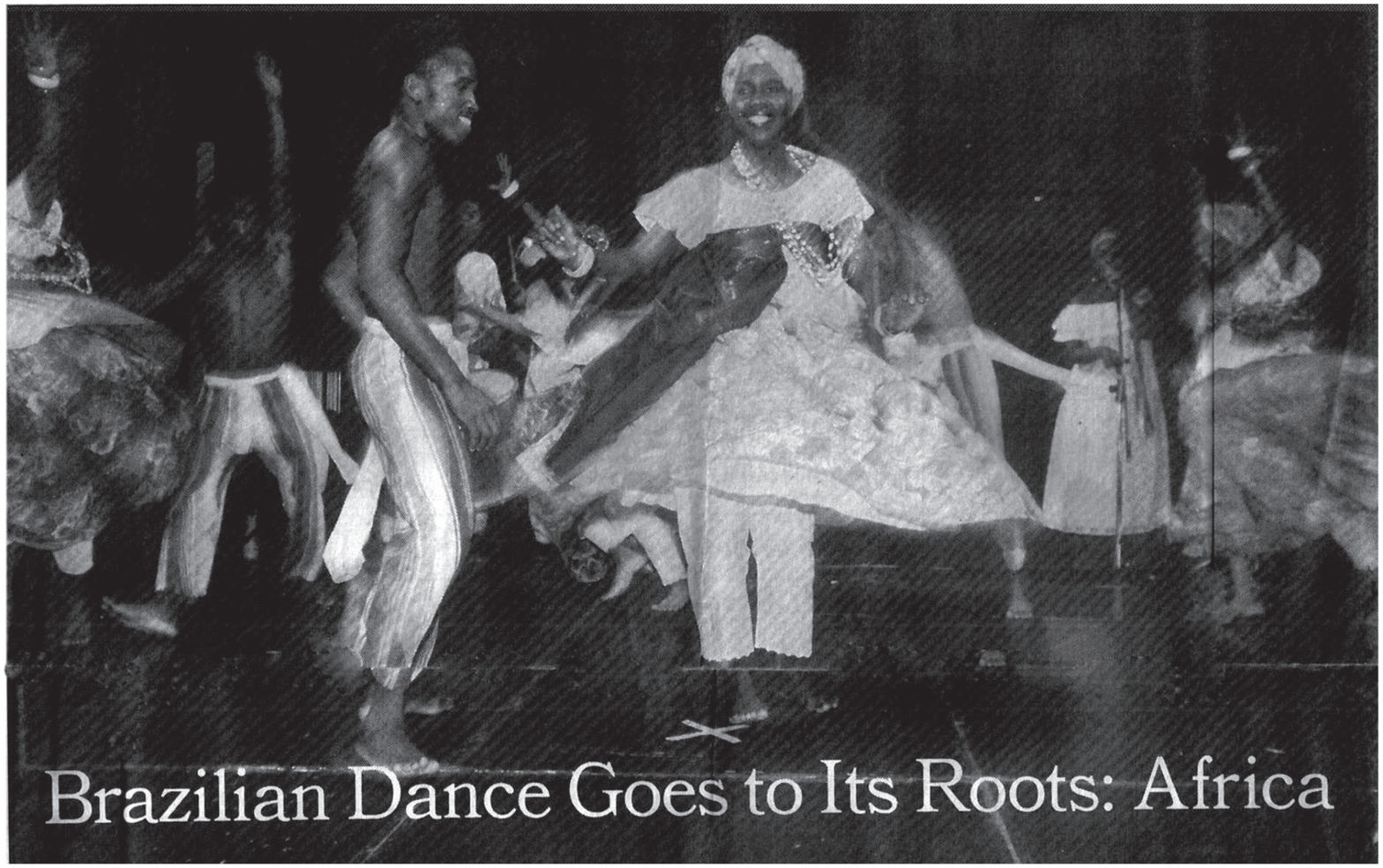
BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE NEW YORK TIMES

FEVEREIRO 1996

THE NEW YORK TIMES, SUNDAY, FEBRUARY 18, 1996

DANCE



Brazilian Dance Goes to Its Roots: Africa

John Maier Jr. for The New York Times

Members of the Balé Folclórico da Bahia rehearsing for the troupe's engagement at the City Center on Friday and Saturday—An attempt to move beyond the stereotypical images of Brazilian culture.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

By DIANA JEAN SCHEMO

The exuberant Balé Folclórico da Bahia celebrates the rhythms and rites of a rich cultural heritage that was once repressed.

SALVADOR DA BAHIA, Brazil

ONE MINUTE TO SHOW TIME. The dancers of the Balé Folclórico da Bahia — regal in straw and sabers, bells and miles of tulle — represent the African gods that came with blacks brought here as slaves. Soon the deities will swagger and swirl and flicker like flames, but now they join hands in a circle and lower their heads. "Our Father, who art in heaven," they begin.

Here in the state of Bahia, the heart of black tradition in northeastern Brazil, a cultural Mixmaster of a country, once-outlawed elements of African candomblé blend openly with the Roman Catholicism of the former European masters and the cabocló beliefs of the indigenous peoples. Twenty years after an upstart band called Ilê Ayé was threatened with beatings and prison for playing street-corner drums loud as a soul can stand, the African culture that Ilê Ayé aimed to revive has borne fruit with an awe-inspiring explosion of dance, music, religion and rituals. Along the way, the heritage that was once repressed has become a source of celebration.

The Balé Folclórico, which will perform at City Center in Manhattan on Friday and Saturday as part of its first tour of the United States, draws heavily on African rhythms and rites from candomblé, the religion of southern Nigeria that is still practiced in much of Brazil. While the group's repertory includes the well-known sambas and capoeira, whose intricate, airborne moves may at times seem more dance than martial art, its most unusual pieces are more like archeology in movement, showcasing the richness of beliefs and the changes they have undergone.

"What do people know of Brazil?" asked Walson Botelho, the general director of the Balé Folclórico. "Mulattas, samba and soccer. And what we want to show has nothing to do with that."

Mr. Botelho, an anthropologist and former dancer who gambled all his savings on starting the troupe seven years ago, has formed an ensemble trained in classical ballet, modern dance, African and Brazilian dance. The company has been hugely successful in Europe, where it has toured several times. In September, it will lead the Lyons Biennial's festival, which this year will focus on Brazilian dance.

Writing in The New York Times at the last Lyons Biennial, when the Balé Folclórico performed in a program devoted to the the influence of Africa and its diaspora on modern dance, Anna Kisselgoff praised the company's exuberance and said it vividly demonstrated "how roots can be both treasured and transformed."

On a recent Saturday, José Carlos Arandiba, the company's artistic director, watched the dancers rehearse "Dance of the Origins" with Mr. Botelho. The troupe practices in the back room of a neighborhood center, without air-conditioning, changing rooms or showers in the searing heat. They dance on a raised wooden platform, for the worn floor below seems like a map, missing vast islands of tiles.

"The whole ceremony is the telling of the history of our ancestors," Mr. Arandiba said of "Dance of the Origins." "The text is like a prayer. We call it orikiri in Yoruba."

A few minutes later, the dancers rehearsed "Afixirê" ("Dance of Happiness"), in which the rapid rhythms and movements, the swirling and tumbling seemed to send their spirits soaring along with their bodies. The dance ends in an explosion of movement and sound that is quite literally stunning.

Zenicardo, the company's 28-year-old musical director, said Afro-Brazilian dance engages him in a way classical ballet and modern dance do not. "All the repetitions in classical ballet, I do them to build my muscles and form, but I don't really feel anything inside," he said. "But with Folclórico, when I plunge and lift up, it's something that comes from inside. The music beats like my heart. It's a support that helps me draw strength."

Many of the dancers and others who work in the troupe have Yoruba names as well as Portuguese ones. The seamstress, known as Oba in Yoruba and Terezinha in Portuguese, is also a candomblé priestess. A few years ago, Mr. Arandiba said, he was choreographing a piece about war between the orixás and he relied on the company's seamstress to help him understand the deities and their essences.

Like other musical and dance groups that have flourished in Bahia over recent years, including Ilê Ayê and Olodum, the Balé Folclórico draws its richest talent from classes and social programs it runs for the children of poverty. On any weekend night the streets of Pelourinho, as the historic center of the city is called, resound with percussion groups playing so loud and lively that people passing by break into dance almost involuntarily.

Mr. Botelho, who was initiated into candomblé after being raised as a nominal Catholic, had to learn anew all the movements of everyday life as part of his spiritual rebirth. Though his father is black, like many middle- and upper-class Brazilians, Mr. Botelho said he had been taught to denigrate the African traditions and rituals as primitive. For the children of the shantytown blacks he teaches, however, the dances and rituals sprang more naturally from practices that had never left their lives.

AT A LAKE NEAR THE AIRPORT, for example, Mr. Botelho, who is 33, now finds himself entranced by the movements of the women who do laundry on the banks. They squat over the clothes, shoulders and backs moving rhythmically, and lay the colored fabrics out to dry on the white sand, like the flags of faintly remembered countries.

He also finds inspiration in the fishermen and their wives, who are depicted in a piece called "Puxada de Rede," or "Fisherman's Dance." The piece's central figure is Yemanjá, the goddess of the sea, to whom the fishermen and their wives pray — first for safety, then for sustenance. Yemanjá's hooped skirt becomes a fisherman's net, under which the women of the Balé Folclórico swim like fish, and later a boat that brings the day's catch home.

"Bahians do see themselves as a folkloric people, steeped in tradition, living in a place where the past is always being conjured up," Barbara Browning, the author of "Samba: Resistance in Motion," said in a recent interview.

"In the 'academies' of capoeira," Ms. Browning wrote in her book, "masters continually remind students of the historical significance of what they are learning." Capoeira, it is believed, emerged as a way of slaves practicing self-defense for an eventual escape, in movements that could readily be transformed into dance should a slaveholder approach unexpectedly.

"As they go through the motions of capoeira, they are also embodying a historical racial struggle," Ms. Browning wrote. "This literal embodiment of a tradition is perhaps the most important lesson."

John Mader Jr. for The New York Time

Members of the Balé Folclórico with José Arandiba, the troupe's artistic director (in white tank shirt).



The samba as danced in Bahia is earthy, unlike in Rio de Janeiro, where it may appear more elegant.

ROSÂNGELA SILVESTRI, who choreographed "Afixirê" and several other dances for Balé Folclórico, uses this concept in her piece "Xingá," which means both the basic steps of capoeira and a way of movement through life. "If you see the hip movements of the Bahians, when we walk, it's like we're dancing," she said in a telephone conversation from her home in New York City, where she teaches at the Balé Hispanico and at the Steps Studio.

Ms. Silvestri said she traced "the quality of movement" in her body to her great-grandmother: "the shoulders, the legs, the primitive squat, all of the movements she had when she used to cook." The dancers of the Balé Folclórico, Ms. Silvestri said, "came from the same reality."

It is a mixture of religions, along with rhythms, experiences and cultures, that distinguishes the African dances of Bahia from the religious dances of Africa and, even more so, of Rio de Janeiro, where the samba may appear more elegant. Here, samba is earthy: feet flat, knees bent, bottoms out, creating a second axis for the rhythms of the hips, legs and feet.

"Nothing is really pure," she said. "Day by day, everything changes. Brazil is a very mixed country, and thank God."

These trends in dance and music here explode at Catholic festivals, like the washing of the church steps, in which the faithful dress in Yoruba costumes to clean the steps of various churches in Bahia. The pinnacle is Carnaval, the pre-Lenten parade and street festivals, now heavily influenced by the celebration of Bahia's African roots.

"Bahians really live for Carnaval and everything that leads up to it," said Ms. Browning, who spent several years living in the poor neighborhoods of Bahia, where she learned capoeira and gave herself over to candomblé.

On the eve of the company's first tour to the United States, Mr. Botelho slipped out of the rehearsal hall as the drums were pounding.

"Do you think the Americans will be able to stand it?" he shouted, recalling that in Europe audiences covered their ears against the percussion section's cascade of sounds. He walked a few steps, looked back at the musicians and dancers, smiled and shook his head. "There's no other way to do it," he said.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE BOSTON GLOBE
FEVEREIRO 1996

The Boston Globe
WEDNESDAY, FEBRUARY 21, 1996

Brazilians swing with mix of modern, folk

By Elijah Wald
GLOBE CORRESPONDENT

Dance Review

The air was full of tropical bird-calls and faint, skittering noises. Strange, shadowy shapes loomed on the darkened stage. Then the shapes began to move: A towering T formation twisted and disentangled into two dancers; an oddly shaped object formed itself into a man in a headstand, legs splayed wide, then flowed down to the floor. It was the "Danca de Origem," a creation dance, and from the primeval ooze the Balé Folclorico da Bahia was creating life.

It was a striking beginning to an enthralling show, and set the tone for what followed. While they describe themselves as Brazil's only professional folk dance troupe, the Bahians were far more Balé than Folclorico. Unlike last week's Cuban folk ensemble, they did not make any attempt to show a pure Afro-Latin tradition. Instead, while the music was traditional and the dancers' vocabulary included African stances and Brazilian *capoeira* martial arts moves, the grammar and syntax were those of modern dance.

In a way, it makes perfect sense. The *candomble* religious ceremonies that serve as inspiration for the dances blend African and Catholic ritual, so what could be more natural than to blend folk and modern art dance styles? In "Puxada de Rede," a traditional beginning led to a striking bit of stagecraft as the women of the troupe danced under the sea goddess' net skirt, turning it into a harvest of fish. The dance had changed, but the spirit was intact.

The imagination of the choreographers, and their marvelous use of space, were evident throughout. The dances were never allowed to slip into formless pageantry. Of course, the Bahian tradition gave them plenty of assistance. The slave-time "Maculele" dance, with its crashing martial sticks, and the windmilling kicks of a capoeira duel are the sort of thing that can hardly help being show-stopping displays.

The phenomenal "Afixire," based on a traditional African dance, found dancers vying with one another in athletic displays, and the whole group dancing with an energy that brought the hall to its feet.

BALÉ FOLCLORICO DA BAHIA
At: *John Hancock Hall, Sunday afternoon*

Brazil is internationally renowned for the variety and intricacy of its rhythms, and the Balé's five percussionists were past masters of them all. The two female singers were magnificent, and their emotional and dynamic range made any further instruments superfluous. On the group's final number, a wild "Samba Reggae" that flowed out into the theater and got the crowd up and dancing, they even segued into a samba version of "New York, New York." It was musically pretty dreadful, but also a lot of fun, and it was a perfect party closer.

The New York Times
Arts & Leisure
Sunday, February 18, 1996

DANCE

A troupe from the Brazil beyond samba and soccer.

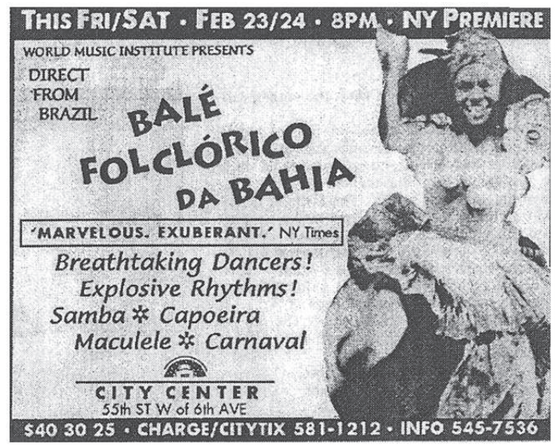
DIANA JEAN SCHEMO 7



John Maier Jr. for The New York Times

Ritual and tradition are at the center of the Balé Folclórico da Bahia's swirl.

THE NEW YORK TIMES
FEVEREIRO 1996



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE NEW YORK TIMES
FEVEREIRO 1996

The Living Arts
The New York Times
MONDAY, FEBRUARY 26, 1996



Jack Vartoogian for The New York Times

The Balé Folclórico da Bahia performing the maculelê, a martial-arts dance developed by African slaves in Brazil, at City Center.

DANCE REVIEW

Of African Descent, Purely Brazilian

By ANNA KISSELGOFF

Anyone who still thinks the dulcet tones of girls from Ipanema represent all of Brazil would have a change of heart, or pulse rate, after the New York debut of the Balé Folclórico da Bahia at City Center on Friday night.

Exuberant, indefatigable and virtuosic, the dancers, singers and drummers of this superb company from Salvador, Brazil's original capital, exploded with the Afro-Brazilian rhythms that are its special heritage. The population of Salvador, in the northern Brazilian state of Bahia, is largely descended from slaves from West Africa; it is this culture, although part of a larger melting pot, that gives Balé Folclórico its distinctiveness.

Forgotten gods, echoes of slavery and then the samba.

What Africa lost was found, or preserved and transformed, in Brazil. When I first saw the company at the 1994 Lyons Dance Biennial in France, it was part of a festival devoted to Africa and its diaspora. Bahia's customs, rites and dances were then put squarely in context by Walson Botelho, the company's general director and co-founder. "African culture is stronger in our part of Brazil than in some parts of Africa," he said, noting that several gods forgotten in Africa are still worshiped in Bahia.

And so nothing would be easier than to say that many of the dances that Balé Folclórico is presenting on its first United States tour share features of African dance (knees bent, feet flat on the ground, active arms). The musical instruments, including the single-string violin, the berimbau, have African antecedents.

But you wouldn't confuse the company's theatricalized folk dances and rituals with those of the Ballets Africains from Guinea, which is to perform at City Center on April 12-13 (both are presented by the World Music Institute). Balé Folclórico comes out looking purely Brazilian, especially in the directness with which its performers commune with the audience.

Pop styles and folklore mix in the way

Continued on Page B4

Continued From Page B1

Dora Santana, the astonishing lead singer, belts out every song, including "New York, New York" as an encore. The gaiety of the samba, seen in several versions, speaks more of urban streets in Brazil than of rural villages in Africa.

New York-based Brazilian dance groups have made the capoeira and the maculelê increasingly familiar. Balé Folclórico, in its highly choreographed presentations, gives these Brazilian signature dances a wider context.

The men's ferocity and vigor accent the martial in these martial arts that slaves originally developed in self-defense. As bravura display, the company's "Maculelê," with its sticks and blades flashing, and its "Capoeira," with its high-flying kicks, were electrifying.

These are the popular numbers that obviously attracted the audience, which spilled over into City Center's rarely used top balcony. Yet one should not play down the more lyrical dances that explore the everyday aspects of people's lives. Mr. Botelho's "Fishermen's Dance" was centered on Nildinha Fonseca as a sea goddess in a large hoop skirt and a mask of hanging pearls. Gliding and undulating, she was the fulcrum of a work dance. The men, propelling themselves from knee to knee or in a lively stamping pattern, caught the women like fish in a net that was the goddess's lace overskirt.

Mr. Botelho founded the company in 1987 with Ninho Reis. He and José Carlos Arandiba, the troupe's artistic director, have mined a trove of rich material. They have yet to clarify the extent to which they wish to theatricalize their sources.

For Ms. Fonseca and José Ricardo Souza, Mr. Arandiba choreographed a duet about two lovers on a beach whose legend was explained in the program but whose modern-dance stylization was an abrupt change from previous numbers. These included Augusto Omolú's "Origin Dance," whose creation-of-the-world theme was evident amid the dancers, who tilt backward as they brush their feet forward.

Generally, the festive dances lend themselves more easily to a fusion of styles. "Samba de Roda," staged by Mr. Botelho and Mr. Arandiba, swept in a fantasia of colored hoop skirts and a larger-than-life form of break-dancing for the men.

Amid all the recurrent acrobatics, there are constant subtleties of weight shifts and rhythmic changes that Rosângela Silvestre's choreography brought brilliantly into relief in three numbers. Among these was the pelvis-twisting and bare-breasted "Afixirê," which took the dancers into the aisles.

The City Center public, much more staid than the French, took some coaxing to get into the gyrating swing. No one could have been immune, however, to the infectious rhythms of the final "Samba Reggae," whose Caribbean strain demonstrated what Balé Folclórico shows off so dramatically: a confluence of traditions. The singers include Miralva Couto, and José Luis Nascimento was responsible for the virtuoso drum solo.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 71 29/04/10 02:18

THE WASHINGTON POST

MARÇO 1996

The Washington Post

SUNDAY

Arts

DANCE

IN CASE you think Brazil is only about soccer and samba, the Bale Folclorico da Bahia will prove otherwise. The 30-member troupe is Brazil's only professional folk dance company, and draws heavily on its homeland's African heritage: The 90-minute program features music and dance from the Nigerian-born Candomble religion as well as the martial art form capoeira, which came to Brazil by way of Angola. And there will be seasonal offerings from the famous pre-Lenten Carnaval street fest.

—Sarah Kaufman

At George Washington University's Lisner Auditorium, 730 21st St. NW. Friday at 8 p.m. $12.50-$25. 202-994-6800.



Bale Folclorico da Bahia draws heavily from Brazil's African heritage.

Brazilian dancers energized by Africa

By DIANE PETERSON
Staff Writer

Watch out, Santa Rosa. The Brazilians are coming this Thursday, and that means there's going to be dancing.

A lot of energetic, uninhibited dancing by the Bale Folclorico da Bahia. And don't count on it staying safely on the Burbank Center for the Arts stage.

By the end of the performance, it's going to spread like an infectious disease out to the neat little rows of pews and into the tightly-controlled aisles.

We're talking about the entire audience getting off their tushes, dancing to a samba-reggae rhythm in a — heaven forbid! — former church.

Which is kind of appropriate, because in Brazil, dancing *is* a religion.

And in Bahia, where this particular dance troupe is from, dance has always had deep roots in Africa and in the Afro-Brazilian religion of candomble, in which both mind and body participate together to call upon the ancient gods, known as orixas.

"Our culture in Bahia was practically formed by the African origin," says Walson Botelho, general director of the Bale Folclorico da Bahia. "We have Portuguese and Indian too, but the African is the strongest.

"In our performance, I just show this African origin because it is close to the people of Bahia. Capoeira, Samba de Roda . . . it makes part of our everyday life."

The 34-year-old Botelho — a dancer, choreographer and anthropologist — started the 30-member troupe of dancers, musicians and singers seven years ago in the city of Salvador in the northern state of Bahia. The company's artistic director is Jose Carlos Arandiba.

It is the only professional dance company in Brazil — a country roughly the size of the U.S. — and has won many national awards, including the Ministry of Culture's award for "Best Dance Company in Brazil" in 1993.

On the international scene, two of troupe's former dancers now perform with the Alvin Ailey Dance Company in New York.

"We work every day eight hours a day," says Botelho. "All the other groups in the Brazil, they just are together once a day. The musicians and dancers work in other jobs. That's why we are the only professional group."

Botelho's troupe left Brazil in January — the middle of summer for them — to embark on their current international tour. They started out in France, where they had previously participated in the 1994 Biennale de la Danse in Lyon.

Reporting on that festival, New York Times reporter Anna Kisselgoff wrote: "Of the 20 companies from four continents that performed in this French festival, no company better embodies the idea of black dance in Africa and beyond than this vibrant troupe from Brazil."

The Bale Folclorico da Bahia's current tour is their first ever in the U.S., and Botelho said they are very pleased so far with the reception they've been getting. "Audiences sing and dance with us." Their show at Zellerbach Hall on the U.C. Berkeley campus last Friday night sold out two weeks in advance.

Botelho spoke to the Press Democrat on Ash Wednesday from New York, where his troupe was enjoying a couple of days off from their 2½-month, coast-to-coast marathon tour.

If you've ever been to the city of Salvador, you know a different kind of marathon has been going on down there. For the past two months, the people have been consuming massive quantities of beer and dancing in the streets during weekly festivals dedicated to various orixas and saints.

These festivals culminate in five days and nights of all-out Bacchanalia known as carnaval, which comes to an abrupt halt on Ash Wednesday. (On one Ash Wednesday in 1982, at least one man in Salvador was seen still standing in the street at 5:30 a.m., dead asleep. Even the most energetic Brazilians have to rest sometime.)

While carnaval is universally celebrated throughout Brazil, it is only in Salvador that it exhibits such strong African connections. In fact, many anthropologists believe the African culture is stronger in Bahia than in some parts of Africa itself.



A member of the Bale Folclorico da Bahia portrays Ogun, the god of war and iron.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE PRESS DEMOCRAT

MARÇO 1996

Brazilian Troupe's Steps Are Full of Fight

■ **Dance:** One of Balé Folclórico da Bahia's presentations at OCC on Saturday will be 'Capoeira,' based on a martial-arts form that originated with slaves brought from Africa.

By BENJAMIN EPSTEIN
SPECIAL TO THE TIMES

Most people in the United States have heard of karate from Japan, kung fu from China, tae kwon do from Korea. But how many have heard of *capoeira* from Bahia?

Capoeira is a form of martial arts practiced for hundreds of years in Bahia, a northern state of Brazil, since the Portuguese first brought slaves from Africa. "Capoeira" also is the name of one of the dances to be performed Saturday at Orange Coast College in Costa Mesa by Brazil's Balé Folclórico da Bahia.

The connection between dance and defense is no coincidence.

"*Capoeira* was used in Bahia as both a fight and a dance," said the troupe's general director, Walson Botelho, reached by phone before performances in Berkeley. "The slaves would practice this martial art, but when their owners asked them what they were doing, they always said that they were practicing dancing. In fact, they were training to fight. We had many slave revolutions."

None, however, was successful.

"The most important was the Malé Revolution, [which had been planned in the 17th century by all the slaves in Bahia," Botelho said. "But one of the slave owners found out about it before it could happen. It was the revolution that didn't exist."

Capoeira, however, developed into something of a pastime in Bahia. Public demonstrations are common now, and kids perform it on street corners.

The company's program includes works based on other types of slave dances, as well as sambas and dances that celebrate Carnaval, among them "The Origin Dance" and "Fisherman's Dance," "Samba de Roda" and "Samba Reggae," "Ginga" and "Afixire."

The 30-member Balé Folclórico da Bahia, which also includes singers and instrumentalists, attracted an audience of 50,000 at its European debut at Berlin's Alexanderplatz Festival in 1992, and was singled out for praise from among 20 companies at the Biennale de la Danse in Lyon, France, in 1994.

The company's first U.S. tour began in Rochester, N.Y., on Feb. 9, includes stops in New York City, Boston and Washington, and ends March 29 in Lincoln, Neb. (A troupe spokesman noted that one number using costumes that can expose women dancer's breasts, OCC officials have requested that they wear tops under collars adorning their upper bodies. It's the only stop among 17 cities where they'll cover up.)



"The Fisherman's Dance" is a popular Carnaval number that the troupe will perform Saturday.

Botelho, who holds a degree in cultural anthropology from the Federal University of Bahia, cofounded the company nine years ago in Salvador, the Bahian capital.

"More than 10 million slaves came from Africa," Botelho noted. "Even today Bahia has the greatest concentration of blacks anywhere in the world outside of Africa."

According to Botelho, the link to Africa remains so strong that some gods no longer worshiped in West Africa continue to be acknowledged in Bahia.

He says that African culture in general is stronger in Bahia than in some parts of Africa. Yet that culture, and specifically the Candomblé religion, was outlawed until recently. Though he has since turned to Candomblé, Botelho, 34, was raised, at least outwardly, as a Catholic.

"Everybody now is giving validity to the black culture in Brazil," Botelho said. "Zumbi, for instance, was the leader of an area where runaway slaves could live free and rich. The Portuguese government tried to finish Zumbi but never had success. He died in 1695, so last year was a big commemoration of 300 years.

"Zumbi is now our most important hero. Until last year, he was always the symbol of slaves, but not a hero. The black movement in Brazil is growing up."

■ *Brazil's Balé Folclórico da Bahia performs dances of African origin Saturday in the Robert B. Moore Theatre, Orange Coast College, 2701 Fairview Road, Costa Mesa. 8 p.m. $20 to $27. (714) 432-5880.*



Balé Floclórico da Bahia's at OCC will blend more contemporary numbers, such as "Samba Reggae," here, with dances rootedin Brazil's slave heritage.

LOS ANGELES TIMES
MARÇO 1996

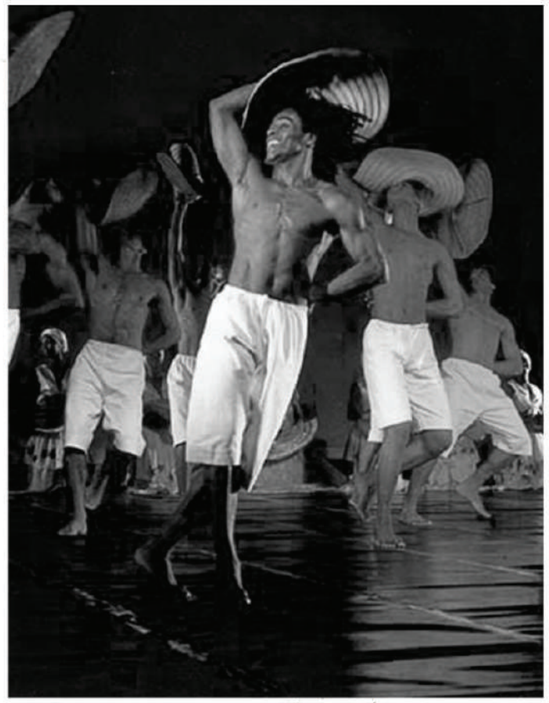
BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 73 29/04/10 02:18

SAN FRANCISCO CHRONICLE

MARÇO 1996

Bahians Turn Berkeley's Zellerbach Into a Dance Hall



'Puxada de Rede' (Fisherman's Dance) was performed by Bale Folclorico de Bahia at Zellerbach Hall in Berkeley

Infectious samba spills from the stage to the aisles

BY OCTAVIO ROCA
Chronicle Dance Critic

DANCE REVIEW

Brazilian song and dance is a lot more than samba, but that rhythm has a powerful way of making just about everyone want to dance.

The exuberant pulse of samba was strongest at the end of the Balé Folclórico da Bahia's intense, nonstop extravaganza at Zellerbach Hall Friday night as a medley of carnival songs choreographed by Jose Carlos Arandiba spilled over across the footlights and got the audience up and dancing in the aisles. It was a big, loud, sweaty and rambunctious finale to a slick, often surprising show.

The surprises come with the territory. Cultural borders are anything but clear in Brazil. Nowhere, except perhaps in Italy, are the connections between folklore and popular forms as alive and healthy as in the polyrhythmic worlds of Brazilian song and dance. Few places so proudly wear their cultural roots, from samba and choros to orchestral music and even the farthest reaches of the avant garde.

Only Mexico and Cuba among the New World's dance cultures rival the multicultural eurhythmics of Brazil's vast landscape. Something happened in Brazil that was like nothing else, a particularly happy meeting of the Latin sensibility's long melodic impulse and the propulsive energy of African music. These dancers move to the heartbeat of a nation.

The African connection is what this troupe from Bahia brought to Berkeley. That is only part of the story. The cultural mix is different elsewhere in Brazil, where regionalism is a virtue. Sao Paulo, for instance, boasts an influential international school forever trying to expand the frontiers of electronic music. Rio de Janeiro these days is the setting of some of the most daring multimedia spectacles anywhere. In the state of Bahia, it is the West African ethnic roots of the majority of the population that define song and dance.

Walson Botelho, the Balé Folclórico's director, has said that African culture is stronger in Bahia than in some parts of Africa. He may be right. There is certainly nothing quite like these dancers among African dance companies, and few celebrations of the pre-Muslim African deities as raw in impulse or as beautiful.

The real surprise of the last moments of the 90-minute show at Zellerbach was the sudden appearance of what most of us know as Brazilian song, belted out by Dora Santana. During the rest of the evening, she and Miralva Couto mostly chanted soulful vocalises that were but an element among many in the complex rhythmic fabric — far from the heart of Latin song.

The sounds instead never drift-

BAHIA: *Page D3 Col. 3*

BAHIA: Melding Brazil's Dance Traditions

From Page D1

ed from African rhythms. Even general director Botelho's own "Puxada de Rede" (Fishermen's Dance), a prayer to the sea goddess Iemanja, never allowed its languid pace to stray from the coming ebullience of the climax. Most of the 10 short dances that made up the varied program were fast and narrative, with Arandiba's choreography flirting with other pop dance forms more than Botelho's or Rosangela Silvestre's.

For all their unmistakable African flavor and pulsating beat, the dances of the Balé Folclórico da Bahia cannot be called authentic. A touch of diluted Bob Fosse in the love duets, of Asian martial arts in the traditional "capoeira" fight scenes and of Grahamesque floorwork throughout stood out in all the wrong ways.

These extraneous features were never integrated into the company's chosen Afro-Brazilian style, as other major folk dance troupes have done with their own folk roots. Think of the National Ballet of Spain's daring transformation of the flamenco idiom or, closer to home, of the Ballet Folklorico de Mexico's brilliant appropriation of Mexico's own multicultural riches into a vibrant new dance tradition.

Bahia's exciting troupe does not aim that high, at least not yet. The Balé Folclórico was founded by Botelho in 1987 and may eventually find its way to meatier dance fare, but what it has already is certainly entertaining.

Sparks flew from clashing machetes in Botelho's "Maculele" and the dancers themselves seemed to fly in the retelling of the creation myth in Arandiba's "Berimbau" — both inspired by Bahian folklore. The biggest hits with the audience on Friday were "Femeas" (Females), Silvestre's wild romp for bare-breasted women, and the epic "Samba Reggae" that Arandiba choreographed for the finale. It was hard not to get up and dance along. So we did.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 74 29/04/10 02:18

PENISULA DAILY NEWS

JUAN DE FUCA FESTIVAL OF THE ARTS

PRESENTS

BRAZIL'S BALE FOLCLORICO DA BAHIA

With special guests: The Port Angeles High School Jazz Ensemble

"Shout, wiggle and roll to the irresistible rhythms of Brazil."
The Australian

"This exuberant, uniquely Brazilian group should absolutely be seen."
The New York Times



Sat., March 22
7:30 p.m.
Port Angeles High School Auditorium

Energy explodes uninhibitedly in the African derived dances of this marvelous company, the only professional folk dance company in Brazil. The 30 member troupe of dancers, musicians and singers performs Bahian dances of African origin, including slave dances, copoeira (martial arts), the samba, and Carnival dances. Just back from a sell out tour of Australia, this will be their only performance in Western Washington.

TICKETS
A SEATING: RESERVED ~ $20. JFFA MEMBERS $17
B SEATING: GENERAL ADMISSION ~ $17. JFFA MEMBERS $15
TICKET OUTLETS
PORT BOOK AND NEWS. P.A. PACIFIC MIST BOOKS ~ SEQUIM. CHARGE BY PHONE ~ 360-457-5411, OR PURCHASE AT THE DOOR

These activities supported in part with funds provided by the Western States Arts Federation (WESTAF), the Washington State Arts Commission, and the National Endowment for the Arts.

Sponsored by the
Peninsula Daily News

MARÇO 1996

WASHINGTON CITY PAPER

CityPaper
WASHINGTON'S FREE WEEKLY VOL. 16 NO. 11 MARCH 15–21



MARCH 15

Balé Folclórico de Bahia

In Brazil, dance is not merely recreation; It's an expression of spirituality, a means of self-defense, a way of keeping history. In the city of Salvador, in the northern state of Bahia, this history is deeply African. (Some customs, ironically, are better preserved in Bahia than they are in the Motherland.) Balé Folclórico de Bahia celebrates this African history and its influence on Brazilian culture with the troupe's first U.S. tour. Performing everything from samba to slave dances to the martial art *capoeira*, the troupe incarnates the African belief that the arts are integral to living. The performance, which at times includes modern dance works, is enhanced by live musicians and singers, as well as the dancers' own fantastic costumes. To conclude their shows, members of the company often move beyond the stage, pulling the audience into the intoxicating rhythms, reminding viewers of our ancient origins. At 8 p.m. at George Washington University's Lisner Auditorium, 730 21st St. NW. $25. (202) 994-1500. (Holly Bass)

MARÇO 1996

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

LINCOLN JOURNAL STAR

MARÇO 1996

Lincoln Journal Star
Saturday, March 30, 1996

Dance, music lovers get treat

BY GAIL OGDEN
Lincoln Journal Star

Dance review

What a treat for dance and music lovers Friday night at the Lied Center for Performing Arts. A tropical storm of sustained energy and exuberance blew into Lincoln in the guise of Brazil's Bale Folclorico Da Bahia.

Fifteen dancers, five musicians and two singers worked together to create the many moods of indigenous dance from the northern state of Bahia. The well-paced folk dance program, performed without an intermission, combined dance from African slaves with native Brazilian and European colonial influences.

The movement of the dances was left in its simple state, yet all were staged with an eye for theatrical presentation by using spatial arrangements, canons, and call and response. The wonderful costumes combined grasses with animal skins and bright fabrics. Headdresses ranged from turbans to more elaborate and decorated arched wood stick creations.

The performance opened with "Danca de Origem," a stylized depiction of the creation of the universe as based on an African religion from the 16th and 17th centuries. By using multi-focus over the entire stage, the piece introduced the audience to some of the movements that would be seen later, the music and the singers.

A fisherman's dance, "Puxada de Rede," followed. Also based on folklore, the goddess of the sea carried a large fan and was costumed in a large flowing skirt that looked like a large gourd. She represented the fertility and life-giving aspects of the sea for these people. Large hats were swung around, as if catching a harvest, arms rowed boats, and the wives of the village were caught in the nets of the goddess' skirt to ensure a large catch.

"Maculele" showed the development of one of the martial arts used by the slaves of sugar plantations to protect themselves against their owners. The male ensemble vigorously whacked sticks and machetes as they leapt around the stage. "Capoeira" was another Brazilian martial art represented in the concert. It is a form of kick boxing and was used to great effect in several of the dances that featured rapid roundhouse kicks.

"Berimbau" was the name not only of one of the sections, but of an interesting instrument made from a small gourd attached to the back of a bow strung with a wire. The musician used a stick on the wire and his upper body with the gourd to change pitches while he accompanied a duet based on a Brazilian-African legend. The duet transitioned into a festive market scene complete with swirling skirts and social interaction.

"Afixire" (a dance of happiness) and "Samba Reggae" (with music of Bahia's carnaval) concluded the program with one long celebration. Brilliant colors, flashing non-stop movement and infectious rhythms led to audience members joining the dancers in the aisles.

The company performed as an ensemble with dancers taking turns to showcase their individual talents. The naturalness of the movement and uninhibited sensuality of the dancers was intrinsically tied to the music. This company was a reminder of the joy derived from dancing when it is an integral part of society.

They were happy to be performing and it showed. What a welcome greeting to spring in Nebraska!

MINNEAPOLIS STAR TRIBUNE--MARCH 23, 1996

Brazilian dancers, drums keep audience on its feet in Northrop's aisles

By Mike Steele
Star Tribune Staff Writer

An old theatrical saw leaves people rolling in the aisles, though truth to tell, I've never actually seen that, even in one aisle. However, I have now seen a considerable number of people dancing in the aisles, and I mean all the plentiful aisles at Northrop Auditorium.

The motivator behind all this moving was the Bale Folclorico de Bahia from northern Brazil, a troupe of hypercharged young drummers and dancers — supple, fluid, muscular, sensuous — whose kinetic performances Friday night defied one to sit still.

Energetic, exuberant and technically virtuosic, this troupe came bounding in on the pulse-quickening beat of Afro-Brazilian rhythms culled from an unusual blending of cultures. The population of the state of Bahia is largely descended from West African slaves, and it's African dance that's at the base of the work. Added to that are influences from native Indian dance and from European styles brought in by the Portuguese who colonized the area.

It is interesting that African styles that have been lost in Africa are still alive in Bahia, as are some African gods still worshipped in Brazil but forgotten in Africa.

The African influence is most apparent in the groundedness and earthiness of the movements, the feet flat on the ground contrasted with quick, darting leaps, swooping arms, pliable upper torsos, rotating hips and an open embrace of the sensual joys and sexuality of dancing.

It's thrilling and steamy stuff, rolling on the wave of some of the wildest yet most complex and sophisticated drumming around, along with two full-out female singers and the occasional soloist, and, most prominently, what has to be the greatest single-string violinist anywhere.

Most of the 10 dances had some kind of narrative, usually typical folkloric stuff dealing with meetings and flirtings and showing off or, more often than is usual, dances about gods.

But others are distinctly unusual, including "Femeas," a dance celebrating the force and energy of black women (and the women in this troupe are as forceful as it gets), and "Maculele," a rousing warrior dance that includes sparks flying off clashing swords, or the powers of a couple of samba-dominated numbers that were created by slaves to pass the hours and are now Brazil's national dance.

It culminated in a big samba-reggae piece celebrating carnaval, a time of revelry just before Lent. Musically and stylistically it's a blend of cultures, including Caribbean, and it blew the roof off. Well, like rolling in the aisles, you have to take that figuratively. But when a few dancers left the stage and headed toward the audience, it didn't take much for that audience to explode into movement. The drums were thunder. The mood was ecstatic. The place vibrated.

When I left, the roof was still in place, but it was about the only thing that was.

Dance review

Bale Folclorico da Bahia

- **Who:** Brazilian folkloric dance.
- **Where:** Northrop Auditorium, University of Minnesota, Minneapolis.
- **Review:** This troupe left them dancing in the aisles, blown away on a wave of exuberant dancing and drums.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

MINNEAPOLIS STAR TRIBUNE

MARÇO 1996

BOOK 20 ANOS BFB.indd 76 29/04/10 02:19

The Columbus Dispatch
Thursday FEBRUARY 20, 1997

Brazilian dance group breathtaking

By Tim Feran
Dispatch Arts Reporter

DANCE REVIEW

Mardi Gras came one week late to the Wexner Center for the Arts last night.

The reason: Brazil's Bale Folclorico da Bahia performed an energetic program of propulsive dancing. By the end of its performance at Mershon Auditorium, the company had half the audience clustered at the edge of the stage, jumping and waving their arms to the infectious beat of drummers.

The other half of the audience was probably too dazed to move.

The evening began with several folk pieces that depicted legends and traditional movements.

Danca de Origem presented the creation of the universe as interpreted by an African religion taken to Brazil by slaves during the 16th and 17th centuries. African movements (flat feet, bent knees, arms pushing and pulling) and costumes were woven together in the dance narrative.

Puxada de Rede — the Fisherman's Dance — offered male dancers in attire that was more European and movements that suggested both ballet and gymnastics. A woman dressed as the goddess of the sea often seemed to offer a physical approximation of the ocean through her billowing skirt and flowing arms and torso.

The male performers literally showed their feathers while in costume for *Maculele*, which celebrated the sugar cane harvest. The men spun and strutted with sticks (or, perhaps, sugar canes) and finally sparred with machetes that threw off sparks as they struck.

The crowd-pleasing quotient went up even more as one of the musicians played the *berimbau*, a single-string instrument with a gourd at one end. After he played a beat he paused, waiting for the audience to delightedly clap in response.

With no intermission and barely a pause to change scenes, the program roared along ecstatically. Back flips, handstands — one dancer walked on his hands down the stairs from the stage — and the *capoeira*, a windmill-kicking martial arts dance, flowed at hurricane force.

But it was *Afixire* ("dance of happiness" in the African dialect of Yoruba) and *Samba Reggae* that turned the theater into a carnival. As the brawny men and lithe women — unabashedly half-naked — began to shake and shimmy to the hypnotic rhythm of drums and chants, the tropical heat surged from the stage.

THE COLUMBUS DISPATCH
FEVEREIRO 1997

BALE FOLCLORICO DA BAHIA
Brazil's melting-pot heritage will be masterfully interpreted by one of its foremost folkloric troupes, which is returning to Boston for a four-performance run at the Emerson Majestic Theatre, 219 Tremont St. Sizzling sambas and the dazzling maculele will be performed by this ensemble of dancers, musicians, and singers under the artistic direction of Jose Carlos Arandiba. Tonight at 7:30, tomorrow and Sat. at 8 p.m., Sun. at 4 p.m. $20-$30. 876-4275.

THE WASHINGTON POST
FEVEREIRO 1997

BRAZILIAN BEAT
Folk dances and music drawn from three influences—African, Portuguese and the native Indians of Brazil—are presented by the acclaimed Brazilian troupe, Bale Folclorico da Bahia, Saturday at 8 and Sunday at 3 at George Washington University's Lisner Auditorium, 21st and H streets NW (Metro: Foggy Bottom). Tickets are $25 from Ticketmaster, 202/432-7328 (service charges); for information, call 202/994-1500.



BALE FOLCLORICO DA BAHIA
ale Folclorico da Bahia performs this eekend at GWU's Lisner Auditorium.

THE BOSTON GLOBE
FEVEREIRO 1997

THURSDAY: BALE FOLCLORICO DA BAHIA OF BRAZIL PERFORMS AT EMERSON MAJESTIC THEATRE



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 77 29/04/10 02:19

THE BOSTON GLOBE

The Boston Globe

THURSDAY, MARCH 13, 1997

Bahia dancers return with new delights

By Elijah Wald
GLOBE CORRESPONDENT

As a rule, World Music avoids bringing the same group into town two years running, for fear of exhausting its audience. A striking exception is the Balé Folclórico da Bahia, whose two shows last year at John Hancock Hall were so successful that it is back for a four-day run Thursday through Sunday at the Emerson Majestic Theatre.

In light of last year's visit, it is easy to see why the 23-member company is getting this sort of treatment. It is the most polished and exciting African diaspora dance ensemble to come here in recent times. Founder Walson Botelho is an anthropologist and dancer from Brazil's northern province of Bahia, the heartland of Afro-Brazilian culture, and he has a gift for combining ancient traditions with a sure theatrical sense.



Balé Folclórico da Bahia comes to the Emerson Majestic Thursday.

This year's program includes most of the highlights of the old show, plus a new introductory section, "Oxalá's Court," which has already won international awards.

"It is a piece about Candomble, the Yoruba religion brought to Brazil with the slaves," Botelho explains during a phone interview, speaking with a thick Brazilian accent. "We show some of the most important rituals. We start with the offering to Exu, the god that makes the bridge between the human beings and the gods, then we show the initiation of the new adept in the religion, 'Yaó's Initiation.' In Yoruba, Yaó means woman, but in Candomble, even if you are a man, you are considered the wife of the gods, so we use the same word for a man or a woman."

This section ends with "Pantheon dos Orixás," a procession of the main Candomble gods, from Ogun, the god of iron and war, to Iansá, the goddess of storms and winds, and Oxalá, the supreme creator of the universe. Botelho, who is himself a priest in the Candomble church, says that it was only in the last year that he felt capable of putting together such a piece.

"This was something that I wished to do since I formed the company. But it was very difficult. Before, I felt I was not prepared to work with these kinds of rituals. Because they are very sacred, and it's not possible to work with these without permission of the gods."

Because of his beliefs, Botelho approached the piece quite differently from his earlier work. "It's almost in the pure state. Even the fabrics for the costumes are the same that we use in the original religion. I told to the dancers, 'I don't want technique in this piece. I want this piece like we can see in the rituals.' Because in the rituals, we don't have choreographers, we don't have rehearsals. Of course, if you put a thing on a stage, you have lights, sound, microphones, you have many things that are not natural, but I wanted it as natural as possible."

As for the rest of the show, there is a traditional fishermen's dance that ends with the dancers squirming like fish in the net skirt of the sea goddess, Iemanjá, the dramatic "Maculele" stick dance, and a piece based on the martial arts form capoeira. Three contemporary Afro-Brazilian pieces are also featured – a modernist depiction of the creation of the universe, the acrobatic showcase "Afixire," and "Samba Reggae," a carnival dance that ends with the dancers snaking through the audience and urging everyone to join in.

For Botelho, such outreach is at the heart of his work. His dream is to bring Bahian culture to the world, and to forge links between African Americans – of both Americas – and their root traditions in West Africa. His only regret is that, for the moment, the company is touring constantly, so it has been impossible to develop new pieces. In the next year, it will have only six weeks in Brazil, between tours of the States, Europe, Lebanon, and the Caribbean.

After years of obscurity, though, Botelho is not complaining. "Three years ago we had none of this. We had many difficulties, in terms of how to survive in Brazil with minimal money, how to maintain the company. So now we are in the right moment to do this, and we cannot lose it. We are far from our families, and it is very difficult for many of us, but this is our moment, and I think it is our life."

▶ *Balé Folclórico da Bahia, presented by Emerson Majestic Theatre, runs Thursday through Sunday. Telephone 876-4275.*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

MARÇO 1997

Balé Folclórico: the world in a whirl

By Christine Temin
GLOBE STAFF

Balé Folclórico da Bahia opened last night's program – the first in a four-day Boston run – with a gorgeous dance that explained how the world began. An intermissionless hour and a half later, the company closed the show with an abandoned "Samba Reggae" that celebrates the most recent rhythm to rule in Bahia, the northern Brazilian state that the company calls home – although Balé Folclórico has become so wildly popular in Europe and North America that it rarely *is* at home.

Dance Review

The popularity is deserved. This is an extraordinary company, with an extraordinary, if brief, history. It's only 10 years old, but taps ancient traditions, those of African slaves brought to Brazil by the Portuguese landowners who colonized that country beginning in the 16th cen-

DANCE, Page C12

■ DANCE
Continued from Page C1

tury. The 23-member troupe draws on the country's rich cultural stew; ingredients range from the African religion called Candomble to the form of martial arts known as capoeira.

Cultural diversity you'd expect from a Brazilian company. What's more surprising is the diverse dance sources the company draws on. West African dance, with feet flat to the ground and knees bent as if to get even closer, is just one. You can also see varieties of modern dance, jazz, and even ballet, especially in the flamboyant leaps done mostly by men – but also by the women. This is a company that celebrates both sexes equally. It's also a company in which the musicians move and the dancers drum, the two arts so perfectly wedded you sense that's what the gods intended. It's a company that is often loud and fast, then louder and faster, but one capable of delicacy, too. For instance, in "Puxada de Rede (Fishermen's Dance)," choreographed by company cofounder and general director Walson Botelho, a woman in a froth of green tulle slithers across the stage like some magical underwater creature. This sea goddess floats, drifts, and shimmers; eventually, her tulle gown becomes a vast net, with women trapped underneath it squirming with the desperation of just-caught fish. The dance is a ritual request for a plentiful catch.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA
Presented by World Music
At: *Emerson Majestic Theatre last night. The company dances a slightly different version of this program tonight, tomorrow night, and Sunday afternoon.*

In complete contrast to the sea goddess's ethereal gestures are those of men in a "Capoeira" dance, who look like warring, whirring Cuisinart blades. Anyone in the path of this action would be chopped to bits. Elsewhere, men make a breathtaking entrance with *slow* cartwheels, the timing itself a feat, then launch into acrobatics including aerial flips and walking on the hands. The bravura steps, though, are always woven into a narrative or theme as well as into a rhythm: They're never mere stunts.

That first dance, "Danca de Origem (Origin Dance)," offers a dazzling tableau bathed in mist and lurid colors. To the sounds of a primeval forest, the dancers seem to act out all the world's creatures, those that crawl on the ground, stalk the woods, and fly through the air, as if calling them all into being.

The dancers' energy never flags, although most of them are onstage most of the time. They connect freely with the audience throughout the show – until at last they explode off the stage, charge through the aisles, and rouse spectators to join in. Most of those summoned do get up and dance – giving new meaning to the expression "rolling in the aisles."

BOOK 20 ANOS BFB.indd 78 29/04/10 02:19

BOSTON HERALD, SATURDAY, MARCH 15, 1997

Brazilian troupe's show is electrifying

Dance

REVIEW/by Bob Young

Bale Folclorico da Bahia at the Emerson Majestic Theatre, Thursday night, tonight and tomorrow.

On its return to Boston on Thursday night, Brazil's Bale Folclorico da Bahia did far more than honor the traditions of its homeland.

The dancers unified the earthiness and spirit of their culture in a celebration of Afro-Brazilian dance and music so electrifying it stirred audience members to fill the aisles and salute them with their own moves by evening's end.

If you've never seen these dancers, go out of your way to catch their final shows tonight and tomorrow afternoon at the Emerson Majestic Theatre. Their appearance here will stand up as one of the events of the year.

The 23-member group created an organic whole from inspired ingredients: imaginative choreography, sophisticated and athletic dancing, gorgeously inventive costumes, and the polyrhythmic power of their region's music. At times the stage was a carnival of jubilation, at other times a deeply moving homage to Bahia's spiritual culture.

The "Folclorico" part of the company's name suggests an ensemble that's a lot tamer than it actually is. While founder, general director and choreographer Walson Botelho aims to blend the roots with the contemporary, Bale Folclorico da Bahia is decidedly hot.

Five percussionists and singers Miralva Couto and Dora Santana, set up at the rear of the stage, were storytellers and rhythmic propulsion throughout. On the opening "Danca de Origem" — a dance of creation in the Candomble African-based religion — the musicians and singers moved from a languorous tempo and ethereal chants to a tense fury, prodding the dancers to wild ecstasy by song's end.

In "Puxada de Rede," or "Fishermen's Dance," both male and female dancers moved in slow twists and turns around an undulating goddess of the sea, never repeating a movement and conjuring up a breathtaking aura of otherworldliness.

And then, a darkened stage and a few beats later, it was onto the "Maculele," an incredible eruption of energy that pitted the male dancers against each other in acrobatic mock stick fights rooted in Brazil's colonial era. Wooden sticks gave way to swords so by the piece's end sparks are flying, literally and figuratively.

Botelho's inventive pacing and genre-blending made surprise the watchword of the evening. And his skilled dancers, who understood subtlety as well as sheer physicality, made it all work.

The troupe, considered by many Brazil's finest, showed the range of its talents everywhere. They startled with their sweet accompaniment to the berimbau, a melodic string instrument, and then startled again later in the same tune with their wildly free and amusing interpretations of raw street dancing.

THE BOSTON HERALD
MARÇO 1997

PENISULA DAILY NEWS
MARÇO 1997



Bale Folclorico da Bahia features a blend of cultures — African and Latin American — in folk dances from Brazil. The group's dances blend slave culture and martial arts with the samba and carnival music. They will present a dance workshop Friday and performance Saturday in Port Angeles in addition to a school program.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Peninsula Daily News | Thursday, March 20, 1997

Let's Dance

Karen Burns
Peninsula Daily News

PORT ANGELES — They've performed to sell-crowds in Boston, New York City and Washington, D.C.

Critics are raving about them.

Crowds are dancing in the streets after performances.

What's all the fuss?

It's Bale' Folclorico da Bahia — the only professional folk dance company in Brazil. And the group is coming to Port Angeles.

What that means is more than 30 dancers, musicians and a choreographer who bring a mix of samba and slave dances to the stage.

It represents the 'carnival' side of places like Rio de Janeiro and the historic side — with its African roots.

When slave ships were docking in America, they were also headed to South America.

The company comes out of the northern region of Brazil called Bahia. That's where there are still strong ties to Africa. Several gods forgotten in Africa are worshipped there even today, according to the company's co-founder.

One dance in the company's repertoire called Maculele, which includes sticks and blades, was used as a means of defense by the slaves against their owners.

The samba itself first appeared in Brazil as an entertainment practiced by slaves during their leisure hours.

What it boils down to is part "miracle," according to a newspaper in Lyon, France, and part "a must see" according to the New York Times critic.

"Exciting" is the way Karen Hanan refers to the group. Hanan, director of the Juan de Fuca Festival of the Arts, booked the group sight unseen.

The troupe, which formed in 1988, had already toured Europe but was new to the United States in 1995.

Hanan heard about the company through contacts with booking agents and planned a concert for the festival's year-long schedule of cultural diverse events.

That was more than a year ago. Since then, the group has been on a sold out tour of Australia.

Now, they're coming back to the United States. "They're big time," she said.

That puts the Port Angeles High School auditorium in the same league as big city opera houses, where the company has been performing to full (and enthusiastic) houses.

About 950 students will have more than a field day when they see a special program of this group in Port Angeles Friday.

"I hear audiences are out dancing in the streets after them," Hanan said.

Members of the company will be showing people just how to dance in the streets.

A workshop will be open to the public on Friday.

This is a athletic shoe kind of class — that may make aerobics look like a walk in the park.

"It's a great work out," Hanan said.



PREVIEW

Juan de Fuca Festival of the Arts presents Bale Folclorico da Bahia, a professional folk dance company from Brazil, in concert at 7:30 p.m. Saturday at Port Angeles High School auditorium. Tickets for reserved seats are $20/$17 for members. General admission is $17/$15. Tickets are available at Port Book and News in Port Angeles and Pacific Mist Books in Sequim, at the door or charge by phone at 457-5411.

Members of Bale Folclorico da Bahia will teach a dance workshop at 7 p.m. Friday at Fairview Elementary School. Tickets, which are $12 per person, are available by phoning 457-5411.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

TIMES-STANDARD

MARÇO 1997



Center Arts

Brazil's fast-paced dance group Bale Folclorico da Bahia will perform their unique mix of dance styles Tuesday on HSU's campus.

More than a Brazilian two-step

Bale Folclorico da Bahia lights up the world of dance

ARCATA — Bale Folclorico da Bahia will perform their unique Brazilian dance Tuesday on Humboldt State University's campus.

Founded in 1987, Bale Folclorico da Bahia has achieved considerable success in its short history. The 30-member company has toured to much acclaim throughout its own country and was twice named "Best Dance Company in Brazil" by that country's Ministry of Culture.

As a critic from the New York Times puts it, "energy explodes in the dances of this marvelous Brazilian company ... with its choreographed Carnival and slave dances, in the Capoeira — the high-kicking dances that are also a form of martial arts — and, above all, in the gaiety of the samba, this exuberant, uniquely Brazilian group should absolutely be seen in the United States."

Cover Story

Bale Folclorico da Bahia performs from a repertoire of authentic folkloric dance and music that is based on three influences: African — from the introduction of slavery in the late 16th century; Indian — from the indigenous peoples of Brazil; and European — through Portuguese colonization.

The only professional folk dance company in Brazil, the group presents the region's most important cultural traditions in a contemporary theatrical style that reflects its popular origins. These dancers, musicians and singers represent the history, the beliefs, the colors, the music and the movement of the people of Bahia.

The show begins at 8 p.m. in Van Duzer Theatre on the Arcata campus.

Tickets are $17 general, $13 for seniors and HSU students, available at the Works, New Outdoor Store, the Metro and the University Ticket Office.

- **What:** Bale Folclorico da Bahia
- **When:** 8 p.m. Tuesday
- **Where:** HSU's Van Duzer Theatre
- **Cost:** $17/$13

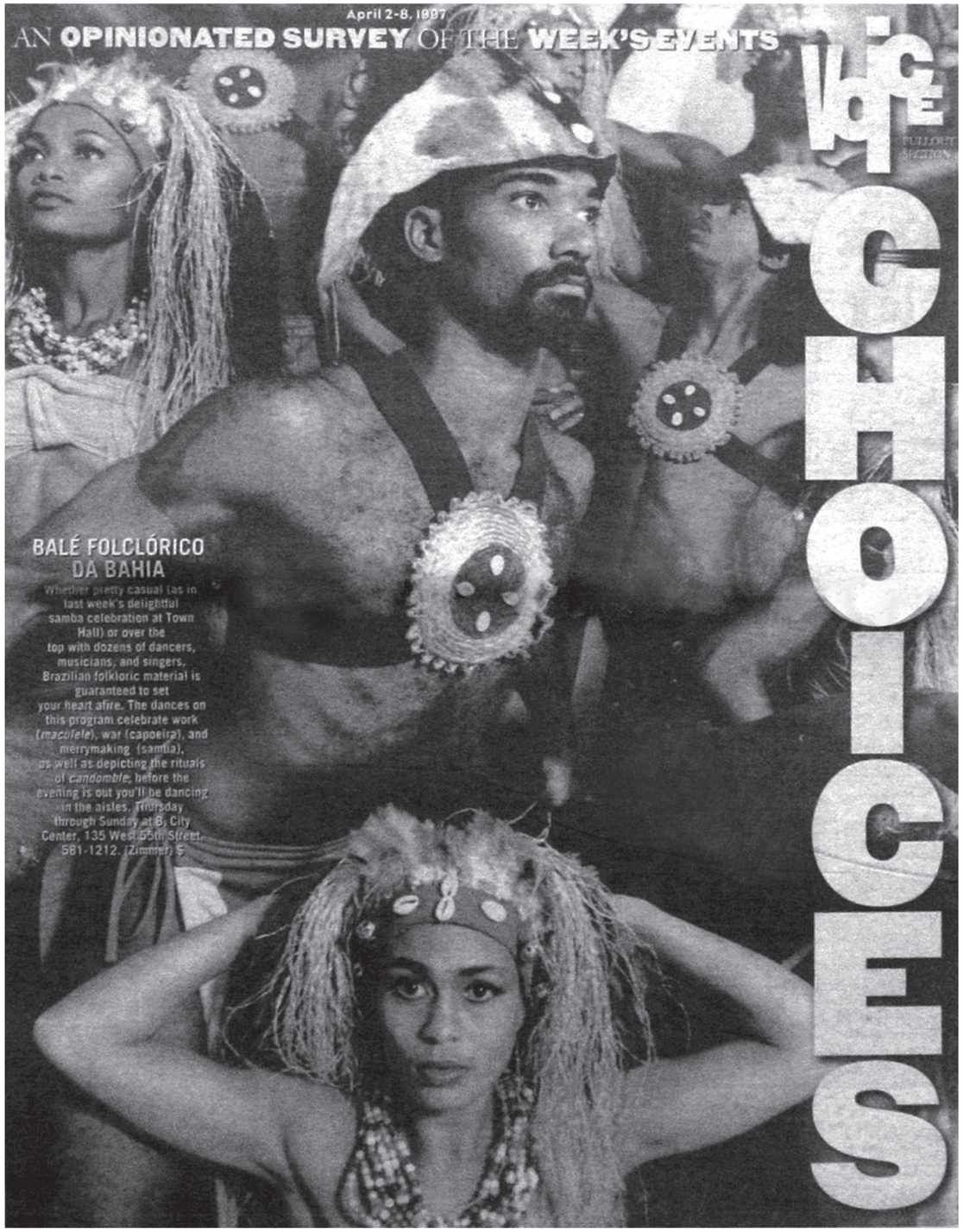
More information is available by calling 826-3928.



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

VILLAGE VOICE

ABRIL 1997





BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 82 29/04/10 02:19

THE NEW YORK TIMES

ABRIL 1997

The New York Times

DANCE REVIEW

Bodies Clash and Spirits Soar in a Brazilian Hoedown

By JACK ANDERSON

These dancers made a spectacle of themselves in the very best sense. Balé Folclórico da Bahia presented a program on Thursday night at the City Center that resembled a never-ending festival in which everyone took delight in showing off.

The troupe comes from Salvador, the principal city of Bahia, a province of northeastern Brazil, and its offerings reflect that region's traditions. In adapting folklore to the stage, Walson Botelho and José Carlos Arandiba, the company's directors, appear to have coached their dancers, singers and percussionists to be as extravagant as possible. Indeed, all the participants in the production gave the impression of believing that if you can dance or make music, why not do so as lustily and flamboyantly as you can?

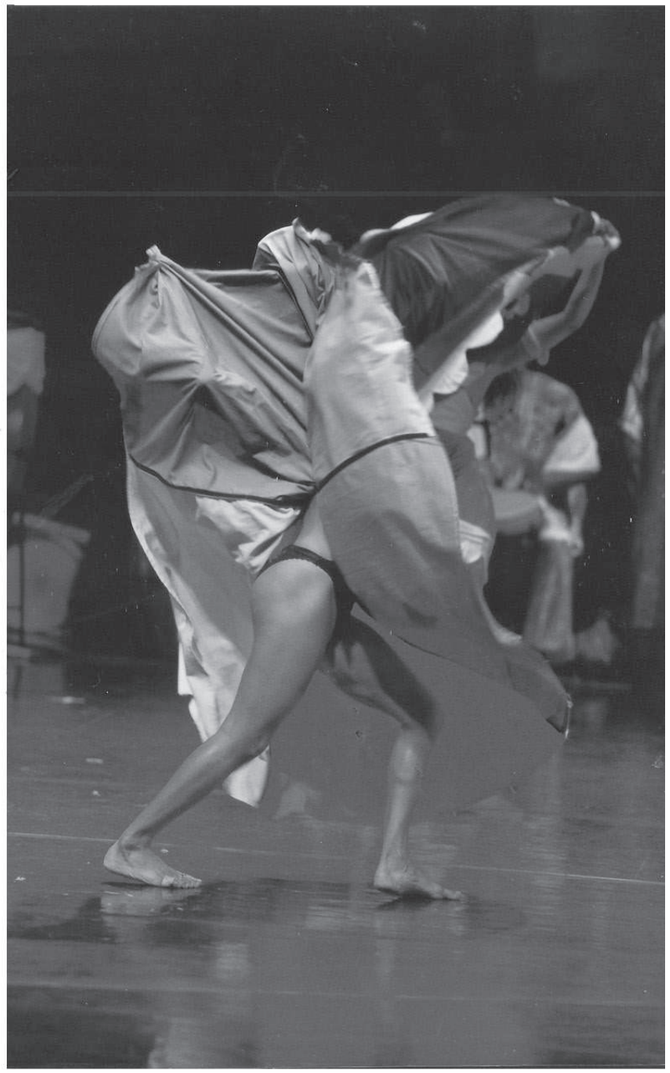
The drummers threatened to make the City Center's rafters shake, and the dancers made sparks fly. They did so quite literally in "Maculelé," a dance from Bahia's sugar-cane plantations in which knife-wielding, stamping and leaping men let their blades clash together, causing sparks to scatter around them like fireworks.

The company also gave a spectacular display of well-choreographed combativeness in "Capoeira." In this form of martial arts, thrusting arms and legs virtually became lethal weapons. Brazil is noted for such blendings of dancing and battling. But the group also demonstrated that the folk dances of Bahia involve more than artful belligerence.

In several offerings, bodies whirled so that spirits might soar. These dances derived from Candomblé, a religion based on the beliefs of slaves brought to Brazil from West Africa. A ceremony in honor of that religion's gods featured ecstatic swayings and an initiation ritual during which the body of a nude young man was adorned with paint. In another dance, fishermen leaped in exaltation around a veiled sea goddess. And a work based on creation myths suggested that the universe throbbed, tumbled and danced its way into life.

Carnival scenes celebrated the quiverings and swivelings of the samba. The program's choreographers — Augusto Omolú, Rosângela Silvestre, Mr. Botelho and Mr. Arandiba — certainly know how to keep their dancers jumping. The dancers, in turn, set the audience hopping, for, during the curtain call, when members of the cast asked theatergoers to join in the merriment, many responded eagerly to the invitation and cavorted in the aisles.

The performance will be repeated tonight at the City Center, 55th Street between Seventh Avenue and the Avenue of the Americas, Manhattan.



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE COMMERCIAL APPEAL

MEMPHIS, SATURDAY, MAY 10, 1997

Stunning Bahia Bale wows with its muscular vivacity

By Whitney Smith
The Commercial Appeal

DANCE REVIEW

Begin with five thundering drummers and two wailing female singers in sparkling floor-length caftans and matching headdresses nearly the size of bushel baskets.

Fold in muscular guys in loincloths lunging at each other in combat and muscular women in grass skirts jiggling provocatively onstage.

Now you've got the formula for the dazzling north Brazilian troupe dancing through Sunday at the Germantown Performing Arts Centre, as the Memphis in May International Festival salutes their homeland.

Here was folk dance executed with utter glee and abandon. Here was choreography as multicultural as it comes, seamlessly blending the Hispanic and African heritage of Brazil's Bahia region.

Almost all the 10 pieces in the Bale Folclorico da Bahia's dance fest began simply, with a single percussionist or singer quietly performing the essence of a melody as the dancers changed costumes backstage. But the pace picked up soon enough, until the stage was filled with dancers thrashing about, enacting choreographies festive or ferocious, built on themes of romance, slave protest, mythology or celebration.

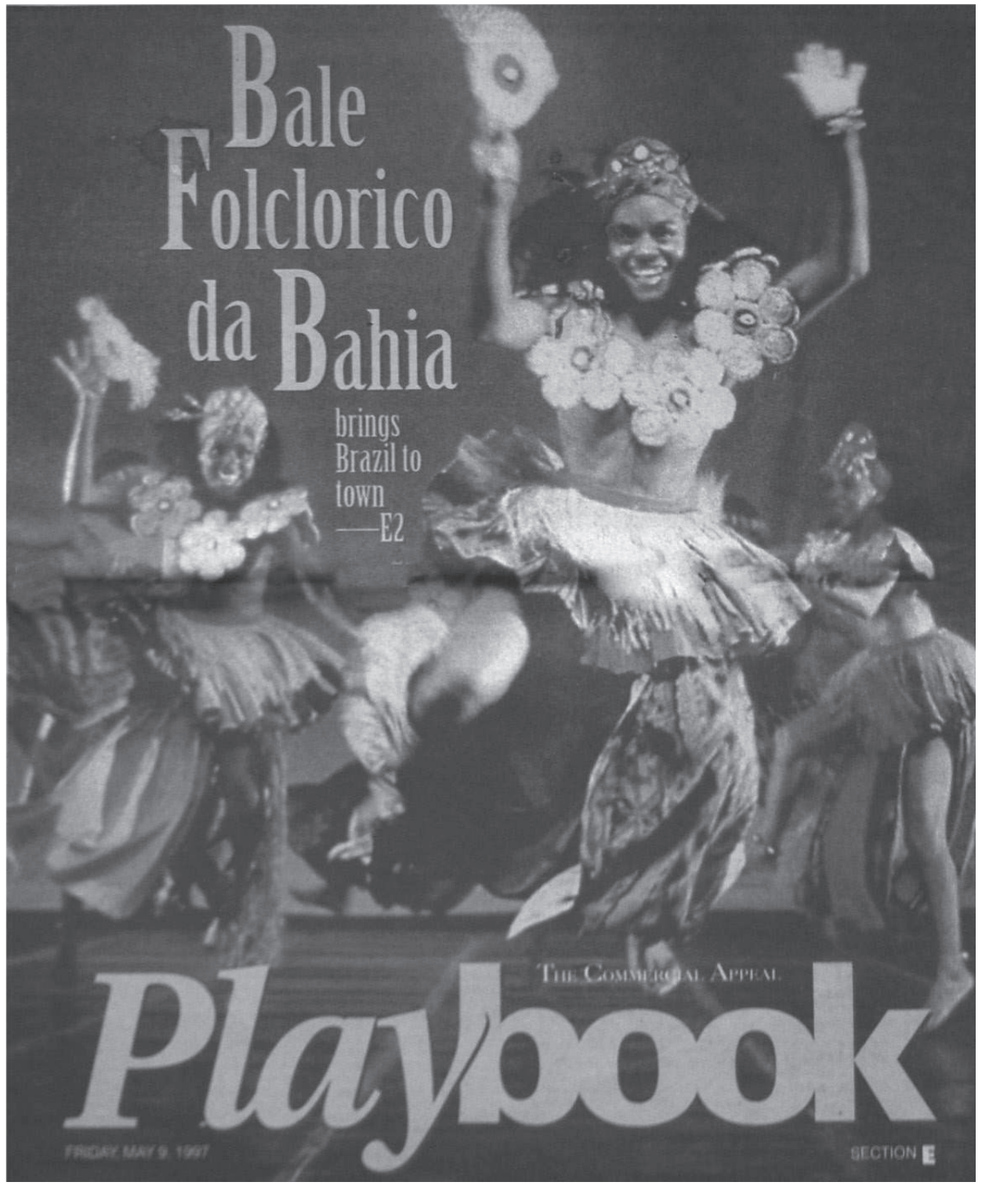
Through most of the hour-long program, the singers stood at the rear of the stage, striking up chants based on modes or western scales, always in unison and without vibrato.

The percussionists generally thumped on tall drums in accompaniment. When the women had a dance to themselves, the male dancers joined the percussion section. Occasionally an instrumentalist came forward for solos on pitched instruments; one resembled a bow saw, another a xylophone.

Acrobatics often distinguished dances showcasing men. In the *maculele,* they marched onstage, long knives in one hand and sticks in the other, circling round to slap their weapons on the floor or brandish them high above their heads. Ultimately they paired off to strike up sparks as the blades clashed. In the *capoeira,* men faced each other, whirling around in place balanced on one leg, kicking violently at each other at every turn.

The women were not to be outdone, however, demonstrating their own strength as their arms swam around in circles in the *femeas,* representing the force and harmony of Africa's women before slavery. In the festive *afixire,* they flirted with partners and the enthusiastic audience of about 600.

The program sailed into a rip-roaring finale with *samba reggae,* in which the dancers coaxed unsuspecting audience members up front.



THE COMMERCIAL APPEL

MAIO 1997

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 84 29/04/10 02:19



Special

See it before Spoleto: Brazilian fire and rhythm erupt as the Balé Folclórico da Bahia struts its stuff at the Rialto.

Dancing in the street, Latin style: Be there or be square

By Wendell Brock
STAFF WRITER

A Brazilian Carnaval exploded onto the streets of downtown Thursday night.

Say what?

Indeed, there were more than a few gawking passers-by and stopped cars on Forsyth Street as all 22 dancers and musicians of the physically charged, colorfully attired Balé Folclórico da Bahia took to the streets outside the Rialto, the entire audience streaming behind, fully engaged in the troupe's wild, happy abandon.

And where were you people? When a dance ensemble of a caliber such as this — a heated, floral spectacle that sums up all the eros and energy of the Brazilian diaspora — makes its Atlanta debut, it deserves to be greeted by more than a couple of hundred spectators. The Rialto is the place to be *tonight*.

Picture yourself on a beach in the tropics, awakening to the imagery and noise of the birth of some great tribal civilization. That's the thrust (sorry) of "Danca de Origen," the number that announces this gorgeous ensemble in a burst of sensual release: all bells tingling, all bodies slithering, all jute headdresses twisting and shaking. This is choreography unharnessed by Western precept, pure movement melted down, announcing itself in an Afro-Brazilian idiom.

DANCE REVIEW

Balé Folclórico da Bahia

8 tonight. $15-$35. Rialto Center for the Performing Arts, 80 Forsyth St. N.W. 404-651-4727.

And it's full of its own sort of grace and lyrical beauty. In "Puxada de Rede" ("Fisherman's Dance"), the goddess of the sea is conjured up by sinuous fishermen, their torsos curving from sunny white clam-diggers, their heads topped with floppy straw hats. When their wives get caught in the net, the men have positioned themselves to take home a deliciously wiggly catch.

The program ultimately blends together, unfolding in a swell of street beat, high-flying martial arts (the sparks literally dance off the machetes) and sexy samba. This is not, however, the idealized dreamy stuff of Antonio Carlos Jobim. It's rawer and sexier: Hands reach out and try to touch what they ought not; hips shimmy as if they're on fire (because they are).

This is authentic folkloric dance like you seldom see. We are lucky to have it preview here before going to Charleston's Spoleto Festival USA in June. The dancers' smiles are as bright as the sunsets of the Bahian coast. Go see how catching they are: You may find yourself out dancing on the streets, drinking in the loveliness of a night.

THE ATLANTA JOURNAL-CONSTITUITION

MAIO 1997

THE POST AND COURIER

JUNHO 1997

The Post and Courier

Thursday, June 5, 1997—3-E

Dance

■ In keeping with this year's African-Brazilian theme, Bale Folclorico de Bahia makes its Spoleto debut tonight at the College of Charleston Cistern at 9 p.m. The 30-member troupe of Brazilian dancers, singers and drummers blend African rhythms and rites with the samba and male and female nudity.

The company also will perform Friday at 9 p.m. and Saturday at 8 p.m. Admission is $25.

After Saturday night's performance there will be a "Saturday Samba" gala in the Stern Center Garden. $75 buys a ticket to the performance and the party which features the sounds of a steel drum band, tropical food and tropical drinks and samba dancing under the stars.

■ The Garden Theatre's "Footprints in the Garden" se-

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 85 29/04/10 02:19

The Post and Courier

Thursday, June 5, 1997

Spoleto Today

YOUR DAILY GUIDE FOR SCHEDULES AND REVIEWS



Staff Photo by Wade Spees

balé folclórico da bahia 3

30-member troupe brings brazilian rhythms to the cistern tonight

THE POST AND COURIER

JUNHO 1997

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Bale Folclorico da Bahia

Botelho's traditional dance group has history all its own

By LISA HOFBAUER
Of The Post and Courier staff



Staff Photos by Wade Spees

With encouragement from the Bale Folclorico da Bahia dance company, third-graders and their teachers join in at the end of the program at the Sottile Theatre on Wednesday.

Walson Botelho worked with an amateur dance company for six years before deciding to start his own company. But once he made the decision, he altered his life dramatically in order to make Bale Folclorico da Bahia a reality.

"In two days I sold my car, my farm, my apartment, my house — everything I had that was able to be sold," said Brazilian-born Botelho, who was 26 at the time.

After all that, though, the company still had financial problems. He could barely afford to pay the dancers, and closed the company three times over the next few years.

That probably won't happen again, said Botelho, now 35.

"Bale Folclorico da Bahia is not my own company anymore. It is part of the history of the country. I could not stop the work as if I were stopping, I don't know, my car in the street," he said.

That's not to say that the company has it easy now.

The company, which celebrates the rich heritage of Bahia, the northeastern province of Brazil, still faces financial difficulties and is not supported in any way by the Brazilian government or any other source.

"Culture and art are always the last thing for the government to prioritize," he said.

But through sheer willpower, the dancers keep going, making do with their limited resources and Botelho's encouragement.

"I think one of the reasons (they keep going) is that they had a dream, and I made this dream to them. I thought to myself that I could not break their dreams — I was responsible for them," Botelho said.

"And I could not break this as if it were just my life. I think that if I was by myself, I would be closing this company because it is very difficult. But I have other people (depending on me)," he said.

He also has the distinction of running the only professional folkloric group in Brazil. The company will perform its vibrant homage to its African heritage today, Friday and Saturday at the Cistern at the College of Charleston.

'I think one of the reasons (they keep going) is that they had a dream, and I made this dream to them. I thought to myself that I could not break their dreams — I was responsible for them.'
Watson Botelho
Bale Folclorico da Bahia founder

The troupe celebrates the heritage of Bahia, which has the largest black population outside of Africa. Its members combine classical ballet, African ballet and modern dance.

"I wanted to have a professional group using the (professional dance) techniques but also using the roots of the Bahian culture," Botelho said.

Much of those roots come from *candomble*, the religion of southern Nigeria that is still practiced in much of Brazil.

The first piece the company will perform is a fisherman's dance dedicated to the goddess of the sea. Dancers "swim like fish" under the goddess' skirt.

Another piece of the troupe's dance program is devoted to *maculele*, a dance that celebrates the end of the sugarcane harvest and was originally performed by slaves.

Another piece will will feature the *capoiera* style, a fight transformed into a dance.

The Brazilian government outlawed its performance until roughly 40 years ago because it was very violent and used as a means of defense by slaves during rebellions.

The company's version of *capoiera* will combine the style of the dance that comes from Angola and a regional style that combines old and new martial arts that Botelho said requires the dancers to be "fighters, dancers and acrobats."

The company will also perform a traditional version of the samba, which normally is performed in a circle with a dancer in the center. Botelho has adapted the dance slightly for the stage.

The audience is invited to dance in the aisles during the samba.

The elaborate dancers' costumes have 55 separate pieces to them, many of which were made by Botelho himself, along with the help of his assistant director and assistant choreographer.

"I had no money to pay a professional to do this ... when I made them, I was choreographing and sewing at the same time," Botelho said.

But to him, the trouble was worth it. Botelho had studied classical dance since the age of 12.

Raised as an upper-class Catholic, he had never seen folkloric dance until he was 16 despite the fact that he lived in Bahia.

"It is something you can see in the streets every day, but my world was completely different," he said.

He first saw *capoiera* after being invited to a performance by an amateur group that was performing in a club filled with passengers from a cruise. Though the *capoiera* is second only to soccer as the Brazilian national pastime, Botelho said that "you cannot see this in the high class.

"I never saw this in my own city, and I loved it," he said.

Coincidentally, he was soon invited to join one of the most famous amateur dance companies in Brazil, the Viva Bahia group.

He was initially invited to be part of this group singing and playing percussion, then became the choreographer's assistant. But after six years, he grew dissatisfied.

"Usually the directors of these groups were always thinking money. I could not make everything I wish," Botelho said. "All the time the people who were with me in these groups said, why don't you have your own company? But I knew it was hard. So I was very afraid to start."

The road to success has not been easy for the troupe, but the situation has slowly gotten better.

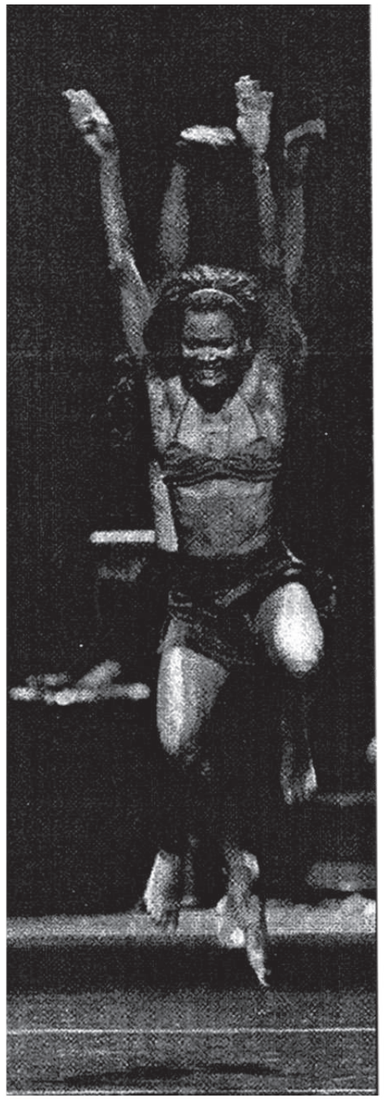
They have received rave reviews from The New York Times and many other critics.

They have toured in the U.S., Canada, and will start touring again in Europe this July. And amazingly enough, they still have the persistence and commitment of the company members, several of whom have been with Botelho through all of the openings and closings.

"We still have a very difficult situation. But I think the members, they believe," he said. "I believe one day someone, or some company, will see our situation and see that the country, the culture, needs this."

THE POST AND COURIER
JUNHO 1997

The Post and Courier, Thursday, June 5, 1997—3



Vera Passos with Bale Folclorico da Bahia, the only professional folk dance company in Brazil, performs Wednesday.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 87 29/04/10 02:20

Bale Folclorico works its magic

By NADA S. ARNOLD
Post and Courier reviewer

REVIEW

From the first prayerful intonations of their spectacular Spoleto debut Thursday evening, the Bale Folclorico da Bahia accelerated in tempo and dance sophistication to a boisterous finale that propelled everyone out of their seats, into the aisles, and onto George Street.

The rain-induced last-minute shuffle from the originally scheduled Cistern to the Sottile Theatre obviously didn't dampen the enthusiasm of an overflow crowd that cheered and clapped in standing ovation. The spirits of Candomble, the Africa-transported religion that united black slaves in the 16th century, continue to work magic on both performers and audience.

In an artistic tour de force, Bale founder and choreographer Walson Botelho has elevated the still-practiced sacred Candomble rites into highly theatrical, stylized folklore dance forms that incorporate modern dance and ballet idioms.

That the ensemble of dancers, instrumentalists and singers all profess Candomble explains their uncanny abilities to submerge themselves in dance-like trances, and gain energy with each frenetic twirl, kick or turn.

Mixing Candomble on stage and off, soloist Nildinha Fonseca is costume designer and choreographer for Afro-Brazilian works like "Puxada de Rede" (Fishermen's Dance). She played the sea goddess Iemanja, using a huge net skirt to enfold female dancers swimming underneath.

The opening "Danca de Origem" (Origin Dance) depicted the creation of the universe with the corps paying homage to the spirits while singers Dora Santana and Miralva Couto chanted in the Yoruba language.

By "Femeas" (Females), the audience is introduced to a decidedly African work by the New York-based Rosangela Silvestre. Music director Jose Ricardo Sousa supplied the score and played the mini-marimba-like ballefon as the female ensemble lamented their transport to Brazil as slaves.

Another Silvestre work, "Afixire," showed off the riveting, acrobatic panache of soloist Roberto Montenegro and audience-pleasing Congo drum work by Valdine Sacramento. The choreography got more complex with daredevil spins and mid-air double splits that had the crowd roaring approval.

All the while, the pulsating drums and singing intensified in pitch and ear-splitting amplification, mounting excitement for the closing "Samba Reggae," a blend of already crazy samba beats with Caribbean salsa tempi as gaily-costumed dancers cried out for the audience to join in in splendid abandon.

The program repeats at the Cistern, weather permitting, today and Saturday at 8 p.m.

THE POST AND COURIER

JUNHO 1997

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 88 29/04/10 02:20

THE ARIZONA DAILY STAR

FEVEREIRO 1998

The Arizona Daily Star Tucson, Friday, February 20, 1998

STARLIST



Ecstatic dancing, brilliant costuming and rhythms from Africa, carnival, beaches and the jungle play important parts in a performance by **Bale Folclorico da Bahia**.

The acclaimed Afro-Brazilian troupe will visit the Old Pueblo for a concert at 8 p.m. Saturday in the Music Hall at the Tucson Convention Center, 260 S. Church Ave.

Named Brazil's best dance company in 1990, Bale Folclorico da Bahia has performed on several tours in the United States and Europe, but never before in Arizona. A Phoenix appearance tonight will precede its show here.

The performance will include slave dances, samba, Carnival-type processions and demonstrations of capoeira, a Brazilian meld of acrobatics and martial arts.

Tickets cost $18, $24 and $28, with discounts available for senior citizens, students and children. They are available at all Dillard's outlets. Call (800) 638-4253 for information.

Bahian troupe has audience in aisles



THE PLAIN DEALER

FEVEREIRO 1998

By WILMA SALISBURY
PLAIN DEALER DANCE CRITIC

DANCE REVIEW

Bale Folclorico da Bahia

The raw energy of Brazil's Bale Folclorico da Bahia nearly blew the roof off the Ohio Theatre Tuesday night in Playhouse Square. In the past, the 23-member folk dance company has performed at the Palace. There, too, the ensemble's explosive drumming and frenzied dancing were almost too much for the theater to contain. In the smaller space of the Ohio, the performance felt like a dizzying assault on the senses.

The exciting show, a benefit for the Cuyahoga Community College Showtime at High Noon Series, celebrated Bahian culture and its roots in West African traditions. Performed without intermission, the production was a nonstop outpouring of pulsing rhythms, raucous singing, loud drumming and sensual dancing. No words were spoken, and no pauses were provided to read the program book. But the upbeat message came across clearly, and the joyous spirit of the Bahian people ignited the enthusiastic crowd. At the end of the 90-minute celebration, audience members jumped out of their seats and joined the company in sticks that were beaten to bits and then with machetes that sent sparks flying as the metal blades clashed. No one was killed, and a Bahian griot took the solo spotlight to perform an expressive song on the berimbau, a one-string melody-and-percussion instrument.

The male dancers took their athleticism to extraordinary heights in Capoeira, the martial arts form that blends gymnastics and break dancing. The paired confrontations required split-second timing to avoid serious injury. The women dancers matched the energy of the men in a sexy dance derived from the crouched postures, pumping arms, swinging hips and powerful presence of African ancestors.

The dancing was accompanied by two women singers with voices the infectious rhythms of samba reggae.

The program began in the jungle with an interpretation of creation according to the Candomble religion, which was brought to Brazil by African slaves. The amplified singers and virtuoso drummers imitated sounds of nature. The athletic dancers jumped, ran and tumbled, imitating insects, birds and animals. Garish lighting and grass skirts gave the eruptive scene a primitive look.

A fisherman's dance choreographed by general director Walson Botelho allowed a moment of relative quiet as the goddess of the sea floated across the floor in a huge bell-shaped skirt and beaded headdress that covered her face. Fishermen implored her good graces with swooping motions of big straw hats as women gathered under her net and flailed their arms in prayer.

The muscular men demonstrated their power in "Maculele," a dangerous-looking harvest dance performed first with strong enough to be heard a mile away and an ensemble of drummers who pounded their instruments so forcefully that they sometimes jumped straight up in the air. The all-stops-out performance culminated with "Afixire," a Yoruban dance of happiness that looked like primal forces unleashed. So exuberant were the dancers that they sometimes spilled over the stage and into the auditorium.

For the samba finale, company members ran through the house grabbing kindred spirits by the hand and urging them to shake their hips to the deafening beat. When the lights came up, the aisles were filled with dancing Clevelanders wearing the shiny carnival beads that were handed out at the door and celebrating Mardi Gras Bahian style.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

REPORTER Friday, February 27,1998

ROOTS 'N' RHYTHM

Brazilian dance group draws on — and transcends — legacy of slavery

By Richard Bammer • Feature Writer



El Nino may bring tropical storms of sustained energy, but so does Bale Folclorico da Bahia.

Brazil's only professional folk dance company — which will perform Wednesday in Sacramento and March 6 and 7 in Berkeley — the Bale is a 30-member troupe of young musicians, singers and dancers. On stage, they are a virtual cyclone of activity that draws on centuries-old traditions.

Consider these dances and choreography from the Bale's repertoire during a typical two-hour performance:

• The Maculele, with dancers toting sticks and flashing steel blades, is a dramatic dance which originated in the sugar cane plantations of Bahia (pronounced 'bah-HE-ah') during Brazil's colonial period and danced by slaves to celebrate a good harvest. It was also a means of defense by the slaves against their owners.

• The Samba de Roda, one of the most popular dances in Brazil, was first done by Brazilian slaves during their leisure hours.

• The Capoeira, characterized by high-flying, windmill kicks, is a form of martial arts which originated in Africa. During the 16th-century colonial period, Angolan slaves brought the dance to Brazil.

• Femeas is choreography inspired by the energy of the black women who lived in harmony and freedom in Africa until they were transported to Brazil as slaves.

According to the Bale's general director, Walson Botelho, these typical folk dance forms spring from three influences: African, from the introduction of slavery in the late 16th century; Indian, from the indigenous peoples of Brazil; and European, through Portuguese colonization.

Bale Folclorico da Bahia (the northernmost province in Brazil) was formed in 1987 by Botelho and Ninho Reis and has achieved considerable success in its short history. Named "Best Dance Company in Brazil" in 1990 and 1993 by the Ministry of Culture, it made its European debut in 1992 in Berlin. The troupe has returned several times to tour Germany, France and other countries, including the United States.

The current configuration of the Bale had its roots and vision in a Bahian amateur dance group called Viva Bahia, said Botelho, a native of Bahia's capital, Salvador.

"Even though it was amateurs, we felt we needed to form a professional dance company — to show our culture all over the world," he said during a telephone interview from Cleveland, a stop in the group's North American tour.

According to Botelho, the appeal of the Bale's dance and music lies in pulse-quickening Afro-Brazilian rhythms, especially thunderous drums, long a part of Bahian culture.

His homeland is "very different" from other parts of Brazil. More than 90 percent of the population is black, descendants of the 10 million slaves transported from West Africa to Brazil during the slave trade era.

Surprisingly, some aspects of African culture are stronger in the state of Bahia than in Africa. Cultural traditions and symbols that no longer exist in Africa have been maintained in Bahia, "as a matter of survival," said Botelho.

"In terms of religion," he said, "we have long had an exchange program between Africa and Brazil. Some of the gods in Bahia are no longer celebrated in Africa. We have many teachers in Africa who come here to learn about the old country."

> *"The Bale is sort of a goodwill ambassador for the country."*
>
> **Walson Botelho**

New to this year's program is an introductory section (to be performed in Berkeley but not Sacramento), "Oxala's Court," a piece about Candomble, the Yoruba religion brought to Brazil with the slaves.

"It's the first time a Brazilian company will be showing this kind of piece because it's a very sacred thing," said Botelho, 36, a former dancer and actor who earned a bachelor's degree in cultural anthropology from the Federal University of Bahia.

"We had to research this a lot. Some members of our troupe are members of this religion. When they created this piece, I vowed not to offend the religion because it shows some sacred rituals not usually shown publicly. It's very, very beautiful," he said.

In terms of public awareness, the biggest change for the company since forming 11 years ago has been the increasing financial assistance from the Brazilian government.

"Now we are very important for them," said Botelho. "We represent the country all over the world. Brazil is not only bad news, news about poor children in the streets, a bad government, bad president. Sometimes we also have good news. The Bale is sort of a goodwill ambassador for the country."

The shows — sponsored by UC Davis Presents and Cal Performances Arts — contain some partial nudity.

■ **Tickets for the Sacramento performance range from $5 to $30; for the UC Berkeley show they're $18 to $30 and are available by calling at 546-BASS.**

REPORTER
FEVEREIRO 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Pelo terceiro ano consecutivo nos Estados Unidos

Balé da Bahia

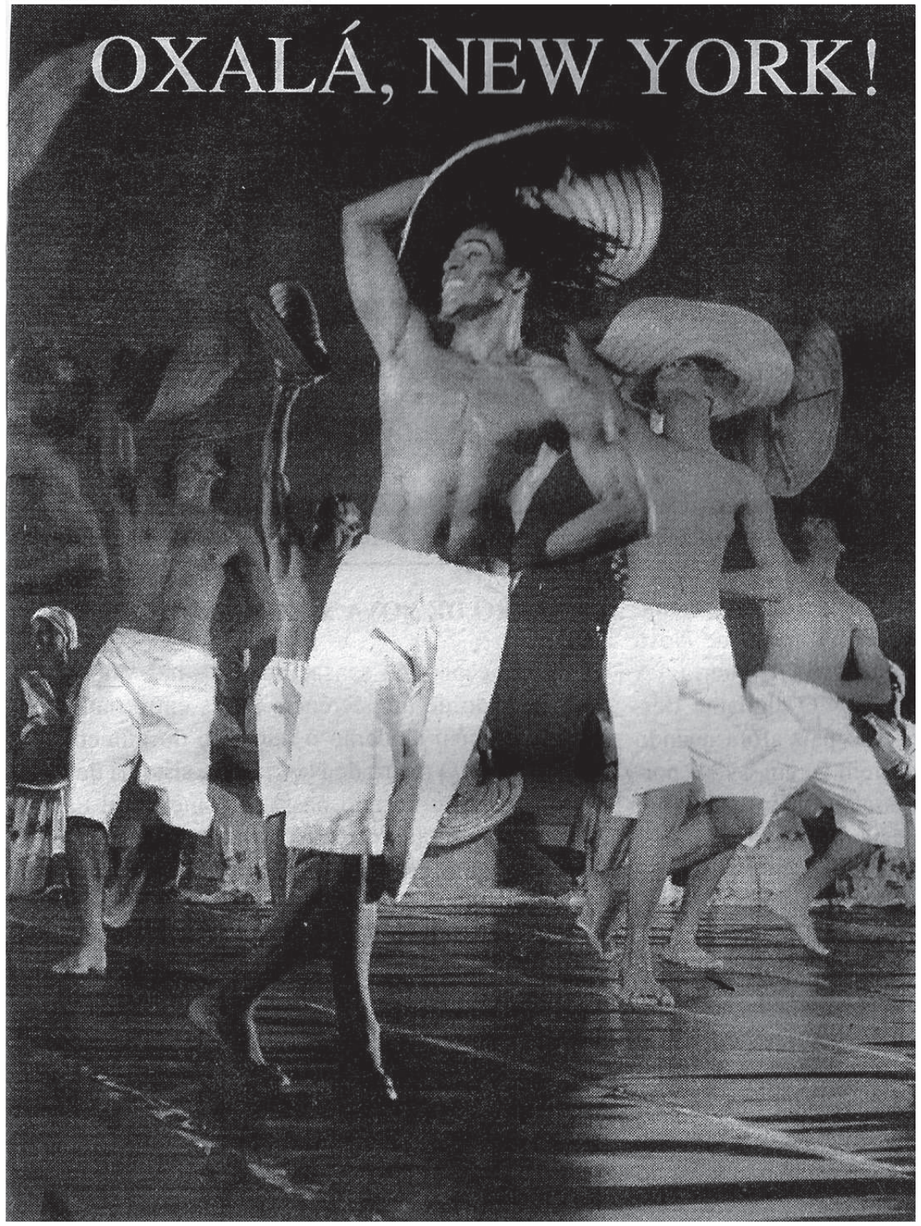
Aclamados pelo New York Times como "exuberantes, infatigáveis e magníficos", os 30 bailarinos do Balé da Bahia estão em tour pelos Estados Unidos, percorrendo as principais cidades americanas. Em Nova York e New Jersey, os espetáculos serão no Brooklyn Center for the Performing Arts, do Brooklyn College, no dia 21 de março, e no New Jersey Perfoming Arts Center, dia 11 de abril.

O repertório do Balé da Bahia é composto de autêntica música folclórica, baseada nas culturas africanas, indígenas e européias -- maculelê, capoeira, frevo e o popular samba de roda. O programa dessa companhia de dança apresentará Afoxé (dança da felicidade que mostra a sensualidade e o espírito do povo baiano), Corte de Oxalá (em homenagem aos deuses do candomblé), Puxada de Rede (Iemanja, deusa do mar, é homenageada pelos pescadores e suas mulheres), Maculelê (dança dos escravos nos canaviais para celebrar colheita boa durante o Brasil colonial), samba de roda (a dança mais popular da Bahia), Capoeira (forma de dança marcial trazida ao Brasil por escravos angolanos), Dança da Origem (baseada na lenda da criação do universo) e samba reggae (mistura exuberante de ritmos da Bahia com influência caribenha).

Desde que fez o seu "debut" em 1988, no festival de Joinville, a única companhia profissional de dança folclórica do Brasil tem sido aclamada em todos os estados brasileiros por onde passou. Em 1990 e 1993, foi considerada a melhor companhia de dança do Brasil, sendo condecorada pelo ministro da Cultura. Estreou na Europa em 1992, quando participou do festival de Berlin, Alexandre Plata, e atraiu público de 50 mil pessoas. Em 1994 e 1996 foi aplaudida pela sua apresentação na Biennale de la Danse, em Lyons, França. Durante a temporada de 1995-96, o Balé Folclórico da Bahia fez a sua primeira "tour" aos Estados Unidos com apresentações lotadas nas principais cidades.

Ingressos para o espetáculo no Brooklyn Center pelo tel. (718) 951-4500. Para o Art Center de Newark, pelo telefone 1-888-466-5722.

Veja nesta edição anúncios desses dois espetáculos.



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 91 29/04/10 02:20

Balé Folclorico: African energy, Latin sensibility

Out of the state of Bahia, the heart of Black tradition in northeastern Brazil, comes Balé Folclorico da Bahia.

"Exuberant, indefatigable and virtuosic," reported The New York Times, "the dancers, singers and drummers of this superb company explode with the Afro-Brazilian rhythms that are its special heritage."

The troupe will perform 8 p.m. Wednesday in the Sacramento Community Center Theater, 14th and L streets, Sacramento.

Bobbie Bolden, UC Davis lecturer in the department of drama and dance, will give a free pre-performance lecture at 7 p.m. in Rooms 103-104 at the Sacramento Community Center. Come early, as seating is limited.

Balé Folclorico da Bahia also will give a school matinee presentation at 11 a.m. Thursday for local school children.

The 30-member troupe of dancers, musicians and singers performs a repertory of authentic folkloric dance and music based on three influences: African, from the introduction of slavery in the late 16th century; Indian, from the indigenous peoples of Brazil; and European, through Portuguese colonization. The performance will include slave dances, *capoeira*, samba and dances that celebrate Carnaval.

Highlights of the evening will include the *maculele*, a dramatic dance that originated in the sugar cane plantations of Bahia during Brazil's colonial period. Danced by the slaves to celebrate a good harvest, it also was used as a means of defense by the slaves against their owners.

The samba de roda one of the most popular of Brazil's dances and rhythms, first appeared in Brazil as an entertainment practiced by the slaves during their leisure hours. The *capoeira* is a form of martial arts that originated in Africa and, during the colonial period, was brought to Brazil by slaves from Angola.

Femeas is choreography inspired by the great force and energy of the black women who lived in harmony and freedom in Africa until transported to Brazil as slaves.

Balé Folclorico da Bahia, formed in 1987 by Walson Botelho and Ninho Reis, has achieved considerable success in its short history. Named "Best Dance Company in Brazil" in 1990 and 1993 by the Ministry of Culture, it made its European debut in 1992 in Berlin. The troupe has returned several times to tour Germany, France and other countries.

Under the artistic direction of Jose Carlos Arandiba, the company's national and international tours have earned it a prestigious reputation throughout the country and abroad. Arandiba has worked with Balé Folclorico da Bahia since 1992 and, as a choreographer, has contributed several works to its repertory.

A former solo performer with the Contemporary Dance Group at the Federal University of Bahia, he now is an internationally recognized teacher and director whose work has been seen on television in France, Germany and Holland.

General director Botelho is a choreographer and former performer who graduated from the Federal University of Bahia with a degree in cultural anthropology. He has worked as a dance director at the Cultural Foundation in Bahia, as the production director for the Ballet of the Castro Alves Theater in Salvador, and as assistant director and choreographer for the folkloric company, Viva Bahia.

Tickets are available at the UC Davis Campus Box Office at (530) 752-1915, the Community Center Box Office 264-5181 and all BASS ticket centers. Round-trip transportation from Davis to Sacramento is available; call the Campus Box Office for information and tickets.

DANCE PREVIEW

Who: Balé Folclorico da Bahia

When: 8 p.m. Wednesday

Where: Sacramento Community Center Theater, 14th and L streets, Sacramento

How much: $10-$30 general; $5-$15 students and children, at the Campus Box Office (752-1915) and BASS (916-923-2277)

DAVIS ENTERPRISE

MARÇO 1998

A youth movement visits from Brazil

Folklore troupe's stage rigors rule out older dancers

By Dixie Reid
Bee Staff Writer

The demands are so great that choreographer Walson Botelho isn't sure if any of his dancers will be able to perform when they're older. Like 27 or 28.

"We don't have any dancer more than 26. Probably after, the work becomes hard for them," he said from Cleveland, where his Balé Folclórico da Bahia was appearing that evening.

"For this kind of work, it's very hard. They jump a lot. They run a lot. I know dancers more than 26 that can dance classic ballet, but I don't know about this dance."

Botelho's dancers are as young as 18 and are classically trained in ballet and have studied modern dance, as well.

"We have good technical preparation," he said.

The lively Balé Folclórico, Brazil's only professional dance company, performs Wednesday in the Community Center Theater, sponsored by UC Davis Presents. Along with the dancers, the company includes singers and musicians.

The dance program lasts 90 minutes, with no intermission, and Botelho likened it to a Brazilian *futbol*, or soccer, game. But at least the athletes get to rest.

"They have attack and defense," he said in his thick Brazilian accent, "so part is doing the work and the other rests five, 10 minutes. All the dancers, all 16, are on stage all the time, with only one minute to change clothes."



Dancers for Brazil's Balé Folclórico da Bahia have to be young and full of energy.

AT A GLANCE

Balé Folclórico da Bahia
Performs at 8 p.m. Wednesday at the Community Center Theater, 1301 L St. $10-$30 general; $5-$15 students and children. 264-5181 or 923-2277 (BASS).

The dancers share 5,000 pieces of elaborate and festive African-influenced costumes, which include headdresses and jewelry. Authenticity is paramount.

"We try to do not only choreography but costumes, try to preserve the most original possible," Botelho said. "The Bahian woman costume is very traditional of old slaves. They wear seven skirts under the main one, the most beautiful one. These skirts are very big and heavy."

Botelho and Ninho Reis formed Balé Folclórico in 1987, after an amateur dance company in the Brazilian state of Bahia folded. Botelho, a longtime dancer and dance company director, wanted to carry on the work. He is now Balé Folclórico's general director and, along with artistic director Jose Carlos Arandiba, does the choreography.

The company made its debut at a 1988 dance festival in Salvador, Bahia's capital city of 3 million. (Bahia is Brazil's fourth-largest state.) Brazil's ministry of culture honored Balé Folclórico for having the "best dance performance" in the country.

Over the next few years, the dancers appeared in other Brazilian festivals before making their European debut in 1992, at the Alexander Platz Festival in Berlin. More than 50,000 people watched their performance.

Balé Folclórico first came to the United States in 1995, and this year is crisscrossing the country for several months. Botelho, 36, said that until a few years ago, traditional dance was a difficult sell.

"Folklore is one area of the arts that the value is not so big. Not only in Brazil, but I see it all over the world," he said. "It was difficult to book the company. They say, 'People don't come to see folklore anymore.' We are changing this situation. We are showing all over the world that folklore, popular culture, is the base of a nation – the point from where the nation and the people of a nation come from."

The people of Brazil hail primarily from three cultures: African, dating to the introduction of slaves in the 16th century; the indigenous Indian people; and Portuguese colonists. Botelho, who has a degree in cultural anthropology from the Federal University of Bahia, illustrates the strong African influence in the dances.

The *maculele*, for instance, was danced by Bahia's sugar plantation slaves to celebrate a bountiful harvest. The *samba de roda* dates back to slave times, as well, and the samba survives as one of Brazil's most popular rhythms. *Femeas* is a women's dance, dating to the time when they were forced from their African homeland. And the *capoeira* dance is based on African martial arts, also introduced to Bahia by the slaves.

Balé Folclórico da Bahia will conclude its U.S. tour April 21 in Birmingham, Ala.❖

THE SACRAMENTO BEE

MARÇO 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

The Sacramento Bee

Bahia dancers bring audience to its feet

By William Glackin
Bee Critic at Large

DANCE REVIEW

For the exuberant and apparently inexhaustible dancers, drummers and singers of Bale Folclorico da Bahia, brought to the Community Center Theater on Wednesday night by UC Davis Presents, the final ovation was only a second beginning.

It wasn't just a matter of encores. It was a move to get the large audience, most of which was already standing, clapping and in some cases singing back in response to singers Susana Matta and Dora Santana, to loosen up a little more.

Dancers filtered from the edges of the stage and up the aisle, seeking recruits to come forward. They found plenty. Soon the space in front of the stage was lined with people two deep, and the aisles were filled halfway up toward the back. People jumped, clapped and danced in place and sang in response to yet another song.

This time the curtain did not come down. The show simply moved into the aisles, and from there up the outer aisles to the lobby, where the drummers continued to pound away with the dancers clapping for a crowd that packed the upper as well as the lower lobby and the wide stairways in between.

Finally at 9:50, the nonstop 90-minute show, which was supposed to have ended at 9:35, really called it quits and the happy crowd of dancers and audience disbanded for the night.

The show consists of nine listed numbers which reflect in various ways the history of the Brazilian people, including the celebrations of slaves in the old days, the invocation of the goddess of fishing and the latest samba reggae songs from Bahia's Carnaval. Some of the numbers began quietly but all of them ended in a high-spirited furor of dancing, drumming and singing. The costumes were lavishly colorful; the singing was steady and strong and was made consistently loud through the use of microphones. The music was both folk and composed. The choreography, often designed in changing conformations of the 18 men and women, was by Augusto Omola, Walson Botelho (the general director), Jose Carlos Arandiba (the artistic director) and Rosangela Silvestre. Brazilian drummers are famous for their power and brilliance: the Bale's five were terrific.

The eight-minute "Origin Dance," which began the show, was typical except for the fancy purple fog that shrouded the company at the beginning as chanting gave way to drumming and the tableau onstage exploded into all sorts of leaping, spinning action. It was wild, but it was organized.

A fishermen's dance centered on the figure of a veiled goddess in a sparkling net skirt. As the singers chanted, fishermen joined her in scooping water from the sea in the broad brims of their hats.

"Maculele" was about fighting on the sugar cane plantations, danced with a machete in one hand and a stick in the other. "Berimbau" featured a solo on an instrument with legendary origins, a long curved staff strung with a string to produce musical tones, with small gourds at the bottom. The player had the audience responding to his rhythms.

The samba, which began as slave entertainment, and the martial art form called capoeira which originated in Angola, were given lively salutes. The stage was filled with acrobatic leaps in a cross between a fight and a fete. But the show rose to a climax at the end with sensational dancing in "Afixire," which means "dance of happiness," and "Samba Reggae," identified as the most recent form of popular music in Bahia. In the first, increasingly excited turns were taken by a sextet of men and a sextet of women, the latter with broad, loose bodices hung from the neck to fleetingly reveal bare breasts. The action was so fast and carefree the effect was hardly salacious. Joilson Lima led the men and Nildinha Fonseca led the women with sensational solos.

For the final "Samba Reggae" five dancers carried big drums onstage to add to the excitement, and Caroline Pereira, wearing a birdlike headdress 3 feet high and dancing nonstop, was the beautiful queen of the Carnaval. It seemed only natural that so many in the audience wanted to join in the fun.



Brazilian culture onstage — and off



A dancer from Brazil's Bale Folclorico de Bahia, right, spins his magic at the Sacramento Community Convention Center on Thursday. The 30-member troupe performed for school-age kids. Afterward, the troupe came off the stage to dance with the children, above. The performance was sponsored by the UC Davis Presents Community Outreach Program. A review appears on page 5 of the Scene section.

THE SACRAMENTO BEE
MARÇO 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 93 29/04/10 02:20

THE DAILY BAROMETER

MARÇO 1998

The Daily Barometer
A Student Publication
Oregon State University, Corvallis, Oregon TUESDAY

Dances from another world



CONTRIBUTED PHOTO

The dancers of Bale Folclorico da Bahia, a Brazilian dance company, will perform at 7:30 p.m. tonight at LaSells Stewart Center. Tickets are $15 general, and $5 for students/spouses through Rice's Pharmacy, Sid Stevens Jewelers in Albany, and at the door.

A spicy, rhythmic celebration with Bale Folclorico da Bahia

By Debra Cash
GLOBE CORRESPONDENT

Dance Review

The dance party of Bale Folclorico da Bahia is back in all its spicy splendor. A hit every time World Music has brought the company from its home base in northern Brazil, this is a company equally willing to represent the creation of the planet and the samba reggae parades Paul Simon fell in love with and brought to the world of pop music. If the arctic blast returned to New England this week has discouraged you, step up to this company's hot yellow lighting design and join the dancers shimmying up the aisles. They are guaranteed to warm you.

THE BOSTON GLOBE

MARÇO 1998



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Bale Folclorico da Bahia combines cultures for spicy stew

BALE FOLCLORICO DA BAHIA
Presented by World Music
At: *Shubert Theatre, last night; program repeats through Sunday*

The performers' tangled roots in the dance and music of three cultures have left their marks in the polyrhythmic complexity and one-handed acrobatics of African traditions brought to Brazil in the slave trade, the carnival processionals of indigenous Indians, and the high-stepping of European colonizers.

But you can look past those influences to see dancing based on many of the elements of village people's physical lives. Steady, floor-kneading walks speak of men and women who are used to traveling long distances; the energy of barely suppressed agression is ritualized in the dangerous sugar-cane weaponry of "Maculele" and its related, and more familiar martial art cousin, the "Capoeira." The risque physical jokes, with the women's big skirts knocking over their suddenly puny-seeming partners in a riotous market scene full of vendors hawking fruit and pinwheels, transcend cultures.

Bale Folclorico da Bahia's dancers and musicians have the kind of energy that turns on and keeps ticking. The men portraying fishermen throw their hats about like lassos. A group of women wearing headdresses that look like beaded and tasseled birdcages sit on their knees and pulse their shoulders. The guys stand on their heads and jump in side splits.

But the program is paced to be much more than aerobics. I particularly liked the quiet moments that gave you a chance to catch your breath, such as the sea goddess Iemanja sinking to her knees and miming scooping water into her hands and over her breasts while one of the company's superb percussionists "poured out" chimes. The singers, Suzanna Matta and Dora Santana, in their bouffant head-scarves, were steadyingly melodic against the the complex drumbeats. (Was that the South African anthem Matta segued into a Brazilian folk song?)

And there was a special highlight in the solo for a musician – unfortunately left unidentified in the printed program – playing the berimbau, an instrument made of a wire-strung bow with an attached gourd. He came off quite consciously as Brazilian traditional music's version of Jimi Hendrix.

BOSTON HERALD

Brazilian troupe's show heats up crowd

Dance

REVIEW/by Karen Campbell

Bale Folclorico da Bahia at the Shubert Theatre, Boston, Thursday night; through tomorrow.

The near-Arctic cold melted away Thursday night at the Shubert Theatre when Bale Folclorico da Bahia blazed into town for the first of four performances presented by World Music.

Based in the northern Brazilian state of Bahia, the 30-member troupe of dancers and musicians is considered one of Brazil's most important ensembles, presenting a variety of the country's most significant cultural traditions.

However, unlike many of the foreign ensembles who tour here (and despite the troupe's name), Bale Folclorico da Bahia's show is not merely an archival presentation of folkloric treasures. This is cultural tradition as filtered through a very contemporary sensibility, with tight choreography and a highly polished theatrical flair.

These folks are here to entertain, and that they do.

The group of young dancers all sport sleekly toned, firmly muscled bodies that clearly have been well-trained, displaying a rare uniformity in a wide range of movement.

A rowdy samba street party provides a showcase for the male dancers, who try to outperform one another in brilliant displays of *capoeira*, an acrobatic form of martial arts.

In the slave dance "Maculele," sticks slammed together and into the floor send wood chips flying. Machetes shoot sparks dancing through the air in jousting matches that require not only athletic agility but split-second timing.

The women are not only technically assured but extremely sensual, with earthy squats, undulating arms and hips rolling as if on casters.

The Bahians are a boundlessly energetic bunch with bright, sassy personalities that flirt with the audience at every turn.

Nowhere is this more evident than in the final two numbers, which bring out the big drums (*surdos*) to complement the excellent musical ensemble of five (with two singers). This sends the dancers out to pull audience members onto their feet for a good-natured free-for-all in the aisles.

This is the closest Boston may ever get to Carnaval. Go get warm.



Let's dance Cleonildes Fonseca of Bale Folclorico da Bahia, a Brazilian dance company, leads a group of sixth-graders at the John F. Kennedy Elementary School in Somerville yesterday. Members of the dance company stopped by the school and taught 45 sixth-grade students the art of Afro-Brazilian dance, music and folklore. Bale Folclorico da Bahia is performing at the Shubert Theatre tonight through Sunday. The dance company will host a free show today for 1,350 Greater Boston junior high and high school students. Staff photo by Brian Walski

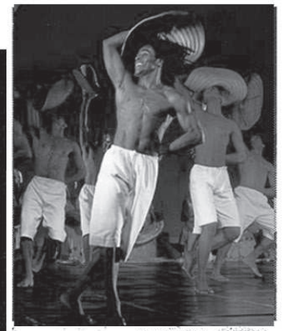
BOSTON HERALD
MARÇO 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE ATLANTA JOURNAL- CONSTITUTION

MARÇO 1998





Balé Folclórico da Bahia

The vibrant rhythms and high energy of Balé Folclórico da Bahia are hard to resist.

CATCH THIS

WENDELL BROCK

Dance

When Balé Folclórico da Bahia performed last year at the Rialto, the ensemble closed the evening by taking to Forsyth Street for a spontaneous Brazilian party. This wildly energetic company — which travels with its own drum unit — is a sensual extravaganza that marries the heat of Africa with the passion of Brazil. You don't just watch the show — you feel it sweep over you. With smiles as bright as the tropical sun, the dancers are a cavalcade of tingling bells, shimmying bodies and costumes of almost hallucinogenic intensity. During the martial arts-inspired sequences, you literally see sparks fly off the glinting machetes. There's sexy samba, exuberant folk dance and everything in between. The spectacle is so infectious that even the most sedentary audience members will have a hard time resisting the urge to wiggle.

7:30 tonight and Saturday. $21-$29. Rialto Center for the Performing Arts, 80 Forsyth St. N.W. 404-651-4727.

Brazilian DANCE

Balé Folclórico da Bahia, Brazil's only professional folk dance company, performs at 7:30 p.m. Friday and March 28. $21-$29. Rialto Center for the Performing Arts, 80 Forsyth St. N.W. 404-651-4727



DANCING IN THE STREET



JOANN VITELLI / Special

Lending a festive note to downtown, the Brazilian folk dance company Balé Folclórico da Bahia took its audience into the streets Friday night after the performance at the Rialto and led them to Woodruff Park at Five Points. The 30-member company performed a repertory of authentic folkloric dance and music based on three influences, African, European and Indian. The company — founded in 1987 in the northern state of Bahia — consists of dancers, musicians and singers representing the culture, traditions, beliefs and history of Brazil. On the road since February on this tour, the troupe is making its second visit to Atlanta.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS



MARCH 29, 1998

Balé Folclórico da BAHIA

High-voltage Brazilian dance ensemble has electrified audiences around world

By Terry Morris
DAYTON DAILY NEWS

When Walson Botelho began seeking foreign engagements for his young Brazilian dance company in 1992, he encountered yawns in Europe and yawns in the United States.

Ho hum and gee whiz, went the reaction. Another folklore company.

Nobody yawns during a performance by Balé Folclórico da Bahia, however, and six years later testimonials to that effect are spreading like fire through a sugarcane field during a drought in the tropics.

"People all around the world seem to find us exciting," said the founder and general director of the charismatic Bahian troupe, which will bring its pulsating mix of African-Brazilian movement and music to Dayton Saturday night for a performance on the Cityfolk subscription series.

The company's home is the northeast Brazilian state of Bahia, but the origins of its dances and many of its people are on the other side of the Atlantic Ocean.

"Bahia is the place in the world with the biggest black population outside of Africa," Botelho shouted in Portuguese-inflected English into a pay phone last week in Brooklyn, N.Y., which sounded for the moment like the noisiest place in the world as horns and sirens blared in the background.

Other stops on the nine-week North American tour, which follows several weeks in France, are Cleveland, Washington, Boston, Phoenix, Tucson, Berkeley, Portland, Montreal, Birmingham, Ala., and Newark, N.J.

By one estimate, 80 percent of Bahia's residents can trace at least part of their ancestry to Africa, in large measure because the state was the center of the slave trade that brought 3.5 million Africans to Brazil before the institutionalized bondage was abolished there in 1888.

Part of what the Africans brought with them lives on in the repertory of Balé Folclórico, including vestiges of the *candomblé*, a religious ritual that is now part of Brazilian carnival celebrations; the samba, originally a central African circle dance with solo variations; the *capoeira*, an Angolan martial art that slaves disguised as a non-threatening dance; and the *maculele*, a dramatic dance using machetes and wooden sticks that also has a dual history in harvest celebration and violent rebellion.

The Dayton program will also include: a fishermen's dance, a celebration of black women (*Femeas*) and a contemporary-influenced reggae finale. The company includes drummers and other musicians and two singers.

Though steeped in the past, Botelho said Balé Folclórico da Bahia is "a new thing for people around the world who think of Brazil as only mulattoes, *futbol* and Mardi Gras."



He believes the company has a special appeal for black Americans.

"Even if they can't understand the lyrics of the songs, they will know the feelings and share the same spirits," he said.

"I think black Americans now are trying to find their roots in Africa, where before they were trying to be black American people. Bahia is in the middle, a go-between for them to Africa, because our traditions are so direct to the source."

An anthropologist as well as a dance director, Botelho has witnessed some dance traditions in the United States that are closely related to some in Bahia. One is break dancing, which he said contains some of the movements of the *capoeira*.

The dancers in Brazil's only professional folkloric company are 18 to 25 years old and dance eight hours a day, Monday through Friday.

"That includes two hours of African-Brazilian technique every day, two more of modern dance one day and two of classical ballet the next, and four hours of rehearsal, also every day."

Especially on tour in places where contentious traffic and sirens can interrupt sleep, there may be an occasional yawn by a company member in the rehearsal studio. But nobody yawns during a performance by Balé Folclórico.

DAYTON DAILY NEWS
MARÇO 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS



Bale
Folclorico
de Bahia
Carnaval 2000

G-LPA season to open

GREENWOOD – Greenwood-Lander Performing Arts opens its 2000-01 season with a 4 p.m. matinee Sunday, by the Bale Folclorico da Bahia.

Sponsored by Wesley Commons, the concert will be in Lander University's Cultural Center Auditorium.

The 32-member troupe of dancers, musicians and singers perform a repertory based on "Bahian" folkloric dances of African origin and includes slave dances, capoeira (a form of martial arts), sambra, and dances that celebrate Carnival.

Based in Salvador in the northeast state of Bahia, the Brazilian company made its debut in 1988 and has achieved considerable success in its short history. Under the artistic direction of Jose Carlos Arandiba, the company's many national and international tours have earned it a prestigious reputation throughout the country and abroad.

At Lander, Bale Folclorico da Bahia will perform "Carnival 2000," the newest program of its repertory. This program includes many favorite elements such as "Capoeira," the spectacular Afro-Brazilian martial arts; "Samba de Roda," a precursor for the samba as we know it which survives only in Bahia; "Maculele," a dramatic dance which originated in the sugar cane plantations of northeastern Brazil; and a finale of "Samba Reggae" from the songs of Bahia's carnival.

Other upcoming events in GLPA's 2000-01 concert series are: the Eroica Trio on Nov. 9, the Pecs Symphony Orchestra of Hungary on Jan. 31, the American Boychoir on Feb. 12, and the Regina Carter Quintet on March 12. These performances are all at 8 p.m.

The GLPA season is sold out but tickets to individual performances may be available by calling 864-388-8326.

In addition to the regular season, GLPA will feature a holiday concert by New York Big Brass at 8 p.m. Nov. 30. Tickets to the New York Big Brass holiday concert are $20 each.

The performance is sponsored by Peter Trenholm, Investment Counsel.

For information about any GLPA event, contact Laurie Cone, executive director, at 864-388-8326. Information about Lander events is also available on the university's Web site, www.lander.edu, then click on News and Events.

THE INDEX JOURNAL
SETEMBRO 2000

THE ATLANTA JOURNAL - CONSTITUTION
SETEMBRO 2000



GAVIN AVERILL / Special

Taking it to the streets

With people from the audience in tow, members of the Afro-Brazilian Balé Folclórico da Bahia take Friday night's performance outside the Rialto Center for the Performing Arts and on to Atlanta's Woodruff Park.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE INDEX JOURNAL
OUTUBRO 2000

GLPA series 2000-2001

Here is a look at the schedule for the upcoming Greenwood-Lander Performing Arts series:

OCTOBER 1
Bale Folclorico De Bahia Carnaval 2000
NOVEMBER 9
Eroica Trio
FEBRUARY 12
American Boychoir
MARCH 12
Regina Carter Quintet
SPECIAL EVENT
NOVEMBER 30
New York Big Brass

For information, call Laurie Cone at 864-388-8326



Bale Folclorico De Bahia Carnaval 2000

GLPA launches sizzling 2000-01 season

GREENWOOD – From the moves of a Brazilian dance troupe to the sounds of renowned jazz musicians, Greenwood-Lander Performing Arts will once again bring world-class artists to the stage of Lander University's Cultural Center Auditorium.

During the 2000-01 concert series, local patrons of the arts can look forward to performances of the Bale Folclorico de Bahia: Carnaval 2000, the Eroica Trio, The Pecs Symphony Orchestra of Hungary, the American Boychoir and the Regian Carter Quintet. In addition to the season, GLPA will feature a holiday concert by New York Big Brass.

The season opens Oct. 1, with a 4 p.m. matinee by the "exuberant, sexy, uninhibited" Bale Folclorico da Bahia. The only professional folk dance company in Brazil, this 32-member troupe of dancers, musicians and singers perform a repertory based on "Bahian" folkloric dances of African origin.

The concert is sponsored by Wesley Commons.

On Nov. 9, at 8 p.m., the Eroica Trio will take the stage. The women who make up the trio – Erika Nickrenz on piano, Adela Pena on violin and Sara Sant'Ambrogio on cello – are all top-ranked, award-winning soloists who have performed on many of the world's great stages. Together, they electrify the concert stage with their combination of technical virtuosity, vivid artistic interpretation and contagious exuberance in performance.

The performance is sponsored by Carolina Neurosurgery and Spine Center.

The concert season continues into 2001 with the Pecs Symphony Orchestra of Hungary, Howard Williams, principal conductor and artistic director Jan. 31, at 8 p.m.

Founded in 1811, the 92-member Pecs Symphony presents an annual series of concerts in Pecs and Budapest, Hungary, as well as touring throughout Europe. The concert will feature guest artist Ruth Laredo on piano.

The performance is sponsored by Elliott, Davis & Co., LLP.

Practice makes perfect for the American Boychoir, which will perform at Lander Feb. 12 at 8 p.m. The choir of fifth- through eighth-graders has impressed audiences worldwide with its distinctive blend of rich sound, musical sophistication and ensemble virtuosity since its inception in 1937. In fact, top musicians say the American Boychoir is comparable to the eminent Vienna Choir Boys, the world's oldest and best-known group. James Litton is the choir's music director.

The performance is sponsored by IJL/Wachovia.

Jazz takes the stage March 12, with an 8 p.m. performance by the Regina Carter

See **SEASON,** *page 2C*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 99 29/04/10 02:21

THE INDEX JOURNAL

OUTUBRO 2000

G-L Performing Arts series has rousing opening

By MARY LYNN C. POLK

INDEX-JOURNAL
REVIEW

GREENWOOD – The Balc Folclorico Da Bahia literally kicked off the 2000-01 Greenwood-Lander Performing Arts Concert Series with a rousing, high-kicking, rhythmic performance Sunday in the Cultural Center Auditorium at Lander University.

Sponsored by Wesley Commons, the high-energy performance by the only professional folk dance company in Brazil had the audience on its feet cheering and clapping with the drums' rhythms by the finale.

Danca De Origem (Origin Dance) and Puxada De Rede (Fisherman's Dance) were poignant representations of cultural myths. These dances might be overlooked in favor of the more face-pace and flashier numbers, but their slow, lyrical movements were evidence of the dancers' powerful, fluid control.

The first depicted creation from the perspective of Candomble, the African religion brought to Brazil by the slaves. Appearing from the floor of the darkened stage, the dancers, bathed in a vibrant red light, gradually became more volatile.

'Fisherman's Dance " invoked lemanja, the Goddess of the sea. Nildinha Fonseca as the goddess glided across floor in a large hoop skirt, undulating her arms and a fan. The men moved across the stage from knee to knee using large straw hats to capture fish. One of the most sensuous movements of the dance, however, had the men catching the women like fish in a net that was the goddess' lace overskirt.

"Maculele" and "Capoeria" featured the men's vigor and gymnastics ability. "Maculele," danced by the slaves to celebrate a good harvest, featured the men beating sticks and huge knives used to cut the sugar cane. Sparks flew as the knives clashed suggesting both the potential for violence and for self-defense.

The martial arts the slaves developed for self-defense was also evident in "Capoeira." The precision timing of the twirling kicks and the fast-paced gymnastics of somersaults, one-hand stands, and flying leaps from the men as well as the women's full, twirling skirts and the colorful, competitive market atmosphere brought gasps from the audience.

"Samba De Roda," "Afixire" and "Samba Reggae" were the most festive dances and those that best revealed a synthesis of many influences. "Samba De Roda," originating as entertainment for the slaves in their leisure, used bright colored hoop skirts and movements similar to urban break-dancing to present their most popular rhythm in Bahia.

Both "Afixire" and "Samba Reggae," the finale, sent the dancers into the aisles for audience participation. In "Afixire" the bare-breasted dancers' hips gyrated much like the Hawaiian hula while "Samba Reggae" revealed the Caribbean influence.

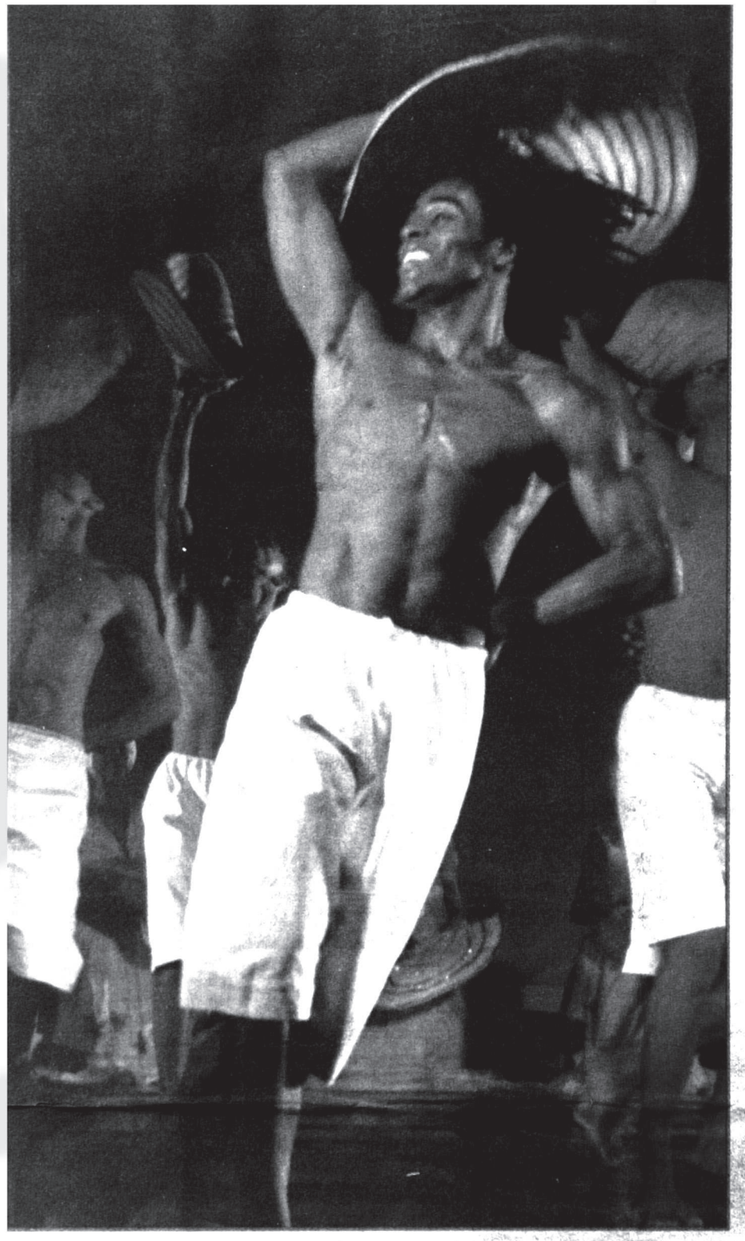
All of these dances used the bent knees, the feet flat on the stage, and the volatile arm movements characteristic of African dance. The vibrant colorful costumes were also a blend of African and Brazilian influences.

This review must mention the remarkable talents of the musicians and vocalists. Dora Santana's powerful voice could belt out songs with an amazing range while Daniel Sousa could make the berimbau, a single-string violin, almost talk to the audience bringing appreciative applause with "The Star Spangled Banner" and with rhythmic participation. The drums captured the intricate variety of the Brazilian rhythm.

Following the dynamic performance at the reception also sponsored by Wesley Commons, dancers mingled with the audience and posed for photographs. If this first concert is any indication, this year's G-LPA series will be an outstanding one.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 100 29/04/10 02:21



■ *Bale'Folclorico presents "Carnaval 2000" Tuesday at the Garde Arts Center in New London.*

'Carnaval 2000'

Brazilian dancers at the Garde

The culture of Brazil comes to New London as Bale Folclorico da Bahia presents its "Carnaval 2000" at the Garde Arts Center on Tuesday.

The 32 Brazilian dancers, musicians and singers in this troupe perform a repertory based on "Bahian" folk dances of African origin but seen with a contemporary theatrical vision. (Bahia is a state in northeast Brazil.)

Audiences will watch troupe members perform capoeira, the spectacular dance inspired by Afro-Brazilian martial arts, and samba de roda, a samba precursor that survives only in Bahia.

They'll watch as the dancers bring to the stage maculelê, a dramatic dance that originated in the sugar cane plantations of northeastern Brazil, as well as samba reggae that has its basis in the songs of Bahia's carnaval.

Formed in 1988 by Walson Botelho and Ninho Reis, Bale Folclorico is Brazil's only professional folk dance company. The troupe debuted at the Joinville Dance Festival, and its success there brought invitations from festivals around the country. Bale Folclorico earned the Best Performance of the Year award given by the Ministry of Culture at the Bahia International Dance Festival.

In 1992, the troupe took its European bow, at Berlin's Alexander Platz Festival. Two years later, it wowed the audience at the prestigious Biennale de la Danse in Lyons, France. The New York Times critic watched the more than 20 companies from four continents who were part of the event and wrote that Bale Folclorico best exemplified the festival's celebration of African-derived dance.

"Exuberant, indefatigable and virtuosic, the dancers, singers and drummers of this superb company from Salvador, Brazil's original capital, exploded with the Afro-Brazilian rhythms that are its special heritage," is how the New York Times described Bale Folclorico's "Carnaval 2000."

The Garde Arts Center is presenting Bale Folclorico's "Carnaval 2000" as part of the Family Passport Series, and the show starts at 7:30 p.m. Tuesday. Tickets are $22-$32 ($20 for kids). Call 444-7373 or 1-888-ON-GARDE.

THE DAY
OUTUBRO 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS



THE PUBLIC LIBRARY
OF NEW LONDON

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THIS WEEK
OUTUBRO 2000

Brazilian Bravura

By Lisa Traiger
Special to The Washington Post

IN BRAZIL everybody dances. But not everyone dances samba or *capoeira* with unrestrained enthusiasm and serious commitment to cultural preservation. The 18 dancers of Bale Folclorico da Bahia do. Bahia, Brazil's largest state, holds the heart and soul of Brazilian culture. As the Bale's founder Walson Botelho puts it, "All the most important culture and art started in Bahia. The whole country looks to Bahia."

Botelho, a former modern and classical dancer born in Bahia's capital, Salvador, didn't discover the dance of his ancestors until age 16. He recalls attending a folkloric concert, walking out and saying, "This is the kind of work I would like to do." A year later he began studying and performing with that company's director, Emilia Biancardi, while majoring in cultural anthropology at Federal University.

Once that troupe, Viva Bahia, folded, Botelho says, "I had no option—to make dance in an artistic manner—so I had to start a company." Since its founding in 1988, Bale Folclorico da Bahia has been named best dance company in Brazil, twice. Its fame arises from the dancers' athleticism and virtuosity in traditional and contemporary dances that blend elements of West African and Brazilian culture.

Capoeira, a Brazilian martial art that incorporates acrobatics, dance steps and competitive fighting, has undergone a revival in the past three decades. Prior to that, capoeiristas and their students faced arrest for dancing. "Capoeira" means empty space, Botelho explains. During the 16th century, slaves brought to Brazil from Angola spent the little free time they had training themselves to fight while hidden in forest clearings. The slaves disguised the training with drumming and dance steps, telling their overseers it was a ritual or entertainment so as not to provoke plantation lords.

On Sunday at George Mason's Center for the Arts, "Maculele" will depict the grueling life on sugar cane plantations of Bahia. "Maculele" celebrates a good harvest; but, like capoeira, it was also a means for slaves to defend themselves against their masters. Even just 30 years ago, Botelho says, performing these martial arts dances was a crime. "Now we have a lot of academies that teach capoeira in Brazil," he says and notes that women have also taken up the highly athletic form.

On stage capoeira and maculele are performed in a semicircle rather than the usual circle so the audience can see the pairs of dancers facing off in gamelike competition. Cartwheels, handstands pushed up from the floor, hand springs, head spins, leg springs and fan kicks are typical of the explosive movement in capoeira. The most important principle—never turn your back on an opponent in the circle—recalls its fighting roots.

Two sambas, a traditional one for changing partners performed in a circle, "Samba de Roda," and a modern one mixing Afro-Bahian rhythms, "Samba Reggae," show the less competitive side of Brazilian dance. Don't be surprised to find dancing in the aisles, though, for when in the company of Brazilians, everybody dances.

BALE FOLCLORICO DA BAHIA: CARNAVAL 2000 — Performing Sunday at 7:30 p.m. at the Center for the Arts at George Mason University in Fairfax. Tickets are $20 to $40. Call 703/218-6500.



BY MARISA VIANNA

Brazil's Bale Folclorico da Bahia performs at George Mason University on Sunday.

THE WASHINGTON POST
OUTUBRO 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 103 29/04/10 02:21

Folk dance troupe combines African-Brazilian influences

The Patriot Ledger Saturday/Sunday October 14-15, 2000

■ BRAZIL
Continued from Page 41

professional folk dance company in Brazil. Based in the city of Salvador, Brazil's original capital in the northern state of Bahia, the company performs a repertory that fuses the population's West African ethnic roots with their Brazilian heritage, culture and religion.

It is an exuberant blend of infectious rhythms and uninhibited, virtuosicdancing that often inspires audiences to dance in the aisles themselves.

"I feel wonderful when people dance in the aisles," said Botelho. "It shows that there are no limits, no boundaries, to art and culture. Everybody can feel the same thing. In terms of art, it is experienced in the soul."

Asked about his earliest dance memory, Botelho likens it to a manifestation of his dreams.

"I could say I was about 15 (or) 16 years old. I saw for the first time the dance company, Viva Bahia, and I was impressed with the work they did. I could feel big emotions. Before that, I used to dance, but just classical and modern," he said.

"One year after. I was invited to work with them. My first meeting with the group was at the director's house, but I didn't know the person whose house I was invited to was the director of the company. And when she (Emilia Beiancardi) opened the door, I saw a poster with exactly the same scene from when I first saw the company dance. It was my dream come true.

"The scene was 'Maculele,' and it is a dramatic dance that is a celebration of the sugar cane, during the colonial period. It is danced according to the movements of self-defense – against the owners," he emphasized.

Emilia Beiancardi established Viva Bahia in 1962. Performing as a dancer, singer and musician, and ultimately assuming the role of assistant director – Botelho stayed with the company for five years, until 1985.

"Dancing with her (Beiancardi) was the greatest experience I had in life," he said. "She was my master. Everything I discovered culturally, I discovered with her."

After he left the the Viva Bahia company, Botelho attended the Federal University of Bahia, graduating with a degree in cultural anthropology. "I used to work with (dance) groups at the university, and met some very good, young people. All the time they asked me, 'Why don't you have your own group?' " he said.

"Then some of the ex-dancers (from Viva Bahia) decided to form a group and invited me to be the choreographer and artistic director. Their vision was not the same as what I had. They wanted folklorico, but for commercial reasons – just to make more money.

"My vision was about popular culture. So in 1988 I decided to create my own company."

Known for the complexity and variety of its rhythms, Brazilian music offers an ideal framework for the nonstop, high-energy style of dance Botelho has created. He uses a a combination of ingenious choreography, athletic dancing, imaginative and colorful costumes, gifted musicians and singers.

The company's dances explore the human condition, building on themes of romance, legend, celebration, slave protest and religion.

The dance style borrows freely from African dance: knees bent, feet flattened to the ground, arms lively. Blending this style with a sexy samba beat and Caribbean salsa tempos, the muscular men and supple women shimmy, slither and shake to the hypnotic rhythm of instruments, drums and chants with seemingly unbridled joy.

The ensemble purports to follow the Candomble religion, which would help to explain their ability to submerge themselves into dancelike trances while building into an orgy of energy with each frenzied kick, spring, spin and mid-air split.

In fact, Botelho has refined the still-practiced Candomble rites into a theatrical pageant of folklore dance that incorporates both modern dance and ballet expressions.

"All the dancers in my company study Brazilian and African dance – and ballet and modern too," he said. "This way they can dance everything.

"Every day, the dancers rehearse from 3 to 10 p.m. Earlier in the day, they teach children of the street – for free. We (teach) almost 200 children, and all the work is donated by the people of the company.

"The members used to be very poor, and they still are," he explained. "But the company helped them discover that they are human beings, that they have value, and together we can get more and more. Not more money, but values. That is the main point. That is my goal.

"If I had to choose again, I would like to do the same thing. I travel all over the world; I meet lots of wonderful people. It's a lot of work, of course. And everyone thinks we are rich, but that's not true. Because art especially dance, is dismal. Even in United States, the richest country in world, dance is the last art."

However, he said, he sees dance and his company as a chance to create something important in the world.

"We have one life, one planet; so let's share everything with everybody, like brothers and sisters," he said. "You don't bring anything with you when you die. We have an opportunity to do everything while we're here.

"I am trying to show with my company that we have no limits."



Bale Folclorico da Bahia is on a 10-week tour commemorating Brazil's 500th anniversary.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 104 29/04/10 02:21

NEWSDAY
OUTUBRO 2000

A High-Flying 'Carnaval' Ride from Brazil

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA. Carnaval 2000. Staller Center for the Arts, University at Stony Brook. Seen Saturday night.

By Valerie Gladstone

BALÉ FOLCLÓRICO da Bahia took the Staller Center by storm Saturday night with "Carnaval 2000," quickly engulfing the audience in a festive mood that continued to the rousing finale. Buoyed by boisterous percussion and the powerful voices of Miralva Couto and Dora Santana, dressed in sparkling caftans, the 32-member troupe displayed its artistry in seven works that blended the Hispanic and African heritage of Brazil's Bahia region. With women in rainbow-colored skirts and bare-chested men in loin cloths somersaulting high into the air, it's not surprising that the company has been a hit, selling out its last U.S. tour in 1998, and winning acclaim at prestigious European festivals.

But contrary to what its name implies, Balé Folclórico da Bahia does more than reproduce folkloric dances. Company co-founder Walson Botelho, artistic director José Carlos Arandiba and choreographer Rosângela Silvestre use traditional dances as springboards to stylized theatrical pieces influenced by hip-hop, modern dance and ballet. While the 12-year-old company is grounded in tradition, with most works choreographed to old Bahian folk songs, the contemporary samba is as welcome in the repertory as the capoeira, the martial art originally developed by slaves as self-defense.

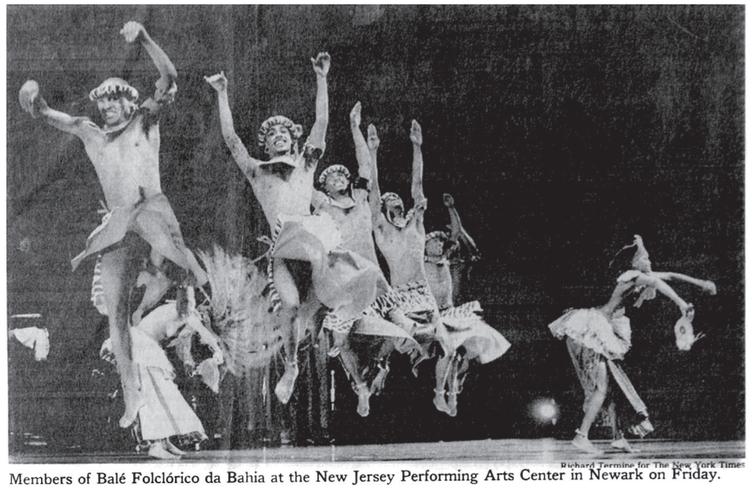
Most pieces began with a languorous tempo and ethereal chants, building to a fury of movement. But not the lyrical "Puxada de Rede" ("Fisherman's Dance"), by Botelho. A ritual still common on the Bahia beaches, it invokes Iemanjá, the Goddess of the Sea, whom fishermen ask for an abundant catch. As the goddess, Nildinha Fonseca glided onto the stage in a hoop skirt and a transparent mask of pearls. A rush of men in white pants and straw hats propelled themselves into the air, followed by the women in white skirts and halter tops. They danced full out, encircling Fonseca. She cast a net of sequins that enveloped the women as if they were fish, and the men positioned themselves to take home a very wiggly catch.

"Capoeira," choreographed by Botelho and Arandiba, had the men vying with athletic displays and windmilling kicks. The finale, "Samba Reggae," choreographed by Arandiba and the company, started at a higher pitch, against a huge backdrop emblazoned with the troupe's name. No longer able to contain themselves on stage, the dancers descended into the audience, urging everyone to join in. Even those who refused were smiling. ■

Valerie Gladstone is a freelance writer.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 105 29/04/10 02:21



Richard Termine for The New York Times

Members of Balé Folclórico da Bahia at the New Jersey Performing Arts Center in Newark on Friday.

THE NEW YORK TIMES

OUTUBRO 2000

DANCE REVIEW

Brazilian Magic Levitates the Audience

By ANNA KISSELGOFF

NEWARK, Oct. 13 — Balé Folclórico da Bahia, a professional folk troupe from Salvador in northeastern Brazil, made its New York debut in 1996 and has since carried its exuberant message of multicultural cheer throughout the United States.

A national tour brought the company here tonight with a new, more spectacularly produced program that ended with the audience following dancers and drummers out of the New Jersey Performing Arts Center. The sight of previously staid viewers dancing on an outdoor plaza is no surprise to anyone who has seen this traditional close to Balé Folclórico's performances.

What could be a gimmick succeeds simply because the evening's sincerity is never in doubt. The relish of the dancers, musicians and singers for doing what they do onstage is so obviously part of their lives that the contagion spreads to the house.

The Afro-Brazilian focus of the company has been widened to include dances drawn from Brazil's Indian populations. Walson Botelho, the company's co-founder, and José Carlos Arandiba, its artistic director, enlisted Amélia Conrado's choreographic skill in theatricalizing festive ceremonies from the Amazon.

"Boi-Bumbá, the new piece, is a whirlwind of colorfully feathered dancers, amplifying the already electrifying energy the troupe brings to the African-derived dances. A folk tale about reviving a dead ox serves as a springboard: two dancers in hobbyhorse costumes impersonate the ox and the herdsman who kills him. They wiggle and canter, but the essence of the piece is in the stamping, leaping patterns of dancers in magnificent headdresses. Different units in different colors weave a counterpoint of rhythm, as a shaman figure leads all in a dance that differs in posture and spirit from everything else on the program.

A troupe gains polish without losing its spark.

Better financing has given the company more resources, and the costumes and staging contribute to a new polish. The results are impressive and seductive. Ms. Conrado's new "Maracatu Rural" is introduced by a group of slinking riflemen whose role needs some explaining. But there is no mistaking the parody of colonial aristocracy as a mock king and queen, resplendent in gold, join the revels.

Some of the homespun awkwardness of the company's earlier years had its charm. Now it is approaching the glamour of Ballet Folklórico of Mexico. Yet the Brazilian company retains a strong connection to the roots of the traditions its celebrates.

The musical interlude included a virtuoso solo on long-stemmed lute, the berimbau, by Daniel Sousa, and the mix of pop and tradition is vividly embodied by Dora Santana, who belts out her songs with Miralva Couto as wonderfully as ever.

The acrobatic solos in the martial arts competitions are performed by young men with a new thrill quotient in "Capoeira." The granddaddy of break dancing is found in this work. The women, never less energetic than the men, are enticing in the sambas. They are not girls from Ipanema, and the difference is loud and clear.

The New York Times Magazine illuminates the news.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Living | Arts

THE BOSTON GLOBE FRIDAY, OCTOBER 20, 2000

THE BOSTON GLOBE

OUTUBRO 2000



Carnaval!
With vivid costumes and astonishing dances, Bale Folclorico (right) thrills. Review, **D3**



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 107 29/04/10 02:22

THE BOSTON GLOBE

OUTUBRO 2000

A bracing Bale Folclorico bursts into town

By Ellen Pfeifer
GLOBE CORRESPONDENT

Stage Review

Bale Folclorico da Bahia
Performing Carnaval 2000
Presented by World Music
At: the Shubert Theatre
through Sunday

You could call it the Brazilian "Blast!" or the Bahian "Riverdance." The Bale Folclorico da Bahia's Carnaval 2000 is a celebration of the dance, folklore, music and pageantry that are the result of the ethnic fusion of African and Brazilian cultures.

The 32 singers, dancers, and musicians who make up the company exploded into the Shubert Theatre last night for a run of four performances. As fans have come to expect, the show didn't end until the audience was on its feet, dancing in the aisles.

With Bali Folclorico, one speaks in superlatives: the operative tempos are frenetic, the dynamics numbingly loud, the movement furious, the colors hallucinogenic. There's nothing subtle about any of it. Nor is there much contrast in mood or tone. In particular, the music seems quite unvaried and consists almost entirely of thunderous drumming and singing voices amplified to a wordless roar. There were two exceptions — a fascinating solo on the berimbau, a one-stringed instrument that resembles an archery bow with a gourd attached to one end that is struck with a stick, and a brief vocal duet that sounded like chant.

If the ears were assaulted, the eyes were lavished with light and color. With the performance given on an unadorned black-box stage, the performers constitute the scenery. Each number finds them in yet another fantastical array of costumes and plumage. The company's designers are ingenious in the way they can use a maximum of draperies and adornments while still covering a minimum of flesh. Consider the first scene. The dancers appear in a multitude of feathers like the exotic birds of a tropical forest. There are huge plumed headdresses, feathered anklets and bracelets, and tufted bras for the women. But midriffs and spectacularly muscled thighs are bare. In the frenzied climax of the evening, "Afixire," the women wear skirts of two lengths — a kind of tutu that sways provocatively, and long loose panels. They are topless except for large daisy collars.

Probably the most brilliant numbers were "Ginga" and "Capoeira." The former featured both men and women in wide skirts with panels of pink and blue set off by white fabric scallops. The dancers whirled and twirled, their skirts spinning like wheels. They tossed their heads, threw out their arms, engaged in high kicks and cartwheels. Finally, the women climbed on the men's shoulders and each couple sped across the stage with skirts raised and swirling.

"Capoeira" is an audience favorite for good reason. A South American martial arts form, it gives the men an opportunity to demonstrate acrobatics that rival anything Olympic athletes can do. There were stunning handstands of all sorts, flips, and twists. Most spectacular of all were two-man kick routines in which the "combatants" spin at high speed, aiming a kick to each other's heads with each revolution.

The performers provide a high-energy, flawlessly disciplined show that is exhausting to watch. That didn't seem to bother the audience in the least. As this viewer slipped out at the end, people were boogying in the aisles, in no hurry to go home.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOSTON HERALD
OUTUBRO 2000

BOSTON Herald
SATURDAY, OCTOBER 21, 2000 ■ 50 CENTS

Brazilian show a breathtaker

Bale Folclorico da Bahia at the Shubert Theatre, Boston, last night; through tomorrow.

By BOB YOUNG

MUSIC REVIEW

Brazil's Bale Folclorico da Bahia really needs one of those "fasten your seat belts" signs at the beginning of their shows.

On their return to Boston this week, they've somehow managed to pump up the energy level even higher than in past visits, no easy feat given their track record of leaving audiences exhausted from just watching.

Last night's show at the Shubert was one of their most stunning yet. In addition to several new pieces, the 24-member ensemble showed off an array of spectacular new costumes that were as breathtaking as Walson Botelho's choreography.

Anyone who has experienced a high octane Brazilian concert in recent years can appreciate the polyrhythmic passion that drove the 17 dancers and seven musicians to honor their native Bahia with sensuality and athleticism.

The production, "Carnaval 2000," celebrated Brazil's 500th anniversary by paying tribute to the cultural roots of Bahia, especially Afro-Brazilian.

The troupe's dancing and music was hot, physical and fast paced, fueled by a five-man percussion group that stood at the back of the stage behind the dancers, and by singers Dora Santana and Miralva Couto.

Several new works opened the evening, with the wildly plumed costumes and supercharged rhythms on "Boi-Bumba" setting the stage, followed later by the blurring acrobatics of "Ginga."

At times it was difficult to take in all the movement, with the male and female dancers together and alone, spinning, jumping and whirling frenetically, but absolutely in control.

In the end, there wasn't any mystery about what it all meant. This was a carnival, Bahian style, and feeling good was what it was about.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Acclaimed Brazilian dancers celebrate rhythmic heritage

Balé Folclórico da Bahia brings the dramatic energy and color of Afro-Brazilian dance rhythms and culture to Emens Auditorium on Nov. 2.

Tickets for the 7:30 p.m. show are $10 for adults, $5 for Ball State faculty/staff and free for students of all ages. Tickets are available at the Emens Auditorium Box Office and all Ticketmaster outlets, or charge by phone at (765) 644-3131.

The performance is sponsored in part by Ball State's Offices of the President, Provost and Vice President for Student Affairs, the Diversity Policy Institute and the Multicultural Center.

Brazil's only professional folk dance company features 32 dancers, musicians and singers and a repertory based on "Bahian" folkloric dances of African origin, complete with thundering drums, high flying kicks and flashing sticks and blades.

Balé Folclórico da Bahia



The company's "Carnaval 2000" program features "Capoeira," the spectacular Afro-Brazilian martial arts; "Samba de Roda," a precursor of the familiar samba that survives only in Bahia; "Maculele," a dramatic dance that originated in the sugar cane plantations of northeastern Brazil; and a finale of "Samba Reggae" from the songs of Bahia's Carnaval.

Based in Salvador in the northeastern state of Bahia, Balé Folclórico da Bahia was formed in 1988 by Watson Botelho and Ninho Reis. Under the artistic direction of Jose Carlos Arandiba, the company's national and international tours have earned the troupe a prestigious reputation among the public and critics around the world.

The company made its debut at the Joinville Dance Festival in 1988 and quickly received invitations to perform at other festivals around the country.

Later that year the troupe received the best performance of the year prize from the Ministry of Culture at the Bahia International Dance Festival and was praised as one of the country's most important dance companies.

In the 1995–96 season, Balé Folclórico da Bahia's first U.S. tour included sold-out performances in New York City, Boston, Cleveland and Washington, D.C.

The Cleveland Plain Dealer called the show "a nonstop outpouring of pulsing rhythms, raucous singing, loud drumming and sensual dancing. No words were spoken, but the upbeat message came across clearly, and the joyous spirit of the Bahian people ignited the enthusiastic crowd."

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Acclaimed Brazilian dancers to celebrate rhythmic heritage

FOR THE STAR PRESS

MUNCIE — Bale Folclorico da Bahia will bring the dramatic energy and color of Afro-Brazilian rhythms and dance to Ball State University's Emens Auditorium on Thursday.

Tickets for the 7:30 p.m. show are $10 for the general public, $5 for Ball State faculty/staff and free for students of all ages. Tickets are available at the Emens Box Office and all Ticketmaster outlets, or charge by phone at (765) 644-3131.

The performance is sponsored in part by Ball State's Offices of the President, Provost and Vice President for Student Affairs, Diversity Policy Institute and Multicultural Center, according to a press release from Ball State.

Brazil's only professional folk dance company features 32 dancers, musicians and singers and a repertory based on "Bahian" folkloric dances of African origin, complete with thundering drums, high-flying kicks, and flashing sticks and blades.

The company's "Carnaval 2000" program features "Capoeira," the spectacular Afro-Brazilian martial arts; "Samba de Roda," a precursor of the familiar samba that survives only in Bahia; "Maculele," a dramatic dance that originated in the sugar cane plantations of northeastern Brazil, and a finale of "Samba Reggae" from the songs of Bahia's Carnaval.



Photo provided

"CARNAVAL 2000": Bale Folclorico da Bahia will perform in Ball State University's Emens Auditorium on Thursday.

Based in Salvador in Brazil's northeastern state of Bahia, Bale Folclorico da Bahia was formed in 1988 by Walson Botelho and Ninho Reis. Under the artistic direction of Jose Carlos Arandiba, the company's national and international tours have earned the troupe a prestigious reputation among the public and critics around the world.

The Emens Auditorium box office is open 8:30 a.m.-4:30 p.m. weekdays and an hour before the show. Phone: 285-1539 or toll free (877) 99-EMENS. Web: www.bsu.edu/emens

THE STAR PRESS OUTUBRO 2000

LANSING STATE JOURNAL

OUTUBRO 2000



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 111 29/04/10 02:22

Daily Herald Friday, November 3, 2000

Time out!

BEST OF...



Bale Folclorico da Bahia presents "Carnaval" at the Chicago Theatre.

Move to the beat

Bale Folclorico da Bahia, an Afro-Brazilian troupe of 32 singers, dancers and drummers, performs a combination of street beat, martial arts and samba in its new program, "Carnaval."

The repertory of authentic folkloric dance and music is based on three different influences that impacted the Brazilian people: African, from the introduction of slavery in the late 16th century; Indigena, the Brazilian natives; and European, through the Portuguese colonization.

The performance represents the culture, traditions, beliefs, history, colors, music and movements of the people of Brazil's Bahia region.

By Virginia Kenyon
(847) 427-4529
e-mail vkenyon@dailyherald.com

■ **When:** 8 p.m. today and Saturday
■ **Where:** Chicago Theatre, 175

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

DAILY HERALD

NOVEMBRO 2000

BOOK 20 ANOS BFB.indd 112 29/04/10 02:22

Brazilians keep alive African beat

Dance troupe delivers kicks, spins

DANCE REVIEW

BY ROSALIND CUMMINGS-YEATES

In a spectacular display of color, movement, music and drama, Ballet Folklorico of Bahia proved that the famous northeastern state of Brazil doesn't just produce great singers. Known for throbbing, African-centered rhythms and well-known musicians such as Gilberto Gil, Margareth Menzes and Olodum, Bahia is the center of Brazil's African cultural scene. By blending all of the elements that make up that culture—music, song, dance and spirituality—Ballet Folklorico of Bahia presented a powerful statement on the connection of art and spirit.

Fittingly, the production opened Friday with "Origin Dance," a piece based on the creation of the universe, from a candomble interpretation. A popular Bahia religion, candomble is based on the Yoruba belief system of orishas or deities, which was brought to Brazil during its colonial slavery period in the 16th and 17th centuries. Performed with dimmed lights, the company created a hypnotic effect as dancers, drummers and singers related the tale of how the supreme god formed the universe with a mixture of sacred powder and water. Easily the most striking dance during the hour and a half production, it set the tone for the rest of the show with reverent, yet joyful, moves.

As a 32-member troupe, Ballet Folklorico of Brazil is unlike other dance companies in that it features more than just dancers. Five skilled musicians and two impressive singers round out the group, adding another dimension to their performance. It is the only professional folk dance company in Brazil and has been named the country's best dance company three times since its inception in 1987.

It's easy to see why Ballet Folklorico is Brazil's best. Not only does the group boast energetic, precise dancers, but the passion with which they perform, an important aspect of any successful art form and integral to all African genres, is a show in itself. When the group performed "capoiera," a graceful African martial art form that was often passed off as a dance by slaves, the dancers spun kicks with such speed and intent that it was literally dizzying. The feverish dancing of "maculele" featured dancers knocking pieces of sugar cane against short machetes with speedy intensity, referring to the dual nature of the harvest for slaves: life-giving and deadly.

As one would expect from a Brazilian dance troupe, the finale recreated the spirit of *carnaval*, complete with a topless dancer, drummers hopping offstage to play in the aisles, and rousing singing. Leading the audience out of the theater in a dancing, singing throng, Ballet Folklorico of Bahia bared all that represents Bahia: music, moves and spirit.



Ballet Folklorico of Bahia created a spectacular display of color, movement, music and drama. The group has its own singers, unusual for a dance group.

CHICAGO SUN-TIMES

NOVEMBRO 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Bale Folclorico da Bahia invites audiences to join in the fun

By Michael Rydzynski
For the Irvine World News

Audiences can dance off some of that extra poundage they undoubtedly will gain on Thanksgiving when they attend a "Carnaval 2000" performance of the Balé Folclórico da Bahia at the Irvine Barclay.

Presented by the Irvine-based Philharmonic Society of Orange County and the Barclay, Balé Folclórico, Brazil's first and only professional folk-dance company, will bring a diversity of styles that go into a typically traditional celebration of the pre-Lenten season (usually February) in Bahia.

"This is different than (carnival time) in Rio de Janeiro," cautioned Walson Botelho, the classically trained former dancer who is general director of Balé Folclórico, which he co-founded in 1987.

In Rio, carnival time means the day before Ash Wednesday, with people watching the revelers revel.

"But in Bahia, it's seven days, 24 hours of party and everybody participates," Botelho said. "We're bringing the atmosphere of the carnival of Bahia to Irvine."

Bahia is one of 23 states that make up Brazil, lying on the north-central coast. The dance company is based in Salvador, the capital of Bahia and (as Sao Salvador) the original federal capital, with much of the population descended from the West Africans brought over by the Portuguese as slaves in the 16th through 18th centuries.

Thus this blend of cultures – European (Portuguese) and African – accounts for Bahia's rich heritage and Balé Folclórico's electrifying hold on people.

Or rather, its electrifying release in people.

"We invite everyone to dance with us in

See BALÉ FOLCLÓRICO / B8

IRVINE WORLD NEWS
NOVEMBRO 2000

CONNECTIONS IRVINE WORLD NEWS Nov. 16, 2000/B1

Going Brazlian



This joyful dance has male dancers leaping in the air behind their female partners as they celebrate Carnaval. The dance troupe Bale Folclorico da Bahia comes to the Irvine Barclay Theatre Nov. 24-26.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 114 29/04/10 02:22

Getting Outrageous With 'Carnaval 2000'

Dance Review

By JENNIFER FISHER
SPECIAL TO THE TIMES

In the eastern Brazilian state of Bahia, when something called samba reggae emerges, you have to imagine the air is full of rhythms intersecting, and the dance floors are vibrating with movements that come from everywhere.

One way it gets exported is with Balé Folclórico da Bahia, which closes its latest show, "Carnaval 2000," with an eponymous samba reggae fest that turns into genial chaos.

Much of the dancing of this young company, founded in 1988, has the quick transitions and snapping footwork of West African styles, but there is also a loose-limbed, high-flying articulation of limbs, with inventive beats and turns, that leans more toward the stretched, classical lines of ballet or modern.

In a few numbers on Sunday at the Haugh Performing Arts Center in Glendora, the first of three local venues for the show, the raucous transgressions of carnaval time were evoked—none of the coy flirting of Mexican folkloric dance, for instance, but instead, overt sexuality and revelers of both sexes who erupt into brawls.

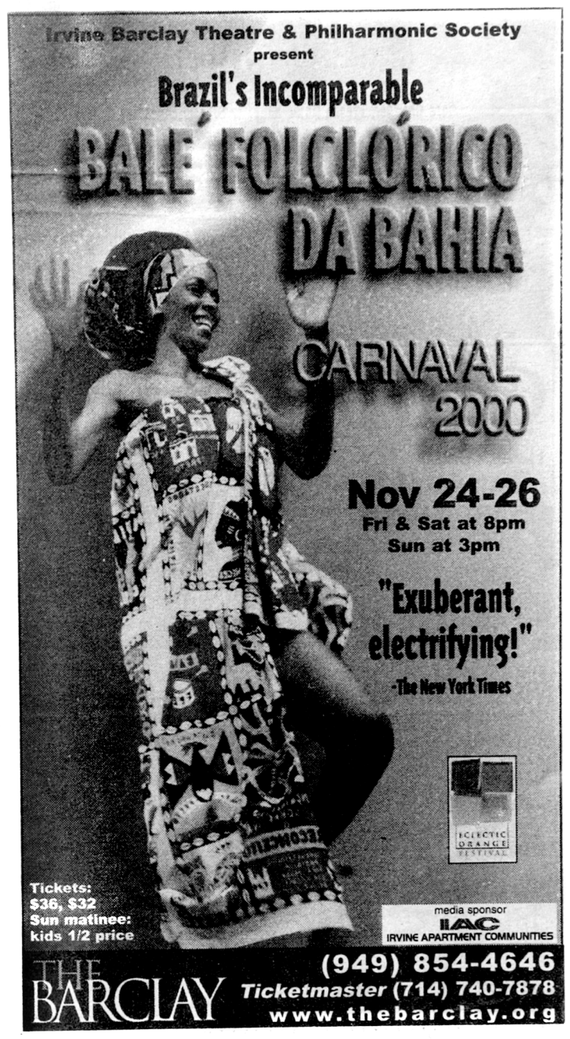
But possibly the most exciting of their theatricalized folk stagings are those that spring from the game-influenced Brazilian martial arts practices of *maculêlê* and *capoeria*. The company's men did stylized combat with dexterity and élan—stick fighting as if it were a minuet during "Maculêlê" (choreographed by general director Walson Botelho); and for "Capoeria" (staged by Botelho and artistic director José Carlos Arandiba), exploring how to swing the leg as a weapon in revolving turns without decking the guy across from you, who is doing the same thing.

Musicians connected best with the audience when they came forward on the stage—Daniel Sousa with his wry solo on *berimbau* (a musical bow with gourd resonator, which he had electrified), and Dora Santana, with her resonant voice and brief samba.

Amplification problems seemed to prevent a balance of drum and voice throughout—or else a recurrent stridency was merely part of the blending of various beats. Certain of the stagings lost focus occasionally, but at the end, the audience—encouraged to deliver their own version of the dance—seemed braced by all the energy.

● *Balé Folclórico da Bahia's "Carnaval 2000" also appears at the Smothers Theatre, Pepperdine University, 24255 Pacific Coast Highway, Malibu, tonight at 8. $35. (310) 456-4522; and at Irvine Barclay Theatre, 4242 Campus Drive, Irvine, Friday and Saturday at 8 p.m.; Sunday at 3 p.m. $32-36. (949) 854-4646.*

LOS ANGELES TIMES • CALENDAR • SUNDAY, NOVEMBER 19, 2000 R
51C



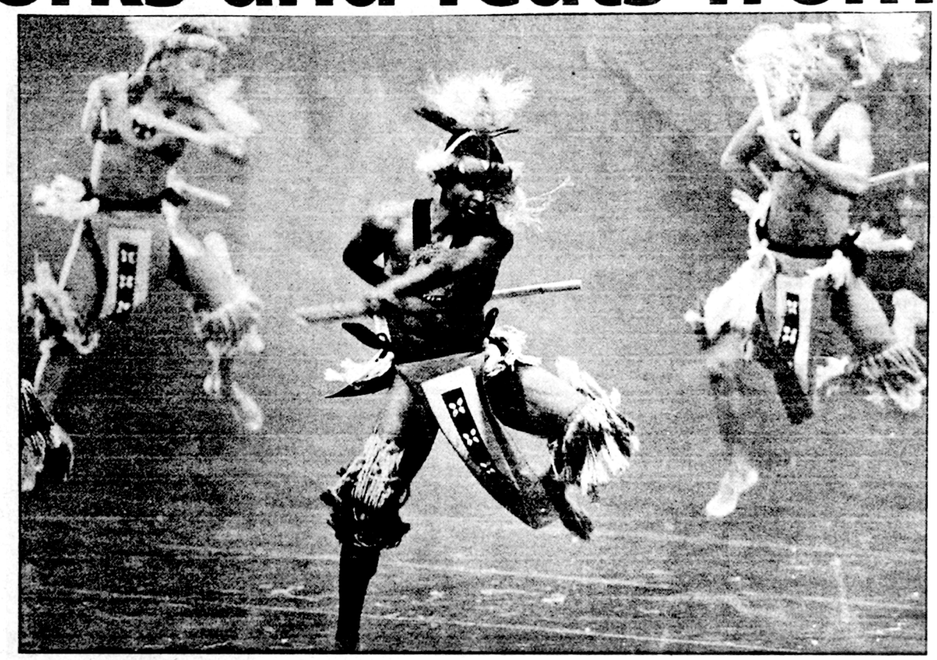
BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 115 29/04/10 02:23

Fireworks and feats from Brazil

REVIEW: Turn off the electricity; the dancers of Balé Folclórico da Bahia power the show.

By LAURA BLEIBERG
The Orange County Register





Photos by **JANINE SWIATKOWSKI**/The Orange County Register

HEARTFELT: Dancers perform the dangerously fast martial-arts Capoeira, left; a dancer displays the troupe's acrobatic prowess, right.

Like Pied Pipers, the strong, limber and infectiously enthusiastic dancers of Balé Folclórico da Bahia had all the audience, from teens to seniors, samba-ing in the lobby of the Irvine Barclay Theatre for a not-so-spontaneous encore capping their Friday night show.

Religious meanings aside, this is the point of Carnaval in Brazil. Shrug away your worldly cares, throw off your clothes and dive head-first into harmless, hedonistic fun. True, only the dancers were bare-chested; everyone else kept on their garments. The magical spirit of Carnaval was bestowed on us all, though, thanks to the company's 17 dancers, five percussionists and two singers.

That was "Carnaval 2000's" strongest suit – its spirited and gifted dancers and musicians. They made a slickly produced show, complete with rainbow-colored lighting, clouds of smoke and booming amplification, feel a little less packaged and a little more heartfelt.

General director Walson Botelho writes in the program about his company's repertory of "authentic folkloric dance and music." But he's dressed up a naturally colorful culture in trappings even more frilly than those worn by a baby girl celebrating her first Christmas. This is folklorico on the model of "Riverdance," moneyed and over-produced.

The program was divided into seven sections, each its own unique scenic tableau. The opening number was an Alvin Ailey-influenced, sculptural adagio that choreographer Augusto Omolú based on a creation story of Candomblé, an African religion. (Why must all folkloric shows begin with 21st century dances fictionalizing ancient rituals?) That was the low point. The fireworks began as actual African-influenced dances were depicted, allowing the dancers to show off their acrobatic prowess.

The mouth dropped open every time the male dancers shot up off the stage. You would be hard-pressed to find another group of men who could pull off these astounding feats of flips, kicks, cartwheels, handstands, splits and more. The martial-arts Capoeira dance was performed dangerously fast, with dancers swinging their legs within inches of their opponents' faces; then they switched directions and kicking legs, doing it all perfectly to the other side.

Balé Folclórico da Bahia "Carnaval 2000"

- **When:** Friday night
- **Where:** Irvine Barclay Theatre; co-presented by the Philharmonic Society of Orange County and Irvine Barclay Theatre

The amusing Samba de Roda was set in a bawdy market scene, depicted with an open, freewheeling spirit of uninhibited fun. The Maculelê dance was an impressive display of clanging swords and clacking sticks, banged together while the men jogged or kicked.

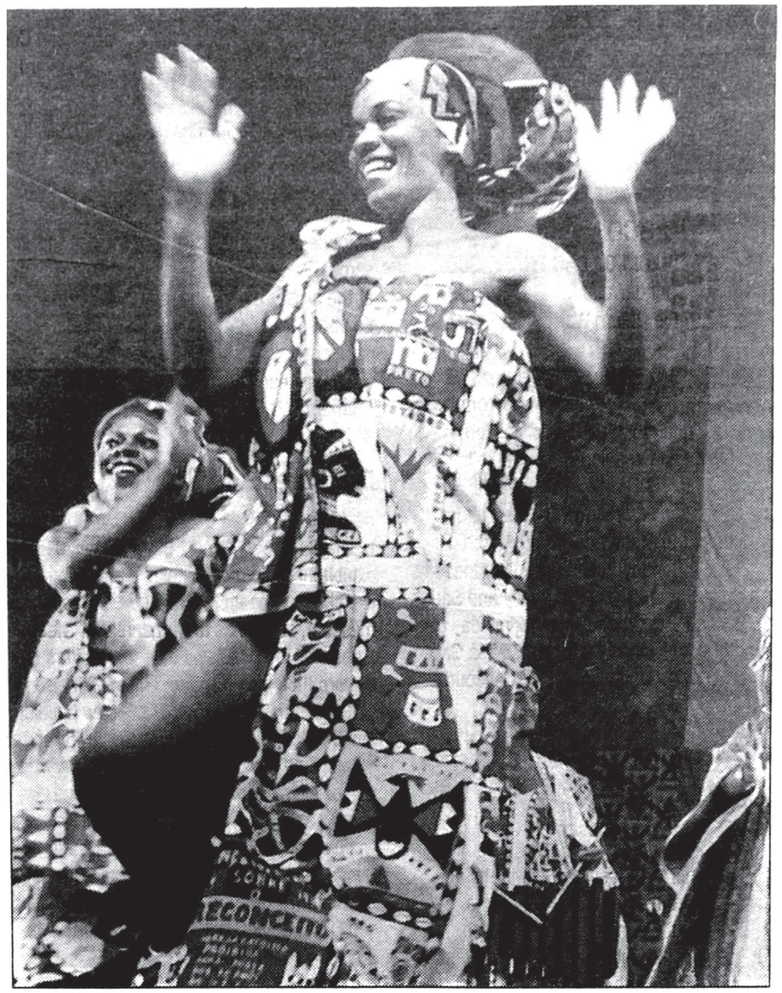
The most impressive display was the Afixirê, a sensual and high-energy number of swinging hips, ever-pounding feet and oh-so-high leaping off the ground. Botelho and artistic director José Carlos Arandiba deserve credit for the constantly changing but never cluttered arrangement and dynamics of each dance.

The equally excellent musicians got to show off while the dancers changed costumes; if only their microphones had been turned off, or at least turned down. There was something sadly ironic about Daniel Sousa's joyous solo on the berimbau, a single-stringed instrument made from a stick and gourd. It was not so simple as it appeared, though. The wire coming out of the bottom gave this berimbau plenty of electronic reverberation and echo potential.

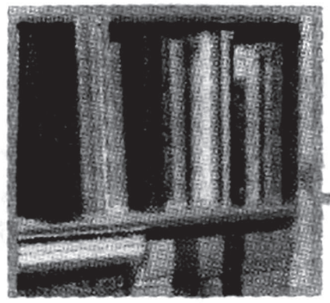
Yes, the unadulterated spirit of Bahia won out over technology, finally, by the time the audience was up and dancing. Shake your hips in appreciation of that.

Laura Bleiberg is the dance critic of The Orange County Register.
- lbleiberg@notes.freedom.com
- Reach her at (714) 796-4976.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 116 29/04/10 02:23



SAMBA-RAMA! Bale Folclorico do Bahia celebrates its Brazilian and African roots this weekend at the University of California at Berkeley.



University of California at Berkeley

Based in the city of Salvador in the Brazilian state of Bahia, Balé Folclórico da Bahia is a propulsive Afro-Brazilian dance company whose dancers, musicians and singers perform a repertory based on Bahian folk dances of African origin. The dances honor and preserve their African heritage while displaying the beauty of its Brazilian transfiguration.

In this year's tour, "Carnaval 2000," the dance troupe will perform selections of "capoera" dances, a spectacular Afro-Brazilian martial art; "Samba de Roda," a precursor of the samba as we know it that survives only in Bahia; and a finale of "Samba Reggae."

Balé Folclórico da Bahia performs Friday and Saturday at 8 p.m. Tickets are $20 to $32. In Zellerbach Hall on the Berkeley campus of the University of California, at Bancroft Way and Telegraph Avenue. Call 510-642-9988.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 117 29/04/10 02:23

THE SACRAMENTO BEE
DEZEMBRO 2000

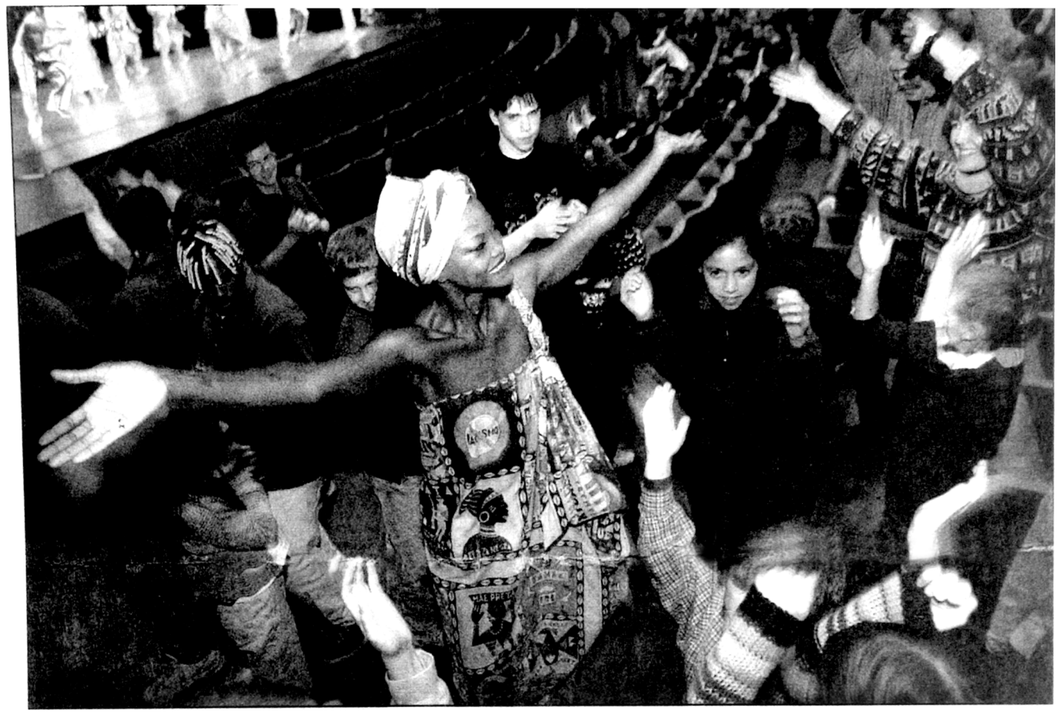
DANCE, DANCE, DANCE



Students from the Sacramento area got a taste of South American culture Thursday from the Balé Folclórico da Bahia. Brazil's only professional folk dance group performed a matinee at the Sacramento Community Center Theater. Vera Passos, above, invites the children and their escorts to dance in the aisle. Nildinha Fonsêca, left, portrays Iemanja, God of the Sea. The program was presented by the UC Davis Presents Community Outreach Program. The troupe also was scheduled to perform Thursday night.

Bee photographs ▶ Hector Amezcua

The Sacramento Bee
FRIDAY
December 1, 2000



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

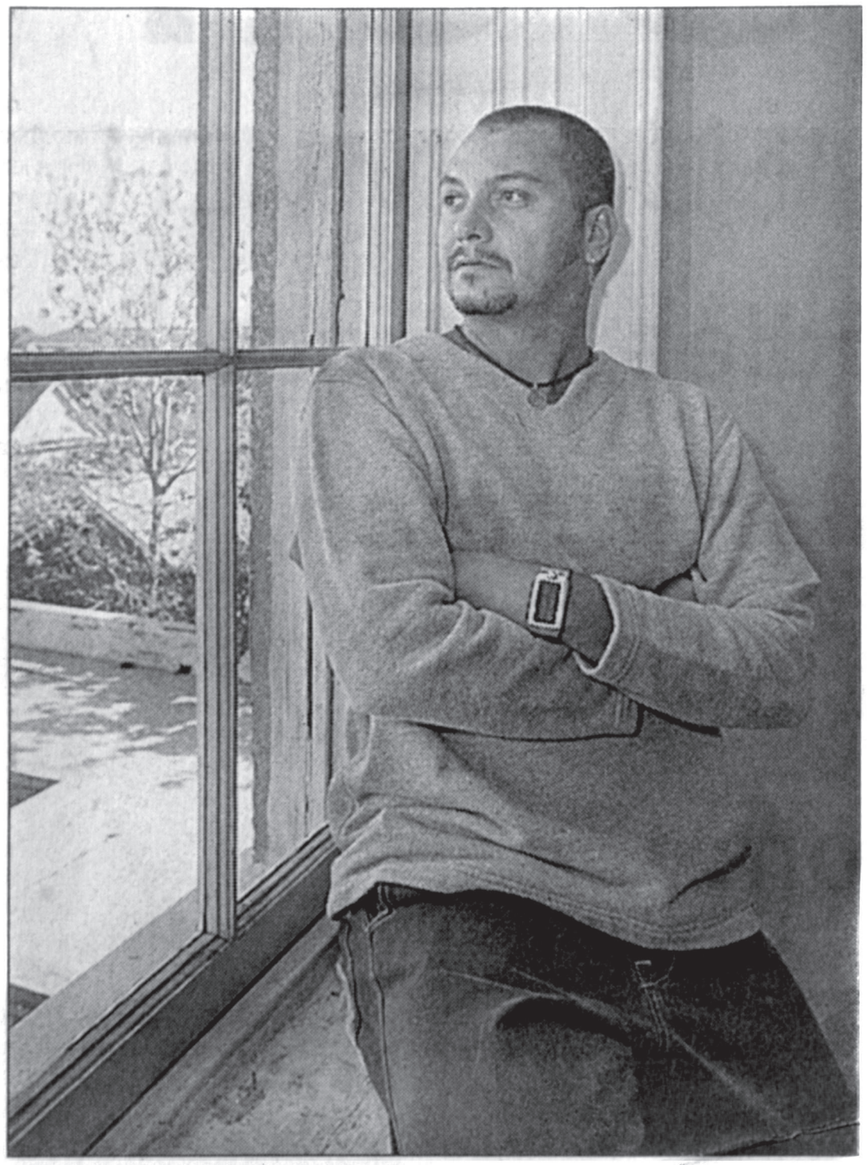


THE STRANGER CALENDAR
DEZEMBRO 2000

CARNAVAL 2000

Brazilian exuberance in all forms! Dance, music, costumes, martial arts, you name it. Looks spectacular and may include nudity. Balé Folclórico Da Bahia in the UW World Series at **Meany Theater** on the UW campus,

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS



BRAD NETTLES/STAFF

Walson Botelho, founder and general director of Bale Folclorico da Bahia, started dancing at age 13.

Company named best in Brazil

BAHIA

"For the first time I saw my own culture in dance."

Botelho went on to success as a professional dancer. But he longed to create a company that focused on his homeland's culture, one that encompassed all of Brazil's people.

He started Bale Folclorico in 1988 and it was quickly named best dance company in Brazil. Still it remained one of the country's best-kept secrets.

But in 1992 the company made its European debut at Berlin's Alexanderplatz Festival. And in 1994 it was smash hit at the Biennale de la Danse in Lyons, France — the biggest dance festival in the world.

As the first Brazilian company invited to the festival, Bale Folclorico was scheduled for only three performances. The company ended up playing seven sold-out nights.

"The success was huge," Botelho says. "It was the beginning of our international careers."

Since its founding, the company has performed in 172 countries, including all of Europe and much of Asia. The demand for the company is so great in the United States that Bale Folclorico spends a full five months a year touring the country.

"The audiences really seems to respond to the lively, moving music and dance we bring," Botelho says.

They certainly did last time Bale Folclorico performed in Charleston. The dance company's finale poured out into the streets and the audience followed.

"That was a special moment," Botelho says.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 120 29/04/10 02:23

THE POST AND COURIER

MAIO 2001

Dance provides energizing spark



FILE/WADE SPEES

Nildinha Fonseca is surrounded by other dancers from Bale Folclorico da Bahia of Brazil in "The Fisherman."

The big hits of Spoleto 1997 were Bale Folclorico da Bahia and the Theatre de la Jeune Lune production of "The Three Musketeers."

Scheduled to perform at the Cistern, Bale Folclorico was forced inside the Sottile Theatre due to rain, but they didn't let that stop them. The energetic group of dancers from Brazil ended their performances with a fabulous march up the aisle, out the doors and onto George Street where the music and dancing continued for another half hour or more. The laughing, dancing crowds loved it. If you missed them, they are back this year.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Dancing in the Streets

Brazil's folk dancers return

BY KRISTEN RHODES

The Balé Folclórico da Bahia of Brazil has been a busy dance company the last few years. Soon after their first international show in Berlin in 1992, the company started traveling extensively throughout the world, visiting 74 cities in the United States since 1995. Stacks of reviews from these cities, including Charleston from their last Spoleto appearance in 1997, contain nothing but raves for the 32-member troupe of dancers and musicians. Their nonstop, two-hour shows frequently continue out into the streets.

Founder and artistic director Walson Botelho explains how their folk dancing differs from most others, "Our dancers are highly trained in all types of dance. They train six days a week, with four hours of class and four hours of rehearsal. In addition to Afro-Brazilian dance, they train in modern dance three days a week and ballet three days a week. They are able to dance with any company in the world. Most folk dance groups do not change — they dance the exact same way as has been done for hundreds of years. With the versatility of our dancers, they can update the language of how they express the traditional dances without changing the manifestation of the dance."

Their dances originated in Africa with the slaves and mixed with Brazilian culture from the region of Bahia (where 80 percent of the 10 million slaves were brought). These dances, like the capoeira and the samba, are popular Brazilian dances today. The capoeira is a martial art form that originated in Angola, Africa, and was used as a means of self-defense by slaves against their masters, as was another dance, the maculele. The samba originated with the samba de roda, as entertainment practiced by slaves. The dance group shows the first samba, as well as what it has evolved into today with the samba reggae, which originated in Bahia 10 years ago.

"Bahia has the second largest population of blacks outside of Africa," says Botelho. "It is a second Africa. We get many people coming from Africa to Bahia to study African traditions because a whole generation was lost in the slave trade, and what was lost in Africa is still around in Bahia. Much of the knowledge came to Bahia."

Research for their dances can be difficult, since many of the dances and customs disappeared hundreds of years ago. Botelho says there are small villages of slave descendants that try to keep the culture as it was 200 years ago, but it is often a challenge to get the people to talk about the songs and dances their parents and grandparents used to perform.

Since their work is based on popular culture, the response from audiences has been extremely positive, says Botelho. Many parallels exist between our country and Brazil with our history of slavery, so the stories are familiar to American audiences. Even though we may not understand the words in the songs sung, the movement of the dancers communicates their meaning.

Balé Folclorico da Bahia
June 7, 9 at 8 p.m.
June 9 at 2 p.m.
$10-60
Gaillard Municipal Auditorium
75 Calhoun St.
579-3100

When asked what challenges there are in a company that has won numerous awards, has traveled the world, is the cultural ambassador of Brazil, and is Brazil's only professional folk dance company, Botelho says, "We have no sponsorship in Brazil."

Their traveling company provides funds for the resident company and its social program. A dance company with a social program? Botelho says the capital of Bahia, where they are located, is very poor. It has improved in recent years as an historic center, but there are still many homeless children. The company has taken 200 children off the streets, trained them, educated them (all for free), and often employs them. The second resident company is made up entirely from children they trained in this program, with a few in their traveling company as well. After about age 26, the dancers are too old to dance with the energy required, so many of these "elderly" dancers are employed as choreographer's assistants and the like.

"The social program is very important, but it isn't sponsored by any private company." Botelho just changed the company from a private one to a nonprofit foundation, which should make it easier to find international investors.

The Balé Folclórico Da Bahia performs this weekend and should not be missed. You will most likely be dancing in the aisles, and in the streets, and probably for days afterward. CP



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Bale Folclorico de Bahia might have you dancing in the streets

BY CLAY BARBOUR
Of The Post and Courier Staff

The last time Bale Folclorico de Bahia performed in Charleston, for the 1997 Spoleto Festival, audience members followed dancers into the street.

"We were all so caught up in the moment, it was great," says Walson Botelho, Bale Folclorico's general director and choreographer. "Maybe, weather permitting, we can have a repeat of that experience."

Bale Folclorico, Brazil's only professional folk dance company, will give three performances during Spoleto this year in Gaillard Municipal Auditorium.

Though based in Salvador, the company has earned a prestigious reputation around the world for its authentic folkloric dance. The 23-member troupe of dancers, musicians and singers perform a repertoire steeped in the three major influence of Brazilian culture: African, Indian and Portuguese.

IF YOU GO

WHAT: Bale Folclorico da Bahia at Spoleto Festival USA.
WHEN: 8 p.m. Thursday; 2 and 8 p.m. Saturday.
WHERE: Gaillard Municipal Auditorium.
HOW MUCH: $10, $20, $30, $45, $60 for evening performances; $10, $15, $25, $40, $50 for the matinee.
MORE INFO: The public is invited to samba with the performers at 3:30 p.m. Saturday on the lawn in front of Gaillard Auditorium.

"It's a combination of influences as expressed through folk, popular dance, ballet and modern American dance," Botelho says. "It's a form we practically created."

Botelho, a 39-year-old Brazilian native, started dancing when he was 13, taking classical ballet and modern dance. At age 17, he was exposed for the first time to folk dance.

"I fell in love with it," he says.



PHILIP MARTIN

Members of Bale Folclorico de Bahia

THE POST AND COURIER
JUNHO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 123 29/04/10 02:24

THE POST AND COURIER

JUNHO 2001

Bale Folclorico gets audience dancing

BY DOTTIE ASHLEY
Of The Post and Courier Staff



DAVID SMITH/STAFF

Bale Folclorico da Bahia dancers perform the frenetic "Boi-Bumba," which is drawn from Brazilian folklore. After thrilling audiences here in 1997, the troupe returned to Spoleto Festival USA on Thursday night. Their next performances will be at 2 and 8 p.m. Saturday at Gaillard Auditorium.

When two women in layers of petticoats got into a tussle and rolled off the stage at Gaillard Auditorium Thursday night, we knew we were in for more than an ordinary evening of dance with Bale Folclorico da Bahia.

As the people on the front row helped the women up, they smiled and then fought and rolled some more, this time keeping on the stage where male dancers resembled whirling dervishes amid percussive music and bird calls.

While the bare-breasted women in the latter part of the program definitely caught the full attention of the crowd, the natural context of the partial nudity and the exquisitely sculpted bodies should not have offended anyone.

A fascinating lesson in the history of dance accompanied the tableau of rapid-fire backflips, cartwheels, somersaults and one-arm handstands. At one point, the exploding tableau of excitement and thrilling professionalism took on the patina of the Brazilian carnival as in the film "Black Orpheus." Headdresses of peacock feathers and costumes of a brilliant hue were worn by lightning-quick dancers, who were also acrobats.

In its second visit to Spoleto Festival USA, Bale Folclorico da Bahia generated the same enthusiasm that it did the first time, when it impelled audience members to dance down George Street following its performance. The crowd which filled Gaillard Auditorium stood and danced in the aisles and followed the dancers out into the lobby.



DAVID SMITH/STAFF

Directed by Walson Botelho, the troupe brought nine musicians, including a flute player, horn and brass, but percussion totally dominated the evening, as the drummers went out onto the dance floor at one point and danced while playing various types of drums including congas and tom-toms.

REVIEW

My favorite scenario was the first, which featured an ox who had the sweetest eyes I've seen painted on an animal mask. As part of a folktale of a pregnant herdsman's wife, who wanted to eat the tongue of an ox to ensure her good luck, an ox was killed. But then the Paje, or supreme religious authority of the natives, revived the gentle animal. When the ox took his bow at the conclusion of the scene, everyone was exuberant.

The piece "Xaxado" tells of the confrontations between the landowners and poor people in search of land to cultivate. Using rifles and in costumes reminiscent of the Old West, the men and women performed routines that brought to mind a scene from "Annie Get Your Gun," especially when one of the male dancers comes into the audience with his gun.

Frenetic movements with dancers using large rain sticks of assorted shapes added to the flashy patina of one scene, which included two singers in glittering, metallic caftans and matching headdresses.

Speaking of headdresses, in the piece "Maracatu Rural," the 3-foot-tall headdresses matched the dancers' red, blue and brown costumes.

In one number, males holding two knives danced in pairs as if sparring, while a king and queen in gold costumes and bejeweled crowns seemed to reflect the pomposity of the 17th century Portuguese royalty.

We are reminded that from these ancient African-Brazilian roots came the genesis for tap dancing, ballet and even Irish step dance as in the famed "Riverdance."

At the end, gray-haired ladies were dancing up a storm as the high-energy on stage transferred to the audience. As one patron remarked, "It's what Spoleto seemed created to be."

The performance will be repeated at 2 and 8 p.m. Saturday at Gaillard.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 124 29/04/10 02:24

OUR BEST SEASON YET!

Balé Folclórico Da Bahia

"Bahia of All Colors" is based on Brazil's rich Bahian culture and folklore. After extensive research and interviews with descendents of Bahian slaves, Balé Folclórico Da Bahia has recreated an amazing tableau depicting the daily lives and costumes of Bahia's ancestors. The award-winning 38-member troupe of professional dancers, musicians and singers presents a spellbinding performance that blends Afro-Brazilian and modern dance, classical ballet, martial arts, singing and percussion.

For 16 years, Balé Folclórico has appeared around the world to great acclaim. The Alex is honored to be able to host this distinguished troupe this October.



A LOS ANGELES AREA LANDMARK SINCE 1925

BACKSTAGE at the alex

GLENDALE, CA — SEPTEMBER 2004

Balé Folclórico Da Bahia

Brazil's only professional folk dance company, Balé Folclórico Da Bahia, returns to Southern California with "Bahia De Todas As Cores" (Bahia of All Colors). This explosive two-hour program of rhythm, motion and color will appear on **Friday, October 1, at 8:30 p.m.**



BACKSTAGE
SETEMBRO 2004

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 125 29/04/10 02:24

weekend

CORPUS CHRISTI CALLER-TIMES
Friday, September 17, 2004



CORPUS CHRISTI CALLER-TIMES

SETEMBRO 2004

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 126 29/04/10 02:24

CORPUS CHRISTI CALLER-TIMES

SETEMBRO 2004





CORPUS CHRISTI CALLER-TIMES

Bale Folclorico da Bahia treats city to first show of U.S. tour

BY JOHN POWELL METZ
Caller-Times

While touring the historic churches of Bahia, Brazil, last year, local couple George Hodge and Samimah Aziz-Hodge took their driver's suggestion and popped into a dance company's rehearsal. The troupe was called Bale Folclorico da Bahia.

"And when we went, it was just amazing, just incredible," Aziz-Hodge said. "They just had to come here."

Being the owner of SGS Adventures, a tour and travel management company, Aziz-Hodge was able to do just that. She persuaded the company's director and co-founder, Walson Botelho, to tack Corpus Christi onto his 2004 U.S. tour schedule, an addition he could maneuver only by stopping here first.

Thus, Corpus Christi residents will have the opportunity Tuesday to be the first in the United States to experience "Brazilian Rhapsody," the new production by the world-renowned dancers and musicians *The New York Times* described as "exuberant," "electrifying" and "infectious."

Bale Folclorico da Bahia, founded in 1988, toured the United States most recently in 2000, when their production "Carnival" dazzled sold-out audiences in 120 cities. The colorful, high-energy spectacle was rooted in Bahian folklore and enriched by Botelho's background in anthropology and the arts. But he was just getting started.

"In 'Brazilian Rhapsody,' I'm extending our work to the north and northeast of Brazil," Botelho said via phone from Salvador, the capital of Bahia, a Brazilian state.

Because the troupe focuses on folkloric rather than contemporary themes, Botelho said he restrains his imagination and attends, instead, to history. He engages in firsthand research, interviewing descendants of slaves and indigenous people capable of recounting the movements, music and customs of their ancestors. Such cultural manifestations, Botelho explained, often are poorly documented, so speaking to the descendants is invaluable — and difficult.

"All of them have different opinions," he said, adding that he uses his background in anthropology, his university major, to analyze his findings objectively.

"Brazilian Rhapsody" will have a more African flavor than "Carnival" but will reflect the mixture of African, Portuguese and indigenous influences that characterize Bahia and regions to the north. And unlike the percussion-heavy "Carnival," "Rhapsody" features bass, saxophone, trombone, keyboard and flute.

Botelho's 37-member troupe (18 dancers, 10 musicians, seven technicians and two singers) works eight hours a day, six days a week, learning routines and rehearsing for nightly performances in Salvador. The group's dancers are young — ages 17 to 23 — and energetic, he said.

"They have everything to give to everybody; they are in the flower of age, as we say in Brazil," he said.

Botelho's first venture to the United States was "a giant surprise" because audiences participated so willingly, climbing on stage, dancing on chairs and sometimes taking to the streets. But not all audiences are the same.

Botelho believes the residents of Corpus Christi will see why Brazil's Ministry of Culture named his company the nation's best — three times.

"I believe they will see how strong we are, see the energy of the company," he said. "I believe very few companies in the world have the same force as Bale Folclorico da Bahia."

Contact John Powell Metz at 886-3763 or at metzj@caller.com



BRAZIL THROUGH DANCE

WHEN: 7 p.m. Tuesday. A pre-performance mixer will begin at 7 p.m. Monday at Havana Club, 501 N. Water St., and a post-performance meet and greet will be after the show at Katz 21 Steak and Spirits, 317 N. Mesquite St. (Must show ticket stub at the door.)
WHERE: Selena Auditorium, 1901 N. Shoreline Blvd.
COST: $15, $25 or $40
INFO: 553-4172

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Corpus Christi Caller-Times
Tuesday, September 21, 2004

CALENDAR



Michelle Christenson/Caller-Tim

Members of the Bale Folclorico da Bahia give a preview Monday. The group will perform at 7 p.m. today in Selena Auditorium, 1901 N. Shoreline Blvd.

Brazilian Rhapsody

From the land of the Amazon comes Bale Folclorico da Bahia, a 38-member dance troupe showcasing Afro-Brazilian music, dance and song set to choreography, elaborate costumes and pulsating rhythms. The troupe performs at 7 p.m. today in Selena Auditorium, 1901 N. Shoreline Blvd. Cost: $15-$100. Information 533-4172.

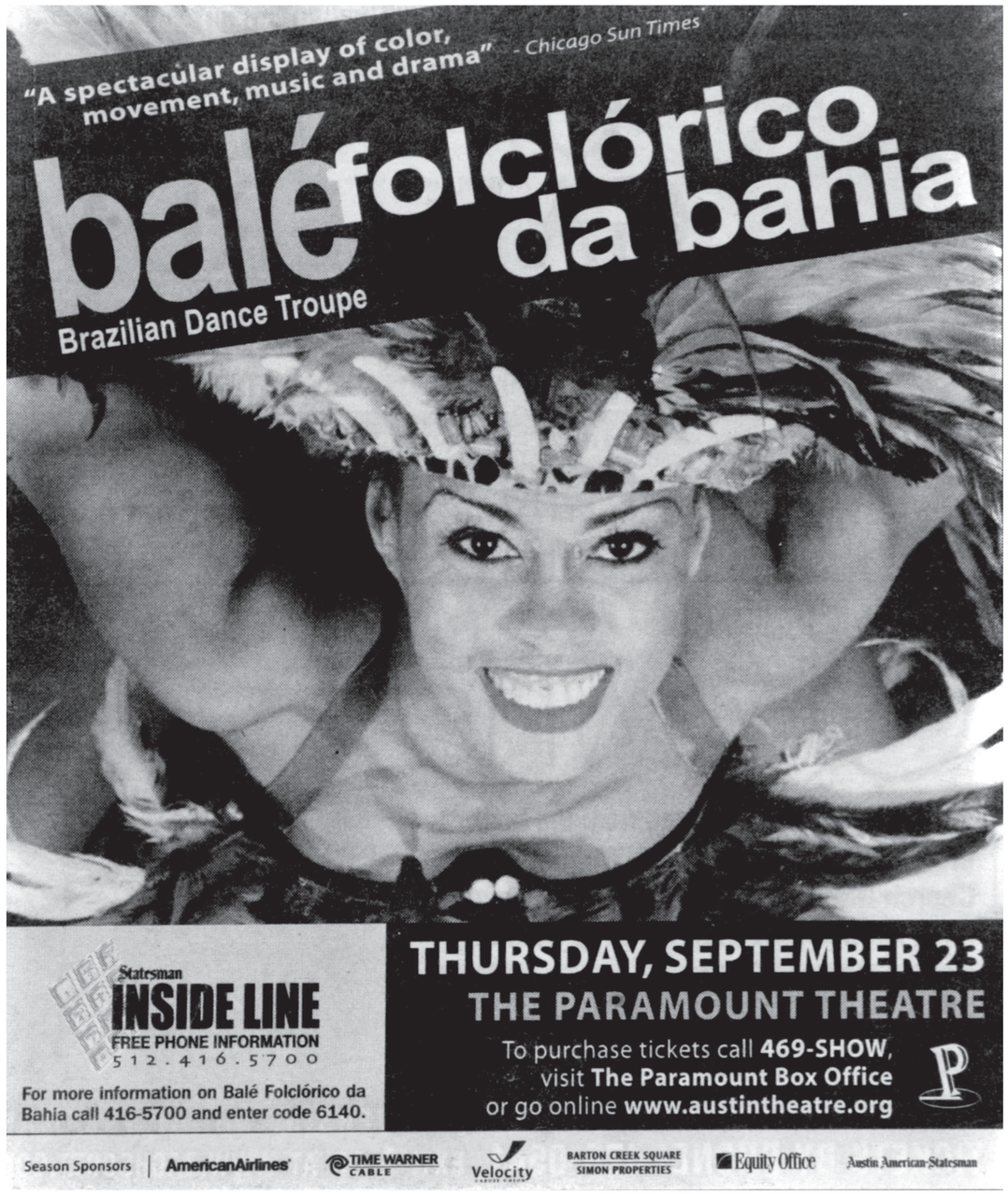
BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CORPUS CHRISTI CALLER-TIMES SETEMBRO 2004

BOOK 20 ANOS BFB.indd 128 29/04/10 02:24

AUSTIN AMERICAN STATESMAN

SETEMBRO 2004



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 129 29/04/10 02:24

The Dallas Morning News Sunday, September 26, 2004

Mixing moves, history

Balé Folclórico da Bahia makes colorful Dallas debut at McFarlin

By DANA GAVIN FRANK
Special Contributor

The key to dance's longevity as an art form resides in its ability to bear witness to life as a cultural recording of our past and our present, rather than just in the spectacle of virtuosity.

Not to say that Balé Folclórico da Bahia didn't thrill with technical prowess, but by connecting Brazilian folkdance to its heritage as the dances, customs and combat forms of slaves, the company's Dallas premiere crackled with a certain historical grounding.

DANCE REVIEW

TITAS presented the company, a mix of culture and color, to kick off its 2004-2005 season on Saturday night at McFarlin Auditorium. A fusion of live music and theater, the program was structured around a somewhat chronological timeline of influence on Brazilian dance.

The most successful marriage of dance power and authenticity was found in the works, Maculelê and Capoeira.

Maculelê, choreographed by Walson Botelho, represented the dance form used by the slaves to celebrate a good harvest and to defend themselves against their owners. In tightly choreographed battles, pairs of dancers squared off with masculine bravado. The clashing of their metal knives literally created sparks.

The spirited battles of Capoeira, with its deft balances, displays of flexibility and twisted cartwheels, were intense. Men displayed daring gymnastic acts as they flirted and socialized with the women.

As the men paired off to spin and kick in wild succession, the mounting tension gave way to enthusiastic celebration.

Dana Gavin Frank is a Dallas freelance writer.

THE DALLAS MORNING NEWS
SETEMBRO 2004

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 130 29/04/10 02:24

GRAPHIC
SETEMBRO 2004

Brazilian troupe dances tonight

By AMY LARSON
STAFF WRITER

Bale Folclorico da Bahia, an award-winning performance team, will be appearing in the Smothers Theatre at 8 p.m. tonight

This is the second time Pepperdine has hosted this performance troupe. Marnie Mitze, managing director for the Pepperdine University Center for the Arts, said she is excited to have the company return to campus.

"This is a unique culture that a lot of people are not aware of," she said.

Pepperdine wants to do as much as it can to give the students a knowledge and appreciation of diverse cultures, Mitzi said.

Junior Danielle Sotelo, who went to Brazil last year while studying abroad in Buenos Aires, said the Brazilian culture is worth discovering.

"After visiting and exploring Brazil on my own I have found the culture exciting and bright and the people welcoming and happy in themselves," she said.

"I encourage people to learn the culture, and for the people who can't visit the country to at least watch the 'bale' to get a small taste of the country."

Mitzi agreed that learning about new cultures is part of the reason this dance troupe is coming to Smothers.

"We want to introduce as much cultural diversity as we can," Mitzi said. "We've also hosted the National Dance Company of the Philippines, and the National Dance Company of Spain."

Mitze said some of her favorite aspects of the Bale Folclorico are their extraordinary costuming and vibrant energy.

Walson Botelho, the co-creator and director of Bale Folclorico da Bahia, said he prides the performance team on being.

"We have a different way to entertain people," he said. "It combines modern dance and older Afro-Brazilian dance. The ability to dance older folkloric dances as well as other, more contemporary types is one of the biggest differences between Bale and other types of dance companies."

Additionally, Botelho said, Bale Folclorico is exceptional because it is able to put its own individual spin on older, more traditional dance routines.

"We are able to do a contemporary revision of the traditional dances of Bahia, he said. "We try to keep close to the folkloric dance, but we have a modern way to show it."

One of the key pieces of a successful Bale Folclorico performance is the audience. Audiences are so necessary, Botelho said, because they have a definite connection with the performers.

"We are able to show the people," he said. "They can feel exactly what we want to say."

This troupe, which The New York Times has called "exuberant and virtuosic," combines 38 dancers, singers and musicians. Viewing a Bale Folclorico performance is a cultural education, as they perform "Bahian" folkloric dances of African origin.

Examples of these unique dances include samba, capoeira (a style of martial arts), slave dances and dances to specifically celebrate Carnival.

Created by Botelho and Ninho Reis, Bale Folclorico is the only professional folk dance company in Brazil. Though they have received many honors, Bale Folclorico is a relatively new group, founded only 16 years ago.

In the short time of its existence, the group has been quite celebrated, gaining critical acclaim throughout the country.

The debut for this company was no small performance. In July 1988, Bale Folclorico first performed for more than 20,000 people at the Joinville Dance Festival in Brazil.

Since then, the Bale Folclorico's performance schedule has steadily increased. Throughout the existence of the company, they've won such prestigious awards as the "Performance of the Year" award (given to them at the Bahia International Dance Festival) in 1988, and the "Fiat Prize" (an honor given to recognize what is considered the best dance company in Brazil) in 1990.

The group has also had the privilege to perform in some of the world's most impressive theaters, including the Sydney Opera House.

Bale Folclorico undertook its first United States tour in 1995. With their immense success (nearly all the performances sold out), the company was willing and eager to tour the country again with other honors in 1997, 1998 and 2000.

The "Puxada de Rede," or "fisherman's dance," is a remarkable dance that is still performed by fishermen today in Bahia. This dance shows the performers appealing to Iemanja, the powerful goddess of the sea, asking for their fishing nets to be full.

One of the most popular dances done by the performers is the Boi-Bumba. This distinctive dance tells the story of fairy-tale creatures inhabiting a forest.

These magical creatures are the complete opposite of the wild monsters of the forest, and the interaction between these two groups is displayed.

These dances, as well as others performed by the company, draw from a background of folklore that belonged to the aboriginal natives of Brazil.

In addition to these traditional dances, Bale Folclorico integrates new and diverse dances on each of their tours. The troupe will have a new show this time around, keeping even the most experienced Bale audience members on their toes.

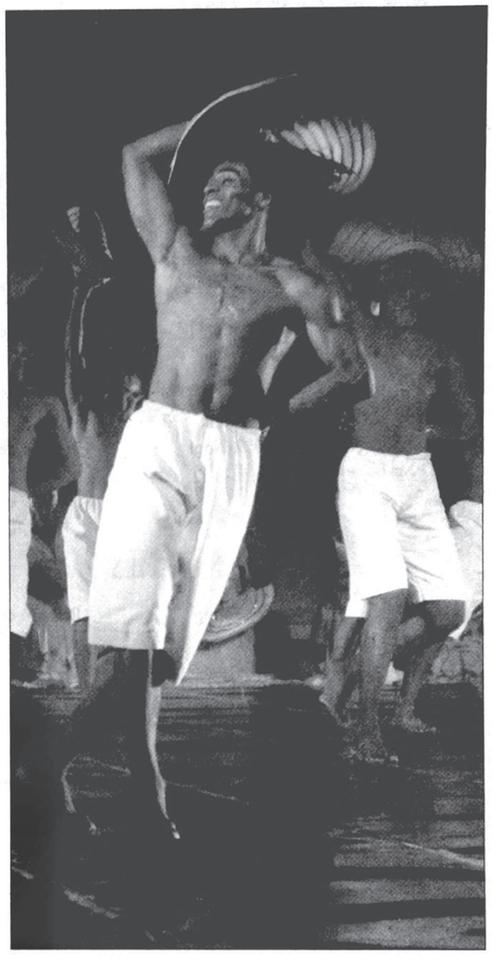


PHOTO COURTESY COLUMBIA ARTISTS

GONE FISHING: The Bale Folclorico de Bahia performs the "Puxada de Rede" or the fisherman's dance. The ritual is still practiced to ask the goddess of the sea, Iemanja, for a net full of fish. The performance takes place tonight at Smother's Theatre at 8 p.m. Tickets cost $10 for students, $40 for adults and $30 for children 17 and under.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 131 29/04/10 02:24

The Boston Globe

THURSDAY, OCTOBER 21, 2004



Bale Folclorico da Bahia merges African, European, and native cultures in dances like "Ginga."

Bahia's vibrant culture shines in the dances of Bale Folclorico

By Rebecca Ostriker
GLOBE STAFF

The city of Salvador, Brazil, is famous for its Carnaval. It's not the fenced-in, glittering spectacle of Rio de Janeiro, but a massive weeklong street party: In the Pelourinho, the centuries-old Portuguese quarter, trucks with giant loudspeakers inch through tens of thousands of revelers, blaring sambas that bounce against the walls of pastel-colored colonial buildings as drum ensembles thunder and costumed dancers shake and strut and people of every age and shade join in.

That's where Bale Folclorico da Bahia, an internationally acclaimed Afro-Brazilian dance company, is based, and it's the kind of energy it seems to channel. The 38-member troupe of dancers, musicians, and singers, on a US tour that takes it to the Orpheum Theatre on Saturday, routinely dazzles audiences with the passion and virtuosity of its performances.

For the company's general director and cofounder, Walson Botelho, though, it's all about roots.

Botelho, 44, was raised in an upper-middle-class family in Salvador, the capital of the state of Bahia, and he studied classical and modern dance in his youth. He'd never seen any kind of folkloric dance until he was 16, and when he did, he knew immediately that it was for him.

"I felt it was exactly what I had inside my soul," Botelho says by phone, in accented but clear English. "It's the mixed blood I have of indigenous, African, and Portuguese people."

Botelho went on to earn a degree in cultural anthropology and to lead a company that draws from that same mixed heritage: the leg-

BALE FOLCLORICO, Page D5

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Brazilian troupe mixes cultures in exuberant dances

▶ BALE FOLCLORICO
Continued from Page D1

acy of African slaves, European colonizers, and native tribes who combined to produce the distinct culture of Bahia, Brazil's most African province.

"The work we do is based on the most important traditions of Bahia folklore," Botelho says. For example, the dance "Maculele" — a charged, almost warlike piece he choreographed in which men whirl and clash with sticks and machetes, literally creating sparks — is derived from a harvest celebration in the colonial sugar cane plantations; the movements, Botelho says, were also a way for slaves to practice self-defense against their owners.

Other dances in "Brazilian Rhapsody," Bale Folclorico da Bahia's current program, use flamboyant steps and brilliant costumes to narrate Amazonian folklore, celebrate the flirtatious exuberance of the samba, offer an ironic take on Portuguese courtly processionals, and showcase the flashing spins, high kicks, and acrobatics of capoeira, Brazil's national martial art.

A primary inspiration for much of Afro-Brazilian dance is Candomble, the syncretic African-based religion widely practiced in Bahia, Botelho says.

"It is the only trace of the original African culture that has been kept until the present day," he notes. "When the slaves came to Brazil, they came from different parts of Africa and they were mixed in the ships. They didn't speak the same language, they didn't have the same culture. . . . But they had one trait in common, the religion. Even with different names for the gods, different ways to practice the rituals, the religion was the same.

"The movements of the dances for the orishas, the gods of Candomble, were preserved. And it's the same movements in the present day as they were dancing 300, 400 years ago."

Does that mean audiences will see a real Candomble ritual on the Orpheum stage?

No, says Thomas DeFrantz, associate professor in the department of music and theater arts at the Massachusetts Institute of Technology. "Typically, performers in the concert version of Afro-Brazilian dance make reference to the orishas and to the dances and songs that accompany the celebration of those deities," DeFrantz explains. "There are rituals associated with different religious practices, of course, but these are actually dance movements, physical movement vocabularies aligned with particular deities. So a gentle circular motion with the arms upraised makes reference to Yemanja," Candomble's ocean goddess, he says, while the god of lightning is associated with "striking gestures with the arms, often with a cross formation over the head."



In dances such as "Afixire," Bale Folclorico uses flamboyant steps and brilliant costumes to celebrate the sensuality and spirit of Bahia's people.

■ **Bale Folclorico da Bahia presents "Brazilian Rhapsody" Saturday at 8 p.m. at the Orpheum Theatre. Tickets are available at 617-876-4275, www.worldmusic.org, Ticketmaster outlets, and the Orpheum box office.**

Those in the know will recognize such movements, while others will probably just be amazed by the array of leaping, flipping, and hip-shaking being done by dozens of dancers in superb physical shape. This is Brazil's only professional folk dance company, and the dancers, who range in age from 17 to 26, train eight hours a day, Monday through Saturday, Botelho notes. They study classical ballet, modern dance, and Afro-Brazilian dance, "so they are very well prepared to dance any kind of technique," he says. And though the director is careful to add that he tries to present folkloric dances in their most pure state, that clearly doesn't mean keeping it simple. He lets his dancers show their stuff. If they can do 10 turns instead of two, he says, so much the better.

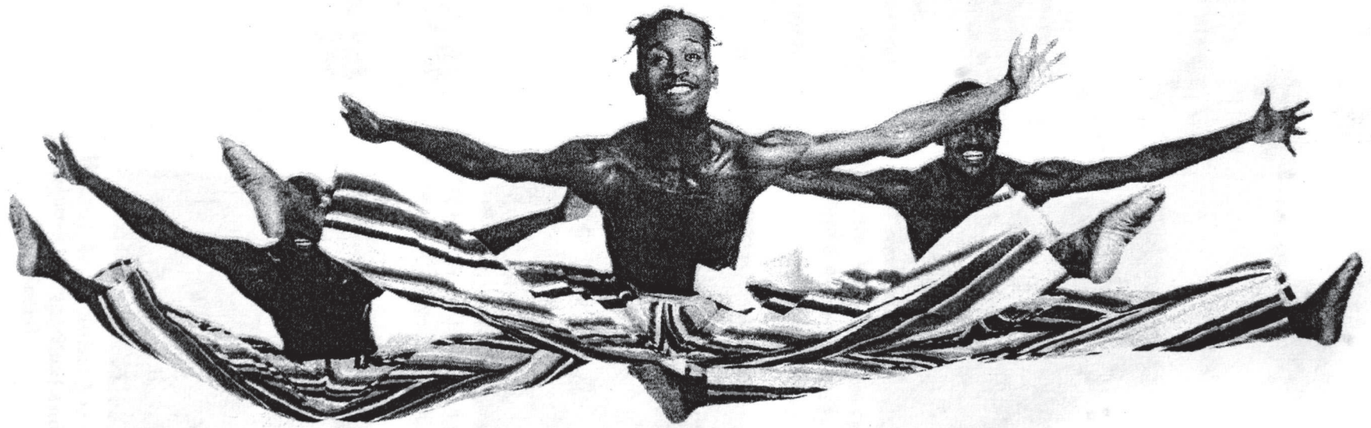
Saturday's show ends with "Samba Reggae," a blast of Carnaval revelry straight from the streets of today's Bahia. The rhythms are unmistakable — and, apparently, irresistible. This number always gets audiences out of their seats.

After all that, what does Botelho hope theatergoers will learn from his company's performances?

"They learn that Brazil has not only naked women, coffee, and football," he says, laughing. "We have a very, very rich culture, we have very nice people, very beautiful people. We can show this on a stage."

BOOK 20 ANOS BFB.indd 132 29/04/10 02:24

THE BOSTON GLOBE
OUTUBRO 2004



PHOTO/MARISA VIANNA

SAT 10·23

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA Orpheum Theatre, 1 Hamilton Place, Boston. 617-876-4275. 8 p.m. $30-$40.

With autumn's chill starting to cool things down, leave it to Balé Folclórico da Bahia to heat them back up — big-time. The internationally acclaimed troupe's 38 dancers, singers, and musicians blast into the Orpheum on Saturday with the Boston premiere of their latest extravaganza, "Brazilian Rhapsody." With sticks pounding, blades flashing, and skirts swirling, the show combines the traditions of Afro-Brazilian folklore with effervescent carnival dances and the virtuosic acrobatics of capoeira, the Brazilian martial arts form — all of which promises a high-energy spectacle of vivid colors and percolating rhythms. Samba, anyone? KAREN CAMPBELL

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

FOCUS

Bale Folclorico dances its way to UConn

Wednesday, October 27, 2004

Brazilian dance heats up Jorgensen

BY JESSICA DEANGELIS
CAMPUS CORRESPONDENT



Feathers will fly, drums will pound and skirts will swirl when the Bale Folclorico da Bahia comes to Jorgensen Wednesday night. This 38-member Brazilian dance troupe includes dancers, singers, percussionists and musicians who will perform dances originating from the folkloric traditions of Brazil and Africa.

Since their inception in 1988, the Bale Folclorico has traveled widely across Europe, Brazil and the United States. The group originated in Salvador, a costal city in the northeastern Brazilian province of Bahia. Much of the Bahian population is descended from West African slaves and, as a result, the province is well known and loved for its and blending of African and Brazilian culture, music and dance.

The music accompanying the dances features traditional Brazilian and African instruments, like the one-stringed berimbau, drumming and vocal performances.

please see BALE, PAGE 10

The dances blend Hispanic and African dance traditions, drawing elements from samba, slave dances, carnival street dances and the martial arts-based dance forms of capoeira and maculele. Capoeira features acrobatic flips and turns that are at the same time a game, a dance and a form of self-defense. It is said to have originated among slaves who disguised their martial art as dance and was long outlawed in Brazil before it became recognized as a national folk art form. Macuele involves dancers wielding sticks and blades, facing off in a choreographed battle that imitates the harvest of sugar cane.

Much of the inspiration for the dance comes from history, religion and folklore. Themes for dances range from interpretations of folktales and creation myths to the expression of the open sensuality of Carnival, Brazil's famous five-day festival. Though the dances often take place in the realm of myth, populated with deities and magical creatures, the troupe's contemporary vision shows through in stories of slavery, the search for land, celebration of the harvest and in tribute to Bahian popular culture.

In addition to the dances themselves, the performance will be a visual feast of textures and colors. The Bale Folclorico is renowned for their elaborate and extravagant costumes – patterns and styles are drawn from all aspects of Brazilian and African culture. Headdresses and anklets are adorned with colorful feathers and plumes reminiscent of the rainforest. Skirts of varying lengths are patterned in bright colors and African prints. Hoop skirts are worn in other dances to reflect European influences in the country from the time of colonization. The costumes are designed to complement the dancer's movement, accenting leaps and motion with a swish of ornamental grasses or a flash of color.

The evening promises to be an extravaganza of rhythm, music color and motion. Doors open at 7 p.m. and the show begins at 8. Tickets are available at the Jorgensen box office

Wednesday, October 27, 2004

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 134 29/04/10 02:25

DANCE REVIEW

A Brazilian Troupe With an Abundance of Excess

THE NEW YORK TIMES, MONDAY, NOVEMBER 1, 2004



Photographs by Jack Vartoogian/FrontRow Photos

...e of Balé Folclórico da Bahia's in part of "Brazilian Rhapsody" at Symphony Space, under the auspices of the World Music Institute.



Balé Folclórico da Bahia at Symphony Space, in the "Maracatu Rural" section of "Brazilian Rhapsody," an evening of music and dance.

By JACK ANDERSON

Balé Folclórico da Bahia

Symphony Space

More is more. That could be the motto of Balé Folclórico da Bahia which presented "Brazilian Rhapsody" on Thursday night at Symphony Space under the auspices of the World Music Institute.

The troupe from Salvador in the Brazilian state of Bahia opened its extravaganza with an explosion of sights and sounds, which continued unabated for two hours. Costumes blazed with colors. The vocal and instrumental musicians made a rousing, though overamplified, clamor. The dancers' acrobatic dexterity was awesome. Symphony Space throbbed with so much energy that you could easily imagine these performers filling Radio City Music Hall without being dwarfed by its vastness.

Dances derived from traditional Brazilian sources and the accompaniment included Brazilian folk music and pieces by Antônio Portella, Jorge Paim and José Ricardo Sousa, the company's musical director. But "Brazilian Rhapsody" was not a lesson in either folklore or history. This spectacular revue sought primarily to dazzle.

In a sequence of nonstop episodes, dancers hurtled and tumbled across the stage in what seemed an endless carnival. They did flip-flops and turned aerial somersaults, creating the illusion that they were momentarily suspended in midair. There were duels with knives that struck sparks and demonstrations of capoeira, the Brazilian martial art that transforms kicking legs into potentially lethal weapons. Dancers portraying outlaws roamed the theater's aisles and, during the finale, company members and dancegoers filled those aisles by dancing a samba together.

A few scenes threatened to go on too long. But before they did other peppy scenes succeeded them. The choreography was by Amélia Conrado, Rosângela Silvestre, Walson Botelho, the company's general director, and José Carlos Arandiba, its artistic director.

There are shows Wednesday at Penn State University, University Park, Pa., and Thursday at the McCarter Theater Center, Princeton, N.J.

THE NEW YORK TIMES
NOVEMBRO 2004

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 135 29/04/10 02:25

BOOK 20 ANOS BFB.indd 136 29/04/10 02:25

ALEMANHA

BERLINER ZEITUNG

BILD

BRAUNSCHWEIGER ZEITUNG

DANSE CONSERVATOIRE

DIE RHEINPFALZ

EXPO JOURNAL

EXPO 2000 NEWS

MORGEN

DINAMARCA

ALBERTSLUND POSTEN

BERLINGSKE TIDENDE

EKSTRA BLADET

POLITIKEN

FINLÂNDIA

HELSINGIN SANOMAT

ILTALEHTI

SAVON SANOMAT

TIISTAI

FRANÇA

CHARENTE LIBRE

LE FIGARO

LE JOURNAL DE SAINT-GERMAIN

LA NOUVELLE RÉPUBLIQUE

LE PROGRÈS

LE MONDE

LE REPUBLICAIN LORRAIN

L'YONNE REPUBLICAINE

LYON CITÉ

LYON MATIN

MAGAZINE FNAC

SPECTACLES EN IMAGES

SUD OUEST

HOLANDA

HET PAROOL

DE VOLKSKRANT

DE SCHOUWBURGKRANT

ITÁLIA

CLASSIC VOICE

IL NOSTRO TEMPO

IL SOLE 24 ORE

GIORNALE DI REGGIO

LA NUOVA METROPOLI

LA REPUBLICA

LA STAMPA

LA VOCE DEL POPOLO

L'INFORMAZIONE

L'UNITÀ

PIEMONTE DAL VIVO

TORINO CRONACA

TORINO MAGAZINE

TORINO SETTE

TUTTO TURISMO

SUÉCIA

DAGENS NYHETER

EXPRESSEN

SVENSKA DAGBLADET

SUÍÇA

FREIBURGER NACHRICHTEN

LA LIBERTÉ

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

20 ANOS

BERLINER ZEITUNG - ALEMANHA

SETEMBRO 1992

Berliner Zeitung – Nr. 209 MEINUNG UND HINTERGRUND



Der „All American Community Choir" sang temperamentvolle Gospels. Foto: Olm

Das große Fest der Verständigung auf dem Alex

Berlin.

Mehrere tausend Besucher feierten am Wochenende mit den Alliierten auf dem Alex das von der Berliner Zeitung präsentierte „Fest der Verständigung". Musik braucht keinen Dolmetscher, entsprechend gering waren die Verständigungsprobleme. Die Franzosen kamen mit ihrer Militärkapelle. Die GUS-Einheiten riefen mit Bläserchester und Balalaika-Ensemble Begeisterungsstürme hervor. Die Amerikaner steuerten neben einer Kapelle einen Gospelchor sowie ihr Drill Team und eine Kindereisenbahn bei. Humorvoll zeigten sich die Briten. Sie hatten nicht nur die Musikgruppe „Tomfoolery" und zwei Dudelsackspieler engagiert, sondern auch Clown „Willing". Die Ensemblemitglieder des „Berliner Globe Theater am Potsdamer Platz" spielten heiteres Renaissancemusik. Der Direktor des Theaters, Kurt Lutz, rezitierte den Hamlet-Monolog. Ein furioses Finale bot die brasilianische Gruppe „Bale Folclorico Da Bahia". Sie tanzte Samba und Lambada. Bei einbrechender Dunkelheit präsentierte sie einen grandiosen Feuertanz. (Bericht Seite 10)

Montag, 7. September 1992

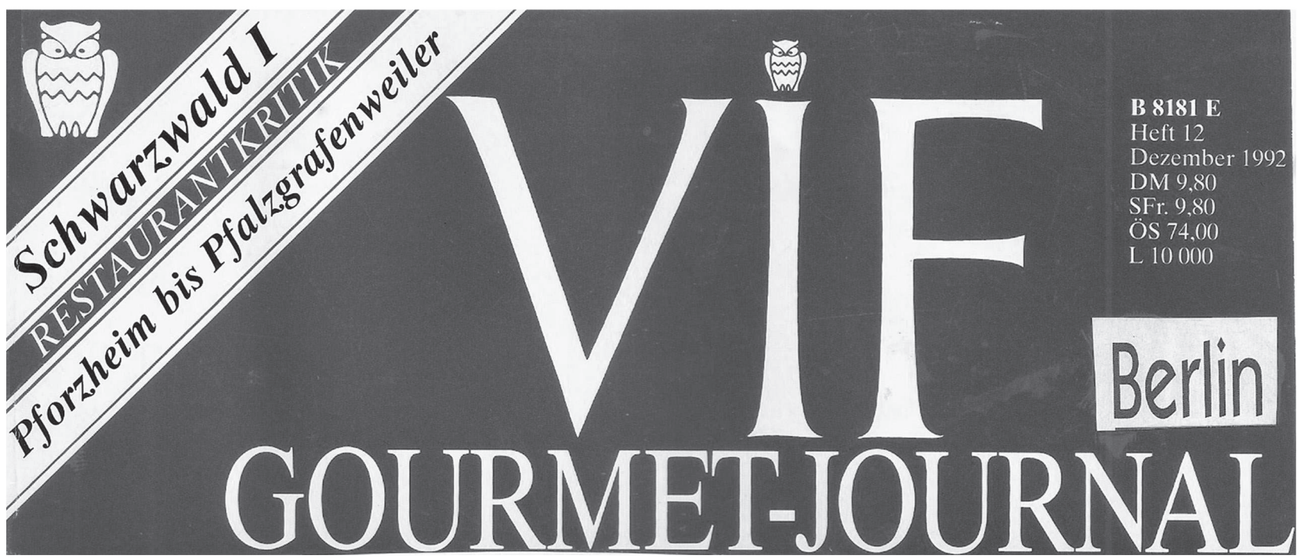
Berliner Zeitung – Nr. 211

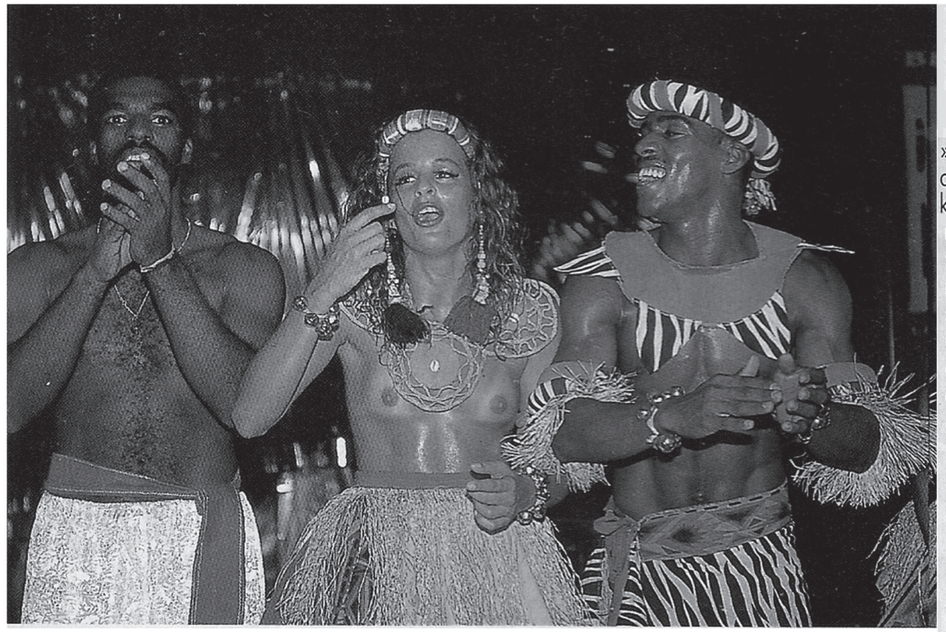
Mittwoch, 9. September 1992

„Samba do Brazil" im Palasthotel

Diese Woche geht es heiß her im Palasthotel Unter den Linden. Bis zum Sonntag, den 13. September gastiert hier die Brasilianische Truppe „Bale Folclorico da Bahia". Jeden Abend von 18 Uhr bis 23 Uhr sind die Tänzer und Sänger bei der kulinarischen Erlebniswoche, die unter dem Motto „Samba do Brazil" steht, im Restaurant des Hotels dabei. Die Köche für das exotische Büffet mit den brasilianischen Köstlichkeiten wurden extra aus dem „Hotel de Bahia" eingeflogen. Die richtige Stimmung soll mit den temperamentvollen Sambarhythmen aufkommen. Der Preis für diese Art von Erlebnisgastronomie: Essen und Unterhaltung kostet 59 Mark pro Person.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS





Folklore und Kulinaria, Gesang und Buffets.

Atemberaubend brasilianisch

»Heiße Gäste« beherbergte das »Palasthotel« mit einer kulinarisch-kulturellen Erlebniswoche unter dem Motto »Samba do Brazil«. Mit einer Ausstellung brasilianischer Künstler begann alles und endete mit dem Auftritt des bekannten »Bale Folclorico da Bahia«. Dazwischen gab es für Kenner und Abenteuer-Gourmets atemberaubende exotische Menüs und Buffets mit landestypischen Spezialitäten, angerichtet von den eigens dafür eingeflogenen Köchen des »Hotel da Bahia«, unterstützt vom Küchenteam des »Palasthotels«. □

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 139 29/04/10 02:25

MORGEN - ALEMANHA

ABRIL 1999

MORGEN



Acht Ballett- und Konzertveranstaltungen umfaßt das Brasilien-Festival, das am 30. April im Pfalzbau-Theater beginnt. Bild: Theater

Lebensfreude und Artistik

Pfalzbau-Theater präsentiert Brasilien-Festival

Freunde brasilianischer Tanztheater und Musik kommen voll auf ihre Kosten. Bei einem künstlerischen Festival über das südamerikanische Land bietet das Pfalzbau-Theater ab Ende nächster Woche acht Programmpunkte an. Damit startet eine Reihe von speziellen Länderfestivals, die im Jahre 2001 mit einem europäischen Land fortgesetzt werden soll.

„Brasilien ist beileibe nicht nur Karneval und nackte Mädchen. Wir wollen die Kultur zeigen, die das Land noch zu bieten hat", erläuterte gestern Pfalzbau-Intendant Michael Haensel. Beigeordneter Günther Ramsauer ergänzte: „Es war auch in finanzieller Hinsicht nicht einfach für den Intendanten, sein Lieblingskind zu realisieren." Er verwies auf die wirtschaftliche Rezession in Brasilien, weswegen viele finanzielle Zusagen für das Festival zurückgezogen wurden. Dennoch könne sich das verbleibende Programm durchaus sehen lassen. Gut die Hälfte des Festival-Etats von rund 450 000 Mark werden durch Zuschüsse etwa vom Auswärtige Amt sowie vom Land Rheinland-Pfalz gedeckt.

Nach dem inoffiziellen Auftakt der „Brasilien-Wochen" mit einer Ausstellung in der Scharpf-Galerie wird das Festival offiziell eröffnet am 30. April durch den brasilianischen Botschafter und OB Dr. Wolfgang Schulte bei einer Vernissage im Theaterfoyer. Gezeigt werden Photoarbeiten von Luzia Simons, die mit einer besonderen Technik Körper in dramatischem Licht- und Schattenspiel darstellt.

Am 30. April beginnt auch der Gastspiel-Reigen von Ballett-Compagnien, den Anfang macht das Balé das Cidade de Sao Paulo, das moderne Choreographien bevorzugt. Artistischer geht es bei der Deborah Colker Dance Company zu. Mythen und Rhythmen Afrikas beschwört das Cia Aérea de Dance hervor. Zu den namhaftesten Tanzensembles Brasiliens gehört auch die Gruppe Corpo, die bereits vor zwei Jahren im Pfalzbau-Theater auftrat. Als sehr temperamentvoll und mitreißend gilt das Programm der Bale Folclorico da Bahia.

Abgerundet wird das Brasilien-Festival durch Workshops sowie durch ein Sinfoniekonzert am 17. und 18. Mai im BASF-Feierabendhaus mit der Staatsphilharmonie und dem Pianisten Nelson Freire. Am 30. Mai gibt der Beethoven-Chor im Pfalzbau ein Konzert unter anderem mit der „Missa de Santa Cecilia" von Garcia. ott

Mit der übertragbaren Brasilien-Festival-Card (Kosten: 100 Mark) erhalten Besucher 50 Prozent Rabatt auf insgesamt acht Karten für eine oder mehrere Veranstaltungen.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 140 29/04/10 02:25

MORGEN

Nr. 114 / Donnerstag, 20. Mai 1999



Morgen Zugabe zum Brasilien-Festival

Wegen der großen Nachfrage beim Brasilien-Festival gibt es morgen, 19.30 Uhr, im Pfalzbau-Theater eine Zusatz-Vorstellung. Die 30 Tänzer, Musiker und Sänger des Balé Folclórico da Bahia verfügen über ein Repertoire, das auf folkloristischen Tänzen afrikanischen Ursprungs aus Bahia fußt, darunter Sklaventänze, dem Kampftanz Capoeira und Karnevalstänzen. Informationen unter der Rufnummern 5 04-25 58. kt

MORGEN - ALEMANHA

MAIO 1999

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 141 29/04/10 02:25

MORGEN
Donnerstag, 20. Mai 1999

Temperament mit afrikanischen Wurzeln

TANZ: Das Balé Folclorico da Bahia aus Brasilien gastiert im Pfalzbau-Theater Ludwigshafen

Brasilianischer Karneval und Fiesta-Stimmung im Ludwigshafener Pfalzbau-Theater – zumindest so etwas Ähnliches. Denn nur zögernd ließ sich das bei der ersten von vier Vorstellungen des Balé Folclorico da Bahia vorwiegend ältere Publikum von den stampfenden und zunehmend lauter werdenden Trommel-Rhythmen selbst in Bewegung versetzen. Mit landläufigem Karneval in Rio hatten die Tänze der durchgängig schwarz besetzten, „einzigen professionellen Volkstanzgruppe“ (so das Programmheft) allerdings weniger zu tun. Um so mehr aber mit der westafrikanischen Heimat der einst als Sklaven nach Bahia verschleppten Vorfahren der Brasilianer aus dieser Provinz.

Sehr authentisch schon der Anblick (bunte, wallende Gewänder) und die Musik der zwei Sängerinnen und fünf Musiker an ihren allerdings modernen Trommelvariationen. Doch nutzen sie auch die Gelegenheit, alte Instrumente vorzuführen, so eine Art Bogen, dessen gespannte Sehne geschlagen wird und nicht nur rhythmische Töne, sondern sogar Melodien erzeugt.

Basis der Choreographien sind zumeist Folklore-Lieder. Ihre Inhalte beschreiben den Ursprung der Welt, Riten, stilisierte Kämpfe, aber auch Freuden- und Dankeskundgebungen. Die Kostüme muten mal an wie bei afrikanischen Kriegstänzen, dann wieder – wenn die Frauen voluminöse Röcke aus glänzendem Stoff tragen – wie bei Festen oder religiösen Feierlichkeiten. Auch in den Schritten und Figuren mit dem ständigen Wechsel von gebeugter und gestreckter Haltung, der Bewegung, die – auch bei Sprüngen – immer in den Boden hineingeht, sind die afrikanischen Wurzeln sehr präsent.

Modern mutet jedoch die szenische Aufbereitung der Tänze an. Sehr wirkungsvoll beispielsweise „Maculele“, eine Mischung aus Erntedank und Selbstverteidigung der Sklaven in Zuckerrohrplantagen, bei der Männer in Lendenschürzen mit Schlagstöcken und Macheten atemberaubend aufeinander losgehen.

Eine Augenweide ist die „Marktszene“, bei der kleinere und größere Flirts, Selbstdarstellung und bodenakrobatisches Geschick der jungen Männer Zeichen unbändiger Lebensfreude sind. Etwas Hexenhaftes hat „Danca de Origem“, die Erschaffung der Welt. In rotes Licht getaucht finden sich wild hüpfende und springende Gestalten nach und nach zu einer Ordnung.

Gegen Ende der eineinhalbstündigen pausenlosen Veranstaltung steigern sich Temperament und Ausgelassenheit des 16köpfigen Ensembles mit zunehmender Lautstärke der Trommeln und der durchdringenden Frauenstimmen. Doch trotz allen Beifalls des Publikums springt der Funke zum Mitmachen beim „Samba Reggae“ nicht so richtig über. sd

i Wegen der großen Karten-Nachfrage gibt es am Freitag, 21. Mai, 19.30 Uhr, eine Zusatzvorstellung des Balé Folclorico da Bahia. Telefon 0621/5 04-25 58 oder 5 04-25 59.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 142 29/04/10 02:25

DIE RHEINPFALZ KULTUR REGIONAL DONNERSTAG, 20. MAI 1999

EIN FEST DER FARBEN, KÖRPER UND RHYTHMEN

Balé Folclórico da Bahia zum Abschluß des Brasilien-Festivals im Ludwigshafener Theater im Pfalzbau

VON UNSEREM MITARBEITER RAINER KÖHL

▸ Folkloristisch wurde es am Ende des Gastspielreigens mit brasilianischen Tanz-Compagnien im Ludwigshafener Theater im Pfalzbau: mit dem Balé Folclórico da Bahia stellte sich die einzige professionelle Volkstanz-Compagnie Brasiliens vor. In puncto Artistik und tänzerischer Virtuosität steht diese Gruppe den klassischen Ensembles in nichts nach. Was in der ernsten Sparte in schweren Stunden eingeübt wird, kommt bei den Tänzern aus Bahia wie von selbst. Ein Rhythmus und eine Artistik, die natürlich gewachsen sind, den Tänzern im Blut liegen. Begeisterung und Jubel, wie man dies im Pfalzbau kaum sonst erlebt, begleitete den Auftritt und die acht Choreographien des Balé Folclórico.

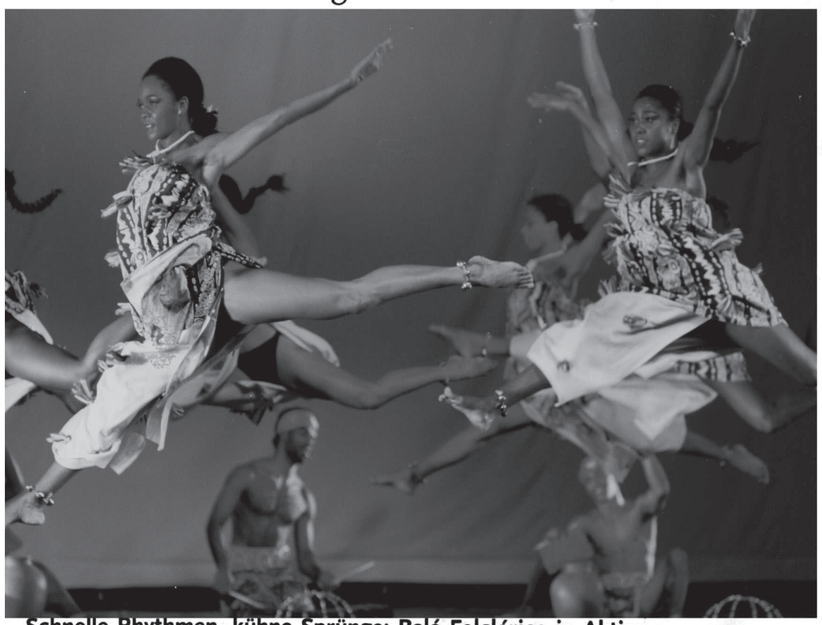
Fern aller touristischer Sambalaune und aufgesetzter Karnevalsfröhlichkeit gab es mit dieser Vorstellung der durchweg schwarzen Compagnie eine Reise zu den Wurzeln afrobrasilianischer Kultur. Von den Ursprüngen des afrikanischen Kontinents, dessen Mythen, Legenden und Rhythmen bis zu den Tänzen der Region Bahia, wo all-dies noch weiterlebt. Ein überaus farbenfrohes, vital pulsierendes Fest der Sinne wurde daraus. Das lag auch an dem siebenköpfigen Musikensemble mit zwei Sängerinnen und fünf Percussionisten, die authentische Kraft und Unmittelbarkeit beisteuerten. Schwer zu sagen, was man mehr bewundern konnte: die Schönheit der Musik, die Farbenpracht der Kostüme oder die Geschmeidigkeit und natürliche Eleganz der schwarzen Körper. Mit den Ursprüngen begann der Abend, mit religiösen Stammestänzen aus Schwarzafrika: kraftvoll-ursprünglich, rituell archaisch. Und dazu der rhythmische Klang der Schellen, welche die Tänzer an Fuß- und Handgelenken umgebunden hatten.

Walson Botelho ist der Generaldirektor des Balé Folclórico da Bahia, und von diesem stammten die schönsten Choreographien - einige davon wurden gemeinsam mit dem Künstlerischen Leiter José Carlos Arandiba erarbeitet. Faszinierend wie die hymnischen Gesänge, geheimnisvoll wie die Musik, so war auch der „Tanz der Fischer", in deren Mitte die Göttin der See ihren mystischen Tanz aufführte.

Ein weites, schmuckbehangenes Netzkleid hatte sie an - worunter am Ende die Tänzerinnen als Fische zappelten. „Maculele" hieß der Tanz der schwarzen Sklaven auf den Zuckerrohrplantagen Bahias: Erntedank und Selbstverteidigung war dabei vereint in spielerisch-virtuosen Kämpfen mit Schlaghölzern und Macheten. Und rhythmisch-percussiv war deren Gegeneinanderschlagen zudem.

Eine lange Solo-Improvisation auf dem einsaitigen Berimbau, dem archaischen brasilianischen Instrument, führte zu einer ausgelassenen Samba, die gleichfalls von den afrikanischen Sklaven einst nach Brasilien gebracht wurde. Einen knallbunten, lebensfrohen Marktplatz inszenierten die Tänzer dazu, mit kleinen Geschichten um Mann und Frau, um Liebe, Eifersucht und Hahnenkämpfe.

Choreographiert war das alles mit Leichtigkeit und Witz, was die vorgeführte Artistik spielerisch aussehen ließ. Besonders die Männer begeisterten dabei mit hochtourig über die Bühne fegenden Flic-Flac-Folgen und meterhohen Luftüberschlägen. Dazu gab es Kopfstände und wirbelnde Körperdrehungen, die auch so manchen jungen Breakdancer beeindrucken könnten. Der Auftritt wurde zu einem Feuerwerk pulsierender Rhythmen, Geräusche, Farben und geschmeidiger Körper voll praller Sinnlichkeit: ein mitreißendes Fest, das am Ende draußen im Foyer noch weiterging.



Schnelle Rhythmen, kühne Sprünge: Balé Folclórico in Aktion. —FOTO: KISHIMA

TERMIN

— *Noch Karten gibt es für die letzte Vorstellung des Balé Folclórico da Bahia morgen um 19.30 Uhr.*

DIE RHEINPFALZ - ALEMANHA
MAIO 1999

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 143 29/04/10 02:25

Ballet Folklorique de Bahia



Ballet Folklorique de Bahia.ch. Pantheon Dos Orixas. Photo Artur

À l'aube du demi-millénaire de sa découverte, le Brésil nous montre un visage nouveau et surprenant. Celui d'une identité enfin retrouvée.

La ville de Ludwigshafen et son Opéra, «Theater im Pfalzbau» viennent de rendre hommage au Brésil en lui dédiant son 1° Festival de l'Art, qui s'est déroulé tout au long du mois de mai.

Un programme très bien structuré, rassemblant danse, musique, théâtre, photographie, et proposant encore des séminaires de danse, de percussion brésilienne et de *capoeira*. Plusieurs groupes de danse contemporaine étaient là, dont les plus célèbres, la compagnie de danse Deborak Colker et Grupo Corpo. Ces compagnies si diverses nous parlent du passé et de l'avenir de ce pays aux multiples facettes, à travers une recherche du mouvement et des formes puisés dans un imaginaire collectif ou s'entrechoquent le fantastique et le surréalisme.

Le *Balé Folclorico do Bahia* a obtenu un immense succès. Cette compagnie nous montre les vraies racines de la culture afro-brésilienne.

Après la découverte du Brésil, le 22 avril 1500, les colonisateurs portugais ne lâchèrent pas la proie. Pour tirer profit de ces terres si riches, ils firent venir des esclaves d'Afrique, les populations aborigènes étant difficiles. C'est ainsi que des milliers d'esclaves arrivèrent au Brésil, pour la plupart à la Capitale, San Salvador de Bahia. Ils venaient du Dahomet, du Bénin, des Régions du Golf, et parlaient tous pratiquement la même langue, le Yorouba.

Ils n'apportèrent pas seulement à ce nouveau continent leur travail physique. Ils allaient participer à la création des fondements de la culture brésilienne, à travers leurs cultes, leurs rituels, leurs chants et leurs rythmes.

Le *Balé Folclorico do Bahia* a su préserver avec beaucoup de justesse les sources originales africaines, les réajustant aux exigences théâtrales avec intelligence et simplicité.

Créé en 1987 par Walson Botelho et Ninho Reis, l'ensemble compte aujourd'hui trente danseurs musiciens et chanteurs.

Le répertoire intègre les danses africaines (dont les danses rituelles), la samba et la *Capoeira* (sorte de danse acrobatique qui relève des arts martiaux., lutte défensive et offensive, très athlétique, elle demande une grande agilité.

En 1988, juste après sa création, le ministère de la culture du Brésil décerna au *Balé Folclorico do Bahia* le prix du meilleur spectacle de l'année. De nombreuses tournées suivirent, dont Berlin, en 1992, devant 50 000 personnes et les U.S.A.

Le spectacle présenté à Ludwigshafen était d'une qualité exceptionnelle. Sept tableaux se succédaient sans entracte. La grande dextérité des danseurs aux corps d'une rare beauté et d'une impressionnante vigueur alternait avec la féminité, la noblesse et la grâce des danseuses. Les rythmes africains ont une immense richesse, particulièrement ceux établis pour les cérémonies religieuses et chacune des très nombreuses divinités des cultes, qui restent assez secrets pour les non initiés.

Les percussionnistes dominent parfaitement la matière spirituelle et musicale. Ils jouent d'une telle manière, qu'ils conduisent le public à une sorte d'émotion proche de la transe. Les spectateurs électrisés se lèvent, sans même pouvoir applaudir, propulsés par une force mystérieuse. Phénomène étrange, mais dans ce cas, fort compréhensible. Impossible de décrire tous les tableaux, ils sont tous remarquables. J'ai beaucoup aimé la première chorégraphie de Walter Botelho, où la personnification d'*Yemanja*, (divinité des cultes africains qui serait fille du dieu ou de la déesse de la mer) était marquée par la poésie et la sobriété des gestes et mouvements de l'interprète.

La danseuse, pourtant habillée en blanc de la tête aux pieds, le visage à peine visible derrière les franges de perles en verre, dégageait une inexplicable magie.

Le deuxième tableau nous ramène vers un autre monde, celui des esclaves. *Maculelé*, danse guerrière avec des bâtons qui s'entrechoquent en un rythme saccadé et vif. Les chants et danses qui l'accompagnent servaient autrefois à cacher les véritables intentions des esclaves.

Impressionnant tableau, par la précision de la gestuelle, du rythme des bâtons et l'explosive énergie des corps. Pour finir, la *Capoeira*. Les danseuses nous présentèrent ici leur incroyable maîtrise corporelle et une rapidité dans les mouvements, souvent dangereusement acrobatiques. Tout est tellement extraordinaire que le spectateur en a le souffle coupé. On se demande si les danseurs respirent et où ils vont chercher les «préparations». Étrange énigme.

José Carlos Arandiba, co-directeur et chorégraphe de talent, assure un excellent entraînement physique aux danseurs et de très belles classes de danse moderne.

Le *Balé Folclorico do Bahia* danse son histoire à travers monde. Très belle histoire, celle qui représente en quelque sorte une»manière d'être» : la grande joie de vivre, pointillée de nostalgie, comme ce «*sanglot*» aux multiples syncopes si caractéristiques de la musique brésilienne, et... beaucoup de malice. D'ailleurs, les Balé, en brésilien étaient ceux qui savaient choisir le gardien du pouvoir de leur divinité.

Céli Barbier

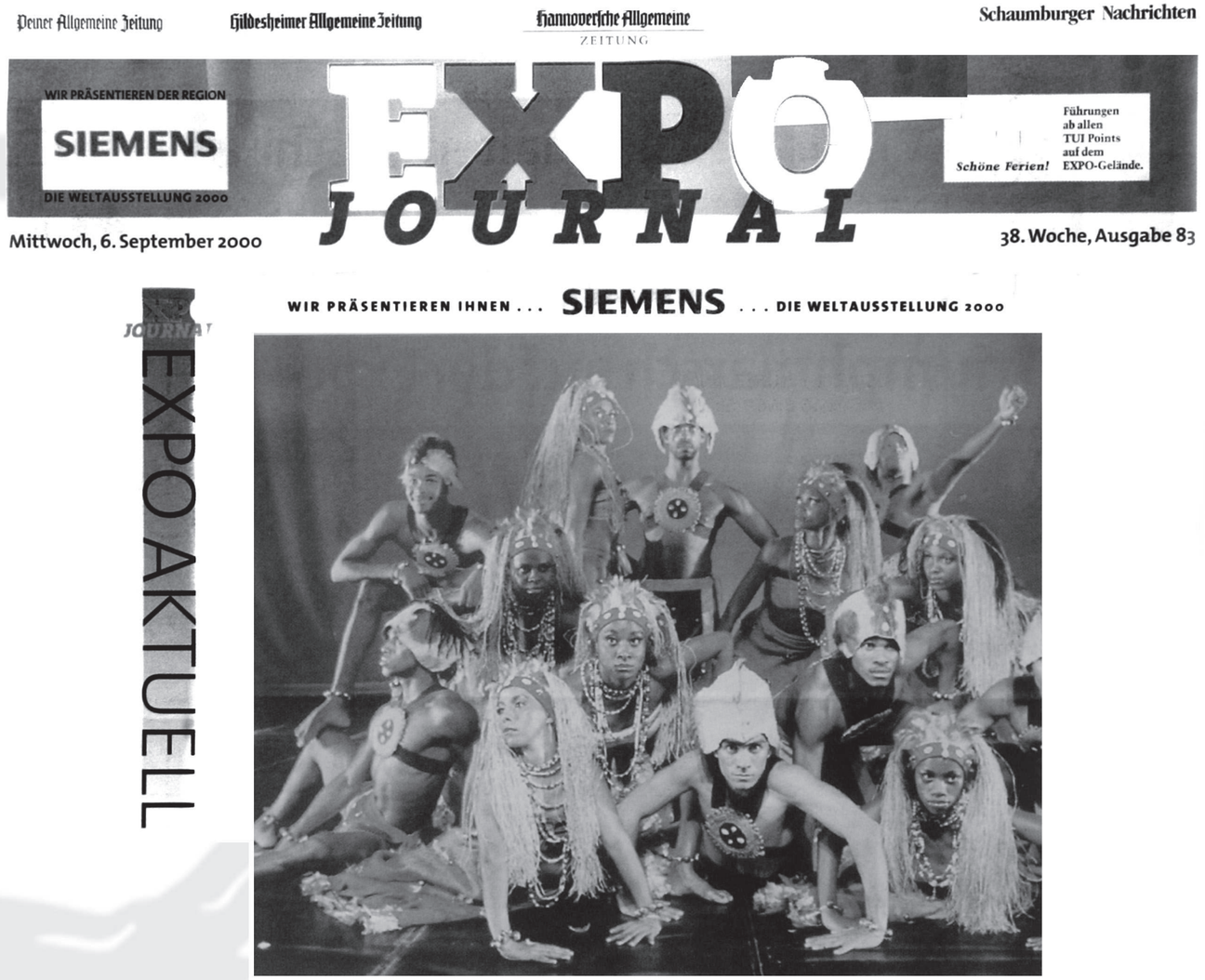


BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 144 29/04/10 02:26

EXPO JOURNAL - ALEMANHA

SETEMBRO 2000



Peiner Allgemeine Zeitung · Hildesheimer Allgemeine Zeitung · Hannoversche Allgemeine Zeitung · Schaumburger Nachrichten

WIR PRÄSENTIEREN DER REGION SIEMENS DIE WELTAUSSTELLUNG 2000

EXPO JOURNAL

Schöne Ferien! Führungen ab allen TUI Points auf dem EXPO-Gelände.

Mittwoch, 6. September 2000 — 38. Woche, Ausgabe 83

EXPO AKTUELL JOURNAL

WIR PRÄSENTIEREN IHNEN ... SIEMENS ... DIE WELTAUSSTELLUNG 2000

Das bringt die Expo zum Kochen

Brasilien trommelt für seinen Nationentag: Heute Abend heizt die Banda Brasil Corcovado auf der Plaza Latina dem Publikum ein. Die Samba-Show startet um 21 Uhr. Am morgigen Nationentag gibt es von zehn Uhr an bis spät in die Nacht brasilianische Musik. Den Höhepunkt bildet die Folklore-Show des Balé Folclórico da Bahia (Bild) in der Preussag Arena. Die Brasilianer wissen, wie sie den Saal zum Kochen bringen können ...

Das genaue Tagesprogramm gibt es in der morgigen Ausgabe. bil

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 145 29/04/10 02:26

WIR PRÄSENTIEREN IHNEN ... SIEMENS ... DIE WELTAUSSTELLUNG 2000

Brasilianer tanzten die Sonne herbei

Die Brasilianer haben es geschafft: Obwohl gestern Morgen noch feuchtkaltes Schmuddelwetter herrschte, gab es vom dicht gedrängten Publikum an der Plaza-Bühne bereits um 10.15 Uhr den ersten tosenden **Applaus – für das Balé Folclórico da Bahia. Mit rasenden Trommelrhythmen, akrobatischen Sprüngen und wirbelnden Beinen riss die einzige professionelle Volkstanzgruppe Brasiliens die Zuschauer mit. Und dann zauberten die Brasilianer, die tanzten wie die Teufel, sogar die Sonne hervor.**

Erich Stather, Staatssekretär im Entwicklungsministerium, sprach von der tiefen Freundschaft zwischen Deutschland und Brasilien.



Die Bühne reichte nicht aus: Das Balé Folclórico da Bahia mischte mit seinen afrobrasilianischen Tänzen wie Axé und Capoeira auch das Publikum auf.



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

EXPO JOURNAL - ALEMANHA
SETEMBRO 2000



Ausgabe 99 · EXPO2000-Tag 99 · Donnerstag, 7. September 2000
EXPO2000 NEWS
Die offizielle Zeitung zur Weltausstellung

Brasilianischer Karneval auf der EXPO

Im Rausch der Sinne

Brasilien hat sich warm getanzt. Bereits seit fünf Tagen sorgen brasilianische Künstler auf der Weltausstellung mit verschiedenen Vorstellungen für Glanzpunkte. Am heutigen Nationentag der Brasilianer entlädt sich ihr südamerikanisches Temperament in einem mitreißendem Festival. Samba und andere heiße Rhythmen und natürlich Karneval machen den heutigen Tag zu einer »Brasilianischen Nacht«.

Karneval in Rio und die ganze Nacht hindurch Samba tanzen – für viele Menschen bleibt das ein ewiger Traum. Am heutigen Tag geht für die Besucher der Weltausstellung in Hannover dieser Traum in Erfüllung. Von morgens früh bis tief in die Nacht wird ein großes Aufgebot an brasilianischen Künstlern den Flair vom Zuckerhut auf die EXPO2000 holen.

Den ganzen Tag lang wird die Plaza-Bühne einem brasilianischen Tanztempel gleichen. Der Höhepunkt ist die »Brasilianische Nacht« um 20 Uhr in der Preussag-Arena. Das international bekannte Ensemble »Balé Folclórico da Bahia« wird ein Feuerwerk aus Farben und Rhythmen bieten, das keinen der Zuschauer auf dem Sitz hält.

Festival der Sinnlichkeit

Samba in all seinen Ausdrucksformen, »Maculele«, »Afixire« und Reggae gestalten den Abend mehr als abwechslungsreich. Die aus der Kolonialzeit durch den Einfluss afrikanischer Völker inspirierte Choreographie ist ein Festival der Sinnlichkeit. Viele dieser Tänze und Lieder sind typisch für den brasilianischen Karneval. Der »Samba Reggae« ist durch Paul Simon – Teil des weltberühmten Duos »Simon and Garfunkle« – auf seiner Tournee mit der brasilianischen Percussion-Band »Olodum« in die ganze Welt getragen worden.

Die »Brasilianische Nacht« endet aber nicht mit der Show in der Preussag-Arena, sondern geht mit einem feurigen Spektakel auf der Plaza-Bühne weiter.

Nationentag Brasilien – Karneval auf der Expo

Ist das ein heißer Tanz!

Seite 6 • BILD • Hannover, 8. September 2000
DIE WELTAUSSTELLUNG IN BILD HANNOVER

Von HENNING von STEUBEN

Die Expo-Plaza bebte wie beim weltberühmten Karneval in Rio: Samba-Trommeln dröhnten, mit fetzigen Rhythmen heizten farbenprächtige Tänzer und Sänger dem Publikum so richtig ein – furioser Auftakt gestern beim Nationentag von Brasilien.

★★★

Schon vor der offiziellen Eröffnung gabs auf der Bühne deutsch-brasilianische Gemeinsamkeiten: Hingebungsvoll tanzte ein schokobrauner „Tristan" mit seiner „Isolde" – Riesenbeifall für die brasilianische Version der altdeutschen Lovestory.

Expo-Chefin Birgit Breuel restlos begeistert: „Brasilien tanzt sich seine Probleme von der Seele." Brasiliens Botschafter Roberto Abdenur erinnerte an die Entdeckung seines Landes vor 500 Jahren: „Seit damals haben sehr viele Deutsche unser Land mitgestaltet. Darüber sind wir stolz und dankbar!"

Beim „Capoeira", einem Kampftanz brasilianischer Sklaven, gabs dann kein Halten mehr: Zu dumpfen Trommelwirbeln zuckten 20 halbnackte Tänzer in ekstatischen Bewegungen. Zuschauer schwenkten Fähnchen, gingen begeistert mit.

„Samba satt" überall auf dem Gelände: Nonstop auf der Plaza-Bühne. Festlich in der Preussag-Arena: Auf der brasilianischen Gala „Bale Folclorico de Bahia" zogen Tänzer und Sänger alle Register. Wer dann noch immer nicht genug hatte, den zog es in die Expo-Disco „Fun 2000". Dort legten brasilianische DJ's auf – Abtanzen bis in den frühen Morgen.

en frühen Morgen.



„Tristan" und „Isolde" auf brasilianisch: Liebesleid und Schmerz auf der Bühne – voller Temperament getanzt.
Foto: Udo Weger

Das sind Kerle: Männer mit Waschbrettbäuchen und prächtigen Kostümen. Mit ihren Trommeln ließen Brasiliens Tänzer die Bühne erzittern.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 147 29/04/10 02:26

BRAUNSCHWEIGER ZEITUNG

Verlag und Redaktion ☎ 3 90 00

H 1904

Anzeigenannahme ☎ 33 33 22
Kundendienst Vertrieb ☎ 39 00 - 5 55

FREITAG, 8. SEPTEMBER 2000 | UNABHÄNGIG - NICHT PARTEIGEBUNDEN | NR. 210 / 55. JAHRGANG | 1,50 DM

EXPO 2000



Mit heißen Rhythmen wie auf dem Karneval in Rio de Janeiro heizten brasilianische Musiker und Tanzgruppen gestern den Besuchern der Weltausstellung in Hannover ein. Anlass war der Nationentag des südamerikanischen Landes, das außerdem seinen Unabhängigkeitstag feierte (siehe auch Sonderseite). *Foto: dpa*



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BRAUNSCHWEIGER ZEITUNG - ALEMANHA

SETEMBRO 2000

BOOK 20 ANOS BFB.indd 148 29/04/10 02:26

EKSTRA BLADET- DINAMARCA
JULHO 2998

VM-sejr til Brasilien

Afro-brasilianerne scorede guld på deres kondition og kropsglæde

DANS

Af ANNE MIDDELBOE CHRISTENSEN

Når det endelig skulle være, var det i orden at tabe til brasilianerne. Sådan sagde vi i hvert fald til hinanden efter farvel-fodboldkampen sidste uge.

Men vi tabte faktisk endnu en gang til de mørkøjede sydamerikanere torsdag aften, omend i et mere subjektivt VM – nemlig kampen om det danske publikums gunst under Københavns Internationale Sommerscene '98. Her løb det brasilianske danseensemble Balé Folclórico da Bahia med sejren, til trods for at de mildest talt var på fjendtlig udebane i de betongrå og regnsilende omgivelser i Albertslund.

Individualister

Afro-brasilianerne fra Salvador lagde stærkt ud med afrikanske fodstamp og høje benspjæt helt op til ørerne. Deres farlighed var klar fra starten – her var ingen forstillelse, falsk beskedenhed eller blær. Kun kropsglæde og uhæmmet kondition.

De 16 dansere strålede simpelthen bare om kap med hinanden ud fra hver deres individuelle force: én klaskede brutalt lårene ned i split, én kunne glide på hovedet hele vejen hen over scenen – og én kunne springe op og lande på skulderen. En af mændene vaskebrættede sig frem alene på sin maskuline charme, og én af kvinderne var så smuk, at [illegible] behøvede at duve lidt i overkroppen for at få salen til at gå grassat af begejstring.

Ude på bænken stod musikerne og opmuntrede danserne med deres heftige trommer, der både emmede af slavevrede og Afrika-længsel. Nummer for nummer fik tilskuerne indblik i Bahia-provinsens hverdag og religion, både miraklerne fra deres oprindelige skabelseshistorie, de truende knivdanse fra sukkerplantagerne og tilbedelsen af havets lykkebringende gudinde – altsammen fortalt af en frodig mammaforsanger, der elegant vuggede alle sine kilo helt ned i knæene over guldskoene, mens hendes stemme blev varm og sensuella i spotlyset.

Lidenskaben gnistrede og brød løs, og sambaen bølgede igennem dansernes kroppe, så basten fløj rundt om ørerne på dem. Farverne glitrede, sveden glinsede, og snart vippede de turistpirrende blomster-bh'er af vorterne. Sejren glimtede forude...

Landsholdets succes

Balé Folclórico da Bahia er Brasiliens 'landshold', når det gælder professionel folkedans. Kompagniet er kun 10 år gammelt, men det har allerede turnéret over hele verden.

Og i modsætning til så mange andre folkloreensembler lader Bahia-truppen også umiddelbart til at holde balancen mellem det oprindelige og det kulørte. Her er ganske enkelt spændende bevægelser og optrin, som virker overbevisende autentiske – og som tydeligt skiller sig ud fra al den vestlige showbiz og dårlige smag, som forestillingen klogt nok også bobler af.

I København er kompagniet uden egentlig konkurrence i det øvrige sommerprogram med performance og cirkus. Faktisk virker gæstespillet snarere som et surrealistisk punktum på Århus Festuge sidste år, hvor netop det sydamerikanske var i fokus, men hvor den spraglede folklore blev repræsenteret af et karakterløst turistensemble som Den Mexicanske Nationalballet.

Men sådan er det jo med verdensmestre: De slår til, når man mindst venter det – eller mest frygter det. Og i Albertslund kan man altså opleve de reneste guldkvaliteter, når de mørklødede skønheder dribler med sig selv og rytmerne for sidste gang i aften.

■ *Bahia da Todas as Cores. Koreografi: Omolú, Botelho, Arandiba og Silvestre. Balé Folclórico da Bahia fra Brasilien. Sommerscene '98 i Musikteatret Albertslund. Sidste gang i aften kl. 20*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 149 29/04/10 02:26

ALBERTSLUND POSTEN - DINAMARCA

JULHO 1998

ALBERTSLUND
POSTEN

Brasilien i Albertslund

alé Folclórico da Bahia i MusikTeatret i morgen ied forrygende dansefo-estilling.

rasilien er i Albertslund. Det sker, når det brasilianske danseensemble Balé Folclórico da Bahia tager publikum med på en rejse gennem Brasiliens historie fortalt gennem dans og musik.

Ensemblet optræder i MusikTeatret torsdag den 9., fredag den 10. og lørdag den 11. juli.

Kendte dansere

I forestillingen får man lejlighed til at se de fleste kendte brasilianske danseformer, blandt andet den voldsomme festdans "maculelé", den oprindelige kampdans "capoeira", kvindernes dans "fêmeas" og selvfølgelig forskellige sambaformer.

Forestillingen opføres af 30 dansere, sangere og trommeslagere, der med garanti kan få gang i os kølige nordboere.

Ensemblet er Brasiliens førende professionelle,traditionelle danseensemble, og det har siden begyndelsen i 1988 modtaget et hav af priser og anerkendelse.

Og så er det i øvrigt første gang, Danmark får besøg af et professionelt brasiliansk danseensemble, hvor dansene er koreograferede og iscenesat til en hel forestilling.

kat

BERLINGSKE TIDENDE

Fredag 10. juli 1998

Rytmisk festfyrværkeri

Det brasilianske kompagni Balé Folclóricó da Bahia indtager i aften og to dage frem Musik-Teatret Albertslund.

AF VIBEKE WERN

Det er et sandt orgie i sydamerikansk rytme og dans det brasilianske kompagni Balé Folclórico da Bahia præsenterer, når de i aften går på scenen i MusikTeatret Albertslund. Den anerkendte kritiker Anna Kisselgoff fra The New Times skrev efter at have oplevet kompagniet:

»Overstrømmende, utrættelige og virtuose. Danserne, sangerne og trommeslagerne i dette superbe kompagni fra Salvador, Brasiliens oprindelige hovedstad, eksploderede i afro-brasilianske rytmer.«

De 30 dansere, sangere og trommeslagere viser i deres 90 minutter lange forestilling alle de kendte brasilianske danseformer – maculelé, capoeira og ikke mindst samba – hvoraf mange oprindeligt indgik i ritualer eller havde en anden speciel betydning. Gennem ti koreograferede danse fortælles udvikling fra stammeindianere, over slaveriet til det moderne Brasilien.

Det er første gang det professionelle danseensemble Balé Folclórico da Bahia gæster Danmark. Kompagniet fik sit europæiske gennembrud på Lyon Biennalen i 1994, hvor det blev betegnet som Brasiliens bedste danseensemble.

Balé Folclórico da Bahia. MusikTeatret Albertslund, 10.-11. juli kl. 20. Billetter bestilles på BilletNet tlf. 38 88 70 22 eller i MusikTeatret Albertslund på tlf. 43 64 02 44.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BERLINGSKE TIDENDE - DINAMARCA

JULHO 1998

BOOK 20 ANOS BFB.indd 150 29/04/10 02:26

BERLINGSKE TIDENDE - DINAMARCA

JULHO 1998

DANS

Det brasilianske danseensemble Balé Folclórico da Bahia gæster Danmark for første gang.

Farvestrålende dans

AF VIBEKE WERN

Dans, musik og sang er tæt integreret, når det brasilianske kompagni Balé Folclórico da Bahia går på scenen i deres farvestrålende dragter. Energien sprudler både fra de adrætte, smidige kroppe og percussingruppens spændstige, afro-brasilianske rytmer. Netop rødderne tilbage til en afrikansk kultur åbenbares tydeligt i en række af dansene, der også viser glimt fra indiansk kultur.

Forestillingen »Bahia da Todas as Coresc byder på en række af de kendteste brasilianske danseformer, hvoraf mange oprindeligt er indgået i ritualer. Karakteristisk har en del af dansene en intro i langsom sej rytme for derefter at slå over i livligt tempo. Der er hele tiden tyngde mod jorden i dansene, selv om der er masser af høje knæløft, benløft og spring i split. En del af bevægelsesmaterialet nærmer sig akrobatik, men langsomme, smidige flydene bevægelser med næsten orientalsk karakter ser man f. eks. i en dans som Puxada de Rede, hvor havets gudinde tilbedes.

Først når forestillingen til slut når frem til den nye Samba Raggae ligner dansen det, som de fleste danskere nok forbinder mest med brasiliansk dans og karneval. Og der er virkelig glæde at spore i Afixiré, en lykklig dans, hvor danserne på skift træder solo frem.

Desværre var lydteknikken langt fra optimal på premiereaftenen. Og det var synd, for der var gode musikere på scenen. Vi hørte bl. a. en flot solo på det afro-brasilianske, énstrengede rytmeinstrument berimbau, der indgår som en vigtig del i kampritualet Capoeira. Og da kampdansen tog fart, kunne man næsten tale om moon-walk på hovedet, når de akrobatiske unge mandsdansere stående på hovedet gled hen ad gulvet. Men noget forstyrrende virkede den iscenesatte folkemængde rundt om de centrale dansere.

Kompagniet gav gavmildt en række ekstranumre, og de brasilianske musikere fortsatte sambaen helt ud i Musikteatrets foyer, hvor publikum fik chancen for at danse med. Der er mere end et fodboldmål til forskel mellem Danmark og Brasilien – en hel kropskultur.

»Bahia da Todas as Cores« *med Balé Folclórico da Bahia. MusikTeatret Albertslund, torsdag. Sidste opførelse i aften kl. 20.*

BERLINGSKE TIDENDE

Lørdag 11. juli 1998

POLITIKEN - DINAMARCA

JULHO 1998

POLITIKEN 2. sektion Lørdag 11. juli 1998

Brasilianere i hårdtpumpet erotisk dans

■ **DANS**

MusikTeatret Albertslund, Sommerscene: Balé Folclrico da Bahia. Koreografi af Walson Bothello, José Carlos Arandiba m.fl. Musikalsk leder: José Ricardo Sousa. Spiller til 11. juli.

DET her er brasiliansk benarbejde, der langt overgår alt, hvad vi har set på grønsværen i sommer, det er dans så gulvene synger og eccosandalen begynder at klemme. Balé Folclrico da Bahia fra Salvador har ikke uden grund mavet sig frem til en international succeshistorie med Albertslundpublikummet som nu seneste erobring. Den tredive mand store trup har fornuftigt greb om livsnerven og professionelt styr på de interkontinentale, ekstatiske urkræfter fra dét sekund tæppet går.

Ikke et skridtbind sidder skævt, og ikke et øjeblik overlistes man af den turismehørm, der et eller andet sted lurer under de nypressede bastkostumer – temaet er afrikansk-brasiliansk fusionsdans i kulturhistorisk og opbyggeligt perspektiv. Balé Folclrico da Bahia er Brasiliens eneste professionelle folkedansergruppe, og man overgiver sig ganske til den toptrænede kropskontrol, der udøves overalt. To sangerinder i myndig mormorstørrelse og et band på trommer, marimba og diverse rasle-rysteinstrumenter holder gulvet gloende og danserne til.

Først gælder det selve skabelsen efter afrikansk forbillede. I tågelys og krageskrig vokser danserne frem af det dunkle i et koreograferet kaos af liv og vågnen. Siden tager systematikken, de rituelle bevæglesesmønstre hentet fra arbejdet i sukkermarken eller på vandet over. I Fiskernes Dans vugger en gudinde i grønt fiskenet roligt over scenen, mens fiskerpiger og -drenge med sivhatte følger efter. Pigerne skvulper rundt med flittige arme og nedslåede blikke, men lander til sidst som sild i de dovne fiskermænds net. Historiens og kødets gang. Mere fart og aggressiv kampgejst er der over mændenes dans med sukkerrør og knive, en dans, som har rødder i slavetidens Amerika, lige som den udødelige samba. Vi inviteres også til høstfest med svingende krinoliner, markedsliv og frem for alt gadedrengenes akrobatiske varianter af headspin og kraftspring. En moderne street-kultur stikker pludseligt og vitalt sit hoved frem midt i det historiske kostumebal.

Det orgiastiske og meget stolte show off nummer ligger lunt placeret mod slutningen, hvor danskerne er ved at være tøet op. Mankerne slåes ud og brysterne rasles fri af kulturens snærende bånd, kvinder og mænd poserer og overgår hinanden i smidighed og total hengivelse til den centralt pumpende rytme – erotikkens. Som i én stor fejende bevægelse fra hårrødderne til de flade, evigt Moder Jord-søgende fødder foldes kroppen op og i, ud og ind. Ledsaget af kvindernes hvin omdannes salen til en veritabel *sexmachine* med publikum som mere eller mindre afmonterede løsdele. Men flirten breder sig til stolerækkerne, da danserne nu lidt mere anstændigt påklædte, runder af med en samba reggae af improvisationens frie længde. Alle kan være med og nogen får lov at slippe.

LISE GARSDAL

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

HELSINGIN SANOMAT

Sunnuntaina 28. kesäkuuta 1998



Walson Botelho on ryhmänsä kanssa ensi kertaa pohjoismaissa.

Musta kulttuuri on Bahian rikkaus

Brasilialaisryhmä jalosti katutansseista menestystarinan

PIRKKO KOTIRINTA
Helsingin Sanomat

KUOPIO–Kuopion tori sähköistyi lauantaina sillä sekunnilla, kun brasilialaisen Balé Folclórico da Bahian muusikot ja laulajat pääsivät vauhtiin. Rytmiryhmä takoi rummuistaan tukevan afrikkalaispohjaisen sykkeen, eikä tanssijoilla ollut pienintäkään vaikeutta saada yleisöä mukaan samba-reggaen keinuntaan.

Ryhmän perustaja ja johtaja **Walson Botelho** videoi menoa tyytyväisenä. Kymmenessä vuodessa hän on onnistunut nostamaan tyhjästä aloittaneen tanssiryhmän nousujohteiseen kansainväliseen maineeseen.

Vuonna 2000 bahialaiset esiintyvät Sydneyn olympialaisten avajaisissa. 1999 kierretään jälleen Yhdysvalloissa peräti neljä kuukautta, ja tämän vuoden syyskuussa lähdetään ensi kertaa Japaniin, Taiwaniin ja Singaporeen.

Alku Brasilian köyhimpiin kolkkiin kuuluvassa Bahian maakunnassa oli vaikea:

"Harjoituksia jouduttiin toisinaan peruuttamaan, kun osa tanssijoista ei päässyt paikalle, koska heillä ei ollut varaa bussilippuun. Välillä tanssijoita pyörtyili treeneissä, koska he eivät olleet syöneet kunnolla moneen päivään."

"Starttiraha" raavittiin kasaan niin, että Botelho möi autonsa ja asuntonsa. "Enkä ollut miten kään rikas", Bahian yliopistosta kulttuuriantropologia pääaineenaan valmistunut Botelho naurahtaa.

Innostus oli kuitenkin valtava. Pian mukana pyöri jopa 200 tanssijaa ja muusikkoa, ja Botelhon visio vain vahvistui – visio siitä, että köyhien mustien kulttuuri on henkisesti äärettömän rikasta ja että jotakin on tehtävä sen nostamiseksi esiin, kunnolla ja ammattimaisesti.

Nykyään tanssijoiden ei tarvitse enää pyörtyillä ruuan puutteen takia. Balé Folclórico da Bahia hankkii elantonsa ulkomaankiertueilta ja suosituista päivittäisistä esiintymisistä omassa pikku teatterissa Salvadorin Belem-kaupunginosassa.

Työtä on silti edessä kasapäin. Kansankulttuurista nouseva esittävä taide, oli se miten loistokasta tahansa, on statukseltaan muuta alhaisempaa, Botelho sanoo:

"Kuvaavaa on, että Salvadorin teatterin johtaja ei ollut antaa meille teatteriaan ensi syksyn kymmenvuotisjuhliamme varten. Meillä ei kuulemma ollut tarpeeksi arvokkuutta ja arvovaltaa! Tarvittiin kirje kulttuuriministeriltä jotta asia järjestyi."

Valtion rahallista tukea alansa ainoa brasilialainen ammattilaisryhmä ei silti saa, mutta Botelho uskoo, että parin vuoden sisällä ryhmällä on kunnollinen yksityinen sponsori, kuten Kuopiossa niin ikään vierailevalla brasilialaisella Grupo Corpo -nykytanssiryhmällä; Botelhon mukaan se saa Shell-yhtiöltä miljoona dollaria vuodessa toimintaansa.

Balé Folclórico da Bahian voima tulee mustasta kulttuurista:

"Salvador on Brasilian vanhin kaupunki, siirtomaavallan pääkaupunki, jonka kautta kulki myös eniten orjia. Afrikkaan jäi usein vain vanhuksia ja lapsia. Kun vanhat kuolivat, he veivät kulttuurin hautaan mennessään, eivätkä lapset välttämättä olleet ehtineet omaksua sitä kunnolla. Tästä syystä Brasiliassa, Kuubassa ja Haitilla elää musta afrikkalainen kulttuuri osittain alkuperäisempänä kuin syntysijoillaan", Botelho sanoo.

Uskonnolla oli erittäin suuri vaikutus mustan kulttuurin säilymiseen. Eikä afrobrasilialainen afrikkalaisista elementeistä ja katolisuudesta sekoittunut *candomblé*-uskonto ei näytä hiipumisen merkkejä vieläkään, pikemminkin päin vastoin.

Köyhien asuma-alueilla, faveloissa, temppelit ja niiden papit ja papittaret ovat sosiaalisesti erittäin arvostettuja. Vielä 30 vuotta sitten virallisesti kielletty candomblé on myös erittäin tärkeä osa 1980-luvun lopulla Bahiassa alkanutta mustan kulttuurin renessanssia. Botelho kertoo olevansa oman candomblé-temppelinsä toiseksi tärkein henkilö, se, joka vastaa mm. eläinten uhraamisesta. Miltei koko ryhmä uskoo candombléhen.

"Candombléstä on tosin viime vuosina tullut myös muoti-ilmiö, vähän statusta. Silti suurimmalle osalle candomblé on täyttä totta ja tulee sielun syövereistä. Ja jos se on pysynyt hengissä viisisataa vuotta, en näe mitään syitä, miksei se eläisi vielä toiset viisisataa vuotta", Walson Botelho hymyilee.

■ *Balé Folclórico da Bahia su 18.30 Kuopiossa ja ti ja ke 19.30 Helsingissä, Savoy-teatterissa.*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

HELSINGIN SANOMAT - FINLÂNDIA

JUNHO 1998

BOOK 20 ANOS BFB.indd 152 29/04/10 02:26

KALEVA - FINLÂNDIA

JUNHO 1998

América Latina!

Kuopio pursuaa kehon riemun ja eksistenssin taidetta

KUOPIO TANSSII JA SOI
KUOPIO DANCE FESTIVAL
VUODESTA 1970 SINCE

EEVA KAUPPINEN

KUOPIO Kuopio Tanssii ja soi sukeltaa tänä vuonna niin syvälle Latinalaiseen Amerikkaan kuin pääsee. América Latina! -teeman alla kurkistetaan alueella erilaisista kulttuurisista, rodullisista ja yhteiskunnallisista törmäyksistä syntyneisiin tanssin muotoihin bahialaisesta kansantanssista ja taistelulajeista argentiinalaiseen tangoon ja kuubalaiseen klassiseen balettiin.

Maailman tanssivimman kulttuurialueen esiin tuominen festivaalilla tapahtuu kolmen vuoden hauduttelun jälkeen.

"Ajattelin, että lattariteeman on tultava jossakin vaiheessa", sanoo Aasia-eksperttinä tunnettu festivaalin taiteellinen johtaja Jukka O. Miettinen.

Hän jättää tehtävänsä tämän kesän jälkeen – lattarirytmeissä elettävä festivaali on hänen iloiset jäähyväisensä.

"Latinalaisamerikkalainen tanssi on kehon riemun ja eksistenssin taidetta", Jukka O. kiteyttää.

Afrobrasilialaista

Kuopion tori tärisi lauantaina aamupäivällä kun 32-jäseninen Balé Folclórico da Bahia kaatoi savolaisen torielämän raja-aitoja. Ryhmällä on ohjelmistossaan voimakkaasti afrikkalaisvaikutteisia orjien tansseja, candomblé-rituaaleja, capoeiraa, maculeléa ja samba-reggaeta.

Kymmenen vuotta sitten perustettu Balé Folclórico da Bahia on Brasilian ensimmäinen ammattimainen kansantanssiryhmä.

"Kun perustin ryhmän, myin autoni ja asuntoni voidakseni rahoittaa ryhmän harjoituksia", kertoo taiteellinen johtaja **Walson Botelho**. Hän on koulutukseltaan kulttuuriantropologi ja toimi vuosina 1978–83 Viva Bahia -nimisen ryhmän koreografina ja apulaisjohtajana.

"Tanssijat ovat hyvin köyhistä oloista, eikä heillä ollut rahaa edes bussimatkoihin eikä aina ruokaankaan. Kolme, neljä kertaa oli ryhmä välillä lakkautettava", kuvailee Botelho ryhmänsä arkirealismia alkuvaiheessa.

Tällä hetkellä Balé Folclórico da Bahiassa on kaikkiaan 64 jäsentä. Vuosina 1990 ja 1993 ryhmä voitti parhaan brasilialaisen tanssiryhmän palkinnon. Kolmen vuoden ajan esitykset Salvador da Bahiassa ovat olleet loppuunmyytyjä. Toinen puoli ryhmää kiertää jatkuvasti ulkomailla.

Walson Botelho huomauttaa, ettei afrobrasilialainen folklore vielä joitakin vuosia sitten ollut poplorea eikä ryhmää hyväksytty vierailulle maailman kuuluihin teatteritaloihin.

Nyt ryhmä on hyvin kysytty ja jatkaa Kuopiosta Helsingin kautta Kööpenhaminaan ja Tukholmaan.



SAKARI VIIKA

Maailmanmaineeseen. *Balé Folclórico da Bahia on Lyonin tanssitalon vakiovieras ja muutenkin kysytty maailmalla. Suomen jälkeen ryhmä vierailee neljä päivää kulttuuripääkaupunki Tukholmassa sekä Kööpenhaminassa.*

Törmäyksiä

Ryhmän tanssijat treenaavat myös klassista balettia ja nykytanssia, mutta enimmäkseen afrobrasilialaisia tansseja.

"Mielestämme folklore on kansan perusta. Pyrimme pitämään juuret mahdollisimman puhtaina", vastaa Walson Botelho kun häneltä kysytään, kuinka vahvasti tanssit ovat traditiota tai koreografioituja.

Afrikkalaisen vaikutuksen voimakeskukset Latinalaisessa Amerikassa ovat Kuuba ja Salvador da Bahia Brasiliassa.

"Salvador da Bahia on koko afrobrasilialaisen kulttuurin kehto", huomauttaa Jukka O. Miettinen.

Kolonialismin aikana Salvador da Bahian kautta kulki yli kymmenen miljoonaa afrikkalaista orjaa. Se pysyi maan pääkaupunkina vuodesta 1549 noin 200 vuotta eteenpäin.

Kulttuurisia törmäyksiä Latinalaisessa Amerikassa on tapahtunut intiaanikulttuurien, Espanjan ja Portugalin siirtomaaherruuden ja afrikkalaisten orjien kulttuurituomien välillä.

Botelhon mukaan Brasiliaan tuotiin orjia ja näin ollen kulttuurisia vaikutteita erityisesti Norsunluurannikolta, Nigeriasta ja Beninistä. Ne säilyivät hengissä orjien keskuudessa puettuna siirtomaaherrojen hyväksymiin muotoihin, esimerkiksi candomblé-uskonnon jumalat katolisen kirkon pyhimysten vaatteisiin.

Bahian maakunnan pääkaupungin Salvadorin kaduilla ovat kehittyneet taistelulaji capoeira, maculelé, erilaiset sambatyylit sekä bossanova.

EU-samba

Ja kulttuuriset törmäykset jatkuvat.

"Bahiassa sekoittuu nykyisin kaikki mikä syntyy Amerikassa eli afrobrasilialainen sekoittuu afroamerikkalaiseen", kertoi tanssinopettaja Anita Valkeemäki, joka luennoi tanssitapahtumaan liittyvässä seminaarissa Bahian tanssiperinteistä.

"Brasilian kansa elää karnevaalien mukana. Joka vuosi syntyy uusia muotitansseja", Valkeemäki kuvaili tanssin rönsyilevää elämää ja opetti kurssilaisille parin vuoden takaisen muotisamban.

Sen nimi kuulosti eu-sambalta. Niinpä se oitis ristittiinkin epävirallisesti EU-sambaksi.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 153 29/04/10 02:26

HELSINGIN SANOMAT - FINLÂNDIA

JUNHO 1998

Energialataus Bahiasta

Brasilialaiset ovat hioneet rikkaasta perinteestään loisteliaan yltäkylläisen rytmien juhlan

SAKARI VIIKA



Miestanssijoiden taidot ja voima pääsivät esiin mm. samba de rodassa.

KUOPIO–Brasilialainen Balé Folclórico da Bahia tarjosi Kuopiossa räjähtävän energisen, värikkään, akrobaattisen ja viimeisen päälle harjoitetun esityksen. Musiikkikeskuksen täpötäysi sali, 1 200 henkeä, bailasi ja lauloi lopuksi korviahuumaavan sambareggaen tahdissa.

Balé Folclórico da Bahian vertailukohtana tuli etsimättä mieleen viime kesänä Kaustisella ja Helsingissä ja jo 1990 Kuopiossa nähty Guinean kansallisbaletti, joka rankeerataan afrikkalaisen tanssin suurista näyttämökokoonpanoista maailman parhaisiin. Tässä on selvästikin varteenotettava haastaja.

Koillis-brasilialainen eli bahialainen kulttuuri on valtava sulatusuuni, jonka mustan ytimen muodostavat keskenään sekoittuneet bantu-, joruba- ja fon-kulttuurit. Kun afrobrasilialaiset vaikutteet kohtaavat nykyään vielä afroamerikkalaiset, sekoitusten kirjo niin musiikissa kuin tanssissakin on loputon.

Bahia de Todas as Cores -esitys, Bahian kaikki värit, olikin kavalkadi *Danca de Origem* -maailmansyntylegendasta kalastajatanssien kautta nykypäivän *Samba Reggaeen*. Siinä välissä vilisevät *maculelêt*, *capoeirat*, *samba de rodat* ja muut ilotulituksena. Sen tehon ajoituksineen tiesi tarkkaan laskelmoiduksi, mutta pakko sitä silti oli ihailla.

Kuopio
tanssii ja soi
26. 6.– 2. 7.

Rumpu iskee olemuksen ytimeen

Koreografioiden afrikkalaispohjainen liikekieli on ryhmän johtajan Walson Botelhon mukaan säilytetty "puhtaana", vaikka treenauksessa käytetäänkin myös monia länsimaisia tekniikoita klassinen baletti mukaanlukien.

"Puhtauden" ja "autenttisuuden" käsitteet ovat kuitenkin hankalia; on aivan selvää, että treenaustekniikat vaikuttavat myös siihen, mitä nähdään näyttämöllä.

Estraditaide tehdään estradille, ja mielestäni Balé Folclórico da Bahia onnistuu väkevän mustan perinteen näyttämöllistämisessä loistavasti. Tekninen taituruus on huipussaan, ja kurinalainen harjoittelu näkyy saumattomana ensembletyönä. Silti tietty spontaani riemuntunne on tallella. Joukkokohtaukset ovat erittäin vaikuttavia, mutta niin ovat yksilösuorituksetkin.

Miesten hypyt olivat vahvoja ja lennokkaita, voltit nopeita ja ketteriä ja joku briljeerasi hurjan näköisillä pääliúuilla. Naisten tansseissa mm. isolaatio, jossa kropan eri osat elävät omissa rytmeissään, tuli komeasti esiin.

Jokainen afrotanssia joskus kokeillut ymmärtää osaamisen tason, kun tanssit viedään läpi huipputempoilla.

Kaiken takana on musiikki. Matalataajuisen zabumba-bassorummun biitti iskee jonnekin olemisen ja olemuksen alkuytimeen, aikojen läpi. Se tuntuu katsomossa, ja se lietsoo tanssijat hurjaan kiihkoon.

Rion karnevaalisamba ei niin viehätä musiikillisilla ansioillaan, mutta Bahian rytmit ovat toinen juttu. Perussyke, *afoxé*, on soittajilla selkäytimessä, ja tämä viisihenkinen rumpuryhmä otti siitä kaiken irti – äänentoistollisesti tosin vähän liiankin kanssa.

Musiikin sovittaja on onneksi luonut rytmisen räimeen vastapainoksi myös helmeilevän kauniita suvantokohtia, esimerkiksi alun meren jumalatar -kohtauksessa. Soolo-osuuksissa esittäytyvät mm. capoeirassa tärkeän berimbau-jousen taituri ja puuksylofonin soittaja. Väkevä-ääniset laulajat Dora Santana ja Suzana Matta toivat sävyt tunnelmiin.

Kun Kuuban kansallisbaletin vierailu Kuopiossa osoittautui pettymykseksi, Balé Folclórico da Bahia oli täysosuma. Kuubalaisten vierailua katsoessa en muuten voinut olla miettimättä sitä, miksi ihmeessä maailman tunnetuimpien tanssirytmien kehdon estraditanssimaine lepää länsimaisen klassisen baletin varassa?!

PIRKKO KOTIRINTA

■ *Balé Folclórico da Bahia Savoyssa ti ja ke klo 19.30. Liput 120/140–160 mk.*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 154 29/04/10 02:27

Balé Folclórico da Bahia täytti odotukset riehakkaan iloisesti

SAVON SANOMAT MAANANTAI 29.6.1998

Kurinalaista eksotiikkaa

TANSSI

Annikki Alku

Brasilialainen Balé Folclórico da Bahia onnistui siinä, mihin vain harvat ryhmät ovat pystyneet Kuopion Musiikkikeskuksessa. Täysi salillinen yleisöä seisoo ja bailaa rivien välissä ja jatkaa innostuneena vielä esityksen jälkeenkin lämpiössä ryhmän vauhdikkaan rumpuryhmän vetämänä.

Bahialaiset olivat todella maineensa veroisia. Turhaan ei New York Times ole nimennyt heitä maailman parhaaksi mustaksi tanssiryhmäksi.

Mutta alku ei ollut ruusuinen. Kun ryhmän perustaja ja johtaja **Walson Botelho** valmistuttuaan yliopistosta 10 vuotta sitten kulttuuriantropologia pääaineenaan päätti perustaa oman ryhmän, joutui hän myymään sekä asuntonsa että autonsa toiminnan aloittamiseksi. Ja silti köyhät usein kadulta tulleet ryhmän jäsenet joko pyörtyilivät ruoan puutteesta treenaustunneilla tai eivät bussilipun hinnan puuttuessa päässet paikalle lainkaan.

Innostus oli kuitenkin valtava ja tällä hetkellä ryhmällä on oma pieni esitystila Salvadorissa, jossa esityksiä on viitenä iltana viikossa. Siellä esiintyy baletin nuorisoryhmä ja nk. ykkösryhmä kiertää eri puolilla maailmaa.

Vaikka Balé Folclórico da Bahia on maansa ainoa tämän alueen ammttilaisryhmä ja nähdyn perusteella tinkimätöntä työtä tekevä, ei se silti hehkuttele rahalla, sillä se ei saa avustuksia valtiolta eikä sillä ole sponsoria. Esittävän taiteen tukeminen kun ei ole kuulunut brasilialaiseen kulttuurielämään. Mutta Botelhon mukaan tilanne on pikkuhiljaa muuttumassa varsinkin yksityisten sponsoreiden kohdalla.

Koillis-Brasiliassa sijaitseva Bahian maakunta ja eritoten sen pääkaupunki Salvador ovat aivan omanlaisensa alue Etelä-Amerikkalaisessa kulttuurissa. Afrikkalaisuus on hallitseva osa bahialaista kulttuuria.

Salvador oli portugalilaisen siirtomaavallan pääkaupunki 1500-luvun alusta lähtien ja sen kautta kulki vuosisatojen kuluessa yli kymmenen miljoonaa afrikkalaista orjaa. He toivat mukanaan omat rytminsä, tanssinsa ja uskontonsa, jotka ovat säilyneet ja vaikuttaneet vahvasti tähän päivään saakka. Salvadorin kaduilla ovat kehittyneet niin samban eri muodot, orjien miekkatanssi maculelé, capoeira-taistelutanssi kuin karnevaalienkin alkumuodot.

■■■

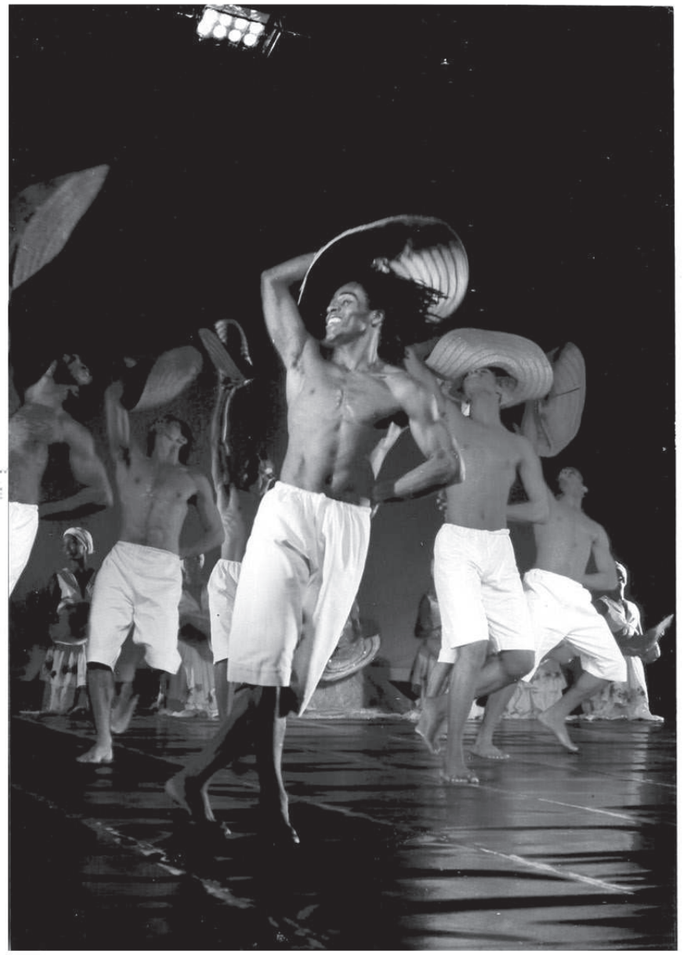
Se mikä teki Balé Folclórico da Bahian esityksestä monista muista etnisiä tansseja esittävien ryhmien esityksistä poikkeavan oli sen tekninen taito ja kurinalainen taiteellisuus. Hurjinmassakin vauhdissa nuoret tanssijat säilyttivät liikkeiden laadun ja viimeistelyn sekä kuvioiden tarkkuuden. Ylitsepursuava energia ei ryöpsähtänyt yli, vaan musiikillisesti tarkka aksentointi tuki ja terävöitti esitystä.

Ryhmäläiset treenaavatkin niin modernia tanssia kuin klassista balettiakin kehittääkseen tanssitekniikkaansa. Itse tanssit ovat kuitenkin mahdollisimman alkuperäisiä liikekieleltään.

Bahian värit-esitys antoi kattavan kuvan niin tanssijoiden taidoista kuin afrobrasilialaisen tanssin eri muodoistakin. Itlan näyttävimpiä miehisiä tansseja olivat taitoa vaativa nopeatempoinen lyhyitä miekkoja ja kepejä käyttävä orjien taistelutanssi maculelé ja Suomessakin jo opeteltavissa oleva capoeira, itsepuolustus- ja taistelutanssi.

Naisten myötä esityksen tansseihin tuli voiman ja energian lisäksi myös aimo annos sensuaalisuutta ja kujeellista keimailua. Mutta ylinnä kaikessa niin sambassa kuin muissakin tansseissa oli vahva ja mukaansatempaava elämisen ja tanssin ilo. Se näkyi yhtä lailla tanssijoiden olemuksessa kuin värikylläisissä mutta ei räikeissä puvuissa.

Eikä koko ilta olisi ollut alkuunkaan sitä mitä se oli ilman tosi rautaista rumpuryhmää ja moni-puolisia naislaulajia, jotka loivat tanssien perussykkeen ja tunnelman. Heidän musiikkinsa siivittivät niin esiintyjät kuin yleisönkin siihen ainutlaatuiseen tunnelmaan ja elämykseen, jonka tämä ilta antoi.



Kuopio Tanssii ja Soi Balé Folclórico da Bahia Kuopion Musiikkikeskuksella Bahian värit: kooste bahialaisista tansseista koreografeina Augusto Omolu, Walson Botelho ja Rosângela Silvestre, musiikki Antonio Portella, Jorge Puim, José Ricardo ouza ja bahialaista kansan- ja karnevaalimusiikkia.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Huumaava annos Bahian rytmejä

Bale Folclorico da Bahia. Kuopion musiikkikeskus 27. ja 28.6.1998.

Aidosti antaumuksella, mitään säästämättä ja perinnettä näyttämötulkinnassaan kunnioittaen Bale Folclorico da Bahian afrobrasilialainen ryhmä valtasi sananmukaisesti koko Kuopion musiikkikeskuksen. Tanssijoiden ja muusikoiden loppurituaalit imaisivat täyden salillisen yleisöä käytäville ja auloihin huumaavan rummutuksen saattelemana.

Walson Botelhon johtaman ryhmän puolentoista tunnin perinnekavalkadi näytti toteen ryhmän maineen monena vuotena maailman parhaaksi mustaksi tanssiryhmäksi valittuna ryhmänä.

Rehevä-ääniset naislaulajat ja koko ajan eläytyvä muusikkoryhmä loivat tunnelmaviidakon, jonka tanssijat täyttivät kokonaisvaltaisena sykkeellään, miesten ja naistenkin hurjaksi kiihtyvällä akrobatialla ja taistelutansseilla. Päällään liukuvia tanssijoita suhahteli läpi näyttämön, sokeriruokoveitset kilahtelivat vastakkain kipinöitä iskien, korkeat hypyt ja volttisarjat, naisten riehakas kilpailu miesten suosiosta mahtuivat juuri ja juuri näyttämölle.

Ryhmässä oli 16 tanssijaa, mutta välillä tuntui kuin heitä olisi ollut sata.

Kulttuurien ja uskontojen sulatusuuni

Koillis-Brasiliassa sijaitseva Bahian alue on usean eri kulttuurin ja uskonnon sulatusuuni. Portugalin 300-vuotisen siirtomaavallan aikana Brasiliaan tuotiin yli 10 miljoonaa afrikkalaista orjiksi.

Oman identiteettinsä säilyttääkseen he harjoittivat candomble-uskontojaan naamioiden ne rituaaleiksi. Tyypillisiä ovat haltioitumistanssit, joissa tanssija on eri orixa-henkien vallassa. Pantheon dos Orixas on juhla Yoruba-jumalten kunniaksi. Valkoisiin isoihin hameisiin ja päähineisiin sonnustautuneiden tanssijoiden keskellä esittäytyvät eri jumalhahmot persoonallisine piirteineen.

Maailman synty tanssien

Tanssi maailman synnystä (*Danca de Origim*) puhalsi hengen olemassaolevalle salaisten voimien sekoituksesta. Kalastajien tanssi pyytää veden jumalalta runsasta saalista verkkoonsa. Maculele, orjien tanssi sokeriruokopelloilla, anoo hyvää satoa. Maculele on kehittynyt myös itsepuolustuslajiksi, jossa veisten ja keppien käyttö naamioitiin tanssin askeliin. Samanlainen itsepuolustustanssi on capoiera akrobaattisine, kiihtyvine tempoineen.

Naisten tanssin (*Femeas*) vapaudenkaipuussa on vahvaa alkuvoimaista sydämen sykettä ja nöyrää keskittymistä, joka räjähti voimaan ja liikerunsauden sarveksi.

Suvantokohtina tanssijoille toimivat upeat musiikit. Rehevä laulajatar sai tanssien gongat ylty-mään huimaan menoon, birimbaun soittaja sai soittimestaan esiin äänimaailman, jonka rytmeillä hän leikitteli myös yleisön kanssa, kosiskellen ja aidolla ilolla.

Loppuhuipennus (*Afixire, Samba, Reggae*) oli kehojen ja musiikin kurinalaisen huumaavaa polyrytmiää. Onnen ja auringon tanssia kukkuramitoilla. Hengästyttävän tempon ja volyymin bahialaisia rytmejä. Väriä, ääntä, paljaita jalkoja, hikistä pintaa. Pulssia, mikä elää vahvana afrobrasilialaisessa kulttuurissa.

TARJA SARA



SAKARI VIIKA

Brasilialaisen Bale Folclorico da Bahian esitys Kuopion musiikkikeskuksessa tarjosi hienossa suhteessa aitoa antaumusta ja perinnetietoisuutta.

KESKISUOMALAINEN - FINLÂNDIA

JUNHO 1998

Eksoottista energiaa ja tangon taituroIntia

TS Kuopio
PIRJO RAISKIO

Nyt se on sitten nähty. Suomalainen yleisö sambaamassa katsomon täydeltä esityksen lopussa. Innostunut ja riemukas tanssiminen jatkui vielä lämpiön puolella, jonne Kuopio tanssi ja soi -festivaalin bahialaiset vieraat lopuksi johdattivat katsojat. Tanssijoiden ja soittajien energia virtasi katsomoon ja riehaannutti meidät jäykät (?) suomalaiset täysin.

Balé Folclórico de Bahia tulee Brasilian koillisosasta, joka festivaalin taiteellisen johtajan Jukka O. Miettisen sanojen mukaan on ollut todellinen kulttuurien törmäyskohta ja sulatusuuni. Heidän kulttuurissaan on eniten säilynyt afrikkalaisvaikutus, mikä näkyy ja kuuluu jokapäiväisessä elämässä.

Ryhmän johtaja Walson Botelho on taustoiltaan kulttuuriantropologi. Hän on perustanut ryhmän 10 vuotta sitten, kouluttanut ja johtanut sen New York Timesin mukaan maailman parhaaksi mustaksi tanssiryhmäksi. Määritelmä, joihin on pakko yhtyä katsottuaan heidän tanssillisen kavalkadinsa alkuajoista nykyiseen samba reggaeseen.



Sakari Viika

Balé Folclórico de Bahian miehet hurjassa maculeléssa kipinöiden sinkoillessa.

Liikekieli on säilytetty mahdollisimman alkuperäisenä, vaikka tanssijat treenaavat myös muita tanssitekniikoita.

Koreografiat ovat viisaita pitäen asiat järjestyksessä tukahduttamatta kuitenkaan mitään liikkeiden voimasta tai vivahteista.

Energiaa ja taituruutta

Bahian värit -kooste antoi loistavan kuvan tanssijoiden ja hienojen muusikoiden taidoista ja esitteli afrobrasilialaista tanssia eri muodoissaan. Vaikuttavimmiksi numeroiksi kohosivat mm. miesten tanssit maculelé, orjien tanssi alkujaan sekä capoeira. Säleet lentelivät ja kipinät sinkoilivat veitsistä ja kapuloista miesten hurjissa tansseissa.

Tekninen osaaminen on tällä ryhmällä huipussaan, vauhti hengästyttää katsojaa. Miesten hypyt nousevat uskomattoman korkealle ja he ällistyttivät mm. liukumalla päällään, "pääglissandoa" musiikin termiä mukaillen. Naisten vartalot tuntuvat liikkuvan osa osalta omissa tahdeissaan, sensuaalisuus ja huumori ovat läsnä.

Muusikot edustivat samaa huippuosaamista. Rumpujen iskut siirtyivät soittajien sieluista ja käsistä suoraan yleisöön. Hieno berimbau-jousen taituri ällistytti soittotaidollaan ja soittimensa monipuolisella äänimateriaalilla.

Walson Botelho on kasvattanut loistavan ryhmänsä suurimmaksi osin kaduilta kerätyistä nuorista ja antanut heille näin tilaisuuden ammatin oppimiseen. Toisaalta vanha kulttuuri on parhaiten säilynyt kadulla.

Botelho on tajunnut asian keskeisimmän ytimen ja tekee samalla arvokasta sosiaalityötä.

Tyylitajun ja tyylittelyn juhlaa

Argentiinalaisilla oli tuliaisinaan mestarillinen Tangokinesis-ryhmä. Sen luoja Ann Mari Stekelman yhdistelee töissään nerokkaasti tangon perustekniikkaa muihin mm. Graham-tekniikkaan.

Stekelman käyttää kaikkia tangotekniikan erityispiirteitä teoksissaan ja yllättää musiikkivalinnoillaan käyttämällä esim. puhtaasti erilaisiin ääniin perustuvaa äänimaailmaa tai barokin musiikkia töissään.

Tangokinesis-teosta vauhdittivat musiikkivalinnat Vivaldista Rodriguesiin ja Rudnitzkyyn.

Kyseessä ei ollut juonellinen tarina, mutta jokaisella kohtauksella oli oma luonteensa ja merkityksensä.

Stekelman säilyttää ja korostaa miehen ja naisen välistä fyysistä ja psyykkistä eroa. Naistanssijat ovat huippuluokan tanssijoita ilmeisesti tekniikassa kuin tekniikassa.

Miehet puolestaan hallitsevat parhaiten perinteisen tangon. Sitäpaitsi nämä miestanssijat olivat miehisiä miehiä eivätkä kuvankoreita ja machoilevia narsisteja. Särmät näkyivät ja rikastuttivat tulkintaa.

Loistava tanssi, älykäs huumori, terävät huomiot ja hieno tyylitaju ovat ryhmän valtteja. Mustavalkoisissa asuissa tanssitut *Tangokinesis* ja *Concierto para bongo* piirtyivät silmiin ja jäivät mieleen kuin herkkä ja tarkka grafiikka parhaimmillaan.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 157 29/04/10 02:27

Salvadorin kaduilta maailman ympäri

Afrobrasilialaisen kulttuurin lähettiläät villitsivät suomalaiset

SAKARI VIIKA



Maculelé, ruokokeppitanssi, elää nykyään vain näyttämöversiona, koska tämäkin tanssi kiellettiin kaiken muun afrikkalaisen oman kulttuurin ohella.

LAPIN KANSA - FINLÂNDIA
JUNHO 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Balé Folclórico da Bahia oli tanssiviikon kiinnostavimpia vieraita ja se lunasti odotukset pitäen yleisön pihdeissään alusta loppuun. Tai oikeastaan myös päin vastoin. Yleisö oli täysin pitelemättömissä sen jälkeen, kun hurjatempoisen päätösnumeron lopuksi tanssijat nostattivat kaikki seisaalleen, tanssittivat ja laulattivat, kuljettivat pitkin Musiikkikeskusta sen eri kerroksissa päätyen suureen yhteiseen riehaan tanssivien turvamiesten varmistaessa esiintyjille elintilaa. Kyse ei kuitenkaan ollut karnevaaleista. Olimme nähneet afrobrasilialaisista, uskonnollisista rituaaleista pohjaavan, vakavasti otettavan ja sataprosenttisella energialla ladatun tanssiesityksen.

Joskus toive voi toteutua, vaikka ei tekisi mitään sen eteen. Nähdessäni tämän bahialaisryhmän Rio de Janeirossa v. 1989 toivoin, että se joskus saataisiin Kuopion tanssiviikolle. Kuluneina vuosina ryhmä on valloittanut maan kerrallaan. Amerikan markkinat ovat jo hyvin hallussa. New York Times on nimennyt ryhmän "maailman parhaaksi mustaksi tanssiryhmäksi". Syksyllä on tulossa Aasian kiertue. Sydney on kutsunut ryhmän olympia-laistensa avajaisesiintyjäksi vuonna 2000. Nyt bahialaiset olivat ensimmäisen kerran pohjoisessa. Kuopion jälkeen Helsinki, Tukholma ja Kööpenhamina.

Kiertueita bahialaiset tarvitsevatkin, sillä he eivät saa toiminnalleen minkäänlaista muuta rahallista tukea. Etelä-Amerikan valtioissa ei esiintyjien kertoman mukaan juurikaan tueta ryhmiä. Sen sijaan joillekin onnellisille on löytynyt apu sponsorisopimuksista. Grupo Corpo, brasilialainen modernin tanssin ryhmä, joka myös vierailee Kuopiossa, liittää mainoksiinsa Shellin simpukan.

Katulapsista tanssijoita

Balé Folclórico da Bahian perustaja on Walson Botelho, koulutukseltaan kulttuuriantropologi ja lisäksi tanssin ja teatterin ammattilainen. Hän tajusi afrikkalaisen kulttuurin suuren rikkauden ja muunsi sen näyttämöllisiä vaatimuksia vastaavaksi. Työ ei ole onnistunut hetkessä. Kulttuurin rikkaus pesi kadulla, köyhien ihmisten perimässä. Lahjakkaimmat, luovimmat esiintyjät olivat usein katulapsia. Kouluttamalla ryhmän tanssijoita tehdään myös suoraan sosiaalista työtä. Tällä hetkellä ammattiryhmässä on 64 jäsentä, jotka jakautuvat kahdeksi ryhmäksi. Ykkösryhmä kiertää maailmaa yhdeksän kuukautta vuodesta, kakkosryhmä on junioreita. Tähän valitaan lapsia tanssikouluista tai suoraan kaduilta.

Ryhmälle on kehitetty harjoitusmetodi, johon liittyy myös länsimainen moderni tanssi. Näytetunneilla olleet kertoivat painotuksen liittyvän ylävartalon lihaksien käyttöön ja suomalaisittain ajateltuna hurjaan tempoon.

Satojen vuosien perinne

Koillis-Brasilian Salvador oli Portugalin 300-vuotisen siirtomaavallan pääkaupunki. Sen sataman kautta tuotiin Brasiliaan miljoonia orjia Afrikasta. Orjat toivat mukanaan oman kulttuurinsa ja jumalansa, joita palvoivat salaa, sillä kaikki omat rituaalit oli kielletty. Mustat huomasivat naamioida oman Yoruba-uskontonsa katolisen kirkon seremonioihin. Jokainen pyhimys sai oman, afrikkalaisen vastineensa, orixán.

Candomblé-uskonnon jumalat ovat osa luontoa: Iansa ´on tuulten ja myrskyjen jumalatar, Oxum hallitsee putoukset, joet ja järvet, Oxosse on metsän jumala j.n.e. Candomblé-rituaalit ovat se pohja, josta Balé Folclórico da Bahian tanssit ammentavat aiheensa. Näytöksessä nähtiin lisäksi brasilialaisen tanssin kaikki värit; Maculelé, Samba de Roda, Capoeira ja päätösnumerona Samba Reggae.

Pohjoisen tanssijoita

Helsingin Juhlaviikkojen kantaesitys vuodelta 1996 oli Viva la Frida-teos, joka perustui taidemaalari Frida Kahlon elämään. Teos esitettiin Kuopiossa 28.-29.6. Tanssija-koreografit Päivi Rissanen ja Susanna Veijalainen olivat Kahlon kaksoissolentoja, tämän maalauksen "Kaksi Fridaa"-mukaisesti. Veijalainen on tanssinut aiemmin Oulussa. Dramaturgina Maya Tångeberg-Grishin, tuttu Kemin ja Rovaniemen teattereista. Lavastus ja puvut olivat Taina Relanderin.

Hieno, ajankohtainen idea toi aikanaan Juhlaviikoilla loppuunmyydyt katsomot. Vahvasti tulkittuna se otettiin hyvin vastaan myös Kuopiossa. Kuopio tanssii ja soi juhlaviikon tilausteos tulee meksikolaissyntyiseltä, nykyisin jo Suomen kansalaiselta, Javier Torresilta, joka työskentelee Suomen Kansallisbaletin tanssijana. Teoksen yhtenä tanssijana esiintyy Anna Karjalainen Rovaniemeltä. Teoksen ensi-ilta on Kuopiossa 2.7.-98.

VIRPI
WIRLANDER-ASPLUND

TANSSI

Kuopio tanssii ja soi-festivaali 26.6.-2.7, teemana " América Latina!", ryhmiä Kuubasta, Brasiliasta, Argentiinasta, Meksikosta ja Venezuelasta

Kursseja, seminaareja sekä teemanmukaisia suomalaisten esityksiä

Balé Folclórico da Bahia Kuopion Musiikkikeskuksessa 27. - 28.6.

TIISTAI - FINLÂNDIA
JUNHO 1998

TIISTAI 30. KESÄKUUTA 1998
MENOT
Nimipäivä: Päivi ö.

Brasilialainen superryhmä räiskyy

Kävikö taas vanhanaikaisesti? Tarkoitus oli lähteä Kuopio tanssii ja soi -festivaaleille, mutta laiskuus iski? Maantieteellinen välimatka alkoi arveluttaa tai ajatus tuhansista savolaisista kauhistuttaa?

Ei hätää! Stadiin unohtuneille on tarjolla muheva lohdutuspalkinto. Savoyteatterissa esiintyy kahtena iltana yksi Kuopion päätähdistä, brasilialainen Balé Folclórico da Bahia -ryhmä. Kuopion-matkaa suunnitelleet kenties jo tietävätkin, että kyseessä on eräs maailman maineikkaimmista etnotanssiryhmistä.

Suomalaiset tuntevat Brasiliasta karnevaalit ja samban, mutta harva tietää, että maan perinteinen tanssikulttuuri on rikas ja monipuolinen. Siihen ovat antaneet omat vaikutteensa afrikkalaiset orjat, portugalilaiset siirtomaaherrat ja alkuperäisväestöä edustavat intiaanit.

Näistä kaikista kulttuureista ammentaa aineksia vuonna 1987 perustettu ja moneen kertaan palkittu Balé Folclórico da Bahia.

Brasilialaisen superryhmän viehätys on kenties siinä, että sen tanssijat, muusikot ja laulajat ovat kaikki kovan luokan ammattilaisia, mutta heidän juurensa ovat syvällä maan historiassa. Perinteitä ei hävetä, vaan ne nostetaan esiin ja niistä rakennetaan räiskyvä ja värikylläinen show. Luvassa ei siis ole mitään tasapaksua tanhua.



Balé Folclórico da Bahia -tanssiryhmän esitykset eivät ole tasapaksua tanhua.

Savoyssa nähtävä esitys on nimeltään *Bahian värit*, mikä jo kertoo jotakin esityksen luonteesta. Puolentoista tunnin aikana nähdään muun muassa sambaa, maculelea ja Suomessakin viime aikoina kiinnostusta herättänyttä capoeiraa.

Ja mikäli joku saa vielä nyt herätyksen ja päättää lähteä Kuopioon, ei sekään ole liian myöhäistä. Kiirettä pitäen ehtii tiistai-iltana 30. 6. katsomaan Grupo Corpoa, toista brasilialaista huippuryhmää. Keskiviikkona voi nähdä venezuelalaista nykytanssia ja festarien viimeisenä päivänä 2. 7. suomalaisia latinisteja.

Ennen junalle säntäämistä kannattaa kuitenkin varmistaa, että lippuja esityksiin on vielä saatavana – jottei ainoaksi eksoottiseksi elämykseksi jää kalakukko.

Jussi Tossavainen

Balé Folclórico da Bahia -tanssiryhmä esiintyy Savoy-teatterissa 30. 6. ja 1. 7. klo 19.30. Liput 160–120 mk. Kuopio tanssii ja soi 26. 6.–2. 7. Tarkat ohjelmatiedot saa Opas-sivujen menolistoilta.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 159 29/04/10 02:27

ILTALEHTI Tiistai 30.6.1998

KUOPIO DANCE FESTIVAL, FINLAND 26.6.–2.7.98



Herkullisen värikkäitä ja kiihkeitä latinalais-amerikkalaisia rytmejä mm.

- Kuuban kansallisbaletti 26.-27.6.
- Balé Folclórico da Bahia 27.-28.6.
- Tangokinesis 28.-29.6.
- Grupo Corpo 29.-30.6.
- Fasacjo 1.7.
- Meu Samba-show 2.7.
- Toriohjelmaa



Pääsyliput ja esitteet
- Lippupalvelu, puh. 0600 10 495, (4,95 min+ppm) Internet:http://www.lippupalvelu.fi
- Kuopion Musiikkikeskus, puh. (017) 182 400

Tanssikurssit ammattilaisille, harrastajille ja aloittelijoille. Tilaa esite.

Kuopio Tanssii ja Soi
Torikatu 18, 70110 Kuopio,
puh. (017) 282 1541, fax (017) 261 1990

Festivaalilóma
3 valinnaista esitystä, 3 vrk,
2 hh/ph, 1.520 mk/hlö
puh. (017) 182 584

Ballet Nacional de Cuba
ALICIA ALONSO

http://www.travel.fi/kuopiodancefestival

ILTALEHTI - FINLÂNDIA JUNHO 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

KAINUUN SANOMAT- FINLÂNDIA
JUNHO 1998

Energistä elämänriemua ja loisteliasta tanssia



Tangokinesis luo omaleimaista tangon.

Kuopio Tanssii ja Soi -viikon lattea alkupäivä ja Kuuban ryhmän epäonniset valinnat on syytä unohtaa, sillä nyt on menossa kokonaan uusi aikakausi elämyksineen. Ryhmä toisensa jälkeen on osoittautunut vähintäänkin maineensa veroiseksi.

Bahialaiset hullaannuttivat niin tori- kuin teatteriyleisönsä melkein yhtä hurjaan menoon kuin Suomen jääkiekkojoukkue palatessaan MM-kullan kanssa Helsinkiin.

Rumpujen sykettä, vauhtia ja voimaa

Balé Folclórico de Bahia on kymmenen vuotta sitten perustettu kansantanssiryhmä, jonka tanssijat ovat enimmäkseen entisiä kodittomia katulapsia. Bahia on Brasilian koillisosassa oleva maakunta, paikka, jonka taiteellinen johtaja **Jukka O. Miettinen** määritteli kulttuurien kohtaamispaikaksi.

Todellinen kulttuurinen sulatusuuni se on todella ollut. Ensin olivat alkuperäisasukkaat, sitten tulivat espanjalaiset ja portugalilaiset valloittajat. He eli eurooppalaiset toivat puolestaan mustat mantereelle. Nykypäivänä juuri Bahiassa on parhaiten säilynyt afrikkalainen kulttuuri, pitkälti myös uskonnollisesti.

Bahia on alue, jossa kirjaimellisesti kaikki tanssivat. Se on ihmisten helpoin ja tavallisin kommunikointitapa. Balé Folclóricon perustaja ja johtaja **Walson Botelho** on koulutukseltaan kulttuuriantropologi, joka tajusi afroamerikkalaisen kulttuurin säilyneen parhaiten juuri kaduilla.

Tätä ryhmää ei suotta New York Times kehunut maailman parhaaksi mustaksi tanssiryhmäksi. Se on maineensa arvoinen. Molemmat esitykset hurmasivat katsojat täysin, ja niinpä on sekin koettu, että esityksen jälkeen koko yleisö bailasi katsomossa ja lopulta lämpiössä, minne rummun soittajat johdattivat heitä, jotta sali olisi saatu tyhjäksi!

Bahian värit -kooste antoi loistavan kuvan tanssijoiden ja muusikoiden taidoista ja perinteen rikkaudesta. Vaikuttavimmiksi numeroiksi kohosivat mm. miesten tanssit maculelé, alkujaan orjien tanssi ruokopelloilta, ja capoeira. Säleet vain lensivät kapuloista ja kipinät sinkoilivat veitsistä hurjavauhtisessa ja voimakkaassa menossa.

Tekninen osaaminen on huipussaan ja vauhti hengästyttää katsojan. Miesten korkeat hypyt, hurjat voltit, päällä liukumiset ällistyttävät. Naisten vartaloiden eri osilla tuntui olevan oma, erillinen rytminsä, sensuaalisuus ja huumori oli voimakkaasti läsnä. Muusikot rumpuineen, berimbau-jousen taitureineen siirsivät rytmin suoraan suomalaiseen sieluun. Upeaääniset naislaulajat suorittivat huikeita äänisukelluksia hellyttävistä huokauksista villeihin viidakon ääniin.

Liikekieli on säilytetty alkuperäisenä ja koreografiat vain viisaasti pitävät kaiken hallinnassa tukehduttamatta mitään liikkeen voimasta. Jälleen kerran pohdin länsimaisen tanssin esteettisyysajatusten oikeutusta ja sen oikeudellisuutta.

Tangon taiturointia

Argentiinalaisen **Ann Mari Stekelmanin** 1992 perustama Tangokinesis käyttää esityksissään perinteistä tangotekniikkaa lähtökohtanaan, mutta yhdistelee siihen muita tekniikoita. Näin syntyy omaleimaista tanssia, jota on vaikea tarkasti määrittää.

Stekelman käyttää musiikkina kaikkea mahdollista konekiväärin papatuksista autojen startteihin tööttäyksineen ja Vivaldista Rodrigueziin. Täällä nähdyt teokset eivät olleet juonellisia, mutta jokaisella kohtauksella oli oma luonteensa ja tunnelmansa.

Miestanssijat olivat raavaita miehiä, ei kuvankauniita itsensä ihailijoita ja naiset kauniita ja tyylikkäitä. Naistanssijat olivat teknisesti korkeatasoisia. Miesten vahvuutena oli perinteinen tangotaituruus. Erot ja särmät näkyivät ja rikastuttivat tulkinnallaan hienoja nostoja ja veitsenteräviä, nopeita askelluksia tulvivia tansseja.



Bahian ryhmä villitsi yleisönsä Kuopiossa.

Taiteellinen johto vaihtuu

Viisi vuotta festivaalin taiteell ta tasosta vastannut Jukka Miettinen jättää tehtävänsä t vuonna. Hän on saanut kulloise teeman elämään hellittämättö lä, pitkäjänteisellä työllä. Tan ystäviä on hemmoteltu toinen taan korkeatasoisemmilla ja mi kiintoisimmilla esityksillä. Er kaikkea tieto eri kulttuureista lisääntynyt ja lisännyt vierailijo tietoutta Suomesta tanssimaan

Uutena taiteellisena johtajana mii **Alpo Pakarinen**, jonka jaukset näemme ensi vuonna.

Pirjo Rai

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 161 29/04/10 02:27

Kadun perinne pääsi parrasvaloihin

Balé Folclórico de Bahia edustaa mustan kulttuurin ominta olemusta

ANNI VALTONEN
Kuopio

Koskaan ennen en ole ollut läsnä, kun suomalainen kulttuuriväki riehaantuu tuhatpäisenä bailaamaan. Näin kävi Kuopiossa molempina iltoina Balé Folclórico de Bahían esityksen jälkeen. Tanssi jatkui kauan vielä lämpiönkin puolella.

Ryhmä onnistui sulattamaan ryppyotsaisimmankin katsojan. Ei kosiskellen, vaan loputtomalta vaikuttavan positiivisen energian välityksellä. Nuorten tanssijoiden räväkkä ja sensuelli voima vyöryi lavalta suoraan syliin. Maaginen ja lähes transsiin ajava rytmitulitus meni syvälle sisuksiin.

❑ ❑ ❑

Brasilian ainoan ammattilaiskansantanssiryhmän koreografioista useat perustuvat mustien orjien uskonnollisiin seremonioihin. Pohjois-Brasiliassa sijaitsevan Bahian osavaltion väestöstä yli 90 prosenttia on mustia, portugalilaisten Afrikasta tuomien orjien jälkeläisiä.

Bahia on kuin oma valtio Brasilian sisällä. Suurin osa sen asukkaista kuuluu candomblé-uskontoon, niin myös ryhmän kaikki tanssijat ja muusikot. Candomblé oli pitkään kielletty uskonto. Se vapautettiin vasta kaksikymmentä vuotta sitten, kun vaikutusvaltaiset ihmiset alkoivat kiinnostua siitä Brasiliassa ja ulkomailla.

– Esitämme pyhiä rituaalejamme ensimmäisiä kertoja vasta nyt. Meillä meni monta vuotta uskontomme tutkimiseen ja sen selvittämiseen, mitä siitä voimme näyttää maailmalle, ryhmän johtaja **Walson Botelho** kertoo.

Vuonna 1994 ryhmän vierailtua Lyonin biennalessa koko maailma aukesi. Vierailukutsuja satelee eri puolilta maailmaa. Botelhon kiertueryhmä on koko ajan liikkeellä. Toinen ryhmä esiintyy Salvador de Bahiassa joka ilta.

❑ ❑ ❑

Ryhmän koreografiat on yritetty rekonstruoida kirjallisuuden ja vanhusten kertomien tarinoiden perusteella.

Osa tansseista on Brasiliassa edelleen arkipäivää. Vielä nykyisinkin aamuvarhaisella voi kolmemiljoonaisen Salvador de Bahian kaupungin satamassa nähdä kalastajia vaimoineen suorittamassa rituaalejaan meren jumalalle.

Ryhmän esittämä *Kalastajan tanssi* on yhä elävää kansanperinnettä, jolla varmistetaan tuottoisa saalis ja turvallinen kalamatka.

❑ ❑ ❑

Balé Folclórico de Bahian tanssissa näkyvät myös portugalilainen vaikutus ja intiaanien perinteet. Portugalin 300-vuotisen siirtomaavallan aikana yli kymmenen miljoonaa afrikkalaista tuotiin orjiksi Brasiliaan. Identiteettinsä säilyttääkseen orjat harjoittivat omia uskontojaan ja tanssejaan.

Balé Folclórico de Bahian ohjelmisto sisältää myös esimerkiksi capoeiraa, sambaa ja reggaella höystettyä sambaa. Tanssijat saavat sekä klassisen baletin että modernin ja afrotanssin opetusta. Botelho kertoo, että rahavaikeuksien vuoksi hänen ryhmäänsä tanssijoita valmistama tanssikoulu on joskus jouduttu sulkemaankin.

– Oppilailla ei aina ole ollut varaa tulla bussilla treenaamaan.

Populaarikulttuurin ylläpitämisen ja taiteen tekemisen ohella Botelho tekee sosiaalityötä. Osa ryhmän tanssijoista on entisiä kadun lapsia, joille tanssi on aukaissut ovet uuteen elämään.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 162 29/04/10 02:27

MUSIQUES DU MONDE

BAHIA



Des danses jaillies de la vie quotidienne

Bahia est un de ces nombreux territoires du Brésil dont la capitale Salvador figure, avec son centre historique, parmi les hauts lieux du patrimoine mondial. Et le ballet qui le représente est l'une des premières compagnies de danse dont les trente artistes expriment l'esprit de Bahia, l'ancienne capitale du Brésil, au confluent de trois peuplements : Indiens, premiers occupants de la Terre ; navigateurs portugais, qui conquirent ce cap atlantique le plus proche de l'Europe, et esclaves amenés d'Afrique. Voyage à travers les danses jaillies de la vie quotidienne et toujours vécues par les populations bahianaises...

Le Ballet de Bahia explore le champ multiple de l'expression populaire. Tout d'abord, les danses d'origine où, d'une explosion, d'une étincelle, d'un noyau, d'une cellule, d'un être, jaillit la nature, l'homme. Ainsi de la « Flèche », manifestation populaire qui est encore très vivace sur les plages de Bahia, où l'on célèbre « Iemanja », la déesse de la mer, invoquée par les pêcheurs et leurs femmes, qui dansent et chantent en demandant « la bonne pêche ».

La danse moyen de défense

Suit la « Maculele », une danse dramatique originaire des plantations de canne à sucre de Bahia, exécutée après une bonne récolte. Cette danse a été utilisée également comme moyen de défense par les esclaves contre les seigneurs. Quant au « bérimbau », il est basé sur une légende afro-brésilienne, celle de deux jeunes gens de tribus ennemies qui s'aiment et sont transformés en « iunas ». L'iunas est un oiseau qui a inspiré une des musiques jouées au bérimbau, un instrument de musique fait avec un bâton et un morceau de fil d'acier.

Aux heures de liberté

La danse la plus populaire et la plus décontractée de Bahia depuis les temps de l'esclavage est la « Samba de Roda ». Les esclaves dansaient la samba pendant leurs heures de liberté dans la « senzala ». Sa particularité réside dans le mouvement ondulatoire qu'opèrent les femmes avec leurs hanches.

On pourra voir ensuite le Ballet de Bahia évoluer dans la « Capoeira », qui est une lutte d'origine africaine arrivée au Brésil par les esclaves venus d'Angola pendant la période coloniale. « Femelles » est le titre d'une chorégraphie inspirée par l'énergie et la force de travail des femmes noires lorsqu'elles vivaient en Afrique avant d'être emmenées comme esclaves au Brésil.



L'esprit d'un peuple

Mais les danses afro-brésiliennes ont évolué avec le temps vers le « Ginga » exprimant le sourire, le swing, le regard, le visage, la voix et la couleur du peuple bahianais. Expression musicale apparue plus récemment encore à Bahia, la « Samba reggae » est le fruit de la fusion de plusieurs rythmes de la culture bahianaise enrichie par le reggae et le swing des Caraïbes. Et on pourra aussi voir les trente danseurs évoluer dans une « danse de la joie », l'« Afixirie » dans le dialecte yoruba, qui a inspiré la plupart des manifestations culturelles et religieuses de la région. C'est une fête de couleurs, de musiques et de mouvements où apparaissent toute la sensualité et l'esprit de fête du peuple de Bahia.

G. M.

• *« Ballet de Bahia », mercredi 28 septembre, à 20 h 30, dans La Grande Salle. Tarifs : de 140 F à 50 F.*

LE MONDE - FRANÇA
SETEMBRO 1994

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 163 29/04/10 02:27

LYON MATIN - FRANÇA

SETEMBRO 1994

LYON MATIN



Musiques, chants et danses sans racolage (photo C.Ganet)

Viva Bahia!

L'Auditorium transfiguré par un Ballet de flamme et de fureur

Même si les Ballets Africains de Guinée avaient réservé une bonne surprise, on craignait vaguement que l'autre spectacle programmé dans le cadre réfrigérant de l'auditorium Maurice Ravel ne relève d'une internationale de ce folklore racoleur qui répond aux lois du show-biz "plumes et paillettes", et qui fonctionne par accumulation d'images-clichés, érodées et banalisées par le besoin de plaire à une faune touristique en mal d'esthétique kitsch façon Disney & Holiday on Ice.

Or, même si les puristes de la culture populaire brésilienne relevaient ça et là quelques lacunes, le «Balé Folclorico da Bahia», unique compagnie de danse folklorique professionnelle du Brésil (fondée en 1958) a fait grande impression et a même engendré un miracle: faire se lever et danser sur scène une partie d'un public généralement plus cancré!

Deux raisons à cet engouement des spectateurs: les qualités des artistes et celle du spectacle offert par la troupe que dirige José Carlos Arandiba. Les musiciens et les deux chanteuses (leur présence sur scène est un atout considérable) ne mesurent pas leur puissance et leur indomptable énergie. Et les danseurs et danseuses aux superbes corps métissés, recellent cette même capacité à s'investir sans réserve.

Les tableaux successifs en appellent au tonus de tous les interprètes sans le canaliser avec trop de rigidité dans la gestuelle ou les déplacements. Musiques et chorégraphies entrecroisent influences africaines et traditions brésiliennes (capoeira, samba, macutelé...) avec habileté. Les nostalgiques du film «Orfeo Negro» ont dû adorer ce spectacle frénétique, charnel, tout de fureur et de flamme, où le regard se brûlait à tous les feux d'un irrésistible enfer.

Hier soir, pour leur dernière à Lyon, les musiciens et les danseurs du ballet sont descendus sur la place Charles de Gaulle, à l'issu du spectacle, suivi par tout le public de l'auditorium, où il ont prolongé la fête pendant plus d'une demi-heure.

F. COHENDY

Le Républicain Lorrain

FRANCE JOURNAL

mercredi 28 septembre 1994

LA PLUS FORTE DIFFUSION DE LORRAINE

DANSE

Bravo Bahia !



(Photo Christian Ganet)

L'Auditorium a été transfiguré par ce « Balé Folclorico de Bahia » de flamme et de fureur.

Unique compagnie de danse professionnelle du Brésil, le « Balé Folclorico de Bahia » a remporté un triomphe à Lyon lors de ce dernier week-end de Biennale de la Danse.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

LE RÉPUBLICAIN LORRAIN - FRANÇA

SETEMBRO 1994

CHARENTE LIBRE - FRANÇA

AGOSTO 1995

CHARENTE LIBRE

Lundi 14 août 1995

Une belle mise en jambes

Le gala d'ouverture samedi - repris dimanche - a donné le ton du 38e festival: fougue, qualité et diversité

La compagnie brésilienne a électrisé la foule.

Moment vertigineux : les danseurs du Bénin perchés sur de hautes échasses.



Les vieux habitués le savent bien. Si le monde change, le folklore évolue lui aussi. Si les traditions culturo-populaires restent les principales sources d'inspiration des compagnies, elles n'empêchent pas l'innovation. Il n'y a pas que Touré Kounda qui apporte une touche de modernité au festival 95.

Voir les artistes de Bahia dans leurs folles exhibitions, les danseuses des îles Cook dans leurs déhanchements troublants, l'audace moldave ou les rythmes subtils venus du Pérou, on se dit qu'il n'y a pas vraiment de passé ou de présent, mais une envie commune de s'exprimer, simplement par la grâce du geste.

Le 38e gala d'ouverture du festival de Confolens, qui a eu lieu samedi soir(1) dans un théâtre plein au combo (près de 5 000 spectateurs) a montré avec brio toute la diversité de cette 38e édition et sa grande qualité. Les vieux festivaliers le reconnaissaient tous : la cuvée 95 est d'un niveau remarquable, et mérite un grand succès public.

Par exemple, qui oubliera la compagnie brésilienne, dont le court passage a électrisé la foule ? Pas seulement parce que les jeunes danseuses sont très peu vêtues (il faut remonter très loin pour se souvenir de seins nus à Confolens), avec leurs rythmes endiablés, leur sensualité troublante, leur esprit fougueux et festif, sans limite et sans tabou, danseuses et danseurs de Bahia ont littéralement subjugué l'auditoire. Ils sont déjà invités pour le 40e anniversaire, dans deux ans.

Autre groupe étonnant, dans un genre bien différent : celui venu de Lettonie. Ce n'est plus du folklore, mais un véritable ballet russe. La chorégraphie est subtile et travaillée, le jeu d'une rigueur absolue. Ces Lettons sont de véritables artistes. D'eux aussi, on se souviendra. Tout comme de leurs frères moldaves, magnifiques dans leurs délicats costumes blancs, dont les danses sont généreuses et rondement menées, la musique entraînante et audacieuse.

Plus connus, les Italiens ont de nouveau épaté les troupes en jonglant avec leurs drapeaux. Vêtus à la mode Renaissance respectueux d'un jeu typiquement italien, le lancer de drapeaux, ils manient les étendards colorés avec une dextérité surprenante. Avec les îles

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CHARENTE LIBRE - FRANÇA

AGOSTO 1995

CHARENTE LIBRE

Lundi 14 août 1995

Invité d'honneur

LE REVE FOU DE ROBERT HOSSEIN



«C'est merveilleux d'être dans une ville où il n'y a plus de train, plus de bus, et où défile le monde entier.» Le temps d'une soirée, Robert Hossein a quitté le palais des Sports de Paris, où il répète actuellement «Angélique, marquise des anges», son futur spectacle, pour être l'invité d'honneur du 38e festival.

Le célèbre metteur en scène a visiblement savouré ces quelques heures confidentielles, qui ne furent pourtant pas de tout repos. D'abord, samedi vers 18 heures, il a traversé la ville dans le superbe bus «Belle époque» prêté au festival par un Bordelais amoureux du folklore.

Autographes, bises et poignées de mains ont ponctué le trajet jusqu'à l'hôtel de ville, où il a été reçu par les personnalités du département. Décontracté et plaisantin, le comédien s'est extasié devant les costumes des différents artistes présents, a écouté les musiciens moldaves qui animaient la réception, a apprécié le cadre charmant de la terrasse municipale.

Le temps d'un repas à l'hôtel de Vienne, d'un dialogue improvisé avec quelques éleveurs inquiets, et Robert Hossein prend place au premier rang du théâtre de verdure après avoir prononcé un petit discours. Trois heures plus tard, il s'enflamme: «Je n'ai jamais autant voyagé que ce soir à Confolens. J'ai été heureux car j'ai vu des gens dont le cœur battait. Mais j'ai aussi vu de grandes souffrances.»

En fustigeant «les donneurs de leçon, ces êtres qui passent leur vie à démolir ce que les autres bâtissent», l'humaniste à la grande gueule hausse le ton: «Il faut très peu de choses pour anéantir le monde. On court tout droit à la catastrophe. Il faudrait aussi très peu de choses pour aller dans le sens contraire. Je n'ai qu'un slogan: liberté, justice, bonté et beauté.»

Le metteur en scène évoque aussi le chômage, les jeunes qu'il embauche dans ses grands spectacles, et parle de son besoin de repartir à zéro: «Je vais quitter Paris pour m'installer dans une région. Je veux recommencer à zéro et me rendre utile quelque part. Pourquoi pas à Bordeaux? C'est une possibilité.»

Après avoir passé une partie de la nuit dans les rues animées et débordantes de jeunesse, l'artiste, comme promis, est allé prendre son petit déjeuner dans une ferme d'Ansac, avec des éleveurs. Avant de rejoindre Paris hier matin, il a confié à Henri Coursaget, aux anges, son souhait sincère de revenir à Confolens dimanche prochain, pour le final. Et sur le livre d'or, il a écrit: «Au festival, j'ai fait un rêve. Que le dimanche serait éternel si tous les hommes de la terre le voulaient. C'est un dimanche que j'ai rencontré Confolens.»

SUD OUEST - FRANÇA

AGOSTO 1995

SUD OUEST

GRAND QUOTIDIEN REPUBLICAIN REGIONAL D'INFORMATION

CHARENTE

LUNDI 14 AOUT 1995 - 4,30 F

Dansons la « Bahiannaise »



Les rues de Confolens se sont ouvertes dimanche après-midi à toutes les danses. Ici, petite leçon de samba avec nos amis de Bahia au pied du vieux lycée Emile-Roux



FOLKLORE. Ouvert samedi soir, le 38e Festival international de Confolens, en Charente, portera haut, jusqu'au 28 août, les bannières de la tradition. Ce soir, irruption de la World Music, avec le concert de Toure Kunda

(Photo Henry-Jean Berthélémy)

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

SUD OUEST - FRANÇA

AGOSTO 1995

SUD OUEST

MARDI 15 AOUT 1995

BALÉ FOLCLORICO DA BAHIA

L'école de la rue

La compagnie bahianaise, seule professionnelle du genre au Brésil, fait rimer folklore, ethnologie « et culture. Menée par un anthropologue, elle a ouvert une école de danse qui accueille 200 enfants démunis des favellas

HÉLÈNE KIETSCH

« Nous n'avons rien avoir avec une carte postale touristique du Brésil ». C'est sûr, personne ne contredira Wilson Botelho, le danseur-anthropologue qui mène le ballet folklorique de Bahia, aujourd'hui seule compagnie de danse folklorique professionnelle au Brésil.

Rien avoir avec les lambadas commerciales, les flonflons carnavalesques et autres images d'Epinal de la danse brésilienne. Les 28 jeunes artistes (tous âgés entre 12 et 24 ans) répètent toute l'année huit heures par jour et six jours par semaine. Leur danse, qui engage la totalité de leur être, se nourrit des rythmes ancestraux revisités par une chorégraphie aux expressions plus contemporaines. Même les frères Toure Kounda ont tout de suite confirmé l'inspiration sénégalaise de la troupe, dont la spécificité est justement de rendre hommage à toutes les influences africaines (Niger, Bénin...), héritées de la main-d'œuvre esclavagiste « importée » pour les besoins des travaux agricoles.

«L'ÉCOLE DES FAVELLAS»

Depuis sa création en 88 dans Bahia-la-Métisse (80% de la population est noire), le ballet a parcouru un très long chemin. « Il y a un fort racisme au Brésil, malgré les métissages.

Lors de nos premiers concerts, nous étions fouillés car considérés comme dangereux. Notre respect de la culture brésilienne nous vaut aujourd'hui d'être reconnus par toutes les classes sociales. En sept ans, nous avons réussi à faire évoluer les mentalités », note Walson avec le bonheur des satisfactions acquises au prix de grandes luttes.

Comme celle engagée pour ménager « un futur moins sombre » à quelque 200 enfants des rues. « Dans notre école de danse, les jeunes suivent des cours sans payer. Ils sont noirs ou blancs, le plus souvent très pauvres, certains n'ont même jamais été à l'école élémentaire ».

«CONFOLENS, C'EST IMPORTANT»

L'école de Walson, qui est en train de devenir une sorte d'association loi de 1901, vit grâce aux cachets du ballet.

Sa démarche généreuse et intelligente lui a même valu un article à la une du New York Times, un pas de plus dans la reconnaissance internationale du ballet.

Confolens, plateforme des talents du folklore du monde entier, ne s'y est d'ailleurs pas trompé en réservant déjà le groupe pour les 40 ans de son Festival.

«Pour nous, Confolens, c'est très important, cela nous permet d'être en contact avec des groupes d'horizons différents alors que nous avons surtout l'habitude de rencontrer des groupes de danse africaine contemporaine », confirme Walson. Une preuve de plus que le folklore procède d'une démarche ethnographique aux antipodes du racisme.

Nourrie du respect d'autrui et de ses différences.

Danse sacrée

■ Ce matin, lors de la messe qui a lieu à 10 heures, salle Marcel-Ferrot, le ballet folklorique de Bahia, exécutera une danse sacrée qui ne peut être donnée qu'en un lieu sacré. Un entrée rare (livré pour la première fois en Europe) dans le panthéon des dieux des esclaves africains.



Le ballet folklorique de Bahia est le premier ensemble à avoir mis en lumière le folklore très riche des noirs «importés» en masse comme esclaves au Brésil *(Photo Sud-Ouest Henri-Jean Barthélémy)*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 167 29/04/10 02:28

CHARENTE LIBRE

Mardi 15 **FESTIVAL DE CONFOLENS** août 1995

Le ballet folklorique de Bahia restera un des temps forts du 38e festival. Un spectacle à ne pas manquer.



CHARENTE LIBRE - FRANÇA

AGOSTO 1995

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CHARENTE LIBRE - FRANÇA

AGOSTO 1995

La perfection venue du Brésil

Révélation de l'année le ballet de Bahia fait l'unanimité. Et reviendra vite à Confolens

On est loin de la lambada et des images faciles. Avec le ballet folklorique de Bahia, Confolens, pour la première fois peut-être, accueille le Brésil authentique, celui de ce peuple métissé aux fortes influences africaines, qui combat sa misère en dansant de toute ses forces, poussant la performance à l'extrême.

Gestuelle majestueuse et puissante, musique envoûtante, costumes merveilleux, le ballet folklorique de Bahia frise la perfection, saisit au cœur et aux tripes, émerveille le public à chacun de ses passages.

Ce soir, sûr que la salle Perrot sera comble pour applaudir ces très jeunes artistes issus des favelas, qui se défoncent avec une énergie à couper le souffle.

Cadeau au festival, les 28 danseurs et musiciens de la troupe interpréteront la fameuse danse sacrée ce matin pendant la messe qui a lieu dans la même salle Perrot. Surtout, Henri Coursaget annonce déjà le retour de ce ballet remarquable, révélation 95, pour le quarantième festival, dans deux ans.

Il y a huit ans, quand la troupe s'est formée, l'affaire n'était pourtant pas gagnée à Bahia, où 90% de la population est noire: «*Le Brésil a beau être un peuple multiracial, il y règne un fort racisme. Quand on a commencé les concerts, on était fouillé à l'entrée, considéré comme dangereux*», explique Walson Bothelo, le directeur-fondateur.





Brésil

CORPS A CORPS

Un magnifique couple de Bahia, dans une danse torride et sans tabou. Le corps dans toute sa beauté.

Une école pour 200 enfants

A force de travail, le ballet s'est rapidement imposé. Il est aujourd'hui la seule compagnie folklorique professionnelle de cet immense pays: «*Nous avons réussi à changer les mentalités, et notre groupe est maintenant considéré comme un grand groupe de danse, car il a montré son sérieux, et son respect de la culture brésilienne*».

Pour en arriver là, il a fallu travailler beaucoup. Recrutés dans les quartiers les plus pauvres, les danseurs répètent ou suivent des cours huit heures par jour, six jours par semaine. Il suffit d'aller dans les coulisses pour le constater. Alors que les autres artistes attendent sagement leur tour, les Brésiliens font des échauffements, longuement, car chaque passage sur scène est une étonnante prouesse physique. Les plus jeunes ont 13 ans. Les plus anciens 25 ans. Les danses bahianaises exigent une telle énergie qu'on ne peut guère pratiquer au-delà de cet âge.

Parallèlement aux tournées — Henri Coursaget l'a constaté lui même sur place avec admiration — cette école développe un important travail social. Elle rassemble plus de 200 enfants des rues et des favelas, qui suivent gratuitement des cours. Ces derniers sont financés par les cachets du ballet: «*Notre but, c'est d'aider un maximum d'enfants qui ne peuvent pas suivre d'études. A travers l'art, ils retrouvent leurs racines et le futur leur paraît moins sombre*».

Le ballet folklorique de Bahia participe à la soirée de gala de ce soir, puis à celle de vendredi. Sinon, on peut l'applaudir tous les jours pendant les animations de rue, en particulier cet après-midi.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 169 29/04/10 02:28

SUD OUEST
GRAND QUOTIDIEN REPUBLICAIN REGIONAL D'INFORMATION
CHARENTE
MERCREDI 16 AOUT 1995 - 4,30 F



Les Brésiliens du Ballet de Bahia s'entraînent huit heures par jour pour arriver à cette souplesse

MESSE DU 15 AOÛT

La danse des dieux



Costumes somptueux, gestes rituels, la danse sacrée des Bahianais a captivé les fidèles hier matin, salle Marcel-Perrot

A l'heure de sa traditionnelle messe œcuménique du 15 août, Confolens a pu voir exceptionnellement la danse sacrée des dieux des esclaves africains, présentée pour la première fois en Europe par le ballet folklorique de Bahia, seul ensemble folklorique professionnel du Brésil.

On a vu la déesse de la beauté, de l'or et de l'eau douce, le dieu du fer et de la guerre, celui des maladies de peau et de la mort... Drappés dans des costumes aussi sophistiqués que somptueux, les danseurs n'étaient plus des danseurs mais des sur-hommes, à la beauté confondante. Même privé d'explications sur le déroulement du rituel, la puissance de chaque geste avait le don de captiver le public non initié mais pas profane.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

SUD OUEST - FRANÇA
AGOSTO 1995

BOOK 20 ANOS BFB.indd 170 29/04/10 02:28

SUD OUEST - FRANÇA

AGOSTO 1995

Le Brésil, encore le Brésil...

Quatre pays ont ouvert mardi soir le feu des galas. Avec dans l'ordre d'apparition: l'Ecosse, fidèle à ses cornemuses, le Brésil époustouflant, la Chine pétillante et la Pologne encouragée par un fan-club très nombreux



La danse des origines du ballet folklorique de Bahia : une montée en puissance de la vie et de la fougue exceptionnelle

Les caisses ont enregistré pour la soirée de gala de mardi soir 1 390 entrées (sans compter les 5 00 artistes présents tout le festival) contre 580 l'année dernière ! Un détail sans doute prosaïque mais qui vaut son pesant d'atmosphère: il faisait chaud, salle Marcel-Perrot, et l'ambiance était à la fête, tolérant les quelques « écarts » techniques dont ont souffert certains groupes.

La beauté et la grâce sont venues du Brésil, arrivant sur scène après les cornemuses du Loretto Pipes-Band écossais à la stature hiératique toujours aussi impressionnante, traversé par des danseuses latines plus convaincantes en tenue écossaise qu'en étoiles classiques hésitantes).

Le ballet folklorique de Bahia a d'emblée distillé la beauté dans une danse des origines à la montée en puissance captivante. Suivie d'une danse du feu énigmatique et d'une chorégraphie inspirée par la force des femmes noires africaines réduites à l'esclavage. Musique, mise en scène, danse, beauté des chansons, des costumes, tout y était... Un enchantement presque trop court.

La Chine a suivi, pétillante, offrant un programme de sept danses très variées. Seules, les couleurs des costumes avaient parfois le don de heurter certaines sensibilités visuelles.

A la Pologne, le privilège de clôturer la soirée. Après une prestation classique, perturbée il est vrai par un micro mal placé, les Polonais ont satisfait leur très nombreux admirateurs» offrant quelques bis et allant jusqu'à faire pousser la chansonnette sur tous les gradins.

REPÈRES
Au jour le jour

▶ **Vendredi 18 A 16 heures, « passe-rues et animations », divers groupes dans les rues de la ville.**

A 17 heures, quatrième foulée cotolentaise (semi-marathon international). Départ stade de la Tulette, arrivée centre-ville. Ouvert au public, renseignements : 45.84.21.96.

A 21 heures, soirée de gala « Tourbillon de rêve ». Lettonie, Portugal, Brésil, Moldavie, îles Cook, Pérou. Salle Marcel-Perrot. Tarif : 80 F. Enfant : 40 F. Groupe : 65 F.

CHARENTE LIBRE - FRANÇA

AGOSTO 1995

CHARENTE LIBRE

Jeudi 17 août 1995

Puissance... et légèreté



La première soirée de gala, mardi soir dans le gymnase Perrot, a permis de découvrir un peu plus en profondeur quatre groupes de l'affiche 95. Plus de 1 200 personnes, malgré des conditions techniques bien médiocres, se sont laissées porter par l'immense diversité du spectacle, ou plutôt des spectacles.

Car qu'y a-t-il de commun entre la légèreté polonaise un peu ennuyeuse, et la puissance sans égal des chorégraphies brésiliennes ? Entre la mystérieuse grâce chinoise et le cérémonial presque militaire des musiciens écossais ?

C'est tout le charme de Confolens, de permettre au public, en un peu plus de deux heures, de visiter un aspect culturel de quatre pays. Mardi soir, ce voyage a commencé du côté de l'Ecosse immuable avec le Loretto Pipes de Musselburg, un ensemble très jeune, qui a besoin de mûrir un peu et de prendre de l'assurance. Tout comme les jeunes filles qui les accompagnent en dansant. Il n'empêche que ces gamins se débrouillent bien. Ils ont enchanté le public qui a toujours eu un petit faible pour la cornemuse.

Inutile de dire qu'avec l'arrivée du ballet folklorique de Bahia, il n'était plus question de s'assoupir. Les Brésiliens, une fois de plus, ont présenté le spectacle le plus puissant, le plus fascinant de la soirée. Ces danseurs prodigieux réalisent de véritables performances artistiques. On a même vu l'un d'eux apprivoiser le feu et éteindre des torches avec la bouche. Magnifique et prenant, sans réserve.

Puis vint la Chine, insondable derrière le sourire, avec ses symboles, ses masques grandioses, une chorégraphie d'une grande élégance, ses instruments mystérieux comme le violon à tête de cheval ou l'orgue à bouche. C'est du véritable théâtre à la chinoise avec quelques figures acrobatiques qui font sensation.

Pour finir, l'ensemble «Slowianki» de Cracovie a envahi la scène avec ses rondes et ses farandoles, cette légèreté insouciante qui fait toujours son effet à Confolens. Romantique jusqu'à l'ennui, cette féerie manque de consistance. Comme une jolie carte postale sans un petit mot derrière.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

LE JOURNAL DE SAINT-GERMAIN - FRANÇA
JANEIRO 1996

LE BALLET FOLKLORIQUE DE BAHIA

Révélation 1995
de la Biennale de danse de Lyon

Chorégraphie : Walson Botelho et Rosangela Silvestre, direction artistique : José Carlos Arandiba

Créé en 1988 c'est l'unique ballet folklorique de danse professionnelle du pays. La compagnie représente les traditions, les croyances, les histoires, les musiques de cette région merveilleuse du nord-Brésil.
Une indomptable énergie, une technique exceptionnelle portent témoignage de l'africanisation de Bahia ; des danseurs et danseuses aux superbes corps métissés s'investissent sans réserve.
Les tableaux successifs en appellent au tonus de tous les interprètes.
Les percussions de la samba-reggae vous font, au final, bondir de votre fauteuil.



Vendredi 2 février, 20h45

l'Yonne RÉPUBLICAINE



Ballet de Bahia ce soir

Ce soir, à 20 h 45, les vingt danseurs, chanteurs et musiciens du ballet folklorique de Bahia seront sur la scène du théâtre de Sens. Aux rythmes fusionnés du candomblé, de la capoeira et de la samba, cette unique compagnie de danse folklorique professionnelle du Brésil témoigne de l'africanisation de Bahia au travers de son histoire. Places de 55 à 140 francs.

L'YONNE RÉPUBLICAINE - FRANÇA
JANEIRO 1996

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 172 29/04/10 02:28

SPECTACLES EN IMAGES - FRANÇA
SETEMBRO 1996

SPECTACLES EN IMAGES
LYON, Septembre 1996

QUAND LE BRÉSIL MYTHIQUE DÉFERLE SUR SCÈNE

Plus de deux heures de musique, de chant, de rythmes effrénés, de couleurs, de cris. Toutes les coutumes, les croyances religieuses, l'histoire, les rites, les traditions du Nordeste du Brésil.. L'exploit semble à peine croyable et pourtant, pour le Bale Folclorico de Bahia (ci-dessous), il a l'air presque anodin. Créée en 1988 par Walson Batelho, cette compagnie, la seule formation de danse folklorique professionnelle brésilienne, a donné à la Biennale de Lyon l'un de ses temps forts. Capoeira, samba de roda, maculelê, samba-reggae, et bien d'autres encore, déclinées dans un spectacle d'une vitalité, d'une puissance et d'une complexité peu communes. En présentant des pièces comme «Femeas», une danse réservée aux femmes, ou comme «Corte de Oxala», sa création mondiale, la compagnie de Bahia a quasiment envoûté les spectateurs. Les poussant à «entrer» dans la danse et à partager sa joie communicative, elle s'est taillé un succès qu'on a peu l'habitude de voir dans les salles françaises.

A. Masson



C. Ganet

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 173 29/04/10 02:28

LE PROGRES
VENDREDI 20 SEPTEMBRE 1996

BIENNALE DE LA DANSE

Le Ballet de Bahia

Une violence sauvage qui ensorcèle

Dirigé par Walson Botelho et José Carlos Arandiba, le Ballet folklorique de Bahia a été fondé assez récemment, en 1988, et demeure encore aujourd'hui la seule compagnie de danse folklorique professionnelle au Brésil.

Couverte d'éloges et de récompenses, elle promène dans le monde un repertoire passionnant et constamment renouvelé, qui prouve la richesse des mythes du Nord-est, et l'importance fondamentale des apports africains dans la culture brésilienne.

Le spectacle invité dans le cadre de la Biennale démontre aussi que la vitalité indiscutable et la puissance gestuelle, musicale et visuelle des pièces issues du folklore peut parfois supporter l'exportation, et la transposition de la rue à la scène: ce spectacle 1996, tout de bruit et de fureur, est à mille lieues d'un exotisme édulcoré et aseptisé pour voyages organisés.

Puisant leur inspiration dans les traditions ancestrales, les liturgies sacrées et les rites profanes, les différents chorégraphes de la troupe ont élaboré un spectacle varié, qui séduit par son indéniable authenticité, autant en ce qui concerne les mélopées musicales que les transes corporelles.

L'envoûtement qui émane de pièces comme «samba reggae», «Capoeira», «Femeas» ou la création mondiale «Corte de Oxala» est celui d'une danse toute de violence et de sauvagerie, au sens le plus noble du terme, comme en une macumba frénétique. Aucune poudre aux yeux, mais une ensorcelante magie noire pour nuit blanche.

F.COHENDY



(PHOTO CHRISTIAN GANET)

LE PROGRÈS - FRANÇA
JANEIRO 1996

A la Biennale de Lyon, le Brésil se fait diable blond et dieu noir

Les Noirs affirment leur identité tandis que les Indiens d'Amazonie sont absents du festival

Depuis le 12 septembre, le Brésil révèle à la Biennale de Lyon tous les aspects de sa danse. Samedi 21 et dimanche 22, Rubens Barbot, à l'amphithéâtre de l'Opéra, et le Ballet Folclorico de Bahia, à l'Auditorium Maurice-Ravel, revendiquent la vigueur de la culture issue de l'esclavage et de l'Afrique. En marge du festival, les films de Pierre Verger et de Claude Lévi-Strauss illustrent aussi ce thème.

LYON
de notre envoyée spéciale

Les Bahianais défendent leur culture et leur négritude. Par exemple, Gedeon Rosa, l'un des très nombreux journalistes brésiliens présents à Lyon, refuse qu'on intègre la lambada, fille naturelle d'Orangina et du showbiz, au palmarès du patrimoine des danses du Nordeste. Il y a à Salvador de Bahia, depuis les années 70, une renaissance de la culture des Noirs. En 1974, la population noire crée et revendique ses propres *blocos* de carnaval.

En ce moment même à Bahia, au Liceu des Artes, a lieu une exposition fort bien faite : « Bateaux de négriers. *Batuque* et *quilombo* », (*batuque* : tambour et, par extension, danse populaire ; *quilombo* : nom des territoires libres des esclaves en fuite). L'exposition est organisée pour le tricentenaire de la mort de Zumbi, un des premiers esclaves à s'échapper des plantations. Rejoint par d'autres Noirs, il fonda le premier *quilombo*. A sa suite, toute la communauté se suicida plutôt que de se rendre aux soldats des Blancs (20 novembre 1695). Rubens Barbot, chorégraphe de Rio, né dans le Sud, amateur de bérets et d'extravagance, s'est emparé de l'esclave mythique : dans *Electronic Zumbi* (1995), il en a fait un révolté urbain, qui a troqué sa lame pour un ordinateur. Ce n'est pas avec Zumbi qu'il est venu à Lyon, mais avec *Toque de Dança*, sa dernière chorégraphie : un morceau de danse pure qui s'invente sur les percussions de Robertinho Silva, musicien de Milton Nascimento.

L'esclavage, mais aussi la *capoeira*, cette lutte déguisée en danse, et mise en musique, afin que les Portugais en autorisent la pratique à leurs esclaves, sont autant de thèmes inscrits au répertoire du Ballet Folclorico de Bahia. Mais c'est principalement le *candomble*, religion issue des rites *yorubas* africains, qui sert de trame à *Bahia de todas as cores*.

Walson Botelho et José Carlos Arandiba sont des initiés des rites *candomble*, ils savent ce qu'ils peuvent dévoiler des divinités, de Exu, Ogun, Oxala.... Les danseurs, les chanteurs, les musiciens, de haut niveau, mettent du cœur à l'ouvrage. Techniquement et plastiquement. Et quels costumes ! La misère vestimentaire rencontre les crinolines des maîtres portugais et le baroque des saints de l'Eglise catholique. « *A Bahia, nous avons un dicton* : "Un Bahianais ne naît pas, il fait sa première". *On est tous un peu artistes* », rit José Carlos Arandiba, directeur artistique du Ballet Folclorico de Bahia. « *Nous tournons dans le monde entier, mais nous avons toujours des difficultés à danser au Théâtre municipal Castro Alves, dans notre propre ville* », explique Walson Botelho, administrateur de la compagnie.

Le Ballet ne reçoit aucune subvention mais avec ses recettes propres réussit à maintenir une école de danse pour environ deux cents enfants. Les meilleurs entrent dans le Ballet. De son côté, à Rio, Rubens Barbot vient d'ouvrir une école, conçue comme un lieu de rencontre de la jeune création. « *Il y a trente-deux ans que j'attends cette école* », dit-il.

Parallèlement, il met en chantier un projet destiné aux enfants des communautés : « Xicas et Xicos da Silva », hommage à la belle esclave Xica da Silva, à l'intelligence de laquelle le cinéaste Carlos Diegues rendit hommage en 1976...

Au Brésil, il y a beaucoup mieux que la lambada. Depuis cet été, tout le pays est secoué par le *tchan* et la *garrafa*. La *garrafa* se danse en ondulant au-dessus du goulot d'une bouteille. « *J'aime ces déhanchements qui viennent de nos racines africaines,* avoue Lia Rodrigues, chorégraphe invitée à la Biennale. *Notre danse contemporaine naît du syncrétisme de nos cultures. Elle connaît aujourd'hui la même expansion que la danse française en 1980.* » On s'étonne qu'aucune danse des Indiens d'Amazonie ne soit programmée : Carlhos de Jésus, spécialiste des danses latines, à Rio, nous affirme pourtant qu'il en subsiste de fort belles. Il a enseigné, non loin de Belem, la samba à des Indiens, qui, en retour, lui ont appris les danses de la fertilité et de la pluie.

Dominique Frétard

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

LE MONDE - FRANÇA
JANEIRO 1996

SUD OUEST

CHARENTE



La troupe brésilienne marque le festival de Confolens à chacun de ses passages (Photo Henry-Jean Berthelemy, « Sud-Ouest »)

FESTIVAL DE CONFOLENS

Brésil : la passion avant tout

FESTIVAL DE CONFOLENS

Brésil : la passion avant tout

La troupe brésilienne clôturera ce soir la soirée de gala.

Le Bale folklorico da Bahia est un des ensembles qui a le plus marqué le festival

MARTINE SOULARD

« Nous les Brésiliens on est comme ça. On adore danser, c'est ce qui nous donne autant d'énergie ». José Carlos Zebrinha, directeur artistique et chorégraphe de la troupe brésilienne est tellement dévoré par sa passion, qu'on dirait que le temps n'a pas d'emprise sur lui. La quarantaine adolescente, il parle de sa culture avec fierté et véhémence, s'étonnant du regard souvent faussé que les Français portent sur le Brésil. « Chez nous aussi, on a la télévision. Des ordinateurs aussi. D'ailleurs je tape très bien ».

Sorti des bidonvilles de Bahia, comme toute la troupe, José souffre d'un manque de reconnaissance dans son pays, alors que les artistes du groupe enflamment les rues à l'étranger. « Nous n'arrivons pas à avoir de subventions de la part du gouvernement. C'est la débrouille, parce qu'on n'a pas beaucoup d'argent. Mais on y arrive. On finance beaucoup de choses nous même. Depuis 1988, nous avons commencé à avoir pas mal de succès à l'étranger. On est assez demandé : jusqu'en 2004, notre calendrier est complet ».

DES ARTISTES ACCOMPLIS

Le « Bale folclorico da Bahia » existe depuis neuf ans maintenant. Son but premier est d'aider des jeunes des bidonvilles à sortir de leur condition, les amener à faire autre chose.

Mais elle s'est aussi fixée comme objectif de faire connaître les différents aspects de la culture brésilienne qui baigne dans la religion.

« Les noirs brésiliens, contrairement aux descendants d'esclaves aux États-Unis, et même à certains Africains, ont réussi à garder en mémoire leur religion d'origine. Dans la religion candomblé, chaque personne doit rendre des comptes à un Dieu, et il y en a seize principaux. Moi, je m'identifie à Ogun, Dieu de la guerre et du travail. Ça correspond à mon caractère. C'est comme les signes astrologiques chez vous. »

La troupe brésilienne était déjà venue à Confolens il y a deux ans.

Les trente danseurs sont des artistes accomplis. « Sur scène, nous ne voulons pas modifier notre folklore. Le problème, c'est que le folklore n'est pas fait pour être enfermé dans une salle. Pour ne pas que le public s'ennuie, nous travaillons comme si c'était une pièce de théâtre et les danseurs doivent maîtriser certaines techniques ».

Ce soir, au gala, la troupe montrera trois chorégraphies : une danse tirée d'un mythe de la création de l'univers, la danse des pêcheurs de Bahia, pour montrer l'importance de la mer au Brésil et la danse de joie qui célèbre la fin des récoltes.

SUD OUEST - FRANÇA AGOSTO 1995

LA NOUVELLE RÉPUBLIQUE - FRANÇA

AGOSTO 1997

MERCREDI 13 AOUT 1997

la Nouvelle République DU CENTRE-OUEST



Le Brésil a fait vibrer le festival au son des tambours

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

40 ans et toutes ses danses

Confolens ouvre le bal ce soir avec un Carnaval qui devrait enflammer la cité durant toute la semaine



A Bahia, on sait ce que «Carnaval» veut dire: c'est pourquoi l'équipe confolentaise a fait appel aux Brésiliens pour lancer les «hostilités» !

CONFOLENS 40e

Patrick SERVANT

Moment d'émotion: c'est ce soir que le 40e festival international de folklore de Confolens ouvre ses portes. Un moment que bien peu de Confolentais auraient pensé célébrer en ce mois d'août 1958, quand les premiers binlous du bagad de Lann Bihouet franchissaient le Pont Vieux. 40 ans...

La réalité est pourtant bien celle-là. Confolens rejoint, ce soir, le club des «quadras». Evidemment, dans l'équipe organisatrice, certains ont bien un peu dépassé le cap, président en tête. Mais c'est grâce à eux, tous, que le festival souffle aujourd'hui ses 40 bougies. Grâce aux obscurs, aux sans-grade, aux fantassins et aux officiers supérieurs, qui inlassablement, derrière le général de brigade, œuvrent à l'accomplissement de ce miracle annuel, 40 fois répété.

C'est la raison pour laquelle, il fallait faire de ce 40e anniversaire un événement *«grandiose et sans précédent»*, pour plagier l'interplanétaire Henri Coursaget. Alors l'équipe a bossé. Et dur.

Et voila qu'elle nous sort un programme d'enfer, avec quelques unes des meilleures troupes qui existent de par le monde. Des troupes pour la plupart déjà vues à Confolens. Et justement, c'est parce qu'elles sont venues, qu'elles sont devenues des amies de Confolens, que le festival les a conviées.

Samba pour tous!

40 ans c'est la fête. Alors quoi de mieux que le rythme de la samba pour allumer le festival? C'est la raison pour laquelle ce soir, chaque troupe déclinera son arrivée sur la scène confolentaise sur le thème du Carnaval.

Les Brésiliens de Bahia seront en «pole position» pour allumer la mèche et ils ne sont pas du tout décidés à laisser Confolens sombrer dans la nostalgie ou la tristesse. Ca va chauffer dur, ce soir, avec les Brésiliens, mais aussi avec les Turcs d'Ankara, les Mexicains, les Moldaves de Kishinev, les Péruviens, les Américains de Provo, les Ukrainiens de Kiev... et tous les autres. A l'exception des Africains, qui ne seront pas de la fête cette année. Et c'est bien dommage...

Pour lier la sauce, le festival a fait appel à Melting-Spot, une jeune troupe de hip-hop, ce folklore des villes et surtout des banlieues.

Comme d'habitude, passé le feu d'artifice carnavalesque, la fiesta se poursuivra jusque tard (il n'est pas interdit de franchir le cap de minuit...) dans les rues de la ville, au rythme de la samba brésilienne!

Et comme il ne faut pas stopper court la fiesta, le Carnaval se poursuivra toute la semaine, un Carnaval auquel sera convié le public, en se vêtant de rouge demain dimanche, de bleu vendredi 15 août, de noir et de blanc le dimanche de clôture.

Chaud, le week-end s'annonce chaud. Et pas seulement sur le plan météorologique. Sur scène, à Confolens, le «Bale Folclorico de Bahia» va faire monter le taux d'adrénaline: le Brésil, et toutes les autres troupes présentes, vont décliner la soirée d'ouverture sur le thème du Carnaval à travers le monde.

Sitôt le feu d'artifice terminé et les tonnes de confettis déversées, le public va partir dans les rues au rythme de la samba. .....5 et 24



Les danseurs et danseuses brésiliennes vont rallier les plus tièdes des festivaliers confolentais photo Phil Messelet



La première soirée ne devrait pas manquer de rythme

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CHARENTE LIBRE - FRANÇA

AGOSTO 1995

BOOK 20 ANOS BFB.indd 176 29/04/10 02:28

Vingt ans de danse-passion

Une pléiade d'artistes réunie à Lyon pour fêter les vingt ans de la Maison de la danse.

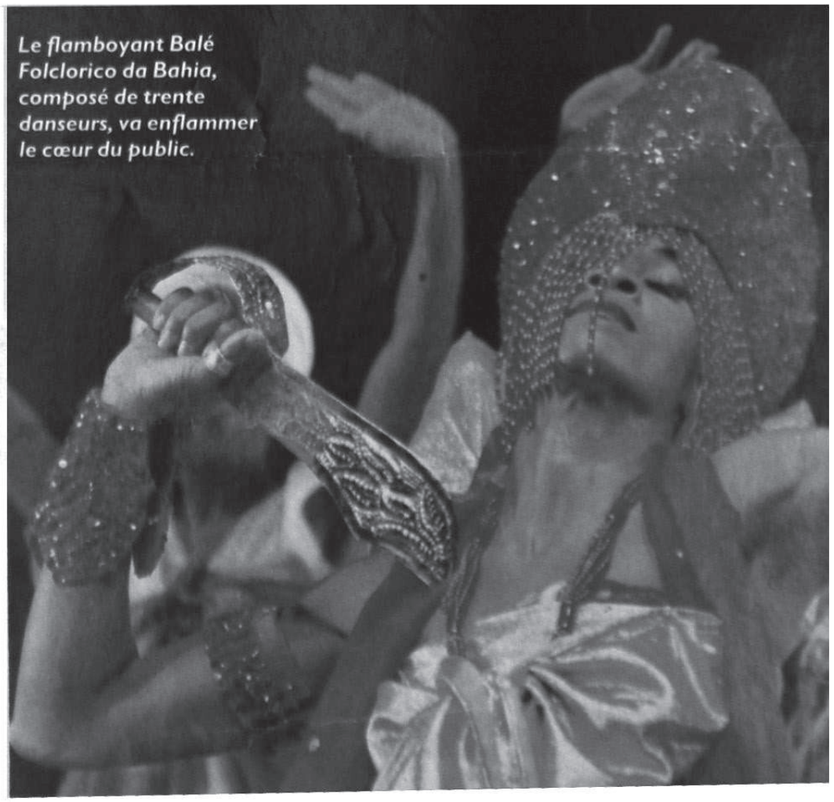
L'anniversaire promet d'être riche en surprises et en émotions, Guy Darmet n'ayant pas pour habitude de faire les choses à moitié. Ainsi, le directeur de ce lieu, devenu l'un des plus beaux rendez-vous européens de la danse sous toutes ses formes, soufflera ses bougies entouré d'amateurs fidèles et de professionnels.

« Dès son arrivée, le public sera accueilli par la compagnie Zanca dans une ambiance de cirque imaginaire », se réjouit le maître de cérémonie. Puis le spectacle se déroulera en deux parties. D'abord, l'évocation rapide des vingt ans écoulés, à travers quelques choix et coups de cœur : un solo d'ouverture en hommage à Dominique Bagouet, Nacho Duato, la Compagnie Kafig, les étoiles de l'Opéra de Paris dont Laurent Hilaire, Nicolas Leriche, Aurélie Dupont, Jean-Guillaume Bart...

Un voyage convivial dans le temps

Bref, un large champ de variations chorégraphiques. A l'issu de l'entracte savamment « animé », le Balé Folclorico da Bahia présentera sa nouvelle création, entraînant les spectateurs dans une fête samba reggae très colorée. *« Les gens sont conviés à un voyage extraordinaire, convivial, amical, à l'image de ce que nous avons vécu au fil des ans »*, poursuit Guy, dont le vœu le plus cher est *« que la danse reste à Lyon l'un des phares de la culture »*. ●

● La Nuit des vingt ans : du 13 au 17 juin à la Maison de la danse, 8, avenue Jean-Mermoz, Lyon-8e. 04.72.78.18.00.



Le flamboyant Balé Folclorico da Bahia, composé de trente danseurs, va enflammer le cœur du public.

LE FIGARO - FRANÇA
JUNHO 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 177 29/04/10 02:28

Danse

20 ans, la fleur de l'âge !

LYON CITÉ - FRANÇA
JUNHO - 2000

Vingt ans ça se fête ! Amis, fidèles, coups de cœur, artistes de tous horizons, ils seront tous là pour célébrer les vingt ans de la Maison de la danse. Une fête pas comme les autres puisqu'elle débutera sur la place du théâtre. C'est dans un tourbillon d'échassiers, musiciens et danseurs de la compagnie "Zanka" que la fête commencera sur le parvis, puis dans le hall : une entrée pas comme les autres, pour une soirée pas comme les autres. Circa Zanka, un parcours enchanteur est créé pour l'occasion par la compagnie de Margot Carrière. On reconnaît une fois de plus la "griffe" de cette artiste inclassable qui s'amuse de l'amalgame de tous les arts.



Une fois le public installé, le spectacle continue avec une pluralité d'artistes et de genres, les maîtres mots de la Maison de la danse : des chorégraphies de Bagouet, Forsythe, Käfig avant la séquence "souvenirs souvenirs" marquant sur grand écran des extraits des spectacles de ces vingt années.

Le Balé Folclorico da Bahia sera le feu d'artifice final de cette soirée, une immersion totale dans la musique folklorique brésiliennne. ●

Du 13 au 17 juin. 04 72 78 18 18.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 178 29/04/10 02:28

danse



P. Martin

La nuit des vingt ans

DES CHORÉGRAPHIES D'ICI ET D'AILLEURS.

La Maison de la danse fête ses vingt ans d'existence avec un programme de choix. *Zanka*, dans une chorégraphie de Margot Carrière, les *Coups de cœur des vingt ans*, sous la direction artistique de Guy Darmet et le Balé Folclorico da Bahia pour trente danseurs, sous la houlette de José Carlos Arrandiba avec des chorégraphies de Walson Botelho, Nildinha Fonseca et Rosângela Silvestre. Sur des musiques traditionnelles de Bahia, ce nouveau spectacle du Balé Folclorico da Bahia nous entraîne au cœur des traditions du Salvador. Fêtes religieuses, candomblé, couleurs vives du Pelourinho, pêcheurs et sirènes.

▸▸ LYON, Maison de la danse, du 14 au 17 juin à 20 h 30 (mer. à 19 h 30).

MAGAZINE FNAC - FRANÇA

JUNHO 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 179 29/04/10 02:29

LE PROGRÈS
Depuis 1859
MARDI 13 JUIN 2000
SPECTACLES ● Lyon
DANSE

Toutes les couleurs de Bahia

La furia brésilienne fait désormais partie des meubles de la Maison de la Danse. Et comment pourrait-elle mieux s'exprimer qu'avec le Balé Folclorico da Bahia ? Il était donc naturel que les danseurs de Salvador participent aux festivités du 20e anniversaire. Rencontre.

CREE EN 1988 grâce aux efforts de Waldeson Bothelo, le Balé Folclorico da Bahia (BFB) a pris une place importante dans le paysage chorégraphique brésilien. Le BFB réunit deux compagnies de 32 danseurs. Ce nombre se justifie par les multiples activités de la troupe qui se partage entre les tournées (6 à 7 mois par an, principalement aux Etats-Unis), les événements et les spectacles donnés tous les soirs dans un petit théâtre du Pelourinho, l'ancien quartier colonial de Salvador, récemment classé au patrimoine de l'Unesco. Dans ce lieu magique, on affiche complet tous les soirs !

Si le folklore constitue encore le mode d'expression principal, la compagnie a évolué vers un langage plus sophistiqué. « *Avec le temps, le Balé de Bahia a développé une écriture chorégraphique plus érudite pour sortir du carcan folklorique où, par facilité, on a trop tendance à l'enfermer* » explique Waldeson Botelho. Cette modernité satisfait les danseurs qui veulent exploiter tout leur potentiel. Et ils n'en manquent pas.

« Ils portent cette danse jusqu'au plus profond de leur âme »

La plupart d'entre eux viennent des couches les plus populaires de l'Etat de Bahia. « *On les recrute avant tout sur des critères culturels* » souligne Botelho. « *Descendants des esclaves africains* (ndlr : près de 90 % de la population de Salvador est d'origine africaine), *ils portent cette danse jusqu'au plus profond de leur âme. La plupart pratiquent ces danses depuis leur plus jeune âge, en famille, avec leurs amis. Et s'il leur manque un bagage technique, nous le leur apportons dans notre école de formation* ».

Une école difficile et exigeante puisque les membres de la compagnie sont astreints, chaque jour, à deux heures de cours et quatre heures de répétition.

Le directeur du BFB note aussi que pour les garçons, la pratique de la capoeira, sur les plages ou dans les fêtes populaires, « *est l'une des meilleures écoles de danse qui soit. Elle leur apporte la flexibilité du corps, la coordination des mouvements et le sens de l'espace* ». Pour les filles c'est différent. Elles ont l'avantage de commencer plus tôt, dans les groupes folkloriques. « *Les hommes démarrent plus tard* » reconnaît Alcides, un musicien de la troupe. « *Les préjugés sur la danse, considérée comme un art d'efféminés, sont encore très ancrés dans la population. Alors, on passe par la capoeira* ».

Les garçons sont au centre des préoccupations des dirigeants du BFB. « *Ils sont sollicités par d'autres compagnies* », regrette Waldeson Bothelo. « *Ils rêvent d'épouser une « gringa » aux cheveux blonds, d'aller gagner beaucoup d'argent à l'étranger ou dans des groupes de pagode* (samba bahianaise), *voire d'ouvrir une école de capoeira* ». Et c'est vrai que, depuis la création du ballet, près de 150 d'entre eux ont quitté la troupe pour intégrer des compagnies européennes ou américaines. « *Mais lorsque nous sommes en tournée*, ironise l'un des danseurs, *nous les rencontrons parfois. Il arrive même que certains demandent à danser dans notre spectacle. Ils ont gardé une certaine nostalgie* ».

« Nous voulons laisser notre héritage »

« *Les filles sont plus fidèles à la compagnie* » explique Rosemary. « *Peut-être parce qu'elles sont plus casanières. Elles ne veulent pas s'éloigner de leur mari* ». Ce sont elles d'ailleurs qui prennent le relais en occupant des postes d'enseignement au sein de l'école ou d'assistantes des chorégraphes. « *Nous voulons laisser notre héritage* » avoue Augusta.

« *C'est important de prolonger notre expérience et de permettre à d'autres jeunes de connaître les joies que nous avons partagées* ». Waldeson Botelho reconnaît que l'hémorragie des garçons s'est stabilisée « *depuis notre première tournée à Lyon en 1994. Elle les a beaucoup valorisés et surtout elle nous a ouvert d'autres scènes européennes* ». Il ne faut pas chercher plus loin la nature des rapports étroits entre le BFB et la capitale des Gaules.

Un regret ? « *Pour des raisons financières, nous n'avons jamais dansé en Afrique. Or c'est là que sont nos racines !* ».

A. MAFRA

Maison de la Danse du 13 au 17 juin. Tel : 04 72 78 18 18.



La nuit des 20 ans de la Maison de la Danse

A l'occasion de son 20e anniversaire, Guy Darmet et ses complices de la Maison de la Danse accueillent quelques-unes des pointures qui ont marqué son histoire. Le Balé Folclorico da Bahia bien sûr, mais aussi des artistes venus d'horizons différents, de la danse classique au contemporain en passant par le hip-hop.

Précédées par les comédiens, échassiers, musiciens et danseurs de la Compagnie Zanka, les chorégraphies de Bagouet, Duato, Forsythe, Käfig feront revivre les grands moments de la Maison. Sylvie Giron interprétera « Une danse blanche avec eliane », un solo d'anthologie de Bagouet. Les étoiles du Ballet de l'Opéra de Paris danseront quelques pas de deux d'exception tandis que leurs homologues du Ballet du Grand théâtre de Genève danseront « Cor perdut » de Nacho Duato.

La deuxième partie de la soirée est entièrement animée par le Balé de Bahia. Autour des pièces rituelles (capoeira, candomblé, samba de roda, puxada de rede...) les danseurs, musiciens et chanteurs évoqueront les 500 ans du Brésil, mais aussi les multiples influences africaines et européennes, principalement portugaises, qui ont marqué sa culture.

Les 13, 15, 16 et 17 à 20 h 30, le 14 à 19 h 30. Places de 140 à 200 francs. Réservations au 04 72 78 18 18.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 180 29/04/10 02:29

Het PAROOL
amsterdam
Vrijdag 5 april 2002

Scène uit *Mama Africa*.

FOTO AD NUIS

De samba is voor iedereen

Vervolg van pagina 1

De voorstelling laat in vogelvlucht verscheidene thema's uit de Braziliaanse volksoverleveringen de revue passeren. Botelho lijkt zich niet druk te maken over de vraag of een Europees publiek alle beelden wel kan plaatsen: "De muziek en de dans zijn zo hyperenergiek, dat de voorstelling sowieso communiceert." En hij kan het weten. Al ruim een jaar toert *Mama Africa* met groot succes door Europa en de VS.

Waar de dansers die hyperenergieke stijl aan te danken hebben? "Een aantal van onze dansers heeft zijn kindertijd op straat doorgebracht in Salvador, een van de armste steden van Bahia," zegt Botelho. "Veertien jaar geleden hebben wij daar ons theater opgericht en er een dansschool aan verbonden, waar veel van deze straatkinderen een zeer intensieve dansopleiding krijgen. Tot nu toe is het ons gelukt zonder subsidie of sponsoren de tent draaiende te houden."

Met het oog op de Nederlandse première vanavond vervalt Botelho ineens in gepeins. "Aan het slot van deze voorstelling nemen de bandleden het publiek altijd mee naar de hal, zodat de mensen zelf kunnen gaan dansen. Het is voor het eerst dat we in Nederland spelen. Zeg eens eerlijk: Nederlanders – wat valt daarvan te verwachten?"

Mama Africa: Balé Folclórico de Bahia. Première vanavond 20.15 uur in De Meervaart. Tournee: zie www.wmtf.nl.



HET PAROOL - HOLANDA
ABRIL 2002

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 181 29/04/10 02:29

Het PAROOL
amsterdam
Vrijdag 5 april 2002

HET PAROOL - HOLANDA
ABRIL 2002



Balé Folclórico de Bahia in actie. FOTO AD NUIS

SASKIA TÖRNQVIST

Het oude Afrika in de Meervaart

AMSTERDAM – Het podium van de Grote Zaal van de Meervaart in Amsterdam-Osdorp lijkt het strijdtoneel van een groep kemphanen. Overal liggen donzige veertjes. Vogelveertjes, afkomstig van de kostuums van de 29 dansers van de Balé Folclórico de Bahia, die de openingsscène repeteren van hun voorstelling *Mama Africa*.

Het gezelschap bruist van energie. De centrale danser, die met gespreide armen iets weg heeft van een adelaar of een paradijsvogel, lijkt bij elke luchtsprong klapwiekend weg te zullen vliegen. Hij wordt omringd door vrouwelijk en mannelijk schoon dat het naakte lijf kunstig heeft getooid met veren bustehouders, scheen- en bilversierselen. Bij zoveel exotisme denk je al gauw aan broeierige nachtclubs. Maar dan heb je er helemaal niets van begrepen.

"*Mama Africa* is een hommage aan het rijke culturele erfgoed van Brazilië," zegt Walson Botelho, choreograaf en mede-oprichter van het gezelschap. "Deze voorstelling is toegespitst op de sterke Afrikaanse invloeden in de noordoostelijke Braziliaanse provincie Bahia, waar we vandaan komen. Veel aspecten van de oude Afrikaanse cultuur zijn in Bahia zó goed bewaard, dat er steeds vaker Afrikanen naartoe komen om zich te verdiepen in de muziek, de dans en de rituelen die hun voorouders vijfhonderd jaar geleden met zich meenamen toen ze als slaaf naar Brazilië werden verscheept. Terwijl in Afrika de oude cultuur op sterven na dood is, is ze bij ons nog springlevend."

• Lees verder op pagina 10

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

deVolkskrant

Spannend mengsel van ritme en kracht

DANS

Wereld Muziektheater Festival – Mama Africa door Balé Folclórico da Bahia. Choreografieën: José Carlos Arandiba, Walson Botelho, Amélia Conrado en Rosângela Silvestre. Muzikaal directeur: José Ricardo Sousa. 7/4, Lucent Danstheater, Den Haag. Tournee t/m 20/4.

Dans pronkt wel vaker met verbluffende staaltjes energiek vertoon. Maar het Balé Folclórico da Bahia uit Brazilië slaat werkelijk alles. Bijna twee uur *non-stop, upspeed* actie en een overdaad aan oogverblindende kostuums en kleurige lichteffecten.

Balé Folclórico da Bahia, voor het eerst in Nederland te zien, werd in 1988 opgericht in één van de armste wijken van Salvador. Enerzijds is het een kweekvijver voor jonge zwarte dansers, acteurs en musici, anderzijds een internationaal tourneegezelschap. Zijn functie is educatief, professioneel artistiek en emancipatorisch in de zin van het koesteren van de eigen (zwarte) cultuur.

Mama Africa is geïnspireerd op de noordelijke, Afro-Braziliaanse streek Bahia. De choreografieën, op veelal opzwepende klanken van twee zangeressen en een orkest met veel percussie achter op het toneel, tonen een mengeling van invloeden: Afrikaanse (door de geïmporteerde slaven), Zuid-Amerikaanse (door de inheemse bevolking) en Europese (door de Portugese kolonisten). Vooral het nieuwe, choreografisch fantasievolle lijnen- en kleurenspel *Ginga* is wat dit betreft een staalkaart.

Mama Africa is een spannend samenkomen van ritme en kracht, (samba)swing en sensualiteit. Van schaars geklede lijven en volledig onder de raffia bedolven wezens. Van neerwaarts en opwaarts, robuust en sierlijk. Het is (bewerkte) folklore met toefjes westerse moderne dans en klassiek ballet (artistiek leider en choreograaf José Carlos Arandiba studeerde ooit nota bene aan de Arnhemse Dansacademie). Spektakel dat verder gaat dan amusement alleen.

De slaven vieren met stokken hun goede oogst, de praalzucht van het Portugese hof wordt bespot in een pompeuze parade. Door alle directheid heen – en die combinatie fascineert – wordt ook de mystieke kant van deze samenleving voelbaar. De dansende os, de pauweveren, de vogelkreten uit de kelen van de zangeressen, het groen-roze licht: het aardse en het bovenaardse zitten vol geheime krachten, die er wel degelijk toe doen. Het broeiende *Afixirê*, met de bonte strokenrokken, losslierende haren en kleine waaiertjes, is hiervan een prachtig voorbeeld.

Capoeira, een van oorsprong Angolese vechtkunst, is een van de vele uitsmijters, met zulke soepele flikflakken, benen die los van de romp lijken te draaien en radslagen zonder bodem, dat het onwerkelijk oogt. De Brazilianen hadden best iets meer rustpunten en variatie in dynamiek mogen aanbrengen. Maar de charme van de andere wereld van *Mama Africa* neemt dit punt van kritiek meteen ook weer weg.

Mirjam van der Linden



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 183 29/04/10 02:29

DE SCHOUWBURGKRANT - HOLANDA

ABRIL 2002

Balé Folclórico da Bahia

Mama Africa



THEATERSHOW - "Dit uitbundige, unieke Braziliaanse gezelschap moet u absoluut zien," luidde het advies van The New York Times aan haar lezers. Gelukkig hoeft u daarvoor niet naar de VS, want Balé Folclórico da Bahia maakt in april voor het eerst een tournee door Nederland en doet daarbij ook Leeuwarden aan. In een hartveroverende mix van meeslepende muziek, zang, dans, halsbrekende acrobatiek en energieke ritmes toont het gezelschap in 'Mama Africa' hoe diep de Afrikaanse tradities nog steeds geworteld zijn in het dagelijks bestaan van de overwegend zwarte bevolking van Bahia, het noordoosten van Brazilië. Het Balé Folclórico da Bahia, opgericht in een van de armste wijken van de havenstad Salvador, fungeert als kweekvijver voor jonge zwarte acteurs, dansers en muzikanten. De oudere en meer ervaren spelers vormen een professioneel gezelschap dat al vele internationale tournees achter de rug heeft. Maskers, Afrikaanse instrumenten, samba en zwaarddansen, maar ook moderne dans en jazz illustreren de veelzijdigheid van het Balé Folclórico da Bahia. In elk nummer klinkt de aardsheid, de woestheid en enorme vitaliteit van de Afro-Braziliaanse cultuur door.

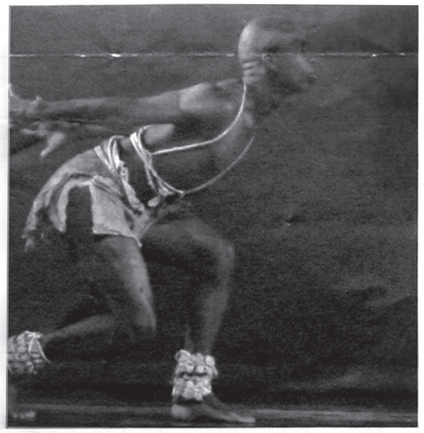
zaterdag 13 april
20.15 uur, AEGON zaal

prijs € 27,23

theaterdiner € 18,-

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

DANZA



AFRO E OLTRE... E ALTRO

24/28 novembre, Teatro Nuovo, Torino

INFO tel/fax 011 355450 afro@afro.it www.afro.it

Africa, Afriche: la prima puntata di una trilogia che si concentra sulle *Afriche del Mondo*, ovvero su quelle forme di danza africana che si sono sviluppate, per ragioni storiche e sociali, in aree geografiche esterne al continente. Incantano, in particolar modo, le Afriche del Nuovo Mondo, le realtà afro-americane, afro-sudamericane e afro-caraibiche. Una mostra fotografica sui suoni del vento e del mare, della festa e del rito ci racconta poi **Le Signore di Bahia**: l'esposizione, che raccoglie immagini realizzate dall'antropologa Patrizia Giancotti in oltre dieci anni di lavoro sul campo, è commentata da testi appositamente scelti dallo scrittore Jorge Amado, creatore di personaggi indimenticabili come Dona Flor e Teresa Batista.

SI SEGNALANO

24 e 27 novembre, h 21

Una prima nazionale per il **Balé Folclórico da Bahia**, unica compagnia professionale di danza tradizionale dello stato, con **Bahia de todas as cores** e **Rapsodia Nordestina**.

Oggetto della loro ricerca è la cultura africana, elemento portante del linguaggio gestuale e musicale della cultura bahiana. Il loro repertorio spazia infatti dalle danze religiose del Candomblè, alle tradizioni Nordestine, dai cortei popolari sull'incoronazione dei Re Africani, alle espressioni popolari della società bahiana, al linguaggio marziale della Capoeira, del Samba e alle sempre nuove influenze del celebre Carnaval brasiliano.

25 novembre, h 21

Dalla Martinica arriva invece la **Compagnie Tête Grainée** che presenta **Sur un fil** uno spettacolo di danza afro-butoh: nel butoh i piedi scivolano sul suolo, nell'afro lo percuotono.

L'afro-butoh è uno stato d'essere, quasi su un filo ... un filo da cui si può cadere, da un lato o dall'altro. In Sur un fil José Chalons sperimenta la gestualità etnica africana scivolando nell'universo del teatro Nô, Kabuki e Butoh; lavora sulla respirazione, sulla maschera, sul sentimento e sul minimalismo, sul prendere e lasciare in un "soffio". La gestualità diventa meditazione danzata.

26 novembre, h 21

Tranceformation, Gula Matari, Layers of time e **Kgotla** sono le performance della sudafricana **Moving Into Dance Mophatong,** fondata nel 1978 da Sylvia Magogo Glasser allo scopo di creare una compagnia di danza interrazziale e insieme un'organizzazione educativa. Alla base di tutto, il concetto di integrazione. La loro tecnica di danza, l'Afrofusion – che mette in relazione movimenti, rituali e musica africani, con le forme di danza contemporanea dell'Occidente – è nata infatti cercando legami creativi tra le persone e come forma di resistenza all'apartheid.

PIEMONTE DAL VIVO - ITÁLIA

OUTUBRO 2004



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Torino dai mille ingredienti

di FEDERICA TOLOSI
con la FABRICA CREATIVA "MARCELA SANCHEZ" - PHILIP MARTIN e MARCIA YANNI

Sboccia una città laboratorio di esperienze uniche in Italia. Non solo a tavola, con la ricchezza dei nuovi sapori, ma anche nella musica e nella danza. C'è una Torino colorata, allegra, capace di fermenti inaspettati e sorprendenti: ecco la città multiculturale





Suoni, colori, stoffe, profumi e spezie; ma anche abitudini, storie, movimenti sinuosi e volti. Un lussureggiante sottobosco esotico cresce all'ombra della Mole, intrecciando la sua storia a quella dei torinesi doc, incuriosendoli, seducendoli e – al contempo – lasciandosi conquistare e cambiare nell'incontro con la vita e il modo di fare di questi italiani un po' algidi all'apparenza, e sempre ironici e aperti nella sostanza, stanno nascendo nuove identità – ce ne siamo accorti da un pezzo – mutevoli e sorprendenti, frutto dello scambio e di un confronto fra culture che non sempre si rivela problematico, per fortuna. Come spesso accade, i risultati più immediati di questa contaminazione creativa fra sud e nord ce li ritroviamo nel piatto, quando entriamo in uno dei tanti ristoranti etnici della città, o anche soltanto quando camminiamo tra la bancarelle del Balôn, e nell'aria fredda d'inizio inverno respiriamo il sentore di cous-cous e tè alla menta mescolato ai classici profumi di bolliti e polenta preparati nelle locande di Borgo Dora.

E se Porta Palazzo è il più grande mercato alimentare all'aperto d'Europa, perché non approfittarne? Sono infatti circa mille i nuovi ingredienti introdotti dai migranti: una ricchezza spesso ancora sconosciuta ai più, ma che non ha mancato di eccitare la fantasia di molti gourmet. È nato così il progetto 'turisti per casa', visite guidate per scoprire i diversi prodotti delle comunità arabe, africane e asiatiche, veri e propri 'tour del palato' proposti dall'associazione Multi Kulti, fondata dal 'gastronomade' Vittorio Castellani, meglio noto come Chef Kumalé. '100% arabica', 'Turin-Dakar' e 'Ogni ben di Buddha' sono itinerari a tema che hanno finito per coinvolgere non solo singoli appassionati, ma scuole e turisti (per informazioni, Gabriella Dominino, tel. 339.6568440). Si curiosa nelle botteghe, si assaggiano pietanze misteriose, ci si riempie gli occhi con i tesori da mille e una notte esposti nelle vetrine dei negozi: *«È un buon modo per avvicinare mondi diversi attraverso i sapori* – conferma Chef Kumalé – *e per far conoscere la straordinaria peculiarità di Torino, una città unica proprio per la concentrazione di così tante etnie, soprattutto a Porta Palazzo e San Salvario. Solo Torino si presta perfettamente a questi viaggi del gusto: Milano e Genova, per esempio, dove abbiamo replicato l'esperienza, sono luoghi molto più dispersivi»*.

Il Balé Folclorico de Bahia
Sotto: festa di danza senegalese

In questa e nella pagina accanto, la magia e le tradizioni afroamericane del Balé Folclorico de Bahia



Ma Chef, l'etno-gourmet per eccellenza, non si ferma certo qui: è al via in questi giorni 'Taste partout', in collaborazione con Mistral Tour, viaggi gastronomici alla volta di mercati lontani, cucine di strada e ristoranti: primi itinerari, Cina, Giordania e Il Cairo.

Un sottobosco, dicevo: ma nel senso di fertile, naturalmente, non certo di occulto, perché il sud del mondo a Torino si è da tempo meritato un posto di primo piano, non solo grazie ai sapori con cui ha rinverdito la nostra tradizione culinaria, ma anche con i ritmi, che ormai hanno conquistato i teatri. Esemplare, a questo proposito, il caso del festival internazionale che si è appena concluso al Teatro Nuovo, registrando il tutto esaurito: 'Afro e oltre...e altro', arrivato quest'anno alla quinta edizione. Il festival, primo in Italia nel suo genere, dal 24 al 28 novembre ha celebrato la danza contemporanea afro di ricerca con il tema 'Africa, Afriche', che ha dato il via a una trilogia dedicata anche ai ritmi del nuovo mondo – in particolare Brasile, Cuba, Haiti – paesi dove, per ragioni storiche e sociali dovute principalmente alla tratta degli schiavi, la danza di origine africana si è innestata sulla realtà dei paesi ospiti con risultati sorprendenti. *«Abbiamo cercato di offrire al pubblico degli stimoli nuovi* – spiega Katina Genero, direttrice e ideatrice del festival – *spettacoli di sperimentazione che ancora non si sono visti da noi, perché quel che ci interessa è fare e proporre danza afro di ricerca»*. Il 'Balé Folclòrico da Bahia', la compagnia martinicana 'Tête Grainée' e i ballerini sudafricani di 'Moving into Dance Mophatong' si sono esibiti in prima nazionale conquistando senza riserve i torinesi. *«Il futuro è proprio in questo scambio creativo* – aggiunge Katina Genero – *Anzi, dirò di più: sono convinta che, così come è nata la danza afrocubana o afrobrasiliana, presto si potrà dare spazio a una nuovo genere, la danza afroeuropea»*.

E se lo dice lei, c'è da crederle, vista l'esperienza e la passione con cui si dedica alla danza africana da più di 25 anni. Da quando, con il fratello Bruno – percussionista di fama mondiale – di ritorno dai fermenti ar-

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BALLETTO

di Elisa G. Vaccarino

AFRICAN step

Le "Afriche del Nuovo mondo". Dal folclore del Candomblé di Bahia alla fusion martinicana dell'Afro-Butoh. Dove l'Estremo oriente incontra il Continente nero



Se l'Occidente ha subito, da oltre un secolo, il fascino dell'Oriente, all'Africa ha dedicato molte meno attenzioni. Ai balletti ottocenteschi come *Corsaire* e *Bayadère*, e novecenteschi in un atto come *Shéhérazade* (1910), e anche a soli come *Rahda* (1906), *Nautch* (1908), *Cosmic Dance of Shiva* (1926), si contrappone un minor numero di lavori occidentali ispirati al Continente nero. Ci sono *La creation du monde* (1923), con scene e costumi di Léger per i Ballets Suedois, e *Cocktail* (1927), pantomima futurista con barman negro, la splendida, "selvaggia" Josephine Baker e la *Revue Nègre* pangina (1925). Finita la fase infantile, o se si vuole coloniale di seduzione del "diverso", cosa ci regala oggi il grande continente dei ritmi e delle danze rituali? Alla domanda risponde da cinque anni un festival che, con rispetto e amore di autenticità, presenta al Teatro Nuovo (dal 24 al 28 novembre, con una coda il prossimo febbraio, 25 e 26 al Teatro Juvarra) *Africa,Afriche, 7° continente, linguaggi misti – nuove identità*. Anima della manifestazione è la danzatrice e coreografa Katina Genero, appassionata studiosa che da sempre si propone di promuovere e dare la giusta collocazione alla danza di matrice afro, nelle sue espressioni tradizionali, metropolitane e contemporanee, ormai universali. L'attuale edizione sarà l'inizio di una trilogia dedicata alle forme di danza che si sono sviluppate fuori dal continente d'origine (*Afriche del Nuovo Mondo*: Brasile, Cuba, Haiti e in generale le realtà afro-americane, afro-sud-americane e afro-caraibiche). Il terreno da esplorare è così vasto che nessuna definizione di campo può esaurire la ricchezza di scoperte, che si svelano a chi affronta un viaggio tanto variegato. In novembre si avranno *Bahia de todas as cores* e *Rapsodia Nordestina* del Balé Folclórico da Bahia; *Sur un fil* della compagnia martinicana Tête Grainée e *Tranceformation, Kgotla, Gula Matari, Layers of time* dei sudafricani Moving Into Dance Mophatong. In febbraio, infine, *Chandra/Luna* della Mavin Khoo Dance (in collaborazione con Torino Danza.

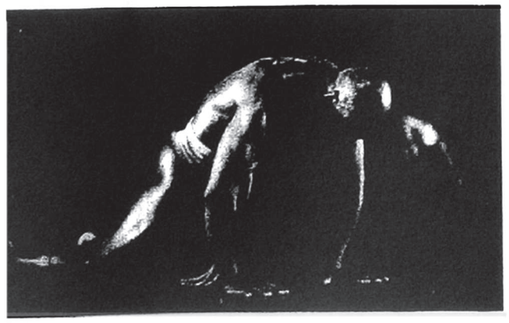
Il Balé Folclórico da Bahia, l'unica compagnia di danza tradizionale di quella regione, è stato fondato nel 1988 da Walson Botelho e Ninho Reis e conta attualmente più di trenta fra danzatori, musicisti e cantanti, sotto la direzione di José Carlos Arandiba. Nel Candomblé e nel Carnevale, elementi portanti della cultura bahiana, si identificano le coreografie in programma: *Dança de Origen, Puxada, Boi-Bumbà, Xaxado, Ginga, Maracatù, Rural, Maculele, Samba de Roda, Capoeira, Afixire, Samba Reggae*.

Molto curiosa la linea di lavoro del gruppo martinicano Tête Grainée, che accosta il Butoh, la danza contemporanea nipponica, alla danza afro, in modo inedito. "Nel Butoh i piedi scivolano sul suolo, nell'Afro lo percuotono", spiegano i protagonisti. "L'Afro-Butoh è uno stato d'animo, quasi l'essere sospesi su un filo da cui si può cadere, da un lato o dall'altro. Nel Butoh il corpo vive in una bolla d'interiorità, cerca il vuoto, l'infinito. Nell'Afro il corpo è radicato in una pulsione, si stacca dal suolo e l'energia si diffonde dal centro del corpo fino all'estremità delle dita passando attraverso tutte le articolazioni come la linfa dell'albero nutre il tronco, i rami, le foglie, le nervature. È così che due energie complementari, yin e yang, come in una spirale, invitano a una danza cosmica, a uno stato insieme di vuoto e di pienezza". In *Sur un fil* il coreografo José Chalons, che è anche giocoliere sui trampoli e percussionista, ha voluto lavorare sulla respirazione, sulla maschera, sul "prendere e lasciare in un soffio, perché la gestualità diventi meditazione danzata".

La nascita della compagnia Moving Into Dance Mophatong, oggi composta da undici professionisti di età compresa fra i 20 e i 30 anni, risale al 1978, quando Sylvia Magogo Glasser la fondò con il preciso progetto di dar vita a una danza dichiaratamente interrazziale e a un'attività educativa decisamente anti-apartheid, integrando le culture africana e occidentale. Il rispetto per le fedi e i valori africani ha anche portato nel tempo alla creazione di una tecnica di *afrofusion*, rinnovando dinamica ed estetica della danza sudafricana.

Il brano *Tranceformations* è ispirato all'arte rupestre e alle danze "di trance" o di guarigione delle tribù dei Bushman o dei San, indigeni cacciatori e raccoglitori del Sud Africa, mentre *Kgotla* rimanda al luogo d'incontro dove la gente si riunisce per trattare e risolvere i contrasti e le questioni che interessano la comunità. *Gula Matari* è il punto di incontro tra lo spirito di un uomo e quello di un uccello per "spiccare il volo con le proprie ali". *Layers of time*, creato nel ventennale della compagnia, è una celebrazione del passato, del presente e del futuro che rivela le difficoltà del cammino verso il successo.

Infine, la danza di Mavin Khoo, malese di nascita, danzatore classico degli stili Odissi e Bharata Nathyam indiani, collaboratore di coreografi britannici di spicco nella danza contemporanea tecnologica e di *fusion* come Wayne McGregor, Akram Khan e Shobana Jeyasingh, ora stella nascente in proprio della nuova scena inglese, gioca invece sull'eleganza sensuale e sull'esuberanza sportiva. Il suo *Chandra/Luna* è firmato da Laurent Capanna e Liz Lea e s'ispira alla credenze indiane ed europee sulle relazioni energetiche fra l'astro notturno e la vita terrestre degli esseri umani. In esso il balletto e la danza moderna occidentali si fondono con i ritmi sinuosi della danza classica indiana. Il brano ha un cuore pulsante nel solo per Marvin Khoo, che si esibisce con la CV Chandrasekhar di Madras e un proprio nuovo gruppo di performer. La musica spazia dall'antica poesia indiana all'arpa degli impressionisti francesi Satie e Debussy, da una colonna sonora composta da Andy Pick alla tradizionale canzone carnatica asiatica e all'opera di Dvorák: tanti suoni mixati da dj internazionali che collaborano con CJX e Matt Ross.



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 187 29/04/10 02:29

Un programma esaltante di spettacoli e stages di danza sino al 28

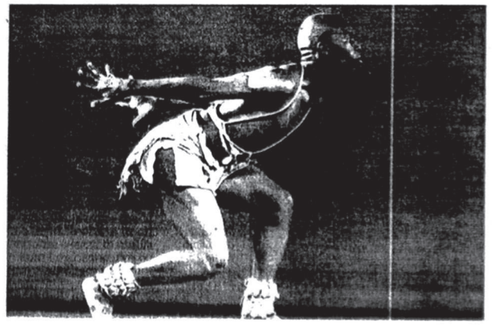
giovedì 18 novembre 2004

Dal 24 al 28 novembre la quinta edizione di "Afro e oltre..." al Teatro Nuovo di Torino

Tutte le Afriche della danza

Katina e Bruno Genero offrono un programma ricco di eventi e personaggi

la Nuova METROPOLI
Piero Abrate
SETTIMANALE DI INFORMAZIONE, POLITICA, CULTURA, SPORT
Anno XII - n° 43 - giovedì 18 novembre 2004





Dal 24 al 28 novembre la quinta edizione del Festival Internazionale "Afro e oltre"

TORINO - E' la prima danzatrice e coreografa ad aver diffuso le danze afro nel nord Italia coinvolgendo migliaia di appassionati allievi e spettatori. Insieme al fratello Bruno, straordinario percussionista africano bianco, Katina Genèro, con l'energia positiva che la contraddistingue da sempre, propone quest'anno la V edizione del Festival Internazionale "Afro e oltre...e altro", che si inaugura al Teatro Nuovo di Torino mercoledì 24 novembre alle 21 e prosegue, con un'esaltante programmazione di spettacoli e stages di danza a matrice africana, fino a domenica 28. "Africa, Afriche" è la prima proposta di una triologia che si focalizza sulle Afriche nel Mondo, vale a dire su quelle forme di danza africana che si sono sviluppate, per ragioni storiche e sociali fuori dal continente, in particolare in Brasile, Cuba, Haiti e più in generale nelle realtà afro-americane, afro-sud-americane, afro-caraibiche. Il festival è il primo in Italia per la sua specificità e porta a Torino spettacoli di altissimo livello in rappresentanza delle correnti più significative della danza africana.

Il 24 novembre, in prima nazionale e uniche rappresentazioni, apre il festival il Balé Folclórico da Bahia, la sola compagnia professionale di danza tradizionale dello stato, con lo spettacolo "Bahia de todas as cores" travolgenti danze, colori e ritmi che collegano le culture brasiliane alla Madre Africa e alle creature fantastiche della foresta amazzonica. Alla compagnia anche l'onore di chiudere la kermesse, la sera del 27, con "Rapsodia Nordestina", spettacolo creato per la commemorazione dei 500 anni della scoperta del Brasile e dedicato alle tradizioni popolari delle regioni del Nord-Est che hanno contribuito fortemente all'identità del popolo brasiliano. Il 25 novembre arriva dalla Martinica la Compagnie Tête Grainée che presenta lo spettacolo "Sur un fil", danza afro-butoh la cui tecnica è caratterizzata dai piedi che scivolano sul suolo, mentre nell'afro lo percuotono, evocando la pulsione ancestrale del ritmo. Il 26 novembre è la volta delle performance di afrofusion della compagnia sudafricana Moving Into Dance Mophatong, una sintesi di danze rituali tradizionali e tecniche contemporanee. Mercoledì 24, alle 18, alla Sala Valentino 2 del Teatro Nuovo, "Dei e uomini nel candomblé di Bahia", conferenza a cura della antropologa-fotografa torinese Patrizia Giancotti. Inoltre per tutta la durata del festival, Giancotti espone "Le signore di Bahia": 150 immagini fotografiche, emozionanti e poetiche, che ci raccontano la vita quotidiana ed il percorso iniziatico delle sacerdotesse del culto afro-brasiliano degli dèi-orixás, commentate da testi scritti dal grande Jorge Amado. Infine, da venerdì 26 a domenica 28 non mancherà l'occasione di poter partecipare, previa iscrizione, agli stages di danza tenuti dagli artisti ospiti del festival. Organizza l'Associazione Ritmi e Danze Afro.

Antonella Bellan

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 188 29/04/10 02:29



I tamburi africani tornano a suonare al Valentino. Dal 24 al 28 novembre, infatti, l'Associazione ritmi e danze afro presenta al Teatro Nuovo il V Festival internazionale *Afro e oltre... e altro*. La rassegna, che propone quattro spettacoli in prima nazionale, intende dare riconoscimento alla danza di matrice afro nelle sue espressioni sia tradizionali sia contemporanee. Tema di questa edizione - intitolata *Africa, Afriche* - è, appunto, il Continente nero oltre i propri confini. Così, da Bahia arrivano i 37 danzatori, cantori e musicisti del Balé Folclórico da Bahia (nelle foto), che presenteranno - in apertura con *Bahia de todas as cores* (il 24) e in chiusura con *Rapsodia nordestina* (il 27) - le danze religiose degli dei-*orixás* e tutta l'esuberanza del patrimonio afro bahiano. Il 25, invece, sarà interessante l'incontro tra la danza giapponese Butoh e quella africana con *Sur un fil*, della compagnia martinicana Tête Grainée, mentre il 26 l'*ensemble* sudafricano Moving into dance Mophatong presenterà coreografie ispirate alla danza di *trance* delle tribù boscimane. Sempre dal 24 al 27, inoltre, il *foyer* del teatro ospiterà un'installazione con oltre 100 fotografie dell'antropologa Patrizia Giancotti sulle sacerdotesse del *Candomblé*, i riti e le feste di Bahia. Gli *stage* e i seminari, invece, proseguiranno anche anche il 28. *P.G.*



TUTTO TURISMO - ITÁLIA
NOVEMBRO 2004

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS



Così ballano gli stregoni di Bahia

Possessione Una danza del Balé Folclórico da Bahia. In scena a Torino fino al 28 novembre

Da mercoledì, al Teatro Nuovo di Torino, in scena il Balé Folclórico. Per la prima volta in Italia i rituali ipnotici degli schiavi africani del Brasile

DI SERGIO TROMBETTA

Scordatevi le Oba Oba. Qui regnano le signore di Bahia. Sontuose sacerdotesse dalle ampie gonne bianche che si allargano come campane al moto rotatorio della danza. E poi amuleti, gioielli, turbanti. Il loro è un rituale ipnotico, ritmato dalle percussioni, che sconfina nella trance e nella possessione. Stregonerie per placare gli Orixas, gli dei Yoruba. Gli africani del Brasile li hanno portati con sé sulle navi degli schiavisti portoghesi che dalle coste occidentali dell'Africa li trasportavano nel Nuovo Mondo. Una fede forte, pronta a mescolarsi con quella dei padroni, il cattolicesimo, pur di non perdere la propria identità. Una tradizione religiosa, tenacemente e segretamente conservata nelle piantagioni di canna da zucchero, fatta di ►

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

LA STAMPA
SUPPLEMENTO AL NUMERO ODIERNO • 20 NOVEMBRE 2004 • N. 444

Specchio

musica, canto, ballo e riti esoterici, che si è mantenuta viva nei secoli. C'è chi ha avuto la fortuna di assistervi in qualche «terriero» di Salvador di Bahia. Chi ha seguito le cerimonie invece semplicemente in qualche documentario tv. Ora arrivano in palcoscenico, quei rituali, diventano uno spettacolo di musica e danza. Rievocare a teatro quel mondo africano d'Oltreatlantico è stata la scommessa vincente del Balé Folclórico di Bahia creato nel 1988 da Walson Botelho e Nunho Reis e che ora debutta per la prima volta in Italia ospite al Teatro Nuovo del torinese quinto festival *Afro e oltre e altro* (in programma dal 24 al 28 novembre, www.afro.it).

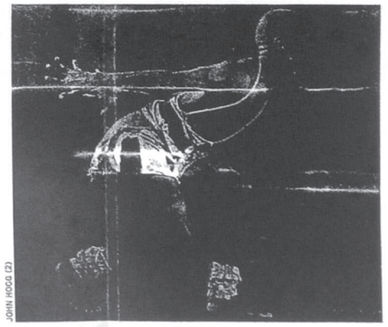
Festival dal titolo complesso per spiegare la volontà di andare a cercare le altre Afriche sparse per il mondo, là dove le correnti di negrieri hanno portato schiavi, nel Nord e nel Sud del Nuovo Mondo. Per raccontare la diaspora dal Continente nero ad Harlem passando dall'America del Sud. E questa Africa brasiliana a Torino emergerà anche dalle foto di Patrizia Giancotti *Le signore di Bahia*, in mostra al Festival e sottolineate dai testi di Jorge Amado.

Danza brasiliana oggi non vuol dire soltanto sciocciate rievocazioni per turisti del Carnevale di Rio, ma anche contemporaneo spinto come fa la compagnia di Deborah Colker, oppure i viaggi nella memoria del Grupo Corpo. Il Balé Folclórico dalla sua nascita si è impegnato nella ricerca delle radici. Come succede spesso certi aspetti della cultura africana si sono più fortemente conservati lontano dai luoghi di origine.

Rischiosamente, ma anche felicemente in bilico fra folk e sincerità etnografica, il Balé Folclórico da Bahia in *Bahia de Todas as Cores* mette in scena la cosmogonia africana legata agli Orixas (Dança de Origem), i riti propiziatori di Iemanjà, la dea del mare, le antiche sambe, il maculele, rituale per celebrare il raccolto della canna da zucchero a metà strada fra danza e arte marziale, così come lo è, arte marziale e danza, la Capoeira, praticamente il bisnonno dellá breakdance. *Rapsodia Nordestina*, il secondo programma che la compagnia porta a Torino, va invece alla ricerca delle danze e delle tradizioni più meticce, là dove l'originalità africana si è maggiormente mescolata con la cultura autoctona e con quella dei colonizzatori portoghesi.

Quest'anno sono il Brasile ma anche il Sud Africa contemporaneo, la Martinica che sposa la danza afro con il butoh giapponese, le altre Afriche sulle quali ha voluto puntare i riflettori Katina Genero, instancabile organizzatrice e anima del Festival, grande interprete e maestra di danza afro. In una città dove la popolazione nera arriva a oltre 6.500 persone il Festival non è davvero soltanto una concessione all'esotismo modaiolo, ma una apertura alla sensibilità di uno strato importante della popolazione, che infatti abitualmente riempie all'inverosimile il Teatro Nuovo.





JOHN ROSS (2)

Le origini Due momenti delle danze del Balé Folclórico: dalla sua nascita il gruppo si è impegnato nella ricerca delle radici africane

Fedele al compito che si è dato (afro e oltre) il Festival, che ha sempre seguito con attenzione gli aspetti contemporanei della danza africana, lasciando in secondo piano invece il folclore facile, mette in campo l'afro butoh della compagnia martinicana Tète Gainée. E qui, nello spettacolo *Sur un fil* l'esplosione di energia della danza nera si rapprende, si concentra nelle lentezze, nelle implosioni del butoh giapponese: i danzatori africani spesso usano cospargersi il corpo con polvere bianca, un procedimento non molto dissimile dalla biacca che copre i danzatori giapponesi di butoh. La Fusion arriva invece dal Sudafrica della compagnia Moving Into Dance Mopatong dove la fondatrice Sylvia Magogo Glasser ha saputo con abilità integrare la tradizione della musica e dei rituali con le tendenze contemporanee.

Ma intanto di questi tempi anche un altro Sudafrica gira l'Italia. È lo scatenato musical *African Footprint*, allestito per celebrare la vittoria nera sull'apartheid e il suo eroe Nelson Mandela. Dopo le prime date di ottobre il tour riprende nel marzo prossimo. ■ S.T.

LA VOCE DEL POPOLO - ITÁLIA NOVEMBRO 2004

La Voce del Popolo

Sped. in a.p. 45% - art. 2 - comma 20,b legge 662/96 Filiale di Torino
Una copia € 0,80 - L'Editore si impegna a pagare le copie non recapitate

SETTIMANALE Anno 129 - n. 42 - Domenica 21 novembre 2004

Dal 24 novembre al Nuovo la V edizione del festival «Afro e oltre... e altro»

Danze africane a teatro

In scena anche la «Rapsodia Nordestina» sulla scoperta del Brasile

A partire dal 24 novembre, fino a domenica 28 il Teatro Nuovo, in corso Massimo D'Azeglio 17, ospiterà la V edizione del Festival «Afro e oltre... e altro», rassegna dedicata alle principali correnti di danza africana. «Africa, Afriche dal Sud Africa al Brasile» sarà il tema della manifestazione organizzata dall'Associazione Ritmi e Danze Afro che porterà in città spettacoli in prima nazionale, incontri e stages.

La sezione «Afro e oltre» aprirà mercoledì 24 alle 21 con «Bahia de todas as cores» del Balè Folclòrico da Bahia, con oltre 30 danzatori, musicisti e cantanti. La compagnia si esibirà anche sabato 27 novembre sempre alle 21 con «Rapsodia Nordestina», spettacolo nato per i 500 anni dalla scoperta del Brasile. Giovedì 25, sempre alle 21, andrà in scena «Sur un fil» della compagnia «Tete Grainèe» dalla Martinica che presenterà la danza afro–butoh. Venerdì 26, alle 21, la compagnia «Moving into Dance Maphatong» dal Sud Africa dedicherà la serata alla tecnica «afrofusion».

Negli stessi giorni la manifestazione propone altri appuntamenti: tra cui, mercoledì 24 alle 18, nella Sala Valentino 2 del Teatro Nuovo, la conferenza «Dei e uomini nel candomblè di Bahia» che introduce la mostra fotografa di Patrizia Giancotti «Le signore di Bahia», esposta nel Foyer del Teatro Nuovo dal 24 al 28 novembre dalle 20 alle 24. I biglietti sono disponibili presso il Teatro Nuovo (tel. 011.6500200) dal lunedì al sabato dalle 9 alle 19 e la domenica dalle 15 alle 19. Per informazioni: Associazione Ritmi e Danze Afro tel. 011.355450; www.afro.it; e-mail: afro@afro.it.

I.P.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 191 29/04/10 02:30

DOMENICA 21 NOVEMBRE 2004 - ANNO 59 - NUMERO 42 € 0.80

il nostro tempo

Primo Direttore
Carlo Chiavazza

REDAZIONI
Torino,
Milano, Roma

L'Editore si impegna a pagare le copie non recapitate

Sped. in a.p. - 45% - art. 2 - comma 20 L. legge 662/96 Filiale di Torino SETTIMANALE

IL NOSTRO TEMPO - ITÁLIA

NOVEMBRO 2004

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

DANZE «AFRO E OLTRE»

Un pezzo d'Africa al Teatro Nuovo

ANNA **ABBATE**



Il Balé folclorico da Bahia: inaugura il Festival «Afro e oltre... e altro»

Sono cinque anni che in autunno arriva un pezzo d'Africa a Torino, e ci arriva grazie al Festival «Afro e oltre... e altro»: anche quest'anno dunque, al Teatro Nuovo dal 24 al 28 novembre, avremo l'occasione di vedere spettacoli inediti, in prima nazionale, che rappresentano le correnti più significative della danza afro, linguaggio universalmente riconosciuto come rappresentativo della cultura di quel continente.

Organizzato dall'Associazione ritmi e danze afro sotto la direzione artistica di Katina e Bruno Genero, il festival porta in questa edizione il titolo di «Africa, Afriche», prima puntata di una trilogia dedicata non solo al continente "nero" ma anche alle «Afriche del Mondo», ossia a quelle aree geografiche esterne (le realtà afro-americane, afro-sudamericane, afro-caraibiche) dove, per ragioni storiche e sociali, si sono sviluppate anche lì forme di danza afro. In tal senso è il prestigioso Balé Folclòrico da Bahia, unica compagnia professionale di danza tradizionale dello stato di Bahia, a inaugurare il festival: per la prima volta in Italia, i suoi 30 artisti, danzatori, cantanti, musicisti interpretano «Bahia de todas as cores», uno spettacolo portavoce di un patrimonio gestuale e musicale ricchissimo, in cui danze, colori e ritmi travolgenti collegano le culture brasiliane alla madre Africa. La formazione sarà ancora sulla scena del Teatro Nuovo anche la sera del 27 novembre con «Rapsodia Nordestina», creato per la commemorazione dei 500 anni della scoperta del Brasile.

Il 25 dalla Martinica arriva invece la Compagnie Tête Grainée, che propone uno spettacolo di afro-butoh (ossia una danza che unisce la gestualità ritmata africana al minimalismo del butoh, arte coreografica e teatrale giapponese) che elogia-omaggia la diversità del mondo e della gente attraverso l'evocazione di personaggi e presenze intense e diversissime tra loro, venute dall'acqua, dalla terra, dal fuoco, dall'aria.

Infine il 26 la compagnia sudafricana Moving into dance mophatong porta a Torino una danza che è usata come fonte di legami creativi tra le persone e come forma di resistenza all'apartheid. Radicata nella cultura tradizionale sudafricana, la compagnia rappresenta un'esperienza unica di incrocio culturale nella danza, ed è stata premiata più volte a livello internazionale per i suoi artisti, per l'energia e l'innovazione nella coreografia e per avere saputo trasmettere il senso autentico e profondo del concetto di integrazione.

Completano il programma del festival alcuni stages con gli artisti e i coreografi delle varie compagnie in quei giorni a Torino, e la mostra fotografica, ospitata nel foyer del Teatro Nuovo e visitabile in orario serale, «Le Signore di Bahia» della fotografa e antropologa torinese Patrizia Giancotti: raccoglie immagini di donne brasiliane realizzate in quindici anni di lavoro sul campo, ed è commentata da testi di Jorge Amado. Tutti gli spettacoli cominciano alle 21. Per informazioni: www.afro.it; tel. 011/35.54.50.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 192 29/04/10 02:30

LA STAMPA
PAGINA 47 MERCOLEDÌ 24 NOVEMBRE 2004

GIORNO E NOTTE

Scrivere e comunicati a: Redazione Giorno e Notte, via Marenco 32, 10126 Torino
Fax: Giorno e Notte 011 65.68.439 e 011 66.39.036
Mail: giornonotte@lastampa.it



LE SIGNORE DI BAHIA NELLE FOTO DI PATRIZIA GIANCOTTI IN MOSTRA AL FESTIVAL AFRO

LA STAMPA - ITÁLIA
NOVEMBRO 2004

Samba, Capoeira e Candomblè

Gli scatenati danzatori del «Balé Folclorico da Bahia» aprono questa sera alle 21 al Teatro Nuovo la quinta edizione di «Afro e oltre... e altro»: in programma anche stage e lezioni

SERGIO TROMBETTA

Sono tanti, sono giovani, debordanti di energia. Sono arrivati domenica con i loro mille sgargianti costumi e questa sera gli scatenati danzatori del Balé Folclorico da Bahia aprono alle 21 al Teatro Nuovo la quinta edizione del Festival «Afro e oltre... e altro». E un secondo spettacolo è in programma sabato sera. Titolo complesso quello del Festival: racchiude in sè tutte le facce della danza africana, che mescola tradizione e contemporaneo e si spinge al di là delle sponde del continente nero. Alla sua quinta edizione infatti il Festival creato da Katina Genero e Bruno Rose Genero, guarda «oltre», si avventura cioè nelle Afriche del nuovo mondo cominciando dal Brasile, e offre «altro», propone spettacoli dove l'afro si mescola con altre culture e altre danze. Per esempio il butoh giapponese con la compagnia martinicana «Sur un fil».

Fanno rivivere i riti africani conservati dai tempi della deportazione e della schiavitù, danno vita ai culti per gli Orixas, le divinità dei neri Yoruba, i danzatori del Balé Folclorico da Bahia. Unico gruppo professionale di danza tradizionale dello stato di Bahia, la compagnia è stata fondata nel 1988 da Walson Botelho e Ninho Reis. Oggi più di trenta artisti fra danzatori, musicisti e cantanti, lavorano sotto la direzione artistica di Josè Carlos Arandiba.

Al centro dei due spettacoli che i brasiliani presenteranno questa sera, «Bahia de todas as cores», e sabato sera, «Rapsodia nordestina», c'è dunque la cultura africana che costituisce l'elemento portante del linguaggio gestuale e musicale della cultura bahiana. I brani spaziano fra le danze religiose del Candomblè, le tradizioni Nordestine, i cortei popolari sull'incoronazione dei Re Africani, il linguaggio marziale della Capoeira, del Samba e le sempre nuove influenze del carnevale brasiliano. E per meglio accostarsi a questo mondo ecco che oggi pomeriggio alle 18 al Teatro Nuovo, Sala Valentino, Patrizia Giancotti terrà la conferenza «Dei e uomini nel candomblé di Bahia». Conoscitrice del mondo brasiliano e fotografa la Giancotti è anche autrice delle immagini «Le signore di Bahia» esposte nel foyer del Nuovo nelle sere del festival.



UNA DELLE IMMAGINI DELLA MOSTRA

Domani dal Brasile si va in Martinica. Arriva di lì la Compagnie Tête Grainée, che presenta «Sur un fil», spettacolo che mescola sapientemente afro e butoh giapponese.

Venerdì è la volta della Moving Into Dance Mophatong. È una compagnia sudafricana impegnata in una serata di afrofusion, brani cioè dove la danza afro si intreccia con le suggestioni del contemporaneo europeo e americano.

Sabato tornano i brasiliani con «Rapsodia Nordestina». Spettacolo creato per la commemorazione dei 500 anni della scoperta del Brasile, è dedicato alle tradizioni popolari delle regioni del Nord-Est che hanno contribuito fortemente all'identità del popolo brasiliano.

A queste quattro serate si aggiunge poi una coda del festival a febbraio in occasione del settimo Focus di Torinodanza. Il 25 e 26 febbraio, al teatro Juvarra, sarà di scena la Mavin Khoo Dance, compagnia del danzatore anglomalese Mavin Khoo che nello spettacolo «Chandra/Luna» riesce a intrecciare l'afro al contemporaneo europeo alla tradizione classica indiana del Bharatanatyam.

Oltre agli spettacoli sono previsti stage di danza afro-brasiliana, afro butoh e afrofusion con i coreografi del festival. Le lezioni si svolgeranno presso la Scuola di Teatro del Teatro Stabile di Torino in Corso Moncalieri n°18. Informazioni e iscrizioni al n° 011/50.12.44 oppure al 339 67 65 346. Prevendita e informazioni su www.afro.it, Associazione Ritmi e Danze Afro-tel. 011/355.450 oppure 339 6765 346

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 193 29/04/10 02:30

TORINO CRONACA - ITÁLIA

NOVEMBRO 2004

TORINO CRONACA
MERCOLEDÌ 24 NOVEMBRE 2004 (Promozione per To, prov., Liguria e Val d'Aosta) EURO 0,10 Prezzo Euro 1 Con Libro o Cd Euro 4,99
TORINO CRONACA - Anno LV n. 234

Da stasera a sabato al teatro di corso Massimo d'Azeglio c'è "Afro e oltre... e altro"

Il Nuovo danza con l'Africa

Inaugurano la kermesse i brasiliani della Balé Folclòrico da Bahia





Immagini dello spettacolare balletto Moving into dance

Con "Bahia de todas as cores" si inaugura stasera alle 21 al teatro Nuovo "Afro e oltre... e altro", il festival internazionale dedicato alla danza d'espressione africana e non solo. Tocca al numeroso gruppo di danzatori brasiliani della Compagnia Balé Folclòrico da Bahia dare il via alla quinta edizione della rassegna organizzata da Katina e Bruno Genero e intitolata "Africa, Afriche, dal Sud Africa al Brasile", che segna l'inizio di una trilogia dedicata ai popoli di colore e alla loro cultura, cioè alle forme di danza che si sono sviluppate esternamente al continente africano.

Lo spettacolo brasiliano di oggi è preceduto alle 18 dalla conferenza "Dei e uomini nel candomblé di Bahia" curata da Patrizia Giancotti che contestualmente inaugura anche la sua mostra fotografica "Le signore di Bahia".

Domani è la Compagnie Tête Grainée in arrivo da Martinica a salire sul palco con "Sur un fil", uno show di Afro-Butoh che mette insieme il ritmo afro con la delicatezza giapponese. Venerdì 26 dal Sud Africa i Moving Into Dance Mophatong presentano "Tranceformatinos - Kgotla - Gula Matari - Layers of time", uno spettacolo che fonde danze rituali tradizionali e tecniche contemporanee. Si Chiude sabato 27 con la seconda esibizione del Balé Folclòrico da Bahia che propone "Rapsodia Nordestina", evento creato per la commemorazione dei 500 anni della scoperta del Brasile. In parallelo da venerdì a domenica si svolge uno stage per danzatori di livello intermedio e avanzato. Info 011.335.450 oppure www.afro.it.

Franca Cassine

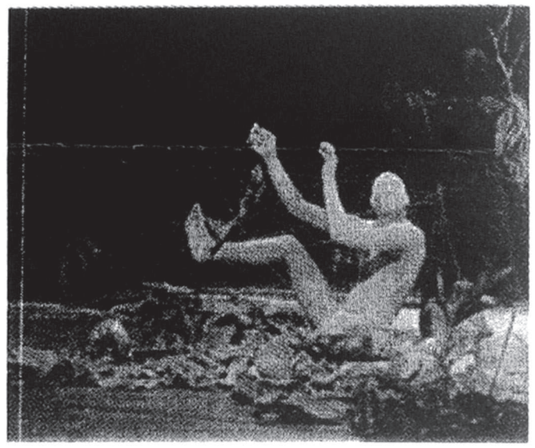
BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BAHIA

BOOK 20 ANOS BFB.indd 194 29/04/10 02:30







torinosette

settimanale di **spettacolo**, **cultura** e **tempo libero**

IL NUMERO È IO - DA VENERDI' 19 NOVEMBRE A GIOVEDI' 25 NOVEMBRE 2004 SUPPLEMENTO AL NUMERO ODIERNO DE LA STAMPA e-mail torinosette@lastampa.it

LA STAMPA - ITÁLIA
NOVEMBRO 2004

IL FESTIVAL AL NUOVO DAL 24 AL 28

Tutte le Afriche del mondo

Torna «Afro e oltre», danza, musica «e altro» Prima volta in Italia il Balé Folclórico da Bahia

ARRIVANO le signore di Bahia. Sacerdotesse dalle ampie gonne bianche, portano amuleti, gioielli, turbanti. Sovrintendono a un rituale ipnotico, ritmato dalle percussioni, che sconfina nel trance e nella possessione. Sono le vestali degli Orixas, gli dèi Yoruba che gli africani del Brasile hanno portato con sé sulle navi degli schiavisti portoghesi che dalle coste occidentali dell'Africa li deportavano nel Nuovo Mondo.

Ora arrivano in palcoscenico, quei rituali, sono uno spettacolo di musica e danza. Rievocare a teatro quel mondo africano d'oltreatlantico è stata la scommessa vincente del Balé Folclorico da Bahia che arriva per la prima volta in Italia ospite al Teatro Nuovo del torinese quinto festival «Afro e oltre ... e altro». In programma dal 24 al 28 novembre (www.afro.it) è organizzato come sempre con passione da Katina e Bruno Rose Genero.

Gran vedette del festival torinese il Balé Folclórico da Bahia, nato nel 1988, ha più di trenta artisti fra danzatori, musicisti e cantanti, la direzione artistica di Josè Carlos Arandiba.

Oggetto di particolare ricerca è la cultura africana, nelle sue varie sfumature, sacre e profane, che costituisce l'elemento portante del linguaggio gestuale e musicale della cultura bahiana, e non solo. Attraverso le coreografie «Danca De Origen», «Puxada», «Boi-Bumbà», «Xaxado», «Ginga», «Maracatù Rural», «Maculele», «Samba De Roda», «Capoeira», «Afixire», «Samba Reggae», presentate nei due spettacoli «Bahia de todas as cores» (24 novembre) e «Rapsodia nordestina» (27 novembre), il repertorio spazia fra le danze religiose del Candomblè, le tradizioni Nordestine, i cortei popolari sull' incoronazione dei Re Africani, le espressioni popolari della società bahiana, il linguaggio marziale della Capoeira, del Samba e le sempre nuove influenze del celebre Carnaval brasiliano.

La V[a] edizione del festival intitolata «Africa, Afriche» segna l'inizio di una trilogia dedicata anche alle Afriche del Mondo, ovvero alle forme di danza africana che si sono sviluppate, per ragioni storiche e sociali, in aree geografiche esterne al continente africano. Fra queste si darà particolare risalto alle Afriche del Nuovo Mondo: dopo il Brasile, Cuba, Haiti e in generale alle realtà afro americane, afro-sudamericane e afro-caraibiche.

In alto da sinistra due immagini del Balé Folclórico da Bahia (Brasile) che viene per la prima volta in Italia in occasione del festival. A destra la Compagnie Tête Grainée, della Martinica

Dunque si parte mercoledì 24 novembre con il Brasile. Giovedì 25 invece è di scena la Compagnie Tête Grainée, in arrivo dalla Martinica con lo spettacolo «Sur un fil» che mescola l'afro con il Butoh giapponese. Il giorno successivo, venerdì 26 novembre, tocca a un'altra danza meticcia, quella sud africana della compagnia Moving Into Dance Mophatong che nello spettacolo «Tranceformations - Kgotla - Gula Matari - Layers of time» propone una sintesi di danze rituali tradizionali e tecniche contemporanee. Sabato 27 torna il Balé Folclórico da Bahia con il secondo programma, «Rapsodia Nordestina».

Quest'anno per la prima volta il festival collabora attivamente con Torinodanza. Ecco allora che per la sezione «Altro» il 26 febbraio del 2005, nell'ambito del Focus 7 di Torinodanza, arriva la compagnia anglomalesiana Mavin Khoo Dance che presenta «Chandra/Luna», spettacolo che mescola abilmente diverse sollecitazioni stilistice compresa la danza classica indiana Bharatanatyam.

Di contorno, mercoledì 24 novembre alle 18 è in programma al Teatro Nuovo, Sala Valentino 2 la conferenza «Dèi e uomini nel candomblé di Bahia» a cura di Patrizia Giancotti. Che è anche l'autrice della mostra fotografica «Le signore di Bahia» aperta durante il Festival al Teatro Nuovo ogni giorno dalle 20 alle 24. Sono previsti inoltre stage di danza afro-brasiliana, afro butoh e afrofusion con i coreografi del festival. Le lezioni si svolgeranno presso la Scuola di Teatro del Teatro Stabile di Torino in corso Moncalieri n°18. Informazioni e iscrizioni allo 011/50.12.44 o al 339/67 65 346. Prevendita e informazioni su www.afro.it, Associazione Ritmi e Danze Afro, tel. 011/355.450 oppure 339/6765.346.

Sergio Trombetta

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 195 29/04/10 02:30

IL SOLE 24 ORE - ITÁLIA

NOVEMBRO 2004

RASSEGNE Venerdì 26 Novembre 2004

A passi di danza il ritmo dell'Africa approda a Torino

«Africa, Afriche. Dal Sud Africa al Brasile» è il filo conduttore del quinto festival di danza "Afro e Oltre e ... Altro", organizzato dall'Associazione culturale di Katina e Bruno Genéro, che si svolge in questi giorni al Teatro Nuovo di Torino. Vi sono infatti diverse Afriche nel mondo e la danza di espressione africana, che ha radici nella storia gestuale e ritmica del continente nero, si è sviluppata per ragioni sociali e storiche anche in molte altre aree geografiche, come Sud America e Caraibi.

Fin dall'inizio il festival torinese, il primo in Italia con questa specificità, ricerca il denominatore universale di cui è portatrice la danza afro nelle sue espressioni tradizionali, metropolitane e contemporanee. E se l'edizione 2003, in concomitanza con la grande esposizione d'arte africana alla Galleria d'arte moderna, portava il significativo titolo di "Africa Regina", quest'anno la ricerca si volge alle forme di danza africana che si sono sviluppate in Brasile, Carabi e Sud Africa.

Con i suoi colori e i suoi numerosi aitanti musicisti, cantanti e ballerini è per la prima volta in Italia — e solo per le due rappresentazioni torinesi nell'ambito del Festival — il Balé Folclòrico de Bahia. La pluripremiata compagnia mette in scena quel tanto di Africa che gli schiavi deportati in Brasile dai portoghesi hanno portato con sé nella nuova terra. Dalla "Dança de Origen", dai cortei popolari per l'incoronazione dei re africani, alle danze religiose del Candomblè, al Capoeira, al Samba Reggae, gli spettacoli della compagnia sono un viaggio attraverso le varie componenti culturali che si fondono nella multietnica identità bahiana. Un tripudio di costumi solari, gioielli, amuleti, percussioni che si ritrovano anche nella collaterale mostra fotografica "Le signore di Bahia" dell'antropologa torinese Patrizia Giancotti. Nelle sere del festival è infatti aperta in teatro l'esposizione che la studiosa ha messo a punto nel 1992 avvalendosi della collaborazione del grande cantore di Bahia, lo scrittore Jorge Amado. Da allora questa documentazione poetica sulle sacerdotesse del culto afro-brasiliano degli dei orixàs ha fatto il giro del mondo.

Le danze seguono poi una rotta caraibica con la compagnia Tête Grainée proveniente dalla Martinica che porta in prima nazionale un singolare spettacolo dove la gestualità, in bilico fra l'afro e la tradizione giapponese del Butoh, fra l'energia dirompente e centrifuga e la stasi alla ricerca del vuoto e dell'infinito, diventa meditazione danzata.

Dal Sud Africa giunge invece una compagnia con finalità educative e di integrazione interrazziale: Moving Into Dance Mophatong che rappresenta un'esperienza unica di incrocio culturale nella danza. La tecnica che ne sortisce è un originale "Afrofusion" che amalgama movimenti afro, anche rituali, con forme occidentali di danza contemporanea.

Tutte esperienze creative, estetiche e tecniche che il festival torinese mette a frutto anche in una sezione formativa, dove danzatori professionisti e amateur possono seguire stages con gli artisti ospiti.

CHIARA CASTELLAZZI



In scena. Un'esibizione dei danzatori del Balé Folclòrico de Bahia

la Repubblica
Fondatore Eugenio Scalfari
Direttore Ezio Mauro

LA REPUBBLICA - ITÁLIA

NOVEMBRO 2004

Da oggi a sabato, al Teatro Nuovo, il festival dedicato al ballo folk. Le compagnie sul palco vengono dal Brasile, dal Sudafrica e dalla Martinica



Al centro il gruppo del "Balè Folclorico da Bahia" nello spettacolo di stasera "Bahia de todas as cores". Accanto i "Moving Into Dance Mophatong".

Trilogia di danze esportate dal continente nero

CLAUDIA ALLASIA

IL BALÈ Folclòrico da Bahia, un cargo apposta per i costumi, 1.600 chili di abiti di scena, quattro stiratrici al lavoro da tre giorni, apre questa sera alle ore 21 al Teatro Nuovo la quinta stagione del festival *Afro, Oltre e... Altro*. L'iniziativa si presenta quest'anno all'appuntamento con un sottotitolo ancora più esotico: *Africa, Afriche*, che dà inizio ad una trilogia dedicata alle Afriche del Mondo, soprattutto del Nuovo Mondo, e in particolar modo alle danze afro-americane, quelle afro-sud-americane e quelle afro-caraibiche.

E anche quest'anno i direttori artistici Katina e Bruno "Rose", che non sono che i fratelli Genero, da sempre innamoratissimi praticanti e divulgatori delle danze e musiche dell'Africa, e la direttrice organizzativa Rosanna Zingaretti, incrociano le dita nella speranza che tutto fili liscio e che tutte e tre le Compagnie invitate possano arrivare a destinazione, dal Brasile, dalla Martinica e dal Sud-Africa, ricordando come, l'anno scorso, la Compagnia della Guinea non aveva ottenuto il visto «per rischio migratorio».

Tuttavia, quest'anno, corpi da ballo talmente naif da non essere mai usciti dal villaggio d'appartenenza, non ce ne sono. Anzi, si tratta di Compagnie altamente professionali, che arrivano a Torino provenienti da lunghe tournèes ai quattro angoli del mondo.

Questa sera il Balè Folclòrico da Bahia, l'unica compagnia tradizional-professionale dello stato di Bahia, fondata nel 1988 da Walson Botelho e Ninho Reis, già ospite per due edizioni della Biennale di Lione, presenta il primo dei suoi due programmi (il secondo chiuderà sabato la rassegna): *Bahia de todas as cores*, danze afro-brasiliane dai colori assolati e dai ritmi travolgenti che derivano dal connubio di Africa e Amazzonia.

E c'è molta curiosità, da parte degli addetti ai lavori ma non solo, per la prima nazionale della compagnia martinicana Tete Grainée, che domani presenta una creazione del coreografo Josè Chalons, *Sur un fil*, nuovissima anzi inedita fusione di animismo afro e del giapponese Butoh, vale a dire una miscela di danza iper-energetica, in cui i piedi percuotono il suolo con forza gioiosa e vitale, e di una danza notturna che scivola come un'ombra impapabile e algida.

Altrettanto interesse suscita la compagnia sudafricana Moving Into Dance Mophatong con uno spettacolo di movimenti rituali africani mixati con la danza contemporanea dell'Occidente: *Trance-formations*, in prima nazionale. Creata nel 1978 da Sylvia Magogo Glasser, la Compagnia rappresenta ancora oggi una coraggiosa forma di resistenza all'apartheid.

Chiuderà il Festival, sabato, il secondo spettacolo del Balè Folclòrico da Bahia: Rapsodia Nordestina è stato messo in scena con lo scopo di onorare i 500 anni che sono trascorsi dalla scoperta del Brasile. Lo spettacolo è stato, in particolare, dedicato alle tradizioni popolari delle regioni del Nord-Est.

(Info Associazione Ritmi e Danze Afro tel. 011/355450-3396765346)

Dai passi afro-americani ai brasiliani e caraibici

Questa sera si esibisce il "Balè folclorico da Bahia"

la mostra

Scatti sul culto Orixas commentati da Ortega

OLTRE agli spettacoli, il Festival di Katina e Bruno Rose Genero, «Africa, Afriche, dal Sudafrica al Brasile», ha allestito nel Foyer del Teatro Nuovo una mostra fotografica di Patrizia Giancotti, pensata «sui suoni del vento e del mare, della festa e del rito» e dedicata alle potenti sacerdotesse del culto afro-brasiliano degli Orixas, approdato in Brasile con le navi degli schiavi. Le immagini sono commentate dalle didascalie del più famoso scrittore brasiliano, Jorge Amado. Titolo *Le Signore di Bahia*, come la conferenza che la illustra, oggi alle ore 18 (3396765346, 011.501244,



Una delle foto in mostra

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 197 29/04/10 02:30

L'UNITÀ - ITÁLIA

MAIO 2005

Unità

DANZA

● ***Il balletto di Bahia***

Al Teatro Valli la sezione danza del "ReggioParma Festival" presenta il Balè Folcrorico di Bahia. Dopo le coreografie presentate in teatro i ballerini trascineranno il pubblico nel piazzale antistante con esibizioni di capoeira e samba-reggae. Replica domani (domani master di capoeria con il solista del Balletto, ore 16-18 al Teatro Cavallerizza). Info: 800-554-222. Ore 21.

L'INFORMAZIONE - ITÁLIA

MAIO 2005

L'INFORMAZIONE

Red ultimi fuochi

Stasera e domani, alle 21, va in scena forse il più allegro, tradizionale, colorato spettacolo del cartellone: il **Balé Folclorico da Bahia**, al Teatro Valli con due programmi diversi: il primo ***Bahia de Todas as corres*** e il secondo ***Rapsodia Nordestina***, costituiti da singole coreografie, solo alcune delle quali si ripetono per entrambe le sere, realizzate da Walson Botelho, José Carlos Arandiba, Amèlia Conrado, Rosângela Silvestre. Il gran finale, in entrambe le serate, sarà però fuori del teatro, quando i ballerini trascineranno il pubblico con loro dalla sala dello spettacolo del Valli al piazzale antistante, per concludere in modo ancor più festoso, come solo loro sanno fare. Il Balé Folclorico da Bahia, l'unica compagnia professionista di danza folklorica brasiliana, è stata creata nel 1988 da Walson Botelho e Ninho Reis ottenendo in breve tempo successo e prestigiosi riconoscimenti internazionali.

GIORNALE DI REGGIO - ITÁLIA

MARÇO 2005

GIORNALE di REGGIO

ReggioParma Festival Danza/Red al gran finale

"Rapsodia Nordestina" per il Balé Folclorico da Bahia

REGGIO – Quello di stasera è l'ultimo appuntamento per gli appassionati di danza con il ReggioParma Festival/Danza Red: sul palco del Valli torna il Balé Folclorico da Bahia, che dopo venerdì scorso, propone un secondo programma: "Rapsodia Nordestina".

Le coreografie sono firmate da **Walson Botelho, José Carlos Arandiba, Amèlia Conrado, Rosângela Silvestre**. Il gran finale sarà fuori del teatro, quando i ballerini trascineranno il pubblico dalla sala del Valli al piazzale antistante, per concludere in modo ancor più festoso.



Il Balé Folclorico da Bahia

Alcune coreografie saranno nuove, come "Boi-Bumbà", con un mondo mitico, popolato di creature magiche, "Xaxado", la danza dei poveri, in cerca di giustizia, "Ginga", "Maracatu".

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

DAGENS NYHETER - SUÉCIA
JUNHO 1998



FOTO: ARTUR I KISHIMA

Balé Folclórico da Bahia uppträder i Vita Bergen med sång, musik och autentiska folkdanser.

Prisbelönta gungande rytmer

DANS. Brasiliens enda professionella folkdanskompani kommer till Stockholm. Från fredag till söndag bjuder Parkteatern på gungande rytmer i Vita Bergen på Söder med det brasilianska danskompaniet Balé Folclórico da Bahia. Gruppen har turnerat i Frankrike, Tyskland och USA med sång, musik och autentiska folkdanser med afrikanskt, indianskt och europeiskt ursprung.

Danskompaniet har vunnit flera priser i Brasilien under mångkonstnären och kulturantropologen Walson Bothelos ledning, som även startade gruppen 1987.

– Parkteatern är en demokratisk teater som alla får se gratis, säger Parkteaterns producent Johan Wallin. Då ska vi också bjuda på kultur av god kvalitet och ha ett så brett utbud som möjligt.

Balé Folclórico da Bahia i Vita Bergen, från fredagen den 3 juli till söndagen den 6 juli klockan 19.00. Även klockan 14.00 lördagen den 4 juli. Fri entré.

DAGENS NYHETER - SUÉCIA
JUNHO 1998

DAGENS NYHETER FREDAGEN DEN 3 JULI 1998



Balé Folklórico da Bahia dansar. FOTO: ARTUR IKISHIMA

Gäster i Vita Bergen.
Folkdans från Brasilien.

SÄG BRASILIANSK DANS, och de flesta svenskar tänker genast på samba. Men den brasilianska dansen har många olika influenser. Balé Folklórico da Bahia, som gästar Stockholm och Vita Bergen under fyra kvällar, har en repertoar av autentiska folkdanser och musik som har sina rötter i afrikansk (införd med slaveriet i slutet av 1500-talet), indiansk (från Brasiliens urinvånare) och portugisisk (genom den portugisiska kolonisationen). Ingenstans i Amerika har den afrikanska traditionen levt kvar så starkt som i Brasilien. I Bahia, som Balé Folklórico kommer ifrån, finns afrikanska traditioner, som för länge sedan försvunnit i Afrika, kvar.

Balé Folklórico da Bahia består av 30 dansare och musiker. Kompaniet bildades för 10 år sedan och har de senaste åren turnerat över världen, bland annat i USA, Frankrike och Tyskland. 1990 och 1993 utsågs denna trupp till "Bästa danskompani i Brasilien".

INGRID BORGGREN

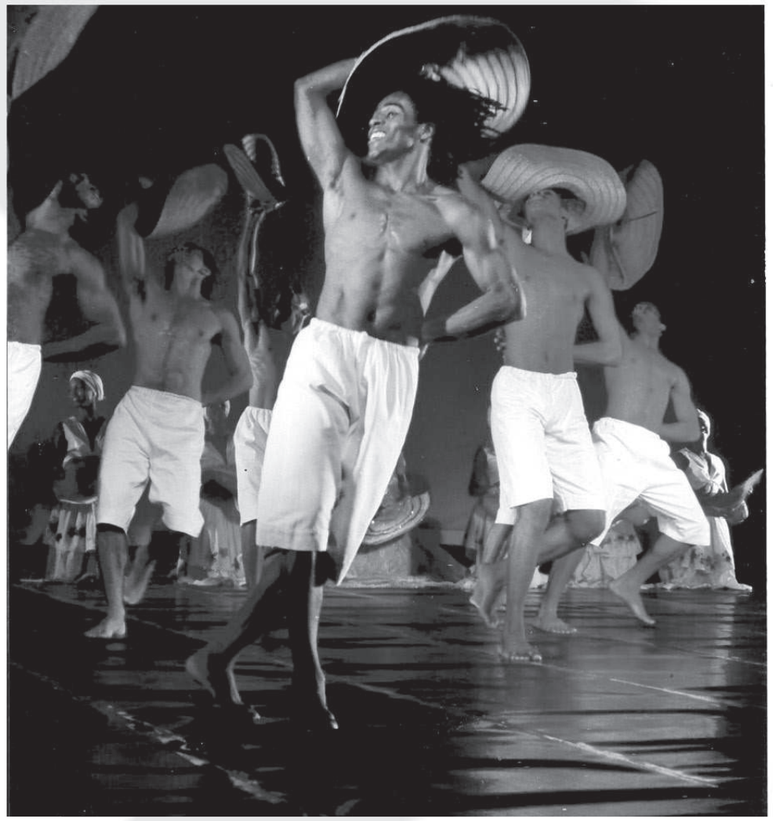
Balé Folclórico da Bahia, dansgästspel i Vita Bergen, 3–6 juli kl. 19 samt i morgon, lördag även kl. 14.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 199 29/04/10 02:31

EXPRESSEN - SUÉCIA

JULHO 1998



DANSANDE BRASSAR. *I Paris dansar brasilianska fotbollsfans samba. Brasiliansk dans blir det också i Vita bergen i helgen när danskompaniet Balé Folclórico da Bahia kommer på besök.* Foto: ARTUR IKISAIMA

Dansande brassar gästar Stockholm

Av IKA JOHANNESSON

Afrikanska rytmer, kryddig dans och färgspäckade kostymer – mitt i den svenska naturen.

Under helgen bjuder Parkteatern på brasiliansk folkdans i Vita bergen.

Det kommer att bli en jättehäftig upplevelse. Bara kläderna är otroligt vackra, de har över 3 000 kostymdelar med sig, berättar **Erica Espling** på Parkteatern.

Balé Folclórico da Bahia grundades 1987 och är det enda professionella folkdanskompaniet som finns i Brasilien i dag.

Afrikansk kultur

Repertoaren består av danser som plockats ur olika tidsperioder i Brasiliens historia. Tyngdpunkten ligger på den afrikanska kulturen, som infördes med slaveriet på 1500-talet, och Brasiliens indianarv.

Med start i kväll bjuder danstruppen på mustig musik, dans och många klädbyten i Vitabergsparken. Föreställningarna pågår till och med söndag.

– Man bör inte missa det här. Det är ett fantastiskt tillfälle att få en inblick i brasiliansk kultur, säger Erica Espling.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

DANS

Explosivt och starkt från Bahia

RECENSION. Folkloristisk dans från Brasilien framförd i Vitabergsparken i Stockholm låter som en lagom utslätad och oförarglig familjeunderhållning. Dessbättre visade sig **Balé Folclórico da Bahia**, som bjudits in av Parkteatern, ge lite mer än så.

Kompaniet, som stammar från Bahia, är det enda professionella folkdanskompani som finns i Brasilien med afrikanska, indianska och portugisiska gamla danser på repertoaren och startades 1987 av **Walson Bothelo**, tillika kulturantropolog.

Visserligen tenderade föreställningen att bli väl mycket av kostymparad, men trots tyngden från otympliga kjolar och befängda håruppsättningar lyckades de 16 dansarna sätta eld i de åtta numren. Fem percussionartister och två explosiva sångerskor hjälpte till att lyfta föreställningen från museal dansuppvisning till något i högsta grad nutida när det gällde vitalitet. Dansarna parerade hela tiden med mycket stark teknik och personliga uttryck.

Den tillrättalagda koreografin i "Capoeria", den ursprungliga kampdans som slavarna utvecklade i Brasilien, räddades tack vare de manliga dansarnas tydliga förtjusning i den akrobatiska varianten med höga bensparkar och snabba luftvolter.

De här brasilianska dansarna har uppenbarligen en betydligt större kapacitet än enbart folkloristiska danser, vilket inte minst märktes på deras lekfulla attityd i vissa stycken. Hur som helst fick Balé Folclórico de Bahia fram bra gung i publiken och säkerligen också ett nymornat intresse för brasiliansk folkmusik, vid sidan av den "mainstream"-variant som **Paul Simon** introducerat.

Cattis Grant

Verk: Brasiliansk dans, **Scen:** Vita Bergen, Stockholm,
Dans: Balé Folclórico da Bahia
Dansas t o m 6/7 kl 19.



Dagens Nyheter
Datum/nr: 1998-06-29

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Förföriskt fotarbete

SUÉCIA - SVENSKA DAGBLADET
JULHO 1998

DANS

Stockholms parkteater, Vita Bergen:
Balé Folclórico da Bahia.

Parkteatern är en exotisk institution, värd att K-märka för sin unika publik: här delar trygga tanter med termos bänk med barmagade piercade tonåringar som rest jorden runt. Och ibland kan artisterna få uppleva hur denna disparata men kollektivt blyga församling plötsligt bestämmer sig för att kasta loss och hänga med.

Det är då man kan upptäcka att damen som nyss bekymrat höll för öronen när trummorna pulserade som mest, har ställt sig upp och inte bara sjunger med i refrängen utan också försiktigt svänger på höfterna. Så är ju svenskarna ett allsjungande folk i stort behov av litet värmande samba.

Brasilianska trettiomannatruppen Balé Folclórico da Bahia, som under tio års framgångsrik existens som professionellt folkdanskompani också turnerat i USA och Europa, lyckades sprida karnevalsyra i sommarkvällen då de begick fullsatt Vita bergen-premiär i fredags kväll. På sin nordiska turné, som passerat Kuopio och fortsätter till Köpenhamn, gästar de Parkteatern fyra kvällar.

Säregen blandning

Det svänger och sprakar om denna sceniska och publikcharmande variant av folkkultur, en kultur som uppstått ur den säregna blandning som är Brasilien: det afrikanska som kom med slavarna på 1500-talet, det indianska hos urinvånarna och det portugisiska från kolonisatörerna. Crossover således, kryddat med den speciella kraft som kampen för överlevnad föder. Det hörs i sången, när Dora Santana med först milt vemod, sedan intensivare djup sjunger om vinden, jorden och havet som förde förfäderna från kontinent till kontinent.

Balé Folclórico kommer från Salvador vid östkusten i Brasiliens Bahiaregion. Där är majoriteten ättlingar till slavar som portugiserna förde med sig från Västafrika, och enligt Balé-gruppens grundare och chef, 37-årige Walson Botelho, lever den afrikanska kulturen starkare här än i vissa delar av Afrika.

Fruktbarhetsdanser finns i många kulturer. Gruppen från Bahia framför danser som är små berättelser om vardagslivets villkor: fiskelycka, god skörd, flört och fortplantning. Dansarna vänder sig mot jorden och sträcker sig mot himlen, formar sig i cirklar. Visst ser man likheter med afrikansk dans i den knäande framåtböjda kroppen och fötternas arbete mot marken, men här finns mer av roterande hopp och stora språng och ibland rent akrobatiska inslag med flygande frivolter och krävande balanser. I flera danser förstärker bjällror på fot- och handleder rytmen, som i Dança da origem, legenden om hur guden Oxalá skapade jorden genom att blanda heligt stoft med vatten.

I Fiskarnas dans uppträder havets gudinna som ett grönt väsen svept i nät. Tempot stegras när ett glatt gäng fiskare med svängande halmhattar uppvaktar henne och kvinnorna blir vattenväsen under hennes vida kjol. Maculele, sockerplantageslavarnas festdans, är också en krigsdans, riktad mot slavägarna. Dansarna slår med träpinnar fram rytmer, möter varann i kraftfull, studsande, exakt dans.

Höga bensvängar

Mest spektakulär är Capoeira, en kampsport som påminner om kickboxning med snabba höga bensvängar, och som slavarna från Angola förde med sig till Den nya världen. Men allt är inte kamp. Här finns en könsmässigt jämställd glädje, lekfullhet och retsamhet som smittar publiken. Musikerna med kongatrummor och andra slagverk bidrar till stämningen, inte minst i solon. Ett enträngt instrument ger glidande toner som påminner om både orientalisk musik och gitarr.

Balé Folclórico da Bahia är först ut i Parkteaterns satsning på utländska gästspel i sommar. En färgstark, värmande upplevelse. Sista chans måndag kväll.

ANNA ÅNGSTRÖM

SVENSKA DAGBLADET Söndagen den 5 juli 1998



FOTO: ARTUR I KISHIMA

Brasilianskt. Maculele, sockerplantageslavarnas festdans, är också en krigsdans, riktad mot slavägarna. Gästspelet på Parkteatern bjuder färgstarka och värmande danser om vardagslivets villkor i Brasilien.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

DAGENS NYHETER - SUÉCIA

JULHO 1998

Brasiliens historie fortalt i dans

Danseforestilling

KØBENHAVN Der er afro-brasilianske kampdanse, festdanse og naturligvis samba på programmet, når det brasilianske dansekompagni Balé Folclórico 9.-11. juli optræder i MusikTeatret Albertslund.

Kompagniet, som består af 30 dansere, sangere og trommeslagere, har lavet en forestilling, som er en gennemgang af Brasiliens historie fra stammeindianernes tid over slaveriet, til nutidens Brasilien.

Blandt de 10 danse er krigsdansen "Capoeira", der stammer fra Angola, men kom til Brasilien med slaverne, og den dramatiske dans "Maculelé", der blev udviklet af slaverne i sukkerplantagerne for at fejre en god høst.

Balé Folclórico blev grundlagt i 1987 af koreograferne Walson Botelho og Ninho Reis, der er uddannet som henholdsvis antropolog og solodanser.



Der indgår både stammekrigere, slaver fra Afrika og moderne brasilianere i Balé Folclóricos forestilling

Foto: ARTUR IKISHIM.

Kompagniet har to gange vundet titlen som bedste dansekompagni i Brasilien og har turneret flere gange i bl.a. Tyskland og Frankrig, men besøger nu for første gang Danmark.

Gruppen præsenterer en 90 minutter lang forestilling, men hvis gæster og kompagni bliver grebet af de pulserende rytmer, skal længden ikke tages for bogstaveligt, lover arrangørerne. fugl

Se listen: Teater, opera, ballet, København

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 203 29/04/10 02:31

LA LIBERTÉ

Les Rencontres folkloriques de Fribourg finissent en beauté

Placées sous le signe des «nouveaux horizons», les 21es Rencontres folkloriques de Fribourg, après de timides débuts, ont pleinement atteint leurs objectifs lors des dernières journées. Quelque 30 000 spectateurs ont assisté aux concerts de gala, aux manifestations dans le canton et aux fêtes populaires, pendant six jours. Et pour la première fois depuis des années, les organisateurs annoncent un budget équilibré. ■ 11



Avec leur enthousiasme, les Brésiliens ont déchaîné les passions. Vincent Murith



Les exubérantes Brésiliennes ne devraient pas jeter un froid. Vincent Murith

BAHIA

LA LIBERTÉ - SUÍÇA

AGOSTO 1995

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

21. Folkloretreffen

Mitgerissen, weggerissen, hingerissen: Die Freiburger erlebten das Fest des Jahres

Kein Zweifel: Wer am Samstag nicht wenigstens einen Blick in die Innenstadt geworfen hat, der ist entweder in Urlaub oder längst begraben. Zum Volksfest in der Innenstadt war ganz Freiburg auf den Beinen: ein Fest mit Goldrand.

«Wir haben die Gruppe aus Togo gebeten, nur ja keinen Regentanz vor dem Wochenende aufzuführen», so Pressechef Nicolas Rütsche scherzhaft am Mittwoch. Die Götter müssen Folkloristen sein: Kein Regentropfen mischte sich am Samstag in das grosse Volksfest in der Freiburger Innenstadt.

Die Qual der Wahl

Samstag nachmittag. Auf der Lausannegasse gibt ein Pianist kühlen Jazz zum besten. Auf dem Pythonplatz drängen sich die Zuschauer. Eine Mini-Eisenbahn dreht sich munter im Kreis, in der Luft liegen die Düfte der Welt. Wo soll man hingehen, was anschauen? In diesem Jahr hat man beim Folkloretreffen wirklich die Qual der Wahl!

Während auf dem Pythonplatz der stolze Maya-Prinz mit seinem leuchtend grünen Federbusch einherschreitet, treten auf der Romontgasse die jungen Neuseeländerinnen auf. Noch schrecken die Zuschauer fast verschreckt zurück, wenn sie zum gemeinsamen Tanz aufgefordert werden. Aber das kann sich ja noch ändern, das Fest hat erst begonnen.



Gepfefferte Tanzeinlagen: Die Brasilianer betörten mit heissem Blut und noch heisseren Rhythmen.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 206 29/04/10 02:31

AUSTRÁLIA

THE ADVERTISER

THE AUSTRALIAN

THE DAILY TELEGRAPH

THE SYDNEY MORNING HERALD

ARUBA

DIARIO

DISCOVER ARUBA

THE NEWS

CANADÁ

ARTS

ICI

FYI TORONTO

PRIDE

TIMES COLONIST

THE GAZETTE

THE PORTUGUESE STAR

THE TORONTO STAR

GUADELOUPE

FRANCE-ANTILLES MAGAZINE

RÉNOVATION

SEPT MAGAZINE

PORTO RICO

REVISTA CAGUAS

EL NUEVO DÍA

EL VOCERO

ESCENARIO

TRINIDADE & TOBAGO

TRINIDAD GUARDIAN

TRINIDAD & TOBAGO NEWSDAY

TOGO

AMINA

CONTINENTAL

CORRIERE DELLA SERA

REPUBLIQUE TOGOLAISE

CHILE

EL MERCURIO DE VALPARAISO

COLÔMBIA

EL ESPECTADOR

EL TIEMPO

ESKPE

SEMANA

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 207 29/04/10 02:31

Fiery folk dancers ready to dazzle Sydney



Viva! . . . the lively Dance Brazil troupe will make its first Australian appearance at the Sydney Opera House tonight. The 30 dancers, singers and musicians who make up the Brazilian professional folk dance group are bringing to Sydney Festival audiences the sensuality, spirit, colour and traditions of the Bahian people, who draw on Brazil's African, South American Indian and Portuguese culture. Dance Brazil's Afro-Brazilian rhythm and movement has won a worldwide audience with performances in Europe and the United States. The group will appear at the festival all this week. Photograph by NICK MOIR

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE SYDNEY MORNING HERALD - AUSTRALIA

JANEIRO 1997

THE Daily Telegraph

SYDNEY, Monday, January 20, 1997

High-octane performance . . . Dance Brazil at the Opera House yesterday. *Picture: MATT MUNRO*

Girls from Brazil show us how to live it up



FLASHING teeth and flesh fill the stage, but it is the pleasure of being alive that steals the show when Dance Brazil perform.

With bells around their wrists and ankles, bongo drums and cow-bells, the whirling, whooping dancers fill the stage with noise and movement.

Though dressed only in slight tops, flamboyant headdresses and skirts covered with feathers and shells, the dancers' broad grins stand out as they enjoy themselves as much as the audience.

At the end of the show, the company move off the stage for impromptu dances that can last as long as the energy of the people watching.

Dance Brazil, from the city of Salvador, will join the list of Latin-American acts in the Sydney Festival this year when it performs at the Opera House Concert Hall tonight.

The troupe performs folk dances ranging from sambas to slave rhythms drawn from the cultural traditions of Africa, Portuguese Brazil and the Indians of South America. Dance Brazil has been touring the world since it formed 10 years ago to keep alive traditions long since lost to Africa, but still thriving in Brazil.

THE DAILY TELEGRAPH - AUSTRÁLIA
JANEIRO 1997

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 209 29/04/10 02:31



THE AUSTRALIAN - AUSTRÁLIA
JANEIRO 1997

THE AUSTRALIAN Monday January 20 199

Dancers a lesson in folklore

Balé Folclórico da Bahia rehearse at the Sydney Opera House yesterday Picture: BOB FINLAYSON

SENSUAL slave rhythms to sizzling sambas will explode into life on stage tonight with the first visit by Brazil's only professional folk dance company.

The energetic performances of the dancers, musicians and singers of Dance Brazil — Balé Folclórico da Bahia, brings life to traditions, beliefs and rituals long since lost in Africa, but thriving in the northern State of Bahia, the company's base. The repertoire draws on three influences: African from the introduction of slavery to South America in the late 16th century; native Indian from the indigenous people of Brazil and European; through to Portuguese colonisation.

The company's general director, Walson Botelho, an anthropologist and co-founder of the company, said performances were based on authentic folkloric music and dance. "It is important because folklore tells the history or our culture," he said.

The troupe, which is appearing as part of the Sydney Festival, will perform at the Sydney Opera House tonight and will also be in Adelaide later this month.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 210 29/04/10 02:31

THE AUSTRALIAN

WEDNESDAY JANUARY 22 1997

Sydney Festival

Shout, wiggle and roll to the irresistible rhythms of Brazil

Bale Folclorico da Bahia
Dance Brazil, Concert Hall, Sydney Opera House.

EXPERIENCING the performance of Bale Folclorico da Bahia is like being close to a volcanic eruption. You might not want to do it every night, but only an idiot would walk away from the chance to experience it.

The sheer energy and skill of the dancers, the lavish theatricality of lighting, staging and costume, the explosive impact of a company that has combined all the elements into one amazing whole should be seen and once seen is unlikely ever to be forgotten.

Folk dance deserves its overall bad name. It's a lot more fun to do than watch — simple, dreary, by necessity repetitive, more closely related to aerobics than art.

Occasionally, most notably in segments by some of the dance companies from the southern Soviet Union in the 60s and 70s, in the work of exceptional dancers carefully selected and highly trained, folk dance took flight, but the moments were fleeting.

This company is an ensemble of individuals, dancing and interpreting as individuals.

Certainly, there are massed moments but they're a million miles from the highly contrived pattern work so often seen when folk dance companies can't think of anything more interesting to do.

Each dancer has his or her own physical story to tell and there's no discreet whispering going on here. They shout, they leap, they wiggle, they roll on the floor, they flirt, they win first our hearts and then our bodies.



Unveiled: the dancers from Bale Folclorico da Bahia each have a story to tell

With perfect judgment of the moment when the audience — suits, ties, little black dresses and all — can't sit still a moment longer, they led us all out of the Concert Hall and on to the front steps of the Opera House so that we could dance too.

Quite possibly a number of Sydney's lower backs will never be the same again (is there something about the Brazilian pelvis that we should have been told?) but the aches will fade and the memories will endure.

On reflection, it may have been the only way they could ever have got the audience to leave.

A huge part of the success of the performance is directly attributable to the musicians, particularly the two singers, Miralva Couto and Dora Santana.

Robed like Byzantine empresses and equipped with throats of iron, they fuel the fire with which the evening burns.

The drummers appear each to have been born with one, or possibly two, extra hands and they use them all to stunning effect.

The lighting is sophisticated and supportive, particularly impressive for this auditorium, which is never an easy rig for theatrical performances and the costumes are breathtaking.

The only unpleasant note of the evening is struck by the skins, apparently originally owned by small spotted cats, in which the principal female dancer is decked for the finale.

Tom Lehrer once sang, albeit in the context of army food, "think of all the marvellous ways/ they're using plastics nowadays . . ." Perhaps Bale Folclorico could investigate some of them in future, and let the cats keep their skins.

Bale Folclorico should be seen. Watered down elements are going to form a staple of new choreographic works in Australia for the next decade, so do yourself a major favour and experience the original.

■ **Sonia Humphrey**

THE AUSTRALIAN - AUSTRÁLIA
JANEIRO 1997

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 211 29/04/10 02:31

The Advertiser

Adelaide, Friday, January 31, 1997



Bale Folclorico . . . a unique dance and music.

THE ADVERTISER - AUSTRÁLIA

Explosive cocktail

Bale Folclorico da Bahia
Festival Theatre
Until tomorrow

IF they held world music and dance festivals in 16th century Brazil, there would have been a chance to see the ingredients of Bale Folclorico da Bahia before the African, Portuguese and South American Indian influences merged.

Now, 400 years later, the people of Bahia in Brazil can show how they have forged a unique dance and music, one that is marvellous in its music, spectacular in its dance and moving in its spirit.

By the end of the night, the troupe of dancers and musicians, armed with side drums, led 1500 of us in samba mode, out of Festival Theatre, around the foyers, out into the night and up on to the Festival Plaza, which has not seen so much life or noise in years.

The performers had beamed energy out into the audience for nearly two hours without easing off the pace of punchy, dramatic Latin and African rhythms on drums and other percussion instruments, along with physically punishing dances.

These are mostly drawn from the traditional Bahia festive dances, according to the program notes. There is the formal beauty of the *Fisherman's Dance*, with its processional movements, and the tough, masculine fighting dance, the *Maculele*, with knives and wooden sticks clashing.

The most exhilarating of the dances is the *Capoeira*, originating from Angola and Zaire in colonial times and adopted in Bahia and the rest of Brazil. It is a form of kick-boxing, done here with balletic precision between two spinning partners, with occasional impossibly quick double kicks that come perilously close to their partner's head.

While the men come up with spectacular acrobatics, high leaps, dives and kicks, the women's dances are earth-centred, undulatory and enticing.

Where this company stands out from so many folkloric troupes is the sheer professionalism of the dancers, musicians and singers. They are able to mix the task of professional entertainment with traditional folk form without losing authenticity along the way.

The rapid and spectacular changes in costumes and headgear were just one important ingredient in this, changing the whole stage picture with almost every song.

The musicians were overpoweringly amplified, as were the two singers, but even so, the music was a carnival in itself, with its punchy sambas and brilliantly orchestrated changes in pace.

One of these was a switch from the battery of congas and drums and other percussion instruments to the plaintive notes of a single-string zither with a little help from high-technology to produce a wide array of music.

Bale Folclorico is like a bomb of tightly packaged carnival gaiety, color, music and dance which is let off in the Festival Theatre.

Tim Lloyd

JANEIRO 1997

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 212 29/04/10 02:32

CORRIERE DELLA SERA - TOGO
FEVEREIRO 2007

Nel villaggio di Glidji, fra i boschi consacrati al dio Pitone: «Con i sacrifici teniamo lontane le malattie». In ottobre il primo appuntamento mondiale

Un festival delle divinità nere «Da qui rinasce il voodoo»

Togo, cerimonie e riti magici: attesi in 50 mila

DAL NOSTRO INVIATO

ANEHO-GLIDJI (Togo) — Prima l'omaggio al re di Aneho, per ricevere protezione e amicizia. È il viatico indispensabile per il visitatore che sta raggiungendo uno dei luoghi più sacri della religione voodoo: il villaggio togolese di Glidji, una cinquantina di chilometri dalla capitale Lomè, terra dei boschi consacrati al dio Pitone e ai riti del popolo Guin che si prepara a organizzare il primo festival mondiale «des divinités noires», il più grande raduno di adepti dei culti magici africani.

LE DIVINITA' NERE — Sua maestà Savado Zankli Lawson VIII, sovrano del regno di Lolan, è appena tornato da un funerale: non manca mai alle cerimonie funebri perché spetta a lui garantire che nessuno, prima della sepoltura, chiuda la bocca al morto con qualche pezzo di stoffa. Nessuno deve impedire allo spirito dei defunti di «ritornare», poi, tra i vivi. È lui, il re, che, nel Togo del 2000, mantiene ancora un potere enorme sulla comunità ed è lui che risolve questioni familiari, benedice matrimoni, si preoccupa della salute dei suoi sudditi, sovraintende alle cerimonie religiose animiste. Almeno il 60 per cento dei togolesi seguono il culto voodoo, nonostante siano allo stesso tempo cattolici o protestanti; nel vicino Benin, il voodoo è religione di Stato, nell'Africa occidentale 30 milioni di persone (60 milioni in tutto nel mondo) praticano quella che gli esperti ritengono la più antica religione dell'uomo: non si tratta di bizzarrie come Hollywood ci ha fatto credere o come ci mostrano i *souvenir* negli *shop* di New Orleans e neppure di un fenomeno legato alla magia nera, ma di una vera e propria religione che sta vivendo una stagione di rinascita.

I RITI — «Vogliamo far conoscere a tutti la nostra cultura — dice Teteh Wilson-Bahun notaio di professione, laureato a Poitiers in Francia, notabile al villaggio di Glidji e presidente del comitato organizzatore del festival —. Con questa manifestazione desideriamo promuovere il Togo e creare lavoro per la nostra gente». «Restaurare» il voodoo è anche il motto di Acofin, un'associazione per la salvaguardia del patrimonio culturale africano che supporta l'organizzazione dell'evento. «Prevediamo la partecipazione di almeno 50 mila persone — dice ancora Wilson-Bahun —. Verranno dai Paesi vicini, Benin, Ghana, Nigeria, ma anche da lontano, dai Caraibi, da Haiti, da New Orleans, dal Brasile, dove il voodoo è arrivato con la tratta degli schiavi e ancora sopravvive». Così Wilson-Bahun apre le porte del suo villaggio a un minuscolo gruppo di ospiti italiani, rappresentanti del Soroptimist International, e all'ambasciatore del Brasile Arnaldo Oliveira per una festa che è l'anticipazione dei riti, delle danze, delle sfilate che si succederanno dal 13 al 15 ottobre prossimi durante il festival.

Si comincia con un sacrificio animale: il sangue di una capra appena sgozzata cola sul petto dei maestri di cerimonie, un uomo e una donna, coperti di amuleti. «Il sacrificio di una capra — spiega Togbui Efoegan Sassou, medico tradizionale e governatore della Foresta Sacra — è un modo per ricevere la benedizione degli antenati e tenere lontane le malattie dalla nostra gente». Ma la cerimonia più coinvolgente e suggestiva è una specie di messa celebrata dai devoti delle sirene dell'acqua, quasi tutte donne vestite di bianco, che invocano protezione perché l'acqua cada sulle loro terre e ne plachi la sete, perché l'acqua non uccida chi si avventura fra le onde, perché l'acqua è uno dei quattro spiriti primordiali insieme alla terra, al fuoco e all'aria della religione voodoo.

I CERCHI DIPINTI DI BIANCO — Il Pantheon del popolo Guin è piuttosto complesso e annovera 41 divinità di diversa origine, alcune provenienti dal Ghana, altre autoctone, altre ancora riportate dagli schiavi: molte hanno il loro santuario dentro grandi alberi, segnalati all'attenzione dei profani da cerchi pitturati di bianco. Durante le cerimonie le divinità vengono evocate e gli spiriti danzano con i vivi al suono indiavolato dei tamburi, così capita che un giovane danzatore in *trance* tenti di conficcarsi nel petto un coltello di legno.

Anche la morte cammina fra i viventi durante la danza degli Egunguns, figure incappucciate in elaboratissimi costumi ricamati: chi tocca la maschera può anche morire, dicono i credenti. C'è un'altra cerimonia, chiamata Kpéssosso, che si celebra fra i Guin. È la ricerca della pietra sacra, ma per quella occorre essere puri e non avere mai praticato sesso. Di solito vengono scelti dai sacerdoti della comunità due giovani che vengono mandati nel bosco sacro e ne ritorneranno portando una pietra il cui colore predice il futuro del villaggio per tutto l'anno: il bianco significa che tutto andrà per il meglio, il blu annuncia un'annata di pioggia e di buon raccolto, il rosso è guerra e il nero predice calamità naturali.

«Quest'anno — ci spiega Edwige Akouélé Lawson, cugina del re di Aneho — il colore della pietra è il bianco che vuol dire benessere e felicità». Così anche il festival sta nascendo sotto buoni auspici.

Adriana Bazzi

DAVANTI AL RE



• **SUA MAESTA'** Savado Zankli Lawson VIII *(foto sopra)*: è lui a presiedere a tutte le cerimonie nel villaggio di Glidji, uno dei luoghi più sacri della religione voodoo

• **DIVINITA'** Gli adepti in Africa credono in un Dio supremo e negli spiriti che mettono in contatto gli umani con il divino. Gli spiriti sono presenti dappertutto: sono nella terra, nel vento, nel tuono e negli alberi di baobab giganti e nei pitoni. Le cerimonie servono per onorare le divinità e per chiedere loro favori

• **I FETICCI** Sono talismani (il mercato d'Akodésséwa, il più grande dell'Africa occidentale, si trova a Lomè) che rappresentano divinità voodoo oppure sono teste o corpi di animali seccati: sono usati nelle cerimonie religiose e spesso anche come medicine









LA DANZA

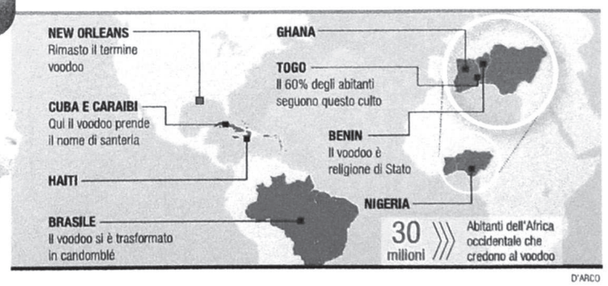
Nella danza degli Egunguns «chi tocca la maschera perde la vita» E la morte cammina fra i viventi

IN TRANCE

Momenti dei riti voodoo celebrati nel villaggio di Glidji, in Togo, in preparazione al festival mondiale di ottobre *(foto Adriana Bazzi)*

DALL'AFRICA AL BRASILE

Una religione con 60 milioni di seguaci



La religione voodoo è considerata una delle più antiche al mondo. La forma moderna, nata tra il 1600 e il 1700 in Africa occidentale e in America Latina con la tratta degli schiavi, si basa sull'animismo tradizionale africano che a volte, soprattutto al di fuori dell'Africa, si combina con elementi del cristianesimo. In Brasile si è trasformata nel candomblé, nei Caraibi ha preso il nome di santeria. È rimasto il termine voodoo a New Orleans e ad Haiti.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 213 29/04/10 02:32

CONTINENTAL - TOGO
DEZEMBRO 2007



Époque Carnet de voyage

Togo

Les dieux en héritage

Le deuxième Festival des divinités noires, qui s'est déroulé du 25 au 28 octobre derniers à Anèho, Glidji et Klouvidonnou au Togo, a été un véritable succès. La qualité de l'organisation, l'ambition qui sous-tend ce rendez-vous – révéler les fondements culturels entre l'Afrique et ses diasporas –, en font désormais l'un des événements majeurs du continent. Carnet de voyage de notre envoyé spécial.

Un violent orage s'était donné la peine de laver le pays, à la veille de l'ouverture du festival célébrant les croyances, les traditions ancestrales, et la force de la culture vaudou. Le combat qui opposait les esprits réfractaires à l'événement et les divinités s'est soldé par la victoire de ces dernières. Plus aucun obstacle ne pouvait défaire le projet de retrouvailles et de repentance. Il ne restait plus qu'à se laisser happer par un tourbillon de couleurs, de visages, de parures et de sourires à l'arrivée des différents couvents sur la grande place de Glidji. L'on peut alors vérifier que lorsque les corps des Nangbos (prêtresses) se parent de kaolin, et que leurs cous s'ornent de lourds colliers, le temps n'a plus de prise. Les âges s'estompent et le jour s'éclaire d'un nouvel espoir. La rencontre avec les ancêtres peut enfin se réaliser en toute harmonie et sans discrimination. Car ici, les femmes, les enfants et les hommes sont logés à la même enseigne divine. Il faut dire que les religions africaines traditionnelles n'ont jamais écarté les femmes ni les enfants de la fonction de Nangbo ou de Hounsan (prêtre), au contraire des religions catholique et musulmane. Souvent, les dieux qui investissent les humains le font dans des corps de femmes ou d'enfants, comme à l'ouverture du festival à Glidji.

L'arrivée majestueuse de Madame Hounlédé, reine de la compagnie Sojaf.

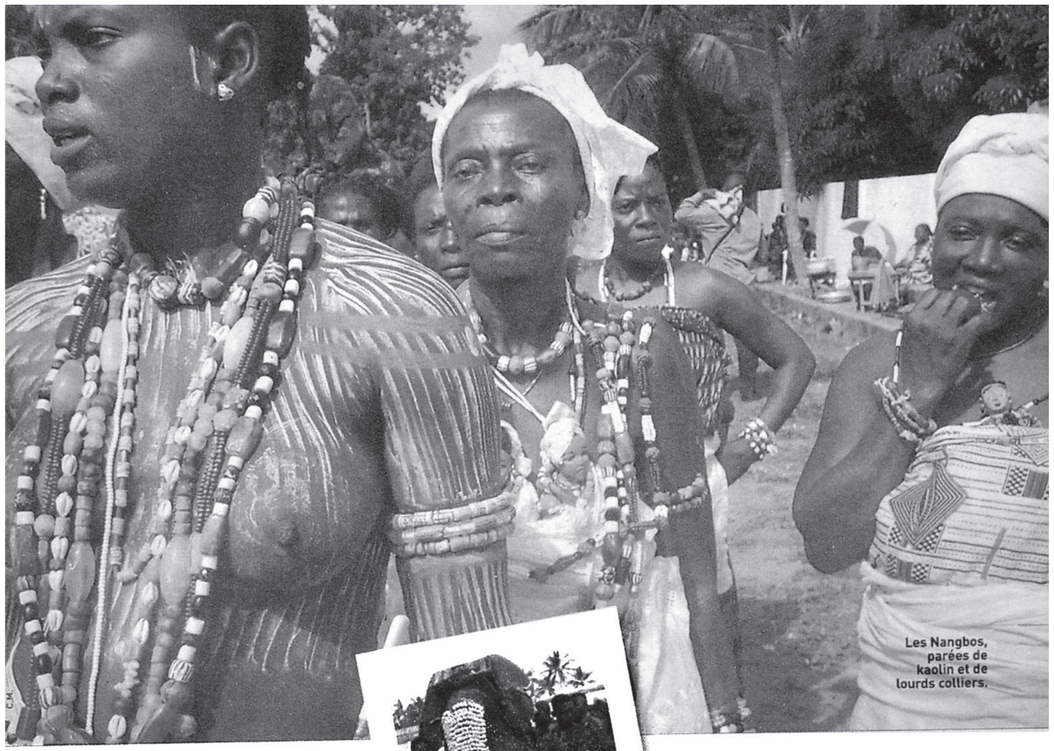
Pendant que deux garçons de 10 ans sautent, dansent et marchent sur des tessons de bouteilles aux aspérités tranchantes sans la moindre égratignure, un esprit s'est emparé du corps d'une jeune femme. Malgré son bébé dans le dos, elle se jette sur le sol, faisant craindre le pire pour la vie du nourrisson. Des mains secoureuses sortent l'enfant de ce pétrin, laissant libre cours à la transe de la jeune mère. Les dieux sont là au rendez-vous et en plein jour, envahissant des pieds à la tête. Ils ont les visages de tous ces êtres anonymes dans la foule. Soudain, par l'éclat d'un regard, l'on vous fait signe, vous invitant à entrer dans la « forêt sacrée ». On y entre avec une sorte d'appréhension mêlée d'une intense curiosité. C'est un cérémonial purificateur, auquel l'on assiste pieds nus, un pagne ceignant le corps. Les dieux de la « forêt sacrée », venus du

Sur la plage d'Aného, la compagnie brésilienne Bale Folclorico da Bahia.

Carnet de Voyag

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 214 29/04/10 02:32



Les Nangbos, parées de kaolin et de lourds colliers.

C.M.

Les Eguns perpétuent les traditions ancestrales.

C.M.



Les rites Nienè du département de Boundiali en Côte d'Ivoire.

C.M.



Les Houngan (prêtres) ont leur équivalent féminin, les Nangbos.

C.M.

Ghana voisin au XIXe siècle, vous y attendent afin d'exaucer vos vœux. Le grand prêtre, Nï Mantchee, gardien de la pierre sacrée, Koley Wulomo est là pour intercéder. Ici aussi, le temps s'arrête, la tête tourne autant sous l'effet d'une gorgée d'alcool, que par l'imagination qui galope afin de rattraper des années de déracinement engoncées dans un rationalisme sclérosant. On en sort avec des vœux ancrés dans la tête, censés être exaucés.

Le soir, sur la plage d'Aného, entre l'arrivée majestueuse de Madame Hounlédé, reine de la compagnie Sojaf, celle des Brésiliens du Bale Folclorico da Bahia, des Eguns et du groupe Espoir 2000, le temps se fige. Les respirations marquent le pas pour laisser place à la magie des éléments : l'eau, la terre, l'air et le feu des ancêtres ravivés dans les cœurs des spectateurs de toutes générations. Les vœux des jeunes d'Aného sont vite exaucés par la prestation du groupe Espoir 2000, un duo venu de Côte d'Ivoire, avec dans leur bagage des textes percutants, un engagement sans conteste pour la paix et une rythmique zouglou. Dans les têtes des enfants togolais, il y a des rêves de Brésil qui naissent. *« Ils sont beaux et dansent comme nous... »*, dit l'un d'eux, un fanion du Brésil à la main. Son regard est chargé d'admiration. Il voit « des Noirs heureux d'être Noirs ». Il se sent fier d'entendre le chorégraphe du Bale Folclorico da Bahia dire : *« Ils nous ont enlevés à l'Afrique, mais ils n'ont pas enlevé l'Afrique de nous. »* L'enfant se sent soulevé par une ballerine du groupe qui l'entraîne sur la scène. La mer, non loin, murmure, comme un secret aux creux de ses oreilles. Les corps virevoltent, les âmes se mêlent, les dieux se mettent eux aussi à danser, fiers d'une Afrique unie avec sa diaspora.

CONTINENTAL - TOGO
DEZEMBRO 2007

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 215 29/04/10 02:32

REPUBLIQUE TOGOLAISE - TOGO

DEZEMBRO 2007

Republique TOGOLAISE

Culture



Ambiance brésilienne à Aného

Le Ballet folklorique de Bahia au Brésil, avec à sa tête son directeur, Walson Bothelo, participera au Festival des divinités noires à Aného (45 km au sud-est de Lomé) qui se déroule de vendredi à dimanche. Avant l'ouverture officielle, le "Balé folclorico da Bahia" participera avec les adeptes de couvents de la ville d'Aného, ville-hôte, à une cérémonie de "retrouvailles et de contrition" à Kluvidonnou, un lieu de passage obligé pour les esclaves sur la côte togolaise.
Le Ballet participera à plusieurs manifestations programmées pour le Festival, notamment des échanges entre Brésiliens et Togolais, surtout à Aného où l'esclavage a sévi.

Organisé par l'Association pour la sauvegarde du Patrimoine culturel africain, dénommée "ACOFIN", ce festival –le premier du genre au Togo- vise à la sauvegarde et à la promotion de la culture noire, l'exhibition des danses et mystères des couvents.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

AMINA - TOGO

DEZEMBRO 2007

Culture 2e Festival des Divinités noires

Pour la sauvegarde du Patrimoine culturel africain

La 2e Edition du Festival des Divinités Noires s'est tenue du 25 au 28 octobre à Aného, haut lieu de la tradition des peuples Guins, à 50 km de Lomé. Initié par l'Association pour la Sauvegarde du Patrimoine Culturel Africain (ACOFIN) en collaboration avec le ministère togolais de la culture, du tourisme et des loisirs, ce festival a visé à préserver l'exceptionnelle richesse culturelle des peuples noirs qui ont une forte tendance aux pratiques "Vaudou". Le thème : "Retour aux sources du Brésil".



Les retrouvailles entre Brésiliennes et Togolaises. A l'extrême-droite, Mme Phanie Wilson-Ajavon d'ACOFIN

Trop de clichés sur le Vaudou, la religion prédominante des peuples noirs. Quand elle n'est pas assimilée à la sorcellerie, elle est réduite à des rites barbares et pourtant : *"Nous ne croyons qu'en un seul Dieu"*, affirmera avec force, conviction le chef Guin, Togbé A. Savado Lawson VIII à l'ouverture des festivités.
Le Festival des Divinités Noires éprouve donc le besoin d'affirmer cette identité du continent africain.
La croyance Vaudou compte environ 80 millions d'adeptes dans le monde. Ils sont originaires de St Domi de Cuba, du Brésil, de la Louisiane, de l'Afrique Noire, d'Haïti entre autres. Le Vaudou était la religion des esclaves révoltés en Haïti. Une religion qui est un rythme extraordinaire, une musique qui chante et crie la révolte et qui fait redécouvrir leurs racines aux adeptes. Le Festival des Divinités Noires prouve donc le besoin d'affirmer et d'assumer cette culture.

Les retrouvailles d'un peuple séparé depuis des décennies

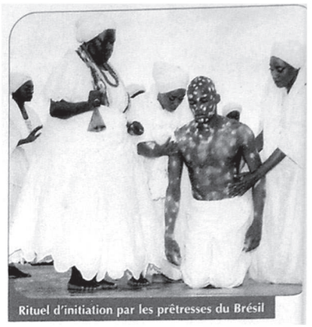
Aného, Glidji, et Klouvidonou, lieux hautement chargés d'histoire et détenteurs privilégiés des clés du monde Vaudou ont été les trois pôles d'attraction de ce rendez-vous.
La touche spéciale de cette 2e édition est la présence du Brésil, à travers le ballet folklorique de Bahaï et l'orchestre Monbaca de Rio de Janeiro. Pendant 4jours, une trentaine de couvents, un millier d'adeptes, d'artistes, de danseurs, de musiciens, de chercheurs, d'historiens ont fait l'événement. Ils se sont évertués à révéler l'Afrique dans toute sa richesse. De moments, très émouvants d'expositions photographiques, de tableaux troublants des diasporas africaines.

Les prêtresses Guins du Togo et Orisha du Brésil ont tenu la vedette dans une atmosphère de gaieté et de retrouvailles partagées.

Le village de Klouvidonou, en bordure de la côte du Bénin tentera de tourner une page vive de l'histoire de l'esclavage en organisant une poignante cérémonie symbolique de repentance. Des prêtres des couvents ont remis des chaînes de "traîtrise" à M. Francesco Chaves, représentant personnel du président brésilien, qui les déposa dans deux pirogues faites en raphia, qui ont été brûlées plus tard pour consolider, l'union retrouvée. Et comme pour dire "Plus jamais ça sur la terre de nos aïeux !". C'était un véritable acte de constriction, une occasion pour les africains d'aujourd'hui d'exprimer leur douleur et leur regret du fait que *"les ancêtres n'ont pas pu empêcher la traite négrière ; certains ayant même aidé les négriers à développer ce commerce honteux"*.



Passage de la divinité Kélé Obeto sur la lagune d'Aného, non loin du festival



Rituel d'initiation par les prêtresses du Brésil

Des festivités riches en couleurs et en sons

La sonnerie d'ACOFIN résonna pour appeler les festivaliers à l'amour, la fraternité, l'unicité dans l'harmonie pour la réussite des activités au programme.
Une retraite aux flambeaux, un match de football, le cinéma en plein air, des veillés de contes, des défilés de mode traduisant modernité et tradition à travers les pagnes et les perles africains ont eu lieu dans un décors glamour et feutré. Des concerts de musique africaines et brésiliennes, un mélange de chants et danses des aïeux déportés ont complété le tableau, qui a emballé les milliers de touristes venus d'Outre-mer, du Bénin, du Burkina, du Cameroun, de la Côte-d'Ivoire, du Ghana etc. et bien sûr des mélomanes venus pour la plus grande majorité se ressourcer.
Le Brésil, pays invité offrit sa toute première prestation du ballet folklorique de Bahia en Afrique avec ses danses envoûtantes "Candomble" et "Capoeira" talonné par l'orchestre Monbaca y Banda de Rio de Janeiro. Un chef d'œuvre qui a su combler l'attente du public qui a découvert pour la 1ère fois les prouesses de ces prestigieux artistes. Pour ces derniers ce premier contact avec la terre des ancêtres fut un retour chargé de poignants symboles. On retiendra aussi les ballets "Yacouba et Senoufo" de la Côte-d'Ivoire, la Compagnie SOJAF du Togo, les danseurs de feu de Bassar et la dizaine de groupes et couvent du Togo, Egus, Sakpatê etc. En sommes ACOFIN édition 2007 a été une parfaite réussite. Le rendez-vous est donc pris pour l'année prochaine. ■

Par Ayodélé Victorine Aguiar

BOOK 20 ANOS BFB.indd 216 29/04/10 02:32

DIARIO - ARUBA

SETEMBRO 1997

DIAHUEBS 4 SEPTEMBER 1997 — DIARIO

Muchanan di school a balia cu grupo "Bale Folclorico da Bahia"

ORANJESTAD (AAN): Ayera mainta muchanan di diferente school na Aruba a bishita e Cas di Cultura pa waak parti di e show cu e grupo "Bale folclorico da Bahia" lo bay presenta Diasabra awor na Plaza Libertador Betico Croes pa 8'or di anochi.

E grupo di baile aki ta presenta un show cultural original di e region di Salvador da Bahia, Brazil, caminda cu e raiznan cultural di e pueblo aki, ta di origen africano. E show aki ta carga di energia cu ta contagia e publico cu ta presente.

Na final di e show aki cu a caba mas of menos pa 11'or di mainta diripiente e portonan di acceso na Cas di Cultura a dal habri pa laga tur esnan cu tabata paden di e teatro sali pafor pa disfruta di e musica y e baile di e grandioso grupo aki.

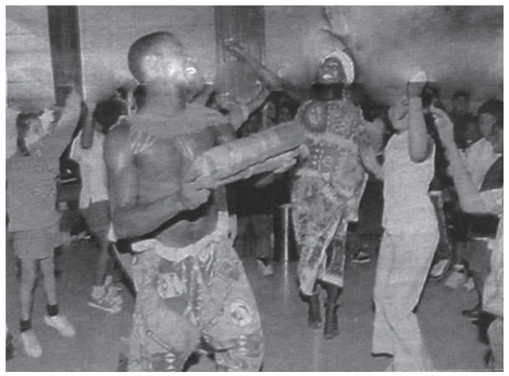
Riba e combinacion di portret nos por mira e momentonan cu e muchanan di school a bula, grita y canta cu e bailenan di e grupo folclorico aki.



DIARIO
E MATUTINO DI ARUBA









BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 217 29/04/10 02:32

DIARIO - ARUBA
SETEMBRO 1997

DIARIO
E MATUTINO DI ARUBA
DIAHUEBS 4 SEPTEMBER

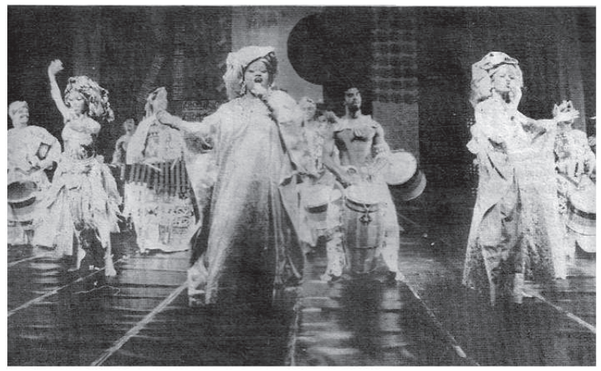
Muchanan di school a balia cu e grupo folçlorico di Brasil





ORANJESTAD (AAN): Ayeramainta muchanan di diferente school tabata den Cas di Cultura pa mira parti di e show cu e grupo "Bale Folclorico da Bahia" ta presentando.

Na final, e grupo a sali y cuminza balia riba caya, y tur mucha tambe a sali ta baliando y gozando hunto cu e Brasileñonan. Mas detaye y foto na pagina 49.



DIARIO DIAMARS 2 SEPTEMBER 1997

Yegada di grupo di baile fenomenal di Brasil

ORANJESTAD (AAN): Den cuadro di e Temporada di Baile 1997 a yega Aruba Diadomingo mainta e trinta miembronan di Ballet Folclorico Da Bahia, di e conocido capital Salvador da Bahia na Brasil.

E compania aki, cu a gana premionan internacional y cu ta worde considera nada menos cu e unico y mihor compania di baile folclorico profesional di Brasil, a caba di completa un gira na Francia y ta prepara pa comparti cu nos publico lo mihor cu tin den baile y musica folclorico di nan estado, esta Bahia.

Bao direccion exitoso di Walson Boltelho, e strea di e grupo aki a subi escenarionan di mundo manera un cometa y a captiva audiencia- y criticanan di baile totalmente na tur pais cu nan a bay. Conoci pa su presentacionnan explosivo y energetico, e grupo aki lo presenta na Aruba un programa sin stop hamas bisto, cu musica en bibo y den un ambiente festivo total.

Na è momento di yegada na Aeropuerto caba, e apariencia, energia y ambiente di e grupo aki ta duna e impresion di ta algo aparte, cu bailarinnan sumamente captivante y un coleccion impresionante di instrumentonan, cu ta priminti un show fenomenal pa nos isla.

Como parti di nan atencion pa trabao pa e publico hoben tambe, Ballet Folclorico da Bahia a peticion di Aruba Dance Foundation lo duna un serie di presentacion pa schoolnan na Aruba, creando asina aprecio pa arte y cultura den nos futuro audiencianan.

E fenomenal presentacion di Ballet Folclorico da Bahia lo ta un regalo pa e publico di Aruba como celebracion di e prome lustro di Aruba International Dance Festival, un festival cultural y artistico Arubano di caliber internacional cu tin aprecio grandi di publico local.

Diasabra 6 di September pa 8'or di anochi, Plaza Betico Croes lo ta escenario pa e fiesta total di baile y musica di Brasil na Aruba, y pa cual henter pueblo ta invita pa ta presente pa celebra!

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 218 29/04/10 02:32

ARUBA Thursday September 4, 1997

The News

Brazil's Balé Folclórico da Bahia giving presentations here





The Balé Folclórico da Bahia dance group from Brazil will be giving a presentation her tomorrow evening in the Cas di Cultura on the L.G. Smith Boulevard. They will also giv an open air public presentation on Saturday on the Betico Croes Square on Vondellaa starting at 8 p.m. Balé Folclórico da Bahia, the only professional folk-dance company i Brazil, was formed in 1987 by Walson Botelho and Ninho Reis and has achieved consider able success in its short history. Under the artistic direction of Jose Carlos Arandiba, th company's many national and international tours have earned it a prestigious reputatio throughout the country and abroad that is reflected in the response of the public and th critics. The 30-member troupe of dancers, musicians, and singers performs a repertor based on "Bahian" folkloric dances of African origin and includes slave dances, copoeir (a form of martial arts), samba, and those that celebrate Carnival. The company present the region's most important cultural manifestations under a comtemporary theatrica vision that reflects its popular origins. NEWS photos were taken during a special presenta tion of the group yesterday.

THE NEWS - ARUBA
SETEMBRO 1997

DIARIO - ARUBA
SETEMBRO 1997



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

10 Saturday, September 6, 1997 Discover Aruba

Balé Folclórico da Bahia

Plaza to be alive with movement tonight

Declared a must see by "The New York Times" in the United States, recognized with a prestigious award in France and loved throughout their native Brazil, the dance group of Balé Folclórico da Bahia has made its way to Aruba thanks to the vision, professionalism and initiative of the Aruba Dance Foundation. All the gaiety, exuberance and vibrant creativity for which Balé Folclorico da Bahia is known will be accessible to the community, both visitors and residents, with a free performance to take place tonight, September 6, 1997, 8 p.m. on the Betico Croes Plaza in Oranjestad.

The lights, dance floor and electricity are all set up on the plaza awaiting the arrival of the dancers. The Aruba International Dance Festival on its fifth anniversary has taken a bold turn this year - not only has it been transformed this year into an Aruba Dance Season (August through October) but the festival has now broken out of the Cas di Cultura. The public performance of Balé Folclórico da Bahia is to be indeed public. The performance on the plaza is not only to allow a greater audience but the ability for the those attending to really enjoy the performance by becoming swept up in it.

There will be very few chairs on the plaza. The group, which has graciously agreed to this very public performance in recognition of the Dance Festival's fifth anniversary, wants to establish a connection with the audience. The feeling being that, with the audience on its feet, they will not be bystanders but instead be a part of the performance, experiencing each pounding beat.



The vibrant energy of the dance group Balé Folclórico da Bahia is to be infectious tonight, September 6, as the audience is invited to sway along with the African rhythms of Brazilian dance. As part of the Aruba Dance Foundation's Dance Season, the group is to give a free performance on Betico Croes Plaza, in Oranjestad, 8 p.m.

In its almost ten years of existence, Balé Folclórico da Bahia has become world renowned for bringing the rich music and dance traditions of Brazil alive for the public. Through the group's performances, the samba as well as other Brazilian dances with their strong influences of African traditions, have found even greater acceptance and appreciation the world over.

Balé Folclórico da Bahia, the only professional folk dance company in Brazil, was formed by Walson Botelho and Ninho Reis and has achieved considerable success in its short history. Under the artistic direction of José Carlos Arandiba, the company's many national and international tours have earned it a prestigious reputation throughout the country and abroad that is reflected in the response of the public and the critics.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 220 29/04/10 02:32



The 30-member troupe of dancers, musicians and singers performs a repertory based on "Bahian" folkloric dances of African origin and includes slave dances, copoeira (a form of martial arts), samba and those that celebrate Carnival. The company presents the region's most important cultural manifestations under a contemporary theatrical vision that reflects its popular origins.

Based in Salvador in the northern state of Bahia, the Brazilian company made its debut in July 1988 at the Joinville Dance Festival where an audience of 20,000 enthusiastically greeted its performance entitled "Bahia de Todas As Cores." The troupe's immediate success brought invitations to perform at other festivals around the country, in Santos, Campina Grande and Sao Cristavao.

At the Bahia International Dance Festival later that year, Balé Folclórico da Bahia was awarded the prize, "Best Performance of the Year" given by the Ministry of Culture through the National Institute of Dance. In a subsequent tour of the principal capitals of Brazil, sponsored by the Ministry of Culture, the troupe was acclaimed as one of the country's most important dance companies.

To the delight of the island's schoolchildren, members of Balé Folclorico da Bahia held a special performance for them earlier this week. The children learned the art of dance by becoming a part of it, expressing their own creative talents.

In 1989, the group gave an unprecedented two-week engagement at Salvador's Teatro Castro Aviles, one of the most important and prestigious theatres in Brazil, followed by a national tour. In 1990, the company received the "Fiat 90" prize, awarded by Fiat Industries to the best dance company in Brazil.

Balé Folclórico da Bahia made its European debut in 1992 when it participated in Berlin's Alexander Platz Festival and drew an audience of 50,000. Its most prestigious international engagement to date has been a spectacularly successful appearance at the Biennale de la Danse, held in September 1994, in Lyon, France. From among the over 20 companies from four continents participating, the New York Times commented that this Brazilian company best exemplified the festival's celebration of African-derived dance. The troupe returned to the Lyon festival in 1996.

During the 1995-96 season, Balé Folclórico da Bahia undertook its first tour of the United States with sold-out performances in New York City, Boston, Washington D.C., Cleveland, Minneapolis, Berkeley and Costa Mesa among other cities.

The company was a revelation. During the 1997 North American tour, in February and March, the company once again traveled coast to coast.

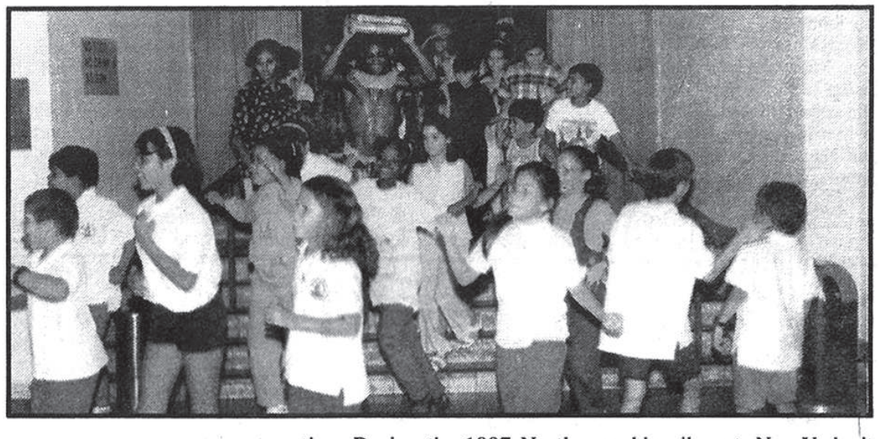
Besides their many professional accomplishments, this dance group remains grounded in the community. Each year they take on the financial responsibility of 200 children back in Brazil, providing money for their basic necessities as well as for their schooling.

The driving force who, despite many difficulties, successfully brought this important dance company to the island is the Aruba Dance Foundation's Wilma Kuiperi. She could be found feverishly working away in the small office in the Cas di Cultura up to the day of the show, creatively dealing with all the problems big and small that have arisen. Throughout it all she remains buoyant, commenting on the important impact the group will have on the Aruban community. "It is to be very intense...a very special experience," she remarks recalling the excitement with which the Aruban schoolchildren reacted to the group in a special performance held earlier this week.

"If I wanted this for myself, I could easily go to New York...it would be cheaper," she laughs.

But Kuiperi, who with her husband, has worked hard for the last ten years to make the festival a success, sees higher rewards in the greater exposure of the arts to Aruban public.

Thanks also to the financial assistance provided to the Aruba Dance Foundation by U.N.O.A., the Ministry of Tourism, through Minister Tico Croes, UNOCA and the Prince Bernhard Funds, Aruba will undoubtedly be treated to a night like no other this evening. The performance by Balé Folclórico da Bahia will begin at 8 p.m. on the Betico Croes Plaza - don't miss it!❑





Balé Folclorico da Bahia is only one of many important groups coming to the island for Aruba's Dance Season. Thanks to the dedication of individuals such as organizer Wilma Kuiperi and Minister Tico Croes, who stepped in for the Government of Aruba to help provide financing for the festival, the public will be able to enjoy world-class dance performances.

DISCOVER ARUBA - ARUBA
SETEMBRO 1997

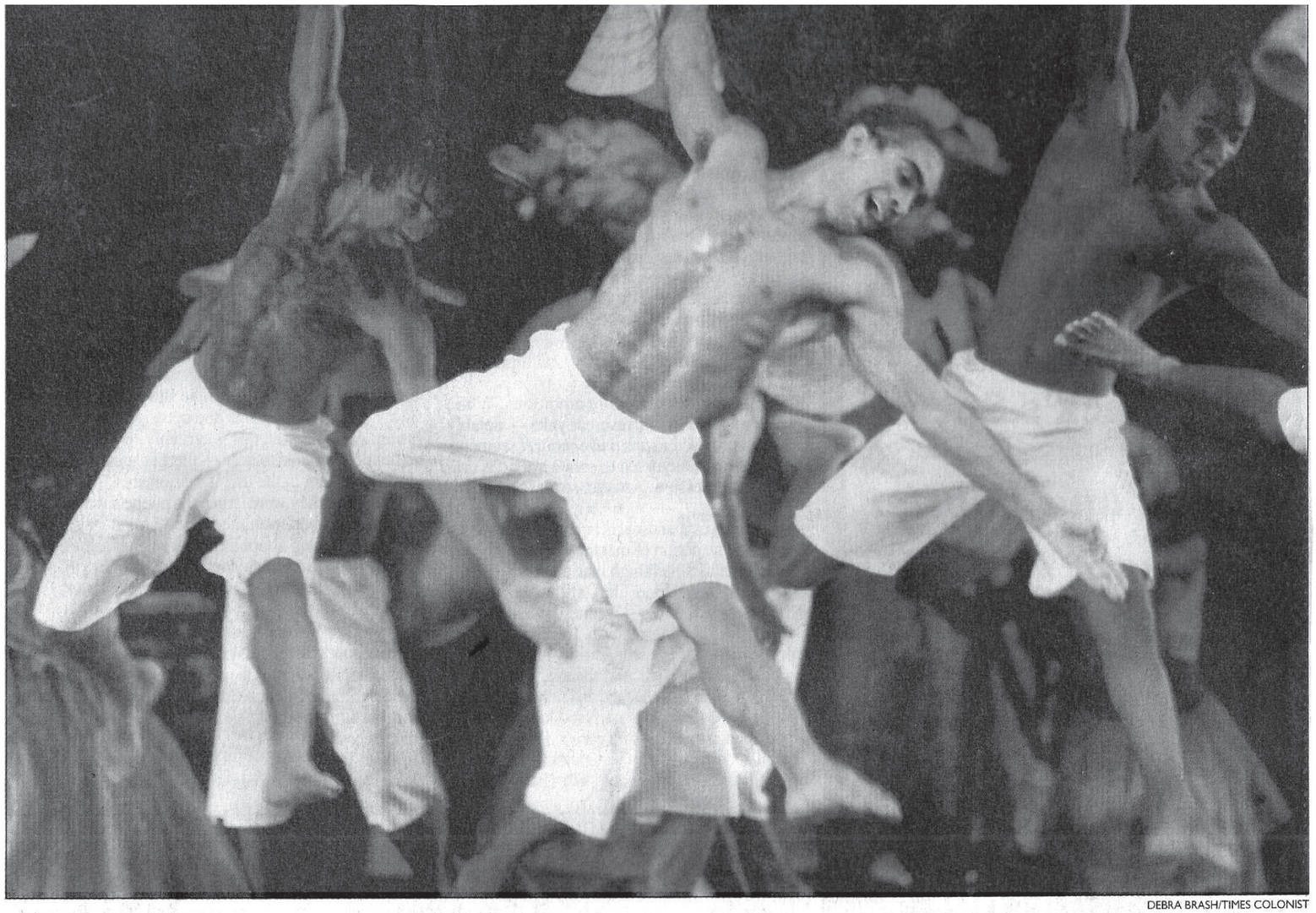
BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 221 29/04/10 02:32

TIMES COLONIST - CANADÁ

FEVEREIRO 1997

TIMES COLONIST
VICTORIA, BRITISH COLUMBIA
FRIDAY, FEBRUARY 14, 1997



DEBRA BRASH/TIMES COLONIST

Dancers kick up heels for kids

A mini-Brazilian carnival raged inside the Royal Theatre last night as the Balé Folclórico da Bahia celebrated the dance, rhythm and song of its native land. The audience, infused with the company's spirit, color and tradition, clapped and danced in the aisles, giving the tireless troupe three standing ovations.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS



High Energy Dancers Highlight Of Milk International Festival

TORONTO, Ontario: The internationally-acclaimed Bale Folclorico da Bahia will give five performances during the Harbourfront Centre's "Milk International Children's Festival of the Arts," which opened on Monday.

The Bahia dancers — Brazil's best-known folklore group — have travelled widely in Europe and the United States and are a highly visual, explosive troupe from the City of Salvador, on the northeast shoulder of Brazil.

Their dances, which have roots among the people of Angola and West Africa, feature 30 dancers and drummers.

Performances by the Bale Folclorico da Bahia will be at 11.45 a.m. on Friday, May 30; at 1:30 p.m. and 4:15 p.m. on Saturday, May 31; and at 1:30 p.m. and 4:15 p.m. on Sunday, June 1.

For more information, call (416) 973-4000.☑

May 28 - Jun 3, 1997
Volume 15 / Number 21



COVER: The internationally-acclaimed Bale Folclorico da Bahia will give five performances this weekend at the Harbourfront Centre's "Milk International Children's Festival of the Arts."

These Bahia dancers — Brazil's best-known folklore group — have travelled widely in Europe and the United States and are a highly visual, explosive troupe from the City of Salvador, on the northeast shoulder of Brazil.

Their dances, which have roots among the people of Angola and West Africa, feature 30 dancers and drummers. **See story on Page**

PRIDE - CANADÁ

MAIO 1997

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 223 29/04/10 02:32

Brazilian folk dance tradition born of adversity

It is one of the happier ironies of Afro-Brazilian culture that one of its most celebratory folk dance traditions derives from the oppression of slaves.

"The largest group of slaves came to Bahia. They came mainly from Nigeria, Benin and the Ivory Coast. Others came from Angola. All of these people had different customs, different forms of the same rituals, different dress. The only point they had in common was religion. That was the source for resistance."

So says **Walson Botelho**, general director of **Balé Folclórico da Bahia,** a company he co-founded in 1987. The world-travelling troupe of 30 dancers performs in the Milk International Children's Festival of the Arts tomorrow through Sunday at Molson Place.

Botelho offers this brief history in an interview while his company members engage in their daily workout.

All of them are followers of Candomblé, the Afro-Brazilian religion that combines African spiritual forms with Brazilian Catholicism. Candomblé is practised through singing, dancing and drumming. In homes in the poorer hillside region of Salvador, capital of Bahia and the centre of African culture in the New World, Candomblé ceremonies take place on a regular basis. Later, participants might well retire to the local cathedral.

Balé Folclórico has perforce become a collective cultural ambassador for Bahia and a keeper of the repertoire. One of the largest states in Brazil (about 12 degrees below the equator on the Atlantic coast), Bahia is also one of the poorest.

Botelho's company has a policy of taking in untrained, underprivileged dancers and teaching them the techniques of Capoeira, Samba Reggae, Yoruban, as well as Candomblé-inspired dances. Company choreographer, scene and costume designer, Botelho creates a fusion of traditional and modern dances and sets them on his pliant dancers.

At Harbourfront, they'll perform *Dança de Origem* (Origin Dance); *Maculelê* (a harvest dance created by

Dance

SUSAN WALKER

slaves in the sugar cane plantations); *Capoeira* (the martial arts dance developed by slaves from Angola as a form of resistance to their masters); *Afixirê*, Yoruba for "a dance of happiness;" and *Samba Reggae*, set to music familiar to anyone who has heard Paul Simon's work with the Bahian percussion band Olodum.

Not only a dance company and an unfunded diplomat for Bahia, Balé Folclórico is also a social program for some 200 street children. Botelho offers them education, an art form and a means of survival.

The other aims of the company are the education of audiences in the Bahian traditions. The only professional folkloric company in Brazil, Balé Folclórico is making inroads into high-end dance theatres too, says Botelho. Next time they come to Canada, it may be to Massey Hall or the Premiere Dance Theatre. In the meantime, catch their infectious rhythms at Molson Place.

A $7 weekday ticket or an $8.50 weekend day pass gives complete access to the Harbourfront site during the festival. For times and information, call the box office at 973-4000.



THE TORONTO STAR - CANADÁ

MAIO 1997

BAHIA

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

THE PORTUGUESE STAR

TORONTO, 29 DE JUNHO DE 1997

A exuberância da cor e do ritmo brasileiro

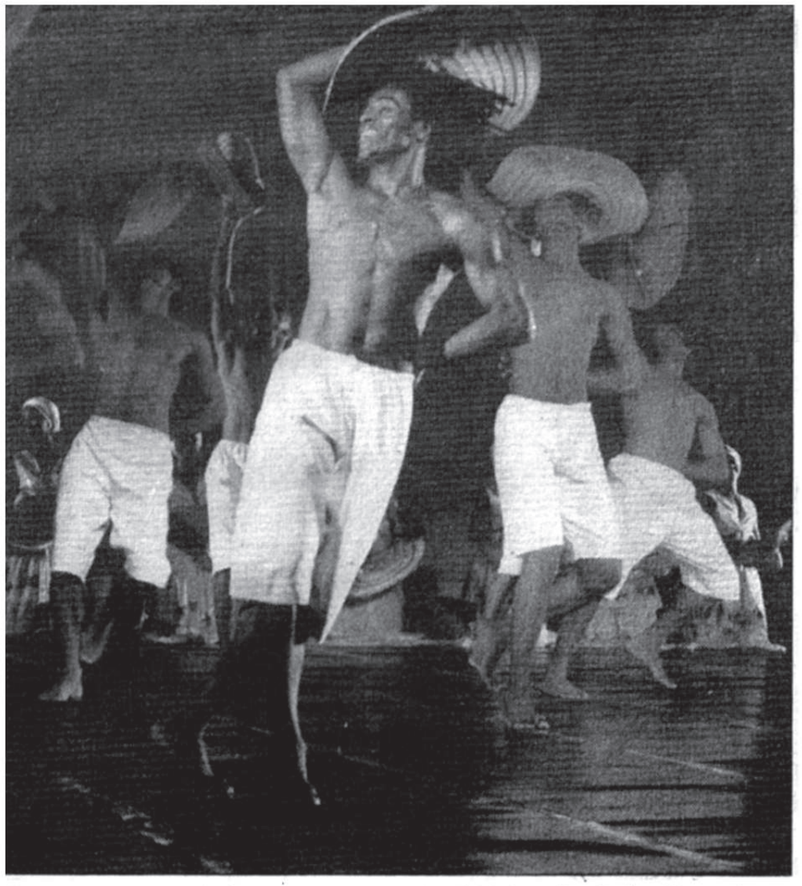
Mais uma vez, o balé brasileiro firma presença e encanta os freqüentadores do Harbourfront . Há quase três anos, lá esteve se apresentando o internacionalmente aplau-dido Grupo Corpo, de Minas Gerais. E, neste início de verão foi a hora e a vez do Balé Folclórico da Bahia, numa apresentação de encher os olhos, pela sua beleza, ritmo e cor.

Com sede em Salvador, o grupo fundado por Walson Botelho e Ninho Reis é uma companhia brasileira de dança folclórica e o seu repertório é todo ele baseado nas origens africanas da nossa música e dança.

Na Europa, a sua estréia aconteceu em 1992, quando participou do Berlin's Alexander Platz Festival para uma audiência de 50 mil pessoas. Mas foi na França, durante a "Biennale de la Dance", em Lyons , que o Balé Folclórico da Bahia obteve a sua grande consagração. Ao se apresentar, junto a 20 outras companhias dos quatro continentes, o grupo recebeu os maiores elogios do público e da crítica especializada. O "The New York Times", por exemplo, publicou que a companhia brasileira foi a que melhor representou a dança de origem africana. No ano passado, o Balé Folclórico da Bahia foi convidado e voltou a se apresentar em Lyons. E em janeiro deste ano, foi a vez da Austrália oferecer os palcos da Sydney Opera House para receber, assistir e aplaudir de pé os nossos conterrâneos.

Nos últimos três anos, o grupo brasileiro tem se apresentado nos palcos norte-americanos, conquistando um público que tem mantido lotação esgotada em cidades como New York, Boston, Washington, Cleveland, Minneapolis e Berkeley.

Em Toronto, o Balé Folclórico da Bahia participou do Children's Festival of the Arts, com apresentações no Molson Place nos dias 30 e 31 de maio e 1º de junho. Sob a direção artística de José Carlos Arandiba, o grupo apresentou nove coreografias: Dança da Origem, que conta a criação do mundo através da religião do Candomblé; Puxada da Rede, numa invocação a Iemanjá; Maculelê, a dança dos plantadores de cana-de-açucar; Berimbau; Samba de Roda, a mais popular dança rítmica da Bahia; Capoeira; Fêmeas, inspirada na força da mulher negra; Afixirê, que no dialeto Yorubá quer dizer "a dança da felicidade" e o mais legítimo Samba Reggae da Bahia, que é uma mistura dos ritmos afro-bahianos, como o Afoxé, e a gostosa música do Caribe.



Com uma programação tão intensa e brasileira não houve quem conseguisse ficar quieto nas cadeiras. No dia da estréia, as crianças simplesmente invadiram o palco para pular e dançar com os artistas.

Falando ao Brasil News, o diretor do Balé Folclórico da Bahia, Walson Botelho, o Vavá, disse que já está acertada uma vinda do grupo a Toronto no início do próximo ano, com apresentações agendadas no Hummingbird Centre.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Résister

Saskia Ouaknine

Walson Botelho a tout pour jouer au justicier conquérant: la cause à défendre, les moyens de la lutte, l'interdit contre lequel se rebeller. Mais à 35 ans, Walson Botelho, directeur de la troupe de danse afro-brésilienne Balé Folclórico da Bahia, préfère laisser à d'autres le soin de lutter pour les droits des Noirs au Brésil. Lui, il ne fait «que» chorégraphier des spectacles de *maculele* et de *capoiera*, des danses longtemps bannies par le gouvernement brésilien parce qu'associées aux rébellions des esclaves noirs. N'empêche, ça ne dispense pas Botelho d'avoir à résister par ces danses aux contraintes, hier sociales, aujourd'hui commerciales.

danse

Si le *capoiera* n'est plus utilisé comme un art martial permettant aux esclaves de se défendre, il est une autre forme de colonialisme à laquelle Botelho doit tenir tête par son art. Celle de l'industrie qui voudrait bien récupérer commercialement cette danse appartenant maintenant aux zones bien sages du folklore.

L'industrie peut rouspéter, Botelho est strict là-dessus: pas question de transformer en kermesse divertissante ces danses empreintes, de par leur histoire, de tant de virulence. Pas question de faire du «*Calor Cubano*» pour dernier étage de Casino.

«Quand j'ai créé ma compagnie, claironne Botelho, je voulais garder à leur état le plus pur, le plus «véridique» possible les manifestations artistiques que sont ces danses. Car si je ne faisais pas ça, ç'aurait été un spectacle pour touristes.»

Non à la commercialisation

Le *maculele* et le *capoiera*, en plus d'être des arts martiaux, appartiennent aussi au domaine de la liturgie; elles étaient dansées pendant les cérémonies rituelles du *candomblé*, croyance ancestrale du Sud-Niger fondée sur les éléments de la nature. Alors forcément, quand on veut chorégraphier pour une salle des manifestations populaires qui, longtemps, n'ont eu pour seule sellette que le macadam des rues, cela oblige à une transposition. À une dose de «mouvements déjà placés» qui trahissent la spontanéité obligée du *maculele* et du *capoiera*.

«C'est vrai que ces danses du *candomblé* ont une liturgie vieille de 500 ans, très belle et très forte, qu'il n'est pas possible de montrer sur scène sans sacrilège», concède Botelho. Alors, plutôt que de trahir «sa» religion, en présentant ces rites à un public ni très croyant ni très au fait du *candomblé*, le chorégraphe préfère s'autocensurer.



Le Balé Folclórico da Bahia interprète des danses afro-brésiliennes qui s'opposent à la récupération commerciale

«Je ne montre pas sur scène les danses les plus sacrées du *candomblé*. Ce serait un manque de respect pour ma religion, explique celui qui est à moitié juif par sa mère et nullement d'ascendance africaine. Je montre les rites plus populaires, traditionnellement publics. Pas ceux strictement associés aux cérémonies religieuses. Et puis, ce n'est pas possible de faire participer le public étranger de la même manière qu'au Brésil.»

Pour adapter ces danses aux scènes occidentales, Walson Botelho ajuste quelques mouvements, triche un peu quand il s'agit qu'un interprète ne tourne pas le dos au public. «Je change la manière de présenter le folklore, mais pas le folklore lui-même, assure le chorégraphe. Par contre, comme la tradition sociale afro-brésilienne est toujours fondée sur la danse et sur les chants, la transposition pour la scène n'est pas si difficile, demande très peu d'artifices.»

Mais il n'y a pas que le désir du respect de la religion qui garde Botelho de trop dévoiler des rites du *candomblé*. Il y a aussi certains interdits tacites. «Officiellement, le *maculele* et le *capoiera* sont "légaux" depuis vingt ans. Mais, officieusement, les gens ne tolèrent pas trop. Il y a des fédérations, des lobbies» qui empêchent que ces danses ne soient trop librement déployées sur la place publique.

«À la fondation de la compagnie, en 1988, c'était très difficile pour nous de jouer à Bahia même —province au nord-est du Brésil dont 80 % de la population est d'origine africaine—, soutient le créateur. Pour des raisons de sécurité, et parce qu'il y a encore beaucoup de racisme à l'égard des Afro-brésiliens, on ne nous laissait pas jouer dans les théâtres.» Sauf que, depuis que le Balé Folclórico da Bahia a acquis une certaine notoriété internationale, les choses sont plus aisées pour la troupe d'une trentaines d'artistes.

Des difficultés financières

Quelques jours avant l'arrivée de cette troupe de danse ici, Montréal a littéralement été envahie d'affiches et de cartes postales promotionnelles. Paradoxalement, malgré ce déploiement d'argent en publicité, la compagnie de Botelho «connaît plusieurs difficultés financières».

«Nous n'avons pas de commanditaires brésiliens ni de soutien financier de notre gouvernement alors que nous jouons un rôle d'ambassadeurs culturels pour ce pays, s'insurge Walson Botelho. Les finances de la compagnie sont entièrement soutenues par l'étranger. Nous avons différents promoteurs dans le monde avec lesquels on s'associe. Mais même si l'agent montréalais a décidé de faire un [matraquage publicitaire] pour notre spectacle, ce que nous en retirons, c'est principalement du prestige et non de l'argent.»

Bien que la publicité donne de ce spectacle une image frivole et carnavalesque, Walson Botelho se défend bien de vouloir racoler un public avide d'exotisme. Étrange paradoxe, pour un directeur de théâtre, que d'assurer le succès financier de sa compagnie sans pour autant tomber dans le piège de la commercialisation...

Ironiquement, les contraintes du *maculele* et du *capoiera*, hier sociales, sont aujourd'hui commerciales. Comme si ces danses contenaient en elles, obligatoirement, l'idée d'une certaine forme de résistance. Autrefois, ces manifestations artistiques permettaient de lutter contre l'oppression du colonialisme, plus tard, elles initièrent des manifestations pour que soit levé l'interdit qui pesait sur elles. Et aujourd'hui, elles obligent à résister à la récupération commerciale, nouveau colonialisme de l'art.

***Balé Folclórico da Bahia*, 2 mars, Théâtre Saint-Denis. Voir Guide culturel**

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 226 29/04/10 02:33

THE GAZETTE - CANADÁ
FEVEREIRO 1998

Balé Folclorico da Bahia performs here on Monday.



PREVIEW

Two shows will throb to African beat

DANIEL FEIST
Special to The Gazette

Montreal will play host to two powerful cultural shows next week. Both are musical-theatrical events that conjure up African spirits.

On Monday night, the sensational Balé Folclorico da Bahia from Brazil will entertain at Théâtre St. Denis. The troupe of 30 dancers, musicians and singers express their Bahian heritage through samba and slave dances, Carnival colour and a style of martial arts known as copoeira.

"We are the only professional folkloric dance company in our country," troupe founder Walson Botelho said in a quick interview this week. He was speaking from a cellular phone aboard a bus between engagements in Cleveland and Toronto. There's little time to lose when the tour is on a roll and you've got a small army to care for.

"We show one side of Brazil that a lot of audiences don't know. It is not the carnival in Rio. We have a special way to do ours in Bahia, with its very African influence. And we try to do it in a pure form, to allow the performers to show their culture. It is not a dance company just for tourists."

Balé Folclorico was created in 1987 and has toured extensively, earning accolades abroad and awards at home. The artistic director is Jose Carlos Arandiba.

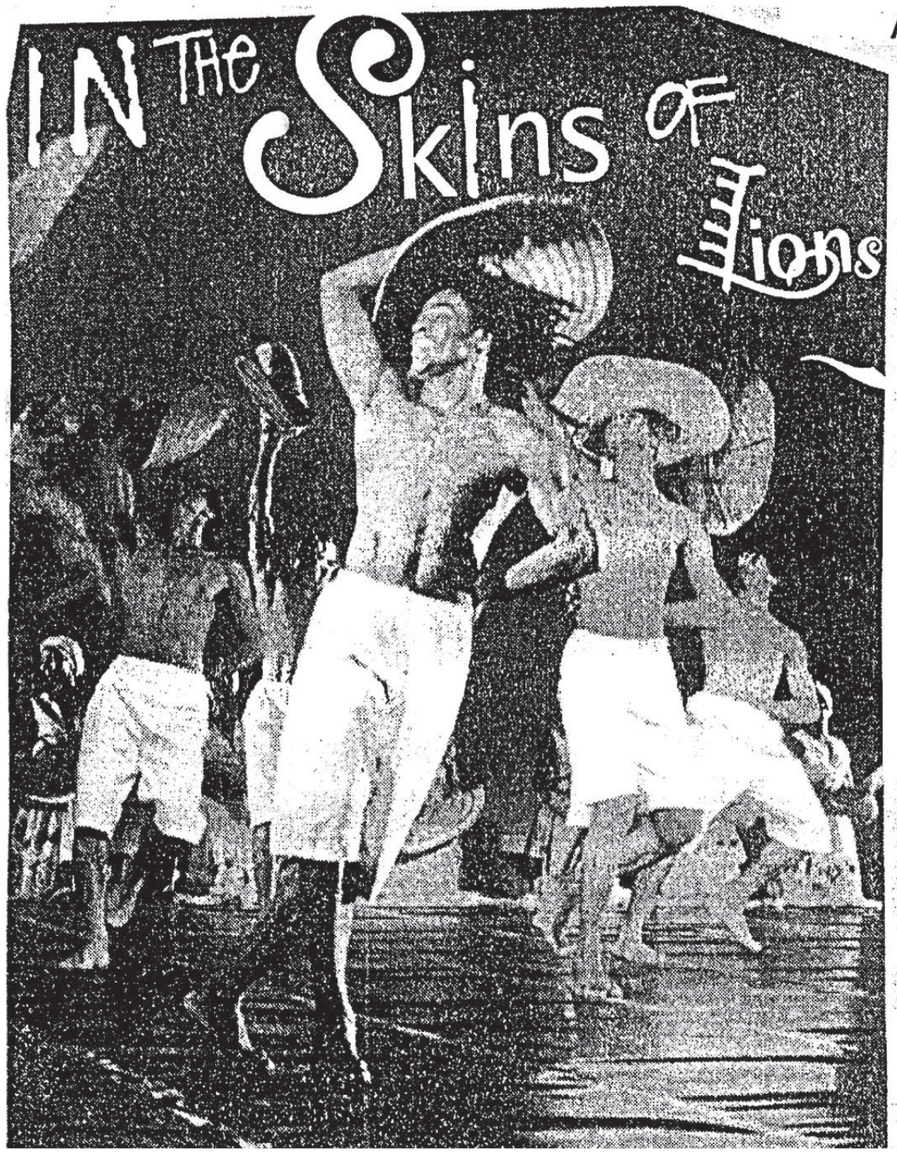
✤ ***Balé Folclorico da Bahia** performs at Théâtre St. Denis, 1449 St. Denis St., on Monday at 8 p.m. Tickets, ranging from $24.50 to $34.50 (plus service charge), are available at the box office. Call 790-1111.*

THE GAZETTE, MONTREAL, FRIDAY, FEBRUARY 27, 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 227 29/04/10 02:33

MONTREAL, March 2nd 1998



ARTS

Afro-Brazilian dancers roar into March

As if this winter weren't feeble enough already, it's about to meet its nemesis. Black History Month winds up and spring goes into action as Afro-Brazilian folkdance ensemble Balé Folclórico da Bahia unleashes its burning tropical energy at Théâtre St-Denis on Monday (Mar 2).

While traditionalist dance troupes are often stereotyped as staid, even tokenist, this decade-old company's proud of the flash and panache they bring to Afro-Brazilian folk forms. They stomp and shake and undulate in various states of dress and undress, and aren't above a bit of Broadway showbizship – an exuberance that's kept Balé Folclórico on perpetual world tour for the past few years.

But there's nothing phony here. Founder-choreographer Walson Botelho's agenda includes uniting Africans of all the Americas around their common heritage. He draws on the Yoruba-based Candomble faith's sacred rituals, the Capoeira martial arts (a breakdance forerunner), samba, carnival and slave dances, assembling a travelling festival of historic depth. It looks back to the Portugese colonies but also into the roots of Afro-Brazilian culture.

For instance, in the sugar-cane-plantation-derived *maculelé* – performed in grass-and-hemp headdresses and embroidered loincloths – sparks literally fly as knife-wielding men leap over crossed sticks. Other sections see body-painted dancers enacting Candomble initiation rituals and creation myths. And by all accounts the climactic revelry of "Samba Reggae" will melt the iciest inhibitions. History, ecstasy, skin, sweat and noise... What more could you ask?

Théâtre St-Denis, 1449 St-Denis
Mar 2, 8 pm, 790-1111

Carl Wilson

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

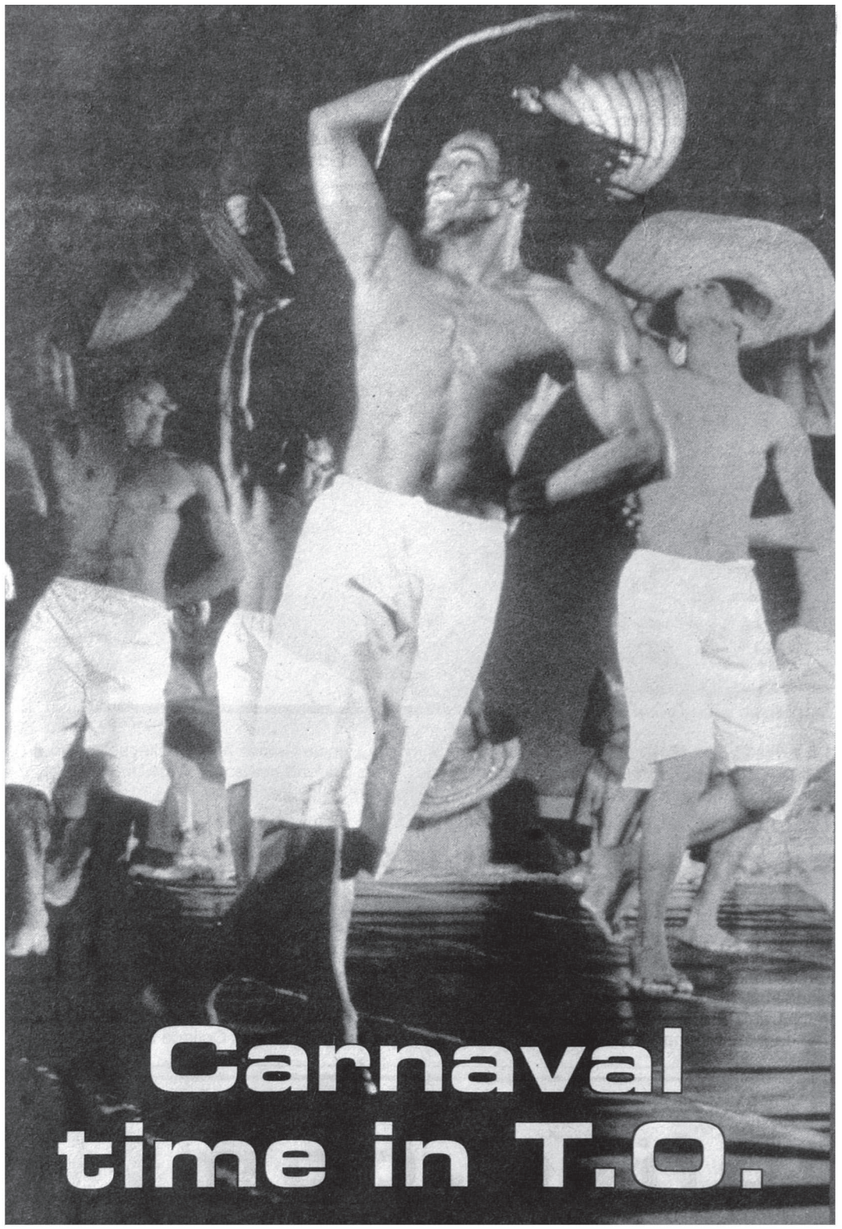
ARTS - CANADÁ

MARÇO 1998

BOOK 20 ANOS BFB.indd 228 29/04/10 02:33

FYI TORONTO - CANADÁ

OUTUBRO 2000



FEEL THE BEAT ... Brazil's only professional folk-dance company, Balé Folclórico da Bahia, brings its Afro-Brazilian dance, song and drums to Massey Hall tonight at 8 in an all-new festive Carnaval 2000 show. See **Page 10** for a photo tribute and **Pages 11-13** for more of what's happening in Toronto.


FYI TORONTO October 25, 2000

CARNAVAL 2000

Brazil's Carnaval 2000 Balé Folclórico da Bahia combines street beats, high-flying martial arts and sexy samba. The 32 members of Brazil's top dance company present an authentic Brazilian carnival at Massey Hall tonight at 8 p.m.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

EL MERCURIO DE VALPARAISO
CIUDADES
ciudades@mercurioval.cl DOMINGO 28 DE DICIEMBRE DE 2003

Partieron los Carnavales Culturales

Ritmo bahiano llegó a Valparaíso

▶ **Frío de la** noche porteña no empañó la fiesta, que sirvió para festejar la designación como Patrimonio de la Humanidad.

JOSE OSSANDON

El fuerte viento no evitó que el entusiasmo del público entibiara la noche de Valparaíso, en el marco de la tercera versión de los Carnavales Culturales. Esta actividad ayer tuvo un sabor especial pues de alguna forma también se celebraba la designación de la capital regional como Patrimonio de la Humanidad, y eso lo supieron desde un principio los asistentes, que se hicieron sentir a través de los vítores patrióticos lanzados al aire, como ¡Viva Chile, viva Valparaíso!

A las 20.30, el Presidente de la República, Ricardo Lagos, y la primera dama, María Luisa Durán, hicieron su entrada triunfal, con el alcalde porteño Hernán Pinto recibiendo el saludo del público y el intendente Luis Guastavino intentando que su boina no se le desprendiera de la cabeza, mientras los bailarines del Ballet de Salvador de Bahía precalentaban detrás del escenario instalado en la Plaza Sotomayor (hacía mucho frío en esa zona).

"¡Qué comience la fiesta, bienvenidos a Valparaíso, bienvenidos a Chile!", gritó el jefe de Estado.

Entonces la música llenó el ambiente de color, movimiento y sensualidad, con las bailarinas contoneándose en la tarima y los bailarines brincando sobre el madero como si debajo de los pies algo estuviera a punto de reventar.

Así se inició la primera jornada de los Carnavales Culturales 2003. Con Salvador de Bahía, puerto brasileño, como invitado de honor y con el viento implacable, congelando de frío a las esposas de los diplomáticos provenientes del país de Pelé y Ronaldo.

Artistas, personeros políticos y autoridades regionales y gubernamentales llegaron hasta la inauguración de estos Carnavales Culturales que se lanzaron hace tres años y hasta hoy se mantienen vigentes. Incluso ya se refieren a esta actividad como una tradición en Valparaíso, en Chile.

INTENDENTE Y ALCALDE

Así al menos lo siente el intendente Luis Guastavino, quien observó la presentación en compañía de toda su familia. "Lo que más me alegra es la unión que se crea entre Valparaíso, Patrimonio de la Humanidad, y Salvador de Bahía, que también lo es desde 1985. Es bueno que se produzca una vinculación, pues podemos ganar experiencia con esta hermandad. Estoy muy contento y espero que continuemos con esta fiesta tradicional", dijo.

En tanto, el alcalde Hernán Pinto destacó la coordinación ejercida entre la Municipalidad que él dirige y el Consejo Nacional de la Cultura y las Artes, y espera que más adelante la fecha de estos Carnavales se cambie a enero.

"Mantengo que estas fiestas debieran dividirse en Carnavales Populares y Carnavales Culturales. Febrero es el mes de Viña del Mar, con su Festival de la Canción. Enero es el mes de Valparaíso, con estas fiestas hermosas. Bueno, eso lo vamos a ver más adelante; mientras, disfrutemos esta presentación (el ballet brasileño)".

El embajador de Brasil en Chile, Gelson Fonseca, en tanto, aplaudió la iniciativa del Gobierno de crear en Valparaíso una instancia de hermanamiento entre países latinoamericanos.



HERMANADOS.– La gran fiesta organizada por el Consejo Nacional de la Cultura y la Embajada de Brasil comenzó con la presentación del Ballet Folclórico de Salvador de Bahía, que llenó de color, ritmo y sabor la Plaza Sotomayor.

Respecto de las similitudes entre las dos ciudades patrimoniales, Valparaíso y Bahía, aseguró el diplomático que existen algunas, como la arquitectura, pero advirtió que en su país "no sopla este viento. El clima es muy distinto allá. Aquí hace algo de frío".

Fonseca se sintió muy satisfecho con la invitación que extendió el Gobierno chileno al municipio de Salvador de Bahía. "Nuestro pueblo trae un poco de espíritu de alegría, de unidad. Para nosotros es un enorme honor participar en este carnaval".

El ministro de Cultura, José Weinstein, espera que los Carnavales Culturales continúen en Valparaíso. "Es siempre oportuno resaltar las maravillas de esta ciudad que está al nivel de otros puntos del mundo, como Salvador de Bahía. Ambos son puertos patrimoniales y debemos aprovechar las experiencias de los brasileños para avanzar en este tema", dijo.

El secretario de Estado invitó –con el edificio de Correos de Chile, que a partir del próximo año albergará las oficinas del Ministerio de Cultura, como telón de fondo– a participar en estos movimientos artísticos que en Valparaíso se gestan día a día, dándole la razón a la intuición de Ricardo Lagos, quien apenas asumió la Presidencia en el 2000, decidió convertir a esta ciudad en el centro neurálgico de las artes y letras de este país.

El presidente de la Fundación Valparaíso, Todd Temkin, no quiso faltar a la cita y destacó la presencia de Salvador de Bahía en estos Carnavales Culturales, puesto que "son similares en varias cosas. En especial, en el tema de la fisonomía arquitectónica. Además de que ambas ciudades son puertos".

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

EL MERCURIO - CHILE
DEZEMBRO 2003

Agradeció a los "embajadores de Bahía"

Lagos dio la bienvenida al color

▶ **También destacó significado** de la Plaza Sotomayor como punto de encuentro.

El discurso del Presidente de la República, Ricardo Lagos, inauguró los Carnavales Culturales 2003 en Valparaíso. Sólo tuvo palabras de agradecimiento a los "embajadores de Salvador de Bahía", como denominó a los artistas.

"Gracias a estos embajadores de Bahía. A estos embajadores que representan a ese pueblo maravilloso, multifacético, con tantas raíces, con tanta fuerza, con tanto sabor y con tanta música. Aquí estamos contentos de recibirlos en esta tercera jornada cultural de Valparaíso. En este año, 2003, cuando Valparaíso es también ahora Patrimonio de la Humanidad, como lo es Bahía", dijo.

También se declaró contento de "recibirlos en esta plaza (Sotomayor), donde el año próximo estará la sede del Ministerio de Cultura, en el corazón de Valparaíso. De recibirlos aquí, este año, cuando hemos recibido a un Gonzalo Rojas, a un (Antonio) Skarmeta, con un Premio Cervantes, con un Premio Planeta".

Según Lagos, los Carnavales Culturales son "una invitación al artista, a crear, a soñar, a pensar. Por eso estas jornadas, en que hoy con alegría recibimos a los amigos de Bahía, tal como ayer recibimos a los amigos de Barcelona, de España, y de Guanajuato, de México. Con ellos acá nos hermanamos. Hoy somos socios de una aventura común".



Un Birimbau para el Presidente.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 230 29/04/10 02:33

AGENDA

Para pararse a bailar

El Ballet Folclórico de Bahía, el más famoso del mundo, llega a Bogotá.

EL DIARIO estadounidense *New York Times* la consideró la mejor compañía de danza folclórica del mundo. Y tal afirmación tiene mucho de peso y también mucho de dónde sustentarse. Con 28 integrantes, entre bailarines, músicos y cantantes, el Ballet Folclórico de Bahía, de Brasil, divulga y presenta las más importantes manifestaciones folclóricas de su país. Para hacerlo se apoya en danzas algo más conocidas, como la samba de roda o la samba reggae, y la capoeira, y en otras menos divulgadas en el país como la del maculele, el berimbay, la puxada de rede y los cantos tradicionales. Todas con colorido y con fuerza escénica.

El grupo se formó en 1988 y se consagró a prepararse para presentar espectáculos de calidad. Su estreno internacional fue en el festival de Alexanderplatz, en Berlín, ante 50.000 personas, donde fueron aplaudidos por más de 15 minutos. La actual gira se llama Bahía de todos los colores y sobre ella comentó el *New York Times*: "*Con el Ballet Folclórico de Bahía todos los comentaros son en superlativo. Nadie tuvo prisa por volver a casa*".

Se presentará el sábado 7 de junio a las 7:30 de la noche en el Teatro de Bellas Artes de Bogotá, en Cafam de la Floresta.



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Auténtico folclor bahiano



'Bahía de todos los colores' es el espectáculo que presentará el Ballet Floclórico de Bahía este sábado en el Teatro de Bellas Artes de Bogotá.

/ Cortesía Embajada de Brasil

EL ESPECTADOR - COLÔMBIA
JUNHO 2008

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

LINA MARÍA GÓMEZ GONZÁLEZ

Hace 20 años, en medio de la riqueza folclórica de Bahía se forjaba la creación de una compañía que representara la cultura popular bahiana de la forma más pura. Fueron los bailarines y coreógrafos Walson Botelho y Ninho Reis quienes tomaron la iniciativa de fundar una colectividad de este tipo, a la que dieron por nombre Ballet Folclórico de Bahía.

Fue durante la celebración de los 100 años de la abolición de la esclavitud en Brasil, en agosto de 1988, que Walson y Ninho se presentaron por primera vez con la compañía. Y ahora, para celebrar sus dos primeras décadas de trabajo artístico llegan a Colombia con un espectáculo llamado *Bahía de todos los colores*.

Este montaje es descrito por Walson Botelho como el mejor reflejo de la cultura bahiana. *Bahía de todos los colores* fue la primera coreografía de la compañía y ahora la retoman para celebrar sus 20 años. Es un espectáculo que mezcla las diferentes manifestaciones culturales de esta región del Brasil, pero sobre todo es un homenaje a todas aquellas culturas que enriquecieron el folclor de Bahía, en especial, la africana.

En este tiempo de trabajo, la compañía ha tenido varios cambios que han ido de la mano de la creación. Hasta el momento suma 30 coreografías y los reconocimientos en diferentes lugares del mundo. El Ballet Folclórico de Bahía es considerado como la mejor compañía de danza folclórica del mundo por la Asociación mundial de críticos de danza, entidad liderada por el periódico *The New York Times*.

"Un punto que nos une es el lenguaje afrobahiano, puesto que la cultura africana fue la que más se consolidó en Bahía. Y a través de éste logramos proyectarnos internacionalmente", reconoce Botelho sobre el éxito de la compañía.

El Ballet Folclórico de Bahía se traduce en el escenario en una explosión de colores, movimientos y ritmos de tambores que hacen de sus espectáculos una exótica puesta en escena, y según Walson Botelho, la mejor forma de conocer a Brasil.

La compañía se presentará mañana en el Teatro de Bellas Artes de Bogotá. Informes: Tel. 593 63 00.

EL TIEMPO - COLÔMBIA

JUNHO 2008

SÁBADO

EL TIEMPO

www.eltie

BOGOTÁ - COLOMBIA - 7 DE JUNIO DE 2008

AÑO 97 - No. 34163 - 102 PÁGINAS - 5 CUADERNILLOS

LLEGÓ BALLET CON INFLUENCIA AFRICANA



Archivo particular

HOY SE PRESENTA EN BOGOTÁ el Ballet Folclórico de Bahía (Brasil). En esa región, el 90 por ciento de la población es de origen africano y en música destacan las huellas de Nigeria, Angola, Senegal y Mozambique. **2-4**

SÁBADO 7 DE JUNIO DE 2008 EL TIEMPO

BOGOTÁ 2-9



BALLET

BALÉ FOLCLÓRICO DE BAHÍA. Danza, acrobacia y canto de este grupo brasileño que en su espectáculo le hace homenaje a Bahía. Hoy, 7:30 p.m. Teatro de Bellas Artes. Avenida carrera 68 No. 90-99. Boletas, entre 30.000 y 45.000 pesos.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 233 29/04/10 02:33



LLEGA EL BALLET FOLCLÓRICO DE BAHÍA

Danza el espíritu de un pueblo

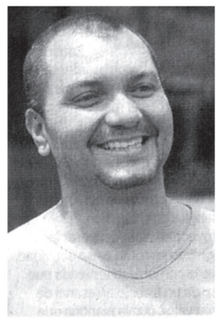
Hoy, en el Teatro de Bellas Artes de Cafam, el grupo emblemático de Brasil.



Archivo particular

'**Uno ve un** bailarín y sabe si es de Bahía o no'; dice Walson Bothello.

> Es un resumen de los países que influyeron en la formación de Bahía, adonde llegaron negros de Nigeria, Angola, Senegal y Mozambique. La mayor influencia es la de los yoruba".
>
> **Walson Bothello,** director del Ballet Folclórico de Bahía.



"Lo bahiano es lo bahiano", dice Walson Bothello, director del Ballet Folclórico de Bahía (Brasil), para hacer notar que quien nace en ese estado del oriente de ese país es diferente a todos los demás compatriotas.

Con un 90 por ciento de población negra, su cultura está marcada por lo africano y sus derivados brasileños.

Algunos como la danza maculele o la más conocida capoeira, son practicadas de manera cotidiana y natural por muchos de los bahianos.

Esa forma de ver el mundo es lo que muestra el ballet compuesto por un conjunto de 16 bailarines, cuatro músicos y dos cantadoras, estas últimas andan por los 60 años.

Bothello ha recorrido el camino que lo llevó de ser un grupo casi marginal a ser reconocido internacionalmente. Creó el grupo cuando la danza folclórica era vista como algo "de pobres o que no era arte", y logró atravesar el tedio que produjo el excesivo número de compañías de su tipo (en toda América y sobre todo en los países bajo la influencia de la antigua Unión Soviética) y logró llevarlo a niveles profesionales hasta alternar con el famoso Bolshoi y a ser reconocido en Berlín, Nueva York y en la Bienal de la Danza de Lyon, uno de los festivales más exigentes del mundo.

Él dice que el secreto del éxito consiste en que todos sus integrantes nacieron en Bahía.

En 20 años no ha habido un solo bailarín que sea de afuera y no porque no dominen las técnicas de danza contemporánea o clásica sino porque quienes integran el ballet deben mostrar de manera espontánea la cultura bahiana.

"Es algo que se ve a la hora de bailar. Uno ve a un bailarín y sabe si es de Bahía o no –dice–. Eso es de gran importancia porque en Bahía de todos los colores (nombre de la obra que muestra mañana en el Teatro de Bellas Artes, de Cafam Floresta, en Bogotá) hacemos un retrato de la Bahía negra mediante distintos cuadros".

En ellos se destacan la Danza de origen y la Danza de la felicidad.

"Se trata de un resumen de todos los países que influyeron en la formación de Bahía, adonde llegaron negros de Nigeria, Angola, Senegal y Mozambique. En la región la mayor influencia es la de los yoruba", explica el director Durante hora y treinta minutos llevan las danzas populares a niveles que solo bailarines profesionales pueden lograr.

"Al agregar la danza contemporánea no estamos quitando originalidad al baile. Antes, durante un baile alguien del pueblo podía, por ejemplo, dar un giro o un salto solamente, porque no eran profesionales. Un bailarín de danza contemporánea puede dar diez consecutivos", explica Bothello.

En la presentación promete ir de menos a más en un despliegue de energía propio de un grupo con el espíritu de Bahía.

TEATRO DE BELLAS ARTES. AV. CARRERA 68 NO. 90-99 (CAFAM FLORESA). BOLETAS DESDE 30 MIL HASTA 45 MIL PESOS. EN TUBOLETA.COM.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Danzas con sabor a caipirinha



Mañana, en única función, se presenta el Ballet de Bahía.

El sabor, la música y las tradiciones del Pelourinho, el centro histórico de Salvador de Bahía (Brasil), se trasladan por una noche a Bogotá para calentar el ambiente.

Danzas sensuales que van en aumento serán interpretadas por 16 bailarines, cuatro músicos y dos cantantes con una fuerza muy especial.

Bahía de todos los colores es el nombre de un espectáculo que mezcla la cultura popular de esta región con un lenguaje moderno.

En este montaje de danza se podrán apreciar bailes como *Maculele*, una propuesta que nació en las plantaciones de caña de azúcar, durante la época de la Colonia, que da cuenta de la situación que vivían los esclavos en una zona donde las costumbres africanas, indias y europeas estaban en constante integración.

De Brasil para el mundo

El Ballet Folclórico de Bahía, creado en 1988, se ha posicionado como uno de los mejores grupos internacionales. Según varios círculos de críticos teatrales, están calificados como "la mejor compañía de danza folclórica del mundo".

Ha tenido funciones en escenarios de Estados Unidos, Francia, Canadá, Alemania, Portugal, Finlandia, Suecia y Dinamarca, entre otros.

Para el director de la compañía Walson Bothello, quien comenzó a bailar desde los 13 años y es un profundo conocedor de la cultura bahiana, lo que define a los bailarines que conforman su compañía es que no solo deben dominar la técnica, sino también tienen que tener el espíritu, la energía y la espontaneidad de una persona que haya nacido en Bahía.

Una característica de este principio es que, en 20 años de historia, este grupo solo ha recibido a un bailarín que no pertenecía a esta ciudad y el resultado fue adverso, ya que solo duró una semana en el grupo. Así, han desarrollado un nivel técnico y un lenguaje corporal propio que los identifica.

Dentro de sus coreografías la samba de roda, la samba reggae y la capoeira serán algunas de las técnicas que lo harán olvidar por un rato que usted está en Bogotá.

Datos prácticos

Teatro de Bellas Artes, de Cafam Floresta. Av. carrera 68 No. 90-99. Teléfono: 644-4900.



Walson Bothello, director del Ballet de Bahía.

Archivo particular

Además de las danzas, se presentará un concierto de berimbau (instrumento musical brasileño) y un repertorio de cantos tradicionales de Bahía, a partir de las 7:30 p.m. en el Teatro de Bellas Artes, de Cafam.



Más de 20 artistas en escena danzarán mañana.

Dato curioso

El ballet solo cuenta con bailarines de Salvador de Bahía.

Cuándo y cuánto

Única función el sábado a las 7:30 p.m. Boletas desde 30 hasta 45 mil pesos.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 235 29/04/10 02:34

Pleins feux

Rendez-vous avec le Brésil

L'office municipal de la culture de Pointe-à-Pitre prépare activement la semaine culturelle brésilienne prévue pour se dérouler du 22 au 29 octobre.
Le Brésil connu pour son football et le carnaval de Rio, fera bientôt vivre et partager d'autres facettes de sa très riche culture. Le public pourra découvrir des expositions artistiques et pédagogiques (peintures, pierres précieuses...).
On pourra y voir des peintures venant du musée d'art moderne de Bahia. Au cours de cette semaine, le public pourra participer à des conférences et débats, notamment avec le Dr Edvaldo Pereira Brito, professeur d'université et ancien maire de la ville de Salvador, ancien secrétaire à la Justice de l'Etat de Bahia. Il y aura également des danses, avec un ballet folklorique, des projections de films inédits et des ateliers de danse, ainsi que le travail de pierres précieuses.
Ces master-classes seront l'occasion d'échanges et de découverte des techniques et des matériaux utilisés par les artistes et les artisans brésiliens.



FRANCE-ANTILLES MAGAZINE - GUADELOUPE
OUTUBRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 236 29/04/10 02:34

Dans le cadre de ses activités, l'Office de la Culture de Pointe-à-Pitre organise, du 22 au 29 octobre 2001 une semaine culturelle dédiée au Brésil, notamment à la ville de Bahia.

Le Brésil réputé pour son football et son carnaval nous fera bientôt vivre et partager d'autres facettes de sa riche culture, l'objectif étant de montrer la proximité culturelle qui existe entre Bahia et la Guadeloupe.
Au cours de cette semaine plusieurs activités seront réalisées :

• des expositions, une de peintures venant du Musée d'art moderne de Bahia, une autre de pierres précieuses (à caractère pédagogique) ; cette exposition permettra de voir le travail réalisé depuis l'extraction de la pierre jusqu'à la phase finale c'est-à-dire, le bijou ou autre produit.
• des conférences et des débats, notamment avec le Dr Elvado Pereira Brito, professeur d'université à Sao-Paolo et à Bahia.
• Des ateliers de danse,
• des rencontres avec le monde artistique,
• et pour clôturer cette semaine, le ballet folklorique de Bahia se produira sur la scène du Centre des Arts afin d'offrir au public guadeloupéen un spectacle de toute beauté.

Voici quelques petites informations sur l'Etat de Bahia.
Il est situé au Nord-Est du Brésil et baigné par l'Océan Atlantique. Il compte 982 km de côtes, 2 baies, plus de cent îles et un nombre incalculable de rivières.
Au niveau du climat, la température moyenne est de 27°C.
L'Etat de Bahia est traversé par la ***Serra do Espinhaço*** qui prend le nom de Chapada Diamandina (1 850 m) et du Sud au Nord par le ***Sao francisco***. On y pratique l'élevage de bovins, la culture du maïs, du cacao, canne à sucre, manioc.
Le centre historique du Salvador est le plus grand ensemble architectural de style colonial de l'Amérique Latine. Le quartier de Pelourinho est un incroyable centre de loisirs de jour et de nuit avec ses bars, ses boutiques d'artisanat et de pierres précieuses, ses restaurants et des animateurs qui chantent et dansent au rythme de ce qui a de plus pur dans la musique afro-brésilienne…

Au programme de cette semaine culturelle Brésilienne à Pointe-à-Pitre :

23 octobre :
- Ouverture des expositions (pierres précieuses et art moderne) au Centre des Arts et au Centre Rémy Nainsouta,
- le soir : Club de lecture (hommage à Jorge Amado).

24 octobre :
- conférence de M. le Dr Elvaldo Brito, professeur de Droit constitutionnel à la faculté de droit de Bahia, au centre Rémy Nainsouta à 18h30

24 octobre :
- Début des Masters-class de danse et conférence sur «**la danse des orishas dans le candomblé à Bahia**»



25 octobre :
- Conférence de Monsieur Edvaldo Brito sur «**la protection juridique des minorités au Brésil**» à 18h à l'Université.

25 octobre:
- Spectacle **«Bailé folclorico da Bahia»** (séances scolaires)

26 octobre :
- Spectacle **«Bailé folclorico da Bahia»** tout public, au Centre des Arts.

Les Master-class de danse seront dirigés par Mme Suzanna Martins, professeur de danse pour les professionnels et les professeurs d'arts scéniques à l'Université Fédérale de Bahia.
Diplômée de l'école nationale de danse du Brésil UFBA en 1974, ensuite, maître de l'éducation université de Philadelphie en Pennsylvanie en 1980, elle est enfin docteur de l'éducation à l'université du temple (Philadelphie) en 1995.
Elle a récemment dirigé plusieurs ateliers et master-class de danse à Amsterdam en Hollande pour la compagnie de danse *Elshout* et *Händler.*
Les objectifs de ces master-class de danse sont de :
• donner aux jeunes la possibilité de se confronter à d'autres artistes, tout en découvrant et intégrant quelques aspects des danses du Brésil ;
• savoir exploiter la partie commune de nos racines ;
• créer une œuvre tout à fait originale.

Cette manifestation se déroulera du 24 au 27 octobre 2001 au Centre des Arts, avec comme partenaires la Ville de Pointe-à-Pitre et l'Etat.

On attend de nombreux jeunes de Pointe-à-Pitre et de son agglomération ayant déjà une expérience dans le domaine de la danse.

L'exposition de pierres précieuses, elle, se déroulera au Centre Rémy Nainsouta du 23 au 27 octobre 2001 en partenariat avec la Ville de Pointe-à-Pitre et l'Etat.
Il y a deux objectifs pour cette exposition :

• La découverte des techniques d'exploitation du sous-sol Brésilien ,
• et, l'échange d'information entre jeunes artisans sur les matériaux respectivement utilisés au Brésil et en Guadeloupe.
Cette exposition est ouverte à tout public cependant elle risque d'intéresser un peu plus les jeunes artisans, bijoutiers et collectionneurs de pierres.

Cette semaine culturelle brésilienne aura aussi une touche cinématographique avec la projection de films que l'on a pas l'occasion de voir sur le grand écran.
Ces films seront diffusés au Centre des Arts, à la Place de la Victoire et au Centre Rémy Nainsouta.

La troupe «***Balé Folclorico da Bahia***», qui sera présente également à cette semaine culturelle, est la seule compagnie de danse traditionnelle professionnelle du Brésil. Elle a été fondée en 1989 par Walson Bothelo et Ninho Reis.

Malgré sa jeune histoire, elle a déjà remporté de remarquable succès en tournées nationales et internationales. Les 32 membres de la troupe musiciens, danseurs et chanteurs se produisent dans un répertoire basé sur les danses folkloriques de Bahia, d'origine africaine pour la plupart, comprenant également des danses d'esclaves (capoeira, sambas…). La compagnie représente les plus importantes manifestations culturelles de la région d'un point de vue contemporain très théâtralisé et qui reflète ses origines populaires.

Grâce à son succès aux «Biennales de la Danse» de septembre 1994 à Lyon, et aussi au fait d'avoir été remarqué par le *New York Times,* la troupe a voyagé dans le monde entier dans des lieux aussi prestigieux les uns que les autres tel que : Le *City Center* (New York), le *Sydney Opera House* (Sydney), le *schubert theater* (Boston) et bien d'autres encore…

Le «ballet folklorique de Bahia» donnera deux représentations à Pointe-à-Pitre, une le 25 octobre et l'autre le 26 octobre au Centre des Arts. En espérant, que la population viendra nombreuse voir cette troupe de notoriété internationale.

Il ne faut pas non plus occulter les deux conférences qui seront animé par M. le Dr Edvaldo Brito.
Le Dr Edvaldo Brito, docteur en droit, avocat spécialisé en droit de l'entreprise, droit administratif et droit constitutionnel exerçant à Bahia et Sao-Paulo.
Professeur de législation fiscale à l'Université d'état de *«Feira de Santana (Bahia)* ainsi que de droit fiscal, droit financier et sciences des finances à la faculté de droit de l'Université Fédérale de Bahia.
Il fut notamment, Maire de la ville du Salvador, capital de l'Etat de Bahia ainsi que secrétaire à la justice de l'Etat de Bahia.

C'est une semaine culturellement riche qui s'annonce et elle ne saurait se passer du soutien de la population pointoise et guadeloupéenne afin de faire avancer l'idée de « Culture sans Frontières».
Pour avoir de plus amples renseignements vous pouvez contacter l'Office Municipal de la Culture de Pointe-à-Pitre par :
téléphone au : **0590 21 69 00.**
fax au : **0590 21 68 99**
ou bien par e-mail :
office-municipal-de-la-culture2@wanadoo.fr

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 237 29/04/10 02:34

FRANCE-ANTILLES MAGAZINE - GUADELOUPE
OUTUBRO 2001

Le Brésil à Pointe-à-Pitre

Du **22 au 29 octobre**, la mère patrie du foot et du carnaval endiablé vient nous faire découvrir d'autres **facettes méconnues de son patrimoine.**

Cette semaine orchestrée par l'Office Municipal de la Culture de Pointe-à-Pitre (dirigée par Henri Angélique) met Bahia dans tous ses états artistiques, et ce une semaine durant. Plusieurs activités seront réalisées à cette occasion, citons : une lecture-hommage à Jorge Amado, des projections de films (Chivas de Verao et Orfeu de Carlos Diegues, O Amuleto de Ogun de Nelson Pereira dos Santos et Central do Brasil de Walter Salles), des expositions, une de peintures venant du Musée d'Art moderne de Bahia, une autre de pierres précieuses à caractère hautement pédagogique. Elle nous permettra de connaître le sous-sol brésilien, une facette de son économie et de voir le long et minutieux travail effectué depuis l'extraction des pierres (agathe, tourmaline, topaze impériale, algue marine, améthyste et citrine entre autres) jusqu'à la phase finale, c'est à dire le bijou ou tout autre produit artisanal.

Carrefour entre deux mondes proches

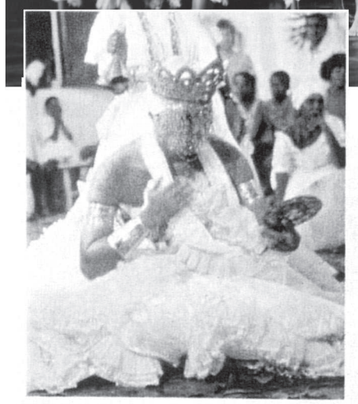
Cette exposition sera aussi une bonne base de discussion et d'échanges entre artisans-bijoutiers, joailliers de la Guadeloupe et du Brésil. Il y aura des conférences (La protection juridique des minorités au Brésil) avec le Dr Edvaldo Pereira de Brito, avocat, ancien maire de la ville de Salvador, professeur d'université à Sao Paolo et à Bahia, des ateliers de danse et des rencontres diverses avec le monde artistique brésilien en général (sculpteurs, musiciens, danseurs, chorégraphes, cinéastes, etc.) Et pour clôturer en beauté cette semaine dédiée au Brésil, le Balket folklorique se produira en un grand show festif au Centre des Arts. Parmi les danses venues de Salvador et de Bahia, on peut s'attendre à voir quelques prestations flamboyantes autour de la danse

Carnaval

de Yemaya et du cadomblé, avec tous ses rites mystico-religieux nés du brassage des cultures de l'Afrique et du continent américain.
Henri Angélique de l'Office municipal de la culture de Pointe-à-Pitre : *"Cette semaine du Brésil sera une source fructueuse de dialogues, de rencontres entre deux peuples, entre des pratiques culturelles, agricoles (cacao, canne à sucre…) ancestrales et modernes, avec l'Afrique en sous-bassement et le reste du monde en apports. Ce sera aussi une semaine du Brésil, inter-générations avec des activités grand public, d'autres plus spécifiquement adressées aux jeunes, à des artisans, etc. Et puis, comme vous le savez, ce sont deux pays qui ont tant de choses en commun, le métissage, le périple historique né de la Traite et un amour absolu de la vie malgré les aléas."*



© Philip Martin



Féerie des costumes

Marie-Line Ampigny

Le Balé folclorico da Bahia en vedette

C'est la seule Compagnie de danse traditionnelle professionnelle du Brésil. Elle a connu, malgré son jeune âge, des remarquables succès en tournée tant nationales qu'internationales (Brésil, New York, Toronto, Copenhague, Helsinki, Lisbonne, Sydney…).
Les 32 membres de la troupe (musiciens, danseurs, chanteurs) se produisent dans un répertoire basé sur des danses gestuelles d'origine africaine pour la plupart, mais qui comprennent aussi des danses d'esclaves, de la capoeira (chorégraphies d'art martial), de la samba et d'autres danses liées au carnaval. Féérie de sons, de mouvements, de rythmes et de costumes au Centre des Arts…

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 238 29/04/10 02:34

Pointe-à-Pitre

Semaine d'animation culturelle

Le Brésil dans la ville

La Semaine culturelle brésilienne organisée par l'office municipal et de la culture de Pointe-à-Pitre se poursuit jusqu'à vendredi.

C'est en présence du consul de la ville de Bahia au Brésil, Maria-Louisa Vitalis que le comité d'organisation avait convié la presse, lundi soir pour une présentation de l'organisation de la semaine culturelle du Brésil. Sous la conduite du directeur de l'office culturelle, Jacques Bangou, des représentants du CORECA (association locale qui s'occupe d'échanges avec la Caraïbe) et du Centre d'analyse géopolitique, du directeur du Centre des arts et de la culture, partenaires actifs de l'organisation et de nombreuses personnalités du monde culturel, les premiers échanges symboliques et protocolaires ont pu être consommés.

Conférence et danse

Le programme d'animation s'articulera autour de rendez-vous importants et attendus telle cette conférence-débat avec la participation du juriste et ancien maire de Bahia, d'Edvaldo Pereira de Brito qui aura lieu aujourd'hui. Thème retenu : « la place des noirs dans la société de bahia » ou encore « la protection des minorités du Brésil, d'un côté ». Il y aura également des expositions de pierres précieuses. La diffusion de films brésiliens tels Orfeu ou encore Central do Brasil. La danse occupera une place de choix sous la conduite de Suzana Martins, professeur de danse et d'arts scéniques à l'université fédérale de Bahia. Elle animera entre outre, un débat sur la présence des Orishas dans le gandomblé à Bahia. Outre ces animations, le clou de cette semaine de partage culturel demeure sans contexte la présence du ballet folklorique de Bahia, Baile folclorico da Bahia. Un spectacle à voir le 25 et 26 au Centre des arts.

Jean Rennéla



Le ballet folklorique de Bahia est à découvrir.
(Photos : J. Re.)

FRANCE-ANTILLES MAGAZINE - GUADELOUPE
OUTUBRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 239 29/04/10 02:34

FRANCE-ANTILLES MAGAZINE - GUADELOUPE

OUTUBRO 2001



Pointe-à-Pitre au rythme du Brésil

■ Invités de la Semaine culturelle brésilienne, les artistes de Bahia font découvrir leurs talents.

■ Plusieurs manifestations sont programmées jusqu'à vendredi, dont le spectacle des ballets folklorique, Baile folclorico da Bahia, au Centre des arts, demain et vendredi.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Bahia do Brasil, la fête continue

Bahia do Brasil achève samedi son séjour à Pointe-à-Pitre. Plus que deux jours sous le signe de la fête, de la danse, de l'artisanat et de l'art moderne...

"Bahia de todas as cores" ("Toutes les couleurs de Bahia"), tel est le thème sur lequel se produiront les 32 membres du Balé Folcòrico da Bahia pour leur deuxième et dernière soirée au Centre des arts de Pointe-à-Pitre, ce vendredi, dans le cadre de la Semaine du Brésil. *"Nous y montrons les scènes les plus importantes de la vie de Bahia*, explique Walson Bothelo, directeur général et cofondateur, en 1988, de cette compagnie de danse traditionnelle professionnelle unique au Brésil. *Ce sont notamment les prières des hommes et des femmes pour implorer la protection divine durant la pêche ; ou bien la danse dramatique (makulele) qui célèbre la fin de la coupe de la canne à sucre à Santa Maria, au nord de Salvador. Nos danses sont d'origine africaine pour la plupart. Ce sont des danses d'esclaves, de la capoeira* (forme très chorégraphiée d'art martial, Ndlr), *de la samba, et d'autres danses propres au carnaval."*



Le Balé Folcòrico da Bahia, à voir encore au Centre des arts ce vendredi. Photo : Marisa Vianna

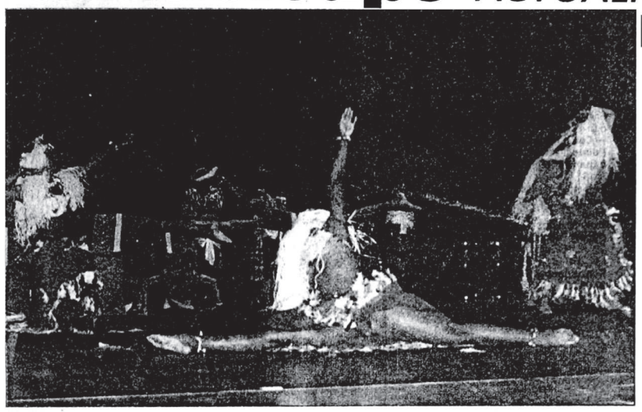
De la danse toujours, avec le dernier atelier de l'Akadémiduka, ce samedi, (300 F pour six heures), et les master class de danse du Centre des arts qui se déroulent jusqu'à samedi également. Par ailleurs, il faut se dépêcher pour admirer les deux expositions proposées depuis mardi. L'une présente des peintures du Musée d'art moderne de Bahia, l'autre, pédagogique, une collection de pierres précieuses : Barbosa de Freitas, le seul bijoutier lapidaire pour les particuliers de Guadeloupe et de Martinique, y montre les différentes étapes du sertissage, de la pierre brute à la réalisation de modèles finis.

B. B.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 241 29/04/10 02:34

SAMEDI 27 ET DIMANCHE 28 OCTOBRE 2001
FRANCE-ANTILLES



Une danse très physique

La forme physique et la grande dextérité des danseurs à exécuter des figures qui se rapprochent parfois des combats à coups de pieds, font penser à la danse du damier martiniquais.

DANSE. Semaine « Brazil » à Pointe-à-Pitre

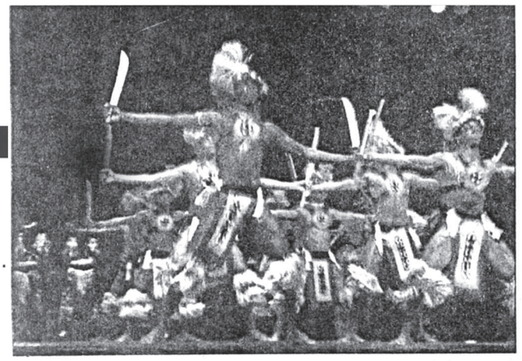
Décoiffants, les Brésiliens !

■ De toutes les manifestations organisées du 22 au 29 novembre à Pointe-à-Pitre, dans le cadre de la semaine brésilienne, c'est la danse qui aura le plus marqué le public.

■ La troupe Balé folchlorico da Bahia a impressionné les collégiens de Lamentin, du Raizet et de Pointe-à-Pitre, venus nombreux jeudi après-midi au Centre des arts et de la culture.

■ Acrobatie, synchronisation des chorégraphies, chants et musiques traditionnels et couleurs chatoyantes ont fait le succès de cette troupe, présentée comme l'une des plus prestigieuses du Brésil.





Une bonne synchronisation

La valeur de la troupe s'est mesurée dans sa capacité à synchroniser certains ballets, avec des dizaines de danseurs sur une scène limitée. *(Reportage : Sylvère Selbonne et Harry Mapolin)*



Tels des guerriers

Des coups de pieds près du visage de l'adversaire, donnant des frissons aux spectateurs, des sauts retournés, des pirouettes dans tous les sens ont tenu le public en alerte durant toute la prestation de la troupe.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 242 29/04/10 02:34

Benéfica fiesta

brasileña

Yomaris Rodríguez
ESCENARIO

En su compromiso porque la educación de excelencia basada en principios católicos jesuítas sea accesible a todos los niños y jóvenes, el Colegio San Ignacio de Loyola traerá a Puerto Rico al Balé Folclórico Da Bahia, el cual se presentará a beneficio del Programa de Ayuda Económica del colegio el 21 de abril en el Centro de Bellas Artes de Caguas.

Esta es la vigésimosexta Actividad Cultural de la institución educativa y a su vez imparte un giro a lo antes presentado con la participación artística de este grupo que es la única compañía de danza folclórica profesional de Brasil.

Además de la gala, por vez primera habrá una función especial para estudiantes (20 abril, 10:00 a.m.) a un costo de $10 y posiblemente una para público en general (el 22 de abril). En otras ediciones contaron con Plácido Domingo, el Coro de Niños de Viena, espectáculos de comedia y conciertos de música clásica, entre otros.

El grupo de 38 bailarines fue seleccionado por el Comité de Desarrollo y la asesora cultural Mari Torres Hutchinson, quien inicialmente los propuso. Con este nuevo espectáculo de danza esperan recaudar cerca de $80,000 para nutrir el fondo de becas que beneficia al 17 por ciento del estudiantado con becas totales y parciales desde séptimo grado hasta cuarto año. Ese porcentaje esperan aumentarlo al 20. Al presente, ha ayudado alrededor de 500 jóvenes.

"Estamos muy entusiasmados porque anteriormente trajimos artistas de Europa y Norteamérica y ahora miramos al sur. Pensamos que será un espectáculo muy rico para el quehacer cultural de Puerto Rico", expresó padre Mario Alberto Torres, presidente del colegio.

Acto seguido, abundó sobre el propósito del programa de becas institucionalizado hace 35 años. "Perseguimos el objetivo del Santo San Ignacio que quería hacer accesible la educación del colegio a todos los ámbitos sociales, él deseaba que el 100 por ciento de los estudiantes fueran becados. Iniciamos el programa de Ayuda Económica para acercarnos a su ideal", señaló el sacerdote.

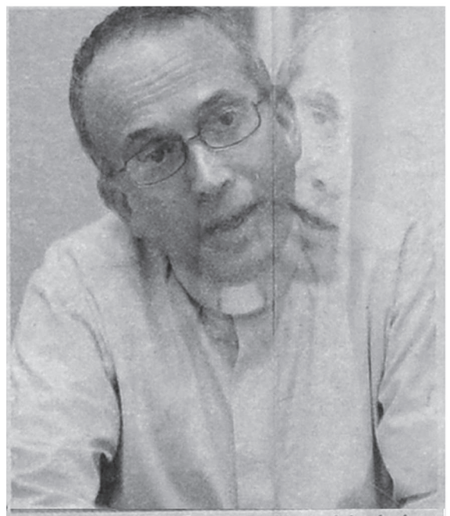
Los alumnos becados son identificados en 125 escuelas públicas del área metropolitana por su potencial, talento y entusiasmo para desarrollarse. Se escoge un grupo de 100 y luego de tomar tutorías para el examen de admisión y entrevistas a los padres se seleccionan alrededor de 12.

"Una vez en el colegio hay personas encargadas de darles seguimiento para que se adapten. La experiencia ha sido que reciben una educación de excelencia y asisten a las mejores universidades. Pero es más hermoso la integración de los becados con los otros estudiantes y con esto vamos uniendo más a nuestro pueblo y a sus diferentes estratas sociales", abundó.

Esta integración busca aumentarla este año con la implementación de medias becas para familias de clase media que no pueden costear en su totalidad el colegio.

Durante su incumbencia de cinco años en la presidencia, padre Mario Alberto Torres ha realizado cambios significativos en el colegio, tanto a nivel de infraestructura como de currículo.

"Con la integración pastoral los maestros llevan las experiencias de fe al salón a través de sus clases para que los estudiantes las vivan, además de los retiros, en los cursos que no son de religión y descubran que su vida está ligada a una de fe. Y que cuando lleguen a cuarto año puedan plantearse cuál es su postura ante Dios", finalizó.



Padre Mario Alberto Torres, presidente del colegio, destaca la relevancia del Programa de Ayuda Económica del Colegio San Ignacio de Loyola, mediante el cual han becado 500 estudiantes.

El Balé Folclórico Da Bahia

Fue creada en 1988 por Walson Botelho y Ninho Reis, y desde entonces presenta un destacado currículo de actividades, especialmente por las giras nacionales e internacionales, los premios obtenidos y por el prestigio alcanzado.

El natural primor técnico-interpretativo de sus profesionales se debe a que Bahia es una región de Brasil donde diariamente se encuentran las más variadas manifestaciones populares. Éstas las da a conocer por medio de la danza, la música y otros aspectos que componen sus espectáculos.

La compañía cuenta con 38 integrantes divididos entre bailarines, músicos y cantantes. Bajo la dirección artística, desde 1993, de José Carlos Santos (Zebrinha), la organización ha alcanzado un nivel técnico de excelencia, llamando la atención de los más exigentes profesionales y críticos del área de danza. En 1996 ganó el premio "Mambembão", otorgado por el Ministerio de Cultura, como elenco con mejor preparación técnica del país.

A nivel internacional debutó en 1992 ante más de 50,000 espectadores en el Festival de Alexander Platz. De ahí surgieron presentaciones en la Bienal de Danza de Lyon, en Francia y junto a destacadas compañías de danza, entre las que figuran Alvin Ailey Dance Company, Ballet of Harlem, Bill T-Jones Dance Company y Dayton Ballet.

Ha recibido críticas positivas de "The New York Times" y a raíz de su actuación en 1994 en la Bienal de Danza en Lyon, despuntó a nivel internacional y dos años más tarde regreso al mencionado evento consagrándose como una de las más importantes compañías de danza del mundo. Desde entonces, ha realizado giras alrededor del mundo haciendo su parada en Puerto Rico para el evento del colegio.

Los boletos de la gala tendrán un costo de $50, $65 y $75 y están a la venta en el colegio (787-250-8620 ó 787-765-3814); y los de la función estudiantil y la posible para público general se consiguen en Ticket Center (787-792-5000).



Sus presentaciones incluyen bailarines, músicos y cantantes.





Para su espectáculo a beneficio del fondo de becas, el Colegio San Ignacio de Loyola traerá al "Balé Folclórico Da Bahia" el 21 de abril en el Centro de Bellas Artes de Caguas.

espectáculos

ESCENARIO - PORTO RICO
FEVEREIRO 2007

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 243 29/04/10 02:35

Cultura

Danza brasileña a beneficio de fondo de becas

Con el apoyo del Municipio Autónomo de Caguas, el Colegio San Ignacio de Loyola presentará el *Balé Folclórico Da Bahía*, el sábado 21 de abril de 2007 en el Centro de Bellas Artes Ángel O. Berríos, de Caguas.

Con el evento, celebrado anualmente para recaudar fondos para el Programa de Ayuda Económica del Colegio San Ignacio de Loyola, también se contribuye al quehacer cultural en Puerto Rico.



El *Balé Folclórico Da Bahía* es la única compañía de danza folclórica profesional de Brasil. Este grupo, creado en 1988, presenta un destacado currículo de actividades, especialmente por las giras nacionales e internacionales, los premios ganados y, además, por un considerable prestigio que se refleja tanto en la respuesta del público, como de la crítica especializada. Su repertorio incluye danzas tan variadas como *Capoeira, Puxada De Rede (Danza de los Pescadores), Boi Bumbá (Buey Bumbá), Xaxado, Maracatu, Maculelé, Afixiré* y *Samba Bamba.* La compañía ha alcanzado un nivel técnico de excelencia, con el que ha llamado la atención de los más exigentes profesionales y críticos del área de danza. Incluso, en 1996 recibió un premio por el buen desempeño del elenco: el premio *Mambembão*, otorgado por el Ministerio de Cultura del Brasil, para el elenco con mejor preparación técnica del país.

"Nunca habíamos presentado una actividad tan variada y alegre como ésta, y nos llena de mucha emoción este nuevo espectáculo," expresó el padre Mario Alberto Torres, S. J., Presidente del Colegio San Ignacio de Loyola. "Esperamos que el público disfrute de esta actividad, la cual presentamos anualmente por una honrosa causa".

Gracias a la ayuda desinteresada de empresas y patrocinadores que se unen al Colegio a través de la Actividad Cultural, el Colegio San Ignacio de Loyola tiene la oportunidad de brindar una educación de excelencia a estudiantes de escasos recursos económicos. Actualmente se beneficia el 17% del estudiantado. La mayoría de estos estudiantes provienen de escuelas públicas. Al graduarse del Colegio, los estudiantes que participan en el Programa de Ayuda Económica, los admiten en las mejores universidades de Puerto Rico y los Estados Unidos, tras lo cual llegan a establecerse como profesionales reconocidos en sus áreas de especialidad. Desde el inicio de la Actividad Cultural, cerca de 500 estudiantes se han beneficiado directamente de los fondos recaudados por este medio.

El Colegio San Ignacio de Loyola es una institución católica de educación intermedia y superior cuya misión es ofrecer una educación católica de excelencia, según la tradición Jesuita, a jóvenes varones que demuestren aptitud, motivación y el respaldo de su familia, para contribuir a la transformación de la sociedad y al anuncio del Reino de Dios. Para la compra de boletos y para mayor información acerca de la Actividad Cultural del Colegio San Ignacio de Loyola, pueden comunicarse al 787-250-8620, o al 787-765-3814, x 233. ■

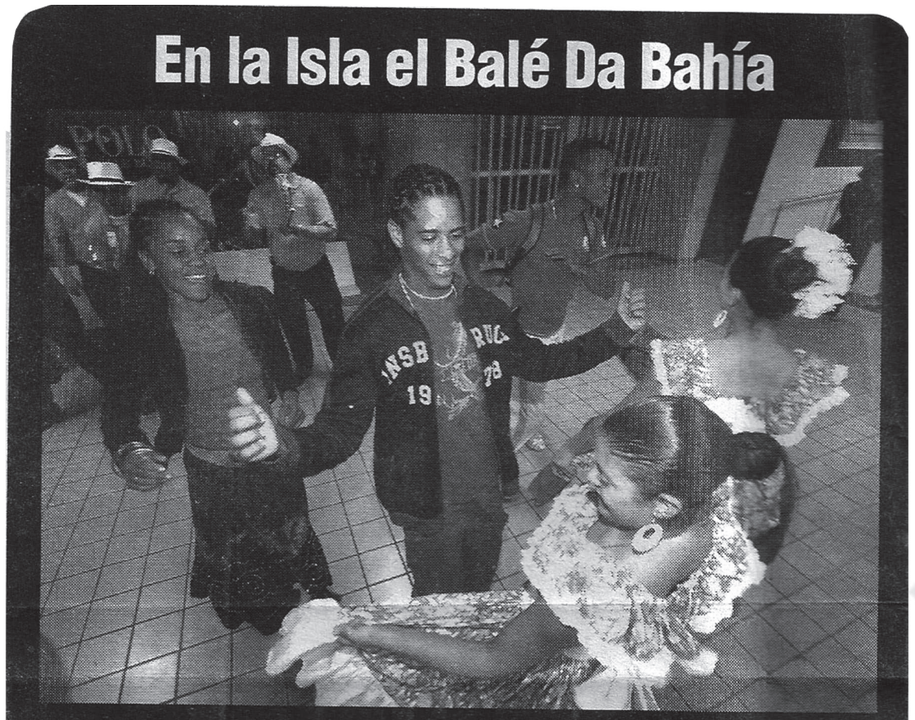


BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 244 29/04/10 02:35

EL VOCERO - PORTO RICO

ABRIL 2007



En la Isla el Balé Da Bahía

Redacción EL VOCERO

El "Balé Folcórico Da Bahía", única compañía oficial de bailes típicos de Brasil, arribó a Puerto Rico la noche del pasado martes con motivo de su debut en la Isla en de la tradicional Actividad Cultural del Colegio San Ignacio de Loyola. La misma se efectuará en la Sala Felipe "La Voz" Rodríguez del Centro de Bellas Artes de Caguas, en dos funciones, el sábado 21 de abril a las 8:00 p.m y el domingo 22 de abril a las 4:00 p.m.

La Compañía de Turismo de Puerto Rico ofreció una cálida bienvenida al "Balé Folcórico", organizada por Rosa Díaz, en la que el ballet típico de Turismo "Puerto Rico te recibe" mostró los bailes puertorriqueños a los artistas brasileños.

Demás está decir que los integrantes del "Balé" se entusiasmaron con nuestros ritmos y bailes los cuales quisieron aprender rápidamente, sin pensar en el cansancio de su largo viaje desde Brasil.

La Actividad Cultural del Colegio San Ignacio se lleva a cabo anualmente para recaudar dinero para el fondo de ayuda económica del Colegio, del cual se han beneficiado cerca de 500 estudiantes en los pasados 35 años. Para información sobre boletos puede llamar a los teléfonos 787-250-8620 ó 765-3814.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 245 29/04/10 02:35

Unidos en la danza por la educación por la educacion

Este fin de semana se presenta el Balé Folclórico Da Bahía como parte de un esfuerzo para recaudar fondos destinados al Programa de Ayuda Económica del Colegio San Ignacio de Loyola

POR ANA TERESA TORO ORTIZ
Especial El Nuevo Día

No es noticia nueva que Brasil y Puerto Rico tienen muchos puntos de encuentro, sobre todo si de cultura se trata. Pero esta vez lo que ha unido a seres de estos dos países es una preocupación en común: la educación de calidad y la formación integral del individuo.

Guiados por esa divisa los integrantes del Balé Folclórico Da Bahía ya se encuentran en la Isla para presentarse por primera vez este sábado a las 8:00 p.m. y el domingo a las 4:00 p.m. en la Sala Felipe "La Voz" Rodríguez del Centro de Bellas Artes de Caguas. Ambas presentaciones serán a beneficio del fondo de becas del Colegio San Ignacio de Loyola, fondo que actualmente provee becas a un 16% del estudiantado.

Uno de los jóvenes beneficiados del fondo estuvo presente durante la conferencia de prensa y destacó la importancia que ha tenido para su formación la oportunidad de estudios que le ofreció el colegio a través de iniciativas como ésta.

"Se nos abren unas puertas y tenemos unas experiencias, es una formación más integral. En algunas escuelas se enfocan en llenar a uno de información y aquí he podido desarrollar mis valores, mi espiritualidad, el liderato y el deporte", expresó Pedro Flores, quien actualmente cursa el cuarto año y es presidente de su clase graduanda.

Los estudiantes que se benefician del fondo de ayuda económica son escogidos a través de un proceso en el que primero son referidos por orientadores y directores de distintas escuelas del País, por destacarse tanto en su desempeño académico como en sus destrezas de liderato en el plantel. Luego toman una prueba y el colegio se compromete a becarlos por espacio de 6 años, puesto que los candidatos son escogidos cuando cursan el sexto grado y de ese modo pueden permanecer durante toda la escuela intermedia y superior.

"Nosotros nos hemos presentado en diferentes partes del mundo pero queremos que sepan que esta presentación es muy importante para nosotros porque somos una compañía sin fines de lucro y sabemos lo importante que es atender l educación, que es la respuesta a u mundo mejor. Además esto es una gra oportunidad para trabajar en conjun to", dijo por su parte Walson Botelh director de la compañía, quien par ticipó de la conferencia acompañad de algunas de las bailarinas.

La vestimenta de las "bahianas" se gún explicó Botelho reflejaba la di versidad cultural de su lugar de ori gen.

"Bahía es otro país dentro de Brasi donde la herencia africana es muy fuer te y dominante... Por ejemplo la ves timenta de ellas en la falda refleja l influencia de Portugal y los colores so claramente africanos. Es mostrar otr cara de Brasil", explicó el director fundador de la compañía que desd 1988 ha trabajado ininterrumpidamen te en su espectáculo que incluye u repertorio de danzas tan variadas com Capoeira, Puxada De Rede (Danza d los Pescadores), Boi Bumbá (Bue Bumbá), Xaxado, Maracatu, Maculelé Afixiré y Samba Bamba, que han pre sentado en diversos escenarios d Oceanía, Europa, América Central América del Norte.



MARIEL MEJÍA ORTIZ

NILDINHA FONSECA, miembro del grupo de danzantes brasileños.

BAHIA

EL NUEVO DIA - PORTO RICO
ABRIL 2007

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

NEWSDAY - TRINIDAD & TOBAGO

MARÇO 1996


TRINIDAD & TOBAGO NEWSDAY Tuesday March 19, 1996 Page 5

THE BAHIA DANCERS perform an invocation dance.



BAHIA DANCERS ON STAGE

BAHIA GIRLS brought the special flavour of Brazil to the Queen's Park Savannah yesterday afternoon when they performed before children at a matinee show. The Brazilian dancers, from the group Bale Folclorico Da Bahia, are being hosted by the Trinidad Folk Performing Company and Aubrey Adams, and partly-sponsored by BWIA.

DANCERS pay tribute to the sea. Photos by KRISHNA MAHARAJ.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 247 29/04/10 02:35

Trinidad Guardian

Wednesday, March 20, 1996 — the Guardian of democracy — 25180



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

TRINIDAD GUARDIAN - TRINIDAD & TOBAGO MARÇO 1996

BOOK 20 ANOS BFB.indd 248 29/04/10 02:35

TRINIDAD GUARDIAN, Wednesday, March 20, 1996

Bahia dancers a hit with 'samba reggae'



AT RIGHT:
ONE of the energetic drummers that accompanied the dancers during their performances. ***Photos by ALDWYN SIN PANG***



BELOW:
A MEMBER of the group encourages this shy member of the audience to dance with him



By DAVID CUFFY

EXTREME physical flexibility was the hallmark of Bale Folclorico da Bahia, the professional folkloric dance company from Brazil, during its performance at the Grand Stand, Queen's Park Savannah, Port-of-Spain, on Monday night.

The world-famous 30-member group of dancers, singers and musicians was here on a cultural exchange visit, presented by Aubrey Adams, artistic director of the Trinidad Folk Performing Company, in collaboration with the national airline, BWIA.

The programme, originally scheduled for Sunday, had to be postponed to Monday as the group's costumes and equipment did not arrive in Trinidad and Tobago on time.

"Stunning," "vivacious," "frenzied," and "vibrant," were just some of the adjectives overheard as some patrons expressed their views of the group's performance when leaving the venue at the end of the three-hours long programme.

Physical vigour and technique brought a vibrant creativity to the dances performed by the group, classified by Bahia's Ministry of Culture as "the best dance company of Brazil." They were enthusiastically received, and won a standing ovation from the full house of spectators at the end of "samba reggae," the final dance item on the programme, which was described as " a mixture of Afro-Bahian rhythms and samba duro with a Caribbean influence."

The quintet of musicians, comprising Marcos Ferreira, Andre Junior, Alcides Morais, Jose Luis Nascimento, and Joel Souza, were brilliant in their accompaniment, and along with singers, Miralva Couto and Dora Santana, formed a harmonic complement to the excellence and exuberance of the colourfully-clad dancers.

Ten dance items were showcased on the programme, beginning with the energetic, "danca de origem" (origin of dance). The first segment also contained the "fisherman's dance," "maculele," "berimbau," "samba de roda," and "capoeira." The latter item which ended the first segment won loud applause.

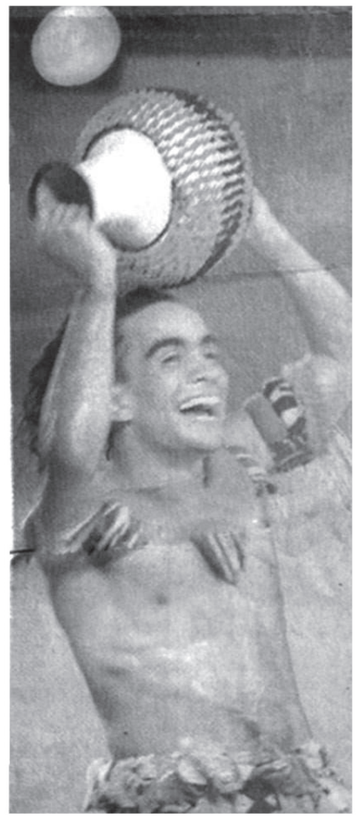
It was a high-kicking dance consisting of a form of martial arts which, it was explained, originated in Africa, and during the colonial period, was taken to Brazil by slaves from Angola.

Opening item after the interval was titled "femeas" (females). Performed by the group's fairer sex, the dance's choreography, according to the programme, was "inspired by the great force and energy of black women who lived in harmony and freedom in Africa until they were transported to Brazil as slaves "

Other dance items in that segment included "ginga," "afixire," and "samba reggae." During the final number, some of the dancers left the stage and went among the audience, encouraging some patrons to get up and dance.

Bale Folclorico da Bahia came here fresh from performances in Europe, and on Broadway in New York. Its repertoire is a mixture of authentic folk-dance and music based on three influences: African, Indian, and European.

The company, with its dancers, musicians and singers, represents the culture, traditions, beliefs, history, colours, music, and movement of the people of Bahia in Brazil. They offered a performance of international standard.



TRINIDAD GUARDIAN - TRINIDAD & TOBAGO
MARÇO 1996

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

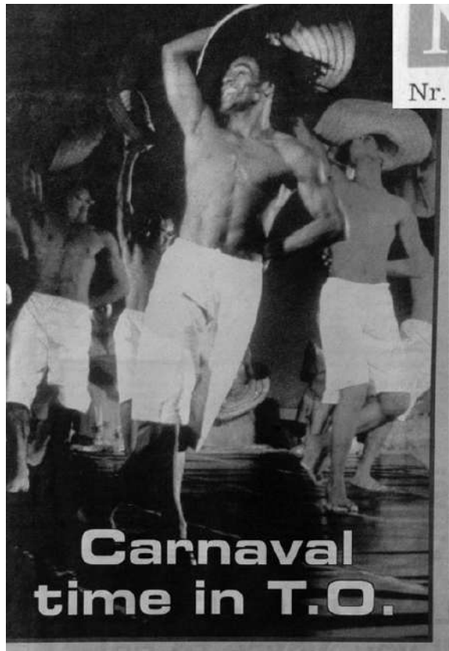
BOOK 20 ANOS BFB.indd 249 29/04/10 02:35

BOOK 20 ANOS BFB.indd 250 29/04/10 02:35

IMPRENSA

NACIONAL

MORGEN
Nr. 114 / Donnerstag, 20. Mai 1999



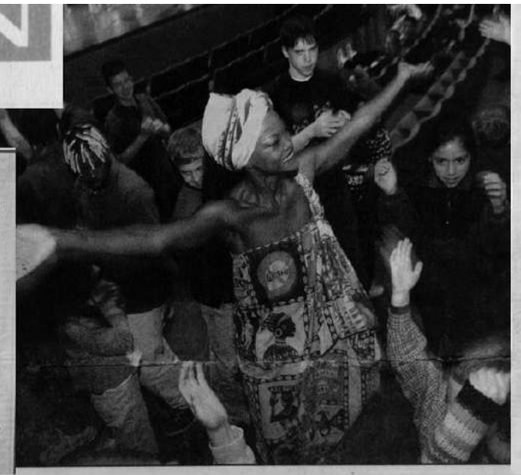
FEEL THE BEAT ... Brazil's only professional folk-dance company, Balé Folclórico da Bahia, brings its Afro-Brazilian dance, song and drums to Massey Hall tonight at 8 in an all-new festive Carnaval 2000 show. See **Page 10** for a photo tribute and **Pages 11-13** for more of what's happening in Toronto.



FYI TORONTO

CARNAVAL 2000

Brazil's Carnaval 2000 Balé Folclórico da Bahia combines street beats, high-flying martial arts and sexy samba. The 32 members of Brazil's top dance company present an authentic Brazilian carnival at Massey Hall tonight at 8 p.m.





BRAUNSCHWEIGER ZEITUNG
Verlag und Redaktion ☎ 3 90 09
FREITAG, 8. SEPTEMBER 2000
UNABHÄNGIG - NICHT PARTEIGEBUNDEN
NR. 210 / 56. JAHRG











Students from the Sacramento area got a taste of South American culture Thursday from the Balé Folclórico da Bahia. Brazil's only professional folk dance group performed a matinee at the Sacramento Community Center Theater. Vera Passos, above, invites the children and their escorts to dance in the aisle. Nildinha Fonsêca, left, portrays Iemanja, God of the Sea. The program was presented by the UC Davis Presents Community Outreach Program. The troupe also was scheduled to perform Thursday night.

See photographs ▶ Hector Amezcua



Het oude Afrika in de Meervaart

Move to the beat

Bale Folclorico da Bahia, an Afro-Brazilian troupe of 32 singers, dancers and drummers, performs a combination of street beat, martial arts and samba in its new program, "Carnaval."

The repertory of authentic folkloric dance and music is based on three different influences that impacted the Brazilian people: African, from the introduction of slavery in the late 16th century; Indigena, the Brazilian natives; and European, through the Portuguese colonization.

The performance represents the culture, traditions, beliefs, history, colors, music and movements of the people of Brazil's Bahia region.

By Virginia Kenyon
(847) 427-4529
e-mail vkenyon@dailyherald.com

■ **When:** 8 p.m. today and



BOOK 20 ANOS BFB.indd 252 29/04/10 02:35

BRASÍLIA

CORREIO BRAZILIENSE

GAZETA MERCANTIL

HOJE EM DIA

JORNAL DE BRASÍLIA

JORNAL DO SENADO

MINAS GERAIS

DIÁRIO DA TARDE

ESTADO DE MINAS

GAZETA MERCANTIL

HOJE EM DIA

O TEMPO

TEMPO MAGAZINE

PARAIBA

DIÁRIO DA BORBOREMA

JORNAL DA PARAÍBA

PARANÁ

ALMANAQUE

FOLHA DE LONDRINA

GAZETA DO POVO

GAZETA MERCANTIL

JORNAL DO ESTADO

RIO DE JANEIRO

JORNAL DO BRASIL

O GLOBO

O FLUMINENSE

REVISTA CONEXÕES URBANAS

REVISTA VEJA

TRIBUNA BIS

TRIBUNA DA IMPRENSA

R. G. DO SUL

DIÁRIO DA MANHÃ

O NACIONAL

SANTA CATARINA

ALMANAQUE BRASIL

A NOTÍCIA

DIÁRIO CATARINENSE

JORNAL DE SANTA CATARINA

JORNAL DO 6 FESTIVAL
DE DANÇA DE JOINVILLE

SÃO PAULO

A FOLHA

AGORA SÃO PAULO

A TRIBUNA

DIÁRIO DO GRANDE ABC

DIÁRIO POPULAR

FOLHA DA TARDE

FOLHA DE SÃO PAULO

JORNAL DA TARDE

METRO NEWS

O ESTADO DE SÃO PAULO

O IMPARCIAL

O REPÓRTER

REVISTA BRAVO!

REVISTA CARAS

REVISTA RITMOS E
MANIFESTAÇÕES POPULARES

REVISTA VEJA

PLURAL FT

VALOR

ACERVO HISTÓRICO FOLCLÓRICO DA BAHIANA

CORREIO BRAZILIENSE - BRASÍLIA

JANEIRO 1989

Bahia de todas as cores, sons e danças



· BAHIA DE TODAS AS CORES — Com o grupo Balé Folclórico da Bahia, direção de Walson Botelho e Ninho Reis. No teatro Aloisio Magalhães, de hoje até domingo, sempre às 21 horas.

Como falar da cultura popular sem cair no populismo, como reproduzir os atos e falas do povo, geralmente desprovidos de coreografia artística, acrescentando-lhe modernidade?! A resposta para estas perguntas pode estar na apresentação do espetáculo **Bahia de Todas as Cores** do Balé Folclórico da Bahia que abre hoje o Mambembão 1989 na sala Aloisio Magalhães do Centro de Convenções.

Bahia de Todas as Cores é o ritual do dia-a-dia das ruas de Salvador transposto para o palco, com a diferença de que o espetáculo das ruas "é lapidado", segundo o antropólogo e coreógrafo, Walson Botelho. Boa parte da lapidação que o grupo apresenta no palco é feita a partir da profissionalização dos 30 bailarinos — 20 homens e 10 mulheres —, a maioria saída das rodas de capoeira e do candomblé. "É um pessoal que não precisamos ensinar nada, apenas fornecemos a estrutura coreográfica", diz Walson.

Bahia de Todas as Cores é o retrato da influência africana na dança popular brasileira e de forma especial, na Bahia. Em uma hora e quinze minutos de espetáculo, o Balé apresenta o **Ritual da Purificação** (a exposição de oferendas através de cânticos sagrados para afugentar os maus espíritos do local); o **Pantheon dos Orixás** (a procissão dos médiuns já incorporados com as divindades africanas); **Puxada de Rede** (manifestação popular com as pessoas saindo à noite para pescar e, ao mesmo tempo, cantando e dançando para Iemanjá, deusa do Mar); a **Dança do Fogo** (uma dança realizada por Xangô, o deus do fogo e dos trovões); **Maculelê** (dança dramática, originária das plantações de cana-de-açúcar, organizada comemorar a boa colheita); **Samba de Roda** (a forma mais primitiva do samba brasileiro); a **Capoeira** (luta de origem africana trazida pelos escravos angolanos no período colonial) e, fechando o espetáculo, o **Sambão ou Dança de Origem**, um grande final com os dançarinos fazendo uma retrospectiva da influência da África na Bahia, através de gestos sensuais e fortes.

Criado e estreado em agosto do ano passado o espetáculo que abre hoje o Mambembão já percorreu vários festivais de dança no Brasil (Santos, Florianópolis, Joinville, Campinas e São Cristóvão, em Sergipe) e no exterior (Portugal, Espanha, Itália, Dinamarca, Alemanha, Angola, Holanda e vários países da América Latina). **Bahia de Todas as Cores** marca também um momento de crescimento artístico de uma companhia de dança que nasceu como Grupo Folclórico em 83 e, desde 87, é companhia de Balé, profissional.

CORREIO BRAZILIENSE - BRASÍLIA

JANEIRO 1989



O Balé Folclórico da Bahia reproduziu na entrada do Ministério da Cultura o ritual da lavagem do Bonfim em Salvador

MinC continua. A Bahia dá axé

LUIS TURIBA
Especial para o CORREIO

Como se não bastasse o brilhante xadrez político-cultural que montou em Brasília no início desta semana em torno da manutenção do Miniatério da Cultura, na verdade um estratégico "contralobbie" que movimentou no tabuleiro brasiliense ousados "peões" da cultura (secretários estaduais de todas as tendências e partidos); importantes "torres" e "cavalos", como os escritores Antônio Hoauiss e Jorge Amado; mas também um potente "rei" como o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde; e uma "dama" muito ágil, a filósofa do PT, professora e secretária de Cultura de S.P. Marilena Chauí; o ministro da Cultura, José Aparecido, foi brindado ontem pelas forças do divino africano, o deus Babá Oxalá, orixá da tranqüilidade, da paz, da serenidade e da harmonia.

Quem presenciou o espetáculo que o Balé Folclórico da Bahia montou ontem na entrada do MinC, reproduzindo aqui em Brasília, a lavagem do Nosso Senhor do Bonfim que acontecia simultaneamente em Salvador, Bahia, passou a não ter mais dúvidas: o ministro José Aparecido conseguiu dar um cheque-mate e com o apoio da intelectualidade; dos partidos políticos; dos artistas e até dos orixás manterá o MinC intacto; ou melhor: "acrescido do Meio Ambiente", como disse Jorge Amado após entrevistar-se com o presidente Sarney.

Tudo ocorreu de forma inusitada. Por estar se apresentando em Brasília, no projeto Mambembão, o Balé Folclórico da Bahia não deixou passar em brancas nuvens o dia do Nosso Senhor do Bonfim, o dia de Oxalá no sincretismo afro-baiano: Ora, onde fazer uma lavagem? Onde jogar um axé para este star-orixá, o que veste branco, traz harmonia e equilíbrio?

"Resolvemos reproduzir a lavagem das escadarias da igreja do Nosso Senhor do Bonfim em frente ao Ministério da Cultura, porque estamos em Brasília com a força da Fundacem, que é do MinC, e trazendo a cultura baiana — explicou Walson Botelho, diretor e cenógrafo do Balé Folclórico, que estreiou terça-feira, debaixo de muitos aplausos, no teatro Aloisio Magalhães.

Aos poucos, vestidos de branco em homenagem a Oxalá, os bailarinos e bailarinas da Bahia, foram levantando o astral do MinC. Primeiro, os atabaques e os agogôs foram esquentando os ânimos e os espíritos. Com meia hora de samba de roda, praticamente todo o Ministério da Cultura já estava participando do axé. Flores brancas, rosas, crávos e muitas outras, foram distribuídas. Foi feita uma saudação ao Babá Oxalá — Oni Saw Larê — cântico lindíssimo do candomblé. Pétalas jogadas para o alto. De repente formou-se uma grande roda, todos cantando e saudando Nosso Senhor do Bonfim, Oxalá no afro.

O mais importante, é que o Balé Folclórico da Bahia com sua força negra, molejo e dengo, levou todos à dança na mesma roda, ao toque do Axé. No xirê estavam o secretário de Finanças do MinC, Arlécio Gazal; e o sorveteiro da esquina; o futuro presidente da Fundação Palmares, coordenador do Programa do Centenário, Carlos Moura; e o contínuo do sexto andar; o coordenador de Comunicação Social, Wanderlei Diniz, assim como a repórter da TV-Globo. Ninguém resistiu. Só faltou mesmo o próprio ministro Aparecido, que após as movimentadas "jogadas" desta semana (em menos de 48 horas, reuniu em seu gabinete mais de 50 das mais altas autoridades culturais brasileiras) se mandou para São Paulo. "Foi fazer o quê?", perguntou uma voz indiscreta: "Participar do casamento do filho do ministro Roberto Cardoso Alves", explicaram. Mas quem o conhece, sabe que ele está consolidando o "cheque-mate" cultural. Afinal, como dizia o paulista Adhemar de Barros, e José Aparecido costuma repetir, "política é para gente grande e para quem sabe fazer".

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

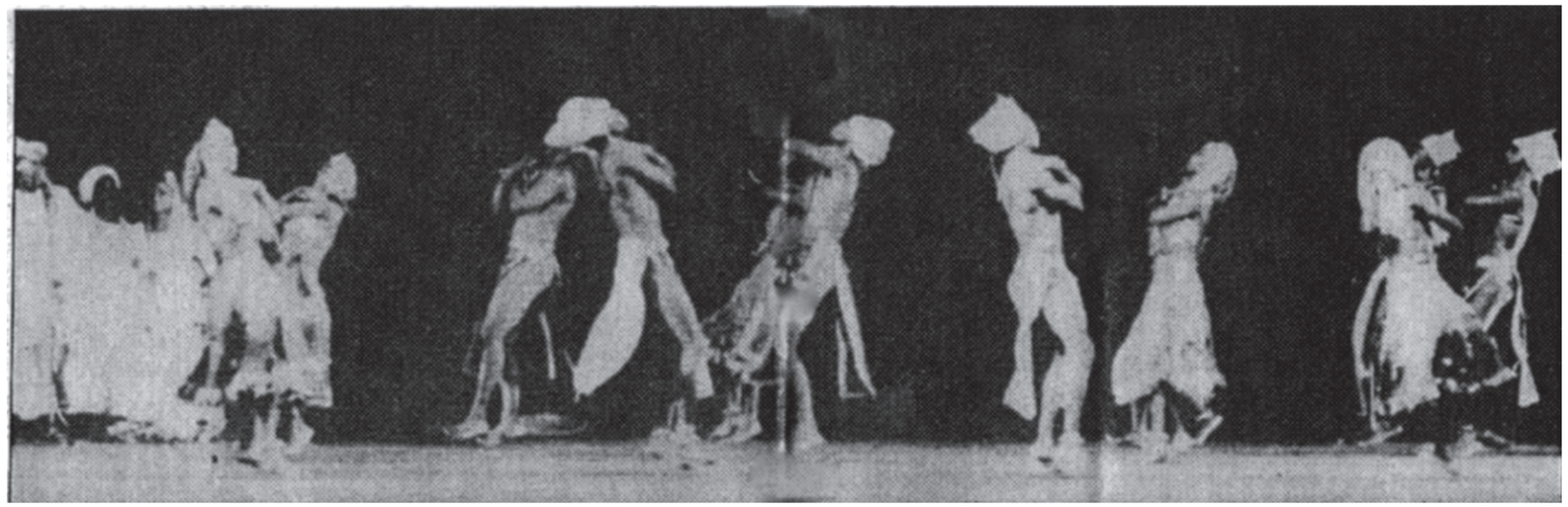
CORREIO BRAZILIENSE - BRASÍLIA

JANEIRO 1989

Cultura/José Aparecido reúne os secretários e Laís Aderne toma posse. **Páginas 2**

Rock/A reação das bandas ao manifesto dos gaúchos. **Página 8**

Jornal de Brasília
Brasília, Distrito Federal — Quarta-Feira, 11/1/89



O dengo baiano que Deus dá

caderno 2

Trinta dançarinos — músicos do Balé Folclórico da Bahia *fazem hoje a abertura da temporada brasiliense do projeto Mambembão. No palco, a magia, a sensualidade e a origem dos rituais*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 255 29/04/10 02:35

JORNAL DE BRASÍLIA - BRASÍLIA

JANEIRO 1989

Celso Araújo
Colaborador

O "Folk-Lore" dançou. Também foi devastado, do litoral a Xapuri. Mas há grupos de dança que tentam resgatar os movimentos, ritmos e formas das danças originais de um povo. O **Balé Folclórico da Bahia** não só faz o resgate, como também estiliza, solística e embeleza cultos, brincadeiras e lutas do povo afro-baiano. É claro que dá público e Brasília deve comparecer em peso à abertura do projeto Mambembão. Com ritual de limpeza e toda a animosidade baiana, o BFB faz a primeira estréia em Brasília do ressuscitado projeto da Fundacen, com o espetáculo **Bahia de Todas as Cores**.

São trinta dançarinos-músicos e está claro que eles não fazem propriamente folclore, mas espetáculo folclórico. O folclore que sobrevive está nos terreiros. Os dançarinos de Salvador, ao contrário, já entraram em fase de New-Bahia e aparecem em programa de Xuxa, fazem comerciais de bancos e fábricas e apresentar-se com freqüência nos melhores hotéis da rede nacional, além de tournês por Europa, América Latina e Central. É um currículo e tanto, para uma companhia de apenas cinco anos, hoje sob a direção do antropólogo Walson Botelho, o único branco da companhia, mas garantem seus dançarinos, de "alma negra". Seus trinta dançarinos ensaiam cinco horas diárias e segundo o projeto do diretor Walon Botelho, "o Balé procura retratar, no mais puro estado, algumas das mais importantes manifestações do folclore baiano, incluindo alguns números do Candomblé". Há uma semana, no Teatro Castro Alves, o Balé Folclórico teve um público excepcional. No Brasil, diga-se a bem da verdade, pouquíssimos grupos de dança négra conseguiram chegar à condição de um reconhecimento, ou apoio, ou sucesso. É o Candomblé, que tem também de teatro, dança e música, é uma das vertentes mais vibrantes do sangue afrolitorâneo.

Esta "danza mágica, vibrante y sensual de la própria Bahia", como disseram latinos, magnetiza mesmo o grande público, dizem os primeiros dançarinos da companhia acabando de desembarcar de 25 horas de viagem em ônibus comerciais. "O grande público gosta porque é um espetáculo diferente, em que os cultos do Candomblé são mostrados com muita dança, percussão e em tudo há uma interpretação. A dança desses rituais exige muita energia, do começo ao fim, porque é tudo muito rápido", dizem. Os orixás, com toda a sua ritualística, estão em cena. "Necessariamente não temos que incorporar os orixás", advertem. Mas para o diretor Walon, é da garra de seus dançarinos que surge a força do Balé Folclórico. "É um pessoal a que não precisamos ensinar nada, apenas fornecer a estrutura coreográfica. Tudo o que se vê nas ruas de Salvador, se vê no trabalho do nosso Balé, com uma diferença: a lapidação".



Origens

Para Walson, o trabalho do grupo é essencialmente folclore primitivo. As origens dos rituais são um dos seus interesses primordiais, desde que trabalhou por quase vinte anos com o extinto grupo **Viva Bahia**. Walson, além de coreografar (ao lado de Ninho Reis), também faz as roupas. É como um empresário apaixonado pelo que faz. E é uma luta, apesar de todo o reconhecimento público. O Balé não tem sede própria, como de resto todos os grupos de dança no País não têm local próprio para seus ensaios. Mas, apesar do cansaço, estão eufóricos com a temporada pelo Mambembão que, para eles, começa aqui por Brasília. A preparadora técnica Rosângela Silvestre garante que todos estarão em forma, inclusive a cantora Celestre, que muitos garantem ser uma atração à parte no Balé Folclórico da Bahia, com todo o dengue que Deus dá.

Rituais

Os baianos afirmam ainda que não vão deixar por menos, e causarão tanta surpresa ao público brasiliense quanto o Balé de Angola que esteve aqui no ano passado. **Bahia de Todas as Cores**, para não deixar dúvidas, se inicia com o "padê", um ritual de purificação que convoca de cara os exús para fazerem a limpeza da casa. Feitos os cânticos e expulsos os maus espíritos, segue-se o "Panteão dos Orixás" e então os médiuns fazem uma procissão, já incorporados nas divindades africanas. Iemanjá encerra a jornada com uma "puxada de redes", aquelas pescarias tropicais imortalizadas nas canções de Caymmi. "É doce morrer no mar".

Santo Amaro da Purificação, o berço de Caetano e Maria Bethânia, dá o motivo da próxima coreografia. O "Maculelê" originou-se nos canaviais e daí o uso, pelos dançarinos, de paus e facões, numa seqüência tão alucinante que chega as raias da luta. Os golpes são violentos e para não ficar só em estripulias o Balé Folclórico apresenta ainda o samba de roda (onde tudo começou) e a capoeira. O encerramento é com uma "Dança de Origem", que faz uma retrospectiva coreográfica das influências africanas em terras de São Salvador.

Crise

Há uma grande expectativa em torno deste Projeto Mambembão, que se propõe a mostrar em três cidades do País (o eixo Rio-São Paulo-Brasília), alguns dos espetáculos significativos de teatro e dança de várias regiões do Brasil. O Mambembão surgiu em 78, e foi suspenso há quatro anos. Em suas primeiras versões, o Mambembão mexeu bastante com a cultura teatral brasileira e chegou a ter patrocinadores de peso. Hoje, marcado pela crise, tenta retomar a carroça no caminho, sem colocá-la diante dos bois

❑ Bahia de Todas as Cores — **Balé Folclórico da Bahia, estréia hoje, pelo Projeto Mambembão. Em cartaz até domingo, no Teatro Magalhães, no Centro de Convenções, sempre às 21h00. Ingressos à venda na bilheteria do teatro — Cz$ 1.500,00 (preço único).**

O panteão dos Orixás

*Uma das coreografias centrais de **Bahia de Todas as Cores**, "Panteão dos Orixás", faz uma apresentação ritual das divindades africanas. As principais características de cada entidade são mostradas, através da dança. Na África, eles foram fundadores de tribos e estavam ligados às forças naturais, à sobrevivência, ao trabalho, à beleza, enfim à mitologia. Estes são os "santos" perpetuados hoje pelos dançarinos do Balé Folclórico da Bahia:*

***OGUM** — Deus da guerra, do ferro, da força. Deus que usa espadas, abre os caminhos, afasta as perturbações. Que ele abençoe os ferreiros, os mecânicos, os agricultores e soldados, em suas sete formas e com as suas ferramentas. Todas as enciclopédias sabem que Ogum tem como dia a terça-feira, gosta de feijoada, usa tiras novas de palmeiras e contas azuis escuras. Veio da Nigéria. Ogum yê.*

***OXUM** — Veio do rio Oxum, também na Nigéria, e na Bahia representa a água doce dos rios. Por isso, Oxum está nos seixos que rolam nos leitos dos rios, nas pulseiras das mulheres e nos leques. Oxum gosta de fubá de milho com mel de abelhas. Faceira, dengosa, insinuante, sabe agradar e também é boa de batalha. Ora Yeyê Ô.*

***OXÓSSI** — Deus dos caçadores, das florestas, de muito prestígio no Daomé. O seu dia é quinta-feira e Oxóssi está sempre à caça de aventuras e vigilante. As enciclopédias também sugerem que "Oxóssi obteve os favores de Oxum antes que esta se tornasse esposa de Xangô". Okê Arô!*

***YANSÃ** — Orixá dos ventos e das tempestades, rainha dos raios, é a divindade do rio Niger. Forte, sensual, autoritária, é a única capaz de enfrentar os eguns. Como as outras divindades, tem um nome que já é um poema. Todo mundo gosta de acarajé, mas Yansã gosta muito mais. Hoje é o dia dela e como é a mais fiel das mulheres de Xangô, sempre sai vestida com muito luxo. Epa hei.*

***OMOLU** — Rei do mundo, também conhecido por Obaluaiê, hoje ele seria a divindade responsável pela cura da Aids. Seu dia é à segunda-feira, e a sua dança é convulsiva e febril. Omolu gosta de pipocas e muito respeito. Atôtô!*

***OSSANHA** — Nenhuma cerimônia pode ser realizada sem a sua presença. Divindade das folhas e ervas medicinais, é o dono do axé. Euê o!*

***OXALÁ** — É o pai dos outros orixás. Tudo é branco para esta divindade que entre nós é mais cultuada como o Senhor do Bonfim. Seu dia é a sexta-feira. Egê-hê.*

***XANGÔ** — Deus dos trovões, aparece sob várias formas e a sua dança é de fogo. Pela tradição, foi casado com Yansã, Oxum e Obá. Kawô Kabiecile!*

***IEMANJÁ** — Mãe dos outros orixás e rainha do mar, seu dia é sábado e a sua dança imita os movimentos das ondas marítimas. É também a iara dos tupis. E não há quem resista aos seus encantos. Odô-iá.*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 256 29/04/10 02:35

JORNAL DE BRASÍLIA - BRASÍLIA
JANEIRO 1989

Diversidade de tons e ritmos afros

O grupo *Maracatu Piaba de Ouro* de Pernambuco se apresenta em Sobradinho e o *Balé Folclórico da Bahia* faz espetáculo na Villa-Lobos

Duas manifestações artísticas que têm raízes nos ritos, danças e cultos do povo africano. A partir das 18h00, o *Maracatu Piaba de Ouro*, dos mais tradicionais de Pernambuco, fará apresentação no estacionamento da Quadra 8, em Sobradinho - e amanhã, às 18h00, em frente ao Palácio do Buriti. Já o *Balé Folclórico da Bahia* mostrará, às 21h00, porque tem feito tanto sucesso por onde passa. O espetáculo está marcado para acontecer na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional - caso persista a greve dos funcionários, será transferido para a Esplanada dos Ministérios, no mesmo horário.

A vinda a Brasília do genial *Maracatu Piaba de Ouro* faz parte da programação *Natal de Luz e Arte*, parceria do GDF com o Ministério da Cultura. O *Piaba de Ouro* tem o comando de Mestre Salustiano, assessor especial do grande Ariano Suassuna, secretário de Cultura do Governo de Pernambuco. Mestre Salu foi o responsável pela criação da Associação dos Maracatus de Baque-Solto de Pernambuco e é o nome de maior destaque na divulgação da cultura popular no estado.

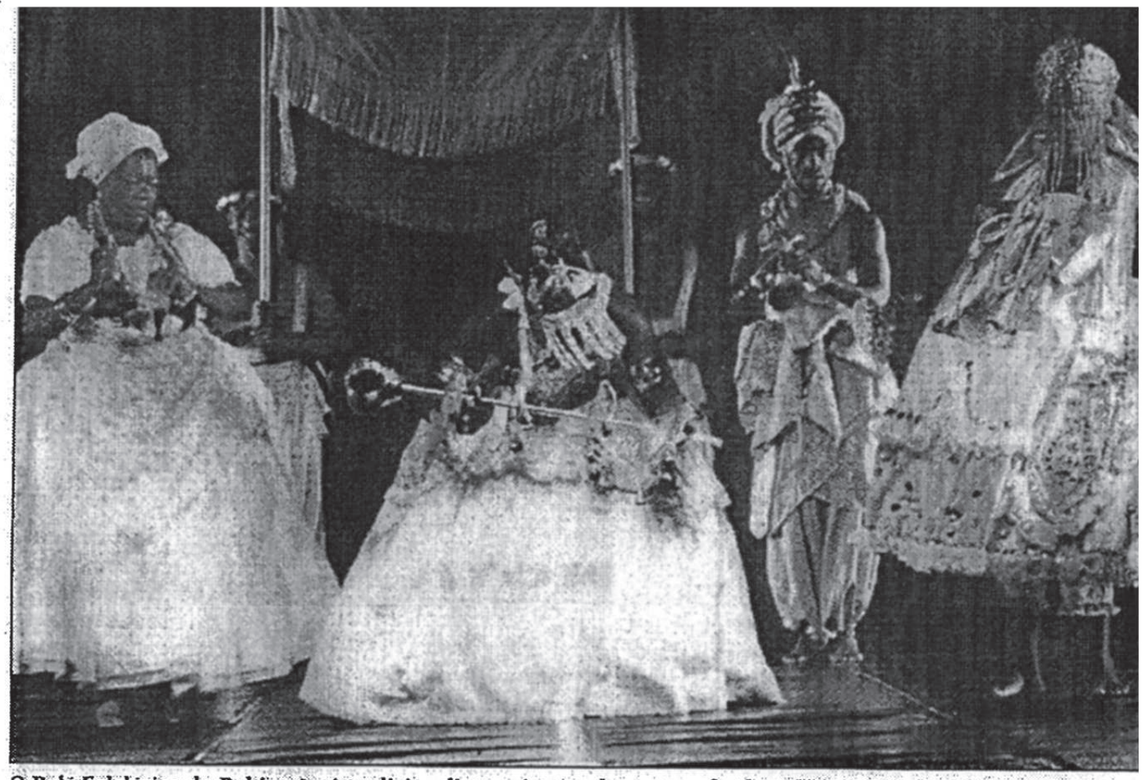
O Maracatu é a representação real das cortes africanas no Brasil. Segue os mesmos moldes da monarquia portuguesa, com rei, rainha, príncipes, vassalos, embaixadores, baianas, damas do paço, escravo, calungas (tótens ou fetiches) e as bonecas pretas que representam a corte. A diversidade de ritmos e formas originais gerou o Maracatu de Baque-Virado e o de Baque Solto. O do Mestre Salu é um dos 80 de Baque-Solto que existem em Pernambuco.

O *Maracatu Piaba de Ouro* desfila geralmente com 300 figurantes. Sempre em círculo compacto, mostra a união de folguedos populares, como cavalo-marinho, caboclinhos, bumba-meu-boi, etc. Foi criado em 1977 e é uma das maiores expressões da cultura popular nos carnavais de Recife.

Força Criativa - O trabalho do *Balé Folclórico da Bahia* é exemplo de como se pode fazer fusões com qualidade. Em seus coreografias, o grupo evita a linearidade das danças folclóricas tradicionais e aposta na mistura entre afro-brasileiro, balé clássico e moderno. Desde a criação em 1988, a companhia tem trabalhado com dançarinos primitivos, dando-lhes uma formação diversificada, com o objetivo de descobrir uma linguagem que se possa dizer genuinamente afro-brasileira.

São 16 bailarinos e cinco músicos que vêm atuando juntos ao longo destes últimos oito anos. A partir de 1993, os convites para apresentações no exterior tomam quase toda a agenda do grupo - só neste ano, o Balé Folclórico da Bahia passou quatro meses na França. Os planos para o futuro incluem turnês pela Austrália, Europa e Estados Unidos em 1997; Japão e China, em 1998, e Europa, em 1999. A direção geral é de Watson Botelho.

Fotos: Divulgação



O Balé Folclórico da Bahia não é tradicionalista: mistura elementos afro-brasileiros, balé clássico e moderno

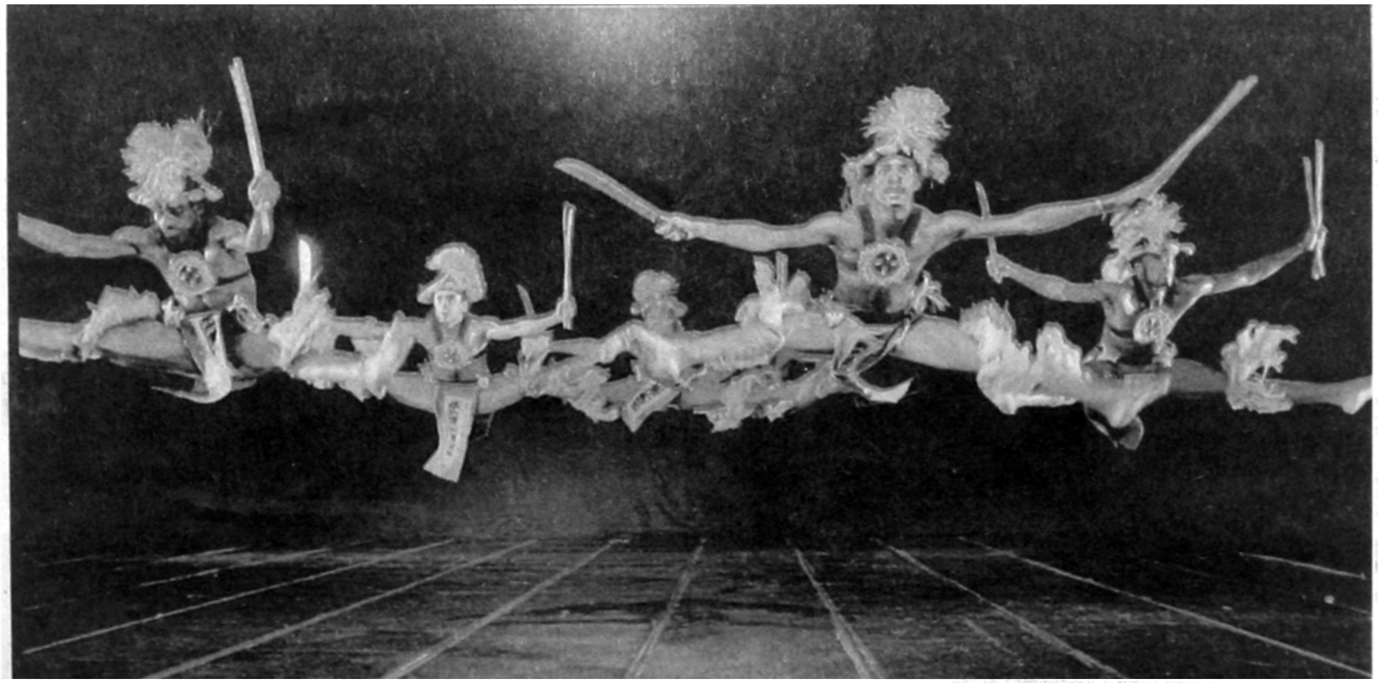
■ **BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA - Única apresentação hoje, às 21h00, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. Caso a greve dos funcionários da FCDF continue, o show será na Esplanada dos Ministérios, no mesmo horário.**

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 257 29/04/10 02:35

CORREIO BRAZILIENSE

Divulgação



Descolados

O grupo *Rapsódia Nordestina* dará um show de cultura popular brasileira no dia 4 de outubro, na Sala Villa-Lobos, no Teatro Nacional. É a apresentação do *Balé Folclórico da Bahia*. São 32 bailarinos encenando danças populares características do Nordeste, como Boi-Bumbá, Capoeira e Maracatu Rural. O espetáculo já passou por várias capitais brasileiras e é sucesso no exterior. Só nos Estados Unidos, eles já se exibiram em mais de cem cidades. E olha só que salto conjunto esse da foto? Super!

CORREIO BRAZILIENSE - BRASÍLIA
SETEMBRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 258 29/04/10 02:36

DANÇA

Grupo baiano de balé chega a Brasília para um espetáculo na Sala Villa-Lobos, depois de muito sucesso no exterior

Rapsódia Nordestina, com Balé Folclórico

Aplaudido no Brasil e no Mundo, o Balé Folclórico da Bahia volta a Brasília no próximo dia 4 de outubro para apresentar o espetáculo "Rapsódia Nordestina", na Sala Villa-Lobos, a partir das 21h.

O Balé Folclórico da Bahia foi criado em Salvador em 1988 por Walson Botelho, Ninho Reis e um elenco vindo das rodas de capoeira, dos shows para turistas e de outros grupos de dança. Atualmente, a companhia é considerada uma referência na pesquisa e encenação das danças folclóricas brasileiras no país e no exterior.

A estréia internacional aconteceu em 1992, na histórica Alexanderplatz de Berlim durante uma grande festa que reuniu mais de 50 mil pessoas. Desde então, as turnês internacionais ocupam boa parte do tempo da companhia.

O espetáculo "Rapsódia Nordestina" foi criado para fazer parte das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil e já foi apresentado nos teatros de Salvador, Curitiba, São Paulo, Belo Horizonte e Santos.

Na montagem, o Balé Folclórico da Bahia procurou mostrar as tradições populares não só da Bahia, como também de outros Estados da região Nordeste, como Maranhão Pernambuco, Paraíba e Ceará. O espetáculo é dividido em oito quadros - Boi-Bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu Rural, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Afixirê -, cada um representando uma tradição que continua sendo praticada até os dias de hoje na região e algumas vezes até fora dela.



Balé Folclórico da Bahia revela raízes afro-brasileiras

→ **Serviço**: Rapsódia Nordestina, com o Balé Folclórico da Bahia Dia 4 de outubro, a partir das 21h. Ingressos a R$ 30,00 (inteira) e R$ 15,00 (meia), à venda na Bilheteria do Teatro Nacional.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 259 29/04/10 02:36

CORREIO BRAZILIENSE - BRASÍLIA

OUTUBRO 2001

SAIA DE CASA

OS DESTAQUES DA SEMANA

1 A 7 DE OUTUBRO



hilip Martin/Divulgação

Folclore nordestino no palco da Villa-Lobos

Da Redação

Em 13 anos de existência, o Balé Folclórico da Bahia só fez duas turnês pelo Brasil. A segunda se encerra agora e passa pela Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Cláudio Santoro quinta-feira, às 21h. Dirigido por Walson Botelho, o grupo traz a Brasília *Rapsódia Nordestina*. É, nas palavras de Botelho, uma viagem às tradições nordestinas, que teve estréia em Atlanta (Estados Unidos), ano passado.

"*Rapsódia Nordestina* foge um pouco da tradição da companhia, de mostrar somente as tradições da Bahia, porque ampliamos para as manifestações do restante do Nordeste", diz Botelho. Criado para comemorar os 500 anos do Brasil, o espetáculo é formado por oito coreografias: *Boi-Bumbá*, *Xaxado*, *Ginga*, *Maracatu Rural*, *Maculelê*, *Samba de Roda*, *Capoeira* e *Afixirê*. De Brasília, a trupe segue para excursão no Caribe. "Até 2005, estamos com agenda fechada de shows internacionais", comemora Botelho.

No entanto, só Deus sabe quando ocorrerá a próxima viagem pelo Brasil. Mesmo reverenciado nos Estados Unidos e Europa, o Balé Folclórico da Bahia não tem conseguido patrocinadores no Brasil. A excursão atual é bancada por uma companhia telefônica do Canadá.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 260 29/04/10 02:36

CORREIO BRAZILIENSE - BRASÍLIA
OUTUBRO 2001

Marisa Vianna/Divulgação



Festança nordestina

Em sua segunda turnê nacional, o Balé Folclórico da Bahia passa por Brasília para apresentação única, hoje, às 21h, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Claudio Santoro. O grupo traz o espetáculo Rapsódia Nordestina, *no qual vai além das manifestações populares da Bahia e mostra tradições folclóricas de outros estados do Maranhão, Pernambuco e Paraíba.*

Com direção geral de Walson Botelho — que criou o grupo em 1988, ao lado de Ninho Reis —, Rapsódia Nordestina *foi produzido para a comemoração do quinto centenário do Descobrimento do Brasil. Como a presença negra é muito forte na Bahia, o grupo foi buscar em outros estados festas com traço mais forte de português e índio. No espetáculo, os 32 bailarinos do Balé Folclórico apresentam oito coreografias:* Boi-Bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu Rural, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Afixirê.

Em 13 anos de carreira, o grupo já se apresentou nos Estados Unidos, França, Canadá, Suíça, Alemanha, Portugal, Finlândia, Suécia e Dinamarca, entre outros países. A atual turnê está sendo patrocinada por uma companhia telefônica do Canadá e inclui apresentações em países do Caribe — para onde o grupo após a apresentação em Brasília.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

GAZETA MERCANTIL



A riqueza do folclore brasileiro estará retratada pelo espetáculo de dança *Rapsódia Nordestina*, do Balé Folclórico da Bahia. Em cartaz na sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, o espetáculo enfatiza vários ritmos da cultura brasileira, como o xaxado e o boi bumbá, a capoeira e o maculelê, entre outros. Com figurinos coloridos e uma trilha sonora bem diversificada, o grupo vem colecionando vários prêmio Brasil a fora e faz apresentação única na cidade, hoje, às 21 horas. Os ingressos custam R$ 30 e R$ 15, para estudantes.

Quinta-feira, 4 de outubro de 2001

GAZETA MERCANTIL - BRASÍLIA

OUTUBRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

JORNAL DE BRASÍLIA - BRASÍLIA
OUTUBRO 2001

DANÇA

Balé Folclórico da Bahia apresenta novo espetáculo

Quem disse que apenas o balé clássico roda todo o mundo e lota teatros luxuosos? O grupo Balé Folclórico da Bahia, montado em 1988, depois de sofrer críticas e preconceitos, organizou-se e viajou o mundo com grande sucesso. Após apresentar o novo espetáculo, *Rapsódia Nordestina*, em São Paulo, Santos, Belo Horizonte e Curitiba, ele chega a Brasília para mostrar no palco toda a riqueza das danças populares brasileiras. A apresentação será hoje, no Teatro Nacional.

O Balé Folclórico foi criado por capoeiristas e artistas de rua. Quando José Carlos Santos assumiu como diretor técnico, em 1993, o grupo começava a investir na formação técnica de seus 32 integrantes. Quanto mais treinavam, menos enxergavam o passado de desconfiança em relação ao trabalho.

A carreira internacional começou ainda na década de 90, quando o Balé deliciou 50 mil pessoas em Alexanderplatz, Berlim (Alemanha). A repercussão levou o grupo para a França, Suiça, Dinamarca, Portugal e outros países.

O mais novo espetáculo, *Rapsódia Nordestina*, foi criado como parte das comemorações dos 500 anos de Brasil. A idéia partiu do desejo de mostrar as tradições populares das regiões brasileiras. *Rapsódia Nordestina* distribui-se em oito quadros: *Boi-Bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu Rural, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira* e *Afixirê*.

O Balé Folclórico da Bahia orgulha-se de ter sido aplaudido de pé em todos os países por onde passou. Com turnês nas maiores casas de shows do mundo e agenda lotada até 2003, o grupo é convidado para os mais importantes festivais de dança e tornou-se uma referência em pesquisa e encenação de danças folclóricas brasileiras.



Serviço

Balé Folclórico da Bahia. *Rapsódia Nordestina*. Hoje, às 21h, Sala Villa-Lobos, Teatro Nacional. R$ 30 (inteira).

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 263 29/04/10 02:36



JORNAL DE BRASÍLIA - BRASÍLIA

OUTUBRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

RAPSÓDIA Nordestina, o balé folclórico da Bahia, em apresentação única no Teatro Nacional. Só presenças ilustres na platéia. Entre tantas, dona Ruth Cardoso.

GRANDE BRASÍLIA

JORNAL DE BRASÍLIA, **QUINTA-FEIRA,** 4 DE OUTUBRO DE 2001 ▸ **8**

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

BOOK 20 ANOS BFB.indd 264 29/04/10 02:36

CORREIO BRAZILIENSE - BRASÍLIA
OUTUBRO 2001

RAÍZES POPULARES

Ao levar para os palcos o folclore e outras manifestações das ruas, artistas e grupos fazem sucesso no exterior, mas enfrentam desconfiança e preconceito dentro do Brasil. O Balé Folclórico da Bahia, que se apresenta em Brasília na próxima quinta-feira, é um exemplo

Na encruzilhada das artes

Klecius Henrique
Da equipe do Correio

O percussionista Naná Vasconcelos teve que se virar para produzir o disco dos pernambucanos do grupo Cordel do Fogo Encantado. As gravadoras não se interessaram por músicos que não usam teclados ou guitarras. Perderam a chance de lançar uma das mais recentes revelações da música nordestina.

Em cartaz na próxima quinta-feira na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Claudio Santoro, o Balé Folclórico da Bahia faz apenas a segunda turnê pelo país em 13 anos de carreira. Vive mais no exterior do que aqui. Tem patrocínio de sobra lá fora.

Cordel do Fogo Encantado e Balé Folclórico incorporam em seus trabalhos a "cultura popular", assim tradicionalmente chamada. Levam para o palco o que estaria a princípio nas ruas. Atualizam e recriam manifestações nascidas em outro lugar que não o palco. E como fazer isso sem parecer estrangeiro aos olhos brasileiros e quando não se delineiam com facilidade as distinções entre cultura popular, folclore, cultura de massa, indústria cultural?

O diretor do Balé Folclórico da Bahia, Walson Botelho, não tem dúvida em relação aos termos. "Cultura popular é o que vem do povo. O folclore tem suas convenções. Os dois podem estar juntos, porque o popular vira folclore depois de um tempo", acredita. *Rapsódia Nordestina*, espetáculo que Botelho dirige em Brasília esta semana, é formado por oito coreografias, representando boi-bumbá, xaxado, ginga, maracatu rural, maculelê, samba-de-roda, capoeira e afixirê. São manifestações saídas das ruas, interpretadas por 32 artistas no palco.

"O que chama a atenção dos nossos espetáculos é a roupagem que damos do folclore. Mostramos as manifestações tradicionais de forma diferente, mas sem perder a essência", conta Botelho. Como? "Os músicos e bailarinos têm liberdade para criar, embora a gente não faça recriação, nem caricaturas. Por exemplo, no maculelê, em vez de dar um giro, eles podem dar vários, e caem no lugar certo. Como qualquer companhia de dança do mundo, ensaiamos mais de seis horas por dia."

Em cartaz até hoje no Centro Cultural Banco do Brasil, *Coreografia Para Ouvir*, da companhia de dança Quasar, une a tradição popular ao estilo próprio ao grupo goiano. Composições de gente como Caju e Castanha, Dona Selma do Coco e Maracatu Estrela Brilhante se juntam à interpretação de Henrique Rodovalho para a musicalidade que vem do interior do Nordeste. Ninguém dança maracatu ou coco. Ouve-se apenas. "É o meu primeiro contato com esta arte e cultura mais popular. Me impressionou muito a riqueza daquela produção, pura, não muito lapidada", diz.



INTEGRANTES DO BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA: O POPULAR QUE FAZ SUCESSO DE PÚBLICO E CRÍTICA NO EXTERIOR

Em breve, Rodovalho fará outro espetáculo inspirado na cultura popular. Não estava nos planos. No entanto, depois de apresentar *Coreografia Para Ouvir* nos Estados Unidos, o Quasar recebeu proposta de patrocínio de um centro cultural de Nova Jersey. Situação parecida com a que o Grupo Folclórico da Bahia tem no exterior. O interesse lá fora, confirma Walson Botelho, é nutrido pelo exótico. Dentro do país, parece não ser diferente. "No Brasil, o popular é sempre visto de forma pejorativa. Muita gente não gosta de estar associado a ele."

Lirinha, vocalista do Cordel de Fogo Encantado, é da turma dos que rejeitam os rótulos. Apesar de não negar a influência dos cantadores de Arco Verde (PE) e da cultura da região, garante: não faz resgate da cultura popular ou do folclore pernambucano. "Resgate tem a ver com camburão, bombeiros, ambulância. É uma coisa moribunda. As manifestações artísticas não estão assim."

Para Lirinha, a expressão "cultura popular" tem forte carga de preconceito. "Reduz, limita, aprisiona. Popular é pobre? Sem erudição? Intuitiva? A arte em geral é a expressão do indivíduo, uma forma de resolver os problemas dos artistas perante o mundo. Não consigo entender como se rotula uma coisa tão complexa", afirma o vocalista.

Naná Vasconcelos toca todos os ritmos imagináveis sem abandonar suas origens. Também não gosta dos rótulos. Ele afirma: ao criar fórmula, a rotulação corre o risco de cair na armadilha da padronização, das modas. Naná, entretanto, exalta artistas como Chico Science e outros filhos do movimento mangue beat. Foram criticados por puristas, que reclamavam das guitarras e outras inserções no universo da tal música popular. Naná, inteligentemente, reverte a fórmula com um conselho. "O músico que não sai de suas raízes pode tocar em qualquer lugar."

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 265 29/04/10 02:36

JORNAL DO SENADO - BRASÍLIA
AGOSTO 2004

Fotos: Roosevelt Pinheiro



RECONHECIMENTO **Tourinho informa que doação pelo governo do estado será feita na segunda-feira**

Tourinho: Balé Folclórico da Bahia vai ganhar teatro

Na próxima segunda-feira, o governador Paulo Souto vai doar em definitivo o Teatro Miguel Santana, do Pelourinho, em Salvador, ao Balé Folclórico da Bahia, anunciou ontem, em discurso no Plenário, o senador Rodolpho Tourinho (PFL-BA).

Conforme o parlamentar, aquele grupo de balé estreou diante de 2 mil pessoas no Festival de Dança de Joinville, com o espetáculo *Bahia de Todas as Cores*, e teve seu ponto culminante em 1994 na Bienal de Lyon, na França, quando mereceu uma página inteira de elogios do jornal norte-americano *The New York Times*.

Em 1992, lembrou Rodolpho Tourinho, o Balé Folclórico da Bahia apresentou-se na Alexanderplatz, em Berlim, diante de 50 mil pessoas, e foi sucesso absoluto.

– Eu vim a conhecer o Balé Folclórico no exterior, e fiquei tão impressionado, tão orgulhoso da qualidade do trabalho de seus integrantes e da minha condição de baiano, que resolvi ajudá-los da forma que pudesse – disse o senador.

Rodolpho Tourinho assinalou que o grupo passou por muitos momentos difíceis e quase foi extinto. É composto por 38 integrantes, entre dançarinos, músicos e cantores, dirigidos por José Carlos dos Santos, o popular Zebrinha, e segue uma rotina de seis horas diárias de ensaios.

Em 1996, o Balé Folclórico da Bahia retornou, por convite, à Bienal de Lyon, com grande sucesso. Hoje, é um dos mais importantes grupos do mundo, aplaudido nos Estados Unidos, França, Canadá, Suíça, Finlândia, Suécia, Alemanha e outros países – destacou. O grupo vai embarcar em setembro para uma turnê por 48 cidades dos Estados Unidos.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 266 29/04/10 02:36

HOJE
BELO HORIZONTE, QUARTA-FEIRA, 26/5/1993 EM DIA

Cultura

DIVULGAÇÃO



Balé Folclórico da Bahia, que se apresenta hoje no Palácio das Artes, em turnê nacional: grupo leva 11 coreografias ao palco. (Pág. 4)

HOJE EM DIA - MINAS GERAIS
MAIO 1993

HOJE EM DIA □ SEGUNDA-FEIRA, 24/5/1993

Balé mostra samba de roda, capoeira etc.

Para quem gosta de dança, outra de baianos: o Balé Folclórico da Bahia se apresenta pela primeira vez em Belo Horizonte, em única sessão nesta quarta-feira, na seqüência de sua turnê nacional que começou pelo Rio de Janeiro.

São 32 integrantes, entre dançarinos, músicos e técnicos. No espetáculo são apresentados números tipicamente baianos — "Puxada de Rede", "Maculelê", "Samba de Roda", "Capoeira" etc — e coreografias especialmente produzidas para a companhia nordestina.

Walson Botelho responde pela direção e pelas coreografias. Foi ele quem criou o Balé Folclórico, em 1988, com o espetáculo "Bahia de Todas as Cores". A partir daí, o grupo tornou-se um dos pontos de referência da dança tradicional brasileira, mostrando sua arte em todo o mundo e sendo considerada como uma das mais importantes companhias da América Latina. Teve até participação especial no filme "Orquídea Selvagem", com Jaqueline Bisset e Mickey Rourke. Já se apresentou em 30 países. Em julho, segue novamente para a Europa, onde tem dezenas de espetáculos agendados.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 267 29/04/10 02:37

DIÁRIO DA TARDE - MINAS GERAIS

MAIO 1993

Todas as cores que a Bahia tem

As cores, sons e movimentos responsáveis pela sensualidade mais marcante do País vão estar presentes hoje no Grande Teatro do Palácio das Artes, onde a partir das 21 horas estará se apresentando o Balé Folclórico da Bahia. O candomblé, a dança de origem, a puxada da rede, a dança do fogo, o maculelê, a capoeira do amor, o samba de roda e a afixirê são algumas das manifestações típicas baianas que a companhia — em turnê nacional — traz à cidade, sob a direção de Walson Botelho.

Criado na década de 80, este grupo de dança, hoje considerado um dos mais importantes da América Latina, possui "uma extrema flexibilidade física, revelando em cena efeitos dramáticos preciosos e rigoroso preparo técnico", segundo detecta a crítica, "partindo dos aspectos populares da cultura baiana e atingindo a contemporaneidade sem a perda das raízes". Do folclore típico da Bahia a números especialmente criados por coreógrafos como o diretor Walson Botelho, Augusto Omulu e Rosângela Silvestre, o grupo apresenta o que há de mais expressivo na dança afro-baiana da atualidade.

Depois de passar pelo Rio, o Balé Folclórico da Bahia faz uma única apresentação na cidade, seguindo para São Paulo. Em julho, a companhia viaja mais uma vez à Europa, onde cumprirá uma agenda de mais de 300 apresentações. Os ingressos para o espetáculo de hoje estão a Cr$200 mil.

Estréia

Com *Bahia de Todas as Cores*, de 1988, a companhia fez sua estréia nos palcos como convidada do Festival de Dança de Joinville. A partir de então, tornou-se presença constante em eventos e festivais artístico-culturais de todo o mundo, com participação na noite de encerramento do Festival de Alexander Platz, de Berlim, ao lado dos balés russos Bolshoi e Berlioszka. Entre os prêmios que acumula estão os de melhor grupo folclórico da Bahia, melhor espetáculo de dança da Bahia e o Fiat-90. Além disso, o Balé Folclórico teve participação especial no filme *Orquídea Selvagem*, que reuniu em seu elenco atores tão famosos do cinema como Mickey Rourke e Jacqueline Bisset, e ainda fez comerciais para a televisão. O elenco, formado por bailarinos, músicos e cantores, trabalha com variadas e modernas técnicas de dança, teatro e música.

O natural aprimoramento técnico-interpretativo dos artistas da companhia se deve principalmente ao fato de a Bahia ser a região do Brasil onde as manifestações culturais estão integradas ao dia-a-dia do povo. Daí a inclusão de tais manifestações em seu repertório, montado a partir de intensas pesquisas. Ailton Sacramento, Ary Júnior, Carlos Lima, Caroline Dias, Dico Vieira, Ediraildes Ataíde, João Lima e José Ricardo Souza (bailarinos); Alcides Moraes, André Júnior, Deni Conceição, Joel Luís e Nascimento (músicos); Doralúcia Santana e Celeste Oliveira (cantoras), além de Julieta Rodrigues, Luís Fernando Santos, Paulo Almeida, Neílson Lopes, Nildinha Fonseca, Rose Soares, Susane Barreto e Vera Passos estão no atual elenco do grupo.

Programa

Puxada de Rede, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira, Dança de Origem, Fêmeas e o carro-chefe do grupo, *Afirixé*, são as coreografias que integram o atual espetáculo, em turnê pelo País. Através do candomblé, o grupo leva à cena a religião africana trazida para o Brasil pelos escravos, na qual a música e a dança são os elementos principais. Com a dança do fogo presta homenagem a Xangô, deus do fogo e dos trovões. Já o maculelê é uma dança dramática que teve sua origem nas plantações de cana-de-açúcar, na Bahia, e que além de ser utilizada em comemoração à boa colheita do produto também servia como meio de defesa dos escravos contra os senhores feudais, devido à sua violência. "Tanto os músicos quanto os vocalistas e dançarinos formam um conjunto absolutamente harmônico e de alta e homogênea qualidade, sem que se possa destacar esse ou aquele caso. Em síntese, um espetáculo imperdível", recomenda Hersch Basbaum, do *Diário Popular*, de São Paulo.

Fotos: Isabel Gouvêa/divulgação



Já o crítico Jacques de Beauvoir, da *Tribuna da Bahia*, diz que "carismático na forma/conteúdo por trazer em seu bojo trabalho vibrante, criativo e inovador, o espetáculo do grupo tem nível internacional, sem perder contudo suas raízes".

Em *Capoeira do Amor* a companhia conta uma lenda africana, que, do amor proibido entre dois jovens de tribos rivais e após serem transformados em pássaros (iúnas), dá origem ao toque mágico e melancólico do berimbau. *Samba de Roda* é a mais popular e descontraída dança da Bahia, desde os tempos em que era executada pelos escravos, nas senzalas, em suas horas de lazer. A luta de origem africana, trazida para o Brasil pelos escravos vindos de Angola, durante o período colonial, é retratada em *Capoeira*, enquanto *Fêmeas* é uma coreografia inspirada na energia e na força de trabalho das mulheres negras, desde a África, onde viviam em harmonia e liberdade, até serem transportadas para o Brasil na condição de escravas.

Finalmente, *Afixirê*, o carro-chefe do Balé Folclórico da Bahia, é a "dança da alegria" em Yorubá, dialeto africano que conduziu e influenciou a maioria das manifestações culturais e religiosas na Bahia. O que o público vai conferir hoje no Palácio das Artes é uma festa de cores, sons e movimentos que mostra toda a sensualidade e o espírito natural do povo baiano. Axé!

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A dança da Bahia hoje à noite no PA

Se é sempre difícil se manter uma companhia profissional de dança no Brasil, o que dizer, então, de uma especializada em dança folclórica? Pois essa companhia existe, vem - não poderia deixar de ser - da Bahia (que, para quem não sabe, é um dos maiores centros de pesquisa da dança no País), e se chama Balé Folclórico da Bahia. O público de BH tem, pela primeira vez, oportunidade de assistir a seu trabalho, em única apresentação hoje, às 21h, no Grande Teatro do Palácio das Artes. Os ingressos custam Crë 200 mil (meia) e Crë 400 mil (inteira). Todas as categorias de estudantes e trabalhadores terão direito à meia entrada.

As coreografias apresentadas no espetáculo caminham em dois rumos distintos. No primeiro, serão mostradas reconstituições de danças típicas do folclore baiano, como "Puxada de Rede", "Maculelê", "Samba de Roda" ou "Capoeira". No segundo, a companhia apresenta trabalhos criados para o grupo a partir dos ritmos populares que surgem na atualidade, como "Dança de Origem", de Augusto Omulu, "Fêmeas" e "Afirixé", de Rosângela Silvestre.

Histórico de sucesso

Belo Horizonte entra um pouco atrasada no mapa do Balé Folclórico da Bahia. A companhia foi fundada em 1987, por Walson Botelho e Ninho Reis, e estreou no ano seguinte, com o espetáculo "Bahia de Todas as Cores", no Festival de Dança de Joinville, em Santa Catarina.

Apresentou-se, a seguir, em diversos outros eventos de dança em todo o País, recebendo, no fim da temporada, o prêmio de melhor espetáculo de dança da Bahia, concedido pelo Instituto Nacional de Dança (antiga divisão da Fundação Nacional de Artes Ciências). A partir daí, o sucesso continuou. Em Berlim, Alemanha, o grupo apresentou-se na noite final do "Festival da Alexander Platz", dividindo o programa com parceiros ilustres como o Bolshoi e o Berioszka.

Sua atuação mais vista, contudo, foi no cinema: a companhia participou, a convite da produção, do filme "Orquídea Selvagem", estrelado por Mickey Rourke e Jacqueline Bisset. Enquanto isso, construía reputação internacional, realizando turnês que alcançaram mais de 30 países. A próxima viagem ao exterior está marcada para julho, com apresentações em diversas nações européias.

Os bailarinos do Balé Folclórico da Bahia trabalham dentro de técnicas coreográficas e musicais variadas, para se adequarem às diferentes necessidades das obras do repertório da companhia. Com isso, buscam o objetivo básico do grupo: preservar e divulgar o conteúdo das manifestações folclóricas da Bahia, partindo das raízes populares e tendo como referência a atualidade.



O Balé Folclórico da Bahia é um grupo que procura preservar as danças típicas mas também desenvolve um trabalho de criação

ESTADO DE MINAS - MINAS GERAIS
MAIO 1993

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 269 29/04/10 02:37

HOJE EM DIA - MINAS GERAIS
JUNHO 1993

DANÇA

Grupo mostra folclore da Bahia

DIVULGAÇÃO/O. READER



O Balé Folclórico da Bahia faz uma única apresentação, hoje, no Palácio das Artes, e mostra 11 coreografias

Belo Horizonte vai conhecer a única companhia de dança folclórica profissional existente no país: o Balé Folclórico da Bahia, que se apresenta hoje no Grande Teatro do Palácio das Artes. A companhia traz 11 das 20 coreografias que constam de repertório. São 32 pessoas que saem em turnê nacional. Os atabaques soam, as entidades do camboblé são evocadas, e os copeiristas voam numa noite dedicada à mais autêntica cultura afro-baiana. Estreante em BH, o grupo tem uma carreira reconhecida internacionalmente. Depois da turnê brasileira — que começou no Rio de janeiro e daqui vai à capital e cinco cidades do interior paulista —, o Balé Folclórico da Bahia faz as malas e parte para a Alemanha. Vai cumprir o contrato dos sonhos de muita gente: um pacote de 300 apresentações comprado por uma cervejaria. "Eles vão lançar uma cerveja com uma apelo tropical, que tenha a cara do Brasil. E, para eles, nós temos a cara do Brasil", comenta o diretor da companhia e coreógrafo, Walson Botelho.

O jovem e premiado Walson Botelho — "um branco de alma negra", como define-se — sabe que somente os estrangeiros podem acreditar que a sua companhia representa a síntese das manifestações folclóricas brasileiras. "Nós somos a cara da Bahia. No Brasil, há muita desinformação. Não se sabe o que acontece em Porto Alegre ou em Manaus. Não temos um Bolshoi ou um American Ballet Theatre que seja a cara do nosso país", lamenta Botelho, um baiano que foi parar numa faculdade de Antropologia para melhor entender a cultura do seu Estado.

Apesar da dança afro estar em primeiro plano, o Balé Folclórico da Bahia tenta levar para o palco outras influências. Os seus integrantes sabem que há uma diferença entre o apresentam em teatro fechados e o que acontece nas ruas da Bahia. O que fazem é dar uma leitura cênica contemporânea a manifestações folclóricas.

❑ ***Balé Folclórico da Bahia*** **— O grupo faz única apresentação hoje, às 21 horas, no Palácio das Artes (Avenida Afonso Pena, 1.537 — fone: 201-8900). Ingressos a Cr$ 200 mil (meia-entrada).**

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 270 29/04/10 02:37

GERAL - MINAS GERAIS - MINAS GERAIS

DEZEMBRO 1996

Balé da Bahia nos festejos da Capital

Grupo mostra mistura entre o afro-brasileiro, dança clássica e moderna

A Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com o Ministério da Cultura, promove o "Natal Cultural", que faz parte da programação de fim de ano de Belo Horizonte. Na segunda-feira, às 19 horas, o Balé Folclório da Bahia mostra ao público mineiro porque é considerado um dos melhores do País, tendo inclusive recebido elogios do jornal New York Times. O grupo apresenta o espetáculo "Bahia de Todas as Cores", no Teatro Sesiminas, à rua Padre Marinho, 60, bairro Santa Efigênia, com entrada franca.

Fundado em 1988, o Balé Folclórico da Bahia explora a leitura coreográfica das fusões. Seus espetáculos têm linguagem linear, inerente às danças folclóricas tradicionais, e aposta na mistura entre o afro-brasileiro, a dança clássica e a moderna. São um resumo muito particular das raízes culturais de uma parte do Brasil, pois exploram a influência da cultura européia, do índio e, de modo predominante, da África.

Obstáculos

Walson Botelho, um dos fundadores e atual diretor do balé, comenta que um dos maiores obstáculos do grupo foi fugir da mesmice que caracteriza as companhias de dança folclórica. Os bailarinos trabalham com a vitalidade do ritmo afro, mas não desprezam o conhecimento dos movimentos básicos da dança, para dar grandes saltos, que intensificam ainda mais a força das manifestações tradicionais.

Com 16 bailarinos e cinco músicos, a companhia vem trabalhando, ao longo dos últimos oito anos, com dificuldades de pauta para apresentações até em Salvador. Para manter o nível artístico da proposta de trabalho, o grupo contou primeiro com Augusto Omulu, depois com Rosângela Silvestre e há três anos com José Carlos Arandiba, profissional conhecido internacionalmente, que hoje é diretor artístico e responsável por uma integração maior entre o clássico e o popular.

■ DANÇA

Auxílio da técnica para preservar o folclore

THILDE ROCHA
Repórter

A força e a técnica do balé clássico ao lado da contemporaneidade de coreógrafos como Martha Graham, Merce Cuninghan e Jose Lemon. Somam-se a estes princípios da dança, as manifestações folclóricas da Bahia e os elementos da origem africana com seus ritmos envolventes e seus instrumentos de percussão como djum-djum, xeguerê e gansar. Esta mistura pode ser vista no espetáculo "Bahia de Todas as Cores", do Balé Folclórico da Bahia, que faz única apresentação na próxima segunda, dia 23, no Teatro Sesiminas.

"O objetivo é trabalhar com as manifestações do folclore e suas origens africanas, mas quando fundei o balé tinha a intenção de não fazer um grupo estilizado como aqueles do sul do país. Também não queria criar mais uma companhia folclórica primitiva", explicou o diretor Walson Botelho, 35 anos.

A solução foi se aliar a outros estilos de dança para fugir do caricatural. "Resolvemos seguir uma linha de trabalho que desse possibilidades técnicas ao bailarino sem contudo mudar a própria manisfestação folclórica", diz Botelho. "Em nossa companhia, trabalhamos oito horas por dia. São duas horas de aulas de afro e duas alternadas de balé e dança moderna, além das quatro horas de ensaio".

O público que não espera ver um bailarino afro de sapatilhas e braços em quinta posição. "Não trabalhamos nada puro, adaptamos tudo ao nosso estilo, aos nossos bailarinos. Não precisamos da forma ou dos trejeitos do balé, precisamos de sua técnica de piruetas e de sua força", esclarece.

O ensino da dança moderna na companhia é responsabilidade do coreógrafo e diretor artístico do grupo, José Carlos Arandiba. Ele assina a coreografia com Rosângela Silvestre, Augusto Omulu e o próprio Walson. No elenco, 17 bailarinos, cinco músicos e duas cantoras. "O espetáculo apresenta a capoeira, o sambá de roda, a puxada de rede e outras manifestações mais conhecidas do folclore da Bahia", exemplifica.

Numa sala alugada, a companhia promove diariamente aulas abertas ao público. "O balé foi fundado dessa maneira em 1988. Vinha quem quisesse vir, só contratávamos o professor. Já tivemos 200 pessoas em sala. Foi daí que tirei o primeiro elenco", contou.

Em breve, o Balé Folclórico da Bahia não terá mais que trabalhar em espaço alugado. É que o governo do estado da Bahia vai doar uma casa para a companhia em Salvador. "O governo também nos contratou por um ano e meio para apresentar um espetáculo na cidade de segunda a sábado", diz Walson.



Bahia de Todas às Cores faz única apresentação no Sesiminas

Apresentações no exterior

Este ano, eles se apresentaram na China e na Malásia, passaram três meses na Europa e quatro nos Estados Unidos, onde conquistaram elogios da crítica de dança do New York Times, Anna Kisselgoff. "O jornal já fez três matérias de página inteira sobre a companhia. No ano passado enviou uma repórter para Salvador a fim de fazer uma matéria conosco", disse.

A agenda do grupo está lotada até 1999. Para este ano, estão previstas temporadas na Austrália, nos países da Europa, no Canadá, em Israel e no Líbano.

"Bahia de Todas as Cores" - Dia 23, às 19 horas. No Teatro Sesiminas (Rua Padre Marinho, 60, Santa Efigênia - fone 241.4411). Entrada franca.

HOJE EM DIA - MINAS GERAIS

DEZEMBRO 1996

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 271 29/04/10 02:37

ESTADO DE MINAS - MINAS GERAIS

DEZEMBRO 1996

O folclore da Bahia em BH



GRÁTIS

BAHIA DE TODAS AS CORES

O Balé Folclórico da Bahia foi a companhia escolhida para encerrar o Natal Cultural, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com o Ministério da Cultura. O Grupo é composto por 16 bailarinos e cinco músicos dispostos a transformar a mesmice atribuída à dança folclórica. Explora a leitura das fusões, misturando o afro-brasileiro, a dança clássica e a moderna.

São um resumo muito particular das raízes culturais de uma parte do Brasil, pois trabalham com a influência da cultura européia, do índio e, de modo predominante, da África.

No espetáculo de hoje o público irá assistir o maculelê, o puxado de rede, o samba de roda, a capoeira e várias outras danças populares enriquecidas pelas técnicas de balé.

Para ampliar esse novo conceito de dança folclórica e dar continuidade ao seu projeto original, o grupo promove diariamente aulas abertas, que chegam a ter 100 pessoas misturadas aos dançarinos da companhia.

O grupo viajou por toda a França recebendo elogios de vários jornais, entre eles o New York Times. Depois disso foi um pulo para conquistar o resto do mundo. Este ano a companhia excursionou pelos EUA, França, Grécia e Malásia, voltando em setembro à França para a Bienal de Lyon. Para o ano que vem a agenda de espetáculos inclui Austrália, EUA, Canadá, Suécia, Dinamarca e Holanda.

Sem contar com qualquer ajuda do governo ou patrocínio de empresas privadas, o grupo trabalha de segunda a sábado, apresentando shows para turistas. São seis horas diárias divididas entre ensaios, aulas e shows. Apesar da jornada de trabalho incomum para uma companhia de dança, o Balé Folclórico da Bahia conseguiu chegar aonde queria.

Em 93, ao se apresentar na Oficina Nacional de Dança Contemporânea, no Teatro Castro Alves, foi descoberto pelo diretor da Bienal de Lyon, Guy Darmet.

TEATRO NANSEN ARAÚJO- SESIMINAS (R. PADRE MARINHO, 60, SANTA EFIGÊNIA, 351-9955). 19H. ÚNICA APRESENTAÇÃO.

O "Natal Cultural", promovido pela Secretaria Municipal de Cultura em parceria com o Ministério da Cultura vai levar até o público mineiro o Balé Folclórico da Bahia, amanhã, às 19h, no Teatro Sesiminas. O grupo vai apresentar o espetáculo "Bahia de todas a cores". A entrada é franca.

Fundado em 1988, o Balé explora a leitura coreográfica das fusões. Seus espetáculos saem da linguagem linear inerente às danças folclóricas tradicionais e aposta na mistura entre o afro-brasileiro, a dança clássica e a moderna. São um resumo muito particular das raízes culturais de uma parte do Brasil, pois trabalham com a influência da cultura européia, do índio, e, de modo predominante, da África.

Um dos fundadores e atual diretor do Balé, Walson Botelho, costuma dizer que um dos maiores obstáculos do grupo foi "fugir da mesmice a que todos aqueles que enveredam pela dança folclórica estão destinados". Eles trabalham com a vitalidade do afro, mas não desprezam o conhecimento de um *plié* (movimento básico da dança) para fazer grandes saltos que intensificam ainda mais a força das danças tradicionais.

Com agenda lotada até 1999, a companhia já tem turnês marcadas para os Estados Unidos, Europa e Austrália. De janeiro a março de 96, o Balé excursionou mais de uma vez pela Europa e foi pela primeira vez aos Estados Unidos. O grupo teve destaque na Bienal de Dança de Lyon de 1994, o que lhe rendeu simpatia e convites imediatos.



O BALE Folclórico da Bahia se apresenta amanhã no Teatro Sesiminas DIVULGAÇÃO

TEMPO MAGAZINE - MINAS GERAIS

DEZEMBRO 1996

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

ESTADO DE MINAS - MINAS GERAIS
DEZEMBRO 1996



DIVULGAÇÃO

Natal cultural

A Secretaria Municipal de Cultura promove o Natal Cultural, inserido na programação de fim de ano da cidade. Quem se apresenta hoje, às 19h, é o Balé Folclórico da Bahia, mostrando ao público mineiro o espetáculo "Bahia de Todas as Cores", no Teatro Nansen Araújo – rua Padre Marinho, 60, bairro Santa Efigênia. Entrada franca.

Balé afro no Teatro Sesiminas

O Balé Folclórico da Bahia faz uma apresentação no Teatro Sesiminas (rua Padre Marinho, 60, Santa Efigênia), hoje, a partir das 19 horas. O evento é uma promoção do Ministério da Cultura e da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte. O balé folclórico da Bahia, considerado um dos melhores grupos do gênero no País, vai apresentar o espetáculo *Bahia de Todas as Cores*, com entrada franca.

O grupo foi fundado em 1988 e explora a leitura coreográfica das fusões. Seus espetáculos saem da linguagem linear, inerente às danças folclóricas tradicionais, e misturam o afro-brasileiro, a dança clássica e a moderna, trabalhando, assim, a influência das culturas européia, do índio e, de modo predominante, da África na cultura nacional.

Walson Botelho, um dos fundadores e atual diretor do Balé, comenta que um dos maiores obstáculos do grupo foi fugir da mesmice. Eles trabalham com a vitalidade do afro, mas não desprezam o conhecimento do *plié* (movimento básico de dança) para fazer grandes saltos que intensificam ainda mais a força das danças tradicionais.

São 16 bailarinos e cinco músicos com os quais a Cia. vem trabalhando há oito anos. Eles têm aulas diárias abertas ao público, das quais participam até cem pessoas, misturadas aos bailarinos. As aulas de técnica clássica e balé moderno foram sendo adaptadas para o jeito "afro" de dançar.

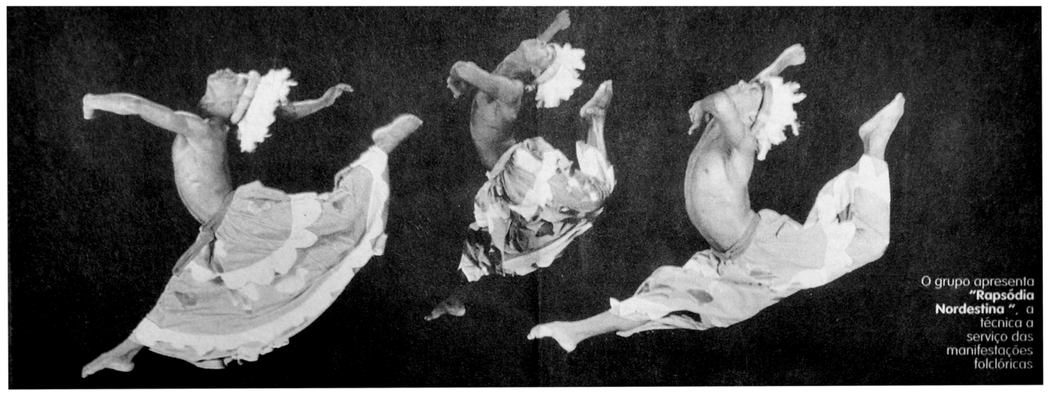
O grupo está com a agenda lotada até 1999, pontuada por turnês de sucesso nos Estados Unidos, Europa e Austrália.

DIÁRIO DA TARDE - MINAS GERAIS
DEZEMBRO 1996

BAHIA

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 273 29/04/10 02:37



O grupo apresenta **"Rapsódia Nordestina"**, a técnica a serviço das manifestações folclóricas

DANÇA → Com extenso currículo no exterior, Balé Folclórico da Bahia vem a BH

Companhia busca perpetuar a mais pura tradição do país

MIGUEL ANUNCIAÇÃO
CRÍTICO/ESPETÁCULOS

"Já estivemos em cidades americanas que nem tinham McDonald's", resume o coreógrafo (e antropólogo) Walson Botelho, sobre a presença internacional do maior fenômeno artístico brasileiro de exportação, que ele mesmo criou e dirige há 13 anos. Apesar desta aclamação sem precedentes, põe os pés em Belo Horizonte pela segunda vez - apresenta "Rapsódia Nordestina" no Grande Teatro do Palácio das Artes, às 21 horas de hoje.

"Faltam empresas brasileiras que nos patrocinem", lastima Botelho. E tão constante tem sido esta realidade de santo de casa, que a sessão única de hoje faz parte da - somente - segunda turnê nacional do grupo, que visita só seis cidades (além de BH, Rio, Santos, São Paulo, Curitiba e Brasília), bancada pela canadense Nortel NetWork, recém-instalada no Brasil. A primeira turnê foi em 1992.

Mas o milagre que aqui dentro pouco se realiza é (re)compensado pelos convites internacionais: "A partir de 1994, viajamos entre oito e nove meses por ano. Temos agenda internacional até 2005", festeja. Nem poderia acontecer de outra forma: "Senão, não sobreviveríamos. Formamos um grupo de 80 profissionais. O que a gente ganha em nove meses de viagens, gastamos num único mês parado. Em 13 anos, jamais tiramos férias", afirma.

Criado por encomenda em 2000, para participar das comemorações dos 500 Anos do Descobrimento, "Rapsódia Nordestina" é a última das sete montagens (todas ainda em repertório) do Balé Folclórico. Entre palco e bastidores, ocupa cerca de 40 profissionais: 20 dançarinos, dez músicos, duas cantoras e oito mais na retaguarda. Único da companhia que abrange manifestações folclóricas de outros estados (boi-bumbá, xaxado, maracatu rural) além das da Bahia (capoeira, maculelê, samba de roda, ginga e afixirê), a "Rapsódia" estreou nos EUA.

Após este giro doméstico, o espetáculo segue *from* Brasil *to* Caribe: Guadalupe, Martinica, Saint Thomas, San Martin, Haiti e Guiana Francesa. Fará escala primeiro na Europa, fugindo de complicações decorrentes dos recentes atos terroristas nos EUA: "Por via das dúvidas, mudamos o roteiro inicial, via Miami", diz Botelho. Apesar de brasileiro por excelência, em solo pátrio só havia sido exibido uma vez. "Abrindo a Bienal dos 500 Anos, em São Paulo".

BOOK 20 ANOS BFB.indd 274 29/04/10 02:37

DIÁRIO DA TARDE - MINAS GERAIS

diário da tarde
caderno2
BELO HORIZONTE, QUINTA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 2001

SETEMBRO 2001

DANÇA ● Balé Folclórico da Bahia mostra em BH o espetáculo *Rapsódia Nordestina*, que estreou nos Estados Unidos

FOLCLORE DE GALA



César Macedo

Qualquer grupo que tenha a intenção de levar para o palco manifestações folclóricas tem de quebrar a cabeça para solucionar um dilema: ao mesmo tempo em que não pode fazer algo puramente caricatural, também não dá para simplesmente transpor para um teatro o que acontece na rua, desprezando as dimensões e técnicas específicas de um espaço fechado.

"Essa sempre foi a nossa maior preocupação", confirma o coreógrafo Walson Botelho, do Balé Folclórico da Bahia, que apresenta hoje em BH o espetáculo *Rapsódia Nordestina*. "E acredito que conseguimos conciliar de forma harmoniosa os festejos populares com as exigências artísticas de uma montagem cênica que tem de levar em conta artifícios como a iluminação e o som", completa.

É a partir dessa conciliação, segundo ele, que o grupo consegue preservar a essência de uma dança, mesmo abrindo novas possibilidades de interpretação para os bailarinos. "Não fazemos espetáculos folclóricos para turista ver. Somente com muito ensaio e muito preparo é que dá para unir a espontaneidade da dança original com uma linguagem coreográfica mais técnica", destaca.

Em *Rapsódia Nordestina*, espetáculo dirigido por Botelho, o Balé Folclórico da Bahia rompeu as fronteiras de seu Estado para buscar um diálogo fecundo com as danças e costumes de outros Estados do Nordeste. O objetivo foi o de construir um mosaico amplo para celebrar os 500 Anos do Descobrimento do Brasil.

"Nossos espetáculos anteriores eram mais calcados no legado cultural africano, que é predominante na Bahia. Dessa vez, buscamos manifestações que também possuíssem influências indígenas e portuguesas. Claro que não fugimos totalmente do nosso foco central, que continua sendo a cultura afro-baiana. Não daria, por exemplo, para montarmos um espetáculo de dança gaúcha. Ficaria uma caricatura, porque não tem nada a ver com a nossa formação", compara.

As pesquisas que foram realizadas nos Estados nordestinos revelaram muitos pontos de contato entre as danças populares. Walson Botelho exemplifica: "Em Pernambuco existe o Maracatu Rural, que possui forte influência portuguesa, mesmo tratando-se de um cortejo de coroação dos reis negros. Na Bahia também existe essa manifestação, conhecida como Maracatu de Caboclo, só que a raiz africana é mais acentuada".

INTERNACIONAL

Rapsódia Nordestina está dividida em oito coreografias, referentes a oito danças folclóricas: Boi-Bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu Rural, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Afixirê. O elenco é formado por 20 bailarinos que executam os números embalados pelo som de 10 músicos e dois cantores. "A música tem de ser tocada ao vivo porque ela é parte fundamental dessas manifestações. Com som gravado o espetáculo perde e fica muito estilizado", avalia.

Walson Botelho é um dos fundadores do Balé Folclórico da Bahia. O grupo surgiu em 1988 com o objetivo principal de divulgar toda a expressividade e riqueza do folclore baiano. A idéia deu certo – tão certo que a carreira internacional da companhia alçou vôos tão altos que, paradoxalmente, é mais intensa do que a carreira em solo verde-e-amarelo. Até mesmo esse novo espetáculo estreou oficialmente nos Estados Unidos, em 2000, e somente neste ano está sendo apresentado para o público brasileiro.

"Existimos há 13 anos e nossa carreira internacional já contabiliza sete anos. Nós conseguimos conquistar um espaço privilegiado no exterior e, em termos de quantidade, não conheço nenhum grupo ou artista brasileiro com penetração igual à nossa. Só nos Estados Unidos estivemos em 170 cidades, além de várias lugares na Europa, Austrália e Caribe".

Para se ter uma idéia, o grupo deu vários giros pelo exterior e, no Brasil, só fez duas turnês de grande alcance. A razão: falta de patrocínio. "Essa atual turnê que estamos fazendo tem uma patrocinadora do Canadá. Talvez por estarmos fora do eixo Rio-São Paulo, o empresariado brasileiro desconheça completamente nosso trabalho", reclama Botelho, com "carradas" de razão, já que o Balé Folclórico da Bahia foi considerado por críticos norte-americanos como uma das mais importantes companhias de dança negra do mundo, tendo participado, inclusive, da abertura das Olimpíadas de Sydney, na Austrália.

O único apoio recebido no Brasil vem da Secretaria de Cultura da Bahia, que mantém uma espécie de filial do grupo em temporada permanente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, centro histórico de Salvador.

"Nossos espetáculos anteriores eram mais calcados no legado cultural africano, que é predominante na Bahia. Dessa vez, buscamos manifestações que também possuíssem influências indígenas e portuguesas".

WALSON BOTELHO
COREÓGRAFO

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 275 29/04/10 02:37

ARTES CÊNICAS

SUCESSO NA EUROPA E ESTADOS UNIDOS, ONDE VEM SE APRESENTANDO DESDE 1994, O BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA TRAZ A BELO HORIZONTE O ESPETÁCULO "RAPSÓDIA NORDESTINA"

FOLCLORE COM NOVA ROUPAGEM



MARISA VIANNA

BRASILIDADE
As cores e a cara da Bahia e do Brasil são a marca registrada do Balé Folclórico da Bahia, hoje, no PA

HELVÉCIO CARLOS

O Balé Folclórico da Bahia tem sete anos de carreira e uma agenda lotada com compromissos internacionais, mas poucas, raras excursões pelo País. Sem grandes incentivos por aqui, o grupo tem público garantido nos Estados Unidos e na Europa. O sucesso internacional não está relacionado apenas ao fato de eles mostrarem as tradições culturais brasileiras aos estrangeiros, que não é a principal característica da companhia. Mas, como explica o diretor geral, Walson Botelho, tem sido assim desde a criação do grupo. "Não temos patrocínio para viajar pelo Brasil. Temos muitas dificuldades. Esta é a segunda excursão nacional", revela. O contrário acontece lá fora. "Nossa agenda está consolidada até 2005 com apresentações na Europa, Estados Unidos e Caribe". Por enquanto o ataque terrorista a Nova York não promoveu nenhum tipo de alteração. "Já passamos este ano por lá", conta o diretor.

O INÍCIO

A companhia conquistou platéias internacionais em 1994, quando participou da Bienal de Lyon, na França. "Bastou o reconhecimento de uma crítica do New York Times, para que todas as portas se abrissem", reconhece Botelho, que hoje tem como agente do grupo a Columbia Arts, um dos braços da Columbia Pictures.

Mas com tantos grupos folclóricos pelo mundo, onde está o diferencial da companhia baiana para conquistar legião de fãs no exterior? Walson faz uma comparação na tentativa de apontar o caminho das Índias. "Se aqui no Brasil dança folclórica tem tom pejorativo, no exterior o problema está relacionada aos espetáculos repetitivos. É sempre o mesmo repertório apresentado pelas companhias da antiga União Soviética e América Central", cita. "A cultura brasileira e a da Bahia, especificamente, é viva e bem diferente da dos europeus.

SEM CARICATURA

Demos uma roupagem folclórica diferente à nossa companhia. Não fazemos espetáculos caricaturais", argumenta. "Os movimentos são característicos, mas os bailarinos têm uma técnica que resulta em um belo trabalho", acredita.

Na única apresentação desta noite no Palácio das Artes, o Balé Foclórico da Bahia vai mostrar o espetáculo *Rapsódia Nordestina*. "Nas turnês lá fora começamos a pensar no espetáculo reunindo as várias manifestações nordestinas, que em comum trazem influências africanas, indígenas e portuguesas", diz.

Dos oito quadros um é obrigatório e está presente em todos os programas, a capoeira. "É a mais conhecida no mundo", justifica a escolha. Os outros números que completam o programa de *Rapsódia Nordestina* são Boi-Bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu Rural, Maculelê, Samba de Roda e Afixirê.

SERVIÇO

RAPSÓDIA NORDESTINA
Com o Balé Folclórico da Bahia.
Direção geral Walson Botelho.
Única apresentação hoje, no Grande Teatro do Palácio das Artes.
Ingressos a R$ 25,00 (setor I), R$ 20,00 (setor II) e R$ 15,00 (balcão). Valores de meia-entrada extensiva a várias categorias.
Informações: 3237-7234.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 276 29/04/10 02:37

RAÍZES

Dia de aula sobre cultura brasileira

Manifestações populares do país são revisitadas em peça que o Balé Folclórico da Bahia apresenta em Belo Horizonte

MICHELE BORGES DA COSTA
EDITORA-ADJUNTA DO MAGAZINE

Três dias para o final do mês e é um desalento ver o que sobrou da minguada verba reservada para a agenda cultural depois de conferir o novo filme de Spielberg, assistir à montagem de "Hamlet" com Diogo Vilela, ver uma ou outra atração do Festival Mundial de Circo e, quem sabe, cantar junto com o coro do Ray Conniff. Mas hoje é o dia de termos aula sobre a cultura popular brasileira, esquadrinhada pelo repertório do Balé Folclórico da Bahia.

A companhia mostra hoje no Grande Teatro do Palácio das Artes "Rapsódia Nordestina", um passeio pelas manifestações culturais do país, em especial as do Nordeste, que tiveram influência de outros povos. "O espetáculo foi criado em virtude dos 500 anos do Brasil e, para não fugir do conceito original do grupo, que é o de explorar um repertório exclusivamente afro-baiano, buscamos paralelos de tradições de outros Estados dentro da cultura da Bahia", diz Walson Botelho, diretor geral e um dos criadores do grupo.

Antecipando que a festa termina com um axé coletivo e democrático (então é bom pensar na possibilidade de não ficar pregado na poltrona do Palácio das Artes o tempo inteiro), o espetáculo leva para o palco manifestações populares de todo o país como o maracatu, o boi-bumbá, o maculelê e o samba de roda, entre outras tantas.

Saindo das ruas, essas tradições ganham os recursos técnicos e cênicos, segundo Botelho, mas sem perder sua essência espontânea. "É popular, mas é altamente sofisticado, graças às possibilidades do elenco, que tem acesso às mais variadas informações", diz o diretor sobre a rotina do elenco, que recebe aulas de balé clássico, técnica moderna, dança afro, além de percussão, música, capoeira e teatro. "Isso permite que se dance de forma técnica, mas que não descaracteriza a manifestação folclórica, não é caricatural", diz.

AGENDA – "Rapsódia Nordestina", com o Balé Folclórico da Bahia. **Hoje, às 21h, no Grande Teatro do Palácio das Artes (av. Afonso Pena, 1.537, centro). Ingressos a R$ 25 (setor 1), R$ 20 (setor 2) e R$ 15 (balcão).**

EDITORIA DE ARTE

CRÍTICA *Veja o que o "The New York Times" falou sobre a companhia*

"

O Balé Folclórico da Bahia fez sua estréia em Nova York em 96 e, a partir de então, levou sua exuberante mensagem de alegria multicultural através dos EUA. O prazer dos bailarinos, músicos e cantores, que gostam de fazer o que fazem no palco, constitui uma parte tão evidente de suas vidas que o contágio se espalha por toda a casa.

Anna Kisselgoff, outubro de 2000

"

MARISA VIANA/DIVULGAÇÃO



Cena do espetáculo "Rapsódia Nordestina", do Balé Folclórico da Bahia, que estreou em agosto em Salvador e encerra sua turnê nacional em outubro, em Brasília

EDITORIA DE ARTE

RAPSÓDIA *Walson Botelho apresenta o roteiro que será apresentado pelo Balé Folclórico da Bahia no espetáculo de hoje*

"Boi-Bumbá" – "O bumba-meu-boi é uma manifestação típica do Ceará e do Maranhão, que foi levada para o Amazonas pelos nordestinos no ciclo da borracha. Na Bahia, temos o rancho do boi, que traz mais elementos da cultura afro. É a história do vaqueiro que mata o boi preferido do patrão para dar a língua para a sua mulher grávida e cheia de desejos. O patrão chama feiticeiro, cigana e pajé para ressuscitar o boi."

"Xaxado" – "É característico da Paraíba. O elemento principal é o cangaceiro, representado por Lampião e Maria Bonita, que ficaram muito tempo no sertão da Bahia".

"Ginga" – "Movimento básico da capoeira, a ginga tem influência completamente africana. Estamos fazendo uma releitura mais moderna dessa tradição".

"Maracatu Rural" – "Tradicional do Pernambuco, temos na Bahia manifestações que são bastante parecidas: o afoxé e caboclo. Trata-se de um cortejo de coroação dos reis negros trazidos como escravos. Em Pernambuco, é uma forma caricata de ridicularizar a realeza portuguesa. Na Bahia, toda a vestimenta é africana".

"Maculelê" – "É uma dança dramática criada no interior da Bahia pelos escravos, no período colonial. Em comemoração à boa colheita, eles dançavam nas plantações de cana de açúcar com a própria cana ou com os facões".

"Samba de Roda" – "É a forma mais primitiva do samba brasileiro, executada pelos escravos nas folgas, dentro das senzalas".

"Capoeira" – "Luta típica de Angola que veio para o Brasil. No espetáculo dançamos a capoeira regional, que recebeu influência de outras lutas, e a capoeira angola".

"Afixirê" – "É um trabalho criado especialmente para a companhia que quer dizer dança da alegria. É um resumo de toda a influência africana que tivemos na Bahia".

Grupo tem agenda fechada até 2005

Prova do quanto somos colonizados (precisou uma matéria de capa no "The New York Times" para prestarmos atenção no trabalho feito pela companhia), a apresentação de "Rapsódia Nordestina", hoje, no Palácio das Artes, só está sendo possível graças ao patrocínio de uma empresa canadense, assim como toda a turnê brasileira, que inclui exibições no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Santos e Brasília.

Enquanto o Balé Folclórico da Bahia encontra dificuldades para se apresentar no próprio país, a agenda internacional do grupo já está fechada até 2005. "É um círculo vicioso: como não nos apresentamos no Brasil, o empresário não nos conhece e não patrocina, então não conseguimos nos apresentar no Brasil", explica o diretor Walson Botelho.

A história do grupo começa em 1988, quando estreou em Joinville antes mesmo da sua fundação oficial. Foi um sucesso estrondoso, que atraiu a atenção de curadores de festivais de outros países. Sua participação na Bienal de Lyon, de 1994, dedicada à cultura brasileira, rendeu ao elenco elogios como "fenômenos da dança da atualidade" em uma crítica publicada no "The New York Times".

A empatia com o público internacional é explicada por Botelho como uma preocupação mundial de conhecer suas raízes culturais. "Só no Brasil não vivemos esse momento. Queremos sempre o mais moderno, enquanto estou preocupado em preservar a nossa cultura já", afirma.

E como o grupo está na Bahia, nossa cultura passa inevitavelmente pelas tradições africanas. "É um trabalho de pesquisa muito profundo. Não estamos interessados em fazer dança folclórica para turista ver. Investigamos cada uma das manifestações que escolhemos colocar no palco e algumas delas nem existem mais".

Botelho, desde quando idealizou o grupo, tinha como principal objetivo desenvolver um trabalho profissional na área do folclore, cumprido-o de forma consciente. "A cultura popular é o retrato de qualquer nação do mundo". (MBC)

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CULTURA

"Rapsódia Nordestina" chega ao PA

Espetáculo do Balé Folclórico da Bahia, que participou da abertura da Bienal do Descobrimento, terá única apresentação na capital

Rodrigo Guedes Mascarenhas
rmascare@gazetamercantil.com.br

O Balé Folclórico da Bahia traz pela primeira vez a Belo Horizonte o espetáculo "Rapsódia Nordestina" em única apresentação, amanhã, às 21h, no Grande Teatro do Palácio das Artes. A montagem foi criada no ano passado para integrar as comemorações dos cinco séculos do Brasil, mas não chegou a rodar o país por falta de patrocínio. Participou apenas da abertura da Bienal do Descobrimento em São Paulo. As exibições internacionais são o forte da companhia, que, atualmente, passa de oito a nove meses no exterior. "Apesar dos 13 anos de existência, ainda enfrentamos grandes dificuldades financeiras. Somos pouco conhecidos no Brasil porque não circulamos. E não circulamos pois não temos dinheiro para as turnês nacionais", assinala Walson Botelho, diretor e fundador do grupo ao lado de Ninho Reis.

A recente excursão pelo País, que passou por Rio de Janeiro, Curitiba e Santos (SP), tem o patrocínio da empresa de telefonia canadense Nortel Networks. Nos cálculos do diretor Walson, a companhia já esteve em 182 cidades dos Estados Unidos e em 40 da França, além de se apresentar na Suíça, Alemanha, Portugal e Dinamarca. O preconceito contra a cultura popular brasileira e a falta de informação do empresariado nacional são apontados pelo diretor como os principais motivos das dificuldades que o grupo enfrenta.

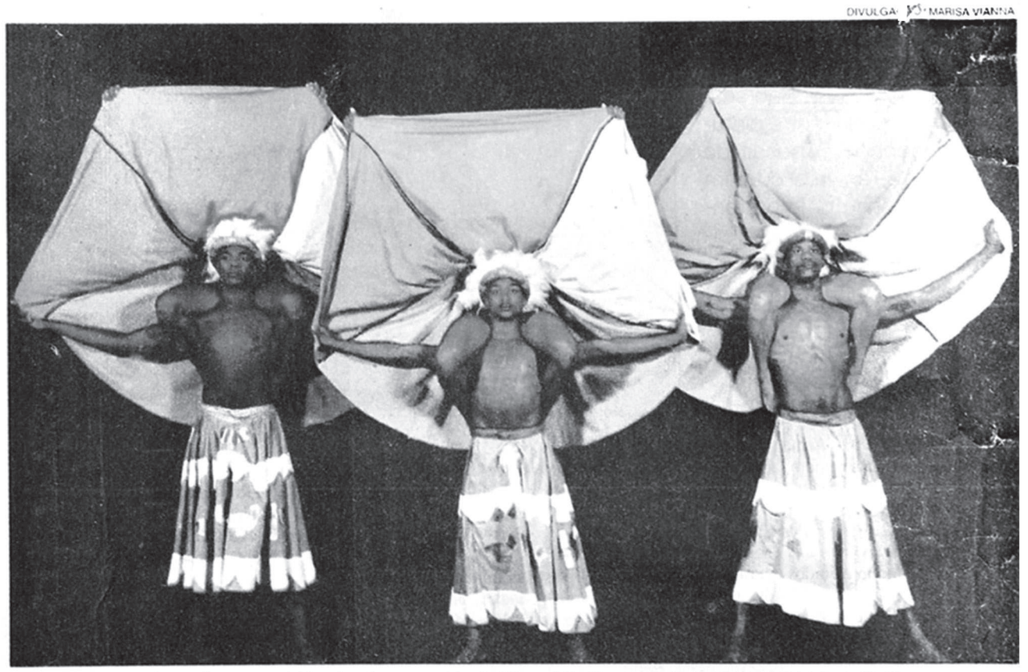
"Num momento em que todos os países estão se voltando para as próprias raízes, as empresas que se interessam em investir em cultura têm obrigação de conhecer o melhor. Por estarem fora do centro financeiro do Brasil, o norte e o nordeste sofrem com as raras oportunidades. Mesmo com projetos aprovados na lei federal (Rouanet) ou na legislação do governo da Bahia, até hoje não conseguimos captar recursos", afirma Walson, destacando que o Balé Folclórico da Bahia acumula várias premiações: melhor companhia de dança do Brasil na avaliação da Fiat (1990), Mambembão do Ministério da Cultura (1996), melhor espetáculo de dança para "Afixirê" (1996), concedido pelo Instituto Nacional de Artes Cênicas (1996). Além disso, o grupo baiano participou das edições de 1994 e 1996 da Bienal de Dança de Lyon (França). A sobrevivência do grupo é possível graças às turnês internacionais e ao apoio da Secretaria de Cultura da Bahia.

Rapsódia Nordestina

Nascido e desenvolvido em Salvador, o Balé Folclórico da Bahia produziu "Rapsódia Nordestina" no ano passado. O elenco de 20 dançarinos, dez músicos e duas cantoras apresenta diferentes coreografias, entre as quais, "Boi-Bumbá", "Xaxado", "Ginga", "Samba de Roda", "Capoeira" e "Maculelê". A inspiração ultrapassou os limites da Bahia e foi buscar no Maranhão, Pernambuco, Paraíba e Amazonas outras formas de festejos populares. "Não nos restringimos à cultura afro-baiana, buscamos também a herança indígena e portuguesa. O interessante é que para muitas manifestações de outros estados encontramos correspondentes na Bahia, como o Maracatu Rural, típico de Pernambuco, que na nossa terra chama Maracatu de Caboclos", diz. A rotina de ensaios dos dançarinos inclui aulas de clássico e moderno, além da dança afro. O repertório da companhia, composto por sete montagens, também é constantemente repassado.

O Balé Folclórico da Bahia mantém temporada permanente de segunda a sábado, com um segundo elenco de 27 artistas, no Teatro Miguel Santana, localizado no Pelourinho. Com propósito social e de formação para novos artistas, o grupo possui um projeto que atende 200 crianças carentes na capital baiana. "Por muito tempo enfrentamos séria dificuldade para selecionar dançarinos, apesar dos vários interessados que nos procuravam. A maioria sonha em entrar para uma banda de pagode, axé ou samba-reggae em razão do apelo financeiro e, por isso, rebolam demais. Com o projeto, já estamos incorporando vários adolescentes à companhia", revela Walson, que se preocupa em aprofundar o conhecimento dos integrantes do balé com atividades que resgatam o folclore local.

DIVULGA MARISA VIANNA



Festejos populares de diversos estados inspiram espetáculo "Rapsódia Nordestina" do Balé Folclórico da Bahia

ONDE ENCONTRAR
Dança: Balé Folclórico da Bahia
Local: Grande Teatro do Palácio das Artes (av. Afonso Pena, 1.537, Centro)
Dia: 27 de setembro, às 21h
Ingressos: R$ 25 (Setor 1), R$ 20 (Setor 2) e R$ 15 (Balcão)
Mais informações pelo telefone (31) 3237.7234

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

GAZETA MERCANTIL - MINAS GERAIS
SETEMBRO 2001

Campina Grande, Sábado, 08.10.1988

Balé Folclórico faz show especial no TM

Dentro das festividades de aniversário da cidade uma das atrações é o Balé Folclórico da Bahia que se apresentará hoje e amanhã no Parque do Povo e que no palco do Teatro Municipal fará dois espetáculos extras e especiais nos dias 10 e 11, às 21 horas.

Pela primeira vez o público campinense poderá assistir ao espetáculo da primeira e única Companhia de Dança Folclórica profissional do País que possui um extenso curriculum de atividades, especialmente tournées pela Europa e América Central e do Sul, além de um considerável prestigio nacional e internacional, refletido na resposta do publico e da crítica especializada.

O esptáculo que a Companhia fará no Teatro Municipal será o mesmo apresentado em suas viagens e outros países onde obteve grande sucesso. Já o apresentado no Parque do Povo será um pequena demonstração do trabalho realizado pelo Balé.

Dirigido por Walson Botelho e Ninho Reis, também responsáveis pelas coreografias, a Companhia nos seus shows procura retratar, no mais puro estado algumas das mais importantes manifestações do folclore baiano incluindo alguns números do Candomblé, religião de origem africana, onde a dança e a música são os elementos principais.

Composto por 26 profissionais, entre dançarinos e músicos, o aprimoramentro técnico interpretativo dos elementos deve-se ao fato de a Bahia ser a região do Brasil onde podem ser encontradas manifestações culturais populares no dia-a-dia do seu povo e por esta razão o Balé Fólclorico escolheu tais manifestações como tópico de suas pesquisas.

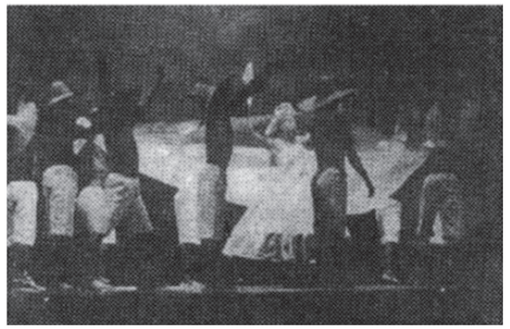
A Companhia em suas tournées estiveram na Espanha, Dinamarca, Alemanha, Israel, Angola, Chile, Venezuela, Suriname, Martinica e frequentemente se apresentam em hotéis como o Club Mediterranée do Brasil, Quatro Rodas, Hotel Meridien entre outros.



Uma das cenas das danças apresentadas pelo elenco

Campina Grande, Sábado, 08.10.1988

Balé Folclórico baiano participa do Festival



Balé Folclórico da Bahia, também se apresentará no Teatro

Com uma coreografia inspirada e identificada nas mais diversas manifestações culturais do povo negro, estará em Campina Grande, amanhã fazendo à abertura do II Festival de Danças Populares – que será realizado no Parque do Povo – o Balé Folclórico da Bahia, um dos mais exóticos grupos de danças afro do país.

Além de participar do Festival de Danças Populares, o balé baiano fará duas apresentações nos dias 10 e 11, no Teatro Municipal Severino Cabral. O Balé Folclórico da Bahia, é a única companhia de dança folclórica do Brasil. Seu valor rompeu as fronteiras para brilhar nos mais diferentes teatros europeus.

Desde o ano passado, o grupo vem funcionando em espaços e instalações próprias, porém, antes mesmo de sua profissionalização, já apresentava um significativo curriculum, pois o Balé Folclórico da Bahia já havia conquistado um público significativo de vários países da América Central, onde traçará todo o seu caminho, para posteriormente ganhar prestígio internacional.

Tendo como meta o cultivo das melhores expressões dos costumes do povo brasileiro, em muitos períodos da sua história, o Balé Folclórico da Bahia é dirigido por Walson Botelho e Ninho Reis, comporta um número de 26 dançarinos e conta com a colaboração de renomados estudiosos do folclore brasileiro, como Carlos Moraes, Augusto Omolu, Rosângela Silvestre, e outros.

Contudo, o Balé Folclórico da Bahia cada vez mais retrata, no mais puro estado, algumas das mais importantes manifestações da negritude, incluindo alguns números de Cadonblé (religião de origem africana), rituais de purificação (que consistem em oferendas), além de outros elementos inerentes a essa raça.

Campina Grande, sábado, 8 de outubro de 1988

BALÉ DA BAHIA

Pela primeira vez, o público campinense terá oportunidade de assistir ao espetáculo da primeira e única companhia de Dança Folclórica profissional do país. O Balé Folclórico da Bahia que fará duas apresentações dentro do Festival de Danças Populares hoje e domingo no Parque do Povo e dias 10 e 11 no Teatro Municipal, sendo neste último, uma apresentação especial e imperdível.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

DIÁRIO DA BORBOREMA - PARAÍBA

OUTUBRO 1988

Parque do Povo foi palco ontem de grandes shows



O público no decorrer do evento tem oportunidade de assistir apresentação de Balé como o de Natal , Piauí e Bahia

Um grande público compareceu ao Parque do Povo para prestigiar espetáculos dos grupos folclóricos que vieram participar do II Festival Nacional de Dança Popular, evento constante no roteiro das comemorações alusivas aos 124 anos de emancipação política de Campina Grande. Aberto ontem à noite, o festival será encerrado no próximo dia 12.

Com a presença de várias autoridades do Estado e do Município, após a solenidade abertura, o GrupoTropeiros da Borborema fez o primeiro espetáculo, tendo sido seguido pelo Balé Popular de Piauí, e o Balé Popular da Bahia.

Ontem pela manhã, os grupos folclóricos, que participam do festival, sairam desfilando pelas ruas centrais, exibindo trajes típicos de seus Estados. Durante a passagem dos grupos grande número de curiosos se enfileirou nas calçadas para ver as rápidas apresentações dos participantes, que pela amostragem de suas danças provocou entusiasmo em todos que presenciaram o desfile.

' Grupos de danças de vários Estados brasileiros, já confirmaram as suas participações, Balé de Cultura Negra, de Recife; Balé Folclórico Aruanda, de Minas Gerais; Balé Popular do Maranhão, de São Luiz; Asa Branca, de Belém do Pará; Guerreiros, de Maceió, de Alagoas; Balé Popular da Bahia, de Salvador; Balé Popular de Natal, Rio Grande do Norte; Zastrai, de Natal; Tropeiros da Borborema e Acauã de Serra, de Campina Grande.

O festival terá o seu encerramento no dia 12 e além das exibições no Parque do Povo, haverá durante todo o evento, reuniões e debates com trocas de experiência entre os diversos grupos participantes.

Este ano, a exemplo do ano passado, o governo do Estado, através da Casa Civil, e empresas privadas, está dando total apoio para mais esta realização que, é o principal marco do 124º aniversário de Campina Grande.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

JORNAL DO ESTADO
cultura@jornaldoestado.com.br
Espaço 2
d
CURITIBA, SÁBADO, 29 DE SETEMBRO DE 2001

JORNAL DO ESTADO - PARANÁ
SETEMBRO 2001

BALLET

Grupo da Bahia apresenta *Rapsódia Nordestina*

O novo espetáculo do Balé Folclórico da Bahia, *Rapsódia Nordestina* se apresenta no Teatro Guaíra amanhã às 20 horas depois de ter passado pelo Rio de Janeiro, São Paulo, Santos e Belo Horizonte, seguindo para Brasília.

Criado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis, o grupo começou sem nenhum. O elenco, vindo da capoeira, estreou no Festival de Joinville, antes mesmo de sua fundação oficial, com o espetáculo que traria atenção dos curadores internacionais de festivais de artes cênicas, *Bahia de todos os Santos*. Com este trabalho, o Balé Folclórico da Bahia começou sua vida internacional em 1992, numa grande festa ao ar livre na histórica Alexanderplatz de Berlim, para um público de 50 mil pessoas.

Rapsódia — O espetáculo foi criado como parte das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, ano passado, e partiu do desejo de mostrar as tradições populares da região, não só as comumente relacionadas à Bahia. Por causa da onipresente presença africana na cultura baiana, o Balé Folclórico foi buscar em estados como Maranhão, Pernambuco e Paraíba as festas com mais forte traço português e índio, para tentar desenhar um mapa mais amplo e diversificado da cultura popular do Nordeste.

SERVIÇO

O quê: Balé Folclórico da Bahia. Onde: Teatro Guaíra (15 de Novembro, s/nº). Quando: amanhã, às 20 horas. Quanto: R$25 (platéia), R$ 20 (primeiro balcão), R$ 15 (segundo balcão).

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 281 29/04/10 02:38

GAZETA MERCANTIL

ANO IV Nº 888

PARANÁ

CURITIBA, SEXTA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 2001

De todos os santos e todas as artes

Balé Folclórico da Bahia dança o colorido de sua terra

Larissa Jedyn
de Curitiba
ljedyn@gazetamercantil.com.br



O Balé da Bahia recria tradições nordestinas

Bahia brasileira e estrangeira, feita de encantos e mistérios, cantada em verso e prosa, movimento e silêncio. Terra dançada pelo Balé Folclórico da Bahia, o único grupo de folclore profissional do País, que rememora e recria a tradição dos antepassados negros, indígenas e portugueses. Suas danças resgatam movimentos perdidos no tempo, guardados pela saudade e pela história. A companhia baiana faz sua primeira apresentação em Curitiba, depois de amanhã, às 20 horas, no grande auditório do Teatro Guaíra.

No palco, 19 bailarinos e 12 músicos mostram alguns dos principais ritmos do País no espetáculo "Rapsódia Nordestina", que foi criado como parte das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, ano passado. Manifestações genuinamente brasileiras se misturam ao Balé da Bahia, que redescobriu um Brasil popular, festeiro, nordestino, guardado nas tradições do Boi-Bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu Rural, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Afixirê. "A nossa arte é mostrar a Bahia para todos os povos, mas este espetáculo foge um pouco das tradições exclusivamente baianas para abraçar outras fontes da cultura brasileira.

(continua na pág. 8)

GAZETA MERCANTIL - PARANÁ
SETEMBRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Pra variar, sucesso vem do exterior

Larissa Jedyn
(continuação da página 1)

Nos embrenhamos em expressões populares que compõem um painel amplo e diversificado da arte e da cultura nacional, mais especificamente a do Norte e do Nordeste", comenta Walson Botelho, fundador da companhia.

O balé foi ao Maranhão, Pernambuco e Paraíba para buscar outros vestígios da presenças africana, portuguesa e indígena nas tradições do Nordeste. Nessas pesquisas, segundo Botelho, foram descobertos paralelos entre manifestações de outros Estados e festejos do interior baiano. Foi assim que se associaram o Bumba-Meu-Boi maranhense, cearense e amazonense (Boi-Bumbá) ao Rancho do Boi encontrado em cidades baianas como Vitória da Conquista. O Maracatu Rural, típico de Pernambuco, achou um correspondente baiano no Maracatu de Caboclos, que dá ênfase maior aos Caboclos de Lança, personagens também encontrados no Maracatu pernambucano. A Rapsódia Nordestina é composta por oito quadros, que desfilam o Boi-Bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu Rural, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Afixirê, cada um dedicado a uma tradição popular ainda festejada no Nordeste.



"A nossa dança é feita de memórias, pesquisas intermináveis em livros e nas lembranças guardadas pelos descendentes de escravos ou de moradores daquele região, durante o período colonial. A manifestação folclórica não é 100% fiel às tradições. Ela é mutante, adquire as histórias do seu povo. Mas existem formas de se deduzir alguma coisa com base no som, no ritmo, na sugestão dos movimentos. As pesquisas e os estudos cercam as possibilidades até a exaustão, o processo todo é demorado. Se uma coreografia qualquer de dança moderna leva um mês para ficar pronta, a nossa demora cinco. A Rapsódia Nordestina levou nove meses para ser feita", destaca Botelho.

Fundado em 88 por Walson Botelho e Ninho Reis, o grupo começou sem nenhum apoio, criando e fazendo seus próprios figurinos, cenários e adereços de cena. O elenco, vindo da capoeira, dos shows para turista e mesmo da dança tradicional, enfrentou preconceitos dentro e fora de Salvador. Sem dar atenção às críticas, o balé investiu na formação técnica de seus 32 bailarinos, que têm uma rotina diária de oito horas, entre aulas de dança e ensaios. Sua estréia foi no Festival de Joinville (SC), antes mesmo de sua fundação oficial, com o espetáculo que traria atenção dos curadores internacionais de festivais de artes cênicas, "Bahia de todos os Santos". Com este trabalho, o Balé Folclórico da Bahia começou sua vida internacional em 92, numa grande festa ao ar livre na histórica Alexanderplatz de Berlim, para um público de 50 mil pessoas.

Desde então, as turnês internacionais se sucederam com o grande sucesso alcançado na Bienal de Dança de Lyon, em 94 e 96. A repercussão levou o grupo para os Estados Unidos, França, Canadá, Suíça, Alemanha, Portugal, Finlândia, Suécia, Dinamarca, entre outros países que lotam a agenda do grupo até 2003. Ele mantém ainda uma temporada permanente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, dentro do Projeto Pelourinho Dia & Noite, coordenado pela Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, e um projeto de dança e música dedicado à comunidade carente do Pelourinho.



Mesmo tendo recebido alguns dos mais importantes prêmios da dança brasileira – entre eles o FIAT, como a melhor companhia de dança do País, o Prêmio Estímulo do Ministério da Cultura, e o Mambembão do Ministério da Cultura, como a melhor pesquisa em cultura popular e melhor preparação técnica de elenco do País – o Balé da Bahia não tem uma boa circulação em terras brasileiras. "Nenhuma outra companhia brasileira faz no exterior o mesmo sucesso que os nossos espetáculos. Os oito ou nove meses que passamos na Europa ou nos Estados Unidos garantem a nossa sobrevivência no Brasil. Lá fora, somos representados por uma empresa que é um braço da Columbia Pictures. Mas no Brasil, as coisas são bem diferentes. Como quase não circulamos por aqui, não somos conhecidos e ninguém nos contrata. É um círculo vicioso. tirando o apoio da Secretaria de Estado da Cultura da Bahia, nunca recebemos o apoio de uma empresa brasileira. Todos os nossos projetos aprovados pelas leis de incentivo não foram realizados, pois os prazos prescreveram e não conseguimos patrocínio", ressalta Botelho.

Segundo ele, qualquer espetáculo do Balé da Bahia tem em média o mesmo orçamento de um trabalho de uma companhia nacional de renome, como o Grupo Corpo, Deborah Colker ou Cisne Negro. Rapsódia Nordestina custou à companhia R$ 120 mil. "O fato é que temos dificuldade de chegar aos lugares e às pessoas certas. O grande centro cultural do País está no Sul e não temos acesso a ele. Isso não é uma dificuldade só nossa. Grandes companhias do Norte e Nordeste, principalmente de dança, não conseguem projeção nacional", lamenta. Ele lembra que esta segunda turnê nacional, nos treze anos da companhia, orçada em R$ 250 mil, está sendo patrocinada por uma empresa canadense. ■

Serviço
Balé Folclórico da Bahia em
"Rapsódia Nordestina"
Teatro Guaíra
(entrada pela
Praça Santos Andrade)
Domingo, às 20h
Ingressos a R$ 25 (platéia),
R$ 20 (1º balcão)
e R$ 15 (2º balcão)

BOOK 20 ANOS BFB.indd 282 29/04/10 02:38

ALMANAQUE incluí Bom Domingo
CURITIBA, DOMINGO, 30 DE SETEMBRO DE 2001

Bahia dança rapsódia nordestina

Em turnê nacional, o Balé Folclórico da Bahia, antes de seguir a Brasília, apresenta-se hoje em Curitiba. Traz o espetáculo *Rapsódia Nordestina*, uma celebração da rica herança afro-brasileira apresentada com técnica elogiável. O grupo é hoje uma referência na pesquisa e encenação das danças folclóricas brasileiras.

Criado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis, o grupo começou sem nenhum apoio, criando e fazendo seus próprios figurinos, cenários e adereços de cena. O elenco, vindo da capoeira, dos shows para turista e mesmo da dança tradicional, enfrentou preconceitos dentro e fora de Salvador. Sem dar atenção às críticas, o balé investiu na formação técnica de seus 32 bailarinos, que hoje em dia têm uma rotina diária de seis horas de aulas e ensaios. Desde 1993 o diretor artístico do grupo é José Carlos Santos, o Zebrinha.

O Balé Folclórico da Bahia tem um pé no Sul. Pois foi no Festival de Dança de Joinville, antes mesmo de sua fundação oficial, que fez sua estréia, dançando *Bahia de Todos os Santos*. E com este bailado apresentou-se em Berlim, em 1992.

Desde então, as turnês internacionais se sucedem, principalmente depois do estrondoso sucesso do grupo nas edições de 1994 (cujo tema era a Mama África) e 1996 (com o Brasil como tema) da Bienal de Dança de Lyon, onde o grupo vem se apresentando anualmente. A repercussão levou o grupo para espetáculos nos Estados Unidos, França, Canadá, Suíça, Alemanha, Portugal, Finlândia, Suécia, Dinamarca, entre vários outros. A agenda do grupo já está cheia até 2003.



☐ *Premiado Balé Folclórico da Bahia, aqui numa cena de maculelê: espetáculo de amor ao Brasil hoje em Curitiba.*

Em seu novo espetáculo a premiada companhia foi buscar no Maranhão, Pernambuco e Paraíba as festas com mais forte traço português e índio, para tentar desenhar um mapa mais amplo e diversificado da cultura popular do Nordeste. Nas pesquisas, descobriu os paralelos entre manifestações de outros Estados e festejos do interior baiano. Foi assim que se associaram o Bumba-Meu-Boi maranhense e cearense e, atualmente, amazonense (Boi-Bumbá) ao Rancho do Boi encontrado em cidades baianas como Vitória da Conquista. O maracatu rural, típico de Pernambuco encontrou um correspondente baiano no maracatu de caboclos, que dá ênfase maior aos caboclos de lança, personagens também encontrados no maracatu pernambucano. Rapsódia Nordestina é composta por oito quadras - Boi-Bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu Rural, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Afixirê - cada um dedicado a uma tradição popular ainda festejada no Nordeste brasileiro.

As coreografias são assinadas por Amélia Conrado, Rosângela Silvestre, Walson Botelho e José Carlos Arandiba. Os dançarinos são Adalberto, Dias, Arilson Freitas, Augusta Braga, Darlan de Jesus, Edileuza dos Santos, Jackson Pinto, Jailson Balbino, Joaquim Santana, Joilson Lima (solista), Lucidalva Oliveira, Marinaldo Silva, Nara Couto, Nildinha Fonseca (solista), Reinaldo Pepe (solista), Ricardo Novais (solista), Rose Soares (solista), Sivaldo Tavares, Vera Passos (solista), Walter Souza.

Rapsódia Nordestina, sob direção de José Ricardo Sousa, leva ao palco também as cantoras Dora Santana e Miralva Couto, Emerson Carneiro (baixo), Zelito Bezerra (teclado e acordeon), o trombonista Renato Sibalde e, nos sopros, Ricardo Sibalde; mais os percussionistas Alcides Morais, André Souza (solo de congas), Daniel Sousa (solo de berimbau), Joel Souza e José Ricardo Sousa.

***

Única apresentação hoje, às 20h, no Guairão. Ingressos a 24, 20 e 15 reais.

ALMANAQUE - PARANÁ
SETEMBRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 283 29/04/10 02:38

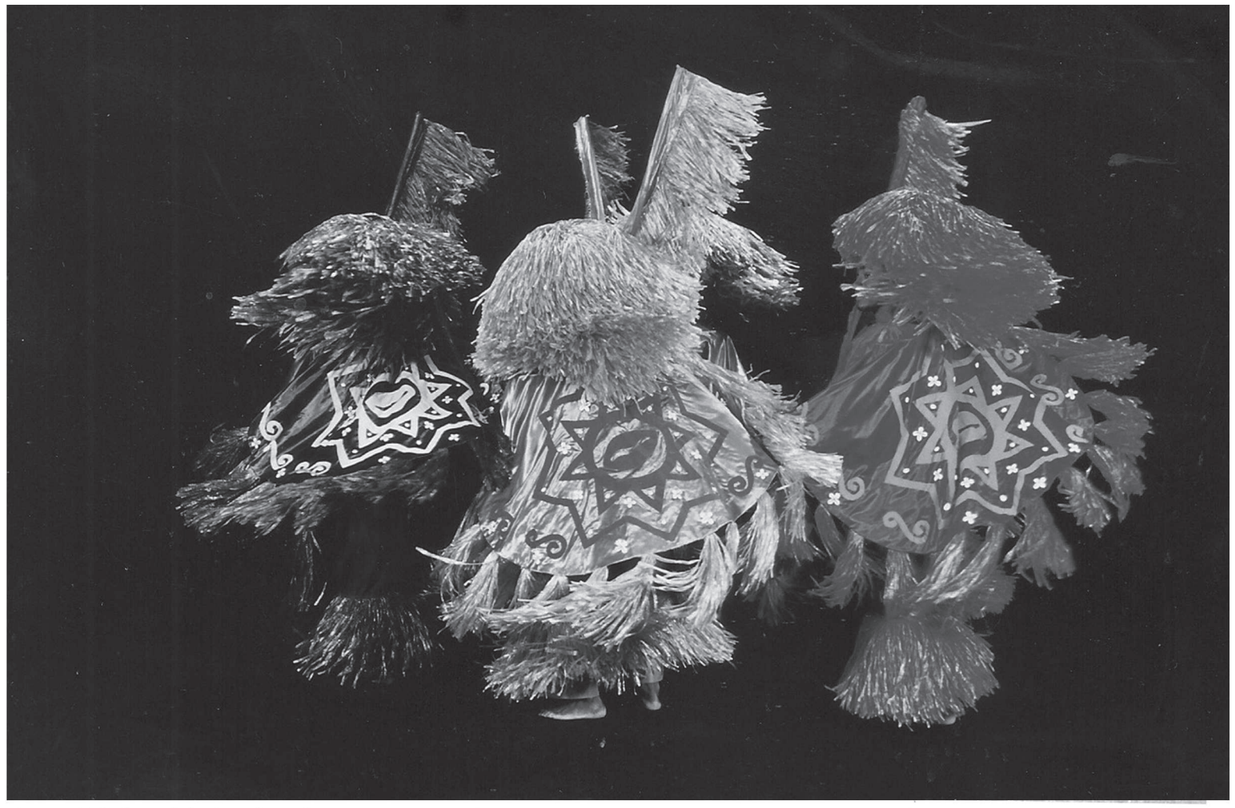
BALÉ TEM PRESTÍGIO INTERNACIONAL

O Balé Folclórico da Bahia já levou a dança brasileira a diversos países e acumula prêmios no Brasil

Elisa Marília Carneiro
De Curitiba

Criado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis, o Balé Folclórico da Bahia começou sem nenhum apoio, criando e fazendo seus próprios figurinos, cenários e adereços de cena. O elenco, vindo da capoeira, dos shows para turistas e mesmo da dança tradicional, enfrentou preconceitos dentro e fora de Salvador. Sem dar atenção às críticas, o grupo investiu na formação técnica de seus 32 bailarinos, que hoje em dia têm uma rotina diária de seis horas de aulas e ensaios. Desde 1993 o diretor artístico do grupo é José Carlos Santos, o Zebrinha. Em cena, a cultura popular brasileira com apresentação contemporânea e qualidade técnica impecável.

A estréia foi no Festival de Joinville, antes mesmo de sua fundação oficial, com o espetáculo que traria atenção dos curadores internacionais de festivais de artes cênicas, "Bahia de todos os Santos". Com este trabalho, o Balé Folclórico da Bahia começou sua vida internacional em 1992, numa grande festa ao ar livre na histórica Alexanderplatz de Berlim, para um público de 50 mil pessoas. Desde então, as turnês internacionais se sucedem, principalmente depois do estrondoso sucesso do grupo nas edições de 1994 (cujo tema era a Mama África) e 1996 (com o Brasil como tema) da Bienal de Dança de Lyon, onde o grupo vem se apresentando anualmente. A repercussão levou o grupo para espetáculos nos Estados Unidos, França, Canadá, Suíça, Alemanha, Portugal, Finlândia, Suécia, Dinamarca, entre vários outros. A agenda do grupo já está cheia até 2003. A companhia já recebeu os prêmios Fiat (como a melhor companhia de dança do País em 1990), Prêmio Estímulo do Ministério da Cultura em 1993 e o Mambembão do Ministério da Cultura como a melhor pesquisa em cultura popular e melhor preparação técnica de elenco do país em 1996.



O Balé Folclórico da Bahia mostra no palco ritmos contagiantes, numa mistura equilibrada de arte e técnica

Com um olho no potencial turístico e outro na qualidade técnica e artística de seus músicos e bailarinos, o grupo já tem prêmios, reconhecimento e uma temporada permanente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, dentro do Projeto Pelourinho Dia & Noite, coordenado pela Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, onde uma segunda companhia se apresenta diariamente para os milhares de visitantes que chegam à cidade.

Tanto lá como nos palcos do mundo, a celebração da herança afro-brasileira que acontece no palco é a mesma. É essa mistura, desta vez celebrando a cultura da região Nordeste, que é a matriz do novo espetáculo do grupo, "Rapsódia Nordestina". Do Brasil, além da riqueza das festas e danças populares, o balé empresta também uma história de luta e superação.

O Balé Folclórico da Bahia mantém um projeto social há três anos, com uma escola de dança gratuita para cerca de 200 crianças.

Balé Folclórico da Bahia, hoje, às 20 horas, no Teatro Guaíra, em Curitiba. Ingressos a R$ 25,00 (platéia), R$ 20,00 (1º balcão) e R$ 15,00 (2º balcão).

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

FOLHA DO PARANÁ - PARANÁ
SETEMBRO 2001

BOOK 20 ANOS BFB.indd 284 29/04/10 02:38

NA DANÇA DO FOLCLORE

Elisa Marilia Carneiro
De Curitiba

FOLHA DO PARANÁ - PARANÁ
SETEMBRO 2001



Boi-Bumbá: peça da cultura amazonense integra a "Rapsódia Nordestina" que conta com oito coreografias

O Balé Folclórico da Bahia leva a Curitiba a exuberância dos ritmos brasileiros em apresentação única, hoje, no Guairão

Elisa Marilia Carneiro
De Curitiba

Há 13 anos pelos palcos do mundo todo, o Balé Folclórico da Bahia inclui Curitiba nessa segunda turnê nacional. Em única apresentação, o Balé estará hoje, às 20 horas, no palco do Guairão. A coreografia é a mais exuberante já produzida: a "Rapsódia Nordestina", com direção geral de Walson Botelho.

Segundo Botelho, o Balé passa nove meses por ano, desde 1994, apresentando-se fora do País. Só nos Estados Unidos, já esteve em 180 cidades. "Nas turnês internacionais, somos patrocinados pela norte-americana Columbia Arts e este ano, para mostrar nosso trabalho em algumas cidades brasileiras, contamos com o patrocínio da canadense Nortel Net Works. A única explicação plausível para não termos patrocinadores nacionais é o preconceito", analisa o diretor geral da companhia. Ele argumenta que as empresas brasileiras têm receio em associar o nome à cultura popular. "Nós tivemos várias vezes leis de incentivo aprovadas mas não conseguimos a captação. Outra dificuldade, é o fato de a maioria das grandes empresas estar concentrada no Sul e ter apenas gerências nos estados nordestinos. "Em geral, não são pessoas capacitadas para avaliar um projeto dessa envergadura", reconhece.

Botelho fala sobre a falta de patrocínio nacional num tom de amargura e decepção, mas quando a entrevista envereda para as coreografias, figurinos, pesquisa e projetos sociais, muda completamente. Entusiasta da cultura popular, Walson Botelho adianta que o que os curitibanos assistirão hoje nunca mais será esquecido. "Quem assistiu ao Balé em Joinville (SC) em 1988 ou no ano passado, vai ficar ainda mais deslumbrado", garante.

O espetáculo "Rapsódia Nordestina" foi criado para as comemorações dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil e partiu do desejo de mostrar as tradições populares da região, não só as comumente relacionadas à Bahia. Com a "Rapsódia Nordestina", o Balé abriu a mostra dos 500 Anos no Parque Ibirapuera (SP), único evento comemorativo para o qual foi convidado.

Os coreógrafos Amélia Conrado, Rosângela Silvestre, José Carlos Arandiba, além do próprio Walson Botelho foram buscar em estados como o Maranhão, Pernambuco e Paraíba as festas com fortes traços português e índio, para tentar desenhar um mapa mais amplo e diversificado da cultura popular do Nordeste, com raízes africanas.

Nas pesquisas, descobriram paralelos entre as manifestações de outros estados e festejos do interior baiano. Foi assim que se associaram o Bumba-Meu-Boi maranhense e cearense e o amazonense Boi-Bumbá ao Rancho do Boi, encontrado em cidades baianas como Vitória da Conquista. O Maracatu Rural, típico de Pernambuco encontrou um correspondente baiano no Maracatu de Caboclos, que dá ênfase maior aos Caboclos de Lança, personagens também encontrados no Maracatu pernambucano. Desta forma, "Rapsódia Nordestina" é composta por oito quadros - Boi-Bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu Rural, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Afixirê - cada um dedicado a uma tradição popular ainda festejada no Nordeste brasileiro. O espetáculo já esteve no Rio de Janeiro, São Paulo, Santos e Belo Horizonte, e segue para Brasília.

Um outro destaque da apresentação em Curitiba é o músico Daniel Sousa, que executa a música "Asa Branca" no berimbau.

Leia mais sobre o Balé Folclórico da Bahia na página 3

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 285 29/04/10 02:38


CADERNO G
GAZETA DO POVO
DOMINGO 30 de setembro de 2001

Nesta edição

- Geração 90 na literatura. ➧ Pág. 5
- Especial Paty Lazzarotto: as obras que o artista deixou em sua casa. ➧ Págs. 6 e 7
- Arte em tempo de guerra. ➧ Pág. 12

DANÇA ▮ BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA – UMA REFERÊNCIA NO GÊNERO – FAZ APRESENTAÇÃO ÚNICA HOJE À NOITE NO GUAIRÁ

Do Pelourinho e do Nordeste Brasil que o Brasil desconhece

Grupo mostra *Rapsódia Nordestina*, colagem das heranças formadoras da cultura nacional

IMAGINE UMA COMPANHIA DE DANÇA QUE VIAJA pelo mundo há seis anos, se apresentou na Europa, Austrália e o Caribe, fez 180 apresentações nos Estados Unidos, tem uma infinidade de prêmios no Brasil e no exterior e agenda fechada até 2005!

Imagine que após as duas primeiras apresentações na Bienal de Dança de Lyon (França), em 1994 e 1996, um grupo se apresenta por lá regularmente e, como resultado de todo este trajeto, recebe o prêmio Fiat de melhor companhia de dança em 1990, prêmio Estímulo do Ministério da Cultura em 93 e o Mambembão, também do MinC, como melhor pesquisa em cultura popular e melhor preparação técnica de elenco no país em 1996.

Agora calcule que o trabalho da referida companhia seja calcado na cultura brasileira, as manifestações da Bahia em particular e do Nordeste no conjunto, e que tem um espetáculo que praticamente nunca foi apresentado... no Brasil.

Essa é uma parte da história do Balé Folclórico da Bahia, companhia que começou sozinha e malpaga em 88, no Pelourinho, tendo à frente Walson Botelho e Ninho Reis, e que hoje é uma das formações de dança mais requisitadas e respeitadas no seu gênero de atuação. Apesar disso, o espetáculo que poderá ser visto hoje à noite no Guairão contabiliza apenas a segunda apresentação da montagem *Rapsódia Nordestina* no país que abriga a companhia. A primeira foi na abertura da Bienal dos 500 anos em São Paulo.

O patrocínio para a turnê com 80 integrantes pelo Brasil vem da Nortel Networks, empresa de telefonia canadense que se ofereceu para ser a mecenas do grupo. Após o presidente da empresa assistir ao Balé Folclórico da Bahia no Canadá, ligou pessoalmente para os dirigentes oferecendo apoio. Nada de leis de incentivo, atravessadores, burocracia, filas e documentos. Reconhecimento. "O presidente me ligou na véspera do Natal perguntando se nós ainda tínhamos interesse em fazer uma turnê no Brasil", conta Walson Botelho, diretor geral do BFB.

É até inocente perguntar se faz diferença se apresentar aqui ou no exterior ou se o que importa é mostrar o trabalho, não contando em que lugar. "Faz uma diferença muito grande. Em primeiro lugar, a nível pessoal, porque acho entristecedor a gente ter um trabalho considerado por toda crítica internacional como o melhor do mundo na atualidade, ter recebido prêmios no Brasil, prêmio de melhor preparação técnica de elenco, melhor pesquisa em cultura popular, ter agenda até 2005 fechada no exterior, ser agenciado pela Columbia Arts, que é a maior agência do planeta, e não ter oportunidade de se apresentar no Brasil por causa da falta de patrocínio", desabafa Botelho. "Nós conseguiríamos nos manter exclusivamente com o dinheiro da turnê. Mas gasta-se muito. Passamos nove meses do ano viajando, mantendo uma estrutura de 80 pessoas. Nos três meses que estamos por aqui ficamos sem nada para fazer". O apoio é bem-vindo.

Além do grupo principal, o Balé Folclórico mantém outro núcleo com temporada permanente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, dentro do projeto Pelourinho Dia e Noite. Agrega também uma escola de dança que atende 200 meninos e meninas de rua.

O espetáculo *Rapsódia Nordestina* trata das diluições, influências e contatos entre a cultura negra, européia e indígena – tríade genética básica do país. Nessa linha, o Balé Folclórico da Bahia foi buscar no Maranhão, Pernambuco e Paraíba o mapa da diversificação e dos paralelos. Por exemplo: o bumba-meu-boi maranhense, cearense e amazonense (chamado de boi-bumbá) são bem parecidos com o rancho do boi, encontrado em cidades baianas como Vitória da Conquista.

O maracatu rural, típico de Pernambuco, tem seu correspondente baiano no maracatu de caboclos que, por sua vez, dá ênfase maior aos caboclos de lança, personagens do maracatu pernambucano. "Começamos a pensar em mostrar um panorama mais amplo que não fosse exclusivamente afro-baiano. Selecionamos algumas manifestações do Norte-Nordeste que, de alguma forma, tivessem uma base do que se desenvolve na Bahia. É balé folclórico da Bahia, não do Brasil. É Nordeste".

"Veja: o afoxé é um cortejo. O bumba-meu-boi, no Ceará, também. Em Parintins tem o boi-bumbá e na Bahia o rancho do boi. Todos trazem a história do vaqueiro que cortou a língua do boi para atender o desejo da mulher grávida. O patrão manda prender o empregado e os personagens são chamados para ressuscitar o boi: padre, pajé, feiticeiro, cigana...", explica Botelho.

Rapsódia... traz oito quadros, com 19 bailarinos e 12 músicos no palco: boi-bumbá, xaxado, ginga, maracatu rural, maculelê, samba de roda, capoeira e afoxé, sendo esta última uma coreografia criada pelo BFB e cujo significado é "dança da felicidade" em iorubá. "Este é o quadro que encerra o espetáculo e resume todas as influências baianas, em especial a africana. Traduz a alegria com que o nosso balé se apresenta, com que o baiano dança no seu festival de cores, sons e movimentos", finaliza Botelho.

• MARCOS ZIROLDI

➧ **Serviço:** Balé Folclórico da Bahia. Hoje às 20 horas no Guairão (Praça Santos Andrade s/n.º). Platéia (R$25), 1.º balcão (R$20) e 2.º balcão (R$15). Assinantes da Gazeta do Povo ganham 20% de desconto na compra de até 2 ingressos. Informações 41 322-2628.



Figurino é um dos destaques da montagem.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Chance para ampliar o repertório

O espetáculo **Arraiá do Balé Folclórico,** com os 35 dançarinos e músicos do Balé Folclórico da Bahia, marcará presença em praticamente todos os grandes eventos do calendário junino de Salvador *(veja coluna)*. Este é um bom indício de que o bucolismo e a ingenuidade que caracterizam essas festas passam a interessar também aos produtores dos espetáculos tidos como mais elaborados.

As quadrilhas de roças e danças caipiras, organizadas por grupos que saem dos subúrbios de Salvador, têm dado uma grande contribuição para que as festas juninas se mantenham com vigor na cidade — mas a adesão do balé dá uma outra dimensão aos festejos: Para o balé, a elaboração do espetáculo é uma oportunidade de ampliar o repertório e apresentar às platéias, do Brasil e do exterior, uma nova versão do folclore baiano. É uma arte universal — e até certo ponto de elite — ganhando as cores do interior do país e levando-as para o mundo.



Os dançarinos: presença em vários eventos

QUADRILHAS. O Balé Folclórico da Bahia, um grupo com 35 bailarinos e músicos, que tem excursionado pelo Brasil e exterior mostrando a dança afro-brasileira, este ano dá o toque de originalidade nos festejos de São João em Salvador. O espetáculo *Quadrilhas* está sendo mostrado em vários espaços alternativos da cidade, com a idéia básica de recriar a tradicional dança de origem européia, indispensável aos festejos baianos. Com formação em dança afro, os bailarinos dão mais vigor e movimento aos diversos quadros da dança, inovando também no ritmo que se torna mais intenso. A direção é de Walson Botelho, o mesmo que coreografou os espetáculos apresentados na Europa e países da América do Sul no ano passado. **Shopping Center Iguatemi,** de 17 a 21, às 17h; **Espaço Xis,** Rua General Labatut, 46 (Subsolo da Biblioteca Central do Estado), tel. 321-4555, dia 20 (quinta) às 18h30. *Grátis.*

ESPECIAL

ARRAIÁ DO BALÉ FOLCLÓRICO. Espetáculo que extrapola o envolvimento com as festas juninas, esta apresentação do Balé Folclórico da Bahia faz uma recriação em cima da coreografia realizada no ano passado por Emilia Biancardi e Rosangela Silvestre, que terminou como campeã do prêmio Fiat 90, com o título de *Rapsodia Nordestina*. As marcações foram feitas para mostrar danças regionais, como o xaxado, o maracatu, entre outras, e, com a adaptação, o diretor Walson Botolho incluiu passos da quadrilha. **Associação dos Moradores do Engenho Velho,** Engenho Velho de Brotas, quinta (27), às 20h, e **Ginásio Antonio Balbino,** sábado (29), às 20h.

veja

veja Rio

MAIO 1993

S | T | Q | Q | S | S | D



BAIANOS DANÇAM NO TEATRO JOÃO CAETANO
Mais conhecido no exterior, para onde viaja todos os anos, do que no Brasil, o Balé Folclórico da Bahia mostra números de maculelê, samba-de-roda e capoeira no Teatro João Caetano. *Dança,* **pág. 41**

REVISTA VEJA - RIO DE JANEIRO

MAIO 1993

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 287 29/04/10 02:39

Tribuna BIS



Candomblé, maculelê e capoeira no João Caetano

O premiado Balé Folclórico da Bahia (acima) inicia hoje, no Teatro João Caetano, a sua turnê nacional. Durante a curta temporada carioca, que vai até domingo, a única companhia de balé folclórico profissional do país promete mostrar coreografias ligadas ao candomblé, incluindo números de maculelê, samba-de-roda e capoeira. Walson Botelho, diretor do grupo, dividiu a apresentação do Balé Folclórico em oito cenas, e torce para que o espectador do Rio aprecie o trabalho que vem desenvolvendo com a companhia desde 1988.

TRIBUNA BIS - RIO DE JANEIRO
MAIO 1993

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 288 29/04/10 02:39

O GLOBO - RIO DE JANEIRO
MAIO 1993

Sexta-feira, 21 de maio de 1993 O GLOBO

DANÇA

Maculelê e capoeira do tipo exportação

Balé Folclórico da Bahia mostra no Rio o show que vai apresentar na Europa

Os oito bailarinos e cinco percussionistas do Balé Folclórico da Bahia apresentam em primeira mão para o público carioca o espetáculo com que percorrerão a Europa no segundo semestre deste ano. A companhia dança até domingo no Teatro João Caetano, com um programa que inclui coreografias típicas do folclore baiano, como "Puxada de rede", "Maculelê", "Samba de roda" e "Capoeira", além de outras criadas especialmente para o grupo.

— Depois do Rio vamos percorrer algumas cidades brasileiras, como Belo Horizonte e São Paulo. Em junho embarcamos para a Europa, onde faremos uma turnê pela Espanha, Itália, Suécia, Grécia e Alemanha — conta o diretor, figurinista e coreógrafo do grupo, Walson Botelho.

Criado em 1988 por Botelho, o Balé Folclórico da Bahia é a única companhia de dança folclórica profissional do Brasil, e vem divulgando a cultura baiana dentro e fora do país. Em sua última apresentação em Berlim, durante o festival da Alexanderplatz, arrastou para o palco, com seu ritmo, os bailarinos do Ballet Bolshoi, que dançaram entusiasmados as coreografias "Afixiré" e "Fêmeas". **(Paula Fernandes)**



Divulgação

O Balé Folclórico da Bahia se apresenta no João Caetano

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 289 29/04/10 02:39

O GLOBO - RIO DE JANEIRO
OUTUBRO 1994

O GLOBO

Quarta-feira. 19 de outubro de 1994

Elogios do 'NYT' levam Balé da Bahia aos EUA

No último domingo, dia 16, Anna Kisselgoff, crítica de dança do jornal "New York Times", começou seu artigo tecendo rasgados elogios ao Balé Folclórico da Bahia por sua participação na Bienal da Dança de Lyon, na França, acontecida no mês passado. O evento, um dos mais importantes da área, teve como tema "Mama África: da América ao Harlem" e contou com a participação de grandes nomes da dança, como a Alvin Ailey American Dance Theater e Germaine Acogny, entre outros. Por isso, o destaque dado ao grupo soou como música aos ouvidos do diretor baiano Walson Botelho.

— Anna é uma crítica de dança das mais conceituadas. O artigo já rendeu, até agora, três convites para realizarmos turnês nos Estados Unidos a partir de 1996. Nunca estivemos lá e estamos estudando cada proposta — diz Walson.

Segundo o diretor, esta é a primeira vez que a América Latina é representada na Bienal, que, nesta versão, uniu todas as representações da dança negra, inclusive as tribais. Além do balé baiano, o aclamado Grupo Corpo também marcou presença com a coreografia "Nazareth", baseada em chorinhos. Mas não mereceu o mesmo entusiasmo da crítica. Para Walson, o que encantou os franceses e a americana foi a mistura dos fortes ritmos africanos com a mais apurada técnica, apresentada pelos baianos em números de maculelê, capoeira e até samba-reggae.

— Eles estão acostumados a imaginar dança no Brasil sob a forma de carnaval, mulatas e brilhos. Trabalhamos e transformamos o folclore tradicional, primitivo, em uma linguagem totalmente contemporânea. Sem precisar botar plumas, sapato alto e paetês — diz Walson.

O grupo, criado há seis anos, transformou-se também num "exportador" de talentos. Walson calcula que cerca de 70 bailarinos já se foram, convidados por companhias estrangeiras, inclusive a Alvin Ailey. Depois da participação na Bienal de Lyon, o balé apresentou-se em Paris, Bélgica e Holanda. E voltou para casa com menos três bailarinos.

Outro fruto da boa performance em Lyon foi o contato que o grupo fez com Germaine Acogny, considerada a versão feminina e negra de Maurice Béjart — ela foi solista na companhia dele por muitos anos. Musa de Walson Botelho, Germaine ficou tão encantada com o trabalho do grupo que prometeu criar — gratuitamente — uma coreografia especial para eles no próximo ano.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 290 29/04/10 02:39

O GLOBO Terça-feira, 17 de setembro de 1996

Balé Folclórico da Bahia estréia espetáculo em Lyon

Candoco Company apresenta bailarinos em cadeiras de rodas

Adriana Pavlova
Enviada especial • LYON

Lyon viveu ontem sua quarta-feira de cinzas. Enquanto a cidade francesa ainda saboreava o sucesso do desfile de carnaval de domingo, companhias brasileiras se preparavam para a estréia na Bienal de Dança que homenageia o Brasil. Hoje é a vez do Balé Folclórico da Bahia e da companhia Terceira Dança, de São Paulo, mostrarem seus trabalhos. Também hoje a inglesa Candoco Dance Company, que tem a participação de bailarinos em cadeiras de rodas, faz a *première* mundial de seu espetáculo, como uma das companhias estrangeiras convidadas. A Candoco Company vai se apresentar em novembro em São Paulo e Belo Horizonte.

Cidade quer incorporar desfile de carnaval às festas oficiais

Ontem, o assunto preferido em Lyon foi o concorrido desfile de carnaval à francesa, com participação de 17 grupos de diferentes bairros da cidade e o toque brasileiro de Imperatriz Leopoldinense, Balé da Bahia, Maracatu Nação Pernambuco e Cazumba Bumba-meu-boi, do Maranhão. Os organizadores da bienal, que também promoveram o desfile, querem incorporar o evento ao calendário da cidade:

— Podemos transformar o desfile numa especialidade franco-brasileira — sugeriu Guy Darmet, curador da bienal.

O desfile também serviu como aperitivo para a estréia do Balé Folclórico da Bahia. A companhia de Salvador, revelada na edição de 1994 da Bienal de Dança, apresenta "Bahia de todas as cores", coreografia assinada por Walson Botelho. No Theatre de la Croix-Rousse, a Cia. Terceira Dança, dirigida por Gisela Rocha, faz sua estréia em solo francês. Os seis bailarinos apresentam as coreografias "Das" e "Las cartes".

Mas curiosidade mesmo quem está despertando é a Candoco Company, com seu singular trabalho de dança em cadeiras de rodas — há dois deficientes físicos no grupo. Em Lyon, eles estréiam "Across your hearth". ■

O GLOBO - RIO DE JANEIRO
SETEMBRO 1996

JORNAL DO BRASIL - RIO DE JANEIRO
SETEMBRO 1996

JORNAL DO BRASIL

Baianos surpreendem Lyon com carnaval

NAYSE LÓPEZ
Enviada especial


BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DE LYON

LYON, França — Foi de emocionar baiano do Recôncavo a festa que começou no enorme Auditorium, lotado por cerca de três mil pessoas, e continuou literalmente na rua, numa jogada cênica acertada do diretor do Balé Folclórico da Bahia, Walson Botelho. Quando percebeu que os espectadores estavam em delírio e não iriam embora mesmo, mandou que os percussionistas guiassem o povo para fora do teatro. O resultado foi um carnaval no coração comercial de Lyon, onde acontece a Bienal Internacional de Dança, durante quase meia hora depois do espetáculo de terça-feira.

Conhecido do público da bienal desde que representou o Brasil na edição anterior, o Balé Folclórico já era um sucesso. Mas ninguém, nem os baianos presentes ao festival nem o próprio diretor do evento, Guy Darmet, estavam acreditando no que viam. "É preciso entender que esta não é uma tradição francesa. Aqui o povo é em geral mais contido", explicou. Mas os lioneses não quiseram nem saber. Embalados pela força cênica da companhia, que mistura os rituais da tradição religiosa sincrética da Bahia com dança contemporânea, arriscaram cantar e dançar como no Pelourinho.

Do outro lado da cidade, na antiga região de Croix Rousse, a Cia. Terceira Dança fez uma estréia fria com um espetáculo tecnicamente rico e que aponta uma excelente nova coreógrafa brasileira, a diretora Gisela Rocha. Com iluminação brilhante e intercalando textos, Gisela apresentou, em *Les cartes*, o embrião do que pode se tornar um trabalho mais consistente. Logo em seguida, mostrou *Das*, trabalho anterior e mais conceitual que, como *Les cartes*, sofreu com o palco pequeno.

Hoje a festa começa cedo, com a afrobrasilidade da Rubens & Barbot, companhia carioca que mostra *Um toque de dança*, realizada com a colaboração do compositor Robertinho Silva. Depois, as cores verde e amarelo saem de cena deixando apenas o azul e o branco do tango argentino. A companhia franco-argentina de Catherine Berbessou faz a chamada releitura da milonga portenha com base contemporânea em *A fuego lento*. Depois dos espetáculos, acontece o show de Alcione, que substituirá Beth Carvalho, que alegou problemas contratuais e cancelou a vinda.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 291 29/04/10 02:39

O GLOBO Quinta-feira, 19 de setembro de 1996

Coreografia sobre candomblé anima Bienal de Dança

Balé Folclórico da Bahia é, até agora, o preferido do público de Lyon

Adriana Pavlova

Enviada especial • LYON

Depois do sucesso da estréia de Deborah Colker na segunda-feira, terça à noite foi a vez do Balé Folclórico da Bahia botar todo mundo para dançar em sua *première* na Bienal de Dança de Lyon, repetindo a ótima apresentação da edição de 94 do evento. Será difícil outro grupo desbancar a companhia de Salvador como a preferida do público.

O batuque baiano levantou a platéia de três mil pessoas no Auditorium, arrastando-as para fora do teatro, onde a festa continuou. Ninguém ficou parado durante "Bahia de todas as cores", uma coletânea das tradições baianas pela ótica da dança, que tem ainda uma versão samba-reggae para "La vie en rose".

— É a apresentação quase completa do ritual do candomblé, com o cuidado de não mostrar os ritos sagrados — explicou o coreógrafo Walson Botelho.

Cia. Terceira Dança não repete sucesso do Balé Folclórico

Enquanto o Balé Folclório animava o Auditorium, outras quatro companhias brasileiras se apresentavam em teatros da cidade, reunindo cerca de cinco mil espectadores. A outra estréia da noite foi a Cia. Terceira Dança, de São Paulo. Com o Theatre de la Croix-Rousse pela metade, eles apresentaram um espetáculo bem cuidado, com as coreografias "DAS" e "Les cartes". O pequeno palco e a concorrência com o Balé Folclórico acabaram por prejudicar a apresentação, recebida sem entusiasmo pela platéia. No entanto, apesar da coreógrafa Gisela Rocha ter enfatizado que não se importa com a beleza dos movimentos, as peças exibem uma pesquisa coreográfica com imagens marcantes.

— São as imagens que me interessam — disse Gisela. — Misturo a decoração clean com o barroco e ainda cinema e literatura.

Alcione chegou a Lyon para três apresentações. Ela substitui Beth Carvalho, que desistiu de vir por não estar de acordo com o contrato. O ministro da Cultura, Francisco Weffort, enviou ontem ao curador do evento, Guy Darmet, uma mensagem agradecendo a iniciativa de homenagear a dança brasileira. ■

O GLOBO - RIO DE JANEIRO
SETEMBRO 1996

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 292 29/04/10 02:39

Em busca de porto seguro dentro da própria casa

Sucesso em todo o mundo, Balé Folclórico da Bahia faz dez anos sonhando ganhar a difícil simpatia do público brasileiro

Daniela Name

Comemorando dez anos de existência, o Balé Folclórico da Bahia quer fazer festa no lugar em que ele é menos festejado: o Brasil. Cada vez mais aclamada pela crítica especializada da Europa e dos Estados Unidos, a companhia dirigida por Walson Botelho começou esta semana a tentar vencer as resistências que sofre no país por fazer uma dança assumidamente folclórica: apresentou no Teatro Castro Alves, em Salvador, a coreografia "Corte de Oxalá", criada especialmente para a Bienal de Dança de Lyon de 1996, e o sucesso foi tanto que foi programada uma sessão extra para hoje.

— "Corte de Oxalá" foi a primeira coreografia que concebi à frente do grupo, mas tinha muito medo de apresentá-la na Bahia — confessa Botelho. — Como ela fala de candomblé, preferi aprimorá-la no exterior para depois, finalmente, passar pela prova de fogo em Salvador. Sabia que não dava para exagerar a ponto de criar uma caricatura. Mas também não dava para ser fiel ao extremos aos rituais, para não haver desrespeito à religião.

Diretor se ressente da falta de incentivo para o folclore

Botelho sabe que o Balé Folclórico tem mais público no exterior do que no Brasil. O segundo corpo de baile da companhia se apresenta há três anos no projeto Pelourinho Noite e Dia. Na platéia, turistas e baianos lotando o teatro de cem lugares de segunda-feira a sábado.

— Mas a equipe principal pouco pára no Brasil e é difícil até se informar sobre o que as outras companhias estão fazendo — diz o diretor. — Queríamos que fosse diferente, mas a aceitação lá fora é maior e no Brasil os custos são muito maiores. Além disso, ainda há um preconceito em relação a tudo que é folclórico. A tendência dos coreógrafos é estar olhando para o que acontece lá fora.

Há dois anos, a apresentação de "Corte de Oxalá" na Bienal de Lyon deixou os seguranças do festival desesperados. Empolgados com o número final da coreografia, franceses, brasileiros e jornalistas de todas as nacionalidades que cobriam o festival deixaram o protocolo de lado e abandonaram bolsas e paletós nas cadeiras para dançar com os bailarinos do lado de fora do teatro.

Divulgação



BAILARINA REPRESENTA Oxum, deusa da vaidade e da beleza, na coreografia "Pantheon dos orixás": passos diretamente inspirados nos rituais do candomblé

— Foi uma apresentação emocionante, que terminou com todo mundo dançando animadíssimo, num lugar que originalmente era um teatro para música clássica — lembra a produtora de dança Gilda Almeida, que estava em Lyon durante a Bienal. — O Balé Folclórico tem uma pesquisa muito séria da nossa cultura, mas ainda há muita resistência no Brasil a este tipo de trabalho.

Gilda lamenta que existam estas resistências, mas atribui parte da responsabilidade a uma parcela dos próprios grupos que trabalham com folclore:

— Não se pode fazer um espetáculo para inglês ver, nem em dança, nem em nenhuma outra manifestação artística. Foi por não fazer isso que o Balé Folclórico da Bahia se destacou. Com tantos anos de estrada internacional, eles adquiriram um grande apuro técnico e sabem dar à tradição um ar de espetáculo.

A primeira apresentação do grupo fora do país aconteceu em 92, em Berlim. Mas a grande estréia aconteceu mesmo em Lyon, na Bienal de Dança de 94. O sucesso foi tanto que os organizadores resolveram escolher o Brasil como tema do festival seguinte, e as fotos do Balé Folclórico da Bahia ilustraram cartazes e catálogos do evento.

— Foi um grande orgulho para nós, porque sabemos que no Brasil há pouca tradição de grupos profissionais de dança folclórica. Os empresários não dão apoio e eu mesmo já fechei a companhia quatro vezes por falta de recursos — conta o diretor do grupo, que hoje se sustenta com uma verba mensal do governo do Estado da Bahia e o cachê das apresentações internacionais.

Orixás viram personagens em coreografia do grupo

O grupo, que começou com 17 integrantes, hoje reúne 70 nos dois corpos de baile. Em "Corte de Oxalá", 32 estarão em cena. A coreografia começa com a "Cerimônia do Padê", que homenageia o orixá Exu. Depois vêm a "Iniciação de Yaô", uma espécie de batismo do novo adepto da religião, que muda de nome e passa a ser protegido por um orixá, e "Pantheon dos orixás", que apresenta Ogun, Oxum, Omulu, Iansã, Oxossi e Oxalá, cada qual com suas características específicas.

— Tomamos cuidado de só mostrar as cerimônias do candomblé que são públicas — avisa o diretor.

A cultura praiana da Bahia é lembrada em "Puxada de rede", uma homenagem aos pescadores que até hoje vão para o mar de madrugada cantando para pedir proteção a Iemanjá, deusa do mar. Depois vêm números de maculelê, samba de roda e capoeira, além de dois números criados especialmente para o grupo por Rosângela Silvestre: "Fêmeas" e "Afixiré". Mas "Corte de Oxalá" mudou um pouco de Lyon para Salvador. Na capital baiana, a coreografia perdeu o "Samba reggae", parte final que fez com que a platéia francesa caísse na dança.

— Ficaria muito longo, preferi enxugar — justifica Botelho. ■

O GLOBO

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

O FLUMINENSE - RIO DE JANEIRO

SETEMBRO 2001

O FLUMINENSE Terca-feira, 18/09/2001 4 SEGUNDO CADERNO

Balé da Bahia

Grupo Rapsódia Nordestina traz ao Teatro Carlos Gomes sua dança folclórica nordestina



Marisa Vianna/Divulgação

O balé fez turnês nas maiores casas de shows do mundo

•Uma rapsódia do orgulho de ser brasileiro com o Balé Folclórico da Bahia é o novo espetáculo do grupo Rapsódia Nordestina, que chega ao Rio de Janeiro para duas apresentações, hoje e amanhã, no Teatro Carlos Gomes, às 19 horas.

O espetáculo foi criado como parte das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, ano passado, e partiu do desejo de mostrar as tradições populares da região, não só as comumente relacionadas à Bahia. Por causa da presença africana na cultura baiana, o Balé Folclórico foi buscar em Estados como Maranhão, Pernambucano e Paraíba as festas com mais fortes traços português e índio, para tentar desenhar um mapa mais amplo e diversificado da cultura popular do Nordeste.

Com turnês nas maiores casas de espetáculo do mundo, este balé, nascido e criado em Salvador, "é hoje uma referência na pesquisa e encenação das danças folclóricas brasileiras dentro e fora do Brasil", garantem especialistas. Com um olho no potencial turístico e outro na qualidade técnica e artística de seus músicos e bailarinos, o grupo já tem prêmios, reconhecimento e uma temporada permanente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, dentro do projeto **Pelourinho Dia & Noite**, coordenado pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, onde se apresenta diariamente.

O Teatro Carlos Gomes fica na Praça Tiradentes, s/ nº - Rio de Janeiro. Os ingressos saem a R$15. Mais informações através do telefone 2243-3602.■

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 294 29/04/10 02:39

TRIBUNA DA IMPRENSA - RIO DE JANEIRO SETEMBRO 2001

Balé Folclórico da Bahia volta ao Rio com 'Rapsódia nordestina'

Denise Oliveira Siqueira

Mais conhecido em Lyon, na França - onde arrasta multidões aos seus espetáculos desde 1994 - do que no Rio de Janeiro, o Balé Folclórico da Bahia volta à cidade com seu novo trabalho. "Rapsódia nordestina", uma celebração de ritmos e sons brasileiros, vai ser apresentada nos dias 18 e 19, às 19h, no Teatro Carlos Gomes, antes de seguir para São Paulo, Curitiba, Santos, Belo Horizonte e Brasília.

"Rapsódia nordestina" foi criada ano passado para as comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil pelos portugueses. O espetáculo se divide em oito partes temáticas que tentam mostrar influências ibéricas, indígenas e africanas no folcore brasileiro: "Boi-bumbá", "Xaxado", "Ginga", "Maracatu rural", "Maculelê", "Samba de roda", "Capoeira" e "Afixerê".

Fundada em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis, a companhia é o único grupo brasileiro profissional de folclore. Seus primeiros espetáculos foram dedicados às artes e religiões afro-brasileiras. Em cena podia-se assistir a trechos estilizados de rituais de umbanda e candomblé, além de maracatu, e até samba. Hoje, uma parte do elenco passa boa parte do ano em turnês pelo exterior, se apresentando em países como Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Suíça, Portugal, Finlândia, Suécia e Dinamarca. Outra parte permanece no Brasil, fazendo apresentações diárias em Salvador, onde mantém sua sede.

O Balé Folclórico da Bahia participou da Bienal de Dança de Lyon em 1994, quando o evento celebrou o tema "Mama África". Em 96, quando o tema foi "Aquarela do Brasil", a companhia novamente viajou para a bela cidade francesa. Suas apresentações no Auditorium Maurice Béjart atraíam 3 mil pessoas e eram seguidas por vários "encore", o bis dos franceses. No final, o elenco saía do espaço cênico e ia para o pátio externo com o público sacolejando enfeitiçado atrás. O canto e a percussão ao vivo do Balé Folclórico são capazes de provocar essas catarses.

RAPSÓDIA NORDESTINA - Novo espetáculo do Balé Folclórico da Bahia. Hoje e amanhã, às 19h, no Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes).

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 295 29/04/10 02:39

Cariocas vêem o que o Balé da Bahia tem

Companhia folclórica, que é sucesso internacional, faz apresentações no Teatro Carlos Gomes hoje e amanhã

Adriana Pavlova

O Balé Folclórico da Bahia é hoje uma grife internacional. Todos os anos, o grupo fundado em 1988 por Walson Botelho (o Vavá) e Ninho Reis cumpre o ritual de passar pelo menos cinco meses pulando de cidade em cidade nos Estados Unidos, sempre com casas lotadas, muitos aplausos e críticas reverentes. Curiosamente, no Brasil, se não fosse pelo espetáculo *non stop* da companhia número dois num teatro do Pelourinho, o Balé seria quase um ilustre desconhecido. Prova disso é que, no último ano, eles não se apresentaram nenhuma só vez em qualquer outro palco nacional.

É com o sonho de um dia conseguir por aqui apenas um pouquinho do reconhecimento conquistado nos palcos de fora que a companhia baiana aporta no Teatro Carlos Gomes, hoje e amanhã, para duas únicas apresentações de "Rapsódia nordestina". Sem, é claro, aceitar o rótulo de "espetáculo macumba para turista", o grupo faz um apanhado de coreografias inspiradas em manifestações populares dos estados do Norte e Nordeste , como boi-bumbá, maracatu rural, maculelê, num total de oito quadros.

Falta de patrocínio atrapalha turnês no Brasil

— É claro que também fazemos sucesso lá fora porque temos um componente mais exótico, mas o mais importante é que apresentamos uma qualidade coreográfica que o público internacional não estava acostumado a ver em grupos folclóricos — diz Vavá, emendando com uma pequena choradeira ao falar sobre o Brasil. — Aqui, vivemos um círculo vicioso, não temos patrocínio porque não nos apresentamos muito no país, mas também não fazemos espetáculos porque falta dinheiro.

O Balé Folclórico da Bahia começou a ganhar o mundo em 1994, durante a Bienal de Dança de Lyon em homenagem à África. Ali, caiu nas graças da poderosa crítica de dança do "New York Times", Anna Kisselgoff, e, pouco tempo depois, ganhou três páginas numa edição de domingo do jornal americano. Dali para o sucesso foi um pulo.

— Se havia preconceito no começo por sermos folclóricos, conseguimos derrubá-lo com profissionalismo. Agora só falta conquistar o Brasil — diz Vavá, cujo grupo é representado no exterior pela Columbia Arts, braço da Columbia Pictures. ■

Divulgação



CENA DO ESPETÁCULO "Rapsódia nordestina": um apanhado das danças folclóricas do Norte do país

O GLOBO - RIO DE JANEIRO
SETEMBRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 296 29/04/10 02:39

REVISTA VEJA - RIO DE JANEIRO
SETEMBRO 2001

DANÇA

DEBORA GHIVELDER



Balé da Bahia: folclore

Coreografia de uma raça

Passos brasileiros por Bahia e França

Duas companhias aportam na cidade para mostrar a dança brasileira. O Balé Folclórico da Bahia apresenta, na terça (18) e quarta, no Teatro Carlos Gomes, o espetáculo *Rapsódia Nordestina*. Já a francesa Accrorap faz uma única exibição de *Quilombo*, também na terça (18), no Conjunto Cultural da Caixa. A primeira companhia tece um painel de manifestações populares nordestinas, como o bumba-meu-boi maranhense e o maracatu do interior de Pernambuco. Os bailarinos franceses usam os passos do hip hop para narrar o combate entre colonos e habitantes dos quilombos.

O Balé Folclórico da Bahia nasceu em Salvador, em 1988, já defendeu a cultura brasileira nos Estados Unidos e na Europa e está com a agenda lotada até 2003. Em *Rapsódia Nordestina*, os 32 bailarinos desfilam danças como boi-bumbá, xaxado, maculelê e capoeira, entre outras. Para quem acha que francês não entende de quilombo, é bom explicar: a Accrorap, quando se apresentou no Brasil em 1998, começou a trabalhar com o Quilombo Urbano, grupo de hip hop composto de jovens das favelas de São Luís, Maranhão. O espetáculo que os cariocas vão conferir foi criado na França.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA. Terça (18) e quarta, 19h. *Teatro Carlos Gomes* (615 lugares). Praça Tiradentes, s/nº, Centro, ☎ 2243-3602. R$ 15,00. ■

VEJA RIO 19 DE SETEMBRO. 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 297 29/04/10 02:39

Balé mostra folclore da Bahia no Rio

"Somos o maior garoto-propaganda da cultura brasileira no exterior", afirma o fundador do Balé folclórico da Bahia, Vavá, de 40 anos. E, antes que alguém o acuse de megalomania baiana, o coreógrafo se apressa em apresentar os números. "Que artista brasileiro pode dizer que já se exibiu em 180 cidades só nos Estados Unidos. Sem falar nas centenas de espetáculo em toda a Europa?", desafia. As turnês mundo afora mantêm o grupo formado para 20 dançarinos, dez músicos e 2 cantoras. Mas a companhia quer mais. "Depois de 13 anos, ainda não somos reconhecidos no Brasil", lamenta Vavá.

Hoje, o Balé Folclórico da Bahia dá alguns passos em direção à platéia brasileira. No teatro Carlos Gomes, às 19h, mostram a *Rapsódia nordestina*, coreografia que estreou ano passado em Atlanta, nos Estados Unidos. "Desde o início, nossos trabalhos se inspiram nas raízes africanas. Desta vez, como pretendíamos lembrar os 500 anos da chegada dos europeus ao país, misturamos as influências dos negros, dos índios e dos portugueses."

Três coreógrafos assinam a montagem. Além do próprio Vavá – responsável pelos quadros *Maculelê*, *Capoeira* e *Samba de Roda* –, participam Rosângela Silvestre (*Ginga* e *Afixire*), e Amélia Conrado (*Boi bumbá*, *Xaxado* e *Maracatu rural*). Apesar da temática regional, Vavá espera que o público carioca perceba que não se trata, simplesmente, de mais um grupo folclórico. "Nossa preparação é séria. Os dançarinos ensaiam oito horas por dia. No exterior, convivemos com as companhias mais importantes." Depois do Rio, o Balé Folclórico da Bahia segue para Santos, São Paulo e Belo Horizonte.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

JORNAL DO BRASIL - RIO DE JANEIRO
SETEMBRO 2001

BOOK 20 ANOS BFB.indd 298 29/04/10 02:40

FOLKLORIC BALLET of BAHIA

After its highly praised performance at Lyon's Biannual Dance Festival, in France (considered one of the most important events of the type), in 1994, the Folkloric Ballet of Bahia(FBB) became one of the most important and busy dance companies in the world. The great success of the performances presented at the Maurice Revel Auditorium granted the Folkloric Ballet of Bahia a full page of positive review in the New York Times, by Anna Kisselgoff. She considered FBB, among several other companies from all over the world who took part of the Festival, as "the one who best exemplifies the events proposed theme: Mama Africa".

From then on the group has not stopped. They have toured in North and Central Americas, Europe and Australia, performing on the most prestigious stages of USA, France, Canada, Switzerland, Germany, Portugal, Finland, Sweden and Denmark. In 1996 they were awarded the Mambembe Prize, given by the Ministry of Culture, for the best cast technical preparation on that year.

Created in1988 by Walson Botelho and Ninho Reis, FBB says "it's the only professional folklore group of the country". After performing in several Brazilian cities, the first invitation for a presentation overseas came in 1992. This was when they had their international debut, at the Alexander Platz Festival in Berlin. They performed for an estimated public of 50 thousand people.

The contagious up beat of the typical popular dances and manifestations found in the daily routine

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

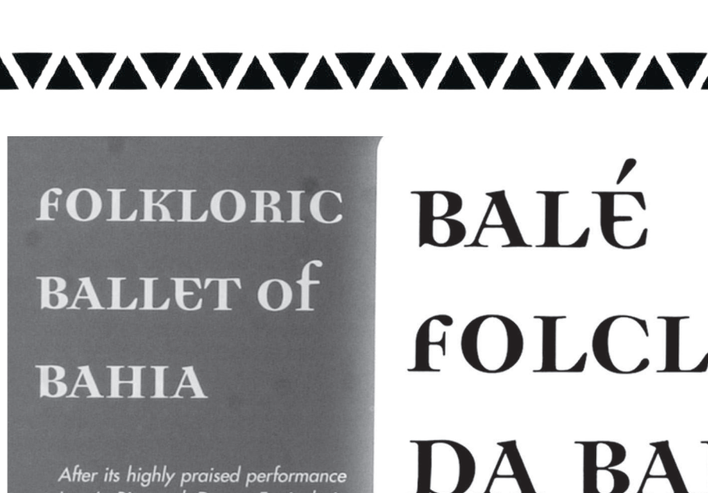
Depois de sua consagrada participação na Bienal de Dança de Lyon, na França (considerado o mais relevante evento do gênero no mundo), em 1994, o Balé Folclórico da Bahia(BFB) tornou-se uma das mais importantes e atuantes companhias de dança do mundo. O sucesso das apresentações no Auditorium Maurice Ravel deu ao Balé Folclórico da Bahia uma crítica de página inteira no jornal The New York Times, escrita por Anna Kisselgoff. Ela considerou o BFB, dentre diversas companhias de quatro continentes que participaram do Festival, como a que "melhor exemplificava a temática do evento: Mama África".

De lá pra cá o grupo não parou. Foram turnês pelas Américas do Norte e Central, Europa e Austrália, apresentando-se nos mais prestigiados palcos dos EUA, França, Canadá, Suíça, Alemanha, Portugal, Finlândia, Suécia e Dinamarca.

Em 1996, também conquistou o Prêmio Mambembe, oferecido pelo Ministério da Cultura, como a melhor preparação técnica de elenco do País naquele ano.

Criado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis, o BFB afirma ser a "única companhia de dança folclórica profissional do País". Depois de se exibirem em várias cidades brasileiras, em 1992 surgiu o primeiro convite para uma apresentação no exterior. Foi quando estrearam internacionalmente no renomado Festival de Alexander Platz, em Berlim, para um público em torno de 50 mil pessoas.

O clima contagiante das danças típicas e manifestações populares encontradas no dia-a-dia do







ABRIL 2006

REVISTA RITMOS E MANIFESTAÇÕES POPULARES - RIO DE JANEIRO

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 299 29/04/10 02:40

A defesa das tradições como missão de vida

Balé Folclórico da Bahia comemora 20 anos de luta

Renata Ramos
SALVADOR

Mais do que um trabalho, uma missão. É assim que Walson Botelho – conhecido como Vavá – vê sua atividade como diretor do reconhecido internacionalmente Balé Folclórico da Bahia, sediado em Salvador. Depois de 20 anos de estrada, entre altos e baixos, a companhia, que mostra ao público movimentos africanos, apresenta em sua cidade natal um espetáculo que comemora os anos em prol da dança. Para o aniversário, os 40 integrantes apresentam uma releitura da obra do russo Igor Stravinsky, com a coreografia *Sagração da primavera*. No segundo ato, Botelho optou por uma amostra das mais bem sucedidas apresentações do grupo.

– A falta de recursos impediu-me de elaborar uma coreografia totalmente inédita, pois isso demanda tempo de pesquisa, e não havia condições financeiras. Mas, em compensação, vamos mostrar um dos projetos mais novos do grupo, com movimentos que misturam a linguagem afro com passos de balé clássico e moderno – diz Botelho, que leva para o palco do Teatro Castro Alves o espetáculo *Sagração*, hoje e amanhã.



20 ANOS – Movimentos africanos nas comemorações em Salvador

Carreira internacional

Faz parte das comemorações uma exposição no foyer do teatro, com elementos que contam a trajetória do grupo, fundado em 1988. São troféus, cartazes, fotos e cartas recebidas do mundo inteiro, por onde a companhia passou obtendo sucesso de público e crítica. A apresentação na Bienal de Lyon, em 1992, lhes rendeu página inteira no jornal *The New York Times*, o que trouxe excelentes convites internacionais.

– Em contraste com o tempo percorrido, contabilizamos em nossa história apenas duas turnês pelo país. Estivemos no Rio em 1989 e em 2003, mas nunca nos apresentamos no Norte, por exemplo. Enquanto isso, nos Estados Unidos, já passamos por 182 cidades.

Antes de começar a história com o Balé, Botelho apresentou enorme resistência para seguir à frente de um grupo folclórico. Apesar de nascido e criado na Bahia, não sabia nada das danças folclóricas até completar 18 anos e entrar para o extinto grupo Viva Bahia – que o encantou ainda menino, após assistir a uma reportagem sobre a companhia, mesmo sem saber direito do que se tratava.

– Eu era ator e cantor quando a dança folclórica entrou na minha vida. Aprendi tudo quando fui cantar no Viva Bahia. Fiquei apaixonado, tanto que depois resolvi cursar faculdade de antropologia, para aprimorar meus conhecimentos.

Ainda no grupo Viva Bahia, Botelho encontrou o caminho por trás dos palcos e atuava como assistente de direção e produtor, além de bailarino. Então, descobriu sua vocação. Mesmo assim, só decidiu criar um grupo quando foi convidado para montar um espetáculo no Festival de Dança de Joinville, que homenageava a Abolição, em 1987, e, a partir dele, conseguiu vários convites.

– Sabia o quanto era difícil manter um grupo independente no Brasil, por isso demorei para criar o Balé. Sobrevivemos até hoje graças a contratos internacionais, mas, depois do 11 de Setembro, a procura diminuiu. Já tive que fechar as portas cinco vezes, mas sempre voltamos, como agora. Por isso, digo que é uma missão de vida.

Renata Ramos viajou a convite do Balé Folclórico da Bahia



SAGRAÇÃO – Coreografia 'Afixirê' compõe a história da mulher que se sacrifica ao dançar até a morte

DANÇA

Raízes africanas dão novo tom a Stravinski

Balé Folclórico da Bahia celebra seus 20 anos no palco

Renata Ramos
SALVADOR

Em 1913, o trabalho do russo Igor Stravinski foi assunto em Paris com o espetáculo *Sagração da Primavera*. Era o início da história moderna na música. O balé narrava o sacrifício de uma mulher – que deveria dançar até a morte – como ritual de uma tribo. Quase um século depois, o Balé Folclórico da Bahia, dirigido por Vavá Botelho, comemora os 20 anos da companhia com uma releitura da obra. Ao misturar dança clássica e moderna com passos africanos, o coreógrafo José Carlos Arandiba, conhecido como Zebrinha, mostra uma nova vertente do grupo, que já se apresentou em países como Estados Unidos, Alemanha, Chile e Dinamarca. A coreografia mostra como sacrifícios fazem do corpo instrumento de dança.

– O objetivo é criar um bailarino completo para que tenha oportunidade em companhias pelo mundo. Os integrantes fazem aulas de balé, clássico e moderno, além das danças africanas – afirma Zebrinha.

O espetáculo intitulado *Sagração* leva ao palco 40 integrantes, entre bailarinos, músicos e coral para o segundo ato, que reúne trechos das principais coreografias do grupo, como *A corte de Oxalá*, *Capoeira do amor*, *Puxada de rede* e *Afixirê*. São danças que fazem referências às raízes africanas com movimentos pesquisados na religião do candomblé. Além de passos sincronizados, há um solo de berimbau. Na platéia do Teatro Castro Alves, estão fãs ilustres do grupo, como Lázaro Ramos, Arlete Salles, Vera Holtz, Adriana Lessa, Daniela Mercury e Judith Jamison, diretora artística da americana Alvin Ailey Dance Company.

– Acompanho o grupo há muitos anos e o admiro por conseguir apresentar danças tradicionais africanas de uma maneira contemporânea, sem perder as raízes – elogia Lázaro Ramos, mestre de cerimônias do espetáculo. – É uma reverência aos nossos antepassados. Vim para Salvador especialmente para o aniversário do Balé.

Dança une mãe e filho

A sede do Balé Folclórico da Bahia fica no Pelorourinho e atrai turistas para as apresentações diárias que o segundo corpo de baile faz. Para aprimorar os conhecimentos, recebem lições teóricas sobre as raízes africanas. Quem conhece bem a rotina do grupo é a bailarina e professora Nildinha Fonseca, 38 anos, que está na companhia desde a sua fundação. Após assistir a uma apresentação do balé que, então, acabara de se formar decidiu que era isso que queria fazer da vida:

– Quando quis entrar, não havia vagas para bailarinos. Mas fiquei fazendo aulas e prestando atenção aos detalhes. Numa viagem pedi para acompanhar e aceitaram que fosse para passar os figurinos. Como sabia as coreografias, substitui uma solista com problema dentário. Depois, nunca saí – conta Nildinha, cujo filho Caio Ricardo, de 6 anos, já estreou como percussionista na companhia.

Nildinha dançou ao lado de companheiros antigos de Balé, mas também dividiu o palco com iniciantes. Tiago Lima, de 17 anos, ainda não completou um ano de dança, mas já mostrou que tem talento. Ele não havia entrado num teatro quando foi convidado para uma apresentação como capoeirista. A dança falou mais alto: entrou para o corpo de baile principal.

– Essa é a minha primeira apresentação como bailarino. Apesar do pouco tempo na companhia, me dediquei muito. Fazia todas as aulas oferecidas. A dança mudou a minha vida e me deu oportunidades que jamais teria antes de conhecer o Balé Folclórico da Bahia – diz Lima.

Renata Ramos viajou a convite do Balé Folclórico da Bahia

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 300 29/04/10 02:40

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

20 anos de dança afro-brasileira da Bahia para o mundo

por Carolina Campos

Considerado, desde 1994, pela Associação Mundial de Críticos como a melhor companhia de dança folclórica do mundo, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) comemora em 2008 seus 20 anos e anuncia turnê africana. O grupo, que ganhou várias vezes página inteira no The New York Times, foi fundado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis e, de lá para cá, viajou para 19 países, se apresentou em 182 cidades, acumulou prêmios e ganhou reconhecimento internacional.

"Esses 20 anos representam uma conquista, não só para a Bahia, mas para a dança do país inteiro", comemora Walson Botelho, diretor geral do BFB. "Poucas companhias privadas no país, e sem um patrocinador regular, conseguem chegar aonde chegamos", afirma. Em outubro e novembro, o Balé realiza uma turnê pela África com o espetáculo "A Corte de Oxalá". No roteiro, Marrocos, Togo, Benin, Costa do Marfim, Gana e Nigéria. Em 2009, a companhia desembarca na Europa, Estados Unidos e Canadá.

A Bahia, celeiro de manifestações populares, é a maior inspiração para as pesquisas coreográficas do Balé, que já formou cerca de 600 bailarinos, a maioria negros e saídos da periferia de Salvador. "O Balé não formou apenas bailarinos, formou cidadãos e deu uma nova perspectiva para quem passou por lá ou lá está", destaca José Carlos Arandiba (Zebrinha), diretor artístico do grupo. Muitos dançarinos formados pelo Balé seguem carreira profissional em grandes companhias na Europa e nos EUA.

Rotina profissional

Hoje, o BFB funciona em regime integral de seis horas de trabalho por dia. Os 40 integrantes - dançarinos, músicos e cantores - recebem toda preparação técnica para dança, música e teatro. Para preservar as principais manifestações folclóricas da Bahia, o Balé criou uma linguagem cênica que reflete os aspectos populares da cultura baiana, sem deixar de ser contemporâneo e, ao mesmo tempo, sem perder suas raízes nem se distanciar da realidade nacional. Com agenda programada até 2010, o Balé também tem um segundo corpo de baile, que realiza espetáculos, diariamente, no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, tendo como público, principalmente, turistas estrangeiros e de outros estados do país.



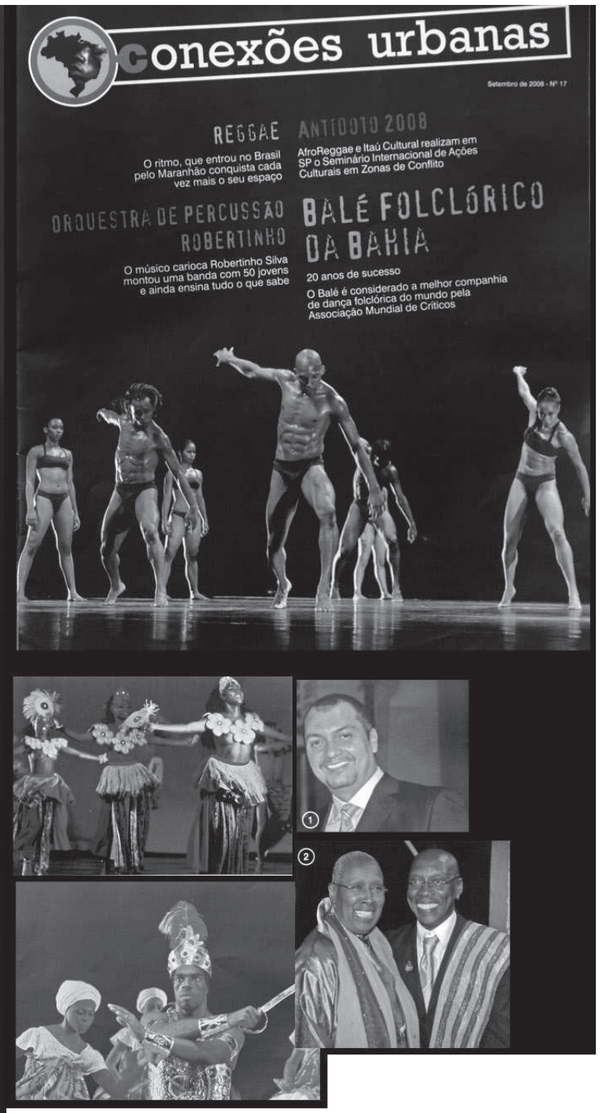
Reconhecimento

Com sua dança e sonoridade arrebatadoras, o BFB conquistou vários prêmios durante os 20 anos de estrada. Dentre eles: o Prêmio Fiat (oferecido pela Fiat do Brasil como a melhor companhia de dança do país em 1990); o Prêmio Estímulo (oferecido pelo Ministério da Cultura como a melhor companhia de dança do país e melhor espetáculo de dança do país em 1993); o Prêmio Mambembão (oferecido pelo Ministério da Cultura como a melhor pesquisa em cultura popular e melhor preparação técnica de elenco em 1996); o Prêmio Bom do Brasil (oferecido pela Varig como um dos cinco mais importantes projetos sócio-culturais existentes no país em 2004) e o Prêmio Mérito ao Turismo (oferecido pela Abrajet - Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo pelos serviços prestados ao turismo no estado da Bahia).

Desde 1993 sob a direção artística de Zebrinha, a companhia atingiu um nível de aprimoramento técnico-interpretativo, que despertou a atenção dos mais exigentes profissionais e críticos de dança. "Cada um faz seu caminho. No Balé, há pessoas de todas as faixas etárias e classes sociais. Quando alguém entra por nossa porta, deixa fora um monte de estigma," afirma o coreógrafo.

Festa

As comemorações dos 20 anos do BFB aconteceram no final de agosto, quando o grupo promoveu duas apresentações no Teatro Castro Alves, em Salvador, e estreou "Sagração", uma releitura, utilizando a linguagem técnica própria da companhia, da emblemática obra-prima Sagração da Primavera, do compositor Igor Stravinsky. No segundo ato, foi apresentado um compacto com coreografias montadas ao longo da história do Balé, como "A Corte de Oxalá", "Puxada de Rede", "Capoeira do Amor" e "Afixirê". Uma exposição no foyer do teatro, onde foram exibidos objetos que fazem parte da história da companhia (troféus, cartazes, cartas recebidas do mundo inteiro, dentre outros), também integrou a programação comemorativa. Vários artistas marcaram presença na festa do Balé, como Lázaro Ramos, Arlete Salles, Adriana Lessa e Vera Holtz. De Nova York, veio Judith Jamison, diretora artística da Alvin Ailey American Dance Theatre. Na década de 60, Judith, então bailarina, foi a primeira negra a se tornar uma musa no universo da dança. Dentre as autoridades, o representante do Ministério de Cultura do Togo, Tété Wilson, e o Presidente da Fundação Cultural Palmares (DF), Zulú Araújo.



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

O NACIONAL - RIO GRANDE DO SUL
SETEMBRO 1993

ON
O Nacional
Passo Fundo, Quinta-feira, 30/09/93
ANO 68 - Nº 19.254 - CR$ 45,00

Festa Bahiana no Festival de Folclore

Foto Dalton Matto



O público foi à loucura com a Bahia no palco na última terça-feira à noite. Ninguém ficou sentado. O ritmo contagiante do Balé Folclórico da Bahia fez com que os gaúchos embalassem o samba reagge.

Caderno 2

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 302 29/04/10 02:40

DIÁRIO DA MANHÃ 30/09/93 PÁGINA 11

Samba-Reggae sacudiu o Pavilhão Verde da EFRICA



Público explodiu ao som do Samba-Reggae.



Bahia fez sua estréia na EFRICA.

Maratona nordestina

Foi sem dúvida a noite mais quente do Festival, quando apresentaram-se para a platéia que superlotou o local do show os grupos Vento Norte Mirim, Dona Urraca da Espanha, Sertânia de Pernambuco, Acauã da Serra da Paraíba, Grupo Folclórico Moreno de Pernambuco e o Balé Folclórico da Bahia.

Depois do show belíssimo dos espanhóis iniciou a verdadeira maratona nordestina aberta pelo Sertânia de Pernambuco com a Dança da Quadrilha, um Folguedo típico das festas juninas do Nordeste. O Acauã da Serra da Paraíba veio depois, fazendo sua estréia no Palco da EFRICA com a Dança do Congo da Paraíba, uma homenagem religiosa à Nossa Senhora do Rosário. O grupo vem de Campina Grande e esta é a segunda vez que participa do Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo e realmente é um dos mais animados e integrados de todo o Festival.

Adrenalina

O Grufolmo, da cidade de Moreno no Pernambuco trouxe o Bumba-meu-Boi, uma manifestação presente em vários estados do país, especialmente da região nordeste. O frevo deu continuidade à apresentação do Grufolmo, cuja energia fez aumentar a adrenalina da platéia. A segunda estréia da noite foi ao do Balé Folclórico da Bahia, um dos mais esperados grupos deste Festival que superou as expectativas com dois números eletrizantes. O primeiro, uma dança de origem afro ao som de atabaques e tambores hipnotizou a platéia através da energia negra que tomou conta da EFRICA. Os movimentos dos bailarinos, de um vigor estonteante, surpreenderam a todos. O segundo número foi o Samba-Reggae, no mais puro estilo baiano, com direito a letras de Daniela Mercury e Caetano. É desnecessário dizer que o público abandonou as cadeiras e cantou e dançou junto com o grupo, pedindo bis no final do espetáculo.

DIÁRIO DA MANHÃ - RIO GRANDE DO SUL
SETEMBRO 1993

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 303 29/04/10 02:40

CADERNO DOIS
ON
O Nacional

II Festival Internacional de Folclore:
A BAHIA VEIO, DANÇOU E ARRASOU!

NÁDIA WEBER

O Balé Folclórico da Bahia fez sua primeira apresentação no Festival, na terça à noite e, definitivamente, conquistou o público. O primeiro quadro apresentado foi "Afixirê", que no dialeto iorubá significa Dança da Alegria. A coreografia é um resumo da cultura africana na formação cultural baiana. Segundo o diretor Walson Botelho o Afixirê representa um pouco da cultura de todas as regiões da África em figurino, ritmo, dança e canto. O segundo quadro apresentado pelos baianos foi "Samba Reagge", um ritmo que surgiu recentemente, lançado pelo Neguinho do Samba do Olodum, dançado em todo o mundo. Walson explica que esse ritmo representa o lado contemporâneo da Bahia, que também está sendo divulgado através do Axé Music, um movimento cultural divulgado por Daniela Mercury.

Ontem à noite, o Ballet Folclórico da Bahia apresentou a "Puxada de Rede", uma manifestação que ainda existe nas praias baianas. É quando os pescadores saem em grandes canoas e ficam a manhã inteira em alto-mar, voltando apenas ao meio-dia. Enquanto isso, as mulheres ficam na areia, rezando à Yemanjá e fazendo a mariscada, ou seja, recolhendo mariscos. O outro quadro apresentado foi "Dança do Fogo", em homenagem a Xangô, o Deus que representa o Fogo e os Trovões no Candomblé. E, finalmente, a "Dança de Origem", uma coreografia criada pela Companhia Baiana que representa o início da criação do Homem, do Mundo, do Universo. Walson explica que, segundo a teoria, o mundo começou pela África, já que a única área não atingida pela Era Glacial foi o deserto africano. Então os primeiros homens seriam os africanos.



A Paraíba também mostrou a que veio - Foto Daltro Mattos

Hoje, os baianos vão apresentar "Fêmeas", uma coreografia criada também pelo Ballet Folclórico da Bahia, que representa o dia a dia da mulher negra, desde a época da escravidão até os dias atuais. A "Dança do Fogo" deve ser repetida e o grupo encerra seu espetáculo com o "Samba de Roda" e a "Capoeira".

O Samba de Roda, segundo Walson, é a origem do samba brasileiro, dançado pelos escravos na hora de descanso. Os homens tocavam, enquanto as mulheres dançavam em círculos. Já a Capoeira é uma luta de origem africana, trazida pelos escravos de Angola.

Na sexta-feira, no encerramento do Festival, os baianos devem apresentar a "Dança de Origem" ou o "Samba Reagge".

PROGRAMAÇÃO

Hoje de manhã, os grupos da Paraíba e Pará vão estar na AABB com alunos da E.M. Marcelino Bortolin, E.M. Dirce da Silva Carrion, E.M. Arno Otto Kiehl e E.E. Lucile Fragoso de Albuquerque. Já os grupos do Ceará, CTG Rancho dos Gaudérios e Eslováquia vão se confraternizar com os alunos da E.M. Sebastião Rocha, E.M. Daniel Dipp e E.M. Senador Pasqualini, no CTG Moacir da Motta Fortes.

E à noite, no Parque da Efrica, o espetáculo fica por conta do Industrial, Bahia, Espanha, Paraíba, CTG Rancho dos Gaudérios e Pará.

A Bahia fez o público delirar - Foto Daltro Mattos

O NACIONAL - RIO GRANDE DO SUL
SETEMBRO 1993

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 304 29/04/10 02:40

Farroupilha VIVA nossa cidade
Expressões
Caderno de Cultura e Lazer do Jornal Farroupilha

ESTOFADOS A PREÇO DE FÁBRICA
Dorigon
UMA CASA PRA VIVER BEM

O NACIONAL - RIO GRANDE DO SUL
OUTUBRO 1993

1º Festival Internacional de Folclore

Programação gratuíta - Parque Cinquentenário

2 de Outubro/Sábado
- 20 horas - Abertura Oficial do Evento, com apresentação de todas as delegações
- Apresentações individuais (de 15 a 20 minutos cada grupo)
- Pernambuco: Grupo Folclórico de Sertânia
- Portugal: Grupo Floclórico Sonhos do Além Mar (Etnia)
- Holanda: Grupo Folclórico holandês de Castrolândia (Etnia)
- RS: CTG Rancho de Gaudérios, de Farroupilha, apresenta Tango argentino
- Bahia: Ballet Folclórico da Bahia
- Espanha: Grupo de Danza Doña Urraca
- Polônia: Grupo Folclórico Sersi Polki (Etnia)
- África: Grupo Folclórico Axé África Mãe
- Itália: Grupo Folclórico Ânima (Etnia)
- Açores: Grupo de Dança Luzo Açoriano (Etnia)
- Rússia: Grupo Folclórico Troyka II (Etnia)
- RS: CTG Ronda Charrua, de Farroupilha

3 de Outubro/Domingo
- 20 horas - Apresentações individuais (15 a 20 minutos cada grupo)
- Ceará: Grupo de Tradições Cearenses
- Eslováquia: Grupo Folklorny Súbor Kopaniciar
- Itália: Grupo Folclórico Ânima (Etnia)
- Pará: Grupo de Projeção Folclórica Kúarup Docenorte
- Paraíba: Grupo de Tradições Populares Acanã da Serra
- Ucrânia: Grupo Folclórico Ucraniano Zoria (Etnia)
- Pernambuco: Grupo Folclórico de Moreno
- Portugal: Grupo Folclórico Mio Pendura (Etnia)
- Polônia: Grupo Folclórico Wisla (Etnia)
- Alemanha: Volkstanz Groppe Sreunclschastskreis (Etnia)
- RS: CTGs Eco do Meu Grito e Aldeia Farroupilha

O grupo baiano é o único profissional do Brasil





O Ballet Folclórico da Bahia mostrou porque seu Estado é um do mais musicais e sonoros do Brasil. Com seus quadros como o Afixirê, Puxada de Rede, Samba Reagge fez o público delirar e dançar no II Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo.

Com o status de único grupo folclórico profissional do Brasil, o grupo baiano mostrou porque já viajou por todo o Brasil e por todo o mundo. Walson Botelho, diretor do grupo explica que o objetivo principal da companhia é preservar e divulgar, no mais puro estado, as principais manifestações folclóricas da Bahia. E para mostrar esse trabalho o grupo se vale de danças afro, contemporâneas e ballet clássico.

Walson explica que o grupo já participou de diversos festivais, tanto no Brasil como exterior mas, ultimamente, a participação em festivais ficou reduzida, "mesmo porque eles nem estão acontecendo". O Ballet Folclórico da Bahia conta com uma equipe completa, pois é uma empresa, que vai desde os bailarinos até o empresário, que é quem acerta os espetáculos (comerciais) que são feitos "aonde tiver público".

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 305 29/04/10 02:40

DIÁRIO DA MANHÃ - RIO GRANDE DO SUL

AGOSTO 1995

DIÁRIO DA MANHÃ
23/08/95 PÁGINA 10

III Festival Internacional de Folclore:

A Bahia volta para contagiar o público

A Bahia de todos os santos, de todas as cores e ritmos, volta a Passo Fundo para participar do III Festival Internacional de Folclores, que começa no dia 26 de agosto. Representando o Estado Baiano, o Balé Folclórico da Bahia, único grupo profissional a participar deste evento promovido pelo CIOFF, Prefeitura e Câmara de Passo Fundo, vai mostrar seu axé de cultura num espetáculo de coreografias, ritmos e cores.



Grupo da Bahia

O Balé Folclórico Baiano estreiou em 1988 com um trabalho profissional, embora seu surgimento tenha acontecido um ano antes.

Com características profissionais, o Balé Folclórico da Bahia recebeu vários prêmios. A consagração do Grupo veio ao natural. Enfatizando a importância de preservar e divulgar no mais puro estado, as principais manifestações folclóricas da Bahia, o Balé Folclórico é dirigido pelo antropólogo Walson Botelho, também músico, cantor e dançarino. Walson tem atuação em diversos organismos oficiais de incremento à cultura e outros grupos de danças baiano.

O espetáculo da Bahia de todos os santos, terra da cultura, conhecida internacionalmente, parte essencial da história do Brasil, a Bahia tem o privilégio de ser citada em prosa e verso, em filmes, nas músicas de seus filhos famosos, na religião, como candomblé, na arquitetura que é patrimônio da humanidade. E nas danças, que podem ser sintetizadas como sinônimo de tudo: a arte dos bailarinos baianos se evidencia a cada gesto de seus integrantes. Com essas características, o Balé Folclórico da Bahia integra-se, mais uma vez, ao Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo, através de seus 25 bailarinos e músicos.

Para cada dia de apresentação, o Grupo mostrará um novo show com ritmos típicos demonstrados a partir do maculelê, da capoeira e do candomblé.

B. Folclórico da Bahia 20 anos

BOOK 20 ANOS BFB.indd 306 29/04/10 02:40

O NACIONAL

SEXTA-FEIRA 01/09/95



E anteontem a Bahia mostrou o que a baiana tem, com a estréia do Balé Folclórico da Bahia, no Circo da Cultura.

O Balé Folclórico da Bahia nasceu e cresceu sob o signo do sucesso, que inovou e criou o grupo mais performático do país, pois sua imagem, fortíssima, atravessou as marés e se consagrou internacionalmente. O único grupo em que público e palco INTERAGIRAM. Porque o Balé Folclórico da Bahia "é um som que atravessa o futuro".

O NACIONAL - RIO GRANDE DO SUL

SETEMBRO 1995

DIÁRIO DA MANHÃ 03 E 04/09/95 PÁGINA 21

Os profissionais da Bahia

FOTO/DALTRO MATTOS



Bahia mostra a Cultura Afro-Brasileira

DIÁRIO DA MANHÃ - RIO GRANDE DO SUL

SETEMBRO 1995

O folclore baiano é um dos mais ricos do Brasil e do mundo, com ritmos muito fortes e danças muito quentes, baseadas principalmente na cultura afro-brasileira.

A "Puxada de Rede", o Candoblé e o Samba de Roda, são os principais exemplos de uma cultura que fascina e encanta, arrancando aplausos emocionados das multidões de expectadores em todo mundo.

O Balé Folclórico da Bahia é uma companhia profissional, que já atuou em vários países do mundo, sendo hoje á única companhia de folclore profissional do Brasil. Trinta componentes fazem parte de um grupo criado em 1988. Sendo 16 dançarinos, 5 músicos e duas cantoras, mais um iluminador e um sonoplasta.

O grupo baiano está chegando de uma turnê pela Europa, vindo direto para Passo Fundo para participar do Festival de Folclore. Estiveram na França e Suíça, representando o Brasil.

O Diretor Geral do Balé Folclórico da Bahia, Walson Botelho, diz que a convivência com o folclore do mundo, com o grupo brasileiro é uma coisa muito recente. De três anos para cá o grupo vem atuando especificamente em folclore, porque ao atuar dentro de um linha profissional, tem que praticar atividades culturais e mostras a nível contemporâneo, com companhias de todo o mundo.

Segundo Walson quanto ao Festival de Passo Fundo, o nível de organização é perfeito, o público mais do que fantástico. O nosso nível de exigência, diz ele, é muito grande e outros festivais dificilmente atendem o mínimo que a gente solicita, como hospedagem, alimentação, o nível técnico de som e luz e Passo Fundo atendeu. É possível que não exista tudo aquilo que precisamos a nível técnico, mas a partir do momento que um grupo se dispõe a participar de um festival deste, é necessário se abrir mão de um pouco do exigido, porque sabe-se que não é um festival de grupos profissionais. O mais importante é o intercâmbio, este contato, além de mostrar o trabalho numa área que ainda não tem muita penetração. O Balé está acostumado a se apresentar por todo o mundo, nos maiores teatros do planeta sob contratação dos maiores empresários, mas tudo isso a nível comercial. Os empresários fazem programas grandiosos, com cartazes de luxo.

Este tipo de trabalho feito aqui em Passo Fundo preenche um lado interno do grupo, mesmo sabendo que precisamos ganhar dinheiro para sobreviver, explica Walson Botelho.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 307 29/04/10 02:40

JORNAL DE SANTA CATARINA - SANTA CATARINA

JULHO 1988

Marsipan, Balé Folclórico da Bahia e Raça

Quatro grandes nomes da dança nacional e internacional já confirmaram presença no VI Festival de Dança de Joinville. Os grupos Marsipan, Balé Folclórico da Bahia e Raça vão se apresentar como convidados especiais. Também o Balé da Cidade de Córdoba, uma das mais importantes companhias de dança da Argentina, vai concorrer na categoria profissional. Segundo Albertina Turma, coordenadora geral do festival, o grupo não aceitou o convite de participação especial, pois quer mesmo disputar o troféu A Ponte, concedido ao grupo vencedor na opinião do júri.

O Marsipan, fundado em 1981, vem buscando formas próprias de expressão através da associação da dança à linguagem teatral (mímica, voz) e utilizando ainda recursos audiovisuais e cinematográficos. Dono de dois títulos importantes em 87, o troféu Creme de La Creme e o prêmio APCA — conferido pela Associação Paulista de Críticos de Arte — como o melhor grupo de dança e revelação do coreógrafo, recentemente o Marsipan participou do Carlton Dance Festival, com atuação destacada pela crítica.

Divulgando a Cultura baiana

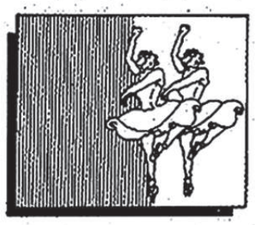
O balé Folclórico da Bahia traz em seu currículo diversas participações especiais em comerciais e programas de TV, desfiles de moda (um deles acompanhando as top model Xuxa) e revistas nacionais. Criado em 1983, então com o nome Grupo Folclórico Bah-a-Bahia, em cinco anos de existência fez turnê em vários países da Europa, Américas Central e do Sul. O Balé Folclórico da Bahia, com 30 integrantes, procura retratar algumas das mais importantes manifestações do folclore baiano, incluindo o Candomblé — uma religião de origem africana que tem na dança e na música seus elementos rituais principais.

Participando pela quarta vez do festival, o grupo paulista Raça vem se consagrando a cada ano como uma das maiores revelações do jazz no País. Estreou no Festival de Dança de Joinville em 1985, como amador, levando o primeiro lugar e o troféu Transitório. Em 86 brilhou com o primeiro lugar amador em dança à caráter. No ano passado, o grupo evoluiu para o jazz profissional e foi novamente consagrado com o espetáculo "Devaneios", baseado no jazz tradicional voltado para a técnica clássica. Preocupado em pesquisar e adaptar as raízes brasileiras, o Raça, define a dança como "uma forma universal de comunicação entre as raças". Mas o nome não surgiu daí. Trata-se de uma homenagem à música de Milton Nascimento, do mesmo nome.



Em alto astral, eles colocam no palco um pouco das tradições culturais brasileiras

Baianos mostram seu folclore



Fora da competição do VI Festival de Dança, o Balé Folclórico da Bahia apresenta o espetáculo Bahia de Todas as Cores no ginásio Abel Shulz

Joinville - O Balé Folclórico da Bahia, que apresenta Bahia de Todas as Cores, hoje, às 19h30min, no ginásio Abel Shulz, é a única Companhia de Dança Folclórica estável do País. Criado em 1983, com o nome de Grupo Folclórico Bahia-Bahia, funciona desde aquele ano em espaços e instalações próprias. Em cinco anos, tem feito inclusive turnês pela Europa, América Central e outros países da América do Sul. O fundador do grupo é o antropólogo Walson Botelho. Ele salienta que o trabalho do grupo é essencialmente folclore primitivo, ou o afro-primitivo como é mais conhecido.

Walson Botelho começou a trabalhar com o extinto grupo folclórico Viva Bahia, que durou cerca de 20 anos e terminou há cinco. Com a experiência adquirida ao longo destes anos, Botelho resolveu criar um novo grupo. Assim surgiu o Balé Folclórico da Bahia, que no ano passado transformou-se em Balé Folclórico. Dia 7 de agosto, com a participação do Ministério da Cultura, ele será lançado a nível nacional como companhia de balé.

Com 26 integrantes, a decisão de tranformarem-se em companhia surgiu, conforme Botelho, "pela questão do profissionalismo. Como companhia temos mais chance de mostrar um trabalho melhor". Os bailarinos são na totalidade capoeristas, do candomblé. "É um pessoal que não precisamos ensinar nada, apenas fornecer a estrutura coreográfica. Tudo o que se vê nas ruas de Salvador, se vê no trabalho do Balé Folclórico da Bahia, com uma diferença: a lapidação nos espetáculos".

PRESTÍGIO

O espetáculo que apresentam no ginásio Abel Schulz, Bahia de Todas as Cores, tem estréia nacional, conforme explicou Botelho. Como em todas as áreas artísticas, o folclore é uma arte marginalizada, salientou. "As pessoas que trabalham não têm formação acadêmica e na maioria das vezes não têm formação cultural e tampouco social. Por isso marginalizam o nosso trabalho".

Um considerável prestígio nacional e internacional cerca este grupo, refletido na resposta do público e da crítica especializada. O aprimoramento técnico-interpretativo de seus profissionais, segundo os diretores e bailarinos, "deve-se ao fato de a Bahia ser a região do Brasil onde podemos encontrar as manifestações culturais populares do dia-a-dia do seu povo". É esta a razão pela qual o Balé Folclórico da Bahia escolheu tais manifestações como tópico de suas pesquisas.

Os frutos e resultados deste trabalho são demonstrados através da dança, da música e de outros aspectos durante as apresentações, que já foram assistidas pelos mais diferentes tipos de público nacional e internacional "e que têm dado os maiores reconhecimentos, o que assegura a autenticidade das coreografias apresentadas".

O espetáculo de hoje divide-se em oito atos: Ritual de Purificação, Pantheon do Orixás (que apresenta sete Orixás: Ossain, Ogun, Oxum, Omolú, Iansã, Oxossi, Oxalá), Puxada de Rede, Xangô, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Dança de Origem.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

DIÁRIO CATARINENSE - SANTA CATARINA

JULHO 1988

BOOK 20 ANOS BFB.indd 308 29/04/10 02:40

na ponta dos pés

Jornal do 6º Festival de Dança de Joinville — 20 de julho de 1988 — Edição nº 5

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

Atração da noite no Abel Schulz



A magia e o misticismo da Bahia estão presentes num belo espetáculo

O Balé Folclórico da Bahia se apresenta hoje a partir de 19h30min no ginásio de esportes Abel Schulz com a coreografia "Bahia de todas as cores". Depois do sucesso alcançado pelos grupos Castro Alves, Raça e Marzipan, esta noite será a vez dos baianos brilharem no palco.

O Bale Folclórico da Bahia, a única companhia de dança folclórica estável do país, foi criado em 1983 com o nome de Grupo Folclórico Bahia-Bahia e vem funcionando desde então em espaços e instalações próprias.

Em cinco anos de funcionamento o Balé Folclórico da Bahia apresenta um significativo currículo de atividades, especialmente as **tournées** à Europa e Américas Central e do Sul, e um considerável prestígio nacional e internacional, refletido na resposta do público e da crítica especializada.

O aprimoramento técnico-interpretativo de seus profissionais, hoje com 30 elementos, entre dançarinos e músicos, selecionados através de concursos, deve-se ao fato de a Bahia ser a região do Brasil onde se pode encontrar as manifestações culturais populares no dia-a-dia do seu povo. Esta é a razão pela qual o Balé Folclórico da Bahia escolheu tais manifestações como tópico de suas pesquisas, demonstrando-as através da dança, da música e de outros aspectos do show, que já foi assistido pelos mais diferentes tipos de público nacional e internacional e que tem dado os maiores reconhecimentos por este trabalho, que são as fontes asseguradoras da autententicidade das coreografias apresentadas.

Desde a sua criação o Balé Folclórico da Bahia é dirigido por Walson Botelho, tendo como colaboradores os professores Carlos Moraes (dança moderna e afro), Rosângela Silvestre (dança afro), Augusto Omolu (dança afro), Neuza Saad (dança contempoânea e folclore), Zebrinha (afro-jazz) e Emília Biancardi (responsável pelas pesquisas e arranjos musicais), além da equipe de assistentes e músicos.

Amanhã, quinta-feira, tem dança contemporânea no Ivan Rodrigues. O grupo Raça será a atração principal da noite de jazz no Abel Schulz. Veja o programa completo na última página.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

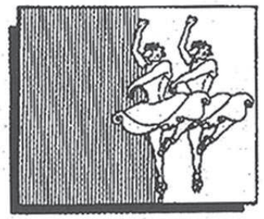
BOOK 20 ANOS BFB.indd 309 29/04/10 02:40

DIÁRIO CATARINENSE - SANTA CATARINA

JULHO 1988

Encerra parte competitiva

O VI Festival de Dança de Joinville entra na reta final. Além dos concorrentes desta noite, o Balé Folclórico da Bahia faz nova apresentação



Joinville - Inicia a contagem regressiva para o final do VI Festival de Dança. A partir de amanhã, depois do encerramento dessa festa, inicia o repouso dos guerreiros. Tanto daqueles que participaram, como daqueles que organizaram. Para hoje, mais grupos estão na lista dos nomes que estão fazendo esse festival: Grupo Garra (Manaus), Watt's Cia de Danças (São Paulo), Grupo Folclórico Germânico Edelweiss (São Bento do Sul), Grupo Raízes (Caxias do Sul) e a apresentação do Balé Folclórico da Bahia, com a coreografia Bahia de Todas as Cores.

O grupo Garra foi criado há um ano por Arnaldo Peduto. Com 27 anos de experiência em coreografia, Peduto salientou que o grupo não tem como meta prioritária ser premiado no festival. "O grupo está bem consciente disso, pois apenas com um ano de existência, o que mais queremos é adquirir experiência e maturidade".

Encantado com a cordialidade do joinvilense, Arnaldo Peduto já está pensando no festival do ano que vem. Até a coreografia já está sendo projetada: A Lenda de Iara. Para esse ano, o grupo elaborou O Edílio de Ajuricaba. Todos os temas envolvem os índios. Segundo o coreógrafo, "pretendo trazer todos os anos alguma coisa da Amazônia, para que todos saibam como é realmente o nosso estado".

Fugir ao esquema tradicional. Fazer dança que falasse da terra, de sua gente, dos vultos históricos, numa linguagem contemporânea. Assim, e para isso, foi criado o grupo Raízes, de Caxias do Sul, em 83. De lá para cá uma sucessão de bons espetáculos marcaram a trajetória desse grupo. Em 86, apresentaram-se pela primeira vez no Festival de Dança de Joinville, com o bailado Lamento das Lavadeiras. Este ano o Raízes já conseguiu o primeiro lugar em Pas De Deux livre e terceiro lugar em solos livres femininos.

O Grupo Folclórico Germânico Edelweiss, de São Bento do Sul, participa da modalidade Dança à Caráter. Fazendo parte da Sociedade Ginástica e Desportiva São Bento, foi fundado em 83, com apenas 16 meninas. No ano seguinte, abriu as suas portas para o ingresso de participantes do sexo masculino e feminino, para aumentar o quadro de participantes, ficando então com 75 componentes. Atualmente, conta com aproximadamente 150 integrantes. O grupo participou de todos os festivais de dança em Joinville, bem como de diversas festas germânicas em todo Brasil.

Foto de José Leomar/Joinville/DC



O Balé Folclórico da Bahia faz nova apresentação

PARALELO

☐BALÉ Folclórico da Bahia, que tanto emociou o público no Abel Schulz na quarta-feira, e que certamente encantará a platéia no Ivan Rodrigues esta noite, estará em Florianópolis, neste domingo, para apresentar-se no Teatro Álvaro de Carvalho.

☐A DANÇA nas praças de Joinville, grande sucesso do festival, tem contado com um colaborador fundamental: São Pedro. Ao contrário do que ocorreu no ano passado, desde a sexta-feira passada não cai um pingo de chuva em Joinville.

☐SEGUNDO o ditado popular, a voz do povo é a voz de Deus. Mas nem sempre é a voz dos jurados. Exemplo disso ocorreu na última quarta-feira, no Ginásio Ivan Rodrigues, na modalidade Jazz. Os grupos mais aplaudidos pelo público não foram os classificados pelos jurados.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

JORNAL DE SANTA CATARINA - SANTA CATARINA

JULHO 1988

BOOK 20 ANOS BFB.indd 310 29/04/10 02:41



A NOTÍCIA - SANTA CATARINA

JULHO 2000

O que é que a Bahia tem

Orixás do espetáculo "Bahia de todas as cores" prometem envolver o público num axé coletivo e inesquecível

SUZANA BRAGA

Quando os atabaques começarem a bater e as estátuas de ébano que formam o elenco do Balé Folclórico da Bahia chocarem espadas em fogo no Maculelê, a platéia do Centreventos vai incendiar. É o que sempre acontece, seja no Brasil ou no exterior.

E a festa vai continuar porque esses endiabrados baianos, ao final do grande show que dão na cena, invadem a platéia e arrastam o público para um espetáculo extra de samba-reggae. E só não corre atrás quem já morreu. Velhinhas de saias justas arrancam os sapatos dos pés, senhoras e senhores da sociedade perdem a pose, políticos deixam cair a cartola, jovens descem das pontas e todos aderem a festa baiana num axé coletivo e democrático. A história desta companhia, que hoje é uma das mais requisitadas no mundo, nasceu com o Festival de Dança de Joinville. Em 1988, o Balé Folclórico da Bahia fazia a sua primeira apresentação fora de Salvador, exatamente em Joinville, no festival que então acontecia no Ginásio Ivan Rodrigues. Foi um sucesso estrondoso. É verdade que há 12 anos havia uma preocupação quanto às bailarinas dançarem de seios nus, dos rituais dos Orixás, da comida dos santos na cena etc. Chegaram mesmo a pensar em colocar "um paninho" para tampar os peitos. Preocupações infundadas. O BFB arrasou! O sucesso em Joinville abriu portas para a companhia começar a se apresentar no Brasil e em 1992 o Balé Folclórico da Bahia começou a sua bem-sucedida carreira internacional, com turnês pela Alemanha e Portugal.

NEW YORK TIMES

A partir daí, o elenco do BFB passou a ser disputado no mercado internacional, mas foi sua participação na Bienal de Lyon de 1994, intitulada "Mama África", que sublinhou o seu sucesso de forma inquestionável. O jornal norte-americano "The New York Times" deu nada menos que uma capa inteira para a companhia, colocando-a no pedestal dos "fenômenos da dança da atualidade".

Atualmente, o Balé Folclórico da Bahia tem duas companhias: enquanto a principal (que se apresenta nesta segunda no Centreventos) excursiona fora do país, a segunda mantém espetáculos permanentes no Teatro Miguel Santana, sede própria que fica no alto do Pelourinho, em Salvador. A média de apresentações anuais do BFB é alta. Nenhuma outra companhia brasileira dança tanto. Só em turnês no exterior eles passam oito meses a cada ano.

Já se apresentaram em 109 cidades dos Estados Unidos, 40 da França e mais toda a Europa, Caribe e Austrália. O próximo compromisso do balé baiano, pós-Joinville, será a abertura das Olimpíadas de Sidney, dia 15 de setembro próximo. Além de ser a companhia que mais dança é também a companhia brasileira melhor remunerada. Em média, coisa de 2.000 dólares mensais para cada componente.

Na festa de 10 anos do Balé Folclórico da Bahia (em 1998), Salvador parou. O espetáculo comemorativo programado no Teatro Castro Alves teve tanta demanda que se multiplicou por quatro noites de apresentações com casa lotada.

Em Joinville, a companhia se apresenta *au grand complet* com a peça "Bahia de todas as cores". São trinta e dois integrantes, incluindo bailarinos, percussionistas e cantoras (outros 32 formam a segunda companhia). À frente do brioso elenco estão Walson Botelho (o Vavá), idealizador e diretor-geral da companhia, José Carlos Arandiba (o Zebrinha), diretor-artístico e professor e a poderosa Dona Terezinha, assistente de direção e "ebozeira" oficial da companhia.

Confiram a festa baiana e digam se estamos mentindo.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 311 29/04/10 02:41

Festival de Dança quebra ritmo com a noite de gala



AGIA Os ritmos, as danças e as crenças baianas na peça "Bahia de todas as cores"

A NOTÍCIA - SANTA CATARINA

JULHO 2000

Joinville — Na noite de gala do 18º Festival de Dança, ontem, o Balet Guaíra arremeteu-se sobre o palco embalado pelos elementos e, literalmente, fez chover no Cau Hansen. Em "Segundo Sopro", areia, cristal, vento e água serviram para conduzir um espetáculo que arrancou aplausos entusiasmados da platéia. Na segunda parte, a África foi transposta ao palco do Centreventos. Orixás, batuques e a energia do folclore e da religião afro-brasileira, apresentados pelo Balé Folclórico da Bahia, de Salvador, que mostrou a "Bahia de Todas as Cores", fez desta uma noite inesquecível ao público.

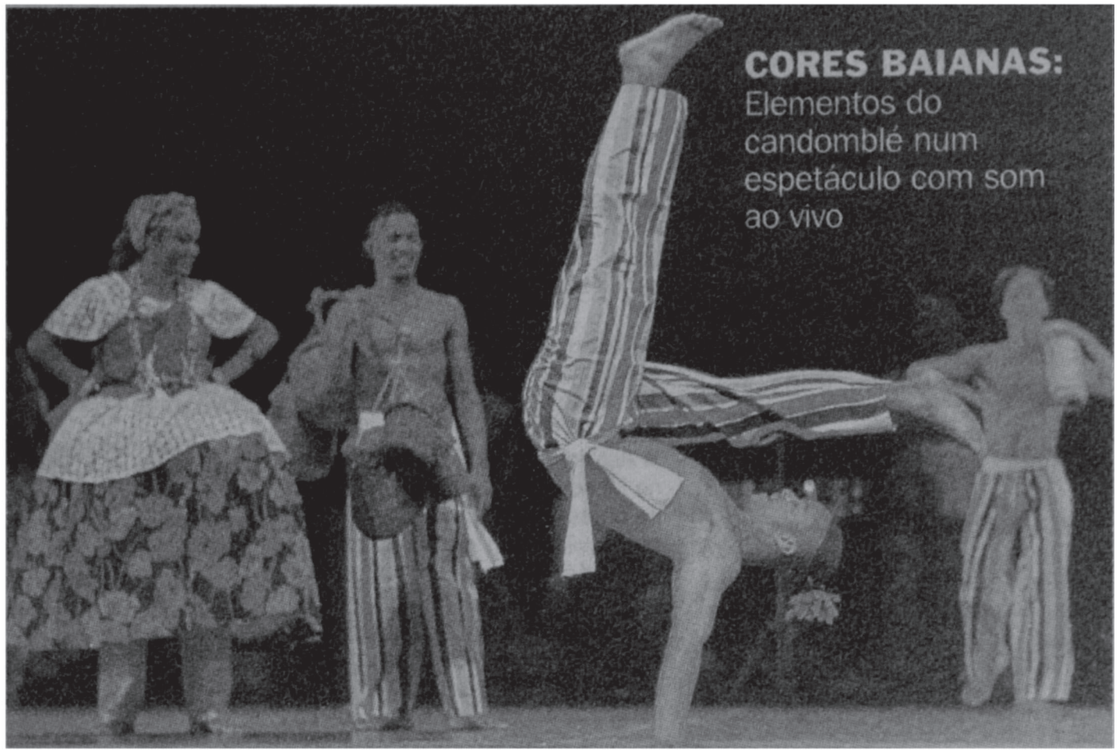
O Balé Folclórico da Bahia tinha todos os elementos para agradar ao público. Ritmo, movimento, cor e energia embalaram corpos quase sobrenaturais, que encarnaram os orixás e suas expressões terrenas. Em "Bahia de Todas as Cores", esse universo mitológico foi trazido ao palco, revelando a forte espiritualidade do povo baiano. O Balé Folclórico da Bahia mostrou porque é uma das companhias brasileiras mais solicitadas no exterior. Quem perdeu a apresentação em Joinville, poderá vê-lo na abertura dos Jogos Olímpicos de Sydney, no dia 15 de setembro.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS



A apresentação do Balé Folclórico da Bahia foi marcada pela voz imponente de duas mulheres, que cantavam como se puxasem "pontos" do candomblé. O som, ao vivo, deu outra cor ao espetáculo, que mostrou as cores da Bahia em coreografias alegres. Iemanjá, a rainha do mar, e maculelê foram representados pelo barulho da água e duelos. Numa exibição perfeita, o bailarino mostrou o que é possível fazer com o berimbau e executou até o hino nacional emendado ao clássico de Luiz Gonzaga, *Asa Branca*. Os movimentos da capoeira entraram em cena no final do espetáculo. Num batuque divertido, os baianos armaram um "barraco" no palco, levando o público a entrar na dança. Animadas, as pessoas divertiram-se como se estivessem numa roda de samba.

DIÁRIO CATARINENSE



CORES BAIANAS: Elementos do candomblé num espetáculo com som ao vivo

DIÁRIO CATARINENSE - SANTA CATARINA

JULHO 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 313 29/04/10 02:41

A NOTÍCIA - SANTA CATARINA
JULHO 2000



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

JOEL GEHLEN

A gala dos elementos reuniu terra, fogo, água e ar, no programa especial apresentado pelos balés do Teatro Guaíra e o Folclórico da Bahia, atraindo ao Cau Hansen um público nunca visto, em plena segunda-feira. Quem foi ao teatro, saiu com a alma lavada. Os dois espetáculos apresentados corresponderam plenamente às promessas de emoção e técnica espetaculares. A empatia por parte do público foi total, aplaudiu de pé. Ambos os espetáculos foram audaciosos à sua maneira, um contribuindo com o outro na construção da emotividade, da alegria de uma noite completa. Enquanto um levou às lágrimas os espíritos mais delicados, o outro instaurou um carnaval para quem se dispôs a cair na folia.

Na segunda parte do programa, os baianos subiram ao palco para mostrar o que é que a Bahia tem, das divindades à malandragem das ladeiras de São Salvador. O espetáculo é de impulsão e força que faz os bailarinos literalmente voarem no palco. Diferente do anterior, não busca o inefável, a leveza, mas expõem a brutalidade veloz dos passistas de capoeira. A energia insofismável das musculaturas de ébano. Os pés já não querem ser delicados, mas ilimitados. Nesses corpos, a beleza vem da ginga, rapidez e dos intrépidos movimentos.

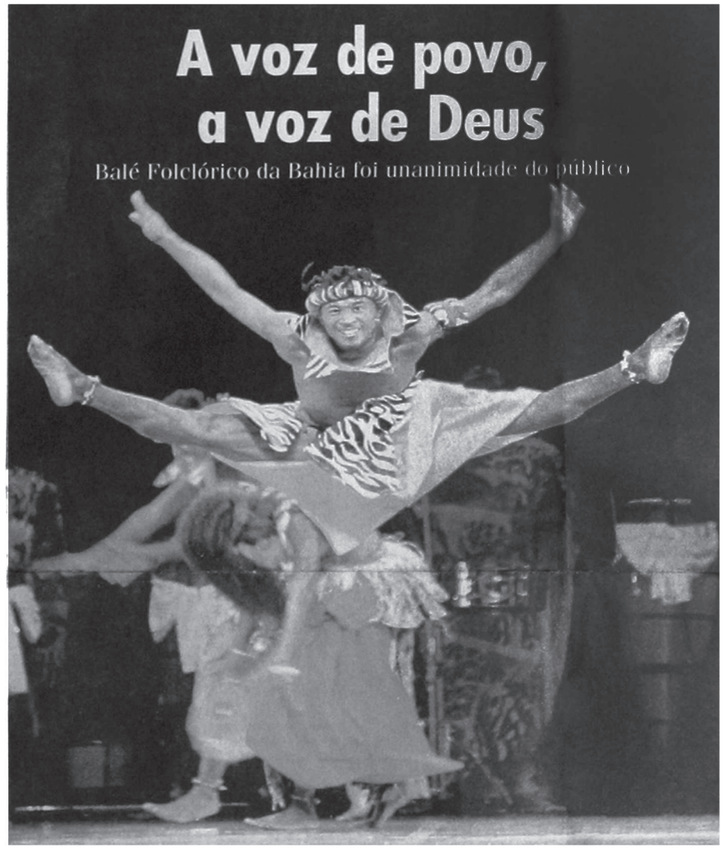
As mulheres baianas, com a sua graça, seus braceletes, as vestes alegres, coloridas e glamourosa simplicidade, atiçam a volúpia de lábios, pernas e braços torneados por uma rotina de exercícios sem trégua. Nelas, o sagrado e o profano se acasalam, com suas carnações fecundas e generosas. A dança é frenética, alucinante, sem paradeiro, incorporando os espíritos das procelas.

A NOTÍCIA - SANTA CATARINA

Balé do Teatro Guaíra foi ovacionado de pé no Cau Hansen. PAGINA 8

ANfestival

QUARTA-FEIRA • 26/7/2000 SANTA CATARINA



A voz de povo, a voz de Deus

Balé Folclórico da Bahia foi unanimidade do público

SUZANA BRAGA

O Balé Folclórico da Bahia entrou no palco do Centreventos para mostrar um espetáculo, no mínimo, insólito. A noite fria de domingo contrastava com aquele povo que tem o brilho do sol, as curvas do mar e a força da terra-mãe. Verdadeiras muralhas humanas a desafiar os critérios aeróbicos. Força e fôlego é com eles mesmos (homens e mulheres) que dançam por quase duas horas sem baixar o pique.

Se no início o encasacado público sulista custou a perceber o tempero baiano, ao final do espetáculo já estavam incorporados e a festa foi grande. O espetáculo "Bahia de todas as cores" começou mostrando rituais de iniciação, os orixás, a corte de Oxalá (um dos mais belos momentos da primeira parte), puxada de rede e foi tomando fôlego na capoeira e num estupendo maculelê como só esses baianos sabem fazer. Para terminar, um apelo ao público para cair no samba-reggae. Esse apelo, talvez desnecessário, teve boa adesão e tudo acabou numa grande festa num momento feliz para o Festival de Dança de Joinville. Talvez os puristas teóricos reclamem desta felicidade, mas a vida é bela, a dança também, e ser feliz e saber dançar não é pecado. Também não discriminem estilos porque o importante é o conteúdo. O que é bom é bom

Uma das mais fortes características do BFB é saber colocar o folclore no palco e torná-lo um espetáculo cênico com toda a dimensão implícita neste contexto. Há muito tempo o BFP deixou de ser um grupo folclórico ligado a manifestações de rua e tornou-se verdadeiramente uma companhia. Existe um tratamento de palco admirável, os integrantes da companhia trabalham duro em aulas de dança moderna, afro e até dança acadêmica - por sinal uma beleza de aula comandada por mestre Zebrinha e seus assistentes. Apoiando o Balé da Bahia, um elenco de percussionistas da melhor qualidade, um show de berimbau e duas cantoras que coordenam, oportunamente, as sequências de cenas.

O que pode ser discutido é o tamanho da apresentação. Os baianos vão até o limite, poderiam editar um pouco o espetáculo, especialmente para noites em que dividem o palco com outras companhias, como aconteceu na segunda. Outro ponto a observar é o desnecessário painel que aparece no final, quando os integrantes da companhia partem para o "olé" final, chamando e incitando o público a participar da festa. Existe um certo ar de *merchandising* neste momento, totalmente desnecessário. No final, o público em pé também teve o seu desafio aeróbico aplaudindo os baianos e até mesmo ensaiando uma boa ginga. Valeu. O numeroso público ficou feliz e a voz do público é a voz de Deus. O resto é bobagem.

JULHO 2000

Percussão põe público na dança

PAULO CÉSAR RUIZ

Um show à parte na apresentação do Balé Folclórico da Bahia, além do desempenho dos bailarinos misturando passos de clássico com capoeira, foram os ritmistas André Souza, Alcides Morais, Daniel Sousa, Joel Souza e José Ricardo Souza, que, ao vivo e a cores, levaram o público à euforia. O Centreventos ainda não tinha visto nada parecido: cinco mil pessoas dançando o suingue do carnaval baiano. Foi um delírio.

Destaque para o solista que tocou berimbau. Depois de ensaiar quase que a tarde inteira, o rapaz roubou a cena na noite. Ouvido absoluto, domínio completo do rudimentar instrumento e levantou a galera quando, com perfeição harmônica, solou "Asa Branca", de Luiz Gonzaga. Antes já tinha ensaiado o Hino Nacional, mas, como o ritmo e a letra do dito cujo não tem a expressão percussiva do clássico do "Rei do Baião", ninguém percebeu.

Destaque também para Dora Santana e Miralva Couto, as duas cantoras que levaram ao palco do Centreventos toda a magia da cultura africana da Bahia. Não foi um show de canto, embora sejam excelentes intérpretes, mas uma celebração à ancestralidade africana nas cores da Bahia. Aliás, a Bahia ainda preserva tradições e manifestações trazidas pelos escravos que não existem mais na África, só em Salvador.



TODAS AS CORES Corpos escultóricos embalados pelo ritmo dos atabaques e a força de sua dança divinizante foram a tônica do espetáculo apresentado pelo Balé Folclórico da Bahia

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 315 29/04/10 02:41

Um elenco nascido do povo

Diretor do Balé Folclórico da Bahia conta como encontra nas ruas de Salvador bailarinos e músicos para sua companhia



ANA FRANCISCA PONZIO

Walson Botelho, mais conhecido como Vavá, pode se considerar único no que faz - pelo menos no Brasil. Desde que fundou o Balé Folclórico da Bahia (BFB), em 1988, passou a dirigir uma companhia que não possui similares no País. Com um padrão profissional que nenhum outro conseguiu manter, o grupo de Vavá atua solitário, sustentando sua estrutura graças ao mercado de trabalho proporcionado pelo sucesso internacional do elenco baiano.

Aclamado em dezenas de países, o BFB já percorreu a Europa de norte a sul, toda a América do Norte, além de Ásia e África. "No entanto, era a apresentação no Festival de Dança de Joinville que mais me provocava expectativas nas últimas semanas, mesmo durante nossa temporada na França, no mês passado", diz Vavá, sobre o espetáculo realizado na última segunda-feira, no Centreventos.

Para satisfação de Vavá, a participação no 18º Festival de Dança de Joinville fez o BFB reviver a acolhida recebida no evento, logo que o grupo se formou, 12 anos atrás. Plataforma de lançamento do elenco baiano, o festival comemorava, na época, os 100 anos da abolição da escravatura no Brasil. Convidado para integrar a programação, o BFB foi tão bem recebido em Joinville, que daqui saiu para uma sucessão de apresentações em cidades próximas, como Blumenau e Florianópolis.

Depois desse rito de passagem, ganhou fôlego para prosseguir carreira e consolidar seu carisma ao redor do mundo. Fora do Brasil, também um evento de dança assinalou outro impulso fundamental. Em 1994, ao se apresentar na Bienal da Dança de Lyon (França), o BFB conquistou novos admiradores, ganhou elogios em jornais exigentes, como o "New York Times", passando a ter portas abertas nos mais sofisticados teatros - do Brooklyn Academy of Music, de Nova York, à Ópera de Sydney, na Austrália.

Com a responsabilidade redobrada, Vavá vem aprimorando a capacidade de seu elenco, cujos integrantes comprovam quão versátil e rápido no aprendizado é o povo brasileiro. "Nosso critério de escolha é muito particular", diz, referindo-se aos motivos que determinam a seleção de intérpretes para o BFB. Junto com seu parceiro na direção do grupo, o coreógrafo José Carlos Arandiba (ou Zebrinha), Vavá costuma encontrar nas ruas de Salvador o bailarino ideal para seus espetáculos.

"Precisamos de pessoas que vivem a cultura baiana no seu dia-a-dia. Na Bahia, os rapazes geralmente sabem capoeira, enquanto as moças costumam preservar as tradições familiares do candomblé. Possuindo esses atributos e mesmo sem uma formação convencional em dança, nossos escolhidos acabam desenvolvendo em pouco tempo, nas aulas que ministramos, as habilidades necessárias para dançar no palco."

Segundo Vavá, a capoeira é um recurso precioso. "Fornece tudo o que o corpo precisa para dançar, como disciplina, coordenação motora, elasticidade". Também na escolha dos músicos, Vavá e Zebrinha se valem dos mesmos parâmetros. "Tocar percussão é outro hábito que faz parte da tradição familiar baiana, daí a facilidade de encontrar bons instrumentistas no meio do povo."

Fiel às raízes afro-baianas, o elenco do BFB vem conseguindo atingir o público com intensidade semelhante à de grupos legendários - como o Berioska, da Rússia. Para tanto, soma-se ao magnetismo dos bailarinos e músicos, o tratamento que Vavá concede ao repertório. "Nossas fontes são as manifestações tradicionais, como o candomblé, a puxada de rede, o maculelê, o samba de roda, a capoeira, que em nossos espetáculos ganham uma roupagem nova, sem jamais serem transformadas em caricatura."

Regional e internacional ao mesmo tempo, o BFB retornou a Joinville nesta semana com elenco renovado. Entre os 32 integrantes atuais, apenas dois pertencem à formação original, que dançou na cidade 12 anos atrás. "Eu estava muito curioso quanto à evolução do evento", diz Vavá. "É muito bom constatar que o festival cresceu, conquistando uma participação tão expressiva de empresas patrocinadoras. Agora, no entanto, é preciso muito cuidado, pois o evento pode pender para o comercial, transformando-se em um grande super-mercado. Com a estrutura que conquistou, Joinville pode se tornar um centro propulsor para a dança brasileira. Para tanto, acredito que é preciso mudar mentalidades, e fazer com que as ações relativas à dança não fiquem restritas ao período do festival. Para ser um centro de passagem para grandes companhias, seria interessante construir um teatro de verdade, pois o Centreventos, além de limites técnicos, não oferece o aconchego que a dança precisa."

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A NOTÍCIA - SANTA CATARINA

JULHO 2000

BOOK 20 ANOS BFB.indd 316 29/04/10 02:41

A NOTÍCIA Santa Catarina C8 Segunda-feira, 24/7/2000

Todos os "toques" dos Orixás

Cultura do candomblé foi tema de workshop ministrado por músicos do Balé Folclórico da Bahia

DANIEL NITZSCHE STARLING

A musicalidade afro-brasileira e a religiosidade de origens africanas foram as tônicas do curso de percussão ministrado pelos músicos Joel Souza e Alcides Morais, do Balé Folclórico da Bahia. Mal divulgado, o workshop realizado na Univille terminou na sexta-feira. Falando um pouco da música negra no Brasil, os baianos ressaltaram o interesse estrangeiro pela nossa música, enquanto nós mesmos vivemos ouvindo bandas do exterior, esquecendo-nos que todo este caldeirão de ritmos que conhecemos deriva dos ritmos africanos, desde o jazz americano, passando pelos ritmos afro-cubanos e o samba-reggae brasileiro.

"A alma africana sempre esteve no olho do furacão", canta a banda Mundo Livre S.A., em seu último disco. Realmente, a música africana é riquíssima e tem suas especificidades em cada país, recebendo influências de outros ritmos, mesclando-se e se transformando numa musicalidade sempre em mutação, principalmente no encontro com outras manifestações musicais.

Com a intenção de despertar em nós, brasileiros, o interesse pelas nossas raízes, o curso de percussão abordou os ritmos do Candomblé, como o Ijexá, "toque" para Oxum, que é a deusa do mar, da beleza, da vaidade. "Através deste ritmo, pode-se desenvolver vários ritmos", explica Souza. A música africana se transforma de acordo com a cultura em que se insere, e é justamente o que faz o Balé Folclórico da Bahia. Pega os ritmos africanos e cria algo novo, inspirado no estilo narrativo das músicas africanas, contando uma história através do som e da dança.

Outro ritmo ensinado nos atabaques e agogôs é o Opanijé, toque para Omolú, que é o deus da vida e da morte, que nos acompanha durante toda nossa vida e depois de nossa morte, acompanhando nosso espírito. É considerado o médico dos pobres, por curar nossas doenças. No entanto, curando-nos, contrai nossas doenças. Por isso, usa a palha sobre o corpo, para esconder as enfermidades em sua pele.

O toque de Oxóssi (orixá guerreiro, deus da caça e do caçador) é chamado Agueré, outro ritmo apresentado no workshop. O diretor musical do BFB, Zé Ricardo, ressalta as diferenças culturais entre o Ocidente industrializado e a cultura africana, onde as relações humanas ainda não se deterioraram pelo apego excessivo pelo material. Explica que a homossexualidade dos orixás se dá justamente através desta elevação do amor humano, onde o preconceito não corroeu as relações entre as pessoas. Oxóssi, divindade guerreira, foi seduzido por outra divindade masculina.

O elemento negro foi fundamental para a formação da música e da dança brasileiras, o que foi demonstrado com maestria pelos excelentes percussionistas do BFB, usando onomatopéias para explicar cada ritmo, relacionado a tal divindade no Candomblé. Precisamos nos aproximar da nossa cultura, esquecer um pouco as influências estrangeiras e começarmos a nos interessar mais pela cultura afro-brasileira, que é riquíssima.



Os músicos Balé Folclórico da Bahia partem dos ritmos africanos e criam nova linguagem musica.



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A NOTÍCIA - SANTA CATARINA JULHO 2000



Companhias Gulbenkian, Guaíra e Balé Folclórico da Bahia ofereceram momentos de beleza ímpar a que o público assistiu extasiado

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A Magia no Balé Folclórico da BAHIA

Pela miscigenação entre brancos, negros e índios foi formado o folclore e a cultura do Brasil. A influência dessas três correntes étnicas criou na Bahia um emaranhado cultural que resultou em algumas das mais ricas expressões folclóricas do país: o Balé Folclórico da Bahia. Esta companhia cultiva os costumes do povo brasileiro, em muitos períodos de sua história, sempre correspondendo aos segmentos que formaram nossa civilização.

As manifestações culturais populares do dia-a-dia do povo baiano foram escolhidas pelo Balé Folclórico da Bahia, como tópico de suas pesquisas, pelo fato de ser a Bahia o berço da cultura afro-brasileira. O grupo recria essa cultura no palco, demonstrando-a com a maior originalidade possível, através da dança, da música e de outros aspectos de seu espetáculo, que já foi assistido pelos diferentes tipos de público nacional e internacional e que será apresentado nesse festival, como um dos convidados especiais, no dia 17, às 21 horas.

O espetáculo chama-se Bahia de Todas as Cores e é composto por sete quadros exóticos: — "Ritual de Purificação", uma forma de afugentar os maus espíritos do local, para que sua apresentação possa ser levada sem problemas, através de cânticos sagrados, rezas e objetos;

— "Pantheon dos Orixás", Procissão de médiuns já incorporados com as divindades africanas (orixás: forças da natureza e fonte de personalidade de cada um), onde são mostradas suas principais características;

— "A Puxada de Rede", também manifestação popular, consiste num ritual, em homenagem à Iemanjá, por pessoas que saem à noite para a pescaria, munidos de redes e cestos, e durante o tempo todo dançam e cantam à Deusa do Mar, rogando-lhe uma noite de paz e fartura;

— "Maculelé", dança dramática que originou-se nas plantações de cana-de-açúcar, na Bahia, durante o período colonial. Era dançada pelos escravos, nas épocas de festas religiosas, em comemoração à boa colheita;



Maculelê: a rica expressão do folclore

— "Capoeira", luta de origem africana trazida para o Brasil pelos escravos de angola durante o período colonial, muito bem caracterizada nesse espetáculo.

— "Samba de Roda", a forma mais primitiva e autêntica do samba brasileiro. Era dançada pelos escravos dentro das senzalas nos momentos de descanso e lazer;

— "Dança de Origem", uma retrospectiva da influência africana na Bahia, através de uma dança muito forte e sensual, marcando o grande final desse show.

A NOTÍCIA - SANTA CATARINA
JULHO 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

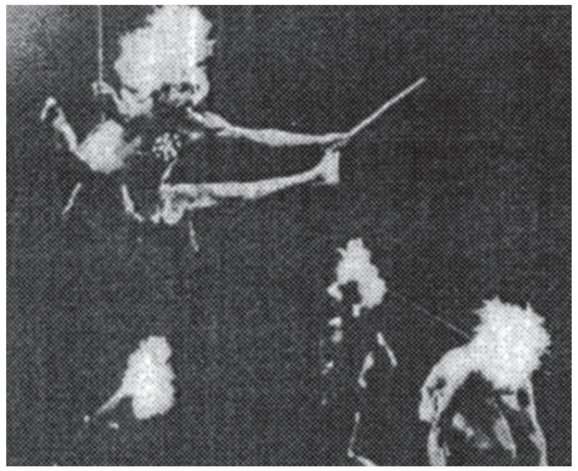
BOOK 20 ANOS BFB.indd 319 29/04/10 02:41

JORNAL DA TARDE - SÃO PAULO

JANEIRO 1989

DANÇA/ESTRÉIA

No palco, o folclore da Bahia.



O Balé Folclórico da Bahia integra o projeto Mambembão 89

O folclore baiano, suas danças, ritos e deuses estão no espetáculo **Bahia de Todas as Cores**, que o Balé Folclórico da Bahia apresenta de hoje a domingo, no Teatro Maria Della Costa. Com direção e coreografia de Walson Botelho e Ninho Reis, o espetáculo resgata e explora as manifestações culturais populares da Bahia e integra o projeto Mambembão 89, que a Fundacen — Fundação Nacional de Artes Cênicas leva ao público.

Criado em 83, o Balé Folclórico da Bahia é a única companhia de dança folclórica estável do País, englobando cerca de 30 profissionais, entre dançarinos e músicos. O grupo, que já se apresentou na Europa e em países da América Latina, busca nas raízes da cultura popular baiana os temas para suas coreografias e a base rítmica que compõe o espetáculo. "O que os dançarinos e os músicos fazem é algo intuitivo, natural", explica o diretor Walson Botelho, o "Vavá". Ele conta que foi preciso todo um trabalho de resgate cultural junto aos membros do Balé, incutindo neles a consciência de sua raça e herança histórica. "O nosso objetivo é preservar a cultura popular da Bahia, não deixar que ela perca o seu primitivismo."

Botelho é responsável também pela coreografia, figurinos e adereços, ao lado de Ninho Reis, que o público verá dançando no palco. Neste espetáculo, o grupo mostra números como o "Ritual de Purificação", "Dança do Fogo", "Pantheon dos Orixás", "Maculelê", "Samba de Roda" e "Capoeira e Sambão — a Dança de Origem", em que os bailarinos fazem uma retrospectiva da influência da cultura africana no Estado, através de uma coreografia sensual. "A dança negra tem a base no movimento de quadris e ombros e é em cima disso que nós montamos as coreografias", diz Botelho. "Isso é resultado de todo um trabalho, porque a cultura brasileira renega esse molejo no homem."

À frente do Balé Folclórico da Bahia, Botelho foi premiado por dois anos consecutivos como diretor do melhor grupo de dança folclórica da Bahia. O grupo apresentou-se há pouco tempo em Brasília, para os membros de embaixadas da África e vem agora do Rio de Janeiro, para compor a terceira apresentação do Mambembão 89.

Bahia de Todas as Cores — Teatro Maria Della Costa. R. Paim, 72 — tel. 256-7907. De hoje até sexta, às 21h; no sábado, espetáculos às 20 e 22h e no domingo, às 19h. Ingressos a NCz$ 1,50.

DIÁRIO POPULAR - SÃO PAULO

JANEIRO 1989

Projeto Mambembão traz a Bahia de Todas as Cores

MÁRCIA PIVA



Integrantes do Balé Folclórico da Bahia se apresentam, hoje, no Mambembão

Bahia... O seu nome principia Com o canto e a magia Que o negro sopra pelo ar Cantando...

Em 1988, nesta mesma época, a escola de samba Vai-Vai homenageou, com o samba-enredo Amado Jorge — A história de uma raça brasileira —, a terra do Pelourinho, da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim e de todos os santos. Hoje, às 21 horas, no Teatro Maria Della Costa (rua Paim, 72, Bela Vista), o Balé Folclórico da Bahia vai mostrar, no Projeto Mambembão, a Bahia de Todas as Cores.

Ao retratar algumas das mais importantes manifestações populares do folclore baiano, os 30 profissionais que integram o grupo querem deixar, até o próximo domingo, 28, um pouco de energia para nossa cidade. Ninho Reis, um dos diretores da companhia, disse que o grupo veio trazer "axé para o público paulistano".

Criado em 1983, o Balé Folclórico da Bahia realizou diversas turnês pelo Brasil e exterior. Sob a direção de Walson de Freitas Botelho, o Vavá, e Ninho Reis, o grupo constituiu-se numa família. Na opinião de Celeste, uma das componentes, a convivência e harmonia entre os participantes são as principais características da companhia. "Somos uma família que prefere falar pouco e mostrar, através da nossa dança e ações, aquilo que somos", definiu a dançarina.

As reclamações são muitas. Lutando contra a desvalorização do trabalho cultural realizado pelo grupo, desde que foi criado, o Balé Folclórico da Bahia queixa-se da falta de apoio dos órgãos públicos culturais do País. Apesar das dificuldades, a companhia excursionou por países da Europa, América Latina e África. "O sucesso alcançado no exterior, há alguns anos, quando chegamos a dançar para públicos de até 20 mil pessoas, estamos conseguindo agora, dentro do nosso próprio País", explicou Ninho Reis.

A união entre arte e aprimoramento técnico-interpretativo dos dançarinos-baianos será mostrada em diversos números como Ritual de Purificação, Pantheon dos Orixás, Maculelê, Samba de Roda, entre outros.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 320 29/04/10 02:42

O ESTADO DE S. PAULO QUARTA-FEIRA, 25 DE JANEIRO DE 1989

M A M B E M B Ã O

A dança do folclore afro-baiano

O mundo dos Oxuns, Xangôs e Iemanjás está em "Bahia de Todas as Cores", espetáculo que o Balé Folclórico apresenta hoje no Maria Della Costa

Desde que se apresentou pela primeira vez em público, há seis meses, na cidade paulista de Santos, a companhia Balé Folclórico da Bahia só tem conhecido elogios. Recebeu prêmios, convites para o Exterior e emocionados aplausos por onde tem levado a mesma coreografia de estréia, **Bahia de Todas as Cores**, que encerra em São Paulo o ciclo da companhia no Projeto Mambembão, depois de lotar teatros em Brasília e no Rio.

Com um elenco de 18 dançarinos (12 homens e seis mulheres), mais três cantores (Portella, tenor; Celes, soprano; Célia, contralto) e três músicos, que se encarregam dos atabaques e outros instrumentos de percussão, o Balé Folclórico da Bahia mostra um espetáculo dividido em oito quadros, todos voltados para a influência africana na cultura baiana. Os primeiros quadros se referem ao candomblé, iniciando com o ritual de purificação, quando os dançarinos afugentam os maus espíritos com oferendas ao som de cânticos sagrados e rezas.

Em seguida, as divindades se incorporam através da dança: Ossaim, Ogum, Oxum, Omolu, Iansã, Oxossi, Oxalá. Nos quadros seguintes, as referências são todas para o folclore do maculelê, dança dos escravos do período colonial, em homenagem à boa colheita; o samba de roda, a mais primitiva e autêntica forma do samba brasileiro, praticada pelos escravos dentro da senzala durante o descanso; a capoeira, uma luta trazida de Angola; e, por fim, a dança de origem, criada especialmente para o Balé por Augusto de Omolu, com influências das danças do Senegal.

O Balé Folclórico da Bahia tem origem no grupo Bahia Bahia, criado em 1980, em Salvador. Quando se decidiram pela profissionalização, seus integrantes escolheram como filosofia mostrar o folclore baiano da forma mais simples possível, evitando a estilização. Empreenderam, então, uma pesquisa profunda sobre a cultura baiana. O primeiro resultado está no palco do Maria Della Costa, a **Bahia de Todas as Cores.**



Arlovaldo Vicentini/AE

O grupo em São Paulo, depois de Brasília e Rio

SERVIÇO

Bahia de Todas as Cores, espetáculo que integra o Projeto Mambembão, com o Balé Folclórico da Bahia, direção e coreografias de Welson Botelho e Ninho Reis. Estréia hoje, às 21h, no Teatro Maria Della Costa, rua Paim, 72, telefone 256-9115. Ingressos a NCz$ 1,50. Até domingo.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 321 29/04/10 02:42

Dança DIARIO DO GRANDE ABC Sexta-feira, 27 de Janeiro de 1989

Bahia mostra vigor e técnica

Dilson MARINHO

Bahia de todos os Santos, de todos os orixás. Movimento de corpos negros lindos, suados. Vigor físico mais técnica e beleza étnica explodindo em emoção. Catarse, êxtase estético, transcendental. Síntese difícil e rica, o Balé Folclórico da Bahia traz a São Paulo o espetáculo *Bahia de Todas as Cores*, dentro do Projeto Mambembão, em cartaz somente até domingo no Teatro Maria Della Costa.

O grupo, dirigido pelo antropólogo baiano, Walson Botelho, que proporciona ao público tamanho aprendizado sobre a cultura negra baiana, nasceu em 1983 e é considerado a única companhia de dança folclórica estável do País. Rotulá-lo de folclórico, entretanto, parece um tanto reducionista, pois o que se vê ao assistir *Bahia de Todas as Cores* é a própria essência de toda uma raça, onde as influências de outros povos e culturas incrementam mas não descaracterizam aquilo que para o negro é essencial: sua espiritualidade posta a nu, com seus corpos.

As danças folclóricas, em geral, são de uma precisão espantosa, já que a principal preocupação de quem realiza é não deixar morrer as formas de manifestação de um povo. O que acontece, entretanto, com o Balé Folclórico da Bahia é a valorização de dois aspectos quase sempre camuflados nos folclorismos da vida: a força sexual das danças e expressões e o aspecto ritualístico do evento.

Assim, *Bahia de Todas as Cores* começa com o ritual da purificação em que oferendas são feitas através de cânticos sagrados, rezas, incenso etc, com o objetivo de afugentar os maus espíritos presentes no local. Logo em seguida surgem os orixás do candomblé, com os bailarinos *incorporando* cada entidade, com suas roupas e danças características. Obviamente são expostos apenas os orixás considerados mais importantes ou mais conhecidos, pois do contrário o grupo precisaria muitas horas. Acompanhado pelos ritmistas e intérpretes, que cantam em língua africana, são homenageados Oxalá, Deus Supremo do candomblé, criador do universo (a comparação com os santos da religião católica é mero diletantismo); Ogum, deus do ferro e da guerra; Oxum, deus da beleza, da vaidade e da riqueza; Omolu, deus das doenças e da morte e Iansã, deusa dos ventos e das tempestades.

Ainda aproveitando a riqueza das religiões e da mitologia africanas, duas danças se sucedem, a *dança do fogo*, realizada em homenagem a Xangô, deus do fogo e dos trovões e a *puxada da rede*, manifestação popular na qual as pessoas saem à noite para a pescaria munidos de redes e cestos, cantando durante o tempo todo para Iemanjá, deusa do mar, rogando-lhe uma noite de paz e fartura no trabalho que realizam. Os efeitos visuais criados apenas com os figurinos coloridos e um pouco de jogo de luz fazem desse bloco mais religioso e ritualístico um momento de elevação espiritual e uma verdadeira reverência à beleza tanto plástica quanto sonora.

Apesar de mais profanas e descontraídas, as três últimas danças não ficam nada atrás e a sensualidade explode a olhos vistos, fazendo o público levantar várias vezes para aplaudir tamanha agilidade e alegria com que os bailarinos executam as festas populares. De forma didática são apresentadas o maculelê, a capoeira e o samba de roda, facilmente confundidos por incautos que costumam empastelar o Nordeste, esquecendo-se de suas dimensões e diversidades continentais.

Com a ajuda do folheto informativo entregue na bilheteria do teatro, pode-se ver que o maculelê é muito diferente da capoeira, pois o primeiro é uma dança dramática originária das plantações de cana-de-açúcar da cidade de Santo Amaro, na Bahia, dançada pelos escravos em comemoração à boa colheita, também usada como defesa contra os opressores; enquanto que a segunda é uma luta de origem africana, trazida pelos escravos vindos de Angola durante o período colonial.

A última dança da noite é o samba de roda, a forma mais primitiva do atual samba brasileiro, que deixa a platéia morrendo de vontade de dançar junto com os bailarinos. Não fosse apresentado num teatro, com tantas limitações espaciais e a festa se estenderia noite adentro, fechando o rito com muito axé.

Bahia de Todas as Cores fica em cartaz somente até domingo no Teatro Maria Della Costa, que fica na rua Paim, 72 – Bela Vista, São Paulo (fone: 256-7907) nos seguintes horários: hoje às 21h; amanhã às 20 e 22h e domingo às 19h. Preço único de NCz$ 1,50.



Bahia de Todas as Cores, *no Projeto Mambembão*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

DIÁRIO POPULAR - SÃO PAULO

JANEIRO 1989

Diario Popular São Paulo, sexta-feira, 27-1-1989 Início Teatro



Balé Folclórico da Bahia apresenta-se em S. Paulo até domingo no Teatro Maria Della Costa

Balé Folclórico da Bahia revela raízes africanas

O Balé Folclórico da Bahia, que fez sua primeira apresentação na noite de anteontem, no Projeto Mambembão, no Teatro Maria Della Costa, confirmou as previsões de Ninho Reis, um dos seus diretores, feitas ao DIÁRIO POPULAR, na última terça-feira. Os baianos lotaram o teatro e esbanjaram axé.

A companhia baiana de dança mostrou, durante 1h15, que o folclore regional, fortemente marcado pelas raízes africanas, não é somente baiano. É brasileiro. Em Panteão dos Orixás, deuses como Oxalá, Ogum, Oxum, Omolu e Iansã, com suas vestimentas características, de colorido e riqueza artificial de miçangas e brilhos, incorporaram os dançarinos, mostrando ao público paulistano todo o misticismo e magia da terra da sempre lembrada Mãe Menininha do Gantuá.

O som demasiado alto, o palco que parecia pequeno demais para conter a energia dos filhos da Bahia, prejudicaram, mas não ofuscaram o brilho dos dançarinos. O público aplaudiu de pé. Chikashi Onokaki, há um ano e dez meses no Brasil, definiu o espetáculo como "simplesmente maravilhoso". Num português enrolado, ele explicou que já conheceu Olinda, cidade histórica de Pernambuco. Lá, Onokaki teve a oportunidade de assistir a outros números de dança folclórica. Os shows de balé folclórico, na opinião de Onokaki, "são muito fortes e emocionantes".

BRASIL

Idibal Piveta, diretor e fundador do Grupo Teatro União e Olho Vivo, vibrou com a apresentação do Balé Folclórico da Bahia. Qualificando o trabalho dos dançarinos baianos como "muito bom, maravilhoso", Piveta, autor teatral, conhecido artisticamente como César Vieira, afirmou que o espetáculo apresentado era um "retrato da arte popular brasileira". Para ele, o esforço dos 30 integrantes da companhia baiana e iniciativas como o Mambebão, "sem desprezar os artistas estrangeiros, colocam o Brasil em primeiro lugar".

DIÁRIO DO GRANDE ABC - SÃO PAULO

JANEIRO 1989

BOOK 20 ANOS BFB.indd 322 29/04/10 02:42

FOLHA DE SÃO PAULO - SÃO PAULO

JANEIRO 1989



Dançarino do Balé Folclórico da Bahia, que está se apresentado até domingo dentro do projeto Mambembão

ACONTECE NO FIM-DE-SEMANA

TEATRO

"Bahia de Todas as Cores" recria tradições culturais

MARCO VELOSO
Da Reportagem Local

BAHIA DE TODAS AS CORES - Espetáculo do Balé Folclórico da Bahia. Teatro Maria Della Costa (r. Paim, 72, tel. 256-7907, Bela Vista, zona central) até domingo. Hoje, às 21h. Sábado, às 20h e 22h. Domingo, às 19h. Ingresso: NCz$ 1,50.

O público paulistano pode ver, mas só até domingo, um dos grupos de dança mais importantes do Brasil: o Balé Folclórico da Bahia. "Bahia de Todas as Cores" é o terceiro espetáculo a se apresentar no Mambembão 89 e vem reforçar a primeira impressão quanto à qualidade e importância do evento, que há cinco anos estava interrompido. Através de festivais deste tipo, as platéias do eixo Rio-São Paulo tomam contato com o imenso esforço de diversos grupos, que pelo país afora buscam estabalidade e melhores condições para a pesquisa de uma estética contemporânea.

"Bahia de Todas as Cores" impacta, antes de tudo, pelo vigor formal que atravessa e revira as mais tradicionais manifestações culturais da Bahia. Há um pouco de tudo. Do negro, dos deuses e do trabalho. Mas tudo isto, remetendo às forças e às potências mais elementares. "Bahia de Todas as Cores" poderia ser definido como uma cosmogonia, sistema hipotético da formação de um universo.

O espetáculo começa com o "Ritual de Purificação", através do qual se busca afugentar o mal. A presença de três músicos percussionistas, do solista vocal Antônio Portela e de duas cantoras se faz notar de saída. A partir do quadro seguinte começa a hipnose do público. Ossain, Ogum, Oxum, Omolu, Iansã e Oxóssi, os principais orixás do candomblé, são apresentados em solos individuais que já evidenciam a principal característica do grupo: o desenvolvimento do conjunto coreográfico, tendo como ponto de partida desempenhos pessoais de destacável autonomia. O exemplo mais gritante deste tipo de performance é o solo "Dança do Fogo", executado pelo bailarino Telmo Passos.

Um momento de discreto lirismo ocorre em "Puxada de Rede". O trabalho ritual dos pescadores, que acompanha o nascer do dia, cria o fundo para uma exaltação a Iemanjá. Já o sentido de grupo cresce, ainda mais, no quadro seguinte, "Maculêle", quando o tom dramático do espetáculo explode nas pequenas fagulhas que saltam do atrito entre facões. Mas é em "Capoeira" que o conjunto ganha maior densidade, com a intervenção simultânea de elementos teatrais e de performences coreográficas individuais. Este número se intercala com "Samba de Roda", tendo como motivo das passagens uma série de brigas por mulheres. Os movimentos pessoais, nestas danças, acentuam aquilo que dá a tônica do estilo corporal do grupo: uma extrema flexibilidade física, revelando efeitos dramáticos precisos e rigoroso preparo técnico.

"Bahia de Todas as Cores" termina com "Dança de Origem". Para esta dança, os atores se despem de todas as referências à cultura negra no Brasil e se voltam à origem de tudo: a África.

Walson Botelho e Ninho Reis, coreográfos da companhia, chegaram a um espetáculo atual, mas que, como tudo que é contemporâneo, passa rápido. Cuidado, pois desta vez, o efêmero dura só até domingo.

HERSCH BASSBAUM

Crítica

Salve a Bahia, Senhor

A importância do espetáculo apresentado no Teatro Maria Della Costa, Bahia de Todas as Cores (terceiro programa do vitorioso Mambembão 89), de responsabilidade do Balé Folclórico da Bahia, reveste-se da maior dignidade e de beleza invulgar que não pode ser perdido em hipótese alguma.

Walson Botelho e Ninho Reis respondem pela coreografia e direção onde são apresentados seis diferentes números, desde rituais religiosos de candomblé, tipicamente africano, até samba de roda, coisa já bem brasileira que se difundiu na Bahia e especialmente no Rio de Janeiro.

Ainda que eu tenha amado o trabalho apresentado pelo grupo baiano, algumas observações críticas podem e devem ser feitas. Primeiramente lembraria que faltou teatro na montagem do espetáculo. Isto é, talvez acreditando na força e na beleza das danças, não houve preocupação com o decor, mantendo-se o palco nu. Da mesma forma, pouca coreografia de conjunto, fato que impediu que fosse mais explorada a beleza de alguns números. Isto é, apresentá-los como são na realidade e muito pouco teatral. Também foi o caso do uso da luz, que poderia ter maior participação significante para acentuar o significado.

Essas falhas são mais notórias nos primeiros números, nas danças mais religiosas, na parte mais afro do espetáculo. À medida em que vai se balanizando, o problema parece menor, talvez pela comunicação mais intensa — sinais mais próximos da gente — que a música consegue estabelecer.

Tanto os músicos, quanto os vocalistas e os dançarinos formam um conjunto absolutamente harmônico e de alta e homogênea qualidade, sem que se possa destacar esse ou aquele caso. Em síntese, Bahia de Todas as Cores é um espetáculo imperdível.

Bahia de Todas as Cores
Teatro Maria Della Costa, Rua Paim 72 — 296-9115 — Com o Balé Folclórico da Bahia. Até sábado às 20 e 22 hs. — Domingo às 19 hs. Preço: NCz$ 1,50.

DIÁRIO POPULAR - SÃO PAULO

JANEIRO 1989

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 323 29/04/10 02:42

DIARIO POPULAR
REVISTA
São Paulo, quarta-feira, 2 de junho de 1993

DIÁRIO POPULAR - SÃO PAULO
JUNHO 1993

Balé clássico enriquece baticum afro-brasileiro

Grupo baiano apresenta mistura de elementos da dança universal e folclore

FABIAN DC

Com 11 anos de idade, um garoto da classe média de Salvador viu pela televisão o grupo folclórico Viva Bahia. Hoje, duas décadas depois, Walson Botelho encara aquele momento aparentemente banal como determinante no direcionamento de sua vida profissional. "Foi meu primeiro contato com o folclore baiano. Cinco anos depois, vi aquele mesmo grupo ao vivo, e isso mudou minha vida". Walson criou e dirige há cinco anos o Balé Folclórico da Bahia, que se apresenta de hoje a domingo no Teatro Sérgio Cardoso.

O entusiasmo pelo Viva Bahia levou Walson a integrar aquele grupo durante seis anos, inicialmente como bailarino e, depois, ajudando a diretora Emília Biancardi. "Tinha formação de balé clássico e larguei tudo para me dedicar à dança afro", relembra. Ao sair do Viva Bahia, que pouco depois encerraria suas atividades, o diretor terminou o curso universitário de Antropologia. "A faculdade me deu o método de como observar e interpretar o contexto das manifestações culturais", explica.

Walson Botelho criou o Balé Folclórico da Bahia em 1988 pensando em unir os elementos explícitos no nome do grupo. "Nosso trabalho parte da fusão da linguagem universal do balé com o folclore. Pode ser definido como o folclore repensado, sem virar algo estilizado, sem fundamento", define. A companhia possui 18 bailarinos, duas cantoras e cinco músicos. "O espetáculo começa com um número que mostra a cara do grupo, que é basicamente a da Bahia: sensualidade, força, beleza, ritmos fortes e cores brilhantes. Depois, apresentamos os diversos nuances existentes, e finalizamos com o Afixirê (dança da alegria no dialeto yorubá), um final em que resumimos o espetáculo como um todo".

Essas divisões do show envolvem aspectos diversos da cultura baiana como a capoeira, o maculelê e mesmo o candomblé. "Mostramos o candomblé de forma respeitosa, pois não se trata de folclore, e sim de religião", ressalta Walson. Essas adaptações feitas pelo diretor baiano podem ser exemplificadas por sua versão para o maculelê. "Essa dança era feita em comemoração à colheita da cana-de-açúcar e usava a própria cana como elemento cênico, substituída depois por bastões e hoje facões, o que dramatiza a coreografia. Acrescentamos detalhes inexistentes na tradição para que o espetáculo funcione em termos visuais", diz.



Espetáculo trabalha sensualidade, ritmos fortes e muita cor para dar o tom do folclore baiano



Coreografia explora postura clássica da equipe



Grupo dança maculelê, capoeira e candomblé

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 324 29/04/10 02:42



Tradição está presente nos detalhes das roupas



Walson trabalha com manifestações populares

Cinco musicos fazem acompanhamento da danç

Figurinos têm colorido típico da cultura afro

Zebrinha usa experiência internacional no palc

Grupo faz sucesso no Exterior

Nos seus cinco anos de atividade, o Balé Folclórico da Bahia já se apresentou por todo o País e também na Áustria, Suíça, Itália e Alemanha, e já tem agendados espetáculos, nos próximos meses, na Espanha, Portugal, França e novamente Itália e Alemanha. "Daqui até o final do ano, teremos apenas dois dias de folga", relata Walson. Para dar conta de tudo, ele pensa em dividir a companhia: "Seriam dois grupos com o mesmo nível, que nos permitiriam cumprir todos esses compromissos, inclusive os em Salvador, que são muitos".

Walson faz questão de ressaltar a independência de seu grupo. "Não temos apoio de órgãos estatais ou privados, a gente se mantém graças ao espírito de luta e à nossa união". O Balé Folclórico da Bahia tem sua sede em Salvador, onde o time titular, alguns reservas e mais aproximadamente 200 pessoas fazem cursos e trabalham durante seis horas por dia. "É desse material humano que sai o nosso elenco, que mudou muito nesses cinco anos, sem perder a base", diz.

A trilha sonora criada pelos músicos (percussionistas) e as duas cantoras, Celeste e Dora, são adaptadas do folclore e criam o clima para cada coreografia. Walson participa de tudo, da direção à própria confecção dos figurinos. Há um elemento que se incorporou ao estilo deles, contrariando concepções iniciais do diretor. "Não levava em conta a reação do público como forma de alterar o espetáculo, mas percebi com o tempo que os balés folclóricos sempre levam as pessoas a querer participar, é um trabalho que tem cheiro de gente".

Zebrinha atuou com figurões

Se Walson Botelho foi em determinado momento o braço direito de Emília Biancardi no grupo Viva Bahia, hoje ele tem a seu lado, na mesma função, um nome ilustre: José Carlos Arandiba, o Zebrinha, que acumula nada menos que 20 anos de experiência como bailarino na Europa.

"Conheci o Zebrinha em 1985 e desde o ano passado ele é o diretor artístico da companhia. É uma honra ter alguém do seu porte a meu lado", orgulha-se Walson. Com razão. Aos 35 anos de idade, Zebrinha é formado pelo Stadelkyk Conservatorium Em Danse Academie Te Arnhein, da Holanda, uma das mais importantes do mundo na área. Foi o único bailarino negro a se formar por lá e tem no currículo atuações ao lado de Liza Minnelli, Diana Ross, Marlene Dietrich e Frank Sinatra, além de ser o primeiro bailarino nos principais corpos de baile da França e Holanda. "Dancei ao lado desse pessoal mesmo, como primeiro bailarino, não como simples figurante", orgulha-se Zebrinha.

Zebrinha atua na companhia sem as regalias financeiras que alguém com o seu porte profissional poderia obter em outros lugares. "Trabalhamos em regime de cooperativa, acho que esse é o caminho, a arte não precisa depender do governo, que deve se preocupar com a fome de nosso povo, e me sinto útil dando aulas para outras pessoas", assegura o bailarino. "Os íntegrantes vêm basicamente do povo de Salvador, pessoas que durante o dia se viram como podem e à noite se tornam astros dançando, tocando ou cantando na Companhia, e esses cursos são gratuitos", explica.



SÉRGIO CARDOSO RECEBE O BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

Após turnê por países europeus, o Balé Folclórico da Bahia, composto por 25 bailarinos, apresenta de hoje a domingo 12 coreografias com danças do folclore afro-brasileiro e baiano, como a capoeira e o maculelê, no Teatro Sérgio Cardoso (r. Rui Barbosa, 153, tel. 288-0136). A direção é de Walson Botelho. Ingressos a Cr$ 100 e Cr$ 200 mil.

FOLHA DE SÃO PAULO - SÃO PAULO
JUNHO 1993

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

DIÁRIO POPULAR - SÃO PAULO
JUNHO 1993

DIARIO POPULAR
REVISTA
São Paulo, quarta-feira, 2 de junho de 1993

BATICUM



Espetáculo adapta a tradição aos compassos do balé

Fundindo a dança convencional com a tradição afro-brasileira, o Balé Folclórico da Bahia estréia hoje no Teatro Sérgio Cardoso. O diretor Walson Botelho usa temas consagrados da cultura baiana, como a capoeira e o maculelê, para criar uma coreografia carregada de ritmos fortes, cores e sensualidade.

PÁGINA 1 da REVISTA

CULTURA & LAZER
Quarta-feira, 2 de junho de 1993 CADERNO D/ 6 PÁ

Bailarinos baianos refinam o folclore

Divulgação



O Balé Folclórico da Bahia: sucesso primeiro na Europa

Da Redação

É considerado elogiável assistir apresentações de balés folclóricos russos, coreanos, nacionalidades mil. Mas é muito difícil convencer um brasileiro a ver como um espetáculo digno de figurar em agenda cultural uma apresentação do folclore brasileiro. O Balé Folclórico da Bahia, nascido em 1988, tem resistido ao preconceito pelo caminho mais fácil — fez sucesso na Europa. E só agora chega a São Paulo, no Teatro Sérgio Cardoso.

É claro que, nessa carreira de obter reconhecimento exterior, o grupo passou por alguns vexames, como constar na ficha técnica do péssimo filme *Orquídea Selvagem*. Mas não se pode condená-lo por querer sobreviver.

O espetáculo que será apresentado é o mesmo que percorreu a Europa no ano passado. Tem danças especificamente folclóricas, como o maculelê e capoeira, mas também criações exclusivas para o grupo, como *Dança de Origem*, de Augusto Omolú. O espetáculo tem 12 coreografias, dançadas por 25 bailarinos. A direção e criação do balé é do antropólogo, bailarino e ator Walson Botelho, que fez parte do grupo Viva Bahia e do balé Castro Alves. Fora do circuito turístico, o Balé Folclórico da Bahia já foi vencedor do prêmio Fiat 90 (VA).

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA – De hoje a sábado, 21h15, domingo, 20h. Teatro Sérgio Cardoso - R. Rui Barbosa, 153. Tel.: 288-0136. Ingressos: não definido.

DIÁRIO DO GRANDE ABC - SÃO PAULO
JUNHO 1993

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 327 29/04/10 02:42

FOLHA DE SÃO PAULO - SÃO PAULO

ABRIL 1996

FOLHA ilustrada

Dança baiana reinterpreta o folclore e ganha o mundo









BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 328 29/04/10 02:42

O Balé Folclórico da Bahia, cujo elenco inclui ex-meninos de rua de Salvador, ganha prestígio na Europa e EUA, onde a crítica define a companhia como a que melhor incorpora a idéia da dança negra em todo o mundo. O grupo tem temporadas confirmadas até 1999.

ANA FRANCISCA PONZIO.
especial para a Folha

O Balé Folclórico da Bahia, fundado em 1988 pelos bailarinos Walson Botelho e Ninho Rêis, está repetindo a antiga fórmula: depois de conquistar público e crítica na Europa e EUA, começa a ser notado no Brasil.

Com elenco de 16 bailarinos, cinco músicos e duas cantoras, o grupo se equipara, hoje, ao Grupo Corpo, em projeção internacional.

Com temporadas confirmadas até 1999, em países como Austrália, Canadá, EUA e Grécia, o BFB será também a única atração artística na abertura do encontro de chefes de Estado dos sete países mais ricos do mundo, que se realizará no próximo dia 29 de junho, na França.

De 17 a 22 de setembro, o BFB se apresenta na Bienal Internacional da Dança de Lyon, França. Prevendo o sucesso de público que o grupo costuma ter, a organização do evento programou os espetáculos no maior teatro local, a Sala Maurice Ravel, para mais de 3.000 pessoas.

Ainda na programação da Bienal de Lyon, o BFB vai apresentar "A Dança dos Orixás", uma das peças de seu repertório, em uma missa cantada em iorubá, na Catedral de Saint Jean.

Em sua cidade sede, Salvador, o BFB precisou conquistar o mercado internacional para, só agora, merecer um espetáculo no Teatro Castro Alves.

"É uma vitória", reconhece Botelho. "Até então, só nos apresentávamos em lugares reservados ao folclore baiano, considerado menor em relação ao status do Castro Alves, que no próximo dia 10 de maio abrirá suas portas para nós."

Diferente do Grupo Corpo, que é tratado com respeito e admiração pela imprensa européia e norte-americana, o BFB consegue comentários mais emocionais, beirando a reverência.

"Companhia soberba, com dançarinos exuberantes e virtuosos", escreveu Anna Kisselgoff, a poderosa crítica de dança do jornal "The New York Times", que recentemente enviou uma repórter para Salvador, especialmente para realizar matéria especial, publicada na capa do suplemento de artes do diário nova-iorquino.

Em Nova York, o BFB se apresentou, em fevereiro passado, no City Center, teatro frequentado pela elite da dança contemporanea, como os grupos de Alvin Ailey e Bill T. Jones.

Por causa da linguagem contemporânea de suas coreografias, a companhia é apontada como a única, na atualidade, a proporcionar uma interpretação renovada do folclore.

Grupo vem a SP em julho

especial para a Folha

Em São Paulo, o Balé Folclórico da Bahia se apresentará no Parque Ibirapuera, no dia 28 de ulho, como uma das atrações da primeira edição do everito "Confort em Dança", mostra ledicada à dança nacional.

Em Salvador, no Teatro Miguel Santana, o grupo está se apresentando de segunda a sábado. "Sempre quis dar um caráter mais sério ao folclore que, na Bahia, é um produto extremamente comercializável", comenta Walson Botelho.

Oriundo da população carente, o elenco recebe, no BFB, não só formação em música e dança clássica, moderna e folclórica. "Estimulamos e auxiliamos todos a frequentar escolas normais, além de encaminhar para cursos de inglês e francês."

Com isso, o BFB já está perdendo bailarinos que formou para grandes companhias internacionais —como Dorval Jr., hoje um dos destaques do elenco do Alvin Ailey Dance Theatre, de Nova York.

"Comecei a dar informação e formação ao elenco para que um maculelê, por exemplo, possa ser dançado com mais técnica e acabamento. É da qualidade dos movimentos dos bailarinos que vem nossa contemporaneidade", explica Botelho. (AFP)

FOLHA DE SÃO PAULO - SÃO PAULO

ABRIL 1996

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 329 29/04/10 02:42

FOLHA DE SÃO PAULO - SÃO PAULO

ABRIL 1996



Balé Folclórico da Bahia, que mostra o espetáculo "Bahia de Todas as Cores" no Comfort em Dança

Dança sofre 'diáspora' após o festival

da Redação

Logo após o Comfort, acontecerá uma verdadeira "fuga" para o exterior das companhias participantes. A maioria vai se apresentar na Bienal da Dança de Lyon, em setembro, e algumas prosseguem em turnê por outros países.

Depois da França, o Balé Folclórico da Bahia —recém-chegado da Malásia— continua a mostrar seu "Bahia de Todas as Cores" na Austrália, Estados Unidos, Canadá e Israel.

Em 98, é a vez da Tailândia, Japão, China e Coréia conhecerem as releituras do candomblé feitas pelo grupo baiano.

O Grupo Corpo, antes de iniciar um período de residência de quatro anos em Lyon, vai realizar uma miniturnê pelo interior da França.

Na volta ao país, dança "Bach", nova coreografia que estréia em Lyon.

Enquanto durar a residência, o público brasileiro só poderá conhecer as novas criações da companhia após as estréias mundiais na Maison de La Danse de Lyon.

Novos caminhos

Além de ajudar a inserir o Brasil no circuito mundial da dança, um festival de grande porte, só com companhias brasileiras, dá segurança aos artistas que não têm tradição nos palcos. O Comfort em Dança também pode consolidar a imagem de companhias nacionais que desenvolvem linguagens contemporâneas há muito tempo.

A Cia. Terceira Dança, depois da estréia mundial do espetáculo "Les Cartes" no Comfort em Dança, mostra a mesma coreografia na Bienal francesa.

Lyon também terá oportunidade de assistir ao espetáculo "Das", que a coreógrafa Gisele Costa define como "um olhar feminino sobre a violência".

Ela acha que um evento como o Comfort em Dança pode "acabar com a visão provinciana que os brasileiros têm de só assistir grupos de fora". "Se lotam os festivais internacionais, como dizer que não há público?", diz.

A Cia. Atores Bailarinos, da coreógrafa carioca Regina Miranda, vai levar para a França "Moderato Cantabile" e "Exílio", obras já vistas em palcos brasileiros.

Helena Bastos, Lia Rodrigues Cia. de Danças e o bailarino Rui Moreira também representam a dança brasileira em Lyon. (FO)

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 330 29/04/10 02:42

FOLHA DE S.PAULO

FOLHA DE SÃO PAULO - SÃO PAULO
SETEMBRO 1996

BIENAL DE LYON

Bailarinos e espectadores dançam juntos

ANA FRANCISCA PONZIO
especial para a Folha, em Lyon

O Balé Folclórico da Bahia (BFB) reafirmou na noite de terça-feira, quando estreou na 7ª Bienal de Dança de Lyon, dedicada ao Brasil, seu sucesso e popularidade na França.

Foi depois de sua primeira apresentação em Lyon, dois anos atrás, durante a última bienal, que o BFB ganhou projeção internacional. Agora, de volta à cidade, recebeu ovação de 15 minutos das cerca de 3.000 pessoas que lotavam o Auditoriaum, onde se apresenta até domingo.

Após o espetáculo, o BFB acompanhou o público até o pátio de entrada do teatro, onde artistas e espectadores continuaram dançando por mais 20 minutos.

Neste bloco de rua improvisado, até os moradores dos prédios vizinhos participaram da festa à distância.

A fama do BFB em Lyon roubou público da Cia. Terceira Dança, que, no entanto, também foi bem recebida em sua estréia, terça.

Dirigida pela coreógrafa Gisela Rocha, a Terceira Dança mostrou "DAS" e "Les Cartes", comprovando que, hoje, é uma das melhores companhias de dança moderna do Brasil.

Com ótimo elenco, produção refinada e coreografias consistentes, o grupo Terceira Dança é uma revelação recente, que a partir de um trabalho experimental vem criando uma linguagem diferenciada.

Num momento em que o Grupo Corpo é modelo de sucesso no Brasil, o Terceira Dança surge como estética alternativa, menos padronizada e com capacidade de conquistar nível de excelência equivalente.

Uma semana após a inauguração da 7ª Bienal de Dança de Lyon, Terceira Dança e Balé Folclórico da Bahia integram uma programação diária de espetáculos que, na mesma noite, ainda oferece os espetáculos do Grupo Corpo e das companhias de Deborah Colker e Lia Rodrigues, ainda em cartaz.

Hoje, estréia mais um grupo, o Rubens & Barbot, do Rio de Janeiro, que se apresenta acompanhado do percussionista Robertinho Silva. Após os espetáculos, às 23h, a cantora Alcione realiza um show que inicialmente seria com Beth Carvalho.

Interpretando ritmos que vão do samba ao reggae, além de uma canção de Fátima Guedes, Alcione afirmou ontem, em coletiva de imprensa, que este espetáculo é uma prévia do disco "Tempo de Guarnicê", a ser lançado brevemente.

Segundo Guy Darmet, diretor da Bienal de Lyon, Alcione foi convidada por causa de sua versatilidade, que permite mostrar aos franceses as diferentes faces da música brasileira.

A jornalista Ana Francisca Ponzio viaja a convite da bienal.



Cena de "Bahia de Todas as Cores", do Balé Folclórico da Bahia

SHOW/CRÍTICA

Steppenwolf lembra anos 60

MARCELO RUBENS PAIVA
especial para a Folha

Antigos beats paulistanos ressurgiram das estepes para prestigiar, na última terça-feira, no Palace, aquele que é considerado o mastro do coração selvagem, o Steppenwolf.

Na verdade, não era o original Steppenwolf, banda que nasceu em 1967, na insuspeita San Francisco, vendeu mais de 20 milhões de cópias, emplacou dois hits nas paradas ("Born to Be Wild" e "The Pusher", que entraram na trilha do filme "Sem Destino") e se desfez em 1974.

Mas com o Steppenwolf é assim, muda, vai e volta, e a alma permanece, assim como John Kay, o criador da banda e mentor de muitos corações selvagens.

Tal qual o Grateful Dead, Steppenwolf não é uma banda, mas um estilo de ser.

Kay nasceu na Alemanha destroçada pela guerra. Seu país foi cercado, depois, pela cortina de ferro. Fugiu com a família dos braços dos stalinistas, e encontrou berço no "mundo livre".

Assim como Bob Dylan, Jerry Garcia e Jim Morrison, Kay foi mais um poeta que encontrou sustentação nas guitarras para pregar a transformação.

Mas, enquanto uns proclamavam a paz, Kay urrava "nós nascemos para ser selvagens!".

Evidente que, no Palace, a única selvageria que se esperava da platéia era a nostalgia.

A maioria de 50 anos, cabelos brancos, jeans e couro, óculos de grau e o chaveiro de um carro importado.

Os que nasceram para ser selvagem traziam filhos ou amigos das antigas, e não perderam a pose: cantaram, deram socos no ar e pularam da cadeira nos primeiros acordes de "Born to de Wild".

O Steppenwolf que está no Brasil —toca hoje no AeroAnta de Curitiba, amanhã em Porto Alegre, dia 21 em Campinas e 22 em Brasília— tem Rocket Ritchotte (que já tocou com Alice Cooper e Rod Stwart) na guitarra, um show à parte.

O show foi puro rock. Mas o mundo mudou, e o que se espera de um selvagem, hoje, é que seja um bom cidadão, não discrimine e recicle o lixo, idéias nascidas na mesma San Francisco de Steppenwolf.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 331 29/04/10 02:42

O REPORTER - SÃO PAULO
JULHO 1997

SESC traz a São Carlos Balé Folclórico da Bahia

A companhia de dança Baiana já excursionou por diversas capitais brasileira, pelos Estados Unidos e já tem apresentações agendas pela Europa, Ásia e Austrália até 1999.

O Balé Folclórico da Bahia se apresenta no SESC São Carlos no próximo dia 08 de julho, terça-feira, às 20h30, no ginásio de Esportes com entrada franca. Os convites já podem ser retirados na recepção do SESC.

O espetáculo mostra uma importante tradição da cultura brasileira: a dança popular levando não só ao Brasil, mas a diversos países do mundo a alegre e colorida coreografia que une dança afro, ballet clássico e moderno.

De janeiro a março de 1996, se apresentou na Europa e Estados Unidos e até 1999 já tem sua agenda praticamente lotada, acrescentando em seu roteiro países asiáticos e também a Austrália.

Estiveram no City Center, em Nova Iorque, conquistando o exigente público norte-americano.

Com um olhar na tradição européia e com a cabeça, pés e mãos fincados na cultura afro-brasileira mostrando a verdadeira fusão desses dois universos.

As apresentações são pontuadas pela ingenuidade das danças folclóricas tradicionais apostando na mistura com tendência do ballet moderno e clássico, piruetas e rituais indígenas, o que deixa bem clara essa confluência de tradições

História

Fundado em 1988 por Walson Botelho, atual diretor do espetáculo, e Rei Ninho - dançarino já falecido da companhia, o Balé folclórico da Bahia trabalha com dançarinos primitivos, dando-lhes a formação afro, clássica e moderna afim de descobrir uma linguagem própria e não apenas uma reprodução da capoeira ou história tribais como são comumente conhecidas.

O corpo de bailarinos - 16 no total e mais cinco músicos - tem buscado, ainda, desenvolver o aspecto social dessa manifestação cultural, levando-a às comunidades da periferia de Salvador até mesmo como meio de reeducá-las. O grupo também ministra aulas públicas que chegam a reunir mais de cem pessoas levadas pelos dançarinos. Segundo Botelho, esta foi a fórmula encontrada para não excluir ninguém da vontade de dançar.

Ao longo de oito anos de carreira, o BFB passou por diversas dificuldades mas conquistou o nível profissional. Hoje, o grupo dedica-se as aulas diárias de aperfeiçoamento, estudo de idiomas.

Esta super produção folclórico-baiana estará no ginásio de Esportes do SESC São Carlos dia 08 de julho, terça-feira, às 20h30. A entrada é franca e os convites devem ser retirados na recepção.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BAHIA

Balé Folclórico da Bahia estará no Sesc



Balé Folclórico da Bahia no SESC São Carlos

Acontece no próximo dia 8, às 20h30, no Ginásio de Esportes do Sesc, a apresentação do Balé Folclórico da Bahia. A Companhia de dança baiana apresentou-se de janeiro a março na Europa e Estados Unidos e até 1999 tem sua agenda lotada, com novos espetáculos pela Europa, Ásia e países norte-americanos. As entradas são francas e podem ser retiradas na secretaria do Sesc à partir do próximo dia 3. Maiores informações pelo tel. 271-7555.

A FOLHA - SÃO PAULO
JULHO 1997

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 333 29/04/10 02:43

JORNAL DA TARDE - SÃO PAULO

JULHO 1997

Balé Folclórico da Bahia encerra o Olhar a Dança





BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 334 29/04/10 02:43

Com apresentações confirmadas na Europa, Estados Unidos, Ásia e Austrália o Balé Folclórico da Bahia consolidou sua carreira conquistando a simpatia da crítica nacional e internacional. Sua apresentação encerra hoje o 4º Festival Sesc Olhar a Dança. "Bahia de Todas as Cores", através de sete coreografias: Dança de Origem, Puxada de rede, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira, Fêmeas, Afixirê, traz toda a alegria e versatilidade da dança afro, aliada às técnicas moderna e clássica mescladas ao ritmo e à ginga brasileiros

O Balé Folclórico da Bahia já disse a que veio. Enquanto dos anos 60 aos 80, o Ocidente se assombrava com as acrobacias dos grupos folclóricos da ex-"cortina de ferro" (Ballet Mossaiev e cia.), agora nos 90 a cena é dos baianos pilotados por Walson Botelho. A prova cabal dessa autorização mundial você encontra nas recentes turnês que o grupo tem empreendido em território europeu e americano: dois exigentes mercados mesmo em se tratando de um produto tido como "exótico".

Mas o BFB consegue hoje superar essa discussão. É possível olhar (é claro) "Bahia de Todas as Cores" como uma ode à alegria, um ritual de comunhão, um ritual de esquecimento da existência da morte. O avanço, entretanto, da trama artística de Botelho é a guinada que empreendeu sobre os corpos de seus bailarinos. Especializados os corpos, essa trama gerou singularidade nos cerimoniais e rituais coletados no mundo religioso.

A famosa "ginga", a "ferocidade" dos homens, as síncopes das mulheres, foram molhadas por outros vocabulários. E este é o ganho porque ultrapassa a mera reprodução de mitos. O que estava lá com a tarja "africanidade" já não é mais aquilo que o rótulo propõe - já não está lá como o apelo fácil da comoção cultural. Mas é isso acrescido da elástica combinação do fragmento - um procedimento que quebra com as linearidades. O que era típico da matriz folclórica (a ingenuidade, por exemplo, um sentido particular do mundo rural) foi esmaecido. A favor de uma "urbe", da pluridade de jeitos de se portar fisicamente.

Onde estará, então, o folclórico? Onde estará a tal "identidade"? Onde estará o que é chamado habitualmente de "popular"? Essas perguntas não servem para levantar a dinâmica artística do BFB. Para um novo objeto, novas perguntas porque aquelas se encaixam num padrão que o trabalho de Botelho não professa.

Os quadros de "Bahia de Todas as Cores" conferem essa força química entre dançarinos e músicos. O solo a Exu (os demônios em todos nós), a doce Corte de Oxalá, as filhas-de-santo, e tudo mais que instaura dialoga com a dupla "batucada" dos tambores - às vezes, "enlouquecido" e outras vezes, a sonoridade quase desaparece do universo cênico.

Está claro também que o final do espetáculo circula num perigoso terreno: o da festa. Não basta querer reproduzi-lo. Há que condirmá-lo. E para confirmá-lo há que ritualizar o envolvimento do público. Em Lyon (na Bienal Internacional de Lyon, em setembro de 96), pelo menos, consegue se desvincular do perigo do risco.

Mas talvez você poderá ter a mesma sensação que experimentei em Lyon: o deleite tempestuoso de um sulforoso conjunto de intérpretes especialmente alocado na massa muscular dos vigorosos homens da companhia. Oxalá compartilhem deste minha experiência.

Marcos Bragato*



O Balé Folclórico da Bahia encerra, hoje à noite, o 4º Festival Sesc Olhar à Dança, com a apresentação do espetáculo Bahia de Todas as Cores

Mostra Paralela

Antes do Balé Folclórico da Bahia estarão se apresentando os seguintes grupos na Mostra Paralela: Grupo Imagem Luso, de Bauru; Grupo de Dança Atram, de Potirendaba; Corpo de Dança, de Paulínia; Ballet Garima Augusta, de Ribeirão Preto; Cia. de Dança Nbélyo Fonseca; Grupo Alternativa, de Indaiatuba; Carlos Gomes e Villa Lobos, de Santa Fé do Sul, Grupo Outransce, de Diadema, Academia Panteras de Osasco. De Rio Preto se apresentam Grupo de Teatro da Terceira Idade do Sesc, Cia. de Dança de Salão Tangolero, Escola de Dança Flávia Bueno, Cia, Cínica, Style Crew, Escola de Balé Rio Preto Automóvel Clube e Grupo Dindara. Os espetáculos começam às 20 horas.

Gláucia Lacerda

*** É jornalista e crítico de dança do Jornal da Tarde**

JORNAL DA TARDE - SÃO PAULO
JULHO 1997

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 335 29/04/10 02:43

O ESTADO DE SÃO PAULO - SÃO PAULO

SETEMBRO 1997

CULTURA E PATROCÍNIO

Balé da Bahia quer excursionar pelo Brasil



Grupo é composto por 64 bailarinos divididos em duas companhias, uma que excursiona e outra que fica em Salvador: crítica favorável do 'The New York Times' foi o primeiro passo para sucesso no exterior

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Criada há nove anos, a companhia é considerada o melhor grupo de dança negra do mundo, conquistou o público dos Estados Unidos e Europa, mas ainda não encontrou quem investisse em seus espetáculos nos País

ELAINE LIMA
Especial para o Estado

SALVADOR — O Balé Folclórico da Bahia completou nove anos comemorando seu sucesso nos mais importantes palcos da Europa e dos Estados Unidos. Mas, por falta de patrocínio, o grupo não consegue se apresentar no Brasil. Com agente no exterior para organizar as apresentações e atender aos convites que chegam de todos os cantos do mundo, o Balé Folclórico da Bahia deixou de se apresentar em Jequié, no sul do Estado, porque nenhum empresário brasileiro se dispôs a apoiá-lo. O desabafo vem do diretor e fundador do balé, Walsun Botelho, de 36 anos, para quem a situação é incompreensível, uma vez que a legislação brasileira favorece as empresas que investem em cultura.

Considerada pelo jornal *The New York Times* como a mais importante companhia de dança negra do mundo, o BFB tem espetáculos marcados até o ano 2000, quando participa da cerimônia de abertura da Olimpíada de Sydney, na Austrália. Antes, faz turnê com o espetáculo *Bahia de Todas as Cores* pela Europa, pelos Estados Unidos, Caribe e Japão.

Na França foi homenageado no Festival Mundial do Folclore, na cidade costeira de Confolens, onde se apresentou em 1995. Em seguida, apresentou-se no Theatre Champs Elysées, em Paris, e participa de festivais na Áustria, Alemanha, Suécia e Dinamarca. "Gostaríamos de poder mostrar mais a nossa arte aos brasileiros", diz Walson Botelho.

"Dançamos nos melhores teatros do mundo, mas aqui nos negam espaço", lamenta Vavá, como o diretor é conhecido no meio artístico baiano. Ele afirma que as dificuldades são amenizadas com o apoio recebido da Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia, que empresaria o Teatro Miguel Santana para ensaios e apresentações da segunda companhia e está cedendo um casarão no Pelourinho para funcionar como sede. O prédio está sendo totalmente adaptado para as necessidades do grupo. Para o diretor, existe muito preconceito em relação à dança folclórica, principalmente entre os empresários brasileiros, que preferem investir em outros setores. "A maioria desconhece a Lei Rouanet", acredita.

NO ANO QUE VEM, PASSA A SER FUNDAÇÃO

Composto por 64 bailarinos, o BFB é dividido em duas companhias — uma que viaja pelo exterior e outra fixa em Salvador, onde ensaia e se apresenta diariamente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho — e dez reservas. As mais recentes apresentações do grupo para brasileiros ocorreu em julho, em São José do Rio Preto e em São Carlos, após uma turnê de seis meses pelos Estados Unidos, Canadá e Austrália.

Registrado como empresa privada, apesar do reconhecimento internacional, o BFB ainda enfrenta dificuldades financeiras, por causa do alto custo de suas produções. "Um artista plástico leva sua obra e expõe no lugar que quiser, um cantor vai e canta, mas um balé precisa de condições especiais", compara o diretor, obrigado a suspender as atividades do grupo quatro vezes nesses nove anos.

Em janeiro, as apresentações do BFB lotaram o Teatro da Ópera de Sydney, em janeiro. De lá para uma excursão pelos Estados Unidos e Canadá foi um pulo. Sucesso de crítica e público no exterior, o grupo apresentou-se durante uma semana no City Center, na Broadway, em Nova York, onde esteve no ano passado. Antes da estréia, o *The New York Times* dedicou reportagem especial de três páginas à companhia, escrita por uma jornalista que passou uma semana em Salvador. "O que faltava ser vendido vendeu", recorda Vavá.



BFB: trabalho com crianças carentes revelou muitos bailarinos



Direção do grupo reclama da falta de recursos: custos elevados

O *Boston Globe* rasgou elogios ao grupo, reconhecendo a evolução nas coreografias e na técnica dos bailarinos. Vavá confessa, porém, que teve medo de voltar a apresentar-se para o público americano, que é exigente e para quem o balé não era novidade. "Mas a receptividade foi além da expectativa", afirma, seguro da consolidação de seu trabalho nos Estados Unidos.

Este ano, a performance do grupo recebeu novamente elogios de Ana Kisselgoff, do *The New York Times*, considerada a mais importante crítica de dança do mundo. Walson Botelho diz que a opinião dela sobre o trabalho foi o primeiro passo para o reconhecimento internacinal. Em 1994, Ana apontou o BFB como a mais importante companhia de dança negra do mundo e recomendou aos americanos que não deixassem de assistilo. "Todos os fax que recebemos até hoje para apresentações falam das críticas da Ana Kisselgoff e dizem que o convite veio a partir disso", conta. Só em 94, dez empresários americanos estiveram em Salvador tentando pauta na agenda do BFB.

Paralelamente à atividade artística, os membros do BFB realizam um trabalho comunitário entre a população carente de Salvador, especialmente a do Pelourinho, ensinando dança gratuitamente a crianças e adolescentes. A partir disso e da necessidade de recrutar novos membros, surgiram muitos bailarinos e percussionistas que integram o balé. "Muitos meninos de rua já demonstraram talento e interesse pela dança e foram aproveitados", conta Vavá, contando que o incentivo dado a esses meninos é, além das aulas, o dinheiro do transporte. Alguns deles trabalham hoje como contra-regras e carregadores do material do grupo e outros estão dançando em grandes companhias no exterior, segundo o diretor. No ano que vem, o BFB será transformado em fundação, quando poderão ser firmados convênios com empresas públicas e privadas para dar continuidade e fortalecer o trabalho social do grupo, sempre voltado para a cultura afro-brasileira.

PROJETO ESTADÃO CULTURA

Walson Botelho controla toda a atividade do grupo, dos ensaios ao caixa. Como fez com os tecidos do primeiro figurino que criou para o balé, ele mantém o hábito de ir às lojas para montar as roupas que idealiza. "Não fazemos um trabalho comercial, mas temos de ser comercializáveis, vender nosso trabalho", explica Vavá. "E isso os empresários brasileiros precisam saber, porque investir em arte dá retorno."

Tudo no BFB tem o dedo do diretor, da iluminação à direção artística de obras de outros coreógrafos montados pela companhia. "É um trabalho pouco explorado no Brasil, mostrando a preocupação com todo o espaço cênico, com a harmonia entre dançarinos, figurino, música e luz", explica. Ex-membro do corpo de dança, nenhum espetáculo começa sem que ele passe em revista os dançarinos, um por um. "De um fiapo solto ao tamanho dos cílios postiços, tudo tem de ter o meu aval", garante.

Os interessados em patrocinar o Balé Folclórico da Bahia podem entrar em contato com a administração do grupo pelo telefone (071) 230-1393.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 337 29/04/10 02:43

BRAVO!
MARÇO - 1998



No trabalho da companhia baiana, danças típicas brasileiras integram composições coreograficas que fundem técnicas de balé classico e moderno, a exemplo da coreografia *Maculelê* (foto)

Cultuado pela crítica e pelo público no exterior como reinventor da chamada dança étnica, o Balé Folclórico da Bahia consolida uma carreira internacional.

Por Ana Francisca Ponzio

Um Salto para o mundo

BOOK 20 ANOS BFB.indd 338 29/04/10 02:43

BRAVO - SÃO PAULO
MARÇO 1998



Para comemorar os dez anos de sua fundação, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) está programando uma grande festa, com a realização de um espetáculo especial. Embora uma parte de seu elenco se apresente regularmente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, o grupo pretendia ocupar, por dois dias, o Teatro Castro Alves, o mais importante de Salvador. Conseguiu reservar apenas uma data – 7 de agosto. "Queríamos mais um dia, mas a direção do teatro negou, alegando que não temos prestígio suficiente", diz Walson Botelho, fundador e diretor do BFB. O diretor geral do teatro, Teodomiro Ramos de Queiroz Filho, disse a **BRAVO!** que, além da coincidência de datas de um segundo espetáculo com a temporada de ópera, não acredita que o grupo tenha público suficiente para se apresentar por dois dias no Castro Alves, que tem 1.564 lugares. Isso acontece na capital baiana, cidade em que Walson – filho de Oxalá, o deus supremo da criação do homem, no candomblé, e também de Oxum, orixá relacionado à beleza e à riqueza – nasceu há 36 anos e onde muita gente o cumprimenta pelas ruas e o chama de Vavá. No restante do Brasil, seu nome é pouco conhecido até mesmo entre as pessoas que apreciam dança. Entretanto, ele e seu grupo protagonizam um sucesso internacional único na dança brasileira, superior até mesmo ao conquistado pelo Grupo Corpo, de Minas Gerais.

O trabalho dos pescadores inspira coreografias como *Puxada de Rede* (acima). As origens africanas estão em *Afixirê* (abaixo), e a influência do candomblé, em *Corte de Oxalá*, que inclui *A Dança de Omolu* (página oposta)



Descoberto pela poderosa crítica Anna Kisselgoff, do jornal *The New York Times*, e pelo diretor da Bienal de Dança de Lyon, o francês Guy Darmet, nos últimos quatro anos o BFB vem se apresentando constantemente no exterior, para plateias lotadas, sempre integrando a programação nobre de grandes teatros. Fenômeno de bilheteria, capaz de atrair 5 000 pessoas por dia durante duas semanas de temporada, como aconteceu no Teatro da Ópera de Sydney, na Austrália, o BFB não agrada, porem, somente aos espectadores interessados em exotismos. Em fevereiro de 1996, atraídos pela crítica positiva de Kisselgoff, nomes importantes da dança moderna americana compareceram à estréia do grupo em Nova York, no City Center – teatro que, no final de janeiro, apresentava ninguém menos que Mikhail Baryshnikov. Ao final do espetáculo, o público concedeu uma longa ovação ao BFB.

Tudo começou em setembro de 1994, quando Kisselgoff viu o BFB na França, durante a Bienal da Dança de Lyon. Na época, alardeou que o grupo tinha de ser visto nos Estados Unidos. Destacando a companhia numa reportagem de balanço da Bienal, da qual tinham participado estrelas como o coreógrafo Bill T. Jones e grupos como Alvin Ailey American Dance Theatre, Kisselgoff cobriu de elogios o desempenho do elenco baiano que, segundo ela, sabia – como nenhum outro – preservar e, ao mesmo tempo, transformar suas raízes. Quase um ano depois, ela enviou uma repórter a Salvador para fazer uma reportagem especial sobre o BFB, como prévia da turnê que logo seria realizada nos Estados Unidos. O artigo ocupou três páginas do caderno *Arts & Leisure*, publicado aos domingos pelo *The New York Times*, e consolidou o prestígio do BFB, que já vinha sendo disputado por produtores internacionais desde o primeiro artigo de Kisselgoff, uma profissional cujo nome é verbete de dicionários de dança. Autora da primeira crítica sobre Mikhail Baryshnikov depois que o bailarino russo se

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 339 29/04/10 02:43



O crescente número de turnês por outros países levou o Balé Folclórico da Bahia a dividir-se em dois elencos. Um deles faz temporadas freqüentes no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, em Salvador, enquanto o outro, formado pelos bailarinos mais experientes, dança no exterior, apresentando coreografias como *Samba-Reggae* (abaixo)

exilou no Ocidente, amiga de gênios como Martha Graham (1894-1991), Kisselgoff testemunhou a evolução da dança moderna em seu país e no mundo. Seu aval, para o BFB, surgiu como um milagre dos deuses. "Logo depois que Anna publicou a crítica sobre a apresentação do BFB em Lyon, recebemos, em Salvador, dez empresários estrangeiros interessados em nos contratar para turnês mundiais. Foi uma loucura. Éramos disputados por todos e cada um procurava nos oferecer mais vantagens", diz Vavá.

Mentor meticuloso, sempre planejando cada passo de seu elenco, Vavá preparou-se com cuidado para o grande salto que a companhia deveria dar. Durante o período que antecedeu as turnês, fechou-se com os bailarinos na capital baiana para uma reformulação capaz de garantir, em todos os detalhes, o padrão de qualidade que o grupo teria de sustentar dali para a frente. "Redobramos aulas e ensaios para que o elenco pudesse melhorar seu preparo técnico", diz.

Daquele período para cá, o BFB quase não tem dado conta de atender a todos os convites. Além da Europa e da América do Norte, já se apresentou na Ásia e na Austrália, para onde deve retornar no ano 2000, quando participará do espetáculo de abertura das Olimpíadas. Tantos compromissos excluíram o carnaval baiano da vida dos bailarinos do BFB. Depois de percorrer a França em janeiro, o grupo está nos Estados Unidos desde o início de fevereiro, excursionando por 13 cidades. Em Nova York, o grupo dança, neste mês, em mais um teatro importante da cidade, o Brooklyn Academy of Music (BAM), freqüentado por artistas como Pina Bausch e Merce Cunningham. Até junho, sua rota terá incluído Canadá, Portugal (onde participará da Expo'98, em

BOOK 20 ANOS BFB.indd 340 29/04/10 02:43

BRAVO - SÃO PAULO
MARÇO 1998

Folclore Sincrético

Diretor e coreógrafo regam raízes com apuro técnico

O olhar morteiro, somado a um jeito contido e introspectivo, dissimulam o agudo senso de observação de Walson Botelho, o idealizador e diretor geral do Balé Folclórico da Bahia (BFB), que hoje se orgulha de constatar que o grupo por ele formado há dez anos é o "maior referencial da dança brasileira no exterior". Primogênito de uma abastada família baiana, Vavá estudou nos melhores colégios, aprendeu vários idiomas e aperfeiçoou sua maneira refinada de tratar as pessoas. Aos 14 anos, quando resolveu estudar teatro e dança, a família não o estimulou, mas também não o contrariou. Depois de se formar na Escola de Balé do Teatro Castro Alves, que adotava o método da Royal Academy of Dance, de Londres, acabou se encantando com o folclore de sua terra. Formado também em antropologia, ingressou no fim dos anos 70 no grupo Viva Bahia, fundado pela folclorista e musicóloga Emília Biancareli. "Fui dançarino, percussionista e cantor e, mais tarde, assistente de direção na companhia, que me ensinou muito", diz.

Depois de trabalhar seis anos com o Viva Bahia, Vavá desligou-se do grupo, que logo se extinguiu. Durante os quatro anos seguintes, integrou mais duas companhias folclóricas – a do Solar do Unhão e a João de Barro –, além de atuar como diretor administrativo do Balé do Teatro Castro Alves. Em 1988, decidiu formar seu próprio grupo, com o coreógrafo Ninho Reis, que morreu em 1991.

Quando, em 1992, o BFB começou a excursionar pelo exterior, Vavá constatou que seu investimento estava valendo a pena. Na Aleksanderplatz, famosa praça da Berlim então recém-integrada à Alemanha Ocidental, o grupo baiano se apresentou para 40 mil pessoas. "Mas nosso grande trampolim foi mesmo a Bienal de Lyon de 1994", diz Vavá, que, naquela oportunidade, ganhou mais um padrinho, o francês Guy Darmet, diretor da Bienal. Entusiasmado com o grupo, Darmet passou a indicá-lo para produtores e teatros europeus.

Solteiro e pai de um filho adotivo de 15 anos, Vavá divide atualmente suas responsabilidades com o coreógrafo José Carlos Arandiba, o Zebrinha, que substituiu Ninho Reis. Com sua abrangente formação em dança, Zebrinha vem expandindo o potencial técnico e interpretativo dos bailarinos do BFB. O vasto currículo do coreógrafo de 42 anos reúne experiências notáveis e curiosas. Depois de estudar dança na Universidade Federal da Bahia, mudou-se para Nova York, onde trabalhou na Alvin Ailey American Dance Theater, uma das principais companhias dos Estados Unidos. Mais tarde, na Europa, diplomou-se, na Holanda, pelo Stedeljik Conservatorium en Dans Academie de Arnhem.

À formação acadêmica, Zebrinha somou dança moderna e jazz, atuando como solista em companhias como o Ballet de Monte Carlo, e também deu aulas em instituições, incluindo a Académie Internationale de Danse de Paris. "Em seguida, caí na gandaia. Fui fazer musicais em lugares como o Alcazar e o Paradis Latin, em Paris". Na mesma época, ele dançou em shows estrelados por Liza Minelli, Tina Turner, Mireille Mathieu, além de participar, como modelo, de desfiles de grifes, de Cartier a Adidas.

"Hoje trabalho também como orientador corporal de atores, sou macumbeiro, cuido de cães e plantas na roça de minha casa", diz Zebrinha, cujo temperamento extrovertido contrasta com a circunspecção de Vavá. "No BFB, dou aulas gratuitas para pessoas que são como eu já fui, com vontade de dançar, mas sem dinheiro para pagar uma academia. Por meio da dança é possível redescobrir saídas para a vida. Na Bahia temos o privilégio de encontrar percussionistas e gente que dança espontaneamente em cada esquina. Procuro levar essa energia popular para o palco, com uma teatralidade, um depuramento técnico e uma atualidade capazes de singularizar o trabalho do BFB."

Ao lado de Vavá e Zebrinha, a mãe Obá Terezinha Barbosa também exerce papel importante no BFB. Mais do que assistente de direção, essa senhora de 50 anos, cinco filhos e oito netos, é uma legítima representante da corte de Oxalá, responsável, segundo Vavá, pela "parte espiritual do grupo". Da família do BFB, faz parte também Nildinha Fonseca, 28 anos, que começou como camareira e hoje é solista e professora de dança afro. Nildinha insistiu para ingressar no BFB, mesmo que fosse para passar as toneladas de roupas do elenco. "Ficava nas coxias, imitando os bailarinos. Até que acabei substituindo uma bailarina que adoeceu", diz. Agora Nildinha quer se tornar coreógrafa. "Pesquiso técnicas modernas, de coreógrafos como o norte-americano José Limón, mas meu principal aprendizado acontece no candomblé. Faço uma pesquisa de campo, me integro à vida e às festas dos terreiros, observo as expressões dos orixás. É dessa mistura do primitivo com as expressões mais evoluídas da dança que vem o estilo afro-contemporâneo do BFB."



Walson Botelho (acima) é o fundador do Balé Folclórico da Bahia, que dirige com o coreógrafo José Carlos Arandiba

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 341 29/04/10 02:43

Lisboa), Finlândia, Suécia e Grécia.

Na agenda que já marca compromissos para o ano 2001, o BFB incluiu um período em Salvador, em agosto, quando promete comemorar seus dez anos de atividades com uma grande festa. Na lista de convidados, Vavá quer incluir Baryshnikov, Judith Jamison – uma das melhores bailarinas da história da dança americana, hoje diretora do Alvin Ailey American Dance Theatre –, David Parsons – conhecido no Brasil pela brilhante apresentação no Carlton Dance Festival – e Arthur Mitchell – diretor do Dance Theatre of Harlem, que nos anos 50 destacou-se como o primeiro negro a integrar um grupo americano de dança clássica, o New York City Ballet. Por sinal, o atual diretor dessa companhia, o dinamarquês Peter Martins, é outro fã do BFB que também integra a lista de convidados.

Embora seja um caso de unanimidade internacional, o BFB, com elenco formado em sua maioria por artistas negros e de origem pobre, continua enfrentando obstáculos no Brasil. A condição de expressão folclórica talvez explique a dificuldade que o grupo encontra para obter patrocínios. Ainda que conte com apoios eventuais, sua sobrevivência é garantida exclusivamente pelas temporadas fora do Brasil, que vêm permitindo boa remuneração aos bailarinos. Acostumados a receber tratamento especial no exterior, segundo Vavá, "até provarmos nosso profissionalismo na Bahia, entrávamos pelas portas dos fundos e éramos revistados nas saídas dos teatros e centros de convenções", diz.

Sem se deter diante dos obstáculos, o BFB trabalha unido como uma família, e com grande garra. Há dois anos e meio, o grupo dividiu-se em dois elencos. Enquanto um deles dança permanentemente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, o outro, formado pelos bailarinos mais experientes, atua como carro-chefe da companhia. O elenco principal reúne 18 bailarinos, duas cantoras e cinco músicos, que tocam instrumentos de percussão e sopro. Com ótimos resultados, o conjunto musical usa instrumentos singulares, como o pau-de-chuva – um cilindro de quase dois metros de comprimento, dividido por esferas e recheado com minúsculos grãos de ferro – ou o buzo – uma espécie de apito ovalado, feito de madeira, que produz sons que lembram cantos de pássaros.

Exaltação da cultura afro-baiana, com muitos elementos do candomblé, o repertório geral interpretado pelo grupo, entretanto, não foge muito à regra dos grupos tradicionais de folclore brasileiro. Mas com uma diferença essencial: danças como maculelê, capoeira e samba de roda se integram a composições coreográficas cujo vocabulário denota uma fusão de técnicas originadas no balé clássico ou moderno. É nessa simbiose que se dão as transformações do arcaico em contemporâneo, apontadas por Anna Kisselgoff. No plano da interpretação, o BFB se vale de artistas que levam ao palco o vigor e a espontaneidade das manifestações de rua, conferindo ao conjunto uma consistente atualidade urbana.

Confluência de contradições, como também já foi identificado, o BFB não exala erudição. No entanto, sua dança, em estado bruto, pode desvendar possibilidades originais num momento em que as propostas estéticas, no Brasil e no mundo, lidam com o desafio de encontrar rumos diante de um desgaste que, nos últimos tempos, vem acontecendo muito rapidamente. Talvez, por isso, o BFB signifique um dado novo no cenário mundial da dança e até mesmo um aceno de vanguarda para os que procuram inovar por via da tradição.

Sempre saudado com entusiasmo pela imprensa internacional e considerado um renovador do folclore, o BFB veio preencher, segundo alguns críticos, o vazio deixado por grupos tradicionais proeminentes, como o Berioska, da Rússia, hoje decadente. Mas seu sucesso também é reflexo, na opinião do antropólogo carioca Raul Lody, de um processo de revalorização das culturas regionais. "Há um contexto favorável, que tende a desconstruir o preconceito, muito maior nas décadas passadas. Decretar que esse tipo de expressão é arcaico e não produz mudanças é uma bobagem. É principalmente nas manifestações populares que ocorrem os movimentos de oxigenação da cultura", diz. A receptividade internacional ao BFB, segundo Lody, reflete ainda uma emergente necessidade contemporânea: a de se deter em particularidades. "Esse é um movimento que caminha com a globalização", diz.

Entre o genérico e o específico, é certo que os grandes centros de exposição da dança se abrem cada vez mais para o que, nesse meio, leva o nome genérico de caráter étnico das artes. Grandes eventos vêm fazendo das chamadas culturas distantes o seu tema. Entre outros exemplos, há o do importante Festival Internacional de Dança de Montpellier, que, no ano passado, apresentou grupos de países como Camboja e Vietnã. Principalmente na Europa, expressões como o flamenco e o tango voltam a ser cultuadas com fervor, afora manifestações que ainda podem se revelar como influência ou mero modismo – o tempo dirá. A capoeira, por exemplo, está sendo considerada a atividade física do momento na Grã-Bretanha, onde coreógrafos de vanguarda utilizam a antiga luta como recurso de linguagem. Mesmo no Brasil, os criadores da dança contemporânea começam a buscar autenticidade na fonte da tradição. Para esses, o BFB pode ser considerado uma inspiração, capaz de expressar identidade cultural. Está faltando agora ao Brasil despir o folclore de ultrapassados significados pejorativos e se deixar contagiar, sem culpa, pela dança explosiva e requintada que o BFB vem desenvolvendo.

Onde e Quando

Balé Folclórico da Bahia no Brooklin Academy of Music (30 Lafayette Avenue, entre Flatbush Avenue e Fulton Avenue, Nova York, tel. 001/ 718-636-4100), de 18 a 21 de março, às 20h



À inspiração folclórica e étnica, a companhia baiana soma o vigor de seu elenco (acima, na coreografia *Fêmeas*), que se preparou duramente para o salto internacional. Sem patrocínio fixo e contando apenas com apoios eventuais no Brasil, os integrantes do Balé Folclórico da Bahia vivem da renda das temporadas internacionais

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BRAVO - SÃO PAULO
MARÇO 1998

BOOK 20 ANOS BFB.indd 342 29/04/10 02:43

O ESTADO DE SÃO PAULO - SÃO PAULO

AGOSTO 1998

Balé da Bahia faz dez anos com espetáculo de gala



Balé Folclórico da Bahia, cujos 32 bailarinos viajam sem parar e sua agenda está completa até o início de 2001: o grupo foi convidado também para ser uma das atrações dos Jogos Olímpicos de Sydney

Energia e beleza conquistam o público

Bailarinos do BFB vieram da capoeira e da dança afro, numa fórmula que deu certo

Inventar uma apresentação diferente para as manifestações regionais, que explore aquilo que de mais singular elas têm, mas de forma adaptada aos gostos de quem as desconhece: este é o impasse que vem derrotando a maioria das propostas de trabalho já realizadas com danças folclóricas. Quando se soma a isso as leis do mercado dos shows e das convenções – principais consumidores desse tipo de espetáculo –, a coisa complica-se ainda mais.

Nesse veio se inscreve o Balé Folclórico da Bahia. A companhia tem buscado tratar a tradição como um produto que precisa conquistar o gosto das grandes platéias. Tem tido muito sucesso. É aclamada por onde passa, pois ninguém resiste à fórmula de misturar dançarinos lindos e capazes de despejar energia total com uma música ao vivo e de raiz africana, adaptada ao que a situação pedir (em Lyon, até uma *La Vie en Rose* em ritmo de samba coube no menu local).

No caso do BFB, as misturas começam já no corpo do seu elenco. A maioria veio da capoeira ou da dança afro e conquistou a sua formação lá mesmo, com aulas de dança moderna e de balé clássico, dança afro-brasileira contemporânea e afro-religiosa.

O ponto nevrálgico está no espaço destinado a produtos desse tipo. Para Vavá, o tempo do fascínio pelas culturas exóticas sem riqueza de composição já passou. "Isso empolgou o mundo até certo tempo, enquanto foi descoberto, mas depois da tecnologia, o público passou a exigir mais e por isso a nossa proposta tem sido a de renovar a linguagem enquanto espetáculo".

Aí está o assunto chave para a discussão na mesa redonda de amanhã: estabelecer a moldura adequada para a realização dessa proposta.



***Candomblé em cena:** uso de rituais religiosos no palco dificulta aceitação por parte do público da capital baiana*

Grupo, mais conhecido no exterior do que no Brasil, apresenta-se hoje e amanhã em Salvador

HELENA KATZ
Especial para o Estado

Fora daqui talvez ele seja mais conhecido do que por nós. O Balé Folclórico da Bahia (BFB) comemora hoje seu décimo aniversário com um espetáculo de gala para convidados no Teatro Castro Alves, em Salvador, que será repetido amanhã para o público. Depois de percorrer 107 cidades pelo mundo, onde geralmente lota todos os espaços onde se apresenta, o Balé Folclórico da Bahia deve ser, hoje, o quarto produto brasileiro tipo exportação no imaginário estrangeiro, associado ao futebol, à mulata e ao samba.

No Brasil, onde apenas 20 cidades já viram a companhia, ela é, seguramente, a única que mantém um segundo elenco em atividade permanente, no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, centro histórico de Salvador, apresentando-se de segunda a sábado, enquanto seus 32 dançarinos viajam sem parar. A agenda do BFB está completa até o início de 2001. No ano 2000, está convidado para ser uma das atrações dos Jogos Olímpicos de Sidneyna Austrália.

A comemoração brasileira dos dez anos interrompe uma turnê que começou no Kuopio Festival, em Helsinque, passou por Estocolmo e por Copenhague, e vai continuar, a partir deste mês, no Oriente Médio. Antes, o grupo esteve na Europa, no Canadá e nos Estados Unidos, onde inaugurou o New Jersey Performing Arts Center, considerado um dos melhores exemplos da modernidade em teatro.

Nestes dois dias, a companhia dança *Corte de Oxalá*, a coreografia com que abriu a última Bienal de Lyon, em 1996, aquela que fez do Brasil o seu tema. A obra, no entanto, será acompanhada por um coral regido pelo maestro Keiler Rêgo e mostrada numa versão um tanto modificada. "Temos um problema com a aceitação das coisas do candomblé que são levadas para o palco pelas pessoas da cidade, quase todas conhecedoras e praticantes desta religião", explica Walson Botelho, fundador e diretor do Balé Folclórico da Bahia.

Botelho, ou Vavá, como é de fato conhecido, aponta para a questão central do trabalho que desenvolve e, na esteira da celebração dos dez anos, será transformada também em tema de discussão. No dia 7, às 14 horas, será realizada uma mesa redonda, *A Importância da Dança Étnica*, na Sala do Coro do Teatro Castro Alves, com Alfredo Moreira (representante da dança na Funarte), Neusa Saad (Escola de Dança da UFBA), Lia Robatto (coreógrafa) e Marcos Bragato (crítico de dança do *Jornal da Tarde*).

Anna Kisselgolf, crítica do *New York Times*, que costuma saudar as passagens da companhia por Nova York com páginas inteiras de elogios ao que identifica como a sua "confluência de tradições" não poderá estar presente, pois Vavá não conseguiu o patrocínio necessário para a realização do evento.

"Até hoje ainda não temos um patrocinador e vivemos exclusivamente das nossas temporadas no exterior, que cresceram muito depois da participação na Bienal de Lyon", comenta. "A companhia cresceu e também as suas necessidades, desde a manutenção técnica dos figurinos à dos dançarinos, que exige salas de aula bem equipadas e professores diversificados."

Além das aulas de técnicas de dança, os integrantes do Balé Folclórico da Bahia também estudam inglês e francês – necessidade produzida pela constância das suas turnês. E a companhia desenvolve um outro projeto, de cunho social, com educação de dança para as classes desfavorecidas.

Vavá vem do Grupo Viva Bahia, associado à pesquisadora Emília Biancardi. "Foi com ela, de quem fui dançarino, músico, cantor e assistente durante muitos anos, que tomei gosto pela cultura popular e só deixei o grupo porque precisava terminar o meu curso de Antropologia na Universidade Federal da Bahia"

Depois que o grupo foi desfeito, Vavá vagou por alguns projetos até decidir, em setembro de 1987, começar um trabalho com 17 dançarinos na Sala I do Teatro Castro Alves. "Trabalhávamos apenas aos sábados e domingos à tarde e, dois meses depois, já tínhamos uns 200 fazendo aula, de graça, conosco."

Chegou um convite para um show numa convenção mundial do Credicard e, três dias depois, o espetáculo estava montado. Em maio de 1988, Ninho Reis voltou a Salvador depois de uma temporada no Canadá e no Rio de Janeiro. "Havíamos dançado por seis anos juntos na Viva Bahia e juntos criamos o Balé Folclórico da Bahia, que só estreou em Salvador em agosto, depois de espetáculos em Santos e Joinville, pois temíamos a reação das pessoas", lembra Vavá. "Escolhemos um domingo, dia que, no candomblé, é dedicado a todos os orixás, pois queríamos a benção de todos de uma vez só."

Rituais religiosos – Atualmente, ele divide a direção com Zebrinha, pois Ninho Reis "foi para a moradia dos Orixás", como prefere dizer. E completa: "Sei que existem determinados grupos na Bahia que são contrários à apresentação da dança de orixás e de parte da religião em espetáculos e concordo com eles, pois rituais religiosos não devem ser realizados nem em locais nem em ocasiões inadequadas." Mas Vavá garante que o trabalho desenvolvido pelo BFB não desrespeita nada disso. "Nós ajudamos na preservação e na divulgação do candomblé, pois tudo o que mostramos é resultado de pesquisas muito sérias e profundas."

COMPANHIA SOBREVIVE GRAÇAS A TURNÊS

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

O único roteiro completo da cidade
GUIA DA FOLHA SP
De 21 a 27 de abril

Balé Folclórico revive rituais afro-baianos


Divulgação

Bailarinos da companhia dirigida por Walson Botelho se apresentam no Teatro Municipal

Ana Francisca Ponzio

A diversidade das danças regionais e populares do Brasil, sejam urbanas ou tradicionais, é universo ainda pouco valorizado e difundido. Por conta de tal paradoxo, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) tornou-se sucesso internacional, antes de ser reconhecido no próprio país.

Já identificado pela crítica do jornal "The New York Times" como a companhia que melhor representa a diáspora da dança africana, o elenco baiano dirigido por Walson Botelho inaugura domingo, (dia 23) no parque Ibirapuera, a exposição "Brasil + 500 Anos: Mostra do Descobrimento", só para convidados. O mesmo espetáculo —"Corte de Oxalá"— será apresentado segunda-feira (dia 24), no Teatro Municipal.

Com 32 integrantes, entre músicos, dançarinos e cantores, o Balé Folclórico da Bahia expressa o sincretismo cultural brasileiro. "Na Bahia temos o privilégio de encontrar percussionistas e gente que dança espontaneamente em cada esquina. Procuro levar essa energia popular para o palco, com uma teatralidade, um depuramento técnico e uma atualidade capazes de singularizar o trabalho do BFB", diz José Carlos Arandiba (ou Zebrinha), coreógrafo do grupo.

Em "Corte de Oxalá", depois da abertura cujo tema são as divindades e danças do candomblé, o elenco interpreta mais cinco coreografias sobre o folclore baiano, intituladas "Puxada de Rede", "Maculelê", "Samba de Roda", "Capoeira" e "Afixirê".

Como um conjunto de retalhos da história do Brasil, resgata por exemplo as origens do samba autêntico em trechos como "Samba de Roda", que era dançado nas senzalas, durante os momentos de descanso dos escravos.

Do maculelê que comemorava a boa colheita de cana, ao afixirê ou "dança da alegria", conforme o idioma iorubá, o BFB revive em São Paulo a exuberância dos rituais afro-baianos.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA - 90 min. Teatro Municipal - salão principal (pça. Ramos de Azevedo, s/nº, região central, tel. 222-8698). 1.500 lugares. Seg.: 21h. Ingr.: R$ 3 a R$ 15 (p/ estudante R$ 1,50 a R$ 7,50, cota de 450 ingr.).

FOLHA DE SÃO PAULO - SÃO PAULO

ABRIL 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 344 29/04/10 02:43

REVISTA VEJA - SÃO PAULO

ABRIL 2000

veja São Paulo

ANO 33 - Nº 17

No Municipal, o Balé Folclórico da Bahia apresenta Corte de Oxalá *e outras seis coreografias*



ARTHUR IKISHIMA

Dança

Débora Mamber

ESTRÉIA

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA. Fundada há doze anos pelo bailarino Walson Botelho, a companhia conta com setenta integrantes. Seus movimentos misturam balé clássico e moderno, cultura popular brasileira e técnicas de dança africanas. Em única apresentação, o grupo mostra *Corte de Oxalá*, coreografia religiosa sobre músicas de candomblé. O espetáculo prossegue com mais seis peças, que contam um pouco da história e das tradições baianas (60min). Livre. **Teatro Municipal** (1 585 lugares). Praça Ramos de Azevedo, s/nº, ☎ 222-8698, Anhangabaú. Segunda (24), 21h. R$ 40,00 a R$ 150,00. Bilheteria: 10h/18h30 (ter. a sex.); 13h/18h30 (sáb. e dom.).

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 345 29/04/10 02:44

SHOWS E VAMOS AO TEATRO
Para anunciar ligue 224-7754



FOLHA acontece
ESPECIAL ★ PÁGINA 1 ★ SÃO PAULO, DOMINGO, 23 DE ABRIL DE 2000

Crianças têm curso no parque

Voluntários do "Artemóvel Desenhando aos Domingos" estarão hoje no parque da Luz à procura de crianças carentes de arte, a partir das 14h.

DANÇA *Balé Folclórico da Bahia se apresenta hoje, para convidados, e amanhã, para o público, no Municipal*

Redescobrimento roda à baiana



Coreografia "Corte de Oxalá", do Balé Folclórico da Bahia, que dança em SP hoje e amanha

especial para a Folha

Única companhia de danças tradicionais brasileiras em atividade profissional ininterrupta desde sua fundação, há 12 anos, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) está em São Paulo para inaugurar hoje a Mostra do Redescobrimento, no parque Ibirapuera. Embora essa apresentação seja exclusiva para os convidados da abertura da mostra, amanhã o grupo baiano faz espetáculo aberto ao público, a preços populares, no Teatro Municipal.

Fundado e dirigido pelo antropólogo Walson Botelho, o BFB apresenta no Teatro Municipal o espetáculo "Corte de Oxalá", cuja abertura tem como tema as divindades e danças rituais do candomblé.

Em seguida, o elenco de 32 bailarinos, cantores e músicos do BFB interpreta mais cinco peças baseadas em manifestações populares baianas.

"Maculelê"

Essa segunda parte do espetáculo começa com "Puxada de Rede", sobre costumes ainda presentes nas praias baianas, quando os pescadores celebram Iemanjá, deusa do mar. No segmento seguinte, "Maculelê", o elenco resgata a dança dramática, originada entre os escravos das plantações de cana-de-açúcar da cidade de Santo Amaro, durante o período colonial.

Depois de "Samba de Roda" e "Capoeira", que também revelam as raízes de tais manifestações, o espetáculo se encerra com "Afixirê", palavra que em iorubá significa "dança da alegria". Segundo Botelho, essa coreografia final se inspira na influência dos povos africanos na formação da cultura brasileira, em especial na Bahia.

Desde sua fundação, o elenco do BFB reúne dançarinos e cantores vindos da população pobre de Salvador. Para formar o grupo, Botelho realizou workshops em fins-de-semana, em uma sala cedida pelo teatro Castro Alves.

"Começamos com 17 participantes, mas depois de três meses já tínhamos 300", lembra Botelho, que construiu a identidade do grupo a partir da formação antiacadêmica dos bailarinos e músicos.

"Em audições para a escolha de dançarinos, nunca nos interessou o currículo técnico, mas sim a autenticidade daqueles que são capazes de levar para o palco a vitalidade da cultura cotidiana. Possuindo esse requisito básico, o intérprete está apto para elaborar suas habilidades técnicas por meio das aulas intensivas que realizamos no BFB", diz Botelho.

Para desenvolver a capacidade do elenco, Botelho trabalha em conjunto com o professor e coreógrafo José Carlos Arandiba, conhecido como Zebrinha, que possui formação em dança clássica e moderna.

Capoeira

"Todos os dançarinos do BFB são capoeiristas. A prática da capoeira, que é quase uma condição natural na Bahia, dá muita inteligência aos movimentos. Vale também observar que as tradições baianas estimulam o homem a dançar, a fazer da dança uma expressão máscula. Além eliminar o preconceito que a dança costuma gerar entre homens, tal fato contribui para que haja sempre muitos homens em nosso elenco. Outra habilidade que costumam ter é tocar instrumentos de percussão, que, assim como a capoeira, são cultivados no dia-a-dia como brincadeira de rua." (ANA FRANCISCA PONZIO)

Espetáculo: Balé Folclórico da Bahia
Quando: hoje, só para convidados, na inauguração da Mostra do Redescobrimento, no parque Ibirapuera; amanhã, aberto ao público, no Teatro Municipal, às 21h
Onde: Teatro Municipal (pça. Ramos de Azevedo, s/nº; tel. 222-8698)
Quanto: de R$ 3 a R$ 15 (p/ estudantes: de R$ 1,50 a R$ 7,50, cota de 450 ingressos)

Grupo é fenômeno de bilheteria

especial para a Folha

Desde que estreou na França, em 94, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) tornou-se fenômeno internacional de bilheteria. Ovacionado na Europa, na América e na Ásia, mereceu homenagem especial em dezembro, em Nova York, por contribuir para a difusão da cultura afro-americana.

Homenagear o BFB foi iniciativa da mitológica Judith Jamison, bailarina que hoje dirige o Alvin Ailey American Dance Theater, num evento repleto de celebridades, como Sharon Stone e Harry Belafonte. (AFP)

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

O ESTADO DE SÃO PAULO - SÃO PAULO

ABRIL 2000

GUIA
DANÇA CADERNO 2

Balé traz folclore afro-baiano

'Corte de Oxalá' tem apresentação única hoje à noite, no Teatro Municipal

KARLA DUNDER

A celebração dos 500 Anos aqueceu e ainda está agitando a vida cultural em São Paulo. Hoje, o Teatro Municipal recebe o Balé Folclórico da Bahia, às 21 horas. Numa apresentação única, o grupo exibe *Corte de Oxalá*.

O espetáculo traz a coreografia de Walson Botelho e José Carlos Arandiba, ao som das músicas típicas do Candomblé. É dividido em cinco momentos, que apresentam os ritos dessa religião. A pesquisa em danças religiosas ficou por conta de José Ricardo Sousa.

A coreografia começa com *Exu*, figura de temperamento difícil, astuto, vaidoso, sensual e até mesmo indecente. Foi enviado de Olorum, o deus supremo, para recriar o mundo tal qual era antes da presença de outros orixás. Na seqüência, *Cerimônia do Padê*, principal ritual celebrado antes das cerimônias religiosas, na qual são feitas oferendas a Exu, a fim de agradá-lo e dar prosseguimento ao rito. Em seguida vem *Iniciação de Yaô*, a primeira apresentação pública do novo adepto do Candomblé, e *Xirê*, seqüência de danças para cada um dos deuses africanos. *Pantheon dos Orixás*, procissão de médiuns com as divindades africanas incorporadas, finaliza o espetáculo.

Miscelânea – O grupo baiano está na estrada há 12 anos, embalado pelas músicas e coreografias do folclore afro-brasileiro. Sua principal influência vem do Candomblé. A parte técnica é uma verdadeira miscelânea: funde traços da dança étnica com o balé clássico e a dança moderna.

O Balé Folclórico da Bahia possui reconhecimento internacional. O grupo já realizou turnês na Europa, Austrália e América do Norte. Também fizeram a abertura da Bienal de Dança de Lyon, em 1994. Com a agenda lotada, o balé deve apresentar-se no 18.º Festival de Joinville e fazer sete apresentações na Maison de la Danse, em Lyon, na França. Também estará na abertura do Festival Latino-Americano de Milão, na Itália, no Teatro Ópera de Hannover, Alemanha e na Abertura dos Jogos Olímpicos de Sidney, além de shows nos Estados Unidos e na Inglaterra.

SERVIÇO

Balé Folclórico da Bahia. *Hoje, às 21 horas. De R$ 3,00 a R$ 15,00.* ***Teatro Municipal***. *Praça Ramos de Azevedo, s/n.º, tel. 222-8698*

Artur Ikishima/AE



Coreografia de Walson Botelho e José Carlos Arandiba: ritos do Candomblé que fundem as expressões clássica, moderna e étnica da dança

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 347 29/04/10 02:44

REVISTA VEJA - SÃO PAULO

ABRIL 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

AGENDA CULTURAL

ENTREVISTA

Explosão baiana

Que se preparem os amantes da dança. O contagiante Balé Folclórico da Bahia vem mostrar em São Paulo, no segundo semestre deste ano, o que fez dele um dos grupos mais aplaudidos no Brasil, Europa e Estados Unidos. A companhia fez tanto sucesso lá fora que foi convidada para a abertura da festa dos Jogos Olímpicos do ano 2000, na Austrália, e tem agenda fechada até 2003.

Misturando balé moderno e clássico, folclore baiano, cultura popular brasileira e técnicas de danças africanas, a companhia nasceu há 12 anos, em Salvador. A época era desfavorável. A dança folclórica mundial estava bastante desgastada, havia grupos demais e o público já estava cansado de ver sempre as mesmas coreografias.

O bailarino, músico, cantor e fundador do Balé Folclórico da Bahia, Walson Botelho, que estava igualmente saturado com a exploração comercial dos balés folclóricos, decidiu montar um grupo diferente, usando tudo que aprendeu como bailarino, como administrador do grupo Viva Bahia e na Faculdade de Antropologia. "Havia terminado meu curso, estava cheio de idéias e tinha experiência suficiente para montar um projeto mais elaborado, baseado em fatos culturais", conta.

O resultado é totalmente original. "Acredito que o que mais chama a atenção do público e dos críticos é que mudamos a cara da dança folclórica sem alterar o seu verdadeiro propósito."

Ao se apresentar pela primeira vez na Bienal Internacional de Dança, em Lyon, na França, em 1994, o grupo deixou a imprensa internacional a seus pés. O tema era *Mama África* e participaram 20 companhias do mundo todo. Nenhuma conseguiu tantos elogios, nem mesmo as africanas. "A dança africana é completamente diferente da baiana", diz Walson. "Ela é muito espontânea, basicamente tribal, não há técnica."

Depois de ver a representante do Brasil, um repórter do jornal americano Menneapolis Star escreveu: "Energético, exuberante e tecnicamente virtuoso, este grupo veio ricocheteando no pulsar das batidas do ritmos afro-brasileiros. Os tambores eram trovões. A melancolia estava estática. O lugar vibrou. Quando eu deixei o teatro, o teto ainda estava no lugar, mas era a única coisa que estava lá."

Tanto sucesso fez com que o grupo fosse o convidado especial da Bienal de Lyon de 1996. Seus bailarinos não só conseguiram, em 20 anos, o maior público da história da Bienal (em uma semana, 33 mil pessoas viram o balé), mas também mudaram a imagem da dança folclórica no mundo. "Nosso grupo conseguiu ultrapassar as barreiras do preconceito e, desde então, todas as portas se abriram", comemora Walson.

Foto:Philip Martin



Balé Folclórico da Bahia

Foto:Philip Martin



Balé Folclórico da Bahia

Depois de Lyon, o Balé passou por 109 cidades americanas. Há 12 anos, os 70 bailarinos da companhia seguem a rotina diária de oito horas de treino, duas horas de aula de dança afro, duas de balé moderno ou clássico e quatro horas de ensaio. A maioria dos integrantes é de homens entre 13 e 24 anos. "Eles começam novinhos, jogando capoeira, e depois passam para o balé", explica Walson. Duzentas crianças e duzentos adultos têm aulas de graça na sede do Balé, em Salvador, que recebe, ainda, estagiários estrangeiros.

Na temporada paulista, a cia. baiana faz duas únicas apresentações. A coreografia *Corte de Oxalá*, uma dança religiosa, abre o espetáculo. Serão apresentados ainda os espetáculos *Puxada de Rede*, *Maculelê*, *Samba de Roda*, *Capoeira*, *Afixirê* e *Fêmeas*. Vale a pena conferir!

BOOK 20 ANOS BFB.indd 348 29/04/10 02:44

AGORA SÃO PAULO - SÃO PAULO ABRIL 2000

FOLCLORE

Balé da Bahia dança em SP R$ 15

O Balé Folclórico da Bahia se apresenta somente hoje no teatro Municipal de São Paulo, às 21h. Misturando o balé moderno com a cultura popular brasileira e técnicas de dança africana, o grupo faz um show totalmente diferente e inovador. A coreografia "Corte de Oxalá" abre o espetáculo, seguida por "Puxada de Rede", "Maculelê" e "Capoeira", entre outras.

(Rogério Gatti)

Balé Folclórico da Bahia.
Hoje, 21h. R$ 3 a R$ 10. Teatro Municipal (praça Ramos de Azevedo, sem nº, Centro, t. 222-8698).



Cena do espetáculo que está hoje na cidade

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 349 29/04/10 02:44

Programas para todos os gostos

Agendas regional e paulistana reservam boas atrações culturais ao longo desta semana



O Balé Folclórico da Bahia, que abre hoje sua temporada paulista no Theatro Municipal de São Paulo, dança em Santo André na quarta-feira, com entrada franca

Gislaine Gutierre
Da Redação

A agenda cultural será agitada, no Grande ABC e em São Paulo, ao longo desta semana. Os destaques paulistanos são as aberturas da *Brasil+500 – Mostra do Redescobrimento* e da 16ª Bienal Internacional do Livro. Por aqui, as atenções se voltam para os últimos dias da festa *Santo André de Todos os Povos*, que celebra o aniversário da cidade, mas que tem despertado o interesse de moradores de toda a região.

Tudo começa hoje, às 21h, com a apresentação da coreografia *Corte de Oxalá*, do Balé Folclórico da Bahia, no Theatro Municipal de São Paulo. Na quarta-feira, o grupo repete a dose, mas em Santo André, com entrada franca, na praça do Carmo, a partir das 21h.

Amanhã, será aberto ao público o maior evento de artes plásticas do Brasil: a mostra *Brasil+500*, no Ibirapuera, com cerca de 15 mil obras.

O Teatro Lauro Gomes, em São Bernardo, abrigará, na quinta-feira, a peça espírita *Violetas na Janela*. A sessão está marcada para as 21h e os ingressos custam R$ 20. No mesno dia, e também na sexta-feia, às 21h, no Sesc Pompéia, em ão Paulo, acontece o show da antora maranhense Rita Ribeio, acompanhada de Lokua anza, do Zaire, pelo festival odos os Cantos do Mundo.

Na sexta-feira, no Expo Cener Norte, em São Paulo, comeará a 16ª edição da Bienal Inernacional do Livro, com cerca le 800 expositores nacionais e strangeiros, e nomes de peso la literatura.

No Olympia, em São Paulo, nais música com Milton Nascinento que volta com o show rooner na sexta-feira e no dia eguinte. Também no sábado, e inda em São Paulo, Ney Matorosso canta na Via Funhal.

Em Santo André, na Craisa, averá o show de Nelson Triuno e Soul Sisters, Backspin e vBill, na sexta-feira, a partir las 22h. No sábado, o destaque erá uma rave, que começa às 9h e só deverá terminar as 6h le domingo, dia em que se desaca o grupo Pia Fraus com seus onecos gigantes e, por fim, o oncerto da Orquestra Sinfôniа de Santo André. E o melhor: udo com entrada franca. □

DIÁRIO DO GRANDE ABC - SÃO PAULO
ABRIL 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 350 29/04/10 02:44

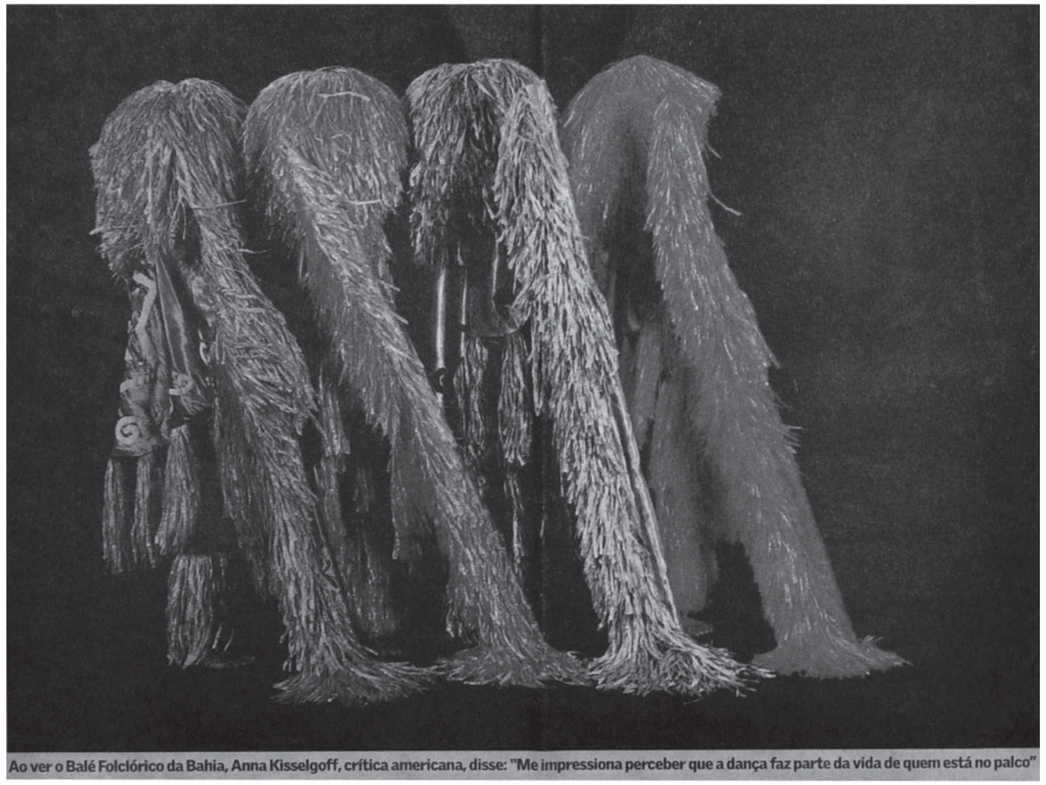
VALOR - SÃO PAULO
ABRIL 2001

A PASSOS LARGOS

BFB comunica a essência da dança popular

Companhia baiana conquista o mundo e chega, enfim, à platéia brasileira . Por **Ana Francisca Ponzio** , para o Valor, de São Paulo

"Rapsódia Nordestina", Balé Folclórico da Bahia. Sábado e domingo às 21h, no Teatro Castro Alves, Praça 2 de Julho, s/n, Campo Grande, Salvador, Bahia, tel. (0XX71) 247-8722). Ingressos: R$ 30 e R$ 15. No Pelourinho, apresentações permanentes do grupo no Teatro Miguel Santana, Rua Gregório de Matos, 49, tel. (0XX71) 321-1155, de segunda-feira a sábado, às 20h. Ingresso: R$ 6.



Ao ver o Balé Folclórico da Bahia, Anna Kisselgoff, crítica americana, disse: "Me impressiona perceber que a dança faz parte da vida de quem está no palco"

Depois de estrear em Nova York, em outubro, o espetáculo "Rapsódia Nordestina", do Balé Folclórico da Bahia (BFB), chega às platéias brasileiras no fim de semana, no Teatro Castro Alves de Salvador. Para a companhia baiana, a temporada assinala a presença mais constante em palcos do Brasil, neste ano. A partir de abril, o grupo dirigido por Walson Botelho inicia turnê pelo sul, esperando mostrar porque faz tanto sucesso no exterior.

Fundado há 13 anos, o BFB começou a ganhar projeção internacional em 94, quando participou da Bienal da Dança de Lyon. Nesse evento, o elenco baiano caiu nas graças de críticos como Anna Kisselgoff, decana da dança no jornal "The New York Times". Verbete de dicionários, autora da primeira crítica sobre Mikhail Baryshnikov depois que ele se exilou no Ocidente, Kisselgoff abriu as portas para que o BFB, no ano seguinte à Bienal, passasse a se apresentar nos principais teatros norte-americanos. Em Nova York, o grupo hoje integra o catálogo da Columbia, uma das maiores empresas de agenciamento artístico do mundo, ao lado de nomes como Jessie Norman, Luciano Pavarotti, New York City Ballet e Orquestra Filarmônica de Berlim.

Apesar dos preconceitos que já enfrentou no Brasil, seja na mídia ou em teatros nem sempre receptivos às suas apresentações, o BFB construiu uma carreira singular. Nos últimos quatro anos, fez temporadas em 172 cidades dos EUA, além de outro tanto na Europa, Ásia e Austrália. Platéias numerosas fazem parte do seu dia-a-dia. Dois anos atrás, superlotou durante uma semana o Parkteatred, em Estocolmo, com capacidade de 7 mil lugares. Depois de tal repercussão o BFB começou a melhorar suas condições de trabalho no Brasil. Hoje com dois elencos, mantém um espetáculo em temporada permanente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho.

Entre os admiradores que conquistou pelo mundo, o BFB é considerado um renovador das danças tradicionais. Em depoimento ao **Valor**, Anna Kisselgoff explica por que aprecia a companhia baiana. "Costumo prestar atenção nas reações de crianças que assistem dança. Elas têm uma resposta direta e significativa. Já vi crianças respondendo de forma muito sofisticada a espetáculos de Merce Cunningham, tido como vanguarda. Indagadas a respeito, crianças já revelaram compreensão surpreendente sobre as complexas estruturas das danças de Cunningham. Quando vi o BFB em uma apresentação para público infantil, em Lyon, presenciei situação semelhante. Na ocasião as crianças pareciam ter absorvido toda a qualidade cinética do grupo, passando a se movimentar com uma alegria que me salientou quão autêntico era o trabalho do BFB, não no sentido das danças folclóricas que vemos nas ruas, mas quanto à capacidade de comunicar a essência das danças populares, mesmo dentro de um teatro."

Kisselgoff acredita que o sucesso internacional do BFB não se deve ao exotismo. "Me impressiona perceber que a dança faz parte da vida de quem está no palco". Sobre o novo espetáculo do grupo, que viu na estréia em Nova York, a crítica observa: "Percebi coisas que me eram menos familiares, provenientes da cultura indígena brasileira. Tanto na coreografia, quanto na interpretação, o trabalho do BFB me pareceu mais depurado, ainda mais profissional e isso é muito bom. O BFB possui treinamento em várias técnicas, como o balé clássico, usam música pop, são virtuosos e acho que tais elementos contribuem para seu sucesso". Capaz de transformar o arcaico em contemporâneo, o BFB vale-se de um carisma que também já sensibilizou Pina Bausch.

Em recente passagem por Salvador, a coreógrafa alemã chegou às lágrimas após o espetáculo do grupo, no Pelourinho. "No final, Pina foi cumprimentar o elenco e disse que estava profundamente tocada pela apresentação", relata Botelho. Formado em antropologia, Botelho divide a direção artística do BFB com o coreógrafo José Carlos Arandiba, que trabalhou na Europa e EUA antes de associar-se ao grupo. Além de participar da criação dos espetáculos, ele contribui na formação de bailarinos para o BFB. Há quase três anos, a companhia ensaia numa sala de quase 50 metros quadrados no Pelourinho. "É dali que sai tudo", diz Botelho, referindo-se ao acanhado espaço que também foi transformado em escola. "Damos aula de tudo, balé, dança moderna, afro, capoeira, percussão, além de cursos periódicos livres, como teatro e artes plásticas. Vamos oferecendo o que é possível, mas o mais importante é contar com o que cada bailarino traz de casa, pois na Bahia as danças populares, a capoeira, a música, fazem parte do dia-a-dia". Atualmente com 36 integrantes, o elenco do BFB reúne bailarinos vindos da população carente de Salvador.

No novo espetáculo, "Rapsódia Nordestina", o BFB procura escapar da cultura afro-baiana como tema predominante. "Queríamos ir mais longe, para mostrar manifestações brasileiras mais abrangentes, sem perder as conexões com o folclore baiano". Assim, o espetáculo mostra por exemplo que o 'bumba-meu-boi' cultivado no Ceará e no Maranhão transformou-se em 'boi bumbá' no Amazonas e em 'rancho de boi' na Bahia. Com coreografias de Amélia Conrado, que leciona dança na Universidade Federal da Bahia, "Rapsódia" deve chegar à Broadway em 2.003. Embora sem patrocínios no Brasil, o BFB tem o privilégio de ter compromissos agendados para os próximos três anos.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 351 29/04/10 02:44

FOLHA DE SÃO PAULO - SÃO PAULO

SETEMBRO 2001

Balé Folclório da Bahia faz apresentação única no Municipal

Junto com os elencos de Deborah Colker e do grupo Corpo, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) compõe a trinca de companhias brasileiras de dança com maior sucesso no exterior. Formado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis, o BFB faz apresentação única em São Paulo no domingo, no Teatro Municipal.

Para essa temporada relâmpago na capital paulista, o BFB traz seu novo espetáculo "Rapsódia Nordestina", concebido ano passado como parte das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil.

A proposta dessa nova criação é "desenhar" um mapa mais amplo da cultura popular brasileira. Além das manifestações baianas, marcadas pelas raízes africanas, o espetáculo mostra as influências portuguesas e indígenas presentes em expressões do Maranhão, Pernambuco e Paraíba.

Nesse percurso, também revela parentescos entre o Bumba-Meu-Boi, maranhense com o Rancho do Boi, encontrado em cidades baianas como Vitória da Conquista. Em oito quadros, "Rapsódia Nordestina" expõe a dança plena de vitalidade do BFB. ***(AFP)***



Bailarinos em "Rapsódia Nordestina"

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA - Teatro Municipal (pça. Ramos de Azevedo, s/nº, região central, tel. 222-8698). 1.580 lugares. Dom. (dia 23): 19h. 120 min. Ingr.: R$ 6 a R$ 15.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 352 29/04/10 02:44

Ritmos do folclore baiano desembarcam no Municipal

FÁBIO MARTINHO

Um dos mais aplaudidos grupos de dança do mundo, o Balé Folclórico da Bahia faz única apresentação de Rapsódia Nordestina domingo, no Teatro Municipal. O espetáculo, montado no ano passado em comemoração aos 500 anos do Descobrimento e que tem 32 pessoas no palco (20 dançarinos, dez músicos e duas cantoras), retrata manifestações da cultura baiana como bumba-meu-boi, xaxado, maracatu e maculêlê.

O Balé já se apresentou na cidade duas vezes. N última delas, no ano passado, o espetáculo conseguiu uma repercussão surpreendente. "Lotamos até a última fileira do Teatro Municipal e o diretor disse que não via algo assim desde a época dos movimentos estudantis", conta Walson Botelho, o diretor-geral e fundador com uma ponta de orgulho.

Criado em 1988 por Walson e Ninho Reis, o grupo começou sem apoio, criando e fazendo seus próprios figurinos, cenários e adereços. O elenco, vindo da capoeira, dos shows para turistas e da dança tradicional, enfrentou preconceitos. "As pessoas diziam que nosso trabalho era muito popular", lembra Walson. Sem dar muita importância àqueles que torciam o nariz para as apresentações, o balé investiu na formação técnica de seus 32 bailarinos, que ensaiam diariamente por seis horas.

A estréia foi no Festival de Joinville, antes mesmo da fundação oficial do grupo, com o espetáculo Bahia de Todos os Santos, que atraiu a atenção de curadores internacionais de festivais de artes cênicas.

Com este trabalho, aliás, o Balé Folclórico da Bahia começou carreira internacional em 1992, numa grande festa ao ar livre em Berlim, para 50 mil pessoas. Depois vieram espetáculos nos Estados Unidos, França, Canadá, Suíça, Alemanha, Portugal, Finlândia, Suécia e Dinamarca. Entre as prêmios já recebidas pelo grupo estão o Fiat, de melhor companhia de dança de 1990, o Prêmio Estímulo do Ministério da Cultura, em 1993, e o Mambembão, concedido pelo Ministério da Cultura também de 1993.



O MACULELÊ *é uma das manifestações da cultura baiana*

DIÁRIO POPULAR - SÃO PAULO

SETEMBRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 353 29/04/10 02:44

Balé

Balé da Bahia dança 'Rapsódia Nordestina'

Grupo folclórico faz apresentação única no Sesc



A coreografia foi criada para as comemorações dos 500 anos do Descobrimento..



... e fala sobre as tradições populares não só da Bahia. mas de todo o Nordeste

A TRIBUNA - SÃO PAULO
SETEMBRO 2001

Da Reportagem

Uma verdadeira celebração da herança afro-brasileira. É o Balé Folclórico da Bahia que faz temporada permanente no Pelourinho e mostra o novo espetáculo do grupo, *Rapsódia Nordestina*, hoje, a partir das 21 horas, no Teatro do Sesc.

Uma das mais conceituadas companhias de dança do País, o balé apresenta as tradições populares não só da Bahia, mas de todo o Nordeste, já que em suas pesquisas descobriu vários paralelos entre o seu folclore e as manifestações de outros estados.

Por causa da presença marcante da cultura africana na baiana, o balé foi buscar em estados como o Maranhão, Pernambuco e Paraíba as festas com mais forte traço português e índio, para tentar desenhar um mapa mais amplo e diversificado da cultura popular do Nordeste.

Nas pesquisas, o grupo descobriu os paralelos entre manifestações de outros estados e festejos do interior baiano.

Criado como parte das comemorações dos 500 anos do Brasil, *Rapsódia Nordestina* é composto por oito quadros (- Boi-Bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu Rural, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Afixerê.

No palco estão reunidos mais de 30 artistas, entre bailarinos e músicos, mostrando a a riqueza das festas e danças populares.

O balé já realizou turnês nas maiores casas de espetáculos do mundo, e, além da temporada permanente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, em Salvador, tem apresentações agendadas na Capital, Curitiba e Brasília.

Criado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis, o balé começou sem nenhum apoio, fazendo seus próprios figurinos, cenários e adereços de cena.

A estréia do balé foi no Festival de Joinville com o espetáculo *Bahia de Todos os Santos*, com o qual começou sua carreira internacional em 92, em Berlim. Desde então, as turnês internacionais se sucedem com sucesso.

Em 94 apresentaram o tema *Mama África* e, em 96, o tema foi o Brasil na Bienal de Dança de Lyon, na França. A repercussão foi tão positiva que surgiram mais convites para espetáculos nos Estados Unidos, França, Canadá, Suíça, Alemanha, Portugal, Finlândia, Suécia, Dinamarca, entre vários outros.

A companhia já recebeu os prêmios Fiat, como a melhor companhia de dança do País em 90, Prêmio Estímulo do Ministéri da Cultura em 93 e o Mabembão do Ministério da Cultura como a melhor pesquisa em cultura popular e melhor preparação técnica de elenco do País em 96.

O teatro fica na Rua Conselheiro Ribas, 136, tel. 3227-5959. Ingressos custam R$ 10,00 (trabalhadores no comércio e serviços, estudantes e pessoas com mais de 65 anos) e R$ 20,00 (para o público em geral).

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 354 29/04/10 02:44

O ESTADO DE SÃO PAULO - SÃO PAULO
SETEMBRO 2001

FIM DE SEMANA

Balé Folclórico da Bahia apresenta-se em São Paulo

Grupo exibe, no domingo, no Teatro Municipal, o trabalho 'Rapsódia Nordestina', uma exaltação à importante influência africana na cultura brasileira

KARLA DUNDER

O Balé Folclórico da Bahia é uma das poucas companhias que tem agenda programada para daqui a cinco anos, com turnês internacionais. Em Salvador, atrai turistas todas as semanas ao Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, em temporada permanente. Agora pretende lotar o Teatro Municipal de São Paulo com a coreografia *Rapsódia Nordestina*, que estréia no domingo.

Essa coreografia foi criada em virtude das comemorações dos 500 anos de Brasil. Para dar início ao trabalho, foi realizada uma pesquisa baseada nas danças e costumes de cada Estado nordestino. "Após um vasto levantamento de dados e tradições, descobrimos que há danças parecidas em outras regiões como aquelas que já conhecíamos na Bahia. Pudemos traçar um paralelo entre elas como o maracatu rural, típico em Pernambuco, com o baiano maracatu de caboclos", observa o diretor artístico Walson Botelho, conhecido como Vavá.

ELES PASSARAM PELOS MELHORES PALCOS DE TODO O MUNDO

A peça é dividida em oito etapas, cada uma referente a um estilo de dança: boi-bumbá, xaxado, ginga, maracatu rural, maculelê, samba de roda, capoeira e afixirê. "Resolvemos dividir a coreografia dessa forma para evidenciar a influência africana na nossa cultura. Já conhecíamos esses traços na dança baiana, agora mostraremos sua presença em todo o Nordeste", diz.

"Em todos os nossos trabalhos procuramos celebrar a herença afro", avalia. Esse foi o mote para a fundação da companhia. Em 1988, Walson Botelho e Ninho Reis resolveram reunir artistas que expressassem toda a riqueza do folclore baiano. No início, a casa de um dos fundadores foi transformada em sala de ensaio e o centro para organizar todos os eventos, até mesmo confeccionar figurinos e cenário.

O grupo arriscou: fundiu a capoeira e a dança afro, buscando uma maneira alternativa para expressar as manifestações regionais, tornando-as agradáveis ao público que as desconhece. "Criamos um estilo comprometido com a arte, ao mesmo tempo que é vendável", explica Vavá. Para ele uma companhia precisa ter essa característica. "Vivemos em um mundo em que precisamos vender os nossos espetáculos, atrair platéia", comenta.

A fórmula deu certo. O grupo tornou-se mais conhecido no exterior que no Brasil. Considerado pela crítica Anna Kisselgolf, do jornal *The New York Times*, como uma das mais importantes companhias de dança negra do mundo, o balé participou da abertura dos Jogos Olímpicos de Sydney, na Austrália. Na França, a homenagem veio no Festival Mundial do Folclore e um convite de Guy Damert para marcar presença na Bienal de Lyon.

"Infelizmente posso dizer que já dançamos nos melhores palcos do mundo, mas aqui não temos espaço, principalmente pela falta de patrocínio", reclama Vavá. "Falta às empresas a iniciativa de apoiar uma companhia nacional que pode levar uma marca a percorrer todo o mundo."

O Balé Folclórico da Bahia mantém um segundo elenco em atividade permanente no Teatro Miguel Santana, no bairro do Pelourinho, centro histórico de Salvador, com apresentações de segunda a sábado, enquanto os 32 bailarinos viajam sem parar. A companhia também desenvolve um projeto de cunho social. "Levamos a dança para 200 crianças e adolescentes de classes sociais desfavorecidas e algumas poderão integrar o elenco do BFB."

SERVIÇO

Balé Folclórico da Bahia. *Domingo, às 18 horas. De R$ 15,00 a R$ 60,00. **Teatro Municipal.** Praça Ramos de Azevedo, s/n.°, tel. 222-8698*



Companhia convive com contradições

Diretor sente-se incompreendido pelos brasileiros que não apoiam seu projeto

HELENA KATZ
Especial

O Balé Folclórico da Bahia traz uma questão difícil que precisa ser enfrentada e que pode ser anunciada assim: qual a quantidade certa de penas importadas, troncos nus e beleza como mercadoria que cabe numa proposta de pesquisa que escape ao carimbo pejorativo de "macumba pra turista"? Parece haver uma contradição de fundo entre a proposta de fazer um trabalho honesto, nesta área na qual a companhia se inscreve, e, ao mesmo tempo, ser uma superprodução com características de show de hotel cinco-estrelas.

Há dez anos isso atormenta Walson Botelho, seu diretor e fundador, que se sente injustamente incompreendido por nós, que moramos e trabalhamos no Brasil, uma vez que, no exterior, a companhia lota teatros enormes e tem agenda lotada até 2004. Como aceitar que os de fora reconheçam como excepcional aquilo que os próximos não são sequer capazes de identificar, uma vez que nem têm contato com a companhia, pois ela simplesmente quase não dança no Brasil? Por que os de casa não se orgulham e não consagram uma companhia que os representa com tanto sucesso pelo mundo, e que faz parte do seleto grupo dos produtos brasileiros que deram certo fora do Brasil?

PROJETO SOCIAL FAVORECE 200 JOVENS

Entre a bem articulada queixa de Vavá, apelido pelo qual Botelho tornou-se artisticamente reconhecido, e as explicações acadêmicas para a questão que ele propõe, o que se apresenta é uma sólida companhia de ótimos dançarinos que enfrenta a necessidade de não ser confundida com a exploração comercial mais rasteira dos materiais folclóricos.

Há 13 anos ele decidiu implantar um caminho próprio, misturando o que havia aprendido na Faculdade de Antropologia e no grupo Viva Bahia. Jogou fora a pobreza das produções e investiu pesado na formação técnica, no acabamento dos espetáculos, e na pesquisa. Criou um grupo que permanece o ano inteiro, todas a noites, se apresentando no Pelourinho, esse sim, admitido por ele como o braço mais comercial do seu projeto, que não conta com patrocínio até hoje, sobrevivendo apenas dos seus espetáculos. Passou a dar formação para cerca de 200 crianças e adolescentes. Ou seja, de seu próprio trabalho artístico na companhia nasceu uma ação social, que, inclusive, começa no próprio elenco, que vem das camadas economicamente mais desfavorecidas. Profissionalizar-se no Balé Folclórico significa ganhar também a oportunidade de aprender inglês e francês, tornar-se professor, viajar e conviver com outras culturas.

Curiosamente, as doses de energia, sensualidade e beleza que convertem estrangeiros em fãs são as mesmas que nos colocam em estado de suspeição. O ponto central aqui está na questão da distância. O historiador Carlo Ginzburg diz que não é possível contar a história da civilização européia sem contar a história dos seus contatos com outras civilizações. E que o significado dos acontecimentos está na distância entre eles e as várias formas de vê-los. No caso do Balé Folclórico da Bahia, é uma compreensão mais clara disso que se dá, tanto do lado deles, quanto do nosso.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 355 29/04/10 02:45

O IMPARCIAL - SÃO PAULO

SETEMBRO 2001

Balé da Bahia se apresenta em SP

Karla Dunder

O Balé Folclórico da Bahia é uma das poucas companhias que tem agenda programada para daqui a cinco anos, com turnês internacionais. Em Salvador, atrai turistas todas as semanas ao Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, em temporada permanente. Agora pretende lotar o Teatro Municipal de São Paulo com a coreografia "Rapsódia Nordestina", que estréia no domingo.

Essa coreografia foi criada em virtude das comemorações dos 500 anos de Brasil. Para dar início ao trabalho, foi realizada uma pesquisa baseada nas danças e costumes de cada Estado nordestino. "Após um vasto levantamento de dados e tradições, descobrimos que há danças parecidas em outras regiões como aquelas que já conhecíamos na Bahia. Pudemos traçar um paralelo entre elas como o maracatu rural, típico em Pernambuco, com o baiano maracatu de caboclos", observa o diretor artístico Walson Botelho, conhecido como Vavá.

A peça é dividida em oito etapas, cada uma referente a um estilo de dança: boi-bumbá, xaxado, ginga, maracatu rural, maculelê, samba de roda, capoeira e afixirê. "Resolvemos dividir a coreografia dessa forma para evidenciar a influência africana na nossa cultura. Já conhecíamos esses traços na dança baiana, agora mostraremos sua presença em todo o Nordeste", diz.

"Em todos os nossos trabalhos procuramos celebrar a herança afro", avalia. Esse foi o mote para a fundação da companhia. Em 1988, Walson Botelho e Ninho Reis resolveram reunir artistas que expressassem toda a riqueza do folclore baiano.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

Balé Folclórico vive há 13 anos sem patrocínio



Espetáculos são repletos de energia, sensualidade e beleza: celebração à cultura africana e regional



Maru Dias/AE

Mais conhecido no exterior que no Brasil, grupo atingiu porte de grande companhia e pretende realizar turnês por todos os Estados, o que exige patrocínio

Companhia baiana faz turnês pelo exterior e favorece 200 crianças carentes de Salvador

KARLA DUNDER

O Balé Folclórico da Bahia vive uma situação no mínimo inusitada: pouco espaço para apresentações no Brasil e agenda lotada no exterior até 2004. A partir de março, a companhia coloca o pé na estrada para fazer três turnês por países da Europa e dos Estados Unidos. Fundado há 13 anos, atualmente o Balé está dividido em dois grupos – um para turnês mundiais e outro fixo para espetáculos, há oito anos em cartaz no Teatro Miguel Santana – e possui uma forte ação social que abriga 200 crianças carentes do Pelourinho. O mais interessante é que a realização desses projetos ocorre sem patrocínio.

Além dessas atividades, o Balé pretende ampliar sua atuação no Brasil. "Gostaríamos de fazer turnês percorrendo vários Estados; somos mais conhecidos no exterior do que aqui", diz o diretor da companhia Walson Botelho, carinhosamente apelidado de Vavá. Por falta de verbas, a companhia faz poucos espetáculos no País. Em 2002, conseguiu mostrar a coreografia *Rapsódia Nordestina* com o apoio da empresa canadense Nortel. "Ainda não sabemos se teremos esse apoio neste ano; de qualquer maneira, precisamos de um patrocínio para a manutenção da companhia e, para isso, já foram elaborados projetos para dar entrada nas leis de incentivo", afirma.

Com apoio financeiro, Vavá pretende investir na publicação de um livro de fotografia sobre dança folclórica e popular. Segundo o diretor, a intenção é reunir em um volume material de pesquisa colhido desde 1998. "A proposta do livro não é de realizar um simples registro. Reunimos material histórico com gravuras de estilos de dança regional que foram extintas, além de levar ao leitor um olhar antropológico sobre a dança folclórica e de rua", observa. Também está nos planos da companhia lançar um CD com músicas que fazem parte das apresentações.

Para este ano, fora as três turnês, os artistas vão investir na renovação do repertório – estão programadas duas novas coreografias para reforçar os espetáculos. "Conquistamos o porte de uma grande companhia, precisamos exibir peças novas a cada ano. A questão é que temos poucos recursos para isso." Vavá conta que a verba disponível é adquirida durante as turnês internacionais e de um apoio dado pela Secretaria de Estado da Cultura da Bahia, insuficiente, um apoio à Companhia 2, que faz shows e atrai uma série de turistas para o Pelourinho.

Cultura e Patrocínio

ESTADÃO cultura

Segundo Vavá, manter uma companhia de dança folclórica não é barato. "Não podemos simplesmente criar, temos de fazer uma pesquisa séria, levantar dados, o que demanda tempo. As coreografias são caras por utilizarmos um figurino elaborado e música ao vivo", explica. Para o diretor do Balé, a vantagem do patrocinador é ter seu nome agregado a uma companhia festejada internacionalmente.

Os espetáculos são recheados com boa dose de energia, vigor, sensualidade e beleza. "Em todos os nossos trabalhos procuramos celebrar a cultura africana e, por meio da dança, expressamos manifestações regionais, tornando-as agradáveis ao público", avalia. "É um estilo comprometido com a arte, ao mesmo tempo que é vendável – uma companhia precisa conquistar platéias."

Grupo – Há 13 anos, Vavá decidiu utilizar o que aprendeu na Faculdade de Antropologia com o grupo Viva Bahia. Misturou a dança afro com a capoeira, investiu pesado na produção, na capacitação técnica de bailarinos e passou para a ação social oferecendo formação gratuita em dança para crianças carentes da região.

Bailarinos profissionais ensinam, voluntariamente, crianças de 5 anos até adolescentes de 14 anos técnicas de diversos estilos de dança – do clássico ao afro. O projeto social tem dado resultados. "Alguns meninos já estão na Companhia 2 e outros, que já passaram dessa para a principal, em breve estarão participando de viagens pelo exterior. Só oferecemos as aulas, se conquistarmos uma parceria, poderemos dar benefícios, como vale-transporte e lanche." Mais informações sobre o Balé pelo telefone: 0--71 322-1962.

O ESTADO DE SÃO PAULO - SÃO PAULO
JANEIRO 2002

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 357 29/04/10 02:45

BOOK 20 ANOS BFB.indd 358 29/04/10 02:45

BAHIA

A TARDE

BAHIA HOJE

CENÁRIO

CORREIO DA BAHIA

FEIRA HOJE

JORNAL DA BAHIA

METRÓPOLIS

TRIBUNA DA BAHIA

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 359 29/04/10 02:45

A TARDE

A TARDE — SEXTA-FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1988



Foto: Isabel Gouvêa

Balé Folclórico da Bahia: lançamento nacional

Um balé com todas as cores da Bahia

Uma nova companhia promete instalar-se definitivamente no cenário da dança brasileira. É o Balé Folclórico da Bahia, dirigido por Walson Botelho e Ninho Reis, que será lançado nacionalmente no próximo domingo, às 20 horas, no Salão Aratu do Hotel Meridien, com a apresentação do espetáculo "Bahia de Todas as Cores". Composto por 26 dançarinos e músicos, o BFB funcionou durante cinco anos como um grupo de danças populares, sem a estrutura de uma companhia profissional. Os seus dois diretores integraram o grupo *Viva Bahia* e realizaram algumas *tournées* no exterior. "O Balé Folclórico pretende resgatar os valores tradicionais da cultura baiana, sem abusar das caricaturas. Vamos funcionar como uma companhia profissional, fazendo apresentações em teatros de qualidade", afirma Walson Botelho.

Desde o segundo semestre do ano passado, os seus bailarinos começaram um trabalho de orientação acadêmica da dança. A maioria deles participava de grupos folclóricos ou jogava capoeira, mas tinha poucas informações teóricas. Seis professores foram convidados para dar aulas à companhia: Lia Robatto, Neuza Saad, Rosângela Silvestre e Zebrinha, todos da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, e Carlos Moraes e Augusto Omolu, do Balé Teatro Castro Alves. O BFB também terá aulas de teatro, ministradas pelo diretor artístico do TCA, Luiz Marfuz. Nos seus planos está a remontagem do espetáculo "Frutos Tropicais" para apresentação no Sul do Brasil e no exterior — Venezuela, Espanha e Estados Unidos. Os contatos para as *tournées* já estão sendo feitos.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

Direção e coreografias: Walson Botelho e Ninho Reis; assistentes de direção: Terezinha Barbosa e Ruth Dantas; assistente de coreografia: Ivon Pires.

A TARDE
AGOSTO 1988

TRIBUNA DA BAHIA



Procura-se bailarinos

Era uma vez um diretor musical que resolveu fundar uma companhia de dança, arrumou um sócio, conseguiu assegurar um espaço para ensaios e abriu inscrições a **gregos e troianos** para selecionar bailarinos que tivessem a garra dos profissionais, sem os vícios dos veteranos. Gente de todas as partes atenderam ao chamado, cerca de 200 pessoas com muita e nenhuma experiência. Testes e mais testes foram feitos até que sobraram 26. Estava formada a companhia **Balé Folclórico da Bahia**, a ser lançada oficialmente no próximo dia 7.

Apesar da estória ser muito parecida ao roteiro do filme-seriado "Fama" ou do antológico "All That Jazz", de Bob Fosse, aconteceu na Bahia, é claro, em agosto do ano passado. O diretor Walson Botelho e o amigo de antigos trabalhos, Ninho Reis, resolveram dar um basta no clientelismo dos grupos folclóricos baianos, que surgiram em profusão, mas sem nenhum caráter profissional ou direcionamento de mercado. Não raro, a **"queimação"**, como ele define, desmoralizou os trabalhos sérios.

Em outras palavras, se um empresário pagasse mais, um grupo poderia marcar uma apresentação e simplesmente deixar o concorrente a ver navios na última hora. Os problemas com os cachês e a qualidade dos espetáculos também se repetia cada vez mais corriqueiramente. "O que havia, na verdade, era a falta de diretores profissionais para liderar esses grupos e atuar com o mínimo de ética. Nossa companhia pretende formar esses profissionais e ainda montar espetáculos para grandes espaços e públicos", diz Walson.

O lançamento do Balé Folclórico da Bahia será no Hotel Meridien, num coquetel com as presenças de embaixadores de países africanos, representantes de órgãos federais, estaduais e municipais e grandes empresários do setor turístico e hoteleiro", comenta. É que a companhia fez trabalho de base muito cuidadoso e entrou com pé direito na apresentação especial que fez no festival de dança de Joinville, em julho, e que se transformou numa miniturnê por cidades e estados do Sul do País.

CHEGANÇA

Entre os 26 bailarinos, alguns chegaram sem nenhuma teoria ou técnica, mas com a indiscutível vocação para a dança de ritmos africanos. "A musicalidade do baiano agiu outra vez", entusiasma-se Walson. Dos poucos **experts** que formam a companhia, dois amadores são os solistas de destaque hoje — Eduardo Oliveira e Ivon Pires (também assistente de coreografia). Maculelê, samba de roda, festas do candomblé, capoeira, puxada-de-rede e outras manifestações afro-brasileiras formam o repertório da companhia, que subsiste com recursos próprios, mas almeja ser "adotada" pelo Estado.

"Sonhos que a gente tem, por sermos ligados à religião e por termos feito viagens a países africanos com o grupo Viva Bahia e o Ninho com o "Frutos Tropicais"(1981) que com 16 bailarinos escandalizou o país inteiro a ponto do coreógrafo Alvin Ailley, diretor de uma das mais famosas companhias de dança de Nova Iorque, que esteve aqui entre 81 e 82, ficar alucinado e querer levar o grupo inteiro para excursionar lá fora.

O espetáculo de estréia do balé é "Bahia de Todas as Cores", que junto com a remontagem de "Frutos Tropicais" vai compor a primeira excursão da companhia, já contratada pelo Ministério da Cultura venezuelano, desde sua apresentação em Joinville. "A gente quer se soltar da estrutura estadual e ganhar caráter nacional", garante Walson, mas isso fica para depois, para ser conseguido a longo prazo.

TRIBUNA DA BAHIA
AGOSTO 1988

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 360 29/04/10 02:45

JORNAL DA BAHIA
AGOSTO 1988

JORNAL DA BAHIA



Será oficialmente lançado no domingo, o Balé Folclórico da Bahia, durante um coquetel no Hotel Méridien. O grupo que fez muito sucesso no Festival de Joinville e já tem apresentações marcadas no exterior para ainda este ano é dirigido por Walson Botelho e Ninho Reis e conta com a participação de vinte e sete bailarinos. No flash, um momento de Ninho no palco, flagrado por Isabel Gouveia.

Salvador, Sexta Feira, 5 de Agosto de 1988

TRIBUNA DA BAHIA
AGOSTO 1988

TRIBUNA DA BAHIA



Domingo, 7 de Agosto de 1988

Balé folclórico da Bahia: destaque

Lançado hoje (foto Isabel Gouvea), nacionalmente, a apresentação do espetáculo "Bahia de Todas as Cores", do Balé Folclórico da Bahia, composto de 26 integrantes, entre dançarinos e músicos, que funcionou durante cinco anos como grupo de danças populares e, com esta noite passa a ser a primeira companhia profissional folclórica no país. Dirigido por Wilson Botelho e Ninho Reis, ambos ex-integrantes do Grupo VIVA BAHIA. Após o lançamento, a Cia., começará a montagem do nova trabalho, certamete FRUTOS TROPICAIS e em seguida **tournée**...Rio, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (Brasil), Espanha (Palma de Maiorca), Venezuela, New York. Às 20 horas no Salão Aratu do Hotel Meridien, com coquetel.

CORREIO DA BAHIA
AGOSTO 1988

Correio da Bahia

Salvador, sábado, 06 de agosto de 1988

As cores da Bahia no Balé

Apesar de já ter sido visto pela platéia do VI Festival de Dança de Joinville, o **Balé Folclórico da Bahia** faz seu lançamento oficial às 20 horas deste domingo, no Salão Aratú do Le Meridièn. No programa, a apresentação da coreografia Bahia de Todas as Cores e um coquetel.



O Balé Folclórico tem 26 integrantes, entre músicos e dançarinos, e é dirigido por Walson Botelho e Ninho Reis (que também assinam essa coreografia), ex-integrantes do extinto Viva Bahia. O lançamento é em grande estilo, tendo como convidados embaixadores de países africanos no Brasil, jornalistas do eixo Rio/SP e demais estados, empresários hoteleiros e de turismo. Nos planos, a remontagem do espetáculo Frutos Tropicais para excursão nacional e, a seguir, à Venezuela, Espanha e Estados Unidos.

Os músicos são: Evilásio Manuel, Heronildo Rodrigues, Jorge Paim.

Dançarinos: Ediraildes Ataíde, Edileuza dos Santos, Eroh Muniz, Maria Conceição Santos, Rita Nobre, Rose Soares, Djalma Fernandes, Domingos Moreira, Edson Reis, Eduardo Oliveira, Fernando Pereira, Gilson Lago, Hermano Mertem, Ivon Pires, Luciano Santana, Marivaldo Pereira, Ninho Reis, Telmo Conceição e Veli de Assis.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Artes cênicas

Balé folclórico brilhou

O NOVO BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA — Pela apresentação de estréia, domingo último, no Hotel Meridien, o grupo terá uma escala enorme de sucessos, dentro e fora do país. Uma apresentação muito profissional, limpa e cheia de beleza. O Balé Folclórico da Bahia tem vinte e seis componentes entre dançarinos e músicos e direção de Walson Botelho e Ninho Reis (foto) ex-integrante do Grupo Viva Bahia.

¤¤¤



TRIBUNA DA BAHIA

AGOSTO 1988

Artes & Espetáculos



Memória Viva

É bom saber que em nossa querida Bahia ainda existem pessoas preocupadas com a "memória cultural". Quem assistiu ao belo espetáculo "Bahia de Todas as Cores" - semana passada no Hotel Meridien pôde comprovar isso. Trabalho criativo, inovador e de muito pique do Balé Folclórico da Bahia, dirigido por Walson Botelho e Ninho Reis. Vamos esperar que a coisa se frutifique, não se debandando como tantos outros grupos surgidos em "nossa Bahia de Todos os Santos"... (Jacques de Beauvoir).

JORNAL DA BAHIA

AGOSTO 1988



O Balé Folclórico da Bahia será mostrado em vídeo no Espaço Xis

A arte de fazer afro

Quem deixou de assistir, no começo deste mês, ao lançamento nacional do Balé Folclórico da Bahia, no Hotel Méridien, é só esperar até o dia 14 de setembro, quando o espetáculo voltará a ser apresentado, às 21 horas, no Teatro Castro Alves. Antes, porém, mais precisamente nesta quarta-feira, às 18 horas, na Sala 1 do Teatro Castro Alves, os diretores Walson Botelho e Ninho Reis vão fazer uma exposição sobre a montagem, dentro do projeto A Dança Popular Regional e Afro, como parte das comemorações da Semana do Folclore. No dia seguinte, quinta-feira, os professores King, Rosângela e Edleuza darão uma aula pública no Espaço Xis da Fundação Cultural. Depois da aula, haverá projeção de vídeo do espetáculo que o Balé Folclórico da Bahia apresentou, no mês passado, no VI Festival de Dança de Joinville.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS



A TARDE

SALVADOR – BAHIA, QUARTA-FEIRA, 17 DE AGOSTO DE 1988

Folclore

Magia, arte e cultura de um povo

Agosto é o mês do folclore, uma atividade plural na Bahia, cuja diversidade a coloca numa posição privilegiada em todo o País. É a força de manifestações incrivelmente enraizadas na cultura de nosso povo que, inevitavelmente, passaram a exercer um fascínio muito grande nos turistas. E tudo isto a despeito do progresso que tem contribuído, ao longo dos anos, para a extinção ou descaracterização de muitas dessas tradições populares. Nesta terra de todos os santos e magias, por exemplo, algumas manifestações ainda conseguem manter, na medida do possível, a autenticidade de suas origens. Entre as mais famosas estão a *capoeira,* o *candomblé,* o *samba-de-roda,* a *puxada-de-rede* e o *maculelê,* que sempre estão presentes em todos os shows folclóricos apresentados em Salvador — e fora dela — onde existem atualmente pelo menos cinco casas noturnas oferecendo esse tipo de atração aos visitantes. Com alguns eventos programados para este mês, o folclore (palavra de origem inglesa que significa "folk" — povo e "lore" — ciência) será alvo de estudos e debates em Salvador. Estudiosos estarão participando de um curso na Academia de Letras da Bahia, e haverá a Semana do Folclore, organizada pelo Teatro Castro Alves. Na abertura do evento, a presença do Balé Folclórico da Bahia, talvez o único grupo de dança do País que trabalha a partir de elementos genuinamente coletados na tradição popular (Págs. 2 e 3).

BOOK 20 ANOS BFB.indd 363 29/04/10 02:45

JORNAL DA BAHIA
SETEMBRO 1988

TRIBUNA DA BAHIA, 12 de setembro de 1988

ACONTECE

Balé Folclórico no TCA

O folclore também está presente no "Mês da Dança" do Teatro Castro Alves. O destaque do Palco Principal no próximo dia 14 de setembro às 21h15min é o Balé Folclórico da Bahia, única companhia profissional de dança folclórica do país. Com 26 integrantes, entre músicos e dançarinos, a Companhia mostra pela primeira vez ao público de Salvador o espetáculo "Bahia de Todas as Cores", coreografia dos seus diretores, Walson Botelho e Ninho Reis. Envolvidos com a dança folclórica desde os tempos do "Viva Bahia", grupo pioneiro da coreógrafa Emília Biancardi Ferreira, eles agora dão o passo decisivo, ganhando status de companhia e aplicando no grupo os resultados das suas experiências.

O espetáculo que apresenta a nova companhia aos baianos procura retratar, em estado puro, algumas manifestações folclóricas importantes no estado. O candomblé, religião de origem africana que tem como elementos principais a música e a dança, é uma referência importante neste "Bahia de todas as cores". São ao todo oito temas: "Ritual de Purificação", "Pantheon dos Orixás", "Puxada de 'Rede", "Xangô", "Maculelê", "Samba-de-Roda", "Capoeira" e "Dança de Origem", este último especialmente coreografado por Augusto Omulu.

PROFISSIONALISMO

Para Walson Botelho, diretor geral da companhia, o Balé Folclórico da Bahia tem o compromisso de "resgatar com dignidade as manifestações populares do Estado, que acabam se tornando caricaturais nas mãos de pessoas sem nenhuma preparação". O elenco, composto de dançarinos com larga vivência em dança folclórica, recebe instruções de profissionais como Neusa Saade, professora de Folclore da Universidade Federal da Bahia, e os dançarinos Rosângela Silvestre (também professora nas Escolas de Dança do Teatro Castro Alves e da UFBa), Augusto Omulu e Zebrinha.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A TARDE

Balé Folclórico traz de volta "Todas as Cores"

Depois do lançamento oficial, no último mês, no Hotel Méridien, o Balé Folclórico da Bahia promete repetir a bela apresentação de *Bahia de Todas as Cores*, desta vez no Teatro Castro Alves, hoje, às 21h15min, dentro do Mês da Dança, que já trouxe à Bahia o Balé Beriozka, da Rússia, e o *Tanztheater*, da Alemanha. O que chama a atenção no BFB é a preocupação com o aperfeiçoamento técnico dos dançarinos (24, a maioria proveniente de outros grupos folclóricos) e com a plástica do espetáculo: figurino, iluminação e cenário bem-cuidados.

Na apresentação do Méridien (a mesma que recebeu calorosos aplausos no Festival de Dança de Joinville, no Teatro do Sesc, em Santos, e no Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, na turnê que a companhia fez em julho), o ponto alto foi a coreografia final, de autoria de Augusto Omolu, do Balé do TCA. *Dança de Origem*, uma obra forte e sensual, faz uma retrospectiva da cultura africana na Bahia. Todo o elenco participa, em entradas rápidas, e perfeitamente sincronizadas, no palco, num ritmo rápido, alucinado e contagiante. Outra *alucinação* do BFB é colocar, na *Dança do Fogo*, realizada por Xangó, as labaredas (ao vivo) no palco. Parece que estamos frente a um *clip* de fantasia, mas é real.

O espetáculo tem ainda o *Ritual de Purificação* — as oferendas feitas aos deuses, através de cânticos, para afastar os maus espíritos — o *Pantheon dos Orixás* —, a procissão dos médiuns já incorporados pelas divindades africanas, como Ossain, Ogun, Oxum, Omolu, Iansã e Oxalá — a puxada de rede, maculelê, samba-de-roda e capoeira. Todos os rituais que caracterizam a influência africana na Bahia. "Queremos contribuir para o desenvolvimento da dança brasileira, enfatizando os valores regionais e apresentando os elementos mais identificados com a cultura baiana", afirma Walson Botelho, diretor da companhia.

(Ana Teresa Baptista)

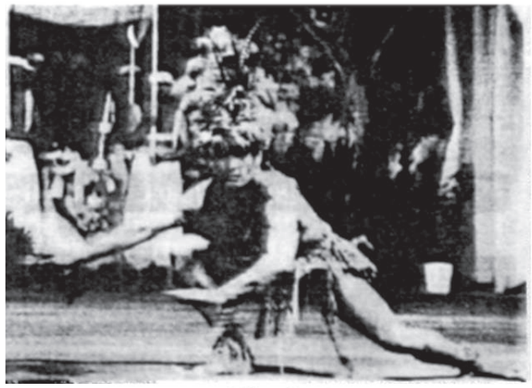


A TARDE
SETEMBRO 1988

JORNAL DA BAHIA
SETEMBRO 1988

JORNAL DA BAHIA

SALVADOR, QUARTA-FEIRA, 14 DE SETEMBRO DE 1988



Folclore colorido

O "Mês da Dança" do Teatro Castro Alves tem como atração, hoje, às 21h15min. a apresentação do Balé Folclórico da Bahia, única companhia profissional de dança folclórica do país. O espetáculo, com 26 integrantes, entre músicos e dançarinos, chama-se "Bahia de Todas as Cores", com coreografia de Walson Botelho e Ninho Reis. O trabalho procura retratar algumas manifestações folclóricas da Bahia, mostrando o Candomblé como uma das principais referências. "Bahia de Todas as Cores", tem oito temas: "Ritual de Purificação, "Pantheon dos Orixás", "Puxada de Rede", "Xangô", "Maculelê", "Samba de Roda", "Capoeira" e "Dança de Origem", sendo que este foi coreografado por Augusto Omolu.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 364 29/04/10 02:45

Correio da Bahia Salvador, quarta-feira, 14 de setembro de 1988

Balé Folclórico mostra todas as cores da Bahia

O folclore também está presente no mês da Dança do Teatro Castro Alves. O destaque do Palco Principal, hoje às 21h15min é o Balé Folclórico da Bahia, única companhia profissional de dança folclórica do país. Com 26 integrantes, entre músicos e dançarinos, a Companhia mostra pela primeira vez ao público de Salvador o espetáculo **Bahia de Todas as Cores**, coreografia dos seus diretores, Walson Botelho e Ninho Reis. Envolvidos com a dança folclórica desde os tempos do **Viva Bahia**, grupo pioneiro da coreógrafa Emília Biancardi Ferreira, eles agora dão o passo decisivo, ganhando status de companhia e aplicando no grupo os resultados das suas experiências.

O espetáculo que apresenta a nova companhia aos baianos procura retratar, em estado puro, algumas manifestações folclóricas importantes no estado. O candomblé, religião de origem africana que tem como elementos principais a música e a dança, é uma referência importante neste **Bahia de Todas as Cores**. São ao todo oito temas: **Ritual de Purificação, Pantheon dos Orixás, Puxada de Rede, Xangô, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Dança de Origem**, este último especialmente coreografado por Augusto Omolú.

PROFISSIONALISMO — Para Walson Botelho, diretor geral da Compania, O Balé Folclórico da Bahia tem o compromisso de "resgatar com dignidade as manifestações populares do Estado, que acabam se tornando caricaturais nas mãos de pessoas sem nenhuma preparação". O elenco, composto de dançarinos com larga vivência em dança folclórica, recebe instruções de profissionais como Neusa Saade, professora de Folclore da Universidade Federal da Bahia; e os dançarinos Rosângela Silvestre (também professora nas Escolas de Dança do Teatro Castro Alves e da UFBa), Augusto Omolu e Zebrinha.

Criado em 1985 como Grupo Folclórico da Bahia, o Balé funciona desde o ano passado com espaço e instalações próprias, já uma estrutura profissional. Há um ano vem percorrendo o circuito fechado dos hotéis e conferências já tendo participado também dos festivais de dança de Santos, Joinville e Florianópolis, como convidado especial.

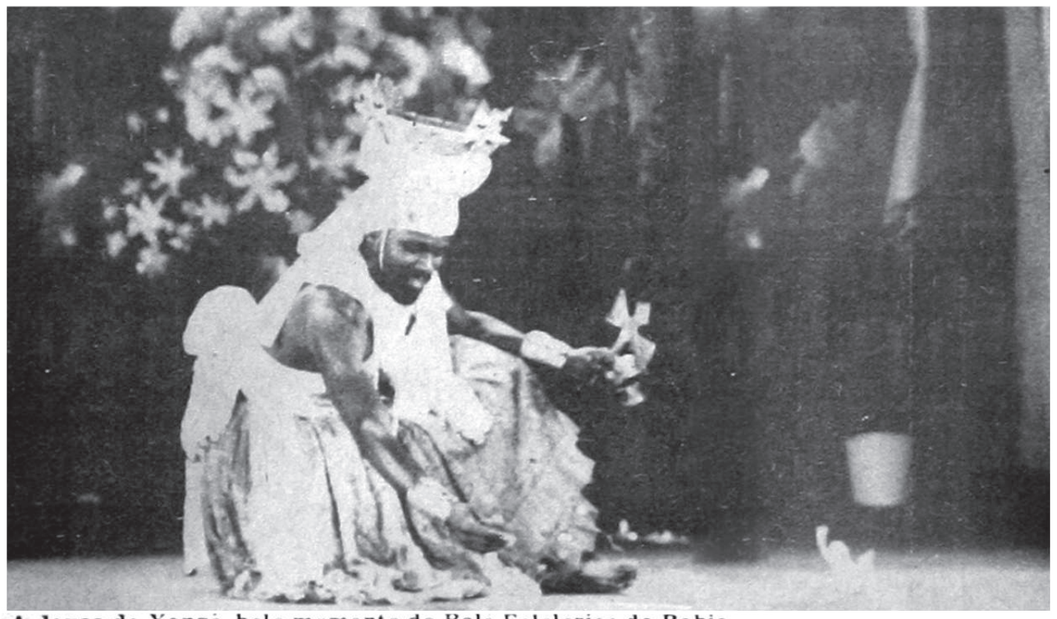
Depois desta apresentação no Teatro Castro Alves, eles dancam no Centro de Convencões, partindo para uma turnê pelo Nordeste e para outros países, como Espanha, Estados Unidos e Venezuela.

Com 26 integrantes, a decisão de transformarem-se em companhia surgiu, conforme Botelho, "pela questão do profissionalismo. Como companhia temos mais chance de mostrar um trabalho melhor". Os bailarinos são na totalidade capoeiristas do candomblé. "É um pessoal que não precisamos ensinar nada, apenas fornecer a estrutura coreográfica. Tudo o que se vê nas ruas de Salvador, se vê no trabalho do Balé Folclórico da Bahia, com uma diferença: a lapidação nos espetáculos".

PRESTIGIO — O espetáculo que apresentam hoje, Bahia de Todas as Cores, tem sua estréia em Salvador, conforme explicou Botelho. Como em todas as áreas artísticas o folclore é uma arte marginalizada, salientou. "As pessoas que trabalham não têm formação acadêmica e na maioria das vezes não tem formação cultural e tampouco social. Por isso marginalizam o nosso trabalho".

Um considerável prestígio nacional e internacional cerca este grupo, refletido na resposta do público e da crítica especializada. O aprimoramento técnico-interpretativo de seus profissionais, segundo os diretores e bailarinos, "deve-se ao fato de a Bahia ser a região do Brasil onde podemos encontrar as manifestações culturais populares do dia-a-dia do seu povo". É está a razão pela qual o Balé Folclórico da Bahia escolheu tais manifestações como tópico de suas pesquisas.

Os frutos e resultados deste trabalho são demonstrados através da dança, da música e de outros aspectos durante as apresentações, que já foram assistidas pelos mais diferentes tipos de público nacional e internacional "e que têm dado os maiores reconhecimentos, o que assegura a autenticidade das coreografias apresentadas".



A dança de Xangô, belo momento do Bale Folclorico da Bahia

Combinação de três correntes

O folclore e a cultura do Brasil foram formados pela combinação de três correntes distintas:
— Européia: através da colonização portuguesa;
— Negra: pelos escravos africanos;
— Indígena: os nativos da terra.

O Balé Folclórico da Bahia procura retratar, no mais puro estado algumas das mais importantes manifestações do folclore baiano, incluindo alguns números do Candomblé, religião de origem africana, onde a dança e a música são os elementos principais.

RITUAL DE PURIFICAÇÃO: Consiste em "oferendas" feitas através de cânticos sagrados, rezas e objetos, com o objetivo de afugentar os maus espíritos do local.

PANTHEON DOS ORIXÁS: Procissão dos **Médiuns** já incorporados com as divindades africanas (orixá), onde cada qual, mostrará suas principais características através da dança:
OSSAIN — Deus das folhas e das ervas e raízes medicinais;
OGUN — Deus do ferro e da guerra;
OXUM — Deusa da beleza, da vaidade e da riqueza;
OMOLÚ — Deus das doenças e da morte;
IANSÃ — Deusa dos ventos e tempestades;
OXALÁ — Deus supremo do Candomblé, criador do universo.

PUXADA DE REDE: Manifestação popular onde as pessoas saem à noite para a pescaria, munidos de redes e cestos, e durante todo tempo cantam e dancam para Iemanjá, deusa do mar, rogando-lhe ums noite de paz e fartura.

DANCA DO FOGO: Realizada por Xangô, o Deus do fogo e dos trovões.

MACULELE: Dança dramatica que originou-se nas plantações de cana-de-açúcar da cidade de Santo Amaro, na Bahia, durante o período colonial. Era dançado pelos escravos em comemoração à boa colheita, mas era também utilizado como meio de defesa, por ser uma dança de golpes muito violentos.

SAMBA DE RODA: Forma mais primitiva e autêntica do samba brasileiro dos tempos atuais.

CAPOEIRA: Luta de origem africana trazida para o Brasil pelos escravos vindo de Angola, durante o período colonial.

SAMBÃO OU DANÇA DE ORIGEM: Grande final onde os dançarinos fazem uma retrospectiva da influência da cultura africana na Bahia, através de uma dança muito sensual e forte.

CORREIO DA BAHIA
SETEMBRO 1988

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 365 29/04/10 02:45

TRIBUNA DA BAHIA

SETEMBRO 1988

Curto-Circuito

Balé Folclórico

Logo mais às 21h15min., no Teatro Castro Alves, tem apresentação única do Balé Folclórico da Bahia com o belíssimo espetáculo "Bahia de Todas as Cores", dirigido e coreografado por Walson Botelho e Reis Ninho. A companhia, primeira e única de dança folclórica no país, mantém a preocupação da autenticidade dos valores do povo baiano e o respeito pelas suas mais caras tradições. Já com projeção nacional, o Balé Folclórico da Bahia tem tournée programada para Venezuela, Espanha e E.E.U.U. ainda este ano. Confira (Jacques de Beauvoir).

JORNAL DA BAHIA

OUTUBRO 1988



JORNAL DA BAHIA

Salvador, Quarta–Feira, 26 de Outubro de 1988

Balé Folclórico a mil

O Balé Folclórico da Bahia estará se apresentando, no próximo dia 28, no Festival de São Cristovão, no estado de Sergipe, um dos maiores eventos da área artística do Norte/Nordeste do país. Depois de ter arrasado no II Festival Nacional de Danças Populares, realizado em Campina Grande, na Paraíba - onde obteve o prêmio de Melhor Grupo Folclórico do Brasil - o Balé Folclórico da Bahia, composto de 28 bailarinos, viaja com todo o seu aparato de grande companhia para Sergipe, principalmente por ser a primeira e única companhia de dança folclórica profissional do Brasil. Ao retornar dessa viagem, o Balé prepara-se para, no início de dezembro, fazer uma nova turné, dessa vez ao Sul do país.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Salvador, Terça-Feira, 27 de Dezembro de 1988

SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL DA BAHIA

Parsons quer folclore

Quando David Parsons esteve em Salvador com sua companhia de dança, ficou encantado com o ensaio do Balé Folclórico da Bahia, dirigido por Walson Botelho e Ninho Reis. Dançou candomblé jogou capoeira, pegava o suor dos dançarinos baianos e passava no corpo enquanto dizia, extasiado: **nice, nice.** Só que a história não pára aí. Parsons, que filmou o ensaio, mantém contatos constantes com os bailarinos e diretores do Balé Folclórico e quer levar os baianos para apresentações em New York. Quem quiser assistir ao trabalho do Balé Folclórico da Bahia terá uma chance de 6 a 8 de janeiro, quando a companhia vai abrir a temporada de verão do Teatro Castro Alves, com a coreografia "Bahia de Todas as Cores", assinada por Ninho e Walson. E mais: este mês, a companhia, única que faz folclore de forma profissional no Brasil, foi escolhida pelo Ministério da Cultura como o melhor espetáculo da Bahia, com direito a apresentações em mais de dez capitais, a partir de fevereiro. É mole ou quer mais.



O BALÉ FOLCLÓRICO ENCANTOU O AMERICANO

JORNAL DA BAHIA

DEZEMBRO 1988

BOOK 20 ANOS BFB.indd 366 29/04/10 02:45

TERÇA-FEIRA , 3 DE JANEIRO DE 1989

TRIBUNA DA BAHIA







Balé Folclórico da Bahia



A tão esperada e tradicional temporada de Verão do Teatro Castro Alves, promete este ano uma programação das mais quentes e animadas. Dentre todos os Grupos de Rock e Teatro que se apresentarão, existe um convidado muito especial. Especial po. ser baiano, por ser a Companhia de maior projeção no Brasil e no exterior e por ter sido a escolhida para fazer a abertura desta série de eventos que perduram até o último pôr-do-sol da nossa estação maior. Estamos falando do agitadíssimo **Balé Folclórico da Bahia**, a primeira e única companhia de danças folclóricas profissional do país, que com seu espetáculo **"Bahia de Todas as Cores"** promete, mais uma vez, lotar as dependências daquele Teatro de sexta à domingo, **às 21h15min.**

Com apenas um ano e meio de estruturada profissionalmente, já que antes funcionava como Grupo Folclórico amador, foi a única Companhia a participar, como convidada especial, de todos os Festivais de Dança realizados no país durante o ano de 1988. Este fato aliado ao alto padrão de qualidade do espetáculo, ao apurado nível técnico de seus dançarinos e músicos, além de um figurino impecável, fez com que recebesse o prêmio de **"Melhor Espetáculo da Bahia de 1988"**, oferecido pelo **Ministério da Cultura**, através do INSTITUTO NACIONAL DE DANÇA. E como reconhecimento o MINC patrocinará uma tournée da Companhia pelas principais capitais brasileiras a partir de fevereiro, com estréia marcada para o dia 8 no Rio de Janeiro.

"BAHIA DE TODAS AS CORES" que já foi visto pelo público baiano, em apresentação única, durante o "Mês da Dança" do T.C.A., retorna agora com mais energia e algumas pequenas modificações, que segundo seus diretores Walson Botelho e Ninho Reis só darão um colorido maior ao espetáculo.

A Cia. é composta de 28 integrantes que trabalham em regime de 5 horas por dia, entre aulas e ensaios, além de receberem orientação das mais variadas técnicas de dança, teatro e música. Segundo seus diretores, os planos para o ano que se inicia são muitos. Além das tournées nacionais e internacionais, está programada a estréia de um novo espetáculo no 2º semestre e para isso já começaram a trabalhar as novas coreografias, que levarão as assinaturas dos experientes profissionais Rosângela Silvestre e Armando Pekeno. Mas o grande trunfo para o ano de 1989 será um trabalho integrado com o "papa" da dança contemporânea, **David Parson**, que em recente passagem pela Bahia assistiu a um dos ensaios do Grupo e ficou deslumbrado com o que viu, empolgando-se tanto a ponto de arriscar alguns golpes de Capoeira e passos de samba de roda. Será imperdoável deixar de assistir as apresentações do **Balé Folclórico da Bahia** durante esta temporada de Verão, mais ainda porque uma passagem para a Coréia, Rússia ou Nova York (próximos locais onde o espetáculo poderá ser visto) está custando os olhos da cara.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CORREIO DA BAHIA
JANEIRO 1989

Balé Folclórico no TCA

O Balé Folclórico da Bahia parece dar um bote certeiro neste ano de Serpente. **Bahia de Todas as Cores**, considerado o melhor espetáculo da Bahia em 1988 pelo Instituto Nacional de Dança, recebeu como reconhecimento o patricínio do Ministério da Cultura para uma turnê pelas principais capitais brasileiras, em fevereiro.

Mas antes, os 28 bailarinos da companhia mostram esse espetáculo no TCA, de sexta-feira a domingo desta semana. Para o segundo semestre o Balé estréia coreografias de Rosângela Silvestre e Armando Pekeno. Estão previstas viagens internacionais e, por último, a bomba final: um trabaljo conjunto com David Parsons possivelmente para este ano.

David, na sua passagem por Salvador, assistiu a um ensaio da companhia, seduziu-se pela capoeira e samba de roda, e quer montar uma coreografia com o Balé Folclórico.



Magia do Balé Folclórico: TCA

Entre as atrações programadas para preencher a temporada de verão do Teatro Castro Alves está o Balé Folclórico da Bahia — a primeira e única companhia de danças folcóricas profissional no país — apresentando até o dia oito, às 21h15min, o espetáculo **Bahia de Todos As Cores**.

Com apenas um ano e meio de estruturada profissionalmente — já que antes funcionava como grupo folclórico amador — foi a única companhia a participar, como convidada especial, de todos os Festivais de Danças realizadas no país durante o ano de 1988. Este fato, aliado ao alto padrão de qualidade do espetáculo, ao apurado nível técnico de seus dançarinos e músicos, além de um figurino impecável, fez com que recebesse o prêmio de Melhor Espetáculo da Bahia de 1988, oferecido pelo Ministério da Cultura, atráves do Instituto Nacional de Dança. E com o reconhecimento, o Minc patrocinará uma turnê da companhia pelas principais capitais brasileiras a partir de fevereiro, com estréia marcada para o dia oito no Rio de Janeiro.

Bahia de Todos As Cores, que já foi visto pelo público baiano, em apresentação única durante o Mês da Dança do TCA, retorna agora com mais energia e algumas modificações que, segundo seus diretores Walson Botelho e Ninho Reis, só darão um colorido maior ao espetáculo.

A Companhia é composta de 28 integrantes que trabalham em regime de cinco horas por dia, entre aulas e ensaios, além de receberem orientação das mais variadas técnicas de dança, Teatro e música. Segundo seus diretores, os planos para 89 são muitos. Além das turnês nacionais e internacionais, está programada a estréia de um novo espetáculo no segundo semestre e, para isso, já começaram a trabalhar as novas coreografias, Rosângela Silveste e Armando Pekeno. Mas o grande trunfo para 89 será um trabalho integrado com o papa da dança contemporânea, David Parsons, que ficou deslumbrado com o grupo.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 368 29/04/10 02:46

A TARDE

O TCA com o Balé Folclórico



O espetáculo do Balé Folclórico da Bahia é dos mais bonitos

O destaque do palco principal do Teatro Castro Alves pelo programa o Mês da Dança é o Balé Folclórico da Bahia, única companhia profissional de dança folclórica do país. Com 26 integrantes, entre músicos e dançarinos, a Companhia mostra pela primeira vez, às 21h15min, ao público de Salvador, o espetáculo **Bahia de Todas as Cores**, coreografia dos seus diretores, Walson Botelho e Ninho Reis. Envolvidos com a dança folclórica desde os tempos do Viva Bahia, o grupo pioneiro da coreógrafa Emília Biancardi Ferreira, eles agora dão o passo decisivo, ganhando status de companhia e aplicando no grupo os resultados das suas experiências.

O espetáculo que apresenta a nova Companhia aos baianos, procura retratar, em estado puro, algumas manifestações folclóricas importantes no estado. O candomblé, religião de origem africana que tem como elementos principais a música e a dança, é uma referência importante neste **Bahia de todas as cores**. São ao todo oito temas: **Ritual de Purificação, Pantheon dos Orixása, Puxada de Rede, Xangô, Maculelê, Samba de Roda, Capoeira e Dança de Origem**, este último especialmente coreografado por Augusto Omulu.

Criado em 1985 como Grupo Folclórico da Bahia, o Balé funciona desde o ano passado com espaço e instalações próprias, já numa estrutura profissional. Há um ano vem percorrendo o circuito fechado dos hotéis e conferências, já tendo participado também dos festivais de dança de Santos, Joinville e Florianópolis, como convidado especial. Depois desta apresentação no Teatro Castro Alves, eles dançam dia 15 no Centro de Convenções, partindo para uma turnê pelo Nordeste e para outros países, como Espanha, Estados Unidos e Venezuela.

A TARDE
JANEIRO 1989



Balé Folclórico da Bahia: iniciando nova turnê

ACONTECE

O folclore baiano em todas as cores

O Balé Folclórico da Bahia, única companhia profissional do gênero no País, abre a temporada de Verão do Teatro Castro Alves com o espetáculo *Bahia de Todas as Cores*, de 6 a 8 próximos, sempre às 21h15min. Patrocinada pelo Ministério da Cultura, a companhia faz, em seguida, uma turnê pelas principais capitais brasileiras.

Bahia de Todas as Cores, que já foi visto pelo público baiano, em apresentação única, durante o Mês da Dança do TCA, retorna agora com algumas pequenas modificações, que segundo seus diretores, Walson Botelho e Ninho Reis só darão um colorido maior ao espetáculo. A companhia é composta de 28 integrantes que trabalham em regime de cinco horas por dia, entre aulas e ensaios, além de receberem orientação das mais variadas técnicas de dança, teatro e música. Segundo seus diretores, os planos para o ano que se inicia são muitos. Além das turnês nacionais e internacionais, está programada a estréia de um novo espetáculo no 2º semestre e para isso já começaram a trabalhar as coreografias, que levarão as assinaturas dos profissionais Rosângela Silvestre e Armando Pekeno.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 369 29/04/10 02:46

JORNAL DA BAHIA Salvador, Sexta-Feira, 6 de Janeiro de 1989

A temporada de verão do Teatro Castro Alves começa hoje com a apresentação do Balé Folclórico da Bahia, que tem direção de Vavá Botelho e Ninho Reis.

O grupo já se apresentou em vários países nesse seu primeiro ano e meio de formação, com absoluto sucesso. Essa temporada de três dias no TCA é o ponto de partida do grupo para uma turnê nacional. O espetáculo Bahia de Todas as Cores reúne vinte e oito dançarinos no palco, figurino muito bem cuidado e coreografias belíssimas.



JORNAL DA BAHIA
JANEIRO 1989

Artes & Espetáculos

Bahia de Todas as Cores no TCA

A programação da temporada de verão do Teatro Castro Alves tem abertura em grande estilo neste final de semana. No palco principal o premiado Balé Folclórico da Bahia volta a apresentar "Bahia de Todas as Cores", melhor espetáculo do ano, conferido pelo Ministério da Cultura, através do Instituto Nacional da Dança. A direção está a cargo de Walson Botelho e Reis Ninho. Em cartaz até domingo. Imperdível.



Flagrante de "Bahia de Todas as Cores" (foto de Isabel Gouvêa)

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

JORNAL DA BAHIA
JANEIRO 1989

JORNAL DA BAHIA—Salvador, Sexta-Feira, 6 de Janeiro de 1989

Folclore abre verão no TCA

Finalmente, depois de um marasmo que começou no período natalino, os eventos culturais voltam a ocupar os palcos da terrinha. No principal deles, o Teatro Castro Alves, será aberta, hoje, a temporada de verão. E para abrir a programação de hoje a domingo, a partir das 21h15min, a alternativa é boa e baiana. É a coreografia "Bahia de Todas as Cores" do **Balé Folclórico da Bahia**, que tem na direção Ninho Reis e Walson Botelho, que assinam a montagem. Com apenas um ano e meio de formada, a Companhia já encantou não só nomes como o dançarino americano David Parsons como foi considerada pelo Ministério da Cultura como o melhor espetáculo deste ano na Bahia, com direito a turnê pelas principais capitais brasileiras a partir do mês que vem. Vale conferir.



Balé Folclórico abre temporada de verão

TRIBUNA DA BAHIA
JANEIRO 1989

BOOK 20 ANOS BFB.indd 370 29/04/10 02:46

Um Superoutro filme baiano **Cultura** TRIBUNA DA BAHIA *A magia do afro-afoxé sonoro*

O primitivo vem outra vez de roupa nova



HENRIQUE DOS SANTOS

O grande artífice não apenas do espetáculo "Bahia de Todas as Cores", que o Balé Folclórico da Bahia apresenta hoje às 21h15min, no Teatro Castro Alves, mas de todas as realizações do grupo, é o bailarino Walson Botelho, que, aos 27 anos de idade, tem seu tempo dividido entre as **performances** e a direção geral do **ensemble**. Administrador que se vem mostrando competente, desde a época em que era assistente de Emília Biancardi no Grupo Folclórico **"Viva Bahia!"**, Botelho explica que o trabalho do grupo está assentado nas manifestações populares da Bahia, mas com uma roupagem nova, estilizada, ao mesmo tempo em que procurou manter como base o primitivo, o real, "para não transformar o espetáculo num ôba-ôba como o do Scala do Rio de Janeiro, por exemplo".

Dividido em sete segmentos, o espetáculo tem 1h10min de duração, começando com a **Dança dos Orixás**, na qual o candomblé não é tratado como folcore, mas sim como religião, já que a maioria dos componentes do grupo (de 28 pessoas, entre bailarinos e músicos, em regime de cinco horas de aulas e ensaios diários) é pessoas que pertencem ao candomblé. Daí a necessidade de tratar a **Dança dos Orixás** como um estudo de religião e não como os demais quadros, que receberam um tratamento folclórico. O segundo número é a **Puxada de Rede**, que até hoje se encontra nas madrugadas das praias de Salvador, quando os pescadores saem para o mar, não sem antes elevarem suas preces a Iemanjá.

Prossegue o espetáculo com a **Dança do Fogo, em homenagem a Xangô, que no candomblé é o Deus do Fogo e dos Trovões. O quarto número é uma dança dramática, o Maculelê**, que tem sua origem nas plantações de cana-de-açúcar da cidade de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, durante o período colonial. Era utilizada como meio de defesa dos escravos e também para comemorar a boa colheita. Originalmente eram usados esgrimas de taco de madeira, tendo sido posteriormente adaptada para facões. O quinto número é o **Samba de roda** — a forma mais primitiva do samba brasileiro, usado nas festas que os escravos faziam nas senzalas. Estas festas eram chamadas batuques, de onde derivam o samba de roda e o nosso samba atual.

Prosseguindo o espetáculo, o Balé Folclórico da Bahia dançará a **Capoeira**, luta de origem africana que veio de Angola, trazida pelos escravos, também no período colonial. Finalmente, encerrando com chave de ouro, teremos a **Dança de Origem**, que não faz parte do folclore, tratando-se de uma coreografia criada especialmente para o **grand-finale** pelo coreógrafo Augusto Omolu. Nela, o autor procurou retratar toda sensualidade e energia da influência da cultura africana na Bahia. A mudança de cena é muito emocionante: terminada a **Capoeira**, os músicos e bailarinos cantam uma oração em yorubá, enquanto trocam de roupa em cena, como se estivessem vestindo as roupas dos antepassados. Na **Dança de Origem**, o material utilizado nos figurinos é o mais primitivo possível, como palha da Costa, búzios da Costa, penas e couros de animais, procurando-se retratar, com o máximo de fidelidade, as roupas usadas pelo povo da África, numa espécie de retorno às origens africanas, desta feita, sem estilização.

FOLCLORE COM NÍVEL

O Balé Folclórico da Bahia nasceu há um ano e meio quando Walson Botelho sentiu que havia necessidade de um grupo folclórico de nível, um grupo que pudesse apresentar o melhor da Bahia, fazendo com que valesse a pena sair de casa para assisti-lo. Esta era um queixa generalizada, inclusive por parte dos turistas, tanto nacionais como estrangeiros. Walson, que depois de permanecer com o "Viva Bahia!" dos 16 aos 22 anos havia deixado o grupo para terminar seu curso de Antropologia, foi convidado por alguns remanescentes para empreender uma nova viagem pelas águas turbulentas do cenário cultural.

A ele não faltava **know-how**, pois foi precisamente por causa de sua partida que o "Viva Bahia!" chegou ao seu final. Não havia quem assumisse a administração, na ausência de Emília Biancardi, que não queria mais. Foi criado, então, o Grupo Folclórico da Bahia, que continuou na mesma linha, até que seus componentes se conscientizaram da necessidade de um trabalho mais profissional. Walson tirou todo o seu dinheiro da poupança, vendeu tudo que tinha e resolveu trilhar, com apenas 17 bailarinos, o árduo caminho da profissionalização. Contratou professores de música, de teatro, cabeleireiro, maquiador, iluminador e nunca pensou que as aulas grátis, oferecidas de segunda a sexta no Teatro Castro Alves, iriam deslanchar numa frequência de 200 alunos, como se verifica hoje em dia, dos quais 28 são titulares do Balé Folclórico — o único em seu gênero em todo o mundo.

A opção da Walson pelo folclore deu-se ao 16 anos, quando ele precisou trocar sua formação clássica pelo dia-a-dia de um grupo folclórico: "Não dava para dançar capoeira com mãos e braços em riste", recorda. Mesmo assim, acha que sua permanência no balé clássico, dos 11 aos 16 anos, lhe foi de muita valia. Além disso, percebeu que a dança afro dava maiores oportunidades de viagens, de dinheiro e tudo o mais. Com a "Viva Bahia!", ele viajou praticamente pelo mundo inteiro, tornando-se apto a orientar, hoje em dia, um grupo do tamanho e alcance do Balé Folclórico da Bahia.

"O folclore, na Bahia, era tratado como "coisa de negro", revela Walson, que há um ano e meio vem ensinando seus bailarinos a se comportarem como verdadeiras estrelas que são, pois são os únicos no mundo inteiro a se dedicar a esta arte — a arte do folclore baiano". Aos poucos, o grupo vai se sofisticando, ao ponto de não ser permitido às bailarinas entrarem nos locais de apresentação senão com meias e sapatos altos, além de maquiadas, unhas feitas e cabelos penteados. Aos homens também é feita a mesma recomendação: "Vistam-se como se fossem a uma festa". Tudo isso, segundo Walson, para evitar que os bailarinos folclóricos sejam tratados como antigamente, antes da profissionalização — e de terem essas normas como catecismo — quando precisavam entrar nos hotéis pela porta dos fundos. Hoje, é pela porta de frente, como estrelas, que os componentes do grupo entram nos melhores hotéis da Bahia, onde se apresentam quase que diariamente. Além dos 28 músicos e dançarinos, o grupo comporta igualmente o pessoal da administração, iluminação, guarda-roupa, contra-regra e segurança, tudo funcionando, além de cinco professores contratados.

Todas as pessoas interessadas, sejam gordas ou magras, feias ou bonitas, com talento ou sem talento, podem tomar aulas com o Balé Folclórico da Bahia, bastando para isso dirigir-se à sala 1 do TCA, de segunda a sexta, no horário das 13h30min às 18h30min.

TRIBUNA DA BAHIA
JANEIRO 1989

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 371 29/04/10 02:46


REVISTA

SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL DA BAHIA | NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Salvador, Sábado, 7 de Janeiro de 1989

Folclore profissional



Até amanhã, os baianos têm chance de ver o espetáculo **Bahia de Todas as Cores,** *premiado como o melhor da Bahia em 1988 pelo Instituto Nacional de Dança. Quem dança são os integrantes do Balé Folclórico da Bahia, criado há quase dois anos por Walson Botelho e Ninho Reis com a finalidade de dar à Bahia a primeira companhia verdadeiramente profissional do Estado no gênero. E parece que estão conseguindo. Já na segunda-feira, iniciam uma turnê por capitais brasileiras e, ainda neste semestre, partem para apresentações no exterior. O Balé está tendo boa divulgação e aos poucos penetra no mercado. Resta ser apreciado pelo público local. Nas páginas centrais, leia mais sobre a companhia.*

JORNAL DA BAHIA

JANEIRO 1989

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

JORNAL DA BAHIA
JANEIRO 1989



Um retrato da velha Bahia

O que é o espetáculo? Para Walson Botelho, "uma geral do folclore, apresentando quase todas as manifestações culturais da Bahia com profissionalismo". Para a assistente de direção Ruth Dantas, "é um retrato da história da Bahia, da forma mais real possível num palco, com a capoeira, os orixá, o candomblé. Mostra o dia-a-dia da Velha Bahia, aquela coisa da feira de Água de Meninos, das feiras de bairros, um clima alegre e descontraído, mas que pode rolar qualquer coisa, a qualquer hora".

O espetáculo começa com um ritual de purificação, quando oferendas são feitas através de cânticos sagrados e entrega de objetos, para afugentar os maus espíritos do local. Em seguida, precedidos dos toques de atabaques entram, um a um, os orixá mostrando suas características através da dança. Pela ordem, temos no palco Ossain, Ogun, Oxum, Omolu, Iansã, Oxossi e Oxalá.

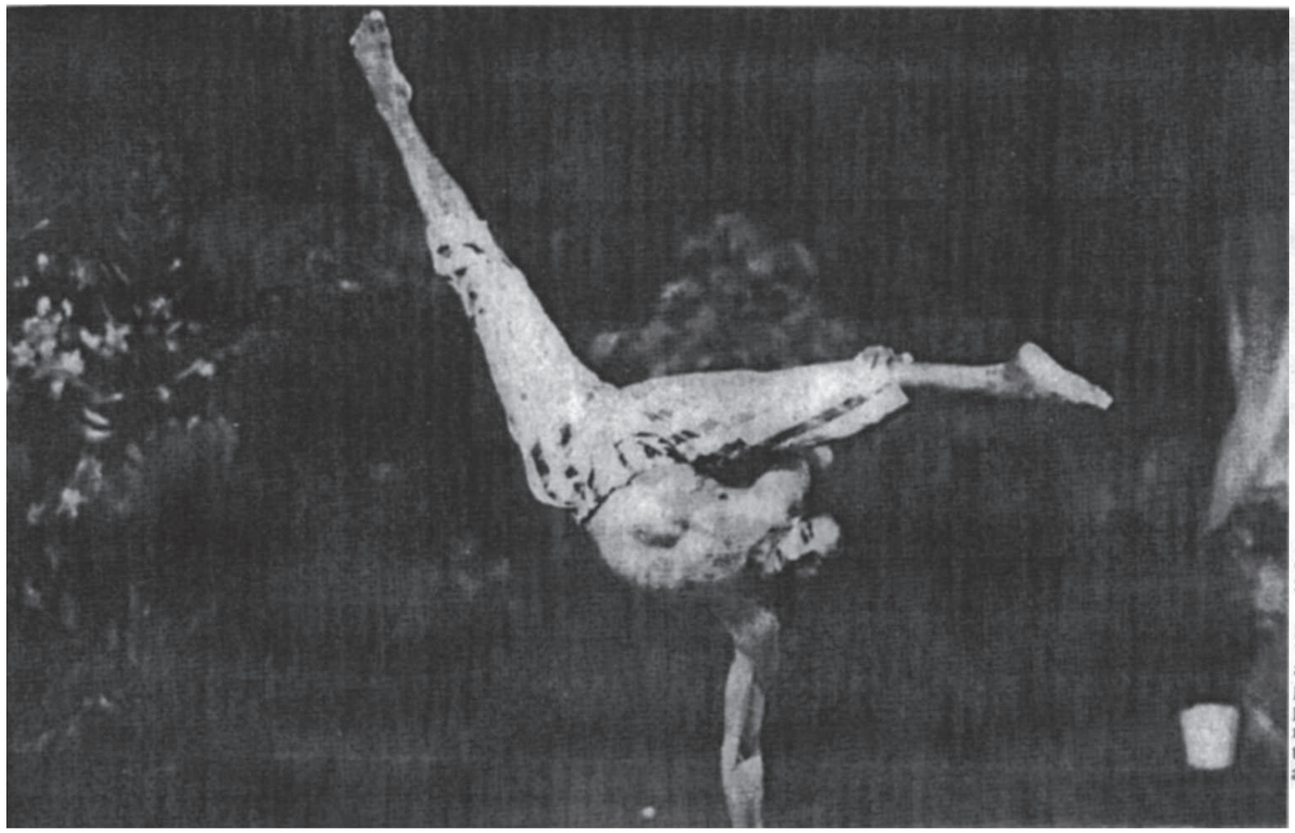
Saem os orixá, entram os bailarinos para mostrar uma puxada de roda, tendo ao centro Iemanjá, a deusa maior do mar. Xangô, o deus do fogo e dos trovões, surge para mostrar sua força num bailado viril. O próximo quadro é um maculelê, dança dramática que teria se originado em Santo Amaro da Purificação, no período colonial. Era originalmente uma manifestação de escravos comemorando uma boa colheita, mas também podia ser utilizada como meio de defesa, porque é uma dança violenta.

O samba-de-roda também foi lembrado pelos coreógrafos Walson Botelho e Ninho Reis, por ser uma forma mais autêntica do samba brasileiro. A capoeira, luta trazida pelos escravos de origem angolana, é a dança seguinte. A apoteose é uma retrospectiva da influência africana nos costumes nacionais. Para esse quadro foi convidado, especialmente, Armando Pekeno, criando uma coreografia para a companhia que introduz alguns conceitos de dança moderna, para fazer a necessária ponte com a atualidade.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 373 29/04/10 02:46

O folclore em passos largos



Fernando Queiroz
Editoria de Cultura

Uma dose de senso empresarial, uma pitada de tino comercial, uma porção de ousadia e oportunismo, mais um tanto de garra e paixão. Tudo isso banhado no caldo das tradições populares e folclóricas que, na Bahia, ainda estão presentes e integradas ao dia-a-dia de seus habitantes. Junte-se tudo e está pronto o Balé Folclórico da Bahia que, lançado oficialmente em agosto de 1987, já foi visto em várias cidades brasileiras e ganhou, com seu primeiro espetáculo — **Bahia de Todas as Cores** — o título de melhor da Bahia em 1988, pelo Instituto Nacional de Dança, do Ministério da Cultura, recebendo o patrocínio para uma turnê por capitais brasileiras. Além disso, entusiasmou a coqueluche da dança moderna, David Parsons e parte, ainda neste semestre, para uma temporada entre a Coréia, Alemanha e União Soviética.

Esse mesmo espetáculo subiu ao palco principal do Teatro Castro Alves ontem, para três apresentações, até domingo, podendo ser visto pelo público local que, até o momento, poucas ocasiões teve para apreciar, ou não, a força desse balé. Até o momento, tinha havido apenas uma única apresentação para grande público, no

JORNAL DA BAHIA

JANEIRO 1989

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 374 29/04/10 02:46

próprio TCA em setembro último. As demais tinham como proposta forçar sua penetração no mercado nacional ou vender o espetáculo para tornar possível a continuidade da companhia.

Bahia de Todas as Cores foi lançado em grande estilo no Hotel Meridien, encantou a platéia do Vila Velha como convidado do Fenarte-Festival Nacional de Teatro Amador, foi vendido para congressos e formaturas, fez uma apresentação específica e compacta para guias turísticos e, também pôde ser apreciado durante o Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, onde havia representantes de países africanos, Portugal e ex-colônias lusitanas. Uma prova do tino comercial e senso empresarial, sem dúvida.

Além disso, os diretores da companhia, Walson Botelho e Ninho Reis, conseguiram abrir espaço para o Balé através de apresentações na cidade de Santos (SP), durante um festival de dança e ginástica do Sesc, em Joinville (SC), no Festival Nacional de Dança (o mesmo onde o Balé Teatro Castro Alves também esteve). Dessa apresentação surgiram convites para Florianópolis, o Festival de Dança de São Cristóvão (SE) e Campina Grande (PB), em outro festival de grupos folclóricos. Tudo isso no ano passado.

Já nesta segunda-feira, os 30 integrantes — diretores, bailarinos, músicos e vocalistas — partem para a primeira fase da turnê nacional patrocinada pelo Instituto Nacional de Dança, que inclui Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Retornam a Salvador e seguem para Belo Horizonte, Goiânia, Campo Grande e Cuiabá em tempo recorde, pois o plano é viajarem ao exterior até junho. No segundo semestre estréia nova montagem, uma coreografia de Rosângela Silvestre, preparadora técnica dos bailarinos. David Parsons, se retornar neste ano como pretendido, deverá fazer uma apresentação conjunta com o Balé. Sabe-se também que levou material para divulgar a companhia nos Estados Unidos.

O Balé Folclórico da Bahia tem mesmo um olho voltado para o mercado nacional e outro para o internacional. Aliás, isso já está na gênese, remonta a experiências anteriores de outros grupos, como o Viva Bahia, criado pela musicóloga Emília Biancardi no começo dos anos 70. A preocupação era mostrar o folclore e, como tal, não havia a necessidade de uma técnica apurada de dança, apesar da presença de coreógrafos convidados, como Carlos Moraes e Neusa Saad, O Viva Bahia durou aproximadamente dez anos e a partir dele surgiram o Olodumaré, Brasil Tropical (sediado no exterior) e outros.

Um desses foi o Frutos Tropicais,formado por Ninho Reis, que integrou por muito tempo o Viva Bahia. Tinha como novidade o fato de ser integrado apenas por homens — músicos e dançarinos —, durou cinco anos e terminou por falta de apoio, mas, chegou a receber um prêmio Martim Gonçalves. Ninho trazia na bagagem uma experiência como ator (chegou a ser dirigido por Carlos Sofredini em "Yerma") e uma vocação para a dança de forma intuitiva, como ele frisa. Além disso já tinha uma queda para as manifestações folclóricas, em parte devido a sua ligação com o candomblé.

Walson Botelho também integrou o Viva Bahia. Foi seu primeiro contato direto com o folclore, "que me tomou como uma paixão", mas, antes disso, passou pelo balé clássico e o teatro. Adolescente, freqüentava a Ebateca e tomou parte da montagem teatral "Boca de Inferno" dirigido por Deolindo Checcucci. Foi então convidado por Emília Viancardi para viajar com o grupo pela América Central. Curiosamente, ele só tocava e cantava, mas, logo assumia a assistência de direção. Ficou assim por seis anos e depois formou grupos de vida curta, até o Balé Folclórico.

Nesse meio tempo, Ninho estava morando no Canadá. Quando retornou, os dois agilizaram a criação do Balé, a menina de seus olhos. Queriam fazer um grupo voltado ao folclore, mas, sem as falhas que viam nos outros — criando um embasamento técnico que desse um sentido mais profissional às apresentações. Uma sofisticação, mas, sem sair no esquema "plumas-paetês e pouca roupa", apenas para encantar turistas e platéias internacionais. Walson chega a dizer que este é o grupo verdadeiramente profissional no gênero, neste país. Para tanto, os membros ensaiam aos fins de semana, pois a maioria tem outras ocupações, e tem aulas de aprimoramento técnico com Rosângela Silvestre ou o próprio Walson.

Os bailarinos ganham um salário mínimo e um cachê em cada apresentação. O dinheiro Walson diz que sai de seu bolso ("vendi carro, tudo") e das vendas do espetáculo. É daí que sai também a verba para a compra e confecção de figurinos e adereços, criados por Ninho e Walson. Eles ainda não têm patrocínios, estatais ou particulares, exceto o prêmio do Instituto Nacional de Dança. Os ensaios e aulas são feitos no Espaço Xis da Fundação Cultural, Teatro Castro Alves e alguns outros espaços alternativos.

Fazem parte da companhia tanto universitários como estudantes de nível médio, ou não estudantes. Alguns já eram bailarinos, outros estão se formando agora. São todos negros ou mulatos e já trazem em si a maleabilidade para a dança folclórica, são familiarizados com a capoeira, o candomblé e outras manifestações atávicas. Muitos apenas freqüentam as aulas mas ainda não dançam na companhia. Mas Ruth Dantas, assistente de direção, formada em Educação Física, com especialização na França em organização e administração de eventos, diz que o Balé Folclórico da Bahia tem o principal: "A energia vital que falta aos grupos que fazem carreira no exterior".

Para ela, o Balé já está pronto para ir ao exterior: "O espetáculo é original e bem cuidado, com uma seqüência lógica das coisas. O visual é bonito, mas, não está voltado para o delírio e o espetaculoso. Consegue o que outros grupos que vi lá fora, meio alemães, meio franceses, meio brasileiros, não atingem, a força e a garra".

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A TARDE
JANEIRO 1989

A TARDE — SEXTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1989

PELO BRASIL

Bahia mostra sua dança

Brasília (Radiobras) — O Balé Folclórico da Bahia fez ontem, na entrada principal do Ministério da Cultura, uma réplica da lavagem da escadaria da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, também feita ontem em Salvador com muita dança, distribuição de flores, samba de roda, capoeira e uma saudação a divindade iorubá Oxalá, que no sincretismo afro-baiano é o Deus Maior, Nosso Senhor do Bonfim. Da festa participaram, além dos 36 bailarinos baianos e grande parte dos funcionários do MinC, o seu secretário de Finanças, Aclécio Gazal, o coordenador do Programa da Abolição, Carlos Moura, e outros dirigentes. O ministro José Aparecido não participou porque está em São Paulo.

O Balé Folclórico da Bahia estreou anteontem em Brasília, fazendo parte do projeto "Mambembão" que nos próximos três meses apresentará 10 peças de teatro de diferentes regiões brasileiras em três capitais — Brasília, Rio e São Paulo. Na estréia do espetáculo "Bahia de Todas as Cores", o Balé Folclórico foi aplaudido de pé por mais de 400 pessoas que lotaram o Teatro Aloísio Magalhães, cuja capacidade é para cerca de 250 pessoas. O Balé fica em Brasília até o próximo domingo, dia 15, e depois segue para São Paulo.

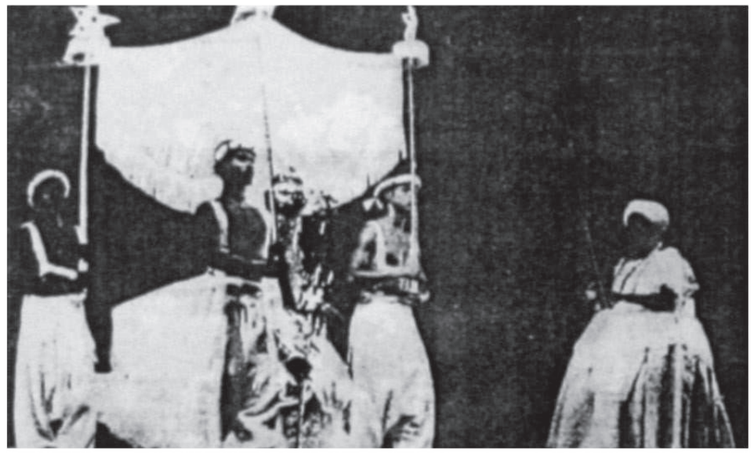
TRIBUNA DA BAHIA
FEVEREIRO 1989



Dança

Bahia de Todas as Cores — Espetáculo que será reapresentado dias 11 e 12 de fevereiro no TCA, sempre às 21h15min. A coreografia é do Balé Folclórico da Bahia, única companhia de dança folclórica profissional do país. A partir de fevereiro o espetáculo será apresentado em diversas capitais brasileiras.

TRIBUNA DA BAHIA
FEVEREIRO 1989



A volta dos Orixá

Para mostrar alguns dos mais importantes segmentos do folclore baiano, ao lado de significativos números de candomblé, a TV Educativa apresenta nessa quarta-feira, às 22 horas e 45 minutos, dentro da programação de especiais realizados pela produção local, **O BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA**, *com o espetáculo "Bahia de Todas as Cores", gravado ao vivo no palco do Teatro Castro Alves.*

São 54 minutos de requinte e beleza num roteiro que tem início com o **Ritual de Purificação**, *e consiste em oferendas feitas através de cânticos sagrados, rezas e objetos, com o intuito de afugentar os maus espíritos do local, para que o culto possa ser levado sem problemas. Em seguida o* **Pantheon dos Orixá** *apresenta solos dos principais Orixá e suas características através da dança.* **Puxada de Rede, Maculelê, Samba de Roda e Capoeira** *dão segmento a apresentação que se encerra com* **A Dança de Origem**, *coreografia especialmente criada para o Balé pelo coreógrafo e dançarino Augusto de Omolú.*

O **Balé Folclórico da Bahia foi criado em 1987** *e tem um elenco de 26 pessoas entre dançarinos e músicos. Direção e Coreografia de Walson Botelho e Ninho Reis, que também assinam os figurinos. Preparação Técnica de Rosângela Silvestre.*

Esse espetáculo faz parte da série de especiais **"Quarta no 2"** *que a TV Educativa apresenta semanalmente, sempre transformando em imagens os principais momentos da vida baiana. A direção e roteiro do programa é de Diógenes Serra Moura que já realizou trabalhos como "A Sagração da Primavera", "Salvador", "Flora Purin Especial", "Loucura Pouca é Bobagem", etc.*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA: *quarta-feira, 22h45min. TV Educativa, canal 2.*

SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL DA BAHIA

Balé Folclórico arrasa

O Balé Folclórico da Bahia encerrou, anteontem, a temporada na programação de verão do Teatro Castro Alves, mostrando a que veio. Apesar de a coreografia inicial do Candomblé ser um pouco mais ao gosto dos turistas, a companhia toma pé logo a seguir e dá um show de vitalidade, profissionalismo e beleza. A partir da "Puxada de Rede", o ritmo dá uma virada para cima e vai dando força ao espetáculo. Destaque para o solo de Xangô, com a iluminação natural do fogo na mão do dançarino sendo realçada pela iluminação de cena. O Maculelê foi outro show de habilidade, com facas faiscando no confronto que chega a ser perigoso. Sem dúvida, bem merecido o prêmio de melhor espetáculo baiano dado pelo Ministério da Cultura.

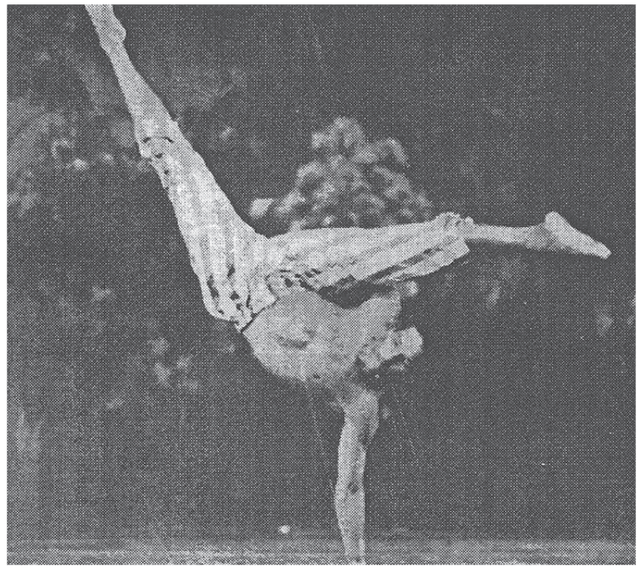
BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

JORNAL DA BAHIA
JANEIRO 1989

BOOK 20 ANOS BFB.indd 376 29/04/10 02:46

SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL DA BAHIA

Salvador, Quarta-Feira, 15 de Fevereiro de 1989



Belas imagens, hoje à noite, na T.VE. Confira!

Na TVE, hoje, um programa muito especial

Depois de encantar o público local com sua danças de muita força e sair por aí levando adiante um trabalho pioneiro no país, o Balé Folclórico da Bahia é o destaque de hoje à noite na TVE, que exibe, a partir das 22h45min, o espetáculo "Bahia de Todas as Cores", dentro da programação de especiais realizados pela produção local. Todas as cenas foram gravadas ao vivo no Teatro Castro Alves e mostram as coreografias ousadas dos diretores da Companhia, Walson Botelho e Ninho Reis, que também assinam os figurinos. Já o especial da TVE tem direção de Diógenes Serra Moura, que também assina o roteiro. Vale conferir.

JORNAL DA BAHIA
FEVEREIRO 1989

TRIBUNA DA BAHIA

Folclore e balé soviético no TCA

A dança folclórica é a grande atração desta quinta-feira, no programa da XI Oficina Nacional de Dança Contemporânea. No palco principal, a partir das 21h e 15min, o célebre grupo soviético Kalinka apresenta o espetáculo "Uma noite em Moscou" e o Balé Folclórico da Bahia dança nossas manifestações folclóricas, como "Dança de origem", "Dança do Fogo" e "Afisiré". Na Sala do Coro do TCA, a partir das 18h e 30min, destaque para a apresentação de Hugo Rodas e Eliane Carneiro no duo "Casacas no Cerrado" e Isaura Oliveira, no solo "Malinké".

Essa é a primeira vez que o grupo soviético Kalinka vem à Bahia. Formado por músicos, cantores e bailarinos, o grupo já excursionou por quase toda a Europa, África, América Latina e Austrália. Em sua formação, destaque para o diretor, o cantor Ivan Surgikov, para os bailarinos Gelina Feoktistotza e Stanislau Doroseez, e para os músicos Jemia Iakovlez (balalaica) Serguei Iamozanko (acordão), Yuri Volkoz (violão) e Oris Ossitov (baixo).

O Balé Folclórico da Bahia também tem músicos em sua formação. Sob a direção de Walson Botelho e Ninho Reis, o grupo tem 26 integrantes e se compromete a "resgatar com dignidade as manifestações populares do Estado, para não se reduzirem a caricaturas nas mãos de pessoas sem nenhuma preparação".

Na Sala do Coro, o uruguaio Hugo Rodas e Eliane Carneiro fazem um relato dos tempos de fundação de Brasília, no duo "Casacas no Cerrado", com música de Tom Jobim ("Sinfonia da Alvorada"). Eles mostram os embaixadores de casaca desbravando o cerrado, os peões e o clima de festa no planalto central. Tudo isso, a partir de uma fotografia de época. O outro destaque é a baiana Isaura Oliveira, com "Malinké": a "representação de uma negra em traje de ensaio". Um solo experimental, unindo corpo e voz, para mostrar várias personagens negras femininas.

TRIBUNA DA BAHIA
MAIO 1989

TRIBUNA DA BAHIA Domingo, 19 de fevereiro de 1989



Ballet Folclórico

Quem vai fazer a abertura da festa de entrega do "Troféu Imprensa" é o Ballet Folclórico da Bahia, que faz sua primeira apresentação na cidade após uma vitoriosa e aplaudidíssima temporada pelo Sul do Brasil. Vavá e Reis Ninho levam para o palco do TCA uma das mais belas coreografias do repertório do BFB.

TRIBUNA DA BAHIA
FEVEREIRO 1989

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 377 29/04/10 02:46



Foto Isabel Gouvêa

Atuando profissionalmente desde o ano passado, o Balé Folclórico da Bahia vem conquistando o respeito de público e crítica em nível nacional

A noite do folclore

A TARDE ● Quinta-feira ●

A TARDE

Nesta noite, a Oficina Nacional de Dança promete arrasar. O tema é folclore, em duas visões, mostradas pelo grupo Kalinka, da União Soviética, e o Balé Folclórico da Bahia, a partir das 21h15min, no Teatro Castro Alves. Sobre o Kalinka poucas informações já chegaram ao Brasil. O grupo aportou em Salvador ontem à noite e ficará no País até o final de maio, percorrendo em turnê várias capitais: Recife, Fortaleza, João Pessoa, Goiânia, Porto Alegre, além do Distrito Federal.
Formado há nove anos por músicos, cantores e bailarinos, o Kalinka tem no seu repertório danças populares, clássicas e modernas, e no *curriculum* o aval de platéias européias (Alemanha, Suécia, Finlândia, Itália e Espanha), africanas, australianas e da América Latina (México, Costa Rica, Venezuela e Peru). O diretor da companhia é Ivan Surgikov, 60 anos, cantor bastante popular na União Soviética, que há 15 anos iniciou a sua carreira como diretor de espetáculo. O grupo soviético traz *Uma Noite em Moscou,* onde o folclore da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas será o destaque.
Se a respeito do Kalinka as informações são deficientes, o mesmo não se pode falar do Balé Folclórico da Bahia, uma companhia que começou profissionalmente no ano passado, lançada durante o Festival de Dança de Joinville, em julho, e já conquistou o respeito nacional. O Instituto Nacional de Dança, órgão do Ministério da Cultura, elegeu o espetáculo *Bahia de Todas as Cores,* apresentado em várias cidades brasileiras, no ano passado, como a melhor produção baiana de 88, premiando o BFB com uma turnê em janeiro e fevereiro pelo Sul do País.
Em São Paulo, ele chegou a fazer quatro espetáculos, no final de semana, no Teatro Maria Della Costa, por insistência do público. O BFB está revivendo os áureos tempos da dança folclórica baiana, que teve representantes de peso, como o Viva Bahia, de Emília Biancardi, que por duas décadas (de 60 a 80) levou a Bahia para o mundo. "Os europeus, quando falam da dança folclórica brasileira, ainda se referem ao Viva Bahia. Para nós está sendo difícil quebrar essa imagem para mostrar o nosso trabalho lá fora", diz Walson Botelho, que, com Ninho Reis, dirige a companhia.
Depois de *Bahia de Todas as Cores,* a preparadora técnica do Balé Folclórico, Rosângela Silvestre, começou a montar um novo espetáculo: *Afisiré.* O nome quer dizer dança da brincadeira, da alegria, do divertimento.
"Nesse espetáculo os bailarinos demonstram toda a alegria e sensualidade herdadas dos nossos ancestrais africanos, misturadas à descontração e naturalidade do povo baiano. *Afisiré* é uma festa de cores, movimento e ritmos, que empolga pela técnica apurada e pela força dos dançarinos", fala Walson.
Os 20 integrantes da companhia, que, além do corpo de dança, tem cinco músicos, duas assistentes de direção (Ruth Dantas e Terezinha Barbosa), um assistente de coreografia (Fernando Pereira) e um iluminador (Haeckel Holenwerger), foram divididos em dois grupos, com homens e mulheres dançando separadamente. As mulheres vestidas com duas saias coloridas sobrepostas (inspiradas nas roupas senegalesas), peitos nus, e uma gola larga feita em palhas da Costa do Marfim, trançadas por mulheres de aldeias africanas, vão transmitir a sensualidade e a realeza da dança afro, com muitos movimentos de quadris, pernas e braços. Nas mãos, adereços como leques simbolizam a realeza africana.
Os homens mostrarão a força e a energia, trajando uma roupa feita de couro de zebra com adereços na cabeça bordados com palhas e búzios da Costa do Marfim. Toda a vestimenta e os movimentos da dança são frutos de uma intensa pesquisa que o Balé Folclórico fez sobre os povos africanos antes de montar esse espetáculo, e todos os tecidos, adereços e peças de couro foram importados da África.
"Não nos concentramos numa região específica, porque na formação do povo brasileiro há uma mistura de várias nações africanas. O que nos interessou foi ser fiel à sua cultura, até no figurino, que trouxemos da África, pela resistência do material e também porque não encontramos similares no Brasil".

Acompanhando *Afisiré,* o Balé Folclórico reapresenta a *Dança de Origem,* de Augusto Omolu, que faz parte do espetáculo *Bahia de Todas as Cores.*

Ainda hoje na oficina, às 18h30min, na Sala do Coro, Isaura Oliveira (BA) faz o solo *Malinké.* Hugo Rodas e Eliana Carneiro, do Distrito Federal, apresentam *Casacas no Cerrado.* Às 20h30min, no foyer, Ana Gisa Valois, Augusto Brito, Florêncio Coelho e Itamar Sampaio mostram a performance *O Éden.* Amanhã, começam a acontecer os seminários, a partir das 18 horas, na Sala do Coro. O primeiro tema a ser debatido é *Produção e Marketing na Dança*, com Gilda Almeida e Roberto Mariano, do Rio de Janeiro.

Ana Teresa Baptista

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Àfisiré é novidade

O Balé Folclórico da Bahia se apresentará, hoje, às 21:15h, no palco principal do Teatro Castro Alves, entre as atrações da XI Oficina Nacional de Dança Contemporânea. O grupo fará estréia nacional da coreografia "Àfissiré", criada por Rosângela Silvestre, que significa "Dança da Alegria, do Divertimento e da Felicidade", em iorubá. O Balé Folclórico mostrará, ainda, as coreografias "Dança da Origem" e "Dança do Fogo". Após a companhia baiana, entrará em cena o Grupo Kalinka, da Rússia, com "Uma Noite em Moscou".

JORNAL DA BAHIA
MAIO 1989

Salvador, Quinta-Feira, 25 de Maio de 1989

Oficina vive uma grande noite

Por Neyse Cunha Lima

A melhor noite da oficina. Esta era a opinião geral de quem acompanhou os espetáculos de quinta-feira, no TCA. Da ousadia debochada de Hugo Rodas e da sensualidade dramática de Isaura Oliveira, que se apresentaram na sala do coro, até os balés folclóricos da Bahia e da União Soviética, a qualidade se manteve sempre alta. A Performance "O Eden", por sua vez, se cometeu alguns deslizes, conseguiu criar um inegável impacto sobre o público, que além de lotar o foyer, assistiu o espetáculo através das portas de vidro do teatro.

DANÇA DA ALEGRIA — Já o Balé Folclórico da Bahia reafirmou sua excelência no campo da dança afro. Figurinos belíssimos, bailarinos virtuosos, muita técnica e sobretudo energia marcaram a apresentação do grupo em três coreografias: "Dança da Origem" "Dança do Fogo" e "Afisiré". Uma demonstração de que a dança folclórica vai muito melhor quando se renova. No caso do Balé Folclórico, essa renovação estava não apenas na coreografia exuberante, mas na própria elaboração do espetáculo como um todo, que não prescindiu sequer de uma hipnótica música ao vivo, conduzida por uma espécie de James Brown baiano com um vozeirão capaz de balançar as estruturas do teatro. Finalmente, vale a pena destacar o apuro técnico dos sensualismos bailarinos do grupo, que levaram o público a um torpor quase absoluto.

O frenesi causado pela apresentação do Balé Folclório da Bahia foi tanto que nem a apresentadora oficial da oficina, Maria Prado, ficou incólume. Antes de apresentar o Kalinka, ela deu o maior suspiro. Estava se recuperando do transe...

ATARDE Maio 1989

Dança e teatro do frenesi do folclore

Ana Teresa Baptista

O que se esperar da XI Oficina Nacional de Dança contemporânea, nesta segunda-feira? Dois grupos baianos — Mantra Cia. de Dança e Gnomo —, e uma mímica paulista radicada na França, Denise Namura, fazem o programa no palco principal do Teatro Castro Alves, a partir das 21h15min. A Bahia, aliás, foi a sensação da mostra na semana passada. O Balé Folclórico, na quinta-feira, quase derruba o teatro, provocando um verdadeiro frenesi na platéia com a estréia de *Afisiré*, de Rosângela Silvestre, e reapresentação da *Dança de Origem*, de Augusto Omolu. A força, a energia, o figurino impecável, a técnica, precisão e elasticidade de seus dançarinos é que provocaram todo o alvoroço. Houve quem saísse da apresentação com orgulho de ser soteropolitano.

A TARDE
MAIO 1989

CORREIO DA BAHIA
MAIO 1989

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 379 29/04/10 02:46

JORNAL DA BAHIA
MAIO 1989

SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL DA BAHIA

Balé Folclórico aquece a Oficina

Fernando Queiroz
Editoria de Cultura

Intercalando bons momentos com outros de completo tédio, a XI Oficina Nacional de Dança Contemporânea chega a seu sexto dia útil com as turbinas esquentadas, depois da grande apresentação do Balé Folclórico da Bahia, que conseguiu até o momento reunir o maior número de pessoas na platéia e levou abaixo, sob palmas, o Teatro Castro Alves, na noite de quinta-feira. Ainda bem, pois assim expurgou momentos mornos dos dias anteriores, que estavam levando à opinião generalizada de um evento "fraco".

Até a apresentação do Balé Folclórico da Bahia, o maior referencial positivo ficava ainda com a abertura da Oficina, no domingo, que trouxe o solo de Denilto Gomes, **Serra dos Órgãos**, uma constatação de seu valor, e a revelação que foi o gaúcho **Balleto.** Já no primeiro dia útil, a segunda-feira, a temperatura baixou em muitos graus com o torpor que tomou conta do público ante às apresentações dos grupos **Prisma e Corpo Livre.** O melhor daquela noite ficou por conta das bailarinas do Grupo de Dança da Fundação Teatro Guaíra. Já na terça-feira, o termômetro subiu um pouco, com o **Atomístico** de Michelle Spieak e Franklin Cassaro, e a coreografia **Sacra Negra** do Grupo Chama, coordenado por Augusto Omolu.

Na quarta-feira, apresentaram-se em estréia Armando Pekeno e Dimi Ferreira num espetáculo com música ao vivo, **Canabrava,** seguido de **Acúmulo de Desejos** com o grupo Dance Vida, também baiano — que recebeu muitos aplausos e, por último o solo executado por Rubens Barbot **Só, um Homem Só,** dirigido por Gatto Larsen, vindos de Porto Alegre.

Chegamos emfim à consagração do Balé Folclórico da Bahia, na quinta, que apresentou duas coreografias já conhecidas e, em primeira mão, **Afisiré,** de Rosângela Silvestre. Eles encheram o palco e vislumbraram a platéia, que se levantou para aplaudir em uníssono. Em seguida, vieram os russos do grupo folclórico **Kalinka,** que deixaram inicialmente o público atônito, porque em cena o que se via não era um show de músicas folclóricas, entremeado de alguns números de dança por um casal.

Esquentado pelo furor do Balé Folclórico da Bahia, o público estava em estado de total extroversão. Não deu outra, a farra tomou conta do espaço, com palmas no ritmo das músicas, assobios, muitas brincadeiras na platéia. Os russos estavam empolgados com toda aquela animação. Mas talvez não tivessem entendido bem o espírito da coisa, o porquê de toda aquela farra. Se soubessem, talvez encurtassem sua apresentação, porque aos poucos pessoas se retiravam.

O Kalinka existe há quinze anos na União Soviética, e veio à Oficina no bojo de várias apresentações que está fazendo pelo Brasil. Participou da Festa das Nações, em Brasília, do lançamento da candidatura do presidenciável Roberto Freire, em Belo Horizonte. Há informações de que, em fortaleza, o grupo reuniu aproximadamente seis mil pessoas — "voilá" — mas perguntava-se o que, enfim, eles estariam fazendo ali, num evento exclusivamente sobre dança.

Seja como for, eles conseguiram arrancar muitos aplausos e, ao final, ainda brindaram a platéia com duas guitarras, uma sanfona e a tradicional balalaica tocando "Tico-Tico no Fubá" e "Aquarela do Brasil". Os dançarinos esforçavam-se por ser graciosos — e foram — mas às vezes pareciam meio endurecidos, precisando de óleo em suas articulações. E provaram também, com suas indumentárias típicas estilizadas, que podem — como os brasileiros — ser cafonas.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 380 29/04/10 02:47

SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL DA BAHIA

Salvador, Quinta-Feira, 1º de Junho de 1989



O Balé Folclórico da Bahia foi uma das atrações mais aplaudidas na Oficina de Dança

JORNAL DA BAHIA

JUNHO 1989

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 381 29/04/10 02:47

A TARDE

AGOSTO 1989

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A TARDE • Segunda-feira • 07/08/1989

Um ano de dança folclórica

Comemorando um ano de criação, o Balé Folclórico da Bahia faz uma apresentação hoje, às 18h30 min, no foyer do Teatro Castro Alves. O grupo é o primeiro e único do País a investir profissionalmente em dança folclórica, baseando-se nas crenças e tradições que compõem o dia-a-dia da população baiana, preservando-as e divulgando-as. O Balé Folclórico desenvolveu uma linguagem cênica que parte dos aspectos populares da cultura, com uma preocupação de contemporaneidade, sem se afastar das raizes da cultura.

O Balé Folclórico da Bahia estreou no Festival de Dança de Joinville, em Santa Catarina, onde apresentou o espetáculo *Bahia de Todas as Cores,* visto por mais de 7 mil pessoas e considerado pela crítica como o melhor acontecimento do festival. Passando pelos festivais de Dança de Campina Grande, na Paraíba, e São Cristóvão, em Sergipe, ganhou a indicação da Fundação Nacional de Artes Cênicas — Funda-cen — como o melhor espetáculo de dança da Bahia em 1988, recebendo como prêmio uma turnê pelas principais capitais do Sul do País.

O grupo é dirigido por Walson Botelho e Ninho Reis, tendo contribuído para seu aprimoramento vários profissionais, como Lia Robatto, Carlos Moraes, Neuza Saad, Augusto Omolu, Zebrinha e Rosângela Silvestre.

TRIBUNA DA BAHIA

AGOSTO 1989

SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL DA BAHIA Salvador, Sábado, 5 de Agosto de 1989



O Balé Folclórico, uma jovem companhia que acumulou sucessos nesse primeiro ano de atividades, oferece espetáculo gratuito na segunda-feira na escadaria do TCA.

Aniversário festivo no TCA

Luís Lasseré
Editoria de Cultura

Um aniversário muito especial movimenta a cidade, no início da semana que vem, mais precisamente na próxima segunda-feira, quando o Foyer e a escadaria do Teatro Castro Alves serão palcos de mais um grande espetáculo. Para comemorar o seu primeiro ano de atividades, o **Balé Folclórico da Bahia** resolveu presentear o público com uma apresentação gratuita, às 18h30min, mostrando o porquê do grande sucesso alcançado pela companhia no primeiro ano de espetáculos na Bahia e em outros estados do Brasil.

Dirigida pelos coreógrafos e bailarinos Walson Botelho e Ninho Reis, a jovem companhia já é colecionadora de grandes momentos nos palcos do país. A estréia, que aconteceu em uma grande festa, com a presença de embaixadores, autoridades locais e artistas de diversas áreas, no Hotel Meridien, recebeu muitos elogios e já dava sinais da boa carreira a ser desenvolvida pelo grupo.

A estréia oficial, no entanto aconteceu no Festival de Dança de Joinville, em Santa Catarina, onde o Balé Folclórico mostrou o espetáculo "Bahia de Todas as Cores" para mais de 7 mil pessoas, sendo considerado pela crítica local como o ponto alto do festival. Depois, a companhia dançou em Campina Grande, Paraíba, São Cristóvão, em Sergipe, até ser indicada pelo Ministério da Cultura como a responsável pelo "Melhor Espetáculo de Dança da Bahia em 1988", recebendo como prêmio uma turnê programada para as principais capitais do sul do país, turnê que projetou ainda mais o nome do Balé.

Este ano, durante a realização da Oficina Internacional de Dança Contemporânea, o Balé Folclórico também foi destaque, arrancando sonoros aplausos do público na sua apresentação. A fórmula utilizada pela companhia é, ao mesmo tempo, simples e complexa. Misturando elementos da música, dança e do teatro, os bailarinos reportam para o palco diversas manifestações da cultura afro-brasileira sem estilizar demasiadamente, mas conseguindo manter um alto nível profissional, com a parte técnica muito boa, um belo figurino e recursos cênicos eficientes.

Vários professores de dança baianos colaboraram com a Companhia para aprimorar a parte artística e incrementar o caráter sério do trabalho, dando orientação profissional. Lia Robato, Carlos Moraes, Neuza Saad, Augusto Omolu, Zebrinha e Rosângela Silvestre são alguns dos que ajudaram o Balé Folclórico da Bahia a chegar a tão boa forma, em todos os níveis. Prá se ter uma idéia, além do preparo técnico dos dançarinos, outros métodos foram incorporados e outros cursos oferecidos, como maquilagem, artesanato, inglês e francês, que já fazem parte do currículo de todos os integrantes do grupo.

Outra atividade que rendeu muito para o Balé foi a de funcionar como um "Adido Cultural da Dança", recebendo as companhias internacionais que passaram por aqui no último ano. Primeiro, o Balé Folclórico dançou para o Berioszka, da URSS, deixando os bailarinos russos com ótima impressão. O convite para excursionar na União Soviética foi feito e deve se tornar realidade em breve. Mas, além da companhia da URSS, outras experiências semelhantes aconteceram com o Balé do Senegal, Balé de Angola, Companhia David Parsons, Jeunne Ballet de France, Companhia Bianca Del Rey, entre outras.

E com todo esse potencial e um vasto currículo adquirido por méritos próprios que o Balé Folclórico da Bahia completa um ano de atividades. E, nada melhor do que a dança da companhia para marcar a passsagem deste primeiro ano, o que acontecerá segunda, ao entardecer, na porta do TCA. Com certeza vai ser mais um belo espetáculo, de um grupo que ainda tem muita estrada pela frente, muito para mostrar pelo mundo afora.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 382 29/04/10 02:47

A TARDE ● Sábado ● 11/11/1989



Balé Folclórico da Bahia

Balés

O Balé Folclórico da Bahia recepciona amanhã, no Aeroporto Dois de Julho, os integrantes do Balé Bolshoi, que fará duas apresentações em Salvador, segunda e terça-feiras, no Centro de Convenções. Os dançarinos bianos farão uma exibição especial para seus pares soviéticos.
Não está descartada a possibilidade de uma participação na apresentação de terça.

A TARDE
NOVEMBRO0 1989

A TARDE DEZEMBRO 1989

A TARDE Domingo, 10/12/89 REVISTA DA TEVÉ

Dança afro-baiana tem repercussão nacional



Balé Folclórico da Bahia: participação especial no vídeo

Depois da grande repercussão que teve junto ao público baiano, com o seu lançamento, o vídeo Kubungula será homenageado amanhã pela Fundação Gregório de Matos com um coquetel que será oferecido à idealizadora do vídeo, a atriz e dançarina Isaura Oliveira, à equipe de produção da TVE, aos participantes do vídeo e aos profissionais que apoiaram o projeto.

O vídeo, que mostra as diversas influências da dança afro na dança contemporânea baiana, faz parte de um projeto maior, o M'Bunda, que busca documentar, através de textos e imagens, o desenvolvimento da dança afro no País.

Depois de lançado pela TVE, dentro da programação especial de aniversário da emissora, Kubungula já realizou uma pequena turnê entre Rio e São Paulo, onde adquiriu todo o apoio para a continuidade do projeto. Estando presentes Isaura Oliveira e o produtor do projeto, Newton Morerat, o vídeo foi mostrado na capital carioca pelo IPCN — Instituto de Pesquisas da Cultura Negra, que, além de ter prestado todo o apoio logístico aos produtores, já programou uma apresentação especial, no Rio, na segunda quinzena de janeiro. Na oportunidade da apresentação do projeto foi formalizado um Acordo de Cooperação Técnica entre o IPCN e os produtores do M'Bunda.

Newton Morerat salienta que em todas as cidades onde o vídeo for exibido, será feito um debate e um *workshop* da dança afro, visando enriquecer a documentação da dança afro-brasileira, através de reflexões e novas informações.

Os contatos realizados pelos produtores do projeto em São Paulo foram no sentido de programar o lançamento do vídeo naquela cidade e captar recursos para a continuidade das pesquisas. Foi sugerido, inclusive, a defesa de uma tese de mestrado sobre o assunto à idealizadora do M'Bunda.

Mesmo contando com o apoio de algumas empresas do sul, Morerat lembra que é muito importante a participação efetiva de entidades e empresas baianas no projeto, já que trata-se de uma iniciativa da terra. E a Lei Sarney ainda está valendo, o que garante um retorno de várias formas aos que apóiam o projeto.

O coquetel oferecido pela Fundação Gregório de Matos será aberto ao público que terá uma nova oportunidade de apreciar o trabalho de Isaura e de toda a equipe de produção, que capricharam na fotografia do vídeo e na interpretação dramática. A apresentação será às 19 horas na sede da Fundação.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 383 29/04/10 02:47

A TARDE
Caderno 2
Quarta-feira ● 18/4/1990

Prêmio agita Balé Folclórico da Bahia

Ana Teresa Baptista

Posso estar falando de uma cena do passado. O Balé Folclórico da Bahia foi um dos premiados na "Concorrência Fiat 1990" e vai receber, no próximo dia 27, em solenidade aqui na Bahia, 50% dos Cr$320 mil que conquistou no concurso. Com o corte aos subsídios governamentais, uma das medidas do Plano Brasil Novo, poucas empresas deverão se aventurar este ano pela cultura, ao menos até que o governo institua as novas regras para a área. O BFB, entretanto, já está com o seu pássaro na mão e fará com que dê bons filhotes.

O compromisso com a Fiat é a aplicação do prêmio na montagem de um espetáculo inédito. Isso já está engatilhado. Rosângela Silvestre, a coreógrafa oficial da companhia, criou *Dança dos Caboclos* e *Fêmeas* (título provisório), em fase final de ensaio. Dançando o Nordeste (título também provisório) já tem roteiro pronto, faltando apenas a escolha de um coreógrafo para a concepção dos seus movimentos, porque a direção da companhia quer evitar a repetição do estilo Rosângela Silvestre em todas as coreografias. A previsão de estréia é para o segundo semestre deste ano, no Teatro da ACBEU ou no Salão Iemanjá do Centro de Convenções, quando o grupo receberá o restante do prêmio.

Inútil imaginar que Cr$320 mil são uma verba à altura de uma montagem *hollywoodiana*. Ela vai ser aplicada somente em figurinos. Os seus dois diretores, Walson Botelho e Ninho Reis, pesquisam e concebem as vestimentas, mas, na hora da execução, a realidade se complica. *Dança dos Cablocos*, por exemplo, terá um figurino feito com penas de animais, sintéticas ou naturais, a depender do custo e da viabilidade de cada tipo. Essas penas não são encontradas no Brasil. Terão de ser importadas da África e Austrália.



O Balé Folclórico da Bahia evita as estilizações, procuran, das vestimentas à coreografia, ser fiel ao folclore local

A companhia evita as estilizações. Das vestimentas aos movimentos coreográficos procura ser fiel ao folclore que representa: o baiano, um misto de África e Brasil. Por isso, vem tendo sucesso, não é somente um grupo para gringo ver. "Trabalhamos em cima das várias culturas africanas que foram trazidas para o Brasil. O figurino pode pertencer a uma, a dança a outra e a música ser tirada de uma terceira", define Walson Botelho. O grupo também evita o isolamento artístico.

No ano passado, a coreógrafa Rosângela Silvestre representou o BFB no Festival de Artes Negras, na Alemanha, e foi a partir do contato com grupos africanos que trouxe para a Bahia a proposta de montar um trabalho sobre a mulher dentro da cultura negra. Daí nasceu *Fêmeas*, baseado numa pesquisa sobre a vida dessas mulheres na África, a sua vinda para o nosso continente como escravas e a situação atual. Mais de três séculos de história. A dança é privativa das mulheres. Os homens do elenco do balé, que tem 20 dançarinos, participam apenas como músicos. À mão, instrumentos que serão concebidos especialmente para a coreografia, típicos africanos, como a marimba, o xilofone, o piano de cabaça e a cora.

Dançando o Nordeste é um passo importante na existência da companhia. Marca o ingresso da cultura indígena, portuguesa e nordestina em seu repertório. "Estamos fugindo da linha afro e expandindo as nossas fronteiras para além da Bahia, invadindo toda a região nordestina", diz Walson Botelho. A coreografia é um apanhado de todas as danças nordestinas, como o bumba-meu-boi, congado, maracatu, quadrilha junina, xaxado etc. *Dança dos Caboclos* mistura os rituais africanos com os indígenas.

"Caboclo é a união dos orixá africanos com os espíritos indígenas. Não vamos transportar o candomblé do caboclo para o palco. Fizemos um estudo da sua representação e energia e montamos um enredo a partir dele", coloca o diretor. A história de suas nações africanas, uma só de mulheres e outra só de homens, será contada. Quando elas se encontram, travam uma batalha que resulta também numa história de amor entre os seus chefes, que não podendo se unir por pertencerem a nações rivais, abdicam o somem no ar.

Após a estréia do espetáculo, financiada pela Fiat, o Balé Folclórico inicia as excursões/90. A nacional já está definida, pois o BFB foi escolhido pelo Banco Francês Brasileiro para ser o seu representante cultural deste ano. Na relação do banco já passaram o Grupo Corpo, de Minas Gerais, e o pianista Arthur Moreira Lima, entre outros. Duas turnês internacionais estão na intenção, e o destino, porém, não é revelado, porque, como diz Walson Botelho, "há muito olho grande nessa terra".

BOOK 20 ANOS BFB.indd 384 29/04/10 02:47

A TARDE

ABRIL 1990

A TARDE Quarta-Feira, 18 de Abril de 1190

Pouco tempo de muita experiência

A primeira vez que o Balé Folclórico da Bahia pisou no palco como uma companhia oficial foi em julho de 1988, no Festival de Dança de Joinville, como convidado especial. Antes de chegar às luzes, porém, ele teve um ano de trabalho. Em 1987, a partir de uma reunião de músicos e dançarinos que trabalhavam com o folclore na Bahia, nasceu no papel, fruto da experiência de seus diretores, Ninho Reis e Walson Botelho, como empresários de outros grupos folclóricos. O BFB preencheu a lacuna existente de uma companhia profissional de folclore.

Um mês depois da estréia, a companhia foi lançada na Bahia, no Hotel Meridien, e passou a existir de fato e de direito. *Bahia de Todas as Cores* foi o nome do espetáculo que deu origem ao grupo e o primeiro a receber um prêmio. O Ministério da Cultura, hoje extinto, escolheu-o como melhor espetáculo de dança da Bahia e patrocinou uma turnê pelo sul do estado. O sucesso foi radical. No Rio de Janeiro, os ingressos terminaram com duas semanas de antecedência, e, em São Paulo, os dançarinos foram "obrigados" a fazer quatro sessões no sábado e duas no domingo para atender à grande demanda de público.

Vitoriosos, voltaram à Bahia, fizeram a abertura da temporada de Verão de 1989 no Teatro Castro Alves e começaram a preparar o seu segundo espetáulo: *Afixirê,* coreografado por Rosângela Silvestre , que significa, em iorubá, dança da alegria. Na Oficina Internacional de Dança Contemporânea, do ano passado, no TCA, ele foi mostrado ao público, arrancou aplausos e admiração. Os convites para apresentações tornaram-se freqüentes. O BFB esteve no Festival de Danças Populares, na Paraíba, em outubro de 1989, e no de São Cristóvão, em novembro. O que mantém os seus 35 integrantes, entre dançarinos, músicos, técnicos e direção são as apresentações em congressos e hotéis, quando recebem cachês. No dia-a-dia, o balé só tem condições de patrocinar a alimentação e transporte de seus componentes *(ATB).*



Um grupo financeiro (Banco Francês e Brasileiro) e um de balé, unidos pela mesma sigla: BFB



"Dançando o Nordeste" marca presença das culturas indígena, portuguesa e nordestina

Concorrência desleal do dólar

O sonho de todo brasileiro é ganhar em dólar. Alguns conseguem. Por conta de um contrato "escravizante", 11 integrantes do BFB, entre dançarinos e músicos, foram morar nos Estados Unidos para colecionar as "verdinhas", apresentando-se no Oba Oba oba do Sargentelli, filial americana. Não podem receber visitas nem telefonemas de pessoas estrangeiras, passar mais de uma hora na rua depois do término do espetéculo, ensaiam seis horas diariamente, com uma apresentação durante a semana e três no final de semana, e recebem interferência da direção do grupo até no corte de cabelo.

Se mesmo com todas essas exigências é bom para os artistas irem ao Primeiro Mundo, isso não acontece com a companhia baiana. Depois de darem toda a preparação aos seus componentes, vêm eles escaparem para as mãos de quem não fez nenhum esforço. O desfalque obrigou o balé a fazer uma audição para a contratação de novos músicos e dançarinos e, desta vez, foram mais precavidos: selecionaram, além dos titulares, alguns reservas. "Sabemos que daqui há seis meses já vem outro grupo estrangeiro procurar dançarinos no Brasil e não queremos ser pegos de surpresa", coloca Walson.

Este tem sido o pesadelo do balé, que é a grande vítima dos estrangeiros. Desde que foi fundado, enfrenta pela terceira vez o mesmo problema. Os produtores americanos e europeus tentam contratar integrantes de outras companhias, mas acabam fixando o olho na Bahia. "No Rio de Janeiro e São Paulo, os músicos e dançarinos têm um estilo afro-contemporâneo que não interessa aos produtores estrangeiros. Nossos integrantes, além de serem preparados com muito rigor técnico, são músicos, dançarinos e capoeiristas. Isso faz com que sejam os preferidos".

Para diminuir a pressão, a direção do BFB resolveu fechar um pouco o cerco. Antes, os ensaios eram abertos ao público e constantemente apareciam ex-integrantes do grupo, hoje morando no exterior, para ir preparando o terreno às futuras contratações. A solução foi transformar os ensaios em privês. "Se querem chamar algum dos nossos artistas para uma audição que o façam, mas respeitem o espaço da nossa companhia". No embate do dólar com o cruzeiro, é sempre impossível o segundo vencer *(ATB).*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 385 29/04/10 02:47

TRIBUNA DA BAHIA

ABRIL 1990

Fiat premia Balé Folclórico

Apontado pelo público e pela crítica especializada de todo o país como uma das companhias de dança mais atuantes e profissionais do Brasil, o Balé Folclórico da Bahia inicia a década conquistando o segundo maior prêmio em seus dois anos de existência, após disputar com centenas de companhias e grupos de dança profissionais brasileiros de todas as linguagens: o Prêmio "Concorrência Fiat 1990" (a primeira conquista foi em 1989 quando recebeu o Prêmio "Melhor Espetáculo de Dança na Bahia" oferecido pelo Ministério da Cultura através do Instituto Nacional de Dança).

Este evento também considerado um marco, por ser uma conquista de toda comunidade artística junto a uma empresa privada internacional, adquire, assim, uma importância relevante quando passa a beneficiar a sociedade como um todo, garantindo uma alta qualidade nas produções dos espetáculos vencedores, gerada pela tranqüilidade financeira pouco comum entre os grupos artísticos no país e, principalmente, no Nordeste, além de proporcionar ao publico freqüentador dos teatros uma satisfação de que o padrão cultural brasileiro está atravessando uma etapa sempre crescente.

Através deste patrocínio, o Balé compromete-se a apresentar um espetáculo inédito, cuja previsão de estréia está para o início do segundo semestre deste ano, quando a companhia dará prosseguimento a uma série de tournées nacionais e internacionais cumprindo uma vasta agenda de festivais e temporadas em grandes teatros no Brasil, América do Sul e Oriente.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 386 29/04/10 02:47



CORREIO DA BAHIA

Salvador, Segunda-feira, 30 de Abril de 1990

Com a benção dos orixá

Formado há apenas 2 anos, o Balé Folclórico tem a consagração que o situa entre os grandes do país

Nilson Galvão

Turistas e congressistas de todos os quadrantes do planeta, ao desembarcarem em Salvador, experimentam, entre outras pitorescas aventuras, as inevitáveis sessões de dança folclórica de origem africana. Conhecidas mundialmente, tais atrações não costumam ser lá muito brilhantes, devido à falta de profissionalismo e de criatividade da maioria dos grupos folclóricos. Neste contexto, os dançarinos Walson Botelho e Ninho Reis criaram, há dois anos, o balé Folclórico da Bahia. Conciliando atividades aparentemente díspares, como disputar o mercado de shows e eventos turísticos de Salvador e ao mesmo tempo freqüentar o roteiro dos mais prestigiados festivais de dança do país, o Balé teve confirmada a sua boa estrela ao vencer, este ano, o disputado patrocínio da Concorrência Fiat Nacional.

O cheque no valor de oito mil BTNs, entregue sexta-feira aos diretores do balé, faz parte de um contrato que prevê, para o mês de julho, a estréia em Salvador de um espetáculo com quatro coreografias. Criadas pela dançarina Rosângela Silvestre, as obras têm um pé no folclore baiano e outro na imaginação artística da coreógrafa. Três delas abordam uma temática afro-baiana. *Afixirê* descreve ecletismo com que a Bahia assimilou costumes de diferentes culturas da África, *Fêmeas* retrata as mulheres negras em sua trajetória do continente de origem até a vida cotidiana no Brasil, a união entre o candomblé e mitos indígenas, que resultou numa seita híbrida, é o motivo de *Dança dos Caboclos*.

Painel — A quarta coreografia, ainda sem nome, extrapola pela primeira vez na existência do Balé Folclórico da Bahia os referenciais diretamente africanos. Ao reunir num amplo painel as mais importantes manifestações populares do Nordeste, como bumba-meu-boi, maracatu, congada, reizado e até mesmo as quadrilhas juninas, o balé ultrapassa as fronteiras culturais do estado e assume o projeto audacioso de um dia englobar todo o folclore nacional. Mas isso são planos para o futuro. Como explica o diretor Walson Botelho, neste ramo, como na indústria, o grande pecado é investir na expectativa de resultados imediatos. "O *Berioska*, que ganhou celebridade neste século, começou há 200 anos, e numa garagem", teoriza.

Ex-integrante do antológico Viva Bahia, grupo folclórico dirigido pela professora Emília Biancardi e que, durante 20 anos, percorreu o mundo inteiro consolidando o papel da dança entre os traços culturais baianos, Walson Botelho não se conformou com a sua extinção, em 1985. A tentativa de engajar-se a grupos especializados em recepções, conferências e outras nuances do mercado de manifestações *típicas* não deu certo. Exigente, Walson nunca conseguiu conviver com dançarinos mal pagos e vestidos com desleixo. Certo de que o segredo para ultrapassar os limites da programação turística estava justamente em não negligenciar qualquer detalhe, o dançarino criou seu próprio grupo, ao lado de Ninho Reis e outros companheiros, e, em pouco tempo, conseguiu montar a estrutura necessária ao amadurecimento de uma companhia.

CORREIO DA BAHIA
ABRIL 1990

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 387 29/04/10 02:47

A TARDE

JULHO 1990

Os esforços reconhecidos

Se problemas econômicos não faltam, agravados pela escassez de eventos na cidade com a adoção do Plano Collor, o Balé Folclórico não tem queixas quanto à contabilidade artística e promocional dos seus 2 anos de vida. Vivendo de salários simbólicos para ajuda de custos e de participações nos cachês das apresentações, os dançarinos, músicos e técnicos — 35 pessoas ao todo — sabem muito bem as vantagens de ensaiar duro 5 horas por dia numa sala alugada da Escola de Dança da Ufba. Há pouco tempo, críticos especializados relacionaram o Balé Folclórico entre as melhores e mais atuantes companhias brasileiras de dança. Já em 88, ano de sua fundação, o Balé fez uma turnê pelas principais capitais do país, patrocinado por um prêmio especial do Ministério da Cultura.

No ano passado, o cineasta Zalman King e sua *troupe* de nomes famosos como Mickey Rourke e Jacqueline Bisset, aportaram em Salvador para filmar o exótico *Orquídea selvagem*, filme que já estreou nos Estados Unidos. Convidado para algumas tomadas, o Balé Folclórico acabou fazendo uma participação especial, com direito a destaque nos créditos e aulas extras de lambada para Rourke e Bisset. Walson conta que eles estavam na platéia quando o Balé dividiu, com grupo soviético Kalinka, o palco do Teatro Castro Alves, numa das mais aplaudidas noites da 11ª Oficina Nacional de Dança Contemporânea, em maio de 89.

Os créditos internacionais não ficam por aí. Atento para as vantagens de uma eficiente política diplomática, Walson Botelho confidencia que não deixa passar em branco nenhum grupo consagrado que se apresente em Salvador. Além de recepcionar as celebridades, esquema que na chegada do Bolshói proporcionou publicidade grátis em vários horários do jornalismo da Rede Globo e ainda um destaque no *Fantástico*, o Balé Folclórico promove sempre uma sessão privativa para mostrar seu repertório. Ninguém há de negar que trocar endereços com David Parson e os diretores de grupos como Bolshói, Berioska, Balé do Senegal e outros é, no mínimo, oportuno.

A última façanha do Balé Folclórico, ainda que limitada ao território nacional, também não deixou de ser significativa: no capítulo de apresentação da festejada novela *Pantanal*, da Rede Manchete, 8 membros da companhia apresentaram um *clip* especialmente montado para a ocasião. (N.G.)

A TARDE ● Sábado ● 14/7/1990

O vencedor

● O Ballet Folclórico da Bahia, vencedor nacional do Prêmio — Concorrência Fiat 90 — ofereceu um coquetel de lançamento do espetáculo que apresentará no próximo dia 19, no Teatro Iemanjá do Centro de Convenções. Durante o coquetel, foi apresentado um número especial, junto com a Banda Olodum, o que fez com que os presentes fossem envolvidos pela magia do ritmo e da sincronização perfeita da dança do Ballet Folclórico da Bahia. Participando do acontecimento estavam Antônio, Luiz Carlos e José Henriques Ramos — patrocinadores do coquetel — Cristina e Sergio Figueredo, (ele o responsável pela organização do evento) Marcos Pinheiro, Rafael Portela, Eduardo de Freitas, Ricardo Bitencourt, Nelson Bulhões, Anselmo Fernandes, Andréa Diniz Gonçalves, Livia Kauffer, Sérgio Gaudenzi, entre outros mais.

A TARDE ● Sábado ● 10/7/1990

Encontro oportuno

Bom encontro no Teatro Iemanjá, no Centro de Convenções, dia 19, a partir das 21h30min: o Balé Folclórico da Bahia e o Olodum, apresentando o espetáculo que foi um dos vencedores da Concorrência Fiat, que premiou nacionalmente os melhores da dança, teatro, artes plásticas e vídeo. Tem direção de Walson Botelho e Ninho Reis, coreografias de Rosângela Silvestre e direção musical de Emília Biancardi.
O balé segue depois para uma turnê nacional, apresentando-se, em agosto, no Memorial da América Latina, em São Paulo. O Olodum participa do projeto, além de apresentar-se separadamente.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 388 29/04/10 02:47

CORREIO DA BAHIA
JULHO 1990

WALSON BOTELHO

O Balé Folclórico da Bahia é uma companhia promissora. Quando se apresentou em Brasília, recebeu convite das representações diplomáticas africanas para um jantar especial, onde não faltaram elogios à energia indiscutivelmente afro do grupo, nem promessas de colaborações financeiras e intercâmbios. A mesma apresentação fez com que o governo sueco procurasse o diretor do balé, o antropólogo, Walson Botelho, aqui na Bahia, a fim de convidá-lo para o que deverá ser a primeira experiência internacional da jovem companhia, de apenas dois anos de atividades. Walson atua como mentor, empresário e consultor do grupo. É uma das maiores autoridades em dança folclórica da Bahia. O Balé Folclórico estréia semana que vem, com a participação especial do bloco afro Olodum, o espetáculo que venceu a Concorrência Fiat 90, com as coreografias Afixirê, Dança de caboclos, Fêmeas e Rapsódia nordestina, de Rosângela Silvestre. O lançamento do show será hoje, às 20h, no Restaurante Alto de Ondina. Ninguém melhor que Walson para explicar os caminhos do grupo, que aliás se confundem com a sua própria trajetária.



O que a gente mostra no palco é o candomblé que é aberto a qualquer pessoa nos terreiros

Nils

Arte e Lazer — Você é au
e lidera o Balé Folclórico
Existe uma ligação imediat
duas coisas?
Walson Botelho — Não, a q
grupo folclórico vem como
lado da minha vida profiss
não fiz um pelo outro nem
Foi por acaso que aconteceu
vida o grupo folclórico, e a a
gia vem desde os tempos de g
tinha amigos de escola, c
eram antropólogos e sem
muito interessante a Antrop
mo profissão, embora não a
prática. Aliás, eu posso dizer
zo, não numa sala de aula
pesquisa, mas no grupo. A
uma ligação. A Antropologi
da bastante no que faço.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 389 29/04/10 02:47

AL — Ajuda em que sentido?

WB — Me dá uma clareza maior, para que eu possa ter uma base mais firme, cometer menos enganos, ter uma visão maior. Na mistura que você faz dentro do trabalho é preciso ter um cuidado muito grande, porque tem coisas que continuam aí, vivas. Se você não tiver um conhecimento realmente profundo daquilo que está fazendo, você pode fazer bobagens, misturar músicas que não têm nada a ver com o tema que você está fazendo, ou então usar temas que são sagrados em determinadas religiões. Isso faz parte da pesquisa.

AL — O que você acha dessa polêmica em torno da utilização do candomblé no palco?

WB— Na minha opinião pessoal, desde que você faça um trabalho sério, de pesquisa, que não vá degradar a religião, mas pelo contrário, divulgá-la, não existe problema nenhum. Primeiro porque as pessoas do Balé Folclórico, em sua maioria, são da religião. Eu particularmente também sou do candomblé, e vejo isso com respeito, com um cuidado muito grande. Sou *axogun*, *ogã* de faca, então eu tenho um cuidado para não folclorizar, não estilizar a coisa. As pessoas falam muito do candomblé no palco. Mas por que se pode fazer livros, fotografias, filmes, músicas, novelas, minisséries da Globo? O que eu não concordo mesmo é que se bote orixás em porta de avião, para receber autoridades e artistas, ou circulando em festas de recepção, ou em vitrinas.

AL — Você falou na necessidade de distinguir as passagens que são sagradas. Até aonde vocês vão com o candomblé, no palco?

WB — O que a gente mostra em cena é o candomblé que é aberto a qualquer pessoa em qualquer terreiro. São as festas públicas, que na África, inclusive, são realizadas na rua. A questão do candomblé aqui no Brasil vem do processo histórico, do negro ter de fazer tudo escondido, chegando ao ponto de confundir os orixás africanos com os santos católicos, para que os rituais fossem permitidos. Na África, as aldeias formam comunidades religiosas, é tudo feito na rua. Então, não existem segredos nos rituais. Alguns poucos são realizados em determinados locais. É a festa pública que a gente mostra no palco, da mesma forma que no candomblé, apenas com um cuidado artístico.

AL — Mas o Balé Folclórico não se propõe a ser exclusivamente afro, não é mesmo?

WB — O balé é folclórico, não é afro. A gente tem trabalhado mais com afro porque é realmente o que puxa mais aqui na Bahia. Mas isso não impede que façamos outras manifestações que tenham a origem portuguesa ou indígena, como acontece agora neste novo espetáculo, na coreografia *Rapsódia nordestina*. Nela, juntamos algumas coisas do folclore nordestino que têm influência afro também, mas cuja origem realmente é portuguesa. O bumba-meu-boi, por exemplo. O xaxado que já é bem mais brasileiro, com misturas de negro, europeu e índio. Tem também o maracatu rural, um cortejo real que era realizado na coroação dos reis negros dos escravos, mas que tinha todas as características de um cortejo europeu. Reunimos também o teatro de bonecos, de origem européia, e o *Segura a véia*, aquela dança do cara com a boneca, tipicamente nordestina.

AL — Fale um pouco sobre o Balé Folclórico.

WB — O grupo foi fundado em 1987, mas antes este mesmo pessoal já trabalhava comigo em outro grupo. A gente já era de certa forma independente, éramos ligados a um restaurante e fazíamos excursões, shows em hotéis e tudo mais. Eu não tinha ligação com a parte que ficava com o restaurante, mas a parte de fora era como se fosse minha, eu cuidava do vestuário, da disciplina e tudo mais. Quando eu deixei este grupo, as pessoas insistiam muito para que eu tivesse um grupo meu, para ter mais liberdade. Eu não queria nenhum envolvimento com folclore, porque dá um trabalho muito grande. Mas garantiram que se eu fizesse uma coisa minha todo mundo viria trabalhar comigo, e eu fui vendo que



Qualquer pessoa na África dança. As companhias de dança são montadas com pessoas do povo

realmente era necessário, que desistir seria uma frouxidão da minha parte.

AL — Você também já foi bailarino. Com quantos anos você parou de dançar, e quantos tem hoje? Não parou muito precocemente?

WB — Tenho 29 anos, e dancei até os 22. Eu parei porque passei a dirigir, administrar grupos, e não me sobrava mais tempo para dançar, somente para dar aula. Depois, não dava mais nem para as aulas. Aí eu fui deixando, engordei, perdi o pique, e tenho milhões de coisas para fazer.

AL — E hoje, qual a sua relação com a dança? Você faz coreografias?

WB — Faço. O espetáculo de estréia do balé, que é apresentado até hoje, *Bahia de todas as cores*, tem coreografias minhas. Neste novo espetáculo, todas as coreografias são de Rosângela Silvestre, *A Rapsódia nordestina*, *Fêmeas*, *Dança de caboclos* e *Afixirê*, mas têm a minha participação. Eu faço sempre o roteiro, dou o que eu quero, porque eu conheço as características da companhia.

AL — Por falar nisso, tem o fato de você ter dançado com o grupo Viva Bahia, de Emília Biancardi. Qual a relação que existe entre o Balé Folclórico, hoje, e o Viva Bahia na década de 70?

WB — Eu aprendi muita coisa com Emília, principalmente o respeito ao profissional. Não existe na Bahia uma preocupação com o artista, principalmente aquele que trabalha com folclore. Pagamento, cachê, vestiário. É uma falta de respeito. Mas a questão financeira mudou muito. Antes era mais fácil. Havia menos grupos, a Bahia estava sendo lançada para o mundo, com o tropicalismo, artistas exilados mostrando a Bahia. Eu viajei bastante, durante seis anos.

AL — E com o Balé Folclórico, você já viajou?

WB — Com o mesmo grupo, sim, antes de formar o Balé. Com a companhia, nós temos na verdade dois anos de trabalho. São três de fundação, mas nós levamos um ano numa sala de aula só elaborando coreografias, fazendo aulas, fazendo seleção de dançarinos. Vamos completar ainda dois anos, em agosto, de funcionamento. Nesses dois anos, nós já rodamos o Brasil umas sete vezes. Para o exterior, ainda não.

AL — Mas vocês não são exatamente um grupo folclórico típico, são?

WB — Não, a gente já tem uma estrutura bem maior que um grupo folclórico. É o mesmo produto, mas muda a estrutura. Do ponto de vista formal, os outros grupos trabalham em suas coreografias uma coisa mais espontânea. A gente não, já é um trabalho mais elaborado coreograficamente.

AL — Esta elaboração passa por que, por uma leitura contemporânea, por exemplo?

WB — É, ela chega ao contemporâneo. Mas a gente não perde a origem, a base. A concepção coreográfica está ligada ao contemporâneo, mas a base deve ser o primitivo.

AL — O dançarino estuda o que na companhia?

WB — Técnica afro. Contemporânea, no caso. Embora a Rosângela, que é a professora, tenha base para dar o afro primitivo, ou original. Ela é uma das poucas professoras aqui da Bahia que tem tido oportunidade para viajar, participar de festivais na Europa e na África. O próprio Balé Folclórico tem um contato muito grande com todas estas companhias que vêm de lá, principalmente as africanas, como os balés do Benin; do Senegal, Nigéria. Mas a Rosângela, que é professora também de dança moderna, mistura isso tudo no mesmo universo. Principalmente porque a gente não tá na África, nós somos o afro-brasileiro. Mas existe em certas aulas uma aproximação muito grande com o afro-africano.

AL — Existe uma diferença sensível entre o dançarino africano e o europeu?

WB — Bom, não existe professor de dança na África. Não existe "dança afro" na África. Qualquer pessoa na África dança. As companhias de dança são montadas com pessoas do povo mesmo, que são orientadas profissio-



A gente tem trabalhado mais com afro porque é realmente o que puxa mais aqui na Bahia

nalmente, artisticamente, mas não têm aulas de afro, moderno, etc. A não ser, por exemplo, o Mudra Senegal, que é uma escola do Maurice Bejart no Senegal, onde os dançarinos têm aulas de balé clássico, de dança moderna e de afro, mas é o afro do dia-a-dia deles. Não é uma técnica.

AL — Quer dizer que a sistematização da dança afro acontece no Brasil? Ou melhor, basicamente na Bahia?

WB — É. No Sul, há uma modernização muito grande, porque o afro mesmo não ficou muito forte. Aqui, a tradição africana é muito forte ainda, candomblés, afoxés, blocos afro. Há alguns anos, por exemplo, o afro não tinha estas características que tem hoje. Mesmo o da Bahia tinha um lado bem mais moderno. De uns dez anos para cá, ele tem-se aproximado mais do africano do que do moderno.

AL — Pode-se dizer que o estilo do Balé Folclórico é dança afro?

WB — Sim, mas temos professores convidados também, fora Rosângela, que dão aulas até mesmo de balé clássico. São cursos especiais de teatro, de música, de percussão, de capoeira, de balé clássico, de dança moderna, do que for. É necessário que o dançarino tenha uma visão geral, inclusive de maquiagem.

AL — É preciso ser negro para encarar a dança afro?

WB — É claro que o negro já tem este suingue incorporado no próprio sangue. Se ele vai fazer uma audição para o Balé Folclórico, sendo negro e tendo tendência para a dança, ele está na frente de um branco que também tenha tendência para a dança. Já está incorporado ao próprio espírito dele, fica bem mais fácil, para o negro, você tocar um atabaque e ele dançar em função daquele atabaque, do que para um branco que não freqüentou candomblé desde criança.

AL — E o trabalho que vocês estão fazendo com o Olodum?

WB — O Olodum, como o Balé Folclórico, é ainda um grupo emergente. E uma preocupação que eu tenho tido ultimamente é a integração artística, principalmente entre os grupos emergentes.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 390 29/04/10 02:47



A TARDE
JULHO 1990

Hamilton Vieira

Amanhã, no Teatro Iemanjá do Centro de Convenções da Bahia (Armação), acontece uma autêntica festa de "afixirê" — dança da alegria no dialeto africano lorubá. Isso se dará com o encontro entre o Balé Folclórico da Bahia (BFB) e o bloco afro Olodum, que, juntos pela primeira vez, apresentam *Afixirê*, de Rosângela Silvestre, coreógrafa oficial do corpo de baile. O espetáculo começa às 21h30min, com o BFB mostrando suas novas criações. No final, a presença do Olodum.

As mais recentes coreografias do BFB são *Rapsódia Nordestina, Dança dos Caboclos* e *Fêmeas*, de Rosângela Silvestre e direção musical de Emília Biancardi. Os figurinos são de Ninho Reis e Walson Botelho.

Estes novos trabalhos foram elaborados devido ao BFB ter sido o único grupo de dança do estado premiado na "Concorrência Fiat 90". A premiação rendeu ao grupo 8 mil BTNs, em março deste ano valia NCz$322 mil. Conforme Walsón Botelho, que divide juntamente com Reis Ninho a direção do balé, nesta nova produção foram gastos Cr$2 milhões.

DANÇAS POPULARES

Na coreografia *Rapsódia Nordestina*, com pouco mais de 30 minutos de duração, são apresentadas algumas das manifestações mais conhecidas do folclore nordestino, de forte influência indígena e negra. São a dança do xaxado, o bumba-meu-boi, o maracatu rural e uma dança inspirada na rinha de galo. *Rapsódia Nordestina* traz como novidade num espetáculo de dança a inclusão do teatro de bonecos; "por ser uma manifestação cultural presente em feiras e praças nordestinas", ressaltou Botelho. Na manipulação dos bonecos, o ator Elias Bonfim e a atriz Sue Ribeiro.

A coreografia conta ainda com a presença de um trio que executará música nordestina. É formado pelo gaiteiro Aldo Borginon, o violonista Luiz Gazineo e o flautista Paco Gomes. Estes músicos, bem como os atores, foram especialmente convidados.

A segunda parte do espetáculo mostra coreografias de inspiração essencialmente africana. *Fêmeas* é uma homenagem à mulher negra no Brasil e África, pois mostra as atividades comumente exercidas por elas, na agricultura, artesanato ou no serviço caseiro.

Dança dos Caboclos mostra a fusão religiosa entre as culturas indígena e negra no Brasil. São mostradas as danças, os toques e as entidades presentes no candomblé da nação cabocos. Nesta coreografia sobressai-se o colorido verde-amarelo, símbolo de brasilidade típico desta forma de candomblé. Esta mesma coreografia mostra a história de amor entre uma índia amazona e um guerreiro de uma tribo rival. Amazonas e índios guerreiros se duelam. No final, os dois amantes somem no espaço.

OLODUM

A última coreografia é *Afixirê/ Dança da Alegria*. O público verá uma verdadeira festa de confraternização e fusão de ritmos e danças entre alguns membros e parte da bateria do Olodum com os dançarinos do BFB. Rosângela Silvestre explicou que se trata de uma coreografia marcada pela espontaneidade. "É um trabalho inspirado na alegria do povo baiano, que vai às festas de largo, ao Carnaval, aos ensaios de bloco e dança com muita naturalidade".

O diretor do Departamento de Artes do Olodum, Euzébio Cardoso, disse que vê com muita alegria essa nova experiência do bloco. "Depois de gravarmos com Gal Costa (último elepê da cantora, *Plural*, RCA), Lecy Brandão, Ney Matogrosso e o norte-americano Paul Simon, é muito natural trabalharmos com o Balé Folclórico, pois as duas entidades desenvolvem trabalhos paralelos centrados na cultura negra. É uma ótima troca de experiências entre o dois grupos".

A partir de agosto possivelmente o BFB inicia excursão pelo Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste do País. O patrocínio é do Banco Francês-Brasileiro, que escolheu o grupo como seu "embaixador cultural" para 1990. Todo ano o banco escolhe um "embaixador". Já tiveram esse patrocínio a Orquestra Sinfônica Brasileira, o pianista Artur Moreira Lima e, entre outros, o grupo de dança Corpo. Depois desta temporada, o BFB deverá apresentar-se no Verão do Oriente (Japão, China e Coréia) e no Inverno da União Soviética.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 391 29/04/10 02:47

A TARDE

Único no gênero

O Balé Folclórico da Bahia (BFB) é tido como o único grupo de dança folclórica profissional do Brasil. Sua criação foi em 1987, quando os baialarinos Walson Botelho e Ninho Reis, amigos de vários anos, decidiram criar um grupo de danças folclóricas. O BFB atualmente tem um corpo fixo de 35 integrantes: 21 dançarinos, sendo 13 homens e oito mulheres, três cantoras, um solista e técnicos. Eventualmente são contratados profissionais extras em caso de necessidade, ou chamados outros artistas como convidados especiais, como no caso da coreografia *Rapsódia Nordestina,* integrada por dois atores e três instrumentistas.

O grupo ensaia diariamente na Escola de Dança da UFBA (Terreiro de Jesus), durante cinco horas, recebendo as mais variadas orientações artísticas, como técnicas de teatro, música e dança. Rosângela Silvestre, coreógrafa do BFB e com curso de Licenciatura em Dança pela UFBA (1982), fez questão de salientar que, ao ministrar técnicas de dança para os integrantes do balé, "procuramos preservar a forma espontânea que os nossos bailarinos trazem da rua, aprendida em casa, nas alas dos blocos afros e nos candomblés".

O *debut* do balé foi em julho de 1988, com o espetáculo *Bahia de Todas as Cores,* apresentado no Festival de Dança de Joinville (Santa Catarina). Depois apresentou-se no Festival de Dança de Santos, no Festival de Danças Populares de Campina Grande (Paraíba) e no Festival de Artes de São Cristóvão (Sergipe).

A estréia na Bahia aconteceu em agosto de 88, no Hotel Meridien, também com *Bahia de Todas as Cores.* Em dezembro deste mesmo ano, o balé recebe o prêmio de "Melhor Espetáculo de Dança da Bahia", dado pelo Instituto Nacional de Dança, do Ministério da Cultura, hoje extinto pelo governo Collor. A premiação foi uma excursão pelas principais capitais do Sul do País.



Foto: Mara Mércia

A Banda do Olodum alarga ainda mais suas atividades e entra no palco junto com o Balé Folclórico da Bahia (no alto), amanhã, 21h30min

SUCESSO

O crítico de dança do Diário Popular, de São Paulo, escreveu sobre o balé: "Os músicos, como os vocalistas e dançarinos, formam um conjunto absolutamente harmônico e de alta e homogênea qualidade".

Para se ter uma ideia do público que comumente o BFB consegue arrebanhar, em 1987, no espetáculo *Bahia de Todas as Cores,* no Rio de Janeiro, os ingressos foram esgotados com duas semanas de antecedência.

O sucesso do grupo também se dá no interior da Bahia, já tendo se apresentado em Feira de Santana, Vitória da Conquista, Itabuna, Ilhéus.

Rosângela Silvestre lembrou ainda que o BFB tem o maior respeito pelas religiões de origem africana, pois as danças dos orixás e o candomblé de caboclos são motivos que inspiram coreografias. "Não levamos o candomblé para o palco. Pegamos apenas o lado estético da religião. Não representamos rituais de fundamento no palco. Em cena, usamos apenas as danças, a indumentária e a energia emanada das religiões afros".

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

TRIBUNA DA BAHIA
JULHO 1990

Quinta-Feira, 19 de Julho de 1990

Olodum e Balé Folclórico se encontram no Iemanjá

O Balé Folclórico da Bahia e o Olodum se apresentam quinta-feira às 21h30min no Teatro Iemanjá do Centro de Convenções. O encontro inédito envolve mais de 80 pessoas, entre músicos e dançarinos e consumiu com sua montagem mais de hum milhão de cruzeiros,além de sucessivos e exaustivos ensaios entre os dois grupos. O espetáculo terá coreografias em separado do balé, coreografias do balé com o Olodum juntos e ainda uma apresentação especial da Banda Olodum, que mostrará ao público os seus maiores sucessos, antes de sua partida para Londres, onde se apresenta em agosto.

Pela primeira vez juntos no palco, o Balé Folclórico da Bahia e Olodum fazem show nesta quinta, às 21h30min no Teatro Iemanjá, Centro de Convenções. O espetáculo a ser apresentado foi um dos vencedores da Concorrência Fiat — A magia das artes, que premiou nacionalmente os melhores da dança, música, teatro, artes plásticas e vídeo.

O Balé Folclórico da Bahia, criado em 1987, já apresenta um curriculum de atividades, que inclui tournées nacionais e internacionais, onde conseguiu uma considerável resposta do público e da crítica especializada.

Unindo-se agora ao Grupo Olodum, um dos mais representativos grupos da música negra da Bahia e que vem de uma apresentação no Palace de São Paulo, acompanhando Gal Costa, o Balé promete um espetáculo onde a música e a dança se unem, para mostrar o que há de melhor em termos de manifestação cultural baiana e com aceitação no mercado nacional e internacional.

O espetáculo será dividido em duas partes, a primeira intitulada "Rapsódia Nordestina" é a reunião de várias peças artísticas numa só sendo escolhidas algumas das mais importantes manifestações folclóricas do Nordeste, onde podemos destacar o teatro de mamulengos, a briga de galo, maracatu rural, o xaxado, o segura a veia e o bumba-meu-boi.

A segunda parte é dedicada a arte negra, acontecendo a "Dança dos Caboclos", manifestação religiosa proveniente da miscigenação dos cultos africanos e dos rituais religiosos indígenas, seguida de uma apresentação da Banda Olodum, que mostrará os seus sucessos, a exemplo de "Revolta Olodum", "Cabra da Peste", "Olodum Envolvente", "Oasis Olodum", "Etiópia Mundo Negro".

Para encerrar, uma celebração à vida, o número "Afixirê", dança da alegria em Iorubá com uma festa de cores, sons e movimentos, mostrando o espírito natural e festivo do povo baiano, características essas herdadas dos seus ancestrais africanos. O espetáculo, com estréia nacional aqui na Bahia, tem a direção de Walson Botelho e Ninho Reis, coreografias de Rosana Silvestre e direção musical de Emília Biancardi.



BALÉ FOLCLÓRICO: espetáculo com estréia nacional na Bahia



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 393 29/04/10 02:48

NEGRITUDE



Balé Folclórico da Bahia: prometendo...

O encontro da banda com o balé



...um belo encontro com a Banda Olodum

CORREIO DA BAHIA

JULHO 1990

Balé Folclórico da Bahia e Olodum, juntos, pela primeira vez. Finalmente o espetáculo baiano premiado na Concorrência Fiat, *A magia das artes* inicia uma turnê nacional. Como não poderia deixar de ser, esta estréia acontece em palco baiano, mais precisamente o do Teatro Iemanjá, no Centro de Convenções. É para lá que uma legião dupla de fãs segue hoje, na expectativa de reconferir, a partir das 21h30m, o que é que a Bahia tem.

A fusão entre o grupo de balé e a banda afro promete dar o que falar. O Balé Folclórico desde 1987 vem desenvolvendo atividades por turnês nacionais e internacionais, conquistando prestígio por meio de sucesso de público e crítica. O grupo Olodum se apresenta hoje com o respaldo adquirido no Palace de São Paulo, onde a banda marcou presença ao lado da cantora Gal Costa, mostrando por que é uma das mais destacadas no cenário da música negra da Bahia.

Para expressar o que há de mais genuíno na cultura baiana, o espetáculo foi dividido em duas partes. *Rapsódia nordestina* é a primeira delas, composta por peças artísticas escolhidas entre as mais importantes manifestações folclóricas da região, como o teatro de mamulengos, a briga de galo e o xaxado.

A cultura negra é o tema da segunda parte do show. Nela a Banda Olodum mostra seus maiores sucessos, como *Revolta Olodum e cabra da peste* e o Balé Folclórico apresenta a *Dança dos Cablocos*. *Afixirê*, dança da alegria em iorubá, é o número que encerra o espetáculo. Entre cores, sons e movimentos, a apresentação festiva reforça o espírito de comunhão entre o baiano e os ancestrais africanos.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

FEIRA HOJE

AGOSTO 1990



O Balé Folclórico da Bahia será uma das atrações

Programação da Feirarte já está quase pronta

Oitenta por cento da programação da II Feirarte já está definida, segundo informações do secretário de Turismo, Recreação e Cultura, Armando Sampaio. A feira de arte, que acontecerá de 11 a 19 deste mês, terá como tema a negritude e dará ênfase às atrações regionais. O secretário revelou que o mesmo esquema do ano passado será repetido: atividades desenvolvidas em vários locais e praças públicas. **Página 5.**

BOOK 20 ANOS BFB.indd 394 29/04/10 02:48

A TARDE DEZEMBRO 1990

A TARDE Sexta-Feira, 28/12/1990



Balé Folclórico da Bahia: em plena preparação para o espetáculo do próximo ano.

Fim da concorrência surpreende

É festa num terreiro e velório em outro. Enquanto um incentivo municipal é instituído, um nacional é extinto. A fabricante de automóveis Fiat resolveu extinguir, na semana passada, a sua concorrência para a área cultural. A empresa selecionava projetos em todo o País e patrocinava parte do empreendimento, permitindo que os produtores arranjassem co-patrocínios para compor a verba. Com a recessão econômica, as empresas fecharam os seus canais de patrocínio, e assim alguns dos projetos selecionados pela Fiat ficavam inacabados.

A concorrência foi lançada em 1988, em Minas Gerais, onde a montadora tem a sua sede no Brasil, e depois ampliada para 14 estados, incluindo a Bahia.

Cento e vinte projetos culturais, envolvendo 500 profissionais, foram beneficiados, nas áreas de artes plásticas, vídeo, música, dança e teatro, recebendo uma verba total de mais de um milhão de BTNs. Na Bahia, quatro propostas receberam o aval da Fiat, o vídeo *A Hierarquia do Candomblé*, de José Enrique Barreiro, Rita Lima e Marcelo Fonseca, o show *Armandinho in concert*, a peça *Jacy*, do grupo Via Magia, e o espetáculo do Balé Folclórico da Bahia, com quatro coreografias — *Rapsódia Nordestina, Fêmea, Dança de Caboclos* e *Afixirê*. Todas foram executadas.

FALTA OTIMISMO

O Balé Folclórico não teve dificuldades em conseguir outros patrocinadores e estreou o seu espetáculo em julho, no Teatro Iemanjá do Centro de Convenções da Bahia, com direção de Walson Botelho e Ninho Reis. O nome da Fiat ia ser também associado à produção fora do Brasil, numa turnê internacional que teve de ser cancelada porque a verba não foi suficiente para o salto. "Acho um desastre o cancelamento dessa concorrência. É mais um incentivo que perdemos. Está faltando otimismo nas empresas. É certo que atravessamos uma fase muito difícil, mas uma empresa como a Fiat, que com a venda de três carros recupera a verba investida nas produções culturais, não pode entrar nessa onda de pessimismo", diz Walson Botelho.

Confiante de que seria novamente vencedor da concorrência no próximo ano, o BFB já estava pensando no novo espetáculo, que teria direção de Emília Biancardi — *Bahia Afro*. Outra notícia também pegou o grupo de surpresa. Eles haviam sido escolhidos pelo Banco Francês e Brasileiro para serem um dos representantes culturais deste ano, com uma turnê pelo Brasil patrocinada pelo banco. A crise econômica motivou o cancelamento da proposta.

INCENTIVO

A reação de José Enrique Barreiro à decisão da Fiat também foi de surpresa, e ele já tinha o olho na seleção de 1991. "É lamentável que um dos poucos projetos que davam liberdade aos criadores seja extinto. Mesmo que a verba doada não cobrisse integralmente os custos da produção, era sempre um grande incentivo", disse. Por causa das dificuldades de execução do vídeo, que aborda as relações de poder entre os membros de uma comunidade do candomblé, tal qual foi pensado, os seus produtores resolveram "enxugar" o projeto e assim foi necessária apenas a verba da montadora.

A Hierarquia do Candomblé teve a sua *avant première* na semana passada. "Fizemos um trabalho simples, modesto, com ênfase no conteúdo e não na produção", completou José Henrique, para quem a relação produtor cultural-empresa privada foi plenamente satisfatória. "A Fiat só exigia o cumprimento do prazo de execução do projeto. No resto dava total liberdade, inclusive de que tivéssemos outos parceiros no patrocínio. Infelizmente, a conjuntura econômica não tem permitido que muitas empresas invistam em cultura".

CORREIO DA BAHIA Sexta-Feira, 14 de Junho de 1991

Balé Folclórico dança quadrilha junina

Companhia baiana troca as coreografias afro por passos de maracatu e xaxado

Cássia Maria Candra

Divulgação/Arthur Ikishima



Os espetáculos juninos deste ano em Salvador ganharam a participação muito especial do Balé Folclórico da Bahia que, pela primeira vez em sua carreira, dança quadrilha de São João. Com estréia marcada para às 19h desde sábado, no Shopping Barra, o espetáculo inédito que a companhia resolveu chamar de *Arraiá do Balé Folclórico da Bahia*, é, na verdade, uma quadrilha típica como há muito não se vê nos eventos de temporada, na capital baiana.

Walson Botelho, diretor do balé, conta que este trabalho resgata o lado originalmente francês das quadrilhas com seu bailado muito leve, e a adaptação desta coreografia típica no Nordeste brasileiro. Enquanto as quadrilhas modernas deixaram para trás momentos como o casamento na roça e a reza de Santo Antônio, o Balé Folclórico da Bahia realiza sua função artística, técnica e cultural, apresentando o resultado de uma longa pesquisa (que envolveu muitas conversas e muitas leituras sobre folclore nordestino) que busca a autenticidade da quadrilha de São João.

Lógico que não foi nada fácil para os experimentados bailarinos, cantores e instrumentistas da companhia realizar um trabalho tão diferente do que usualmente eles vêm fazendo mesmo antes de se tornarem os únicos profissionais do gênero no país. Botelho explica que os espetáculos do balé são estruturados em cima de coreografias que traduzem o folclore baiano, que tem características muito particulares mesmo dentro do contexto nordestino: "São coisas muito fortes, em nível de interpretação, que precisaram ser *filtradas*, emocionalmente falando", explica.

O que o Balé Folclórico da Bahia teve de fazer para criar despretenciosamente o arraiá que viveram os avós da geração que hoje dança quadrilha, foi esquecer seu dia-a-dia absolutamente afro: "Nós não temos convivência com o folclore nordestino, que não tem a cor, a musicalidade que a coisa afro tem", observa Walson Botelho. Ele disse também que a idéia da companhia elaborar a quadrilha nasceu principalmente depois do contato com estas manifestações folclóricas da região, trabalhadas durante a *Rapsódia nordestina*, um dos quadros do espetáculo montado quando a companhia foi a vencedora do Prêmio Fiat, ano passado.

Trocar a capoeira, o maculelê, por passos de xaxado, de bumba-meu-boi e maracatu, foi uma experiência muito nova para o Balé Folcórico da Bahia e a Rapsódia, soou como desafio. Botelho, os músicos e dançarinos pensaram bem, este ano, quando, pela primeira vez, desde 88, se viram sem recursos financeiros para realizar um grande espetáculo que anualmente costumam fazer. Pensaram que tinham muito material de figurino, tinham instrumentos musicais e já haviam incursionado na coreografia leve dos bailados nordestinos. Resolveram aproveitar tudo isso e se auto-aplicaram uma injeção de ânimo para conseguir superar o vazio que ameaçou se instalar.

O Arraiá do Balé Folclórico da Bahia nasceu de um jeito muito especial e é assim que vai aparecer para a Bahia — não vai competir com nenhuma quadrilha junina, mas participará, junto aos vencedores do ano, da grande festa organizada pela Associação dos Quadrilheiros da Bahia, no Cabula, dia 6 de julho, encerrando as festividades do ano. Antes mesmo da estréia, a agenda da companhia está lotada, tendo, às vezes, dois espetáculos por dia, como dia 21, quando se apresenta na Escola de Deficientes Auditivos, do Costa Azul, às 18 horas, e, às 20 horas, no Sesc.

Dia 24, o balé encerra o Arraiá da Capitá e a programação segue até o dia de São Pedro.

Arraiá: o Balé Folclórico da Bahia trocou o maculelê e a capoeira por um animado arrasta-pé

CORREIO DA BAHIA JANEIRO 1991

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 395 29/04/10 02:48

TRIBUNA DA BAHIA
JANEIRO 1991

TRIBUNA DA BAHIA Sábado, 15 de Junho de 1991



A quadrilha junina do balé faz várias apresentações

Balé Folclórico volta ao palco

Após uma curta ausência dos palcos, o Balé Folclórico da Bahia volta à cena mostrando um projeto criado em conjunto por sua diretoria e pelos dançarinos e músicos. Trata-se de uma quadrilha junina intitulada "Arraiá do Balé Folclórico" e que estréia suas apresentações neste sábado, dia 15, às 17 horas, no Shopping Barra. Já de segunda a sexta, dias 17 a 21, neste mesmo horário o grupo apresenta-se no Iguatemi, e também em vários outros locais, fechando o ciclo no dia 29, às 20 horas, no Ginásio Antônio Balbino, no encerramento do Arraiá do Galo. A direção é de Walson Botelho.

CORREIO DA BAHIA Quarta-feira, 12 de junho de 1991

Balé Folclórico dança 'Arraiá'



O Balé Folclórico da Bahia resgata raízes nordestinas

Apoiado no sucesso de público e crítica na sua turnê por São Paulo, Rio de Janeiro e exterior, o Balé Folclórico da Bahia apresenta *Arraiá*, uma quadrilha junina coreografada, às 17h, no dia 15 de junho, na Praça Central do Shopping Barra, e de 17 a 21 de junho, na Praça Jorge Amado do Shopping Iguatemi. A coreografia foi criada por Rosângela Silvestre e Emília Biancardi, a partir de um dos quadros de *Rapsódia Nordestina, um espetáculo que retratava algumas das mais importantes manifestações nordestinas. O Balé Folclórico da Bahia tenta resgatar a forma tradicional das antigas quadrilhas, através de elementos como o casamento na roça, as procissões, a cobra e a chuva. Aliando tudo isso a uma contemporaneidade existente nas quadrilhas modernas.*

CORREIO DA BAHIA
JUNHO 1991

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 396 29/04/10 02:48

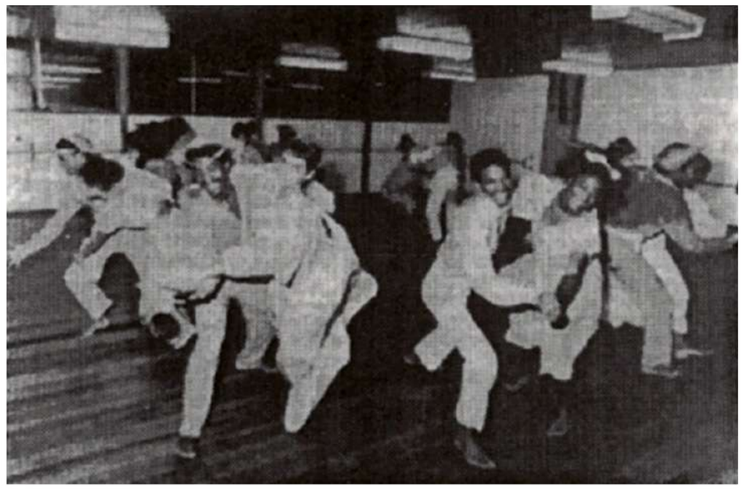
A TARDE ● Sábado ● 15/6/1991

Balé Folclórico da Bahia está no Arraiá da Capitá

O Balé Folclórico da Bahia vai se apresentar na noite de São João no *Arraiá da Capitá* (Centro de Exposições Agropecuárias, Avenida Paralela), com uma quadrilha junina, que foi idealizada no ano passado, a partir do quadro "Rapsódia Nordestina", em um espetáculo vencedor da Concorrência Fiat. A coreografia é de Rosângela Silvestre e Emília Biancardi, retratando algumas das mais importantes manifestações culturais da região, como maracatu, xaxado e bumba-meu-boi, entre outras.

Partido da "Rapsódia Nordestina", o grupo procurou criar um espetáculo que tentasse resgatar a forma tradicional das antigas quadrilhas, através da presença de elementos praticamente ausentes das atuais, como casamento na roça, as procissões, a cobra, a chuva etc., com uma produção que foi totalmente financiada com recursos da própria companhia, possuindo um caráter cultural-filantrópico com apresentações gratuitas em associações de periferia, escolas de deficientes, comunidades carentes e centros culturais públicos.

Além da apresentação no *Arraiá da Capitá,* o Balé Folclórico da Bahia está com a seguinte programação para este mês: Shopping Barra (hoje, 19 horas), Shopping Iguatemi (de 17 a 21, às 17 horas), Escola de Dança da Fundação Cultural (20, 18h30 min), Escola de Deficientes Auditivos do Costa Azul (21, 18h30min), Associação dos Moradores do STIEP (22, 20h30min), Centro Gaúcho da Bahia (23, 22 horas), Teatro Miguel Santana (26, 16 horas) e Associação dos Moradores do Engenho Velho (27, 20 horas).



Quadrilha Junina, ***nova coreografia do Balé Folclórico da Bahia***

O Balé Folclórico da Bahia é formado por Agnaldo Barbosa, Ailton Sacramento, Bira Conceição, Carlos Lima, Durval Júnior, Ednei Boa Morte, João Lima, José Ricardo Souza, Luciano Santana, Rosson Santos, Walter Azevedo, Antônia Ribeiro, Beatriz Santana, Edilauza Santos, Ediraildes Ataíde, Julieta Rodrigues, Nildinha Fonseca, Rita Nobre, Rose A. Soares, Susana Barreto, Ticiane Veloso e Rosa Melo. Os músicos são Adenilton Silva, Aldo Bordignon, Cido Morais, Paulo César Pereira e Sandoval Nascimento; os cantores, Antônio Portella, Celeste Oliveira, Dora Santana e Ruth Dantas. A direção do espetáculo é de Walson Botelho.

A TARDE
JUNHO 1991

A TARDE ● Quarta-feira ● 7/8/1991

Balé Folclórico dança para marcar aniversário



Foto: Isabel Gouvêa

O BFB apresenta-se de hoje ao dia 9

O Balé Folclórico da Bahia apresenta-se, hoje, amanhã e depois, às 19 horas, no Espaço Xis (Barris), com uma retrospectiva dos seus melhores trabalhos realizados nos dois anos de fundação: "Dança de Origem" (Augusto Omolu), "Afixirê" e "Fêmeas" (Rosângela Silvestre), "Puxada de Rede" e "Maculelê" (Walson Botelho/Ninho Reis) e "Arraiá" (criação coletiva). As comemorações pelo aniversário incluem seminários internos com Lia Robatto (criação coreográfica), Ângela Zanchet e Lúcia Mascarenhas (arte e educação), Zebrinha (dança moderna), Armindo Bião (interpretação teatral para dançarinos), Edva Barreto e Neuza Saad (folclore), Clyde Morgan (raízes africanas na dança contemporânea) e Haeckel Hohlenwerger (iluminação cênica).

O Balé Folclórico da Bahia foi criado em 1989, na condição de única companhia de danças folclóricas com caráter profissional no Brasil, e, nesse mesmo ano, já ganhava o título de "Melhor Espetáculo de Dança da Bahia", oferecido pelo extinto Ministério da Cultura. No ano seguinte, o BFB foi um dos vencedores da Concorrência Fiat, realizando uma excursão pelas principais capitais. Esta companhia é totalmente privada, sem contar com qualquer auxílio financeiro público, e vem mantendo-se graças a apresentações em congressos, formaturas, festivais e para grupos turísticos em grandes hotéis locais.

O Balé Folclórico da Bahia somente conta com aporte financeiro público em eventos particulares destinados à comunidade, como o que será apresentado nesses dias no Espaço Xis, para o qual houve patrocínio da Fundação Cultural do Estado, Escola de Dança da Fundação Cultural e Teatro Castro Alves.

A TARDE
AGOSTO 1991

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 397 29/04/10 02:48

JORNAL DA BAHIA

12 de Janeiro de 1992

Estréia do Balé Folclórico

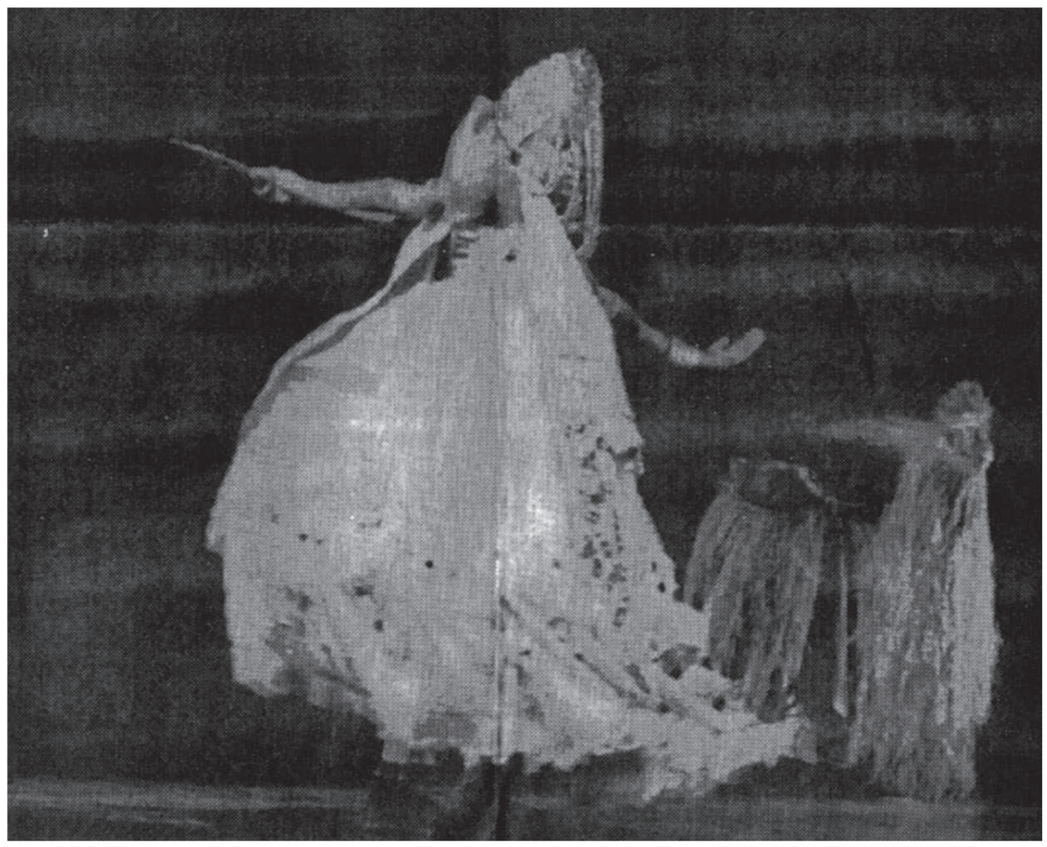
O Balé Folclórico da Bahia estará abrindo a temporada de Verão do Teatro Casa do Comércio, nesta segunda-feira, com um espetáculo exclusivo para a imprensa e convidados, dando prosseguimento a partir de terça até 01 de fevereiro para o público em geral. Nesta temporada o Balé Folclórico da Bahia apresentará suas mais imporantes coreografias e exibirá, também, uma coreografia nova em estréia nacional.

Com esta temporada de 18 dias, o Balé retoma uma antiga tradição, antes executada pelos primeiros grupos folclóricos da Bahia, que realizavam nos meses de dezembro a fevereiro das décadas de 60 e 70 grandes espetáculos folclóricos no Teatro Castro Alves com lotação esgotada durante todo o período de exibição. Após este período alguns destes grupos foram realizar trabalhos no exterior, outros dissolveram-se, deixando, desde esta época, um grande vazio para o turista, principalmente, que buscava uma programação de qualidade em nossa terra.

Com a criação do Balé Folclórico da Bahia em 1988, esta lacuna foi preenchida de uma forma completa, pois o Balé veio dar uma outra dimensão através de um reestudo das danças e espetáculos populares em nosso país. Criado e dirigido por Walson Botelho, o Balé foi montado na condição de primeira e única companhia profissional de danças folclóricas brasileiras, posição que mantém até os dias atuais, atuando com um corpo estável de dançarinos e músicos que recebem as mais diferentes informações nas áreas da dança, música, teatro, etc.. Desde a solenidade oficial de lançamento da Companhia, o Balé já demonstrava ao público presente a promissora carreira à qual estava destinado e, mais tarde, através da crítica especializada do país e do exterior, consagrou-se definitivamente como uma das mais importantes companhias de dança do Brasil, principalmente pelos prêmios recebidos, a exemplo do Prêmio Fiat 1990.

Estréia nacional — "Um giro, um sorriso, um remelexo, um dengo, um olhar, a cara, a fala, a pele e a cor do povo baiano no seu dia-a-dia traduzido para o palco através dos gestos fortes e sensuais dos dançarinos". Esta é a definição que Rosângela Silvestre dá para *Ginga*, sua mais nova criação para o Balé Folclórico da Bahia. Após uma ausência de mais de um ano, quando passou a residir em Nova Iorque, Rosângela teve a oportunidade de dar aulas de dança afro e dançar nas mais importantes companhias de dança afro dos Estados Unidos, retornando a Salvador por um curto período onde teve que trabalhar intensamente para realizar a montagem de *Ginga*.

Responsável, também, por *Afixirê*, montado para o Balé Folclórico em 1990 e talvez o trabalho de maior peso da Companhia até os dias atuais, ela acredita que *Ginga* fará com que o Balé dê um grande salto no sentido de uma grande evolução técnica dos dançarinos e músicos já que com este novo trabalho os limites e as antigas concepções das danças populares e da dança afro-primitiva serão ultrapassados.



Atração turística: em longa temporada, o Balé Folclórico preenche um vazio

JORNAL DA BAHIA
JANEIRO 1992

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 398 29/04/10 02:48

A TARDE
JANEIRO 1992

A TARDE **12 de Janeiro de 1992**

Balé Folclórico da Bahia

O Balé Folclórico da Bahia estará abrindo a temporada de Verão do Teatro Casa do Comércio, amanhã, com um espetáculo exclusivo para a imprensa e convidados, dando prosseguimento, a partir do dia 14 até 1º de fevereiro, para o público em geral.

Nesta temporada, o Balé Folclórico da Bahia apresentará suas mais importantes coreografias e exibirá, também, uma coreografia nova, em estréia nacional.

Com esta temporada de 18 dias, o balé retoma uma antiga tradição baiana, antes executada pelos primeiros grupos folclóricos da Bahia, que realizavam nos meses de dezembro a fevereiro das décadas de 60 e 70 grandes espetáculos folclóricos no Teatro Castro Alves, com lotação esgotada durante todo o período de exibição.

Após esse período, alguns desses grupos foram realizar trabalhos no exterior, outros dissolveram-se, deixando, desde essa época, um grande vazio para o turista, principalmente, que buscava uma programação de qualidade em nossa terra.

Com a criação do Balé Folclórico da Bahia, em 1988, esta lacuna foi preenchida de uma forma completa, pois o balé veio dar uma outra dimensão, através de um reestudo das danças e espetáculos populares em nosso país.

Criado e dirigido por Walson Botelho, o balé foi montado na condição de primeira e única companhia profissional de danças folclóricas brasileiras, posição que mantém até os dias atuais, atuando com um corpo estável de dançarinos e músicos que recebem as mais diferentes informações nas áreas da dança, música, teatro etc. Desde a solenidade oficial de lançamento da companhia, o balé já demonstrava ao público presente a promissora carreira de sucessos a qual estava destinado e, mais tarde, através da crítica especializada do País e do exterior, consagrou-se definitivamente como uma das mais importantes companhias de dança do Brasil, principalmente pelos prêmios recebidos, a exemplo do "Prêmio Fiat 1990".

A TARDE **14 de Janeiro de 1992**



Foto: Isabel Gouvêa (Divulgação)

O Balé Folclórico busca resgatar a cultura popular do País

Balé folclórico estréia "Ginga"

Abrindo a temporada de Verão do Teatro Casa do Comércio (Avenida Tancredo Neves), o Balé Folclórico da Bahia, depois de uma apresentação especial para convidados e jornalistas, ontem, inicia hoje as apresentações para o público, até 1º de fevereiro, de suas mais importantes coreografias, além de estrear nacionalmente nova montagem. Com esta temporada de 18 dias, o Balé retoma uma antiga tradição baiana, executada pelos primeiros grupos folclóricos da Bahia, que realizavam, nos meses de dezembro a fevereiro das décadas de 60 e 70, grandes espetáculos folclóricos no Teatro Castro Alves, com lotação esgotada durante todo o período de exibição. Alguns destes grupos foram realizar trabalhos no exterior e outros se dissolveram, deixando, desde aquela época, um grande vazio para o turista principalmente, que buscava uma programação de qualidade.

Com a criação do Balé Folclórico da Bahia, em 1988, esta lacuna foi preenchida, com o grupo procurando dar uma outra dimensão, através de um reestudo das danças e espetáculos populares em nosso país. Criado e dirigido por Walson Botelho, o Balé foi montado na condição de primeira e única companhia profissional de danças folclóricas brasileira, posição que mantém até hoje, atuando com um corpo estável de dançarinos e músicos que recebem as mais diferentes informações nas áreas da dança, música e teatro. Desde a solenidade oficial de lançamento da companhia, o Balé já demonstrava uma promissora carreira e, mais tarde, através da crítica especializada do País e do exterior, consagrou-se definitivamente como uma das mais importantes companhias de dança do Brasil, principalmente pelos prêmios recebidos, a exemplo do "Prêmio Fiat 1990".

"GINGA"

"Um giro, um sorriso, um remelexo, um dengo, um olhar, a cara, a fala, a pele e a cor do povo baiano no seu dia-a-dia, traduzido para o palco através dos gestos fortes e sensuais dos dançarinos" — esta é a definição que Rosângela Silvestre dá a *Ginga,* sua mais nova criação para o Balé Folclórico da Bahia.

Após uma ausência de mais de um ano, quando passou a residir em Nova Iorque, dando aulas de dança afro e dançando nas mais importantes companhias do ramo nos Estados Unidos, Rosângela retornou a Salvador e, num curto período, teve que trabalhar intensamente para montar *Ginga*. Responsável também por *Afixirê,* criado para o Balé Folclórico em 1990, e talvez o trabalho de maior peso da companhia até agora, ela acredita que *Ginga* fará com que o Balé dê um grande salto na evolução técnica dos dançarinos e músicos, já que, com este novo trabalho, os limites e as antigas concepções das danças populares e da dança afro-primitiva serão ultrapassados, em sua opinião.

A TARDE
MARÇO 2002

A TARDE **28 de Março de 1992**



Entrega do "Troféu Dodô e Osmar"

O Balé Folclórico da Bahia (foto) fará um show na abertura da cerimônia de entrega do "Troféu Dodô e Osmar" nesta segunda-feira, às 20 horas, no Teatro da Casa do Comércio. O balé tem a direção de Walson Botelho e apresentará a coreografia Afixirê.

A TARDE
JANEIRO 1992

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 399 29/04/10 02:48

Balé Folclórico é atração na Alemanha

O Balé Folclórico da Bahia será atração na abertura do Festival de Arte de Alexander Platz — um dos mais importantes da Europa — que irá acontecer no próximo dia 6 de setembro, na antiga Berlim Oriental. Antes, porém, amanhã o grupo estará apresentando, também em território alemão, o primeiro de uma série de nove espetáculos dentro da Semana da Bahia, numa promoção da Bahiatursa e da Varig. Além do repertório tradicional de dança afro, o Balé incorporou quatro novos números, criados especialmente para a viagem ao exterior.

No Festival de Arte de Alexander Platz, onde pela primeira vez um grupo brasileiro é convidado para se apresentar, o Balé Folclórico da Bahia fará dois espetáculos, sendo que um deles será realizado no encerramento do primeiro dia do evento. Na oportunidade, o Balé se apresentará com grupos de destaque da França, Inglaterra e Estados Unidos, os responsáveis este ano pela organização do Festival. "Para nós, é muita honra apresentar para a mesma platéia que irá ao festival assistir á arte de grupos famosos desses países", disse o diretor do Balé Folclórico da Bahia, Walson Botelho.

As demais apresentações vão acontecer no Palatzhotel (Berlim) e no Palácio do Imperador (antigo Palácio do Governo), esse último a convite do governo alemão. Vale ressaltar que o Palácio do Imperador é um dos mais importantes espaços alemães reservados aos grandes eventos internacionais. Segundo o diretor do Balé, o respaldo que o grupo conquistou no exterior é fruto de "um sério trabalho que vem desenvolvendo e divulgando desde 1988, quando foi criado".



Balé Folclórico da Bahia: temporada na Europa, este mês

Com duração de uma hora e meia, o espetáculo do Balé Folclórico da Bahia será aberto com *Os pregões da Bahia colonial*, uma coreografia assinada por Botelho, envolvendo 13 dançarinos, três músicos, dois cantores. Esse número é desenvolvido no meio do público, numa espécie de caricatura aos pregões seculares onde os escravos saíam à noite para vender seus quitutes. O segundo número refere-se à *Capoeira do amor*, em que os bailarinos fazem alusão a uma lenda da capoeira que conta a história do amor proibido de dois jovens de tribos africanas rivais, condenados a viver separados. Os dois se tornaram pássaros e vivem eternamente um à procura do outro. O seu canto assemelha-se ao toque do berimbau, daí a coreografia idealizada por Zebrinha para um casal de bailarinos.

Capoeira, o terceira número do espetáculo, é um samba de roda tradicional, coreografado por Walson Botelho e Ninho Reis. Chegando ao quarto número, a *Dança do fogo* foi elaborada em homenagem a Xangô, deus do fogo, uma coreografia de Botelho. A lambada caribenha é o tema do número seguinte, coreografado por Botelho e Zebrinha com o objetivo de mostrar a verdadeira origem da dança que, por modismo, ganhou ritmos diferentes. A autenticidade da lambada nascida no Caribe será distinguida também no figurino dos dançarinos que usam vestidos tipo envelope e saltos altíssimos.

O último número — Samba reggae — é uma criação coletiva apresentada pela minibanda do Balé, numa homenagem justa à banda do Olodum. A novidade do encerramento está na participação do público que é envolvido pelos bailarinos no ritmo da dança do Balé Folclórico. O que, aliás, é um momento inédito em se tratanto de balé, conforme frisou o diretor do grupo de dança.

Em cartaz — O Balé Folclórico da Bahia tem planos de fazer uma longa temporada baiana no próximo Verão, repetindo a dose de janeiro passado quando o grupo permaneceu em cartaz durante todo o mês, na Casa do Comércio. É provável, segundo Botelho, que dessa vez o Balé se apresente em palcos soteropolitanos por dois meses. "É uma época de turismo, quando 90% do nosso público é do pessoal de fora", justificou.

Mas antes de aterrissar na terra, o Balé Folclórico da Bahia mostra sua arte na Grécia, Portugal e França, e, talvez, na Dinamarca, Suécia e Finlândia, caso o contrato com esses países venham a se efetivar. *(Cláudia Lessa)*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CORREIO DA BAHIA
AGOSTO 1992

CORREIO DA BAHIA

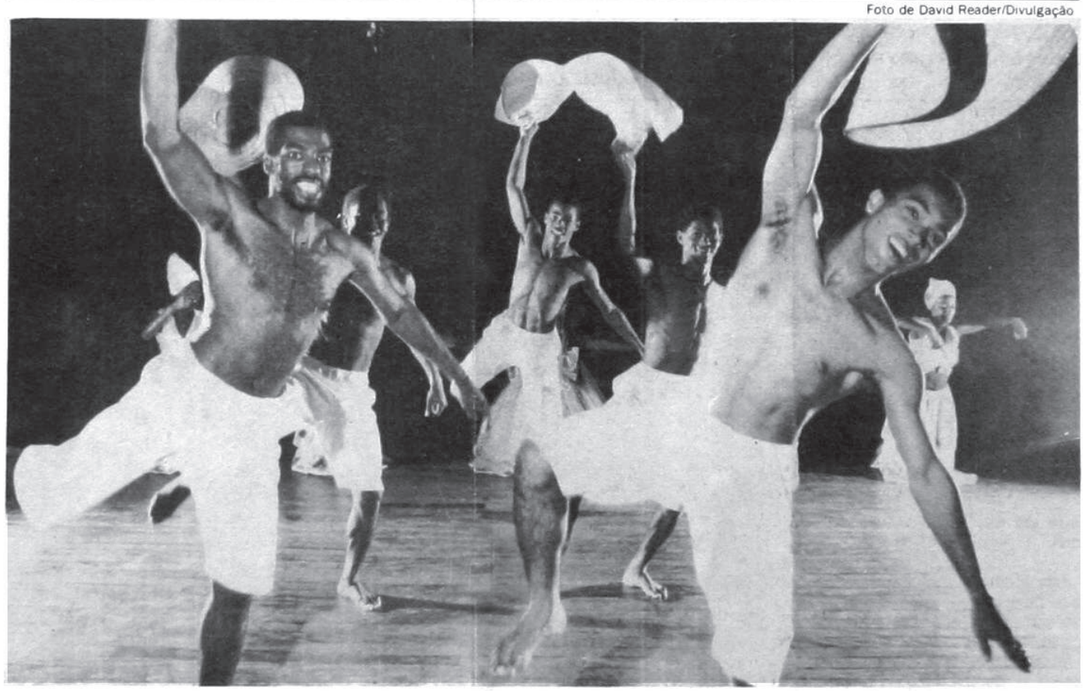
MAIO 1993

Quarta-feira, 19 de maio de 1993

Balé Folclórico inicia turnê nacional

Melhor companhia brasileira no seu gênero, o grupo se apresenta no Sul do país e parte para a Europa

Foto de David Reader/Divulgação



Criado há cinco anos, o Balé Folclórico da Bahia é a única companhia de dança folclórica profissional do Brasil

O Balé Folclórico da Bahia bota os pés na estrada outra vez. Em *turnê* pelo Sul do país a partir de hoje, a companhia preparou um vasto repertório que mostra deste coreografias do folclore tipicamente baiano, às que foram criadas especialmente para o grupo por grandes expressões da dança afro-baiana da atualidade. Composto por 32 integrantes (entre dançarinos, músicos e técnicos), o balé tem direção geral de Walson Botelho, cujo compromisso maior é preservar e divulgar as principais manifestações folclóricas da terra do axé.

A primeira cidade onde o Balé Folclórico da Bahia se apresenta é o Rio de Janeiro, permanecendo até o próximo domingo na capital carioca. Em seguida, o grupo viaja para Belo Horizonte, onde mostra sua performance no dia 26. No dia 30, São José dos Campos (SP) recebe a companhia para uma única apresentação e, de 2 a 6 de junho, será a vez dos paulistas apreciarem a dança baiana coreografada por Walson Botelho, Augusto Omolu e Rosângela Silvestre. Entre outras, os sulistas terão a oportunidade de ver coreografias do tipo *Puxada de rede, Samba de roda* e *Maculelê*, expressões máximas do folclore baiano. O carro-chefe da companhia, *Afixirê* (Rosângela Silvestre), certamente continuará causando *frisson* na platéia, como aconteceu quando os bailarinos do Ballet Bolshoi assistiram a um dos espetáculos do grupo — não resistiram e subiram eufóricos no palco para dançar junto com a baianada.

Em apenas cinco anos de existência, o Balé Folclórico da Bahia — a única companhia de dança folclórica profissional do país — já é dono de um *currículo* invejável. Aliás, suas *turnês* nacionais e internacionais têm sido muito aplaudidas pelo público e pela crítica especializada. Trabalhando uma média diária de seis horas, os dançarinos do balé têm nas manifestações populares da Bahia a sua mais natural fonte de inspiração. A partir daí, o aprimoramento técnico-interpretativo flui normalmente, sempre sob as mais variadas orientações de diferentes técnicas de dança, música e teatro.

Desde a sua estréia como grupo folclórico, com o espetáculo *Bahia de todas as cores*, o Balé Folclórico da Bahia vem desenvolvendo uma ampla linguagem cênica, que parte dos aspectos culturais locais e chega até a contemporaneidade do mundo atual. Isso, claro, sem deixar perder de vista suas raízes. É nessa linha de trabalho que a companhia ganhou, em 89, o prêmio de *Melhor espetáculo de dança do Brasil*, oferecido pelo Ministério de Cultura, através do Instituto Nacional de Dança e o *Prêmio Fiat*, no ano seguinte.

Depois da *turnê* nacional, o Balé Folclórico da Bahia prepara as malas rumo à Europa (junho), onde cumprirá uma agenda de mais de 300 espetáculos. A Bahia *in the world*.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 401 29/04/10 02:48

A TARDE
JUNHO 1993

Caderno
A TARDE

BALÉ FOLCLÓRICO

Sexta-Feira, 11/06/1993



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Andanças

BOOK 20 ANOS BFB.indd 402 29/04/10 02:48

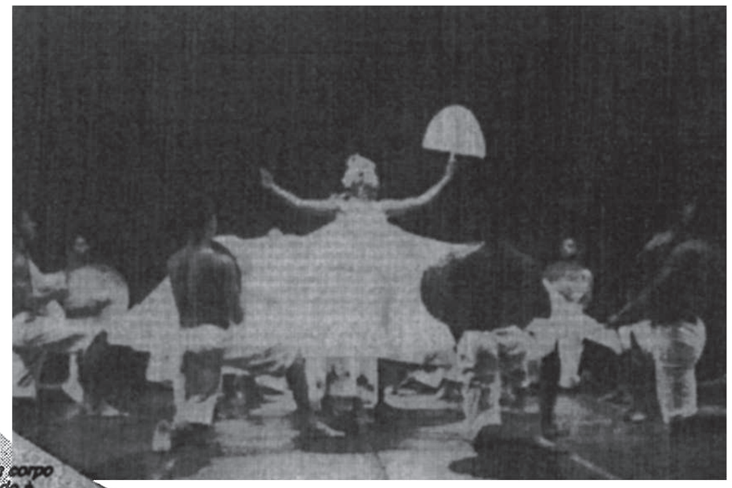
A TARDE
JUNHO 1993

O Balé Folclórico da Bahia mostra seu repertório no sul do Brasil e prepara-se para excursionar com o balé russo Bolshoi em dezembro.

Gideon Rosa

Excursão nacional em maio e junho; excursão internacional no Verão e Inverno europeus. Este é o modesto plano de trabalho, já agendado, do Balé Folclórico da Bahia para o ano 93/94. O grupo estreou sua temporada nacional no Teatro João Caetano no Rio de Janeiro, em maio, e só retorna à Bahia domingo próximo. Após cinco anos de atividades, esse balé, que possui apenas 18 dançarinos, afirmou-se como um dos mais importantes grupos de dança folclórica do País e já arrebatou alguns prêmios em sua categoria. Seus espetáculos misturam folclore, as danças primitivas e as técnicas de balé contemporâneo. O resultado tem sido trabalhos de extremo bom gosto, longe do folclorismo, capazes de derrubar preconceitos.

Puxada de Rede, Maculelê e *Samba de Roda* são títulos do repertório do Balé Folclórico, que expressa muito bem seu conteúdo. Mas eles também investem no afro, quando montam espetáculos como *Dança de Origem,* uma coreografia de Augusto Omulu. Preocupado com o estigma do folclorismo, o grupo saiu atrás de profissionais competentes e encontrou em Rosângela Silvestre uma dançarina capaz de "dar uma cara à companhia", como define Walson Botelho, diretor e fundador do grupo. Atualmente, bastante aprimorada do ponto de vista técnico, a companhia vem investindo em temas que não são exclusivos do folclore tradicional.



Um corpo dado à contemplação.

TRAJETÓRIA

Ao se conversar com Walson Botelho tem-se a impressão de que o Balé Folclórico da Bahia é mais conhecido fora do que dentro do Brasil, tamanho o número de convites que guarda no bolso. Por causa de suas apresentações na Europa e em vários locais da América Central, a companhia tem conseguido se manter sem o apoio contínuo de empresas privadas ou públicas. "Eventualmente recebemos ajuda para um cartaz, um figurino, mas a sobrevivência decorre do nosso próprio trabalho". Os profissionais do grupo trabalham diariamente, quase sem folgas, numa busca incessante da manutenção da técnica conquistada. Essa condição, como é evidente, é capital no mercado da dança, cuja vida útil dos dançarinos é muito limitada. Por causa do caráter do seu trabalho recebem, com certa freqüência, convites para apresentarem-se em congressos e eventos de turismo. "Isso tem garantido nossa sobrevivência, ao lado de nossas excursões", diz Walson.

Com uma estrutura totalmente privada, o grupo pode-se dar ao luxo de dizer que é a única companhia de dança folclórica profissional do Brasil. No ano passado, em Berlim, o Balé apresentou-se pela segunda vez ao lado do Bolshoi e do Berioszka, outra importante companhia russa. Apesar disso, o Balé Folclórico, segundo Walson Botelho, não perde de vista o princípio básico de divulgar as principais manifestações folclóricas da Bahia. Em 1989, o Ministério da Educação e Cultura concedeu ao grupo o prêmio de melhor espetáculo de dança do Brasil, e, em 1990, arrebatou o Prêmio Fiat.



PELO MUNDO

Quando estrearam em 1988, com a coreografia *Bahia de Todas as Corès,* os integrantes do grupo não imaginavam que se tornariam íntimos do Balé Bolshoi, a ponto de serem convidados para uma turnê de três meses no próximo Inverno europeu por toda a Rússia. Além dessa parceria, que para a companhia não é inédita, no Verão europeu eles participarão do Carnaval da Sicília (Itália) e da Tropada de Dança de Valencia (sul da Espanha). Em decorrência desses compromissos, garantiram convites para apresentações na Suécia e Grécia. Passarão o Ano-novo nas gélidas estepes russas.

Computando-se os profissionais de música e técnicos a companhia viaja com 32 integrantes, e este tem sido, segundo Walson, o maior desafio para as temporadas dentro e fora do Brasil. Coreografias como *Fêmeas,* de Rosângela Silvestre, encarregam-se do trabalho com uma linguagem de dança contemporânea. Mas *Afixerê,* da mesma Rosângela, mantém a tradição da companhia, transformando-se no carro-chefe das excursões do grupo, que, quando viaja, tem condições de apresentar seu repertório de mais de 12 coreografias. (No Rio, a companhia apresentou-se no Teatro João Caetano; em Belo Horizonte, no Palácio das Artes; e em São Paulo, no Teatro Sérgio Cardoso. O grupo encerra turnê com espetáculos em São José dos Campos, Mogi das Cruzes e Santos).

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CORREIO DA BAHIA
SETEMBRO 1993

CORREIO DA BAHIA Segunda-feira, 27 de setembro de 1993

Balé Folclórico da Bahia em festival internacional

Div./David Reader



Balé Folclórico da Bahia dança em Passo Fundo (RS)

A partir da noite de hoje, os gaúchos dos Pampas — ao lado de russos, eslovacos, cubanos e espanhóis, entre outros — vão descobrir as delícias e mistérios da baianidade. O Balé Folclórico da Bahia, a única companhia de dança folclórica profissional do país, vai ser a anfitriã oficial do Festival Internacional de Folclore, que acontece em Passo Fundo (RS) e, Curitiba até o dia 10 de outubro, reunindo manifestações típicas de 56 países.

O Festival Internacional de Folclore começou no último dia 22, mas devido a uma série de compromissos — dentre eles a abertura da Feira da Bahia, na última sexta — o Balé Folclórico só pôde seguir para Passo Fundo, onde acontece a primeira parte do evento, hoje. A expectativa é de que um público médio de dez mil pessoas por noite assista aos shows do grupo baiano, que fica em Passo Fundo até o dia 1º, para depois seguir para uma temporada de mais nove dias em Curitiba.

A escolha do Brasil para sediar este festival — promovido pelo Comitê Internacional de Organizações de Festivais de Folclore e respaldado pela ONU — foi considerada uma grande conquista pelos bailarinos folclóricos brasileiros. É que o Brasil só passou a fazer parte do comitê há dois anos e, considerando-se que a organização congrega 56 países, não deixa de ser um grande negócio para o país centralizar a festa deste ano. Para completar, o Balé Folclórico da Bahia já está com a sua presença confirmada para o próximo festival, que acontece em Cingapura no ano que vem. Da Bahia para o mundo, literalmente.

A TARDE
OUTUBRO 1993

A TARDE Sexta-Feira, 29/10/1993

Caderno 2
A TARDE



O Balé Folclórico da Bahia, mais importante grupo do gênero no País, apresenta-se no domingo com três coreografias no TCA

Teatro, boate, cinema e música são excelentes programas, mas Salvador está mergulhada de corpo e alma na maratona da dança produzida pela XII Oficina Nacional de Dança Contemporânea.

Gideon Rosa

A dança está nas veias do povo soteropolitano. A prova disso é a realização da XII Oficina Nacional de Dança Contemporânea, um acontecimento que faz Salvador mergulhar de corpo e alma na arte do movimento. O principal cardápio deste final de semana são os espetáculos de dança que estão em cartaz na cidade. Até domingo, acontecerá a apresentação de 14 espetáculos de dança, espalhados pelo Teatro Castro Alves, Teatro Vila Velha e Teatro da ACBEU. Dentre esses destacam-se o Grupo de Dança Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, o Balé Folclórico da Bahia e o Grupo Salto. Há seis anos desativado, o Grupo de Dança Contemporânea da UFBA, nascido em 1956, retorna com o gás de novas coreografias.

A companhia é a principal atração desta sexta-feira, com as coreografias *Canções do Baixo Ventre* e *Dama da Noite*. Amanhã, também no TCA, é a vez do retorno da coreógrafa Lia Robatto pelas mãos do Grupo Salto, com o espetáculo *Choque Eletrônico*. Fala da afirmação da atual juventude através da música. No domingo, no TCA, o programa começa com dois grupos mineiros, a Oficina Multimídia *(Bom dia Missislifi) e a Companhia Dudude Hermann (Plus), e termina com o Balé Folclórico da Bahia. O grupo acabou de retornar de uma turnê vitoriosa e, recentemente, representou o Brasil no Festival Internacional de Folclore e ganhou o Prêmio Estímulo 93 do Ministério da Cultura. Único grupo profissional de balé folclórico privado do País, a companhia vai apresentar três coreografias: Welcome Bahia* (Zebrinha e Walson Botelho), *Ginga* (Rosângela Silvestre) e *Samba Reggae* (Zebrinha).

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

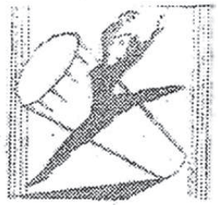
BOOK 20 ANOS BFB.indd 404 29/04/10 02:48

BIENAL DA DANÇA DE LYON

Bahia na agenda francesa

A Bienal de Dança de Lyon promoverá em 94, na França, encontro entre profissionais que reivindicam sua negritude. Bahia, Minas e Pernambuco já garantiram seus lugares.

Gideon Rosa



Pelo menos 200 brasileiros estarão transitando pela região do Rhône (França), durante a Bienal da Dança de Lyon de 1994. Como coroamento supremo para esses artistas, além de dançarem para um público especializado, eles vão ter a oportunidade de se encontrarem com outros profissionais da África, Estados Unidos, Cuba e Caribe. Tudo isso só vai acontecer porque a bienal do ano que vem resolveu escolher como tema a influência cultural africana na dança, ou seja, a dança da negritude, o que servirá para promover um encontro da mestiçagem. Para fazer a seleção dos grupos que serão convidados, o diretor artístico da bienal, Guy Darmet, tem circulado por vários países. "Isso é quase como um inquérito policial. É preciso encontrar as pessoas", diz. Pela segunda vez no Brasil, Darmet pôde acompanhar praticamente todas as coreografias apresentadas na XII Oficina Nacional de Dança, encerrada na semana passada. "A oficina é algo muito importante", disse.

A TARDE Quarta-Feira 10/11/1993



O Balé Folclórico, também selecionado para participar da Bienal, carrega uma africanidade mais explícita.

A Bienal da Dança de Lyon é dif
rente de qualquer outra, no gêner
na Europa, porque a cada edição tr
balha com um tema diferente. E
1990, entrou na história american
ao escolher o tema da dança m
derna nos EUA. No ano passado,
tema foi a paixão da Espanha, qu
buscou mostrar a dança em toda
as regiões espanholas. Não é à to
que, ao completar sua sexta ediçã
a Bienal da Dança de Lyon é cons
derada o maior e mais important
evento de dança em todo o mund
Possui um orçamento em torno do
US$3,5 milhões, o maior que já exi
tiu para um evento de dança, mesm
assim, muito menor do que o dest
nado ao Festival de Teatro de Avi
non (França). Para 1994, muitas co
sas ainda estão para ser decididas
mas já pode ser dada como fava
contadas a presença, na bienal, d
Grupo Corpo (Minas Gerais), do Bal
Folclórico da Bahia e do Grupo Ra
zes (Pernambuco).

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 405 29/04/10 02:48

Terça-feira ● 28/12/1993

A TARDE Caderno 2

RETROSPECTIVA 93
OS 5 MELHORES

FEVEREIRO

Explodem as danças populares, puxadas pelos blocos afros. O Carnaval transforma-se em palco livre para uma dança espontânea, que desperta o interesse de pesquisadores. A dança das ruas é tão forte que grupos profissionais, a exemplo do Balé Folclórico da Bahia, começam a elaborar espetáculos a partir delas.

MARÇO

Findo o Carnaval, os grupos profissionais organizam suas turnês. O Balé do TCA intensifica contatos para arrumar um produtor internacional. O Grupo Salto organiza turnês pelo Nordeste e encomenda novo trabalho a Lia Robatto. O Balé Folclórico prepara-se para turnê nacional.



Foto: Rejane Carneiro

Aos cinco anos, o Balé Folclórico da Bahia, único grupo profissional de dança folclórica do Brasil, faz turnês bem-sucedidas por todo o País e é convidado especial para o Festival Internacional de Folclore. Produziu cinco novas coreografias.

ABRIL

Sinfonia do Aço, do coreógrafo Armando Pequeno, faz estréia nacional no Festival de Londrina. O Balé Folclórico da Bahia é convidado para excursionar com o Bolshói na Rússia. A Dell'Arte, uma das principais promotoras de eventos do País, decide organizar as excursões internacionais do Balé Teatro Castro Alves.

AGOSTO

Um dos balés folclóricos coreanos apresenta-se no Teatro Castro Alves. O Balé Folclórico da Bahia completa cinco anos e transforma-se no grupo privado estável de vida mais longa em Salvador, ao lado do Salto. O mineiro Grupo Corpo apresenta-se no TCA com *Nazareth* e *21*. O dançarino americano Clyde Morgan, considerado precursor do movimento afro-Brasil, visita a Bahia mais uma vez.

A TARDE
DEZEMBRO 1993

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Roteiro

A TARDE ● Sexta-feira ● 6/5/1994



Dança do Fogo, *com o Balé Folclórico da Bahia, hoje*

DANÇA

Alternativo

A Escola Contemporânea de Ballet (Ladeira da Barra, 413) reinaugura hoje, após uma ampla reforma, o seu Palco Alternativo. Participam da inauguração diversos grupos convidados, entre os quais o Balé Folclórico da Bahia, com as coreografias *Capoeira do Amor* e *Dança do Fogo*, ambas de Zebrinha e o Grupo Endança, de prestígio internacional, que vai apresentar fragmentos de *Animater*, coreografia de Giselle Mendonça. Além disso, os bailarinos Cristina Castro e Joffre Santos, do Balé do Teatro Castro Alves, fazem um duo com parte da coreografia *Pássaro de Fogo*, de Antonio Carlos Cardoso.

O Projeto Palco Alternativo se propõe a funcionar como um espaço inovador para grupos alternativos, mas já consolidados no cenário de dança na Bahia, e também para grupos emergentes e experimentais *(Vera Assumpção)*.

A TARDE
MAIO 1994

BOOK 20 ANOS BFB.indd 406 29/04/10 02:49

A TARDE ● Quarta-feira ● 9/3/1994 A TARDE Caderno 2

O Fato em Notícia



Welcome Bahia, coreografia do Balé Folclórico da Bahia

Uma chance para dançarinos e capoeiristas

O Balé Folclórico da Bahia realiza, no próximo sábado, uma audição para dançarinos e capoeiristas do sexo masculino. A companhia está recrutando profissionais para as próximas montagens coreográficas nos meses de maio e junho, com turnês programadas para o Brasil e o exterior.

Os dançarinos devem ter experiência em dança moderna ou dança afro e os capoeiristas não precisam ter experiência em dança. A idade mínima exigida é de 14 anos e os interessados deverão dirigir-se ao Espaço Xis (subsolo da Biblioteca Central dos Barris), no sábado, às 14h30min. Não há necessidade de inscrição prévia. Informações pelo telefone 321-6270, das 14h30min às 20 horas.

A TARDE
MARÇO 1994

BAHIA HOJE MAIO 1994

Bahia Hoje Salvador, Sexta-Feira, 6/5/1994



O Balé Folclórico mostra duas 4coreografias na Escola Contemporânea

DANÇA

Um palco alternativo

O *Palco Alternativo* da Escola Contemporânea de Ballet será reinaugurado hoje, às 21h, após uma reforma. O programa traz diversos grupos convidados, como o Balé Folclórico da Bahia e o grupo *Endança*, de Brasília. Participam ainda a bailarina Isabelle Cordeiro e componentes do Balé Teatro Castro Alves. O *Projeto Palco Alternativo* pretende abrir um novo espaço para apresentações de grupos emergentes e trabalhos experimentais. Sem esquecer cuidados com iluminação, som e todo o aparato técnico necessário.

O Balé Folclórico da Bahia mostra duas coreografias. A primeira é do mestre Zebrinha, intitulada *Capoeira do Amor*, inspirada numa lenda afgricana sobre dois jovens de tribos rivais, transformados em pássaros para não poderem se amar. A *Dança do Fogo* faz uma homenagem a Xangô, deus do fogo e do trovão.

Um fragmento de *Pássaro de Fogo*, coreografia de Antonio Carlos Cardoso, diretor do BTCA, apresenta um dueto com os bailarinos Joffre Santos e Cristina Castro. Em seguida apresenta-se Isabelle Cordeiro no solo *Lapso de Tempo*, de sua autoria. *Joffre de Chofre*, de Maurício Oliveira encerra as participações baianas.

A principal atração da noite é mesmo a coreografia *Animater*, de Giselle Mendonça, que será apresentada em versão condensada pelo grupo Endança, de Brasília, que tem no currículo inúmeras apresentações internacionais. A Escola Contemporânea de Ballet localiza-se na Ladeira da Barra, 413.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 407 29/04/10 02:49

TRIBUNA DA BAHIA MAIO 1994

TRIBUNA DA BAHIA - **Opinião** - 6 DE MAIO DE 1994 - SEXTA-FEIRA

Palco Alternativo traz grupos de balé

O *Palco Alternativo* da Escola Contemporânea de Ballet retoma hoje suas atividades com a apresentação de diversos grupos convidados, entre eles o Balé Folclórico da Bahia, o Endança, e bailarinos do Teatro Castro Alves. Os espetáculos começam a partir das 21h e, segundo a diretora da escola, a dançarina Fátima Suarez, o espaço estará aberto tanto a profissionais já consagrados como a trabalhos experimentais e iniciantes.

Ela explica que a criação do palco foi uma forma que encontrou de unir o útil ao agradável. "Nós temos um espaço lindo na escola e os profissionais de dança precisam de mais locais para se apresentar". No ano passado, o *Palco Alternativo* funcionou três vezes. Para a temporada de 94, ele foi reformado com a idéia de que seja aberto não somente para espetáculos de dança. Seu objetivo é congregar outros tipos de expressão artística como a música e o teatro.

Para esta sexta-feira a programação do espaço terá o Balé Folclórico da Bahia, apresentando as coreografias *"Capoeira do Amor" e "Dança do Fogo"*, as duas assinadas pelo coreógrafo Zebrinha, os bailarinos do TCA com trechos da peça *"Pássaro de Fogo"*, assinada por Antônio Carlos Cardoso, e a solista Isabelle Cordeiro com *"Lapso de Tempo"*. O grupo "Endança" vai mostrar fragmentos de "Animater", coreografia de Gisele Mendonça.

Hora da Dança — *"Joffre de Chofre"* é mais uma coreografia que os bailarinos do TCA Cristina Castro, Joffre Santos, Kátia e Maurício Oliveira vão mostrar. O movimento de efervescência do meio dançante na Bahia está agradando a dançarina Fátima Suarez. Na sua opinião, a qualidade das escolas que há hoje em Salvador é muito boa. Espera que os dançarinos contem cada vez com mais espaços para se apresentar.

Nos trabalhos realizados no Palco Alternativo Contemporânea as coisas funcionam como numa espécie de fundação. "Não temos nenhum intuito financeiro. Os artistas vêm aqui. Nós juntos calculamos quanto vai ser o custo do trabalho e depois este valor é dividido entre eles. A escola é apenas o meio. Os bailarinos é que fazem o trabalho", conta.

Ela fala também da grande necessidade dos artistas estarem sempre em contato e comenta que a dança é uma arte com características muito peculiares. "É um artesanato que é feito ali, na hora. Quanto mais espaço houver para as pessoas desenvolverem sua arte, melhor", diz. A entrada para o público será o mesmo valor do ingresso de cinema CR$ 5 mil, comenta a produtora do evento, Rita Brandi (A.L.L.)



Balé Folclórico da Bahia: um dos destaques da programação

TRIBUNA DA BAHIA 11 de Junho de 1994

Balé e quadrilhas fazem a temporada de São João

As principais escolas de balé e quadrilhas juninas de Salvador vão participar da programação que o Iguatemi preparou para a temporada de São João 94. A partir desta segunda-feira, shows diários, às 15 horas, 16 horas e 17 horas, vão reviver, na Praça Newton Rique, terceiro piso do shopping, as principais tradições da época, tendo o ponto alto no concurso de Rainha e Rei do Milho, dia 21 às 16 horas e o Balé Folclórico da Bahia que abre toda a programação.

Todas as academias vão mostrar aspectos do São João. A Academia de Ballet da Bahia escolheu, por exemplo, o chorinho para sua apresentação, dia 14 de junho, às 16 horas, com o tema "Chorinho Delicado", ballet em três partes com um solo feito pela bailarina Renata Mathias, e duas coreografias em grupo por Camila Sales, Lara Costa, Manuela Mascarenhas, Marcele Costa, Marina Nunes, Marília Oliveira, Priscila Prade, Solange Odebrecht e Taisa Roriz com direção e coreografia de Mônica Gordilho e Sheila Barbosa.

A Escola Experimental leva 40 crianças a fazer um casamento na roça e números de dança de São João, quinta-feira. Enquanto isto, Patrícia de Castro alterna coreografias suas e composições coletivas de suas alunas em dois números de forró e uma salsa embalados por Alceu Valença e Elba Ramalho. Nair Couto e João Perene assinam "Xaxado", "Lambada-Forró" e "Forró Moderno" que as alunas do Centro Integrado de Artes, Cida, vão apresentar.

TRIBUNA DA BAHIA JUNHO 1994

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 408 29/04/10 02:49

Música e arte internacionais no Parque de Exposições



Magaevento promete balançar a cidade com grandes atrações, entre 15 e 21 de agosto

É provável que a terra volte a tremer no segundo semestre em Salvador. Mas sem assustar ninguém. Em vez de abalos sísmicos, o *Festival internacional de música e arte — Bahia 94*, o Fima, de 15 a 21 de agosto, no Parque de Exposições, promete um grande treme-treme sonoro com suas atrações nacionais e internacionais. Além dos espetáculos musicais, o evento terá apresentações de balé e exposições de artistas plásticos norte-americanos e da América Latina nas galerias do Pelourinho. A produção é da *The Forrester Marketing Group*, empresa sediada em Nova York, com apoio da Bahiatursa e da Fundação Cultural.

Ao contrário do *Fest in Bahia*, que na sua quarta edição promete reunir por aqui grandes estrelas da música internacional, de 24 a 28 de agosto, o Fima não terá nenhum *superstar* na sua programação. Mas já está confirmada muita gente de destaque, entre elas, o grupo Fourth World, integrado por Flora Purim, Airton Moreira, José Neto e Gary Meek; e os cantores e instrumentistas Miki Howard, Marion Meadews, Phyllis Hyman, José Alberto "El Canário", Alex Bugnon, Tito Puente, Sanchez, Mongo Santamaria, Superblue e Noel Pointer.

Já a Bahia estará representada por Margareth Menezes, Ara Ketu, Olodum, Timbalada e pelo carioca Dori, filho do baianíssimo Dorival Caymmi. "Tudo indica que Gilberto Gil também estará presente", diz Raimundo Mazzei, assessor de imprensa da Bahiatursa, ao comentar que a programação ainda não está fechada. Na lista dos confirmados, o Balé Folclórico da Bahia também irá mostrar as suas coreografias para o grande público. "É um evento da pesada", afirma Mazzei.



Balé Folclórico da Bahia: a dança afro marcará presença no Parque de Exposições

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 409 29/04/10 02:49

TRIBUNA DA BAHIA JUNHO 1994

Balé Folclórico resgata quadrilhas juninas em "Arraiá"

TRIBUNA DA BAHIA 13 DE JUNHO DE 1994



Dança

Antes de se apresentar na Bienal de Lyon, na França, o Balé Folclórico ocupa praça do Iguatemi

Única companhia de dança profissional folclórica privada a funcionar na Bahia, o Balé Folclórico da Bahia apresenta-se no Shopping Iguatemi três meses antes da Bienal de Lyon, na França, onde será uma das duas únicas companhias de dança brasileiras a se apresentar. Dentro da programação junina do Iguatemi, O Balé Folclórico da Bahia é a atração hoje e nos dias 19, 21 e 22 de junho na Praça Newton Rique do Shopping Iguatemi, com o espetáculo "Arraiá".

Um elenco com 20 dançarinos, cinco músicos e duas cantoras, dirigidos por Walson Botelho, com direção artística de José Carlos Arandiba e coreografia composta em criação coletiva, vai resgatar antigas quadrilhas de São João, com bailados, resas e todas as partes que formam a quadrilha mas com muito humor em cima do trabalho, garante Walson.

PROFISSIONAIS — Todos os bailarinos que compõem o Balé Folclórico da Bahia são profissionais que trabalham de seis a oito horas por dia entre aulas, ensaios e apresentações. Esta, aliás, é a única companhia de dança folclórica baiana a ter o status de profissional, apresentando-se em várias turnês no Brasil e no Mundo e ao lado de várias companhias de renome internacional como o Ballet Barioska, da Rússia, o Bolshói e o Ballet do Senegal. Em 1993, o Balé Folclórico da Bahia chegou a receber dois prêmios: Melhor companhia de dança do Brasil e melhor espetáculo de dança do Brasil pelo Ministério da Cultura.

A Bienal de Lyon acontece em setembro e logo após a companhia segue em tournée pela Áustria, Suécia, Finlândia, Noruega e Dinamarca. Do Brasil, somente o Ballet Folclórico e o Grupo Corpo (de Minas) vão participar tendo a oportunidade de dançar ao lado do Ballet Alvin e o Ballet do Harlen, importantes companhias americanas. Além do Ballet Folclórico da Bahia, dançam no Iguatemi outras importantes academias baianas como a Academia de Ballet da Bahia (responsável pelas duas únicas montagens baianas de La Fille Mal Gardée); Ballet Tereza Cintra Monteiro, Ballet do Bahiano de Tênis, entre outras.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A TARDE ● Quinta-feira ● 30/6/1994

Foto: Rejane Carneiro



BFB: folclore contemporâneo

A viagem dos africanos pelas Américas é tema da Bienal de Lyon, que escolheu dois grupos brasileiros para se juntar a alguns dos melhores nomes da dança negra mundial.

Gideon Rosa



Os ecos da cultura africana na dança são o grande tema da VI Bienal da Dança de Lyon, que se realizará de 13 a 29 de setembro. Entre grupos de diversos países, somente dois brasileiros foram escolhidos para participar do evento, considerado o mais importante acontecimento de dança de todo o planeta: o Balé Folclórico da Bahia e o Grupo Corpo, de Minas Gerais. Organizados, os franceses fecharam todo o programa e já estão divulgando a reunião de grupos proporcionada pela Bienal.

Pelo menos três dos mais importantes nomes da dança negra mundial estão na programação, o veterano Alvin Ailey American Dance Theater, o Dayton Contemporary Dance Company e o Dance Theatre of Harlen. Ao todo, são quase 30 grupos que apresentarão os vários aspectos da dança nascida a partir de raízes culturais africanas.

MERCADO INTERNACIONAL

Além das apresentações dos espetáculos de dança, a Bienal conta também com várias exposições, exibição de filmes mostrando a participação do negro no cinema e shows musicais. O diretor do Balé Folclórico da Bahia, Walson Botelho, acabou de receber o programa do evento e, quando viu confirmada sua presença, comentou: "Eu espero que isso abra ainda mais as portas do mercado internacional para nós".

Considerado o melhor grupo de dança folclórica do Brasil, o BFB foi premiado pelo Ministério da Cultura no ano passado e tem realizado várias excursões internacionais. Na opinião de Walson, participar de um evento desse porte, ao lado de companhias como a Alvin Ailey, é importante e um sinal de que o grupo está trabalhando com os elementos de modo correto, sem corromper as raízes africanas e conseguir, sobretudo, um caráter de brasilidade para o trabalho.

A VI Bienal de Dança de Lyon tem se caracterizado como um fórum importante para a reflexão de uma das manifestações artísticas mais instigantes deste século. A cada ano, o diretor artístico do evento, Guy Darmet, escolhe um tema. Se, em 94, o assunto é Mama África, pode ser que, em 95, o Brasil seja escolhido como objeto para toda a Bienal. Na opinião de Darmet, Mama África, "é a viagem de 10 milhões de seres da África às Américas". ▲

A TARDE JUNHO 1994

BOOK 20 ANOS BFB.indd 410 29/04/10 02:49

A TARDE

Quinta-Feira, 14/07/1994

FESTIVAL INTERNACIONAL

Para ver, ouvir e dançar

Salvador vai sediar o Festival Internacional de Música e Arte, com espaço reservado para nomes nacionais e locais.



O Balé Folclórico introduziu a dança no festival.

Tatiana Lima

Uma superprodução nova-iorquina promete esquentar o inverno baiano. De 15 a 21 de agosto, Salvador vai sediar o Festival Internacional de Música e Artes, um evento que reúne artistas locais e internacionais das artes plásticas, poesia, dança e terá como ponto forte a música. Estrelas do *axé music* e MPB vão dividir o palco com expressões do pop jazz americano e "papas" dos ritmos caribenhos, no Parque de Exposições. A produção alia o aspecto cultural ao turismo e deve trazer milhares de norte-americanos à cidade.

Em matéria de música caribenha, o tom do evento será de realeza. Um dos expoentes do *latin* jazz, considerado "rei do mambo", Tito Puente, sobe ao palco com sua orquestra. José Alberto, ou "El Canário", vai representar a nobreza da salsa. Misturando ritmos latinos, como calipso, ska e salsa, à tecnologia eletrônica, a banda Superblue completa a corte.

O reggae moderno terá seu espaço com Tony Rebele as bandas We The People e Techniques. Com décadas de estrada, Mongo Santamaria e Sanchez, percussionistas que já gravaram com Dizzy Guillespie, são atrações imperdíveis. O jazz também marca presença com o *fusion* de Airto Moreira e Flora Purim, na banda Fourth World. Num estilo instrumental *soft*, o pianista e tecladista Alex Bugnon dá o recado do *pop* jazz americano.

Outras atrações internacionais já confirmadas são o guitarrista e violonista Jonathan Butler, Miki Howard, o violinista de jazz Noel Pointer e o saxofonista Marion Meadows, que terá em breve discos lançados no Brasil pela BMG Ariola. O pop típico dos EUA será representado pela cantora Phyllis Hyman. Ela faz uma música bastante dançante, e sua voz cresce nas baladas que fazem parte do repertório. Sem dúvida, o festival será uma vitrine de excelentes músicos, que fazem um trabalho moderno, alguns beirando o experimental, e que não chegam facilmente aos ouvidos brasileiros por falta de lançamentos pelas gravadoras no País.

ATRAÇÕES NACIONAIS

A música baiana terá espaço e destaque com Margareth Menezes, Timbalada, Ara Ketu e Dori Caymmi. "Queremos divulgar a nível mundial e arte baiana", assegura Karen Joyner, diretora da empresa The Forrester Marketing Group, promotora do evento junto com a Bahiatursa e Fundação Cultural do Estado. Ela já está em Salvador para fechar a participação de um grande nome da MPB Nacional. Desde dezembro do ano passado a produtora vem fazendo um trabalho de marketing do Festival nos Estados Unidos, e já foram fechados até agora pacotes com 2 mil norte-americanos, que virão à Bahia para o evento.

Uma novidade deste festival, que em 1993 reuniu um público de 10 mil pessoas no México, é a inclusão da dança entre os espetáculos. Os produtores ficaram encantados com o trabalho do Balé Folclórico da Bahia, que fará apresentação também no Parque de Exposições. O palco do Teatro Castro Alves foi incluído no circuito do festival, para abrigar perfomances ligadas à poesia. Segundo Ewerton Sylvester, também diretor da empresa nova-iorquina responsável pelo evento, a escolha do TCA foi "fantástica", pois muitas das poesias a serem apresentadas são ligadas ao centenário da morte do poeta que dá seu nome à casa de espetáculos.

Participam do recital de poesia, já marcado para 17 de agosto, às 21 horas, os poetas Fapphire, David Ellen, Ewerton Sylvester, Patrícia Smith, entre outros. Sylvester afirma que na Europa e América do Norte este tipo de performance tem atraído grande público. "É a novidade no momento", acrescentou.

As exposições de artistas plásticos serão concentradas entre as galerias do Pelourinho. Estão escalados para a mostra obras de quatro artistas de sucesso nos EUA, Paul Good Night, Lary Pancho Brown, Frank Frazier e Michael Brown. A proposta é colocar os quadros dos norte-americanos em vários espaços acompanhados por obras de artistas plásticos locais, para fazer com que o público tenha contato com todas as produções.

"Não queremos expor apenas os grandes das artes plásticas baiana ou internacional, mas também aqueles pintores e escultores do Pelourinho, que fazem um trabalho mais popular", diz Karen Joyner. Ela optou pelo Pelourinho por se tratar de um ponto obrigatório no roteiro turístico do público internacional. "Esperamos que o festival aumente ainda mais o fluxo de turistas norte-americanos na Bahia", comentou.

A TARDE
JULHO 1994

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 411 29/04/10 02:49

CORREIO DA BAHIA 30 de agosto de 1994

FOLHA

Balé folclórico na Bienal de Lyon

David Reader/Divulgação

A 6ª Bienal de dança de Lyon, na França, terá uma estrela baiana. Trata-se do Balé Folclórico da Bahia, a companhia mais esperada pelo público do evento, uma vez que desde julho todos os ingressos para as apresentações do grupo se esgotaram. Em uma ótima fase, e esperando fazer bons contatos na Europa, o balé segue semana que vem para a França. **Página 1**



Balé folclórico vai à bienal francesa

Bienal da França quer ver grupo baiano dançar

Público de Lyon compra todos os ingressos para ver o Balé Folclórico

Beto Mettig

Vinte grupos diferentes, dez países representados e 400 dançarinos. Esses são apenas alguns números da 6ª Bienal da dança de Lyon, um dos mais importantes festivais de dança do mundo que este ano acontece de 13 a 29 de setembro, na França. Para quem não sabe, os baianos estarão representados pelo Balé Folclórico da Bahia que, junto com o grupo mineiro Corpo, marca a estréia de uma companhia latino-americana no evento.

O Balé Folclórico parte no próximo dia 19, com todas as despesas pagas pelo festival. Ele viaja com 18 dançarinos, cinco músicos e duas cantoras, além de cinco pessoas da equipe técnica. Na bagagem, dez coreografias e muito prestígio. Afinal de contas, trata-se da única companhia que teve os ingressos de suas apresentações esgotados desde o início de julho.

Pode parecer um acontecimento comum, mas não é. A *6ª Bienal* apresentará atrações do porte da Alvin Ailey American Dance Theater e da Dance Theatre of Harlem, dois dos grupos de dança de maior prestígio em todo o mundo. Mesmo assim, o interesse do público pela companhia baiana foi maior. "Acho que é porque a gente não está encaixado em nenhum dos dois extremos. O que a gente faz nem é folclórico primitivo, a exemplo das companhias africanas, nem temos a evolução técnica de grupos como o Alvin Ailey", justifica Walson Botelho, diretor geral do Balé Folclórico. "E nem somos também meio do caminho", avisa, explicando que a opção do grupo é simplesmente pegar uma outra vertente da dança negra, utilizando o folclore da Bahia sem estilizá-lo.

Mistura — Seja como for, o fato é que as apresentações da companhia estão sendo aguardadas com bastante expectativa. E eles não pretendem decepcionar. Entre as surpresas que estão sendo preparadas está uma adaptação da coreografia *Samba reggae*, de José Carlos Arandiba, que passará a ser dançada ao som de músicas tradicionais francesas, devidamente adaptadas ao suingue baiano. Sendo assim, os conterrâneos de Edith Piaf escutarão em primeira mão os acordes de *La vie em rose* sendo substituídos pelas batidas dos percussionistas locais.

"A gente está superansiosa. Tenho certeza de que isso vai abrir definitivamente as portas para a gente", afirma Botelho, lembrando-se da projeção que um festival do porte da *6ª Bienal* pode dar a uma companhia brasileira. É apostando nisso que o grupo estenderá sua permanência na França, aproveitando a oportunidade para realizar uma turnê por 14 cidades do país. Uma experiência semelhante foi vivida pelo grupo em 92, quando ele fez uma grande turnê por vários países europeus. "A reação das pessoas era impressionante", lembra Botelho, enquanto explica que o que mais chama a atenção no trabalho da companhia é a mistura de sua vitalidade e técnica. "As pessoas estão muito na busca da origem. Elas perderam o contato com a coisa mais popular", conclui.



CORREIO DA BAHIA
AGOSTO 1994

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 412 29/04/10 02:49

A TARDE 13/09/1994

A TARDE Caderno 2

Bienal da Dança de Lyon

Festa de raças e ritmos



Mama África é o tema da VI Bienal da Dança de Lyon (França), que começa hoje e vai até o dia 24, celebrando as manifestações culturais negras espalhadas por vários países.

Quando o diretor da Bienal da Dança de Lyon, Guy Darmet, escolheu o Balé Folclórico da Bahia e o Grupo Corpo (MG) para se integrarem à programação de 94, ele estava premiando aqueles que trabalham, preponderantemente, com a temática brasileira. Em âmbito mundial, a bienal é considerada o maior e mais importante evento de dança do planeta. Desta vez, apresenta pelo menos 30 grupos, oriundos das Américas, África e França, reunidos sob o tema de *Mama África.* A festa deste ano pretende fazer uma celebração de todas as manifestações culturais surgidas a partir das influências africanas, muito embora a estrela seja a dança.

A bienal ocorre num contexto de encerramento das festas de Verão, período em que acontecem os Festivais Internacionais de Lyon e Rhône-Alpes. Esta é a sexta bienal e a próxima, provavelmente, será exclusivamente sobre a dança brasileira, a exemplo do que aconteceu com a Espanha em 1992. Apaixonado pelo Brasil, o diretor Guy Darmet não se ateve somente em convidar oficialmente o Corpo e o BFB (cujos ingressos já estão esgotados), nas festas preparatórias realizadas dias antes do início do festival, apresentaram-se inúmeros capoeiristas e sambistas brasileiros, oriundos principalmente do Nordeste, local que — na opinião dele — mantém mais intactas as raízes culturais genuinamente nacionais.

Lyon foi invadida pelo som dos tambores e outros instrumentos de percussão. Pelas ruas, artistas da Bahia, Trinidad, Fort de France, Nova Iorque e Nova Orleãs misturam jazz, samba e salsa. Assim, a cultura africana se mostra exatamente como é, uma força em permanente movimento dentro das culturas europeizadas.

Desde o último dia 10, as ruas de Lyon estão cheias de artistas de várias nacionalidades. Como em qualquer país católico, haverá uma missa antes da abertura oficial do evento, com a presença de quatro corais africanos, oriundos do Togo, Benin, Zaire e Camarões. E ainda apresentação de um coral de gospel e inúmeros eventos ao ar livre, envolvendo dança, percussão, jazz, samba, capoeira. Insatisfeitos com todo esse coquetel cultural em plena rua, os organizadores promoveram ainda bailes com música cubana e jazz. Quem estiver saturado de tanto alvoroço pode se aproximar mais das culturas de origem africana, através de mostras que reúnem fotógrafos e artistas plásticos. Os assuntos são diversos, vão desde a dança propriamente dita, assim como imagens que dão uma idéia da diversidade cultural negra.

O BALÉ DA BAHIA

Sem dúvida, uma das estrelas da bienal é o Balé Folclórico da Bahia. Todos os seus espetáculos já estão esgotados. Sua primeira apresentação estava prevista para o dia 23, mas foram necessárias mais duas sessões antecipadas, no dia 22, mas também já não existem mais ingressos. O Balé Folclórico da Bahia busca em seu trabalho imprimir uma linguagem contemporânea às danças folclóricas, e isso tem transformado a companhia no melhor grupo do setor no Brasil. Levará para Lyon 10 coreografias de seu repertório. São trabalhos de Augusto Omolu, Walson Botelho, Rosângela Silvestre e José Carlos Arandiba (Zebrinha).

Dentre todas as características que deverão conquistar o público em Lyon está o fato de a companhia investir em coreografias que têm como fonte o cotidiano do povo baiano. Eles fazem um espetáculo de música e dança, oferecendo uma impressão muito clara do dia-a-dia do Recôncavo e sua forte ligação com a cultura de origem africana. O Grupo Corpo estreará antes do Balé Folclórico com as coreografias *21* e *Nazareth*, ambas apresentadas no Teatro Castro Alves no ano passado. São coreografias possuidoras de uma movimentação muito particular, que refletem bem um certo jeito de ser dos brasileiros, principalmente em *Nazareth*.

GRANDES NOMES

Brasil, Estados Unidos, França, Benin, Senegal, Guiné, Antilhas, África do Sul, Martinica, Burkina-Faso e Costa do Marfim. De todos esses lugares foram escolhidos os melhores, na opinião do diretor artístico da bienal, Guy Darmet. Ele pretende estar reunindo os que melhor representam as influências da cultura africana. Um dos grandes exemplos é o coreógrafo norte-americano Bill T. Jones, um expoente da dança nos EUA, que, recentemente, foi convidado para ser coreógrafo-residente do Lyon Ópera Ballet. Durante a bienal, ele estará fazendo a *première* de um novo espetáculo, *Still Here*. No ano passado, quando o Lyon Ópera Ballet esteve na Bahia (TCA), apresentou uma coreografia de Bill T. Jones, *Love Defined*, um trabalho que resumia bem a linha de criação do coreógrafo, que busca imprimir muita emoção no movimento dos dançarinos.

Gideon Rosa viajou para Lyon a convite da produção do evento.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A TARDE

Segunda-Feira 16/12/1994

A TARDE Caderno 2

DANÇA

Descompasso

Foto: Rejane Carneiro



Um período muito difícil para a dança baiana. Os pontos positivos foram a confirmação do Palco Alternativo, da Escola Contemporânea de Ballet — que permitiu um exercício permanente dos profissionais —, a realização da XIII Oficina Nacional de Dança Contemporânea e a penetração internacional do BTCA e do Balé Folclórico da Bahia (Gideon Rosa).

MAR Estréia no Teatro Gregório de Matos *Traição — um espetáculo coreográfico.* O Balé Teatro Castro Alves reapresenta *Trindade,* de Luiz Arrieta, e *Pássaro de Fogo,* de Antônio Carlos Cardoso, em espetáculo conjunto com a Orquestra Sinfônica da Bahia. O Balé Folclórico da Bahia participa da inauguração do Pelourinho, com três coreografias.

JUN A Companhia RE.AL/João Fiadeiro faz a estréia mundial da coreografia *Recentes Desejos Mutilados,* um projeto de dança-teatro criado a partir da realidade de Salvador. O BTCA vai a Israel e à Alemanha e consegue boas críticas. O Balé Folclórico da Bahia apresenta tradicional quadrilha em shopping e sofre discriminação de seguranças.

AGO O Balé Folclórico da Bahia apresenta-se no Festival Internacional de Música e Artes da Bahia. O Palco Alternativo mostra seis exercícios coreográficos, abrindo espaço para dançarinos que estão fora do grande circuito. A Companhia Cisne Negro vem a Salvador com três programas, entre os quais *O Boi no Telhado,* baseado em música de Darius Milhaud.

SET O BFB viaja para apresentar-se na França, fazendo espetáculos na Bienal da Dança de Lyon, na Universidade de Paris e Metz, no interior da França, com extraordinário sucesso de público e crítica. Anna Kisselgoff, do New York Times, destaca trabalho da companhia em matéria de página inteira. Ocorre mais um programa no Palco Alternativo.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A TARDE
DEZEMBRO 1994

CORREIO DA BAHIA
MARÇO 1995

CORREIO DA BAHIA Quinta-feira, 09 de março de 1995



O Balé Folclórico animou a festa dos premiados do 'Troféu Bahia folia', no Teatro Iemanjá

Premiados os melhores da folia

Camaleão, Timbalada, Olodum e Ara Ketu foram destaques, ontem, na concorrida entrega do Troféu Bahia folia, no Centro de Convenções. As principais atrações da música baiana estiveram presentes à premiação promovida pela TV Bahia, baseada em pesquisa do Ibope. Daniela Mercury, Chiclete com Banana, Tatau e a banda Eva também tiveram recompensadas as excelentes atuações nos dias de folia.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 414 29/04/10 02:49

A TARDE

Sexta-feira 10/03/1995

Prêmio à folia



Balé Folclórico foi destaque da noite.

Não deu para esconder que o Ara Ketu foi o grande nome do Carnaval deste ano, mas quem acabou levando mesmo o maior número de prêmios do Troféu Bahia Folia foi o trio Bell-Chiclete com Banana-Camaleão, que abocanhou, anteontem, no Centro de Convenções, os títulos de Melhor Cantor, Melhor Banda, Melhor Bloco de Trio e Abadá Mais Bonito, respectivamente. Coordenada pela TV Bahia — através de pesquisa do IBOPE a 500 domicílios —, a premiação privilegiou 12 categorias que, segundo os organizadores do evento, foram definidos previamente com as entidades que fazem o Carnaval de Salvador.

Para cada troféu foram feitas três indicações, sendo todas apresentadas ao público através de clipes transmitidos por dois grandes telões armados ao lado do palco do Teatro Iemanjá, que ficou lotado para a entrega dos prêmios. Apresentado pelos jornalistas Emerson José e Dênis Rivera, o Bahia Folia homenageou ainda o timbaleiro Carlinhos Brown, o guitarrista Armandinho e o compositor Tonho Matéria, com prêmios especiais. "Tenho três deuses dentro de mim: o da insistência, o da persistência e o da resistência", ironizou Tonho Matéria, ao agradecer a homenagem.

O MAIS APLAUDIDO

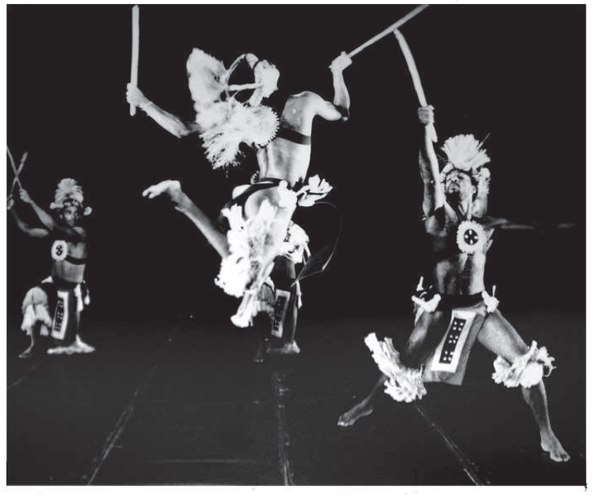
Embora com muita torcida de foliões, o clima descontraído deu o tom durante toda a premiação, sendo um dos principais destaques da noite o Balé Folclórico da Bahia, que fez "sala" para o evento com belas e sensuais coreografias carnavalescas. A primeira categoria premiada foi a de Banda Revelação, vencida pela Eva, que ainda fez a Cantora Revelação, Ivete Sangalo. Ao receber o troféu das mãos de Elba Ramalho, ela chorou emocionada, destacando depois o grupo como o grande responsável pela sua performance no Carnaval.

Dois prêmios também receberam o Olodum — Bloco Tradicional e Fantasia Mais Bonita — e o Ara Ketu, que foi o mais aplaudido da noite nas premiações de Cantor Revelação — recebida por Tatau —,

A TARDE
MARÇO 1995

BAHIA HOJE
ABRIL 1995

Bahia Hoje . . Salvador, Quinta-Feira, 6/4/1995



Enquanto o Balé Folclórico da Bahia arruma as malas para uma rápida passagem por Caruaru, em Pernambuco, de 8 a 15 próximos, apresentando-se no Festival Internacional de Folclore organizado pela Unesco, está chegando para mostrar no palco do Teatro Castro Alves, sábado e domingo, o Ballet da Ópera de Lodz, com Lorca Massine e participação especial de Ana Botafogo

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 415 29/04/10 02:49

Balé Folclórico da Bahia representa país



Único grupo brasileiro o Balé Folclórico participa em Caruaru do Festival Internacional de Folclore



'Nossa luta tem sido contra a depredação da cultura popular' diz Henri Cousarget, presidente do conselho da Unesco que organiza o festival. Encantado com o profissionalismo do Balé, ele acha que o grupo é a súmula da cultura popular brasileira

DORIS MIRANDA

O Balé Folclórico da Bahia aterrissa com seus 30 dançarinos em Caruaru, Pernambuco, para participar, como único representante brasileiro, do Festival Internacional de Folclore, organizado pelo Conselho Mundial de Cultura Popular da Unesco (Ciof). De hoje até o próximo dia 15, a cidade pernambucana se transforma na capital universal do folclore, reunindo companhias e grupos culturais de mais de 80 países filiados à instituição. Paralelo ao evento, acontece também o Encontro Mundial de Conselheiros de Cultura Popular e Folclore da Unesco.

Considerado o maior evento da cultura popular do planeta, o festival é organizado a cada ano em um país diferente, com objetivo de preservar a integridade do folclore local. Dirigido pelo francês Henri Cousarget, presidente do Ciof, o encontro apresenta os 100 membros do Conselho, que discutem com os representantes das companhias as principais questões culturais da atualidade.

"Nossa luta tem sido contra a depredação da cultura popular, pois há o perigo de perda de identidade dos povos com a evolução da humanidade", avalia Henri, que esteve em Salvador em visita informal para observar as atividades do Balé Folclórico da Bahia. Antes de partir para Caruaru ele sentiu de perto as condições do grupo e confirmou a participação do Balé em festivais e turnês mundiais pela Europa, a partir de agosto. Walson Botelho, diretor do Balé Folclórico da Bahia, diz que estão com agenda lotada para apresentações no exterior até o final de 96.

Formado há sete anos, o Balé Folclórico atua como uma companhia particular, sem apoio financeiro para espetáculos grandes. Talvez por isso, venha deixando o público curioso, já que as pessoas só ouvem falar das apresentações do grupo no exterior. Tem sido frequente a presença da companhia em aberturas ou encerramentos de congressos, mas em breve os baianos poderão ver de perto o trabalho do Balé, quando fizer a abertura do Festival Internacional de Dança, organizado pela Casa Via Magia, em setembro.

A questão do patrocínio e profissionalização de grupos pelo mundo afora também deve ser discutida no encontro. "A participação do Balé Folclórico da Bahia em um festival como esse é fundamental, para que seu trabalho seja visto como exemplo de profissionalismo pelo resto do mundo", disse Henri. Segundo ele, há planos de incluir a Bahia na rota anual do Festival de Folclore e que o balé baiano seja o avalista dos participantes. "O Balé Folclórico da Bahia é o centro da cultura popular do Brasil", acredita o representante da Unicef, em sua primeira visita à Bahia.

Deve ser analisada também, no encontro, a desestruturação da cultura da Rússia após a descentralização de poder do Estado. Segundo Henri, existe a proposta de criação de uma federação para reorganizar a cultura russa. "Além disso, o contato com diversos grupos culturais, que não têm muito trabalho de pesquisa, serve para refletir alguns conceitos de qualidade e fidelidade às tradições", finalizou Henri Cousarget.

BAHIA HOJE
ABRIL 1995

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A TARDE Domingo, 5 de Maio de 1996



Dança com a sensualidade do afro, do Balé Folclórico da Bahia, no TCA

Sensualidade do afro no TCA

O Balé Folclórico da Bahia, o grupo de dança brasileiro de maior projeção internacional atualmente, ao lado do Corpo (Belo Horizonte), faz única apresentação, às 21 horas de sexta-feira (dia 10), no Teatro Castro Alves, do espetáculo "Bahia de Todas as Cores", o mesmo que, há pouco tempo, conquistou aplausos do público e da crítica nos EUA e Europa. Quando o Balé Folclórico sobe ao palco, mostra uma prova definitiva de que o Brasil é o país das fusões.

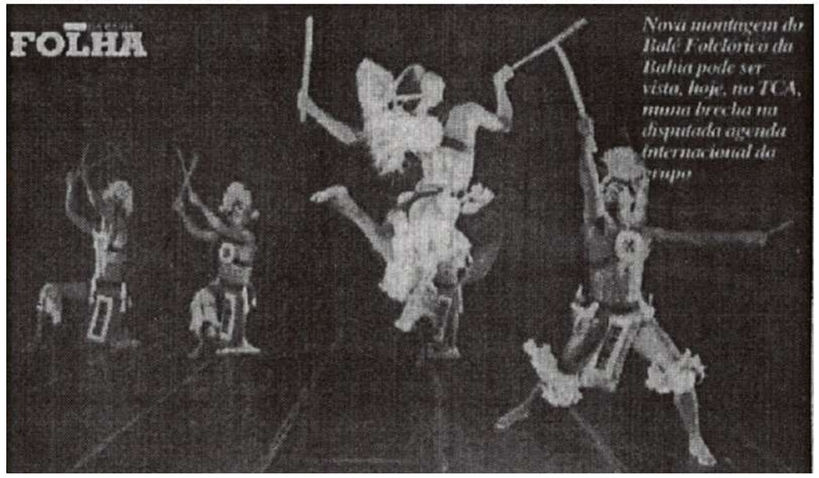
A companhia baiana está com sua agenda cheia de compromissos, incluindo apresentações na Ásia, Austrália, Europa e Estados Unidos até 1999. Na opinião de Anna Kisselgolf, crítica de dança do "The New York Times", talvez o nome mais respeitado do setor na atualidade, "o balé baiano é quem melhor incorpora, de todos os continentes, a idéia de dança negra na África e sua diáspora".

Serviço

Espetáculo — "Bahia de Todas as Cores"
Local — TCA
Data — 10/05 (sexta-feira)
Horário — 21 horas

A TARDE
MAIO 1996

CORREIO DA BAHIA Sexta-Feira, 10 de Maio de 1996



Balé Folclórico dança no TCA

Com uma carreira internacional cada vez mais em alta, o Balé Folclórico da Bahia arranjou uma brecha no calendário de excursões para dançar em Salvador. Hoje, o grupo que, segundo o The New York Times, *"melhor traduz no mundo a movimentação afro" faz única apresentação, no Teatro Castro Alves, com a bem-sucedida fórmula que mistura o clássico e o contemporâneo ao folclore afro-brasileiro.*

CORREIO DA BAHIA
MAIO 1996

TRIBUNA DA BAHIA Sexta-Feira, 10 de Maio de 1996

DANÇA 5



Balé Folclórico
Elogiado pela crítica em todo o mundo, o grupo faz apresentação hoje no Teatro Castro Alves

TRIBUNA DA BAHIA
MAIO 1996

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

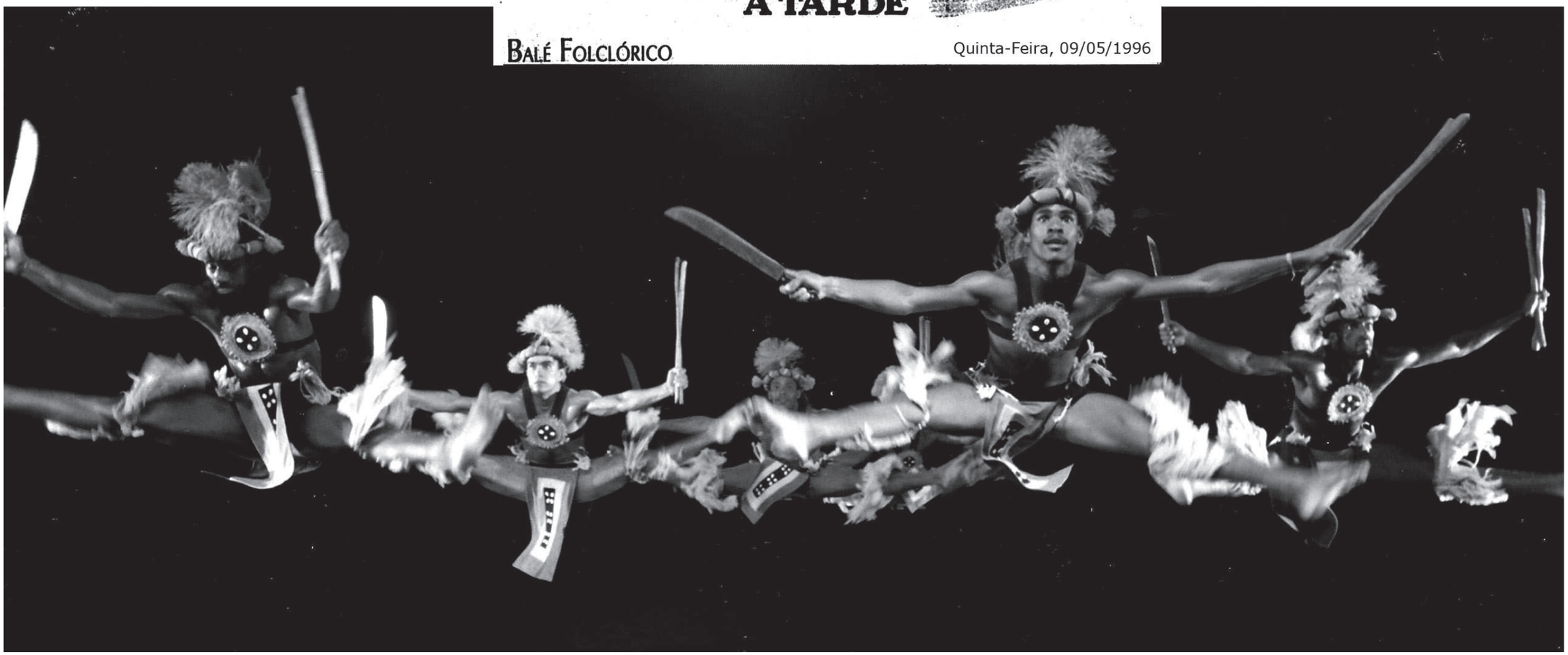
BOOK 20 ANOS BFB.indd 417 29/04/10 02:49

A TARDE
MAIO 1996

Caderno 2
A TARDE

BALÉ FOLCLÓRICO

Quinta-Feira, 09/05/1996



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 418 29/04/10 02:49

ATARDE Quinta-Feira, 09/05/1996

Rompendo fronteiras

Aclamado nos Estados Unidos e na Europa, o Balé Folclórico da Bahia faz apresentação única, amanhã, no Teatro Castro Alves

Walson Botelho, diretor geral e um dos fundadores do Balé Folclórico da Bahia, ainda guarda a lembrança do tempo em que muitos dançarinos da companhia deixavam de ir aos ensaios por falta de dinheiro até para o transporte. Os anos se passaram, a companhia se profissionalizou, mas talvez, por manter fatos vivos como este na memória, é que o BFB pode valorizar ainda mais o posto que alcançou no mundo inteiro. Desde 1989, a companhia não fazia um grande espetáculo em Salvador. O longo jejum será quebrado amanhã, às 21 horas, com a apresentação única, no Teatro Castro Alves, do espetáculo *Bahia de Todas as Cores*, aclamado nos Estados Unidos e na Europa.

Para o público baiano, que ainda desconhece essa "prata da casa", será a oportunidade de se inteirar com o trabalho de um grupo que vem revolucionando a idéia de folclore que se comumente tem, capaz até de afastar grandes empresários do negócio. "O folclore continua sendo muito desvalorizado dentro e fora do Brasil, normalmente associado a uma coisa lenta, desgastada, sem renovação. Já me solicitaram trocar o nome da companhia, o que eu recusei", diz Walson, que é antropólogo. E continua: "A base do Balé Folclórico da Bahia é a dança afro, o folclore, de origem africana, mas sem estilização, é visto de forma contemporânea". Provar que o Brasil não é só o país do samba é uma das conquistas que podem ser comemoradas pelo BFB, que, além do afro-brasileiro, mistura o balé clássico e o moderno em suas coreografias.

Do espetáculo *Bahia de Todas as Cores*, programado para uma hora e meia, fazem parte as mais importantes manifestações folclóricas da Bahia (juntamente com coreografias especialmente criadas para o grupo), a exemplo da puxada de rede, do samba de roda, da capoeira e do maculelê. Envolvendo tudo isso, muita força, sensualidade e um rufar de tambores que sempre garante, pelo menos ao final de cada apresentação, a integração da platéia, como se tudo estivesse acontecendo numa autêntica festa de rua. Quem já assistiu ao BFB no Teatro Miguel Santana (Pelourinho), onde semanalmente se apresenta, sabe do que se trata, embora o público da companhia esteja mais para gringo do que baiano. "Noventa por cento do nosso público é formado por estrangeiros", atesta Walson Botelho.

O Balé Folclórico da Bahia é formado por 16 dançarinos e cinco músicos. Todos eles têm uma forte ligação com o candomblé, explica Walson Botelho. O que significa dizer que a religiosidade com a qual trabalha não se restringe ao aspecto coreográfico. Vai além disso. Tem cunho espiritual. "Antes de cada espetáculo, fazemos os nossos rituais", diz o diretor geral da companhia. Apesar de ainda não dispor de um espaço fixo para ensaios, o BFB passa, hoje, por momentos bem melhores do ponto de vista financeiro, o que garantiu a estabilidade de seu elenco desde o ano passado. Ele se sustenta das apresentações que realiza em Salvador e das turnês que se multiplicam a cada ano, além de contar com o apoio da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado — ela paga cachês mensais pelos espetáculos realizados no Pelourinho, e colabora com o custeio de passagens e ajuda de custos nas turnês internacionais *(SR)*.



O BFB mistura balé clássico, dança moderna e manifestações afro-brasileiras

Compromissos até 1999

Inovador, criativo, contagiante, exuberante, vigoroso. Estas são algumas das palavras que se repetem nos textos da crítica especializada quando o assunto é o Balé Folclórico da Bahia. Fundado em 1988, o grupo divide com o Corpo (MG) e o Balé do Teatro Castro Alves a atenção de peritos da dança do mundo inteiro. Coleciona uma série de prêmios e apresentações em festivais por diversos países e chegou a participar do filme Orquídea Selvagem, *que, infelizmente, foi um desastre. Trata-se da única companhia de dança folclórica profissional do Brasil, dona de vigor e técnica indiscutíveis.*

Para se ter uma idéia de sua projeção internacional, o BFB está com uma agenda que inclui apresentações na Ásia, Austrália, Europa e Estados Unidos até 1999. Depois da apresentação no TCA, a companhia baiana ruma para a França, em junho, onde abre o encontro dos chefes de estados dos sete países mais ricos do mundo, além de excursionar pela Grécia e pela Malásia. Em setembro, abre a Bienal de Dança de Lyon *96, o maior evento de dança do mundo (do qual participou em 94 com estrondoso sucesso), além de correr diversas cidades francesas e se apresentar no Festival de Cinema de Biarritz. Para 1997, 98 e 99 os roteiros não são menos distantes: Canadá, Suécia, Dinamarca, Holanda, Japão, China, Tailândia, etc.*

Ficha Técnica

O quê: espetáculo de dança, *Bahia de Todas as Cores*
Quando: amanhã, às 21 horas
Onde: Teatro Castro Alves
Direção Geral: Walson Botelho
Direção Artística: José Carlos Arandiba

A TARDE
MAIO 1996

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 419 29/04/10 02:50

CORREIO DA BAHIA

MAIO 1996

DA BAHIA
FOLHA
CADERNO DE REPORTAGENS, ARTE E LAZER
Salvador, sexta-feira, 10 de maio de 1996



Folclore inteligente

Cada vez mais em alta no exterior, Balé Folclórico da Bahia dança hoje, no TCA

Ana Cristina Pereira

O Balé Folclórico da Bahia dá uma parada na agenda internacional e faz apresentação única em Salvador, hoje, às 21h, no Teatro Castro Alves. Os quinze bailarinos, cinco músicos e duas cantoras mostrarão o espetáculo *Bahia de todas as cores*, com direção geral de Walson Botelho. Nele, estão presentes algumas das coreografias que já consagraram o balé, e outras novinhas em folha.

Foi justamente com este trabalho que o BFB, uma das mais importantes companhias de dança do país, colheu rasgados elogios na Europa e nos EUA, entre janeiro e março passado. "O Balé é quem melhor incorpora, de todos os continentes, a idéia de dança negra na África e sua diáspora", escreveu a crítica de dança do New York Times, Anna Kisselgoff, uma declarada fã do grupo.

Depois que viu o Balé Folclórico se apresentar na Bienal de Lyon do ano passado, Anna escreveu duas matérias elogiosas sobre o grupo, que ajudaram no convite para a recente turnê americana. O sucesso da companhia - que pode ser comparado ao mesmo alcançado pelo grupo mineiro Corpo - é resultado de uma incessante busca de originalidade no campo da dança folclórica. "Não foi fácil fugir da mesmice a que todos os grupo folclóricos estão destinados", afirma Walson Botelho, diretor e fundador do grupo.

Para entender o que ele está falando basta a imaginar o que primeiro vem à mente quando se pensa em companhias afins: capoeira, maculelê, puxadas de rede e candomblé. É claro que no trabalho do BFB tem tudo isto, mas não de forma linear. "Em lugar de dar uma roupagem nova ao folclore, a gente procurou dar uma roupagem nova ao dançarino", explica Botelho. Na prática, isto quer dizer uma formação inovadora amparada em aulas de danças afro, moderna e clássica.

A aposta é misturar elementos das três linguagens e extrair da fusão a definição da dança afro-brasileira. "Não queríamos que eles dançassem clássico nem moderno, pois sabemos que os bailarinos não têm estrutura física para isso, é muito diferente, por isso adaptamos às condições deles", diz Walson. No palco, esta mistura se dilui com a vitalidade e a sensualidade que move a dança afro. Encontrar este conceito, que tem tido uma boa aceitação, permitiu ao Balé Folclórico um caminho único entre as companhias do gênero - o da profissionalização.



Agenda abarrotada - Depois desta apresentação em Salvador, o BFB volta a se preparar para mais uma viagem. Em junho embarcará para uma nova turnê, que o levará a cidades da França, Grécia e Malásia. Na França, participará da abertura do encontro dos chefes de Estado dos sete países mais ricos do mundo. Não precisa dizer que todas as lentes do mundo estarão sintonizadas por lá.

A próxima parada, em setembro, será novamente na França, na Bienal de Lyon 96, um dos mais importantes eventos de dança do mundo. Este ano o tema será o Brasil e vários grupos de dança daqui estarão por lá, numa oportunidade única de publicidade e novos canais. A abertura oficial da Bienal está a cargo do BFB, que recebeu o convite depois da apresentação na versão do ano passado, quando sagrou-se um dos grandes destaques.

Daí para frente é desnecessário relatar, pelo menos por hora, todas as futuras idas do Balé. Basta saber que até 1999 a companhia tem pauta garantida nos principais centros do mundo. Ironia das ironias, por aqui a escassez de palcos faz com que as apresentação do BFB sejam cada vez mais espaçadas. Portanto, aproveite a de hoje.

SERVIÇO

- **Espetáculo:** Balé Folclórico da Bahia
- **Quando:** Hoje, às 21h
- **Onde:** Teatro Castro Alves
- **Ingressos:** R$10,00 e R$5,00 (meia-entrada)

FICHA TÉCNICA

- **Direção geral:** Walson Botelho
- **Direção artística:** José Carlos Arandiba
- **Coreografias:** Augusto Omolu, José Carlos Arandiba, Rosângela Silvestre e Walson Botelho
- **Bailarinos:** Ailton Sacramento, Augusta Braga, Caroline Pereira, Cosme Lima, Honorato Praxedes, Joilson Silva, José Ricardo Souza, Luciano Souza, Margareth Sampaio, Nildinha Fonseca, Roberto Montenegro, Rose Soares, Sérgio Amorim, Susane Barreto e Vera Passos
- **Músicos:** Alcides Moraes, André Júnior, Joel Souza, José Luiz nascimento e Marcos Ferreira
- **Cantoras:** Dora Santana e Miralva Couto

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Samba no pé com dançarinos do Balé Folclórico

MÁRCIA LUZ

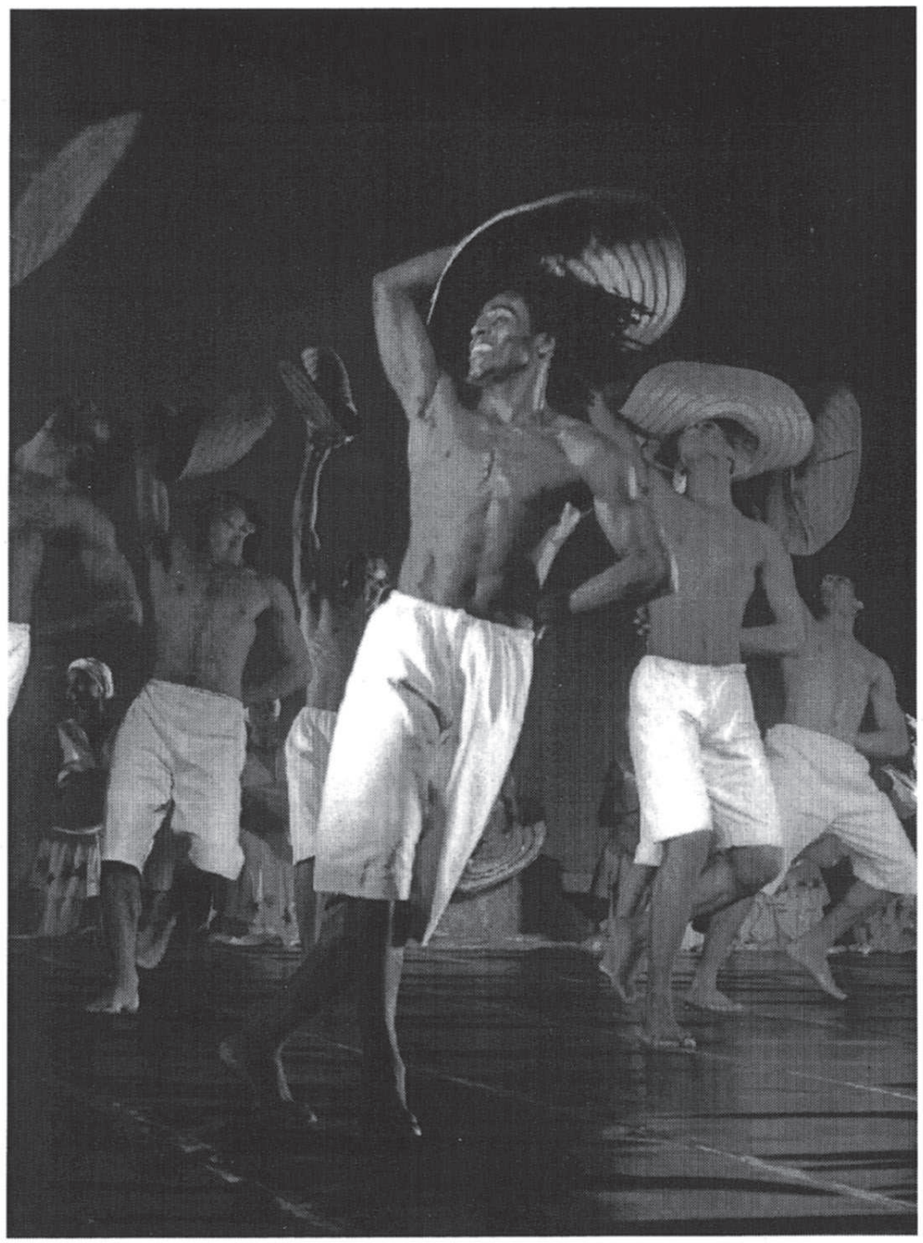
A cultura de rua de Salvador está sendo mostrada para o mundo inteiro através do talento dos dançarinos que integram o Balé Folclórico da Bahia, que desde 1993 conquistou o exterior e vem recebendo elogios dos mais conceituados críticos internacionais. O sucesso do grupo se traduz em compromissos agendados nos Estados Unidos e Europa até o ano de 1999. Como não podia deixar de acontecer, o BFB traz a Salvador, hoje, às 21 horas, o espetáculo *Bahia de Todas as Cores*, que será apresentado no Teatro Castro Alves.

No palco, 15 dançarinos, seis músicos e mais duas cantoras vão mostrar ao público baiano o porquê do respeito que conseguiram junto ao público estrangeiro. O espetáculo tem a direção geral de Walson Botelho - que fundou o Balé em 1988 - direção artística de José Carlos Arandiba, coreografias de Augusto Omolu, José Carlos Arandiba, Rosângela Silvestre e Walson Botelho. A direção musical fica a cargo de José Ricardo Souza.

Juntamente com o grupo Corpo (MG), o BFB é a companhia de balé folclórico mais conhecida fora do Brasil. E os planos são conquistar cada vez mais maior número de países. Tanto que, para as temporadas marcadas até 1999, estão programadas apresentações na Ásia, Austrália, além de Europa e Estados Unidos. A proposta do trabalho do Balé Folclórico é misturar ritmos afro-brasileiros, balé clássico e dança moderna. Para conseguir essa façanha, os integrantes se desdobram em muitas aulas técnicas diárias e ensaios, pois o objetivo é profissionalizar mais e mais a companhia. O grupo mantém ainda um contato muito próximo com o público através de aulas abertas às pessoas que gostam de dançar. Além disso, quando não estão viajando pelo mundo, os componentes do BFB se dedicam a aprender línguas, aproveitando as bolsas de estudo que recebem.

A base do balé é a religiosidade, apesar de todas as influências que o grupo recebe. Para desempenhar um trabalho mais apurado e verdadeiro, foi preciso um intercâmbio e grande pesquisa da cultura africana. Por uma questão de estrutura física dos dançarinos, as técnicas clássica e da dança moderna foram adaptadas à técnica afro.

Foi no ano de 1993 que o Balé Folclórico da Bahia saiu de Salvador para lançar sua arte no mercado Europeu, um dos mais exigentes. Inicialmente, participou de vários festivais e pouco mais tarde realizou algumas pequenas turnês.



A porta de entrada para a Europa foi a apresentação na Oficina Nacional de Dança Contemporânea, no Teatro Castro Alves, quando foi assistido pelo diretor da Bienal de Lyon, Guy Darmet. Isso bastou para que o talento do grupo fosse reconhecido pelo diretor e depois fora do Brasil. No ano seguinte, ao lado do Corpo, chamou a atenção na Bienal Mama África, onde estavam críticos do mundo inteiro.

Ganhou elogios e matérias de vários jornais estrangeiros, inclusive do pomposo New York Times. Os convites não pararam de aparecer. A fama do grupo fez com que o New York Times deslocasse uma repórter para entrevistar o baianos em seu sítio, o que rendeu nada menos que uma matéria de duas páginas. O que fascina a imprensa e o público internacional no Balé é que ele consegue fugir do tradicionalismo e mesmo assim preservar sua essência que é a religiosidade. Tudo isso aliado a uma grande vitalidade que é passada pelos dançarinos em cena, além da técnica misturada com a sensualidade da dança afro.

Nesse espetáculo, *Bahia de Todas as Cores*, por exemplo, o público estrangeiro fica simplesmente de boca aberta com as coreografias Samba Reggae feitas ao som dos tambores - um verdadeiro convite a não ficar parado, mesmo em lugares em que as pessoas não entendem a linguagem dos requebros baianos.

Este ano o grupo já excursionou pela França e Estados Unidos. Em junho as apresentações devem acontecer na França mais uma vez, Grécia e Malásia. A temporada de 96 será encerrada na França em setembro. Já no ano que vem, eles devem passar pela Austrália, EUA, Canadá, Suécia, Dinamarca e Holanda.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 421 29/04/10 02:50

BAHIA HOJE

MAIO 1996

BAHIA HOJE Sexta-Feira, 31/05/1996

O samba reggae contagiante do Balé Folclórico

Quando se apresentou no Teatro Castro Alves, no último dia 10 de maio, o Balé folclórico da Bahia, devido a problemas de segurança, não pôde mostrar sua mais contagiante coreografia *Samba Reggae*, que encerra os espetáculos por onde quer que passe. É um trabalho que convida o público a dançar, propondo um grande carnaval, uma vez que a música dessa coreografia está ligada à dança e à música surgida nos últimos anos nas ruas de Salvador. No Teatro Castro Alves, essa coreografia poderia provocar algum dano ao patrimônio do teatro e, por isso, foi suspensa. Domingo, às 19 horas, ao ar livre, no Parque do Abaeté, o BFB vai mostrar sua contribuição para a atual dança de rua, trazendo-a sistematizada para o palco.

Desde a apresentação do grupo na Bienal de Lyon de 1994, que jornais como o New York Times, revista Dance Magazine, dentre outros, não se cansam de elogiar o desempenho do BFB. Em decorrência das apresentações na Bienal, o balé viu intensificarem-se os convites para apresentação no exterior. Este ano já fez turnês pela Europa e pelos Estados Unidos, no período de janeiro a março. Mês que vem, pousa na França para fazer o espetáculo de abertura do encontro dos dirigentes do sete países mais ricos do mundo. Para o futuro, o BFB está com uma agenda que inclui apresentações na Ásia, Austrália, Europa e Estados Unidos até às vésperas do novo século. Na opinião da crítica de dança do New York Times, Anna Kisselgolf, talvez o nome mais respeitado do setor na atualidade, o Balé "é quem melhor incorpora, de todos os continentes, a idéia de dança negra na África e sua diáspora".

O Balé Folclórico da Bahia trabalha com um universo que funde a tradição africana com as técnicas de dança clássica e moderna. Foi a descoberta da possibilidade de realizar essas fusões que permitiu ao BFB construir uma linguagem própria para trabalhar o folclore. Nesse processo, a formação do bailarino é importante, pois ele é submetido a um intensivo e permanente treinamento de várias técnicas adaptadas às condições físicas de etnia afro-baiana. Com o Balé Folclórico, dançarino popular também faz pontas e piruetas, utilizando a gramática do clássico e do moderno. Desde sua formação em 1988, o BFB tem trabalhado na descoberta de uma linguagem que possa ser, finalmente, considerada dança afro-brasileira e não simplesmente, capoeira ou histórias narradas com um vocabulário linear.

ROUPA NOVA

Apesar de todas as influências, a base do trabalho do BFB está na religiosidade. "O detalhe nesse trabalho é que nós nos permitimos a trabalhar com uma visão mais ampla", diz Walson Botelho, diretor e fundador do grupo. No início, Walson esteve preocupado em fugir do tradicionalismo dos shows de folclore, ao tempo em que também temia estilizar o trabalho demasiadamente. Para não trair a religião nem o folclore, Walson encontrou uma solução: "Em lugar de dar uma roupagem nova ao folclore, a gente procurou dar uma roupagem nova ao dançarino".

O resultado, em oito anos, tem sido várias premiações no Brasil e o reconhecimento da crítica internacional. Foi neste aspecto também que se iniciou o trabalho social realizado pelo grupo. Até então, dançarino de folclore era pescador, capoeirista, pedreiros, trabalhadores braçais de um modo geral.

Com o BFB, essas mesmas pessoas tiveram a chance de se profissionalizar, realizando um trabalho de aprendizado sistemático, que permitiu que eles passassem a viver, também, da atividade artística de dançarino e, o que é melhor, com a qualidade técnica necessária. "Todos eles passaram a receber aulas de moderno, clássico e afro-brasileiro". Segundo Walson, as pessoas costumam se espantar com isso, mas ele explica que tanto o balé clássico quanto o moderno de várias tendências foram adaptados para as condições físicas e culturais do material humano que ele dispunha. "Não queríamos que eles dançassem clássico nem moderno, pois sabemos que eles não têm estrutura física para isso, é muito diferente, por isso adaptamos às condições deles", diz Walson.



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 422 29/04/10 02:50

A TARDE • Quinta-feira • 19/9/1996

A TARDE Caderno

BIENAL DE DANÇA

Festa de largo em Lyon

A apresentação do Balé Folclórico da Bahia transformou o público da Bienal de Lyon em animados dançarinos de rua e o pátio do Auditorium Maurice Ravel em festa de largo.

Gideon Rosa



É um espetáculo pra ser visto, acompanhado e analisado. O Brasil é um fenômeno e a Bahia um caso à parte. Sem qualquer ranço bairrista, dá para se afirmar que a reação do público ocorre em dois níveis: Brasil e Bahia. Quando o assunto é Bahia, o evento transforma-se em *frisson*, o público entra em delírio. Surpresa até para os próprios baianos, a força do *samba-reggae* e da cultura popular baiana é, sem a menor dúvida, o principal produto de exportação da Bahia. Com o Balé Folclórico, o público de Lyon deixou de ser espectador para integrar-se totalmente ao espetáculo. A Bahia fez festa e não pediu licença.

O novo espetáculo do BFB começa com um solo do dançarino Sérgio Carvalho, numa interpretação sublime de *Exu*. A coreografia *Corte de Oxalá* começa em silêncio, sem a batida dos tambores. O BFB se permitiu planar pela sutileza e Walson Botelho utilizou à exaustão o vigor físico de seus dançarinos para criar uma atmosfera mística. Como se fosse num terreiro, as entidades estão presentes, não são vistas, são apenas pressentidas pelas filhas-de-santo. Os tambores entram em cena e o público se defronta com um desfile de orixás, acompanhados de baianas impecavelmente vestidas. A atmosfera meio desconhecida, construída com excelente iluminação e fumaça, começa a mexer com o público, que aplaude em cena aberta.

Isso foi apenas o começo de uma festa anunciada. O espetáculo continua num crescendo com mais oito coreografias do repertório do BFB. A direção artística soube encadeá-las de forma a fazer da apresentação uma rampa em direção ao infinito. Literalmente, o samba-reggae entra em cena para terminar o espetáculo, cuja animação parece não ter fim. Os quase três mil lugares do Auditorium Maurice Ravel estavam lotados. Quando Miralva Couto e Dora Santana preencheram o vazio do imenso teatro com suas vozes e os percussionistas anunciaram a batida dos ritmos da Bahia, foi possível perceber, de modo definitivo, a força do samba-reggae: o repertório de Daniela Mercury e do Ara Ketu e, finalmente, *La Vie en Rose*. Foi o delírio.

A seqüência desse espetáculo foi quase previsível. Na Bienal de 1994, o BFB já havia jogado a tradicional sisudez do público por terra. Dessa vez, montados na referência anterior, o público apareceu querendo mais. O BFB não se fez de rogado. Depois de 15 minutos dançando com o público (acompanhado de aplausos, naturalmente), a companhia adentrou a platéia. O público saiu atrás e, em seguida, o som dos tambores imitou as festas de largo e tocou forte na praça, a Rua Garibaldi, onde se situa o Maurice Ravel. Em questão de minutos, duas mil pessoas se movimentavam pelo anfiteatro da praça como se estivessem em qualquer show de Verão em Salvador. Braços para cima, mãos movimentado-se para a esquerda e a direita, numa espontaneidade só conseguida pelo samba-reggae. Senhores sisudos de gravata, velhinhas aposentadas, jovens e crianças se misturam de modo inédito e, aí, a festa durou mais meia hora. Meia-noite, os artistas, exaustos, resolveram entrar novamente no teatro. O público foi atrás. Não dava para prosseguir, a festa havia acabado e eles ficaram meio perdidos na praça, com o gosto de quero mais.

A TARDE • Quinta-feira • 19/9/1996

Dançarinos baianos contagiam Lyon

Lyon, França (AE) — As duas estréias de anteontem da 7ª Bienal de Dança dividiram o público, mas não o entusiasmo: Programados para o mesmo horário, a Cia. Terceira Dança e o Balé Folclórico da Bahia serviram como termômetro da expectativa local: os baianos quase lotaram a platéia de 2,9 mil lugares do Auditorium e os paulistanos, a metade das 400 poltronas do Théatre de la Croix-Rousse.

O Balé Folclórico da Bahia fez seu público delirar. No final do espetáculo, o público, já de pé, aplaudiu por 15 minutos. Um dos bis, aliás, foi La Vie en Rose no atabaque. A companhia, então, desceu do palco e a platéia entendeu que se tratava de um convite. Seguiu a trupe até o anfiteatro e o samba-reggae da última cena de Bahia de Todas as Cores desembocou num Carnaval animadíssimo, que durou mais 20 minutos. Nos prédios ao redor, nem os moradores resistiram, saindo para as varandas, para sambar de lá mesmo.

"SOFISTICAÇÃO"

As duas obras da Cia. Terceira Dança despertaram outro tipo de entusiasmo. Depois de assistir a Das e Les Cartes, Dominique Berolatti, chefe do serviço de imprensa local, simbolizava o encantamento geral comentando: "Se for esse o nível das jovens companhias brasileiras, é de uma sofisticação impressionante".

Das foi extremamente bem lançada e Les Cartes sofreu com o tamanho do palco. O crescimento de Gisela Rocha como coreógrafa pode ser especialmente reconhecido na nova matriz gestual que desenvolveu em Les Cartes. O movimento não acaba: se dissolve em outro. Por isso, suas frases fluem como arabescos.

SANDÁLIAS

Há experimentações em que a nova matriz se expande. Quando os bailarinos usam sandálias havaianas ou meias, por exemplo, é toda uma outra atitude que se implanta no corpo deles. Ou seja, Gisela Rocha parece caminhar para uma concepção expandida de movimento, em que o passo deixa de ser só passo para ser tratado como uma globalidade que inclui o antes e o depois, em termos cinéticos.

ALCIONE

A programação de hoje, além da estréia do Candoco, os convidados ingleses dessa bienal, oferece um show de Alcione. Numa Salle Molière transformada em cabaré, com direito a caipirinhas para criar o clima, vai cantar Cartola, choro, samba e duas músicas do novo disco, Tempo de Guarnicê, que sai em 15 de outubro no Brasil. E, é claro, também uma de Charles Aznavour.

Um Guy Darmet muito sorridente está comemorando ainda um outro fato. Cinco mil pessoas assistiram à dança, em Lyon, distribuídas por cinco teatro diferentes. Ou seja, cinco mil lioneses aplaudiram a dança brasileira. No mínimo, um recorde local.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 423 29/04/10 02:50

Festa cabocla

Criada há 12 anos, a Bienal de Lyon teve um público recorde ao escolher o Brasil como tema: 80 mil espectadores nos teatros e 150 mil pessoas nas ruas. Grande encontro cultural, o evento transplantou para a cidade a estrutura dos desfiles carnavalescos no País. Sucesso absoluto. O prefeito Raymond Barre (ex-primeiro-ministro francês) decidiu repetir a fórmula em 97.

Gideon Rosa*

Já foi dito que a dança é o caminho mais curto de um homem a outro. Lyon, uma cidade hegemonicamente branca e burguesa, rendeu-se ao charme mestiço do Brasil. Sem qualquer distinção de classe social, a população parece unânime: "O Brasil trouxe alegria e cor", dizem as pessoas, referindo-se ao desfile que, de modo inédito, promoveu um minicarnaval de quatro horas no centro da cidade. Com o Brasil como tema, a Bienal de Dança entrou na rota da festa como instrumento de integração social e fez um trabalho hercúleo para mostrar a dança brasileira ao mundo. Do folclore ao contemporâneo, a diversidade cultural brasileira esteve em Lyon, carregando todas as suas contradições. Foram dias de delírio. A próxima bienal pode ser sobre a dança do mediterrâneo.

A bienal serviu para mostrar que, apesar de grupos como Corpo, Deborah Colker, Balé Cidade de São Paulo, Terceira Dança e Balé Folclórico da Bahia, dentre outros, a dança brasileira não vai bem das pernas, do ponto de vista de criações inovadoras, ou seja, a dança contemporânea brasileira se parece com quase tudo que se faz no mundo. É um pouco pastiche; a novidade foi o popular, sem dúvida. Em Lyon, porém, o público foi generoso. Diariamente, milhares de pessoas acotovelaram-se nas portas dos teatros para prestigiar a dança brasileira. Todos os teatros estiveram praticamente lotados.

Houve dias em que havia pelo menos cinco mil pessoas sentadas nas poltronas das diversas salas de Lyon, assistindo a espetáculos ligados de um modo ou de outro à cultura brasileira. Porque, apesar de trabalhos originalíssimos (sofisticado e profundamente ligado às razíes da cultural brasileira) como o pernambucano Antonio Nóbrega e o paulista Rui Moreira (também dançarino do grupo Corpo), houve, dentro da programação, alguns espetáculos que serviram de contraponto. Um deles foi o inglês Candoco *(pode-se fazer junto)*, um trabalho que inclui dançarinos deficientes físicos, cuja música utilizada mistura sutilmente influências que também passam pelo Brasil. Outro contraponto foram alguns espetáculos de tango realizados, em sua maioria, por profissionais que vivem na França. A propósito, o tango exerce uma sedutora atração sobre os franceses ainda hoje.

O POPULAR, SEMPRE

Apesar de todos os teatros estarem cheios, de haver, verdadeiramente, uma curiosidade acerça desse Brasil tão amado, mas tão distante, o sucesso mesmo foram os espetáculos que se propunham a fazer o público se mexer. A tradição e o ritmo foram os supremos imperadores desse encontro. O Balé Folclórico da Bahia, por exemplo, conseguiu colocar mais público no teatro (27 mil em nove apresentações) do que o espetáculo-título da Bienal, que reunia os grupos da Imperatriz, Maracatu Nação Pernambuco e o maranhense Cazumba.

O dançarino Rui Moreira enveredou por esse caminho com seu trabalho individual chamado *De Pantagome na Cidade*, ao lado de três músicos mineiros. Ele misturou o contemporâneo e a mais legítima tradição de dança popular, resquícios de um passado que, na Bahia, já desapareceu, mas ainda existe forte no Maranhão com o grupo Cazumba e outros. Foi um dos encontros mais bonitos com o público no *foyer* da Maison de la Danse. Um momento só comparável à façanha do Balé Folclórico da Bahia, que, a cada final de espetáculo, carregava atrás de si, ao som dos tambores rufando samba reggae, um público ensandecido, que se predispunha a sair pelas ruas dos arredores do Auditorium Maurice Ravel, pulando como se estivesse num Carnaval. De repente, era Carnaval.



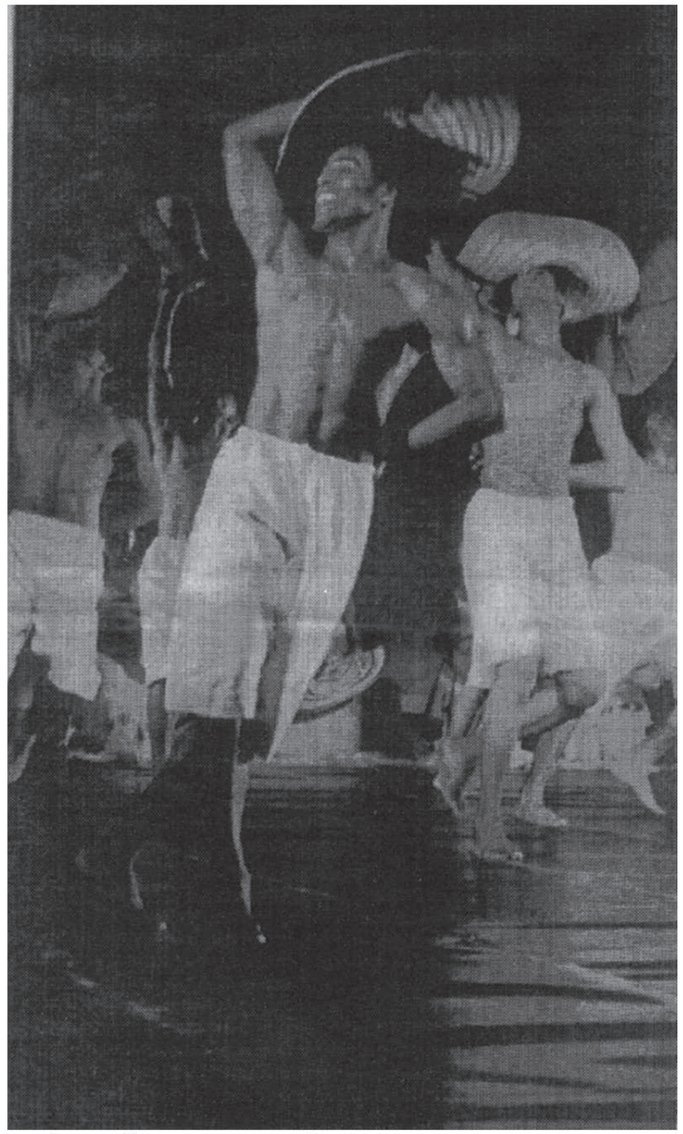
O Exu do B. Folclórico: frisson nos estrangeiros

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A TARDE
SETEMBRO 1996

CENÁRIO

DEZEMBRO 1996



Balé Folclórico da Bahia: único grupo de dança profissional do gênero no Brasil

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

O jeito baiano de dançar mundo afora

GIDEON ROSA

A situação da dança na Bahia é de penúria. A atual política cultural não tem o menor interesse pelas ações de fomento e isso está levando ao caos, não só a dança, mas outros setores produtivos da área cultural, muito embora o número de eventos ofusque um pouco essa realidade. Voltando a dança, a realidade é a seguinte: na Bahia existe um número enorme de profissionais independentes e apenas três grupos trabalhando com regularidade.

O Tran Chan, que é formado por pessoas ligadas a Universidade Federal da Bahia, e por isso, encontra algum suporte para continuar trabalhando, o Balé do Teatro Castro Alves - que para não passar o ano de 96 em branco, resolveu requisitar pessoas ligadas a própria companhia para fazer peças novas para o repertório e, por último, o Balé Folclórico da Bahia, único grupo profissional do gênero no Brasil. O estranho e importante a registrar é que a Bahia já teve na década de 80 pelo menos dez grupos de dança trabalhando regulamente e uma oficina de dança que reunia grupos de todo o país.

No meio dessa realidade desoladora, cabe particularizar a ação do Balé Folclórico da Bahia, que tem conseguido em sua trajetória de oito anos, projetar a dança folclórica brasileira nos principais fóruns mundiais de dança. Se o grupo já havia conseguido reconhecimento fora das fronteiras da Bahia com premiações em vários festivais e até da Funarte, a explosão do Balé Folclórico aconteceu com a realização, em 1994, da Bienal de Dança de Lyon, totalmente dedicada a influência da cultura negra no mundo. Nesse retorno, via Europa, o Balé Folclórico conquistou a crítica do New York Times, o mais importante jornal dos Estados Unidos. Daí em diante, choveram contratos. Por causa disso, a agenda do grupo está lotada até 1999.

O Balé Folclórico da Bahia tem um aspecto que é pouco destacado em sua trajetória. O grupo tem sido um escoadouro e lugar de formação para um grupo enorme de dançarinos populares, resultado da ação de Walson Botelho e José Carlos Arandiba (Zebrinha), que trabalham tentando utilizar recursos da dança moderna e danças de origem africana. Talvez essa tenha sido a razão do Balé Folclórico da Bahia ter sido convidado uma segunda vez para participar da VII Bienal de Dança de Lyon, em 1996, totalmente dedicada à dança brasileira. Ao lado do Grupo Corpo (MG), Deborah Colker (RJ), o Balé Folclórico da Bahia representou uma forma popular e extremamente contemporânea de dançar. Os ingressos para os espetáculos foram vendidos por antecipação para várias apresentações em um teatro que cabia 3 mil espectadores por apresentação.

Somente o grupo Corpo vem gozando de um prestígio internacional que pode ser comprado ao Balé Folclórico. Mas isso não seria justo, pois se trata de produtos completamente distintos na forma e no conteúdo. O mais extraordinário do Balé Folclórico, seja em São Paulo, num festival como o Comfort, Nova York ou Lyon é a capacidade que o grupo tem de buscar uma comunicação imediata com a platéia. Essa comunicação - que remete o espectador aos seus ancestrais - se dá pelo ritmo e por um trabalho coreográfico que expõe a pulsação do corpo como instrumento de contato. Em Lyon, o Balé Folclórico, rigorosamente, todos os dias em que se apresentou, saía do teatro ao som do samba reggae, carregando os sisudos franceses em cortejo pelas ruas do Auditório Maurice Ravel. Eles hurlavam de felicidade. Pois bem, se na Bahia todo mundo dança, "a dança está no sangue", conforme o discurso oficial, onde estão sendo jogados os profissionais que estão loucos para dançar, mas estão à espera de um estímulo mais concreto?

GIDEON ROSA É JORNALISTA E ATOR

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 425 29/04/10 02:50

Balé Folclórico na Austrália

Na próxima quarta-feira, dia 15, o Balé Folclórico da Bahia cumpre mais uma etapa de sua carreira internacional, começando sua turnê mundial de 97. Nesse primeiro semestre, o *tour* se inicia em Sidney (Austrália), passando pelos EUA (30 cidades) e Canadá (três cidades), em seguida. Em Sidney, o premiado grupo de dança baiano se apresenta no Teatro da Ópera, onde faz 13 apresentações, e os ingressos já estão esgotados. Coincidência ou não, o empresário que faz a coordenação artística das Olimpíadas do Ano 2000 é o mesmo que cuida da agenda internacional do BFB. Isso quer dizer que o grupo já está sendo sondado para fazer parte do show artístico de abertura da primeira Olimpíada do século XXI. Volta ao Brasil em junho e retorna ao exterior em julho, fazendo Israel, Líbano e França. Em fevereiro, o BFB é a atração convidada da Disney World, onde fará quatro shows. E pensar que tudo isso começou com a seleção do BFB para a Bienal de Lyon em 94.

Foto: Arquivo



Balé Folclórico transformou-se em produto mundial

A TARDE
JANEIRO 1997

TROFÉU MAMBEMBE

A Bahia fez a festa

A noite de entrega do *Troféu Mambembe 96,* no Rio, na última terça-feita, premiou a Bahia e transformou-se em palco de reivindicações dos laureados.

Gideon Rosa
Especial para A TARDE

Logo na abertura da festa de entrega, o presidente da Funarte, o escritor Márcio Souza, sentiu o clima de reivindicações e anunciou: "Este ano, nós vamos aumentar o valor do prêmio, assim como o número de categorias para a dança". Disse também que o sucesso do Brasil na *VIII Bienal de Dança de Lyon,* em setembro do ano passado, fez com que a *Feira do Livro de Paris,* que acontecerá em 98, escolhesse a *terra brasilis* como tema. O *Mambembe* para teatro ficou com a parte maior da festa, que premiou gente do gabarito de Maria Clara Machado, Renata Sorrah, Ricardo Blat e Emiliano Queiroz, todos presentes. Na dança, a apresentação teve a sofisticação da dançarina e coreógrafa Lia Rodrigues e da dançarina Ana Botafogo.

Mas o *Troféu Mambembe* está vivendo uma contradição: enquanto o universo da dança, com apenas seis prêmios, tem âmbito nacional, o teatro abocanha 60 premiações e está restrito aos espetáculos produzidos no eixo Rio-São Paulo. Ao final, ficava evidente o questionamento: por que o Brasil inteiro tem que pagar uma premiação que se restringe ao teatro produzido em São Paulo e no Rio de Janeiro? Cada premiado leva, além de um troféu confeccionado em acrílico, a quantia de R$ 3.000,00, num prêmio que tem total patrocínio do Ministério da Cultura.

O seleto grupo de premiados com o *Mambembe de Dança* (apenas seis) no ato de recebimento não reivindicou mais verbas, e sim maior infra-estrutura. O diretor da *Bienal de Lyon,* Guy Darmet – que veio ao Rio, especialmente, para receber o prêmio, concedido pelo incentivo que deu à dança brasileira – disse que "o problema no Brasil é a ausência de uma estrutura de difusão, que permita que os espetáculos possam circular por todo o País". Márcio Souza promete iniciar um processo de busca que possa permitir às companhias fazerem turnês com seus espetáculos. Para completar, Guy Darmet disse que esta rede de difusão nacional teria que ser controlada por programadores comprometidos com a dança, pois, somente assim, os profissionais terão condição de fazer crescer a qualidade da dança no Brasil.

Emocionado pelo reconhecimento nacional do trabalho que vem realizando há oito anos com o *Balé Folclórico da Bahia* (desde janeiro em turnê internacional), Walson Botelho foi outro que veio dos EUA exclusivamente para o prêmio. E fez valer a viagem. Ao discursar, agradeceu o reconhecimento pelo trabalho que vem fazendo com a dança popular e solicitou apoio dos órgãos públicos, no sentido de que os grupos se fortaleçam e possam conquistar patrocinadores privados. Aproveitou para dizer que, provavelmente, o *Balé Folclórico da Bahia* é a única companhia de dança nacional que tem agenda fechada até o ano 2000, com uma passagem pelo espetáculo de abertura dos Jogos Olímpicos de Sidney, inclusive. Reclamou que, apesar da grande agenda internacional, o grupo tem extrema dificuldade para se apresentar no Brasil, pois, constantemente, os teatros negam pauta ao *BFB,* deixando transparecer que existe preconceito em relação à dança popular.

Dentre os premiados do teatro, Gabriel Villella foi um dos grandes vencedores, como melhor cenógrafo, por *Ventania* e *Mary Stuart.* Ganhou também o *Mambembe* de melhor diretor, com *Mary Stuart* e *Ventania.* Renata Sorrah abocanhou o prêmio de melhor atriz, por sua atuação em *Mary Stuart,* e Ricardo Blat ficou com o *Mambembe* de melhor ator, por sua atuação em *Na Solidão dos Campos de Algodão.* A veterana Maria Clara Machado foi uma das mais aplaudidas, pelos seus 45 anos à frente do Teatro Tablado, o que lhe rendeu dois *Mambembe.*

Na dança, os premiados foram a bailarina Andrea Thomioka, uma jovem profissional de Santo André que, no ano passado, teve reconhecimento internacional no *Festival de Varna* (Bulgária) – um dos mais prestigiados do mundo. A professora Angel Vianna foi homenageada com um *Mambembe,* por sua contribuição ao ensino e ao desenvolvimento da dança contemporânea no Brasil. O pernambucano Antônio Nóbrega, há anos radicado em São Paulo, recebeu um Mambembe, por sua importante pesquisa na área da cultura brasileira, com fortes consequências para a dança contemporânea nacional. O *Balé Folclórico da Bahia* foi destacado pela sua qualidade técnica na interpretação da cultura popular. Gringo Cardia, diretor de arte, ganhou pela introdução de novos conceitos das artes visuais em espetáculos de dança, quando trabalhou com Déborah Colker. O último premiado foi a *Bienal de Lyon,* pela realização de *Aquarela do Brasil,* a maior contribuição internacional que a dança brasileira já recebeu.

A TARDE
MARÇO 1997

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 426 29/04/10 02:50

A TARDE

ABRIL 1997

Foto: Rejane Carneiro



Balé Folclórico da Bahia

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

Girando o mundo

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Desde janeiro de 97, a trupe mais famosa da Bahia está rodando o mundo e arrancando aplausos do público e da crítica em todas as cidade por ontem tem passado.

Gideon Rosa
Especial para A TARDE



Na noite de terça-feira, 2, um discreto burburinho invadiu o saguão do *Wellington Hotel*, na Sétima Avenida, ao lado da Broadway e a 50 metros do *City Center*, o endereço da última parada. Era o *Balé Folclórico da Bahia* chegando, para espanto de outros hóspedes brasileiros, que estranharam tantos *afros*, juntos, num hotel bem-localizado. Extenuados e, em sua maioria, carregando um *look* muito nova-iorquino, eles não se intimidaram, fizeram o *check in* e amanheceram o dia como capa do prestigioso tablóide *Village Voice*. Desde janeiro, a trupe mais famosa da Bahia está dando a volta ao mundo. Com turnês fechadas até o século 21 e cogitando participar do show de abertura dos *Jogos Olímpicos de Sidney*, o *Balé Folclórico da Bahia* chega ao pódio, assumindo a condição de embaixador cultural do Brasil.

Assistir ao *BFB* numa cidade como Nova Iorque dá a dimensão exata de onde chegou a companhia. Definitivamente, o grupo está com asas fortes e ganhando o mundo da dança internacional. Além de Sidney, nesta turnê, eles percorreram 25 cidades dos EUA. É um produto brasileiro e, provavelmente, o de maior aceitação no mercado internacional. A crítica de dança do *The Boston Globe*, Christine Temin, escreveu: "O *Balé Folclórico* ficou tão popular na Europa e nos EUA que dificilmente pode ser encontrado em casa", numa referência à Bahia. A propósito, a Bahia é uma ilustre desconhecida para a grande imprensa. Em todos os textos, nos EUA e na Austrália, o *BFB* é naturalmente apresentado como "o Balé Folclórico da Bahia do Brasil". As referências ao samba e ao futebol parecem resumir tudo sobre o País tropical, mas, após assistir a uma hora e meia de espetáculo, o público começa a responder efusivamente à tradição de participação desenvolvida pela cultura baiana e utilizada pela companhia, em suas apresentações.

Com um *status* verdadeiramente privilegiado, o *Balé Folclórico* está fazendo a turnê com o suporte do maior produtor de dança dos EUA, Gary Lindsey. Alguns jornais comentam que o *BFB* foi capaz de quebrar as regras da instituição: jamais chamar o mesmo grupo para uma cidade dois anos seguidos. O sucesso foi tão explosivo com o público e a crítica que a companhia foi convidada, pela segunda vez em menos de um ano, para apresentar-se na mesma cidade, a exemplo de Boston e Nova Iorque. No *City Center*, em Nova Iorque, um palco dos mais disputados da dança na cidade, o grupo entrou numa programação, ao lado de companhias mundialmente famosas, como o *Alvin Ailey Dance Theater* e a *Paul Taylor's Company*. Só para se ter uma idéia do que isto significa, um nome famoso, como David Parsons, jamais conseguiu suporte financeiro para se apresentar no *City Center*.

CARISMÁTICOS

Com técnica elogiada pelos mais exigentes espectadores e críticos em três continentes, o *BFB* possui uma característica imbatível: o carisma da pulsação dos ritmos afro-brasileiros.

> Assistir ao *BFB* numa cidade como Nova Iorque dá a dimensão exata de onde chegou a companhia. Definitivamente, o grupo está com asas fortes e ganhando o mundo da dança internacional.

Ao contrário do que acontece com a maioria absoluta das atrações brasileiras que se apresentam nos EUA, na estréia em Nova Iorque, a platéia tinha uma maioria esmagadora de estrangeiros: indianos, orientais, negros, brancos e mestiços, alguns vestidos no rigor da comunidade africana. Uma platéia eclética, como convém à cosmopolita *Big Apple*.

Foi um silêncio de profunda admiração e êxtase quando, num pequeno *break*, o percussionista Ney Sacramento fez um solo com o baianíssimo berimbau. Aplaudido em cena aberta, o melhor estava por vir: a interpretação solene e inovadora de *Asa Branca*, do velho Gonzagão, por um berimbau. Um momento à parte para os brasileiros. A vez dos nova-iorquinos chegou quando as cantoras Dora Santana e Miralva Couto interpretaram *New York, New York*. Comoção geral da platéia, assobios, urros, um *frisson*. O teatro, todo de pé, dançava e se preparava para ganhar os rumos da 7ª Avenida, mas o tempo parecia incerto.

O diretor do *World Music Institute* (instituição que comprou o *BFB* para *NI* e Boston, pela segunda vez), Robert Browning, disse que, definitivamente, o *Balé Folclórico* é o melhor produto brasileiro para ser vendido em todo o mundo. O produtor do *BFB* para os EUA e Canadá, Gary Lindsey, é um entusiasta em relação à companhia. Ele diz que, nos últimos dois anos, o grupo vem se tornando conhecido e respeitado em vários países, principalmente, nos EUA, Canadá e Europa, e que isto faz com que o grupo se transforme numa referência. "Acredito que, dentro de três anos, o *BFB* estará no topo, exatamente como os balés folclóricos russos estiveram", diz ele. Ele vê um futuro cada vez melhor para companhia, "um futuro maravilhoso", pois não tenho a menor dúvida sobre o profissionalismo deles. "Profissionalismo é a primeira palavra para este grupo", diz Lindsey. Mas o que faz o público estrangeiro ser tão entusiasta em relação ao grupo? Na opinião do empresário, quando o balé dança, ele provoca um sentimento de excitação e envolvimento e as pessoas se sentem como se estivessem numa festa. "A música é muito importante e faz as pessoas se transformarem, como numa celebração."

A turnê

Cidades/Países visitados (janeiro a abril)	Beach e Vero Beach, Washington Macon e Atlanta, Durham, Boson, Monmouth, Nova Iorque, Memphis, New Orleans, Filadélfia, Charlston).	dos (maio e junho)
Austrália (Sidney e Adelaide)	*Canadá* (Victoria, Ontario, Toronto e Barrie)	*Estados Unidos* (Phoenix, Tucson, Cleveland, Dayton, Davis e Berkeley, Portland, Corvallis, Boston, Storres, Geneva, Palm Beach, Durham e Newark).
Estados Unidos (Chicago, Long Beach, Claremont, Arcata, San Rafael e São Francisco, Tacoma, Port Angels e Seattle, Cleveland e Columbus, Miami	Cidades/Países a serem visita-	*Canadá* (Toronto e Montreal)
		Caribe (Aruba)

BOOK 20 ANOS BFB.indd 428
29/04/10 02:50

TRIBUNA DA BAHIA

OUTUBRO 1997

Balé Folclórico percorre o País

A partir da difusão do trabalho artístico do Balé Folclórico da Bahia, o projeto BRASIL AFRO DANCE, que acaba de ser aprovado pelo Governo Federal, atuará em duas esferas distintas: Nacional, envolvendo nove grandes cidades do país (São Paulo, Campinas, Santos Curitiba, Rio de Janeiro, Niterói, Belo Horizonte, Juiz de Fora e Brasília) e estadual (Salvador, Feira de Santana, Itabuna, Vitória da Conquista, Juazeiro e São Francisco do Conde). Em ambos os planos, conservam-se os mesmos princípios e características básicas de funcionamento.

O projeto levará o Balé Folclórico da Bahia a essas cidades - e outras possíveis - para apresentações em praças públicas ou em grandes teatros. Estima-se um público superior a 200 mil pessoas no total dos shows programados.

No caso de apresentações em áreas internas, o acesso do público será feito mediante a troca do bilhete de entrada por um kilo de produto alimentício não perecível, a ser doado a uma instituição filantrópica ligada ao menor carente. O recolhimento e a administração desses produtos caberá à instituição beneficiada.

O projeto Brasil Afrodance é uma iniciativa que extrapola o âmbito exclusivo da esfera cultural para estender-se às dimensões da vida social. Fará parte do calendário anual dos grandes eventos em nível nacional e está respaldado pela Lei Federal n* 8.313 de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet) e inscrito na lei estadual (Fazcultura).



Pé na Estrada na Bahia

Salvador, Feira de Santana, Itabuna, Vitória da Conquista, Juazeiro, São Francisco do Conde estão no roteiro do projeto BRASIL AFRO DANCE que, em sua edição em âmbito estadual, desenvolverá um trabalho junto às escolas a rede pública e privada, no sentido de incluir o evento no conteúdo programático das disciplinas Educação Artística, História, Sociologia, Filosofia e afins, como atividade complementar de subsídios práticos.

"O nosso propósito é fazer com que o projeto se realize na plenitude de todo o seu potencial, enfatizando não só o seu evidente aspecto cultural, como também a sua abrangência social e educacional. Envolveremos a comunidade estudantil (níveis superior, médio e primário) a fim de que os jovens, a partir do contato com elementos da tradição popular, ampliem os seus conhecimentos sobre a etnia e a cultura baianas", disse uma das produtoras, Anna Oliveira

"O projeto tem como objetivos estimular o gosto pela dança e proporcionar ao público experiência de cultura e entretenimento de boa qualidade", comentou Gardênia Maia, a outra produtora do evento.

Outras cidades do interior da Bahia poderão ser incluídas no roteiro do projeto BRASIL AFRO DANCE desde que alguma empresa (privada ou estatal) ou a Prefeitura do Município manifeste interesse em promover esse significativo evento para a sua comunidade. Contatos poderão ser feitos , com as produtoras, pelos telefones (071) 375-1252 ou (075) 223-2755.

- O projeto Brasil Afro Dance é uma contribuição concreta para o desenvolvimento da tradição da Dança no país - comentou Anna Oliveira. - criará condições para a formação de platéia específica para essa modalidade artística.

Grupo tem linguagem de dança própria da Bahia

O Brasil é uma nação multifacetada social e culturalmente. Embora respire ritmo e movimento no seu cotidiano, não possui tradição no grand mond da dança. O Balé é uma afirmação das potencialidades e vocação brasileira para essa modalidade artística. Recria tradições culturais, demonstrando que o folclore regional é fortemente marcado pelas raízes africanas.

O Balé possui uma linguagem própria que, sem dúvida, representa fielmente o melting pot cultural brasileiro. Quando sobe ao palco provoca um mix de magia e cores, emoção e beleza, cadenciado por sons de atabaques, resgatando, desde o primeiro momento, toda a essência das nossas origens. Em suas coreografias o grupo se esquiva da ingenuidade linear das danças folclóricas tradicionais e aposta na mistura entre o afro-brasileiro, o balé clássico e o moderno.

O grupo procura mostrar desde as velhas tradições do Candomblé (misturando exemplarmente o sagrado com o profano), ao cortejo carnavalesco popular e espontâneo, passando pela exibição inevitável da capoeira. Excede-se na execução dos mais belos e enfeitiçadores ritmos africanos protagonizados por 16 bailarinos e 7 músicos e cantores. Tem obtido rasgados elogios dos mais rigorosos críticos de dança mundial, dentre os quais Anna Kisselgoff, do The New York Times.

Desde o seu surgimento, o BFB tem trabalhado com dançarinos iniciantes, dando-lhes formação com o objetivo de descobrir uma linguagem que possa ser , finalmente, considerada dança afro-brasileira e não simplesmente capoeira ou histórias tribais narradas com vocabulário linear.

Em sua conceituada atuação, tem mostrado ao mundo uma parte importantíssima da riqueza cultural do Brasil: a dança popular. Tem agenda lotada até 1999, com turnês programadas nos Estados Unidos, Europa e Austrália. Entre janeiro e março de 96, o grupo excursionou pela Europa e foi, pela primeira vez, aos EUA, onde foi ovacionado nos principais palcos de 17 cidades.

Enfim, os estrangeiros estão, finalmente, descobrindo, na dança, a força criativa da propalada brasilIdade.

O projeto BRASIL AFRO DANCE destina-se a criar as condições para que também o Brasil realize essa descoberta, possibilitando que o espetáculo "Bahia de Todas as Cores" seja visto por grande número de espectadores em algumas das maiores cidades do país.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 429 29/04/10 02:50





O Balé Folclórico da Bahia completa dez anos: elogios no "New York Times" concorrida agenda internacional e nova coreografia no TCA

Dança das raízes

Joceval Santana

Pouca gente sabe, mas o Balé Folclórico da Bahia tem prestígio internacional semelhante ao do grupo mineiro Corpo, o melhor da dança no Brasil. O corpo de baile baiano foi considerado pelo jornal *New York Times* como a mais autêntica companhia de dança negra da atualidade, o que carimbou o passaporte do balé para uma verdadeira maratona de apresentações no exterior. Neste domingo, o Balé Folclórico parte para mais uma turnê internacional, pelo terceiro ano consecutivo. O itinerário inclui 40 cidades da Europa, EUA e Canadá.

Nas últimas duas viagens, a companhia ficou cerca de nove meses fora do país. Este ano, contudo, os bailarinos vão ter de regressar. O motivo é que no dia 7 de agosto a companhia irá se apresentar no Teatro Castro Alves, comemorando dez anos de existência. Na data, o corpo de baile dança *Corte de Oxalá*, do diretor e coreógrafo Walson "Vavá" Botelho. A peça, inédita no Brasil, já foi vista pelo público nova-iorquino e da Bienal da Dança de Lyon (França), em 96 - mais uma prova do prestígio internacional da companhia. De 94 para cá, quase 700 mil pessoas assistiram ao balé no exterior.

O grande mérito da companhia está no vigor de suas coreografias e na execução orgânica dos movimentos, conduzidos por profissionais comprometidos religiosamente com a cultura negra. Não se trata do apelo fácil de deslocar as expressões folclóricas para o palco, nem de uma estilização exacerbada das manifestações, o que acabaria por esvaziá-las.

O diretor Vavá define o trabalho da companhia como um "ajuste de fórmulas", com base nas demonstrações do nosso folclore. "Essa pesquisa dá uma roupagem nova ao bailarino, para que ele possa realizar os movimentos de uma forma mais técnica, mais perfeita, sem modificarmos a manifestação em si". Daí a reconhecida autenticidade das peças, uma resposta àqueles que, a princípio, apostaram que o balé faria "macumba para turista" ou barganharam um elenco de dançarinos "mais claros".

Foi em 94, na afamada Bienal de Lyon, que o grupo alcançou reconhecimento da crítica internacional, o que detonou uma série de convites para apresentação, concretizados dois anos depois. "Fora do Brasil, as negociações acontecem com antecedência", constata o diretor. Em 96, o corpo de baile voltou à bienal, como uma das principais atrações do evento que, nesse ano, teve como tema o Brasil. "Ter voltado a Lyon é um fato inédito na história do evento", orgulha-se Vavá.

Outro orgulho do diretor é ter conseguido se manter, nesses anos, com recursos próprios. É claro, houve - e há - percalços. A companhia já fechou quatro vezes. Sem patrocínio ou apoio institucional, já recorreu a investimentos particulares e a trabalho voluntário dos participantes. Ainda hoje, segundo Vavá, cerca de dois meses depois que retorna das turnês internacionais, o balé enfrenta problemas financeiros. "Aí temos de buscar outros recursos", pondera.

Uma das saídas vem das apresentações permanentes no Teatro Miguel Santana (Pelourinho), feitas há dois anos e meio pelo corpo de baile que permanece no Brasil. Ao todo, são 70 profissionais, entre bailarinos, músicos e técnicos. Cerca de 30 embarcam nessa turnê.

Além de *Corte de Oxalá*, a companhia deve apresentar, no dia do aniversário, uma outra coreografia inédita, ainda sem nome, da dançarina e professora do grupo Nildinha Fonseca. "Quero resgatar o primitivo, a influência dos orixás na nossa dança. Falar da espontaneidade dos gestos, mas, antes de tudo, da força", define a estreante coreógrafa. Para comemorar os dez anos, O balé planeja também uma série de oficinas de dança, percussão e capoeira em bairros populares de Salvador.

➲ *LEIA MAIS SOBRE O BALÉ FOLCLÓRICO NA PÁGINA 2.*

A TARDE
JANEIRO 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 430 29/04/10 02:50

Companhia quer conquistar público brasileiro

O Balé Folclórico ainda busca patrocínio, mas confia nos bons ventos para a dança no país

"No Brasil, o momento é mais propício para a dança", avalia o diretor Vavá Botelho, que depois de ter caído nas graças do público internacional pretende popularizar o Balé Folclórico da Bahia em seu país de origem. "Depois da Bienal da Dança de Lyon, em 96, os empresários passaram a ver a dança com outros olhos. Além disso, os grupos perceberam que tinham valor no mundo e que era importante lutar por um reconhecimento no Brasil". É verdade que a dança brasileira parece ter tomado novo fôlego e que o evento francês insuflou ar nos pulmões do segmento. Mas os ensaios para uma atitude mais intensa já vinham sendo feitos há cerca de três anos.

A dança brasileira já não dava pulsantes sinais de vida desde fins dos anos 70, mas a asfixia aconteceu mesmo com o famigerado Plano Collor (pé-de-pato, mangalô, três vezes). "Metade dos grupos de dança saiu de cena. Só resistiu quem já tinha respaldo, como o Stagium e o Cisne Negro, ou as companhias institucionais", lembra Vavá. Quem tentava a profissionalização, como o Balé Folclórico da Bahia, passou por maus bocados.

Só há algum tempo o segmento começou a acertar o passo novamente. No ano passado, o número de festivais e temporadas entusiasmou ainda mais os dançarinos e produtores. Mais do que a política de incentivos fiscais, que possibilitou algumas montagens, o entusiasmo vem da pluralidade de linguagens mostradas, inclusive fora do eixo Rio-São Paulo e do pólo Belo Horizonte. Os grupos Quasar (Goiânia), Lia Rodrigues (Rio de Janeiro) e Cena II (Florianópolis) são alguns exemplos.

"As companhias precisam de espaço e dinheiro", reclama Vavá. "O governo não deve ser o responsável pela manutenção financeira dos grupos, a não ser os institucionais. No Sul, os empresários já estão despertando para a importância de patrocinar a cultura, mas no Nordeste ainda não houve uma campanha para aumentar o investimento. Os empresários pensam de forma imediata, em lucros, poucos pensam que estão contribuindo para a formação de uma nação".

Na verdade, poucas instituições de peso investem na dança, com exceções para casos como a Shell (patrocinador do Corpo), Caixa Econômica Federal e Banco Real, entre alguns outros. Pensando nisso, pela primeira vez, o Ministério da Cultura definiu, dentro da política cultural, medidas específicas para a dança. Ou seja, ela não está mais no caldeirão *artes cênicas*, em que o teatro, por ter um público maior, acabava roubando a cena, quer dizer, as verbas.

É nesse contexto que o Balé Folclórico da Bahia pretende ampliar sua atuação no Brasil. Na sua avaliação, o público reduzido e, conseqüentemente, as temporadas reduzidas são resultado da falta de tradição pela dança, divulgação dos espetáculos e investimentos no segmento. "O Brasil é um país que está nascendo agora para a dança, embora tenhamos muitas manifestações que envolvem esse tipo de expressão". Quanto à atuação da imprensa, ele acredita que o país é carente de uma crítica mais apurada, exatamente por causa da "novidade" que é a dança. "O parâmetro continua sendo o balé clássico, inclusive em regiões que não comportam o gênero, devido à identidade", observa.

Para conquistar o público brasileiro, Vavá garante que vai continuar fiel ao perfil do balé. "Nós procuramos mostrar uma visão maior do candomblé, as manifestações possíveis de serem mostradas. Existe um preconceito de que o candomblé é algo intocável, resultado de uma perseguição histórica. Mas não faz sentido manter essa repressão, manter a proibição como sagrado. O nosso trabalho é de pesquisa, divulgação e integração", define.

Com coreografias assinadas pelo próprio Vavá, por José Carlos Arandiba, o "Zebrinha", diretor artístico do grupo, por Augusto Omolu, dançarino do Balé TCA e pela coreógrafa Rosângela Silvestre, o Balé Folclórico da Bahia já tem na agenda compromissos internacionais confirmados até o ano 2000, e negociações para 2001.





O diretor Vavá Botelho lamenta a falta de incentivo do empresariado

Com pouco espaço no Brasil, o Balé Folclórico da Bahia já tem compromissos internacionais até o ano 2000

A TARDE

JANEIRO 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 431 29/04/10 02:51

TRIBUNA DA BAHIA
SALVADOR, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 1998
CADERNO DE VARIEDADES

UMA DANÇA PELO MUNDO

Única trupe profissional do setor no País, o Balé Folclórico da Bahia é o grupo brasileiro com agenda lotada até o ano 2.000. Aplaudido por exigentes platéias no mundo inteiro, o grupo parte no próximo dia 24 para mais uma turnê na Europa.

TRIBUNA DA BAHIA
JUNHO 1998

Desde a Bienal de Lyon de 1994 que o Balé Folclórico da Bahia passou a ser um produto brasileiro de exportação da Bahia. Ganhou várias páginas no New York Times, passa vários meses em turnês que vão da Europa, Austrália até a América do Norte e, com isso, passou a ganhar, também, prestígio na imprensa em âmbito nacional. O grupo, que completa 10 anos em agosto, transformou-se na única campanhia de dança brasileira com referencial de prestígio entre a crítica e o público dos Estados Unidos e, para poder assumir seus compromissos em diversas partes do mundo, mantém, de segunda a sábado, um segundo elenco com um espetáculo permanente no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho.

No próximo dia 24, o grupo parte mais uma vez para a Europa a fim de participar do Kuopio Festial (Finlândia), segundo maior festival de dança da Europa. Novamente, os 32 bailarinos afro-brasileiros vão jogar uma energia diferente no resto do mundo, e que tem sido o motivo do principal encantamento no público no exterior. Depois, eles seguem para Helsinki, depois Estocolmo (Suécia) e Kopenhague (Dinamarca), retornando ao Brasil em 15 de julho. De janeiro a abril, o grupo circulou pela Europa, Canadá e EUA. Em abril, o grupo inaugurou o New Jersey Performing Arts Center (EUA) em abril, o mais moderno do EUA ultimamente.



Em turnê
O Balé Folclórico da Bahia parte para mais uma excursão internacional no dia 24

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 432 29/04/10 02:51

Diferente do que se pode imaginar à primeira vista, o Balé Folclórico tem sido contratado para se exibir em teatros importantes, casas que reúnem entre 1000 e 3000 lugares, em média, e tem atraído as exigentes platéias estrangeiras. Na última temporada que fez, de janeiro a abril, a companhia circulou pela Austrália, EUA e Canadá e, de volta ao Brasil para uma pausa de três semanas, retornou aos EUA e Canadá para um roteiro de várias cidades nos meses de maio e junho. Essa é uma rotina que vai se repetir até o ano 2.000, quando, provavelmente, o grupo será uma das atrações dos Jogos Olímpicos de Sidney. É uma conquista para a dança brasileira de um modo geral, pois é a primeira vez na história que um grupo sai do Brasil para se apresentar nos mesmos palcos que o Alvin Ailey Dance Theater e Paul Taylor's Dance Company, dentre outros nomes importantes.

Enfim, os estrangeiros estão, finalmente, descobrindo, na dança, a força criativa da propalada brasilidade. Com um olhar na tradição européia e com a cabeça, pés e mãos enfiadas na cultura afro-brasileira, o Balé Folclórico da Bahia, quando sobe ao palco é uma prova definitiva de que o Brasil é o lugar das fusões. Em suas coreografias, o grupo se esquiva da ingenuidade linear das danças folclóricas tradicionais e aposta na mistura entre o afro-brasileiro, o balé clássico e o moderno. Com o Balé Folclórico, dançarino popular também utiliza a gramática do clássico e do moderno para construir um vocabulário a serviço da tradição afro-brasileira. Não é à toa que a respeitadíssima Anna Kisselgolf, do New York Times, que tem escrito repetidas vezes sobre a companhia, diz: "É uma confluência de tradições".

Grupo criou uma linguagem própria

Consequência da pouca importância que o mainstream da dança brasileira dá ao folclore, o Balé Folclorico da Bahia é o único grupo profissional do Brasil. Apesar disso, tem encontrado tempo para criar uma linguagem própria que, sem dúvida, representa fielmente, o melting pot cultural brasileiro. No palco, os espetáculos do BFB são um resumo muito particular das raízes culturais de uma parte do Brasil, uma vez que o grupo trabalha com as influências da cultura européia, do índio e, de modo predominante, da África. Desde seu surgimento em 1988, o BFB tem trabalhado com dançarinos primitivos, dando-lhes formação através de aulas de afro, moderno e clássico, com o objetivo de descobrir uma linguagem que possa ser, finalmente, considerada dança afro-brasileira e não simplesmente, capoeira ou histórias tribais narradas com um vocabulário linear.

"Tudo veio da parte religiosa", observa o diretor Walson Botelho ao falar sobre os princípios que norteiam o trabalho do seu grupo. Ele explica ainda que foi necessário muito intercâmbio e observação das trupes africanas para começar a descobrir a verdadeira dança africana e, depois realizar um trabalho com uma visão mais ampla. "Mas desde a criação que nós tentamos fugir do tradicionalismo do show folclórico, ao tempo em que nos preocupávamos em não estilizar demais", diz Botelho. A solução para esse impasse foi trabalhar com a base das danças populares. "Em lugar de dar uma roupagem nova ao folclore, a gente procurou dar uma roupagem nova aos dançarinos" diz Walson. Foi a partir daí que aquelas pessoas simples, oriundas de várias profissões, que gostavam de dançar, começaram a ter chance de se profissionalizar com a dança folclórica.

LUGARES POR ONDE O GRUPO JÁ PASSOU

AUSTRALIA
Sidney

EUA
Chicago, Nova Iorque, San Francisco, Newark, Claremont, Victoria, Tacoma, Cleveland, Miami, Washington, Macon, Durham, Boston, Montmouth, Port Angeles, Arcata e San Rafael

CANADÁ
Toronto

EUA
Memphis, Miami, Nova Orleans, Atlanta, Philadelphia, Chicago e Charleston

CANADÁ
Toronto



Tradição
O grupo explora a herança da cultura afro-brasileira



Começo
O Balé Folclórico no ano de seu surgimento, em 1988

TRIBUNA DA BAHIA JUNHO 1998

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 433 29/04/10 02:51

Balé Folclórico da Bahia dança hoje no TCA

Grupo que já conquistou credibilidade internacional, obtendo críticas altamente elogiosas de publicações como o jornal The New York Times, chega aos 10 anos tentando conquistar o Brasil

MARCOS PIERRY
DE SALVADOR

O Balé Folclórico da Bahia está completando dez anos. E para celebrar a data, a companhia mostra o que tem de melhor: sua dança. O grupo apresenta o espetáculo *A Corte de Oxalá*, hoje e amanhã, a partir das 21h no Teatro Castro Alves com a participação do Coral Keiler Rêgo. A apresentação desta quinta-feira é exclusiva para convidados.

É a primeira vez que a coreografia que dá nome ao espetáculo será vista pelo público brasileiro, mas europeus e norte-americanos podem ser considerados fãs de carteirinha *d'A Corte de Oxalá* e outras performances do grupo baiano fundado em 1988 pelo coreógrafo e antropólogo Walson Botelho.

Habituado a fazer turnês por outros países desde sua primeira apresentação em Berlim (Alemanha), há seis anos, o Balé Folclórico da Bahia decolou para uma sólida carreira internacional a partir de 1994, quando participou da Bienal de Dança de Lyon (França) e encantou a crítica Anna Kisselgoff, do jornal The New York Times.

Kisselgoff, uma renomada especialista cujo nome é verbete de dicionários de dança, não economizou adjetivos para elogiar os integrantes do grupo, segundo ela, artistas "infatigáveis e virtuosos", capazes de preservar a herança afro-brasileira e, ao mesmo tempo, reelaborá-la com elementos de estilos clássicos e contemporâneos.



"Se alguém ainda pensa que os tons bronzeados da garota de Ipanema representam tudo de Brasil, deveria mudar de idéia e de conceito após a estréia do BFB em Nova Iorque", escreveu Anna Kisselgoff.

Com toda a admiração e respeito a Tom Jobim e Vinícius de Moraes, autores da célebre canção, qualquer brasileiro que já tenha presenciado um show do Balé Folclórico, único grupo profissional do gênero em atividade no país, consideraria as palavras de Kisselgoff uma obviedade.

Apesar de uma década de aperfeiçoamento contar muito, o mínimo senso estético faria a imprensa local apontar a companhia como uma das excelências artísticas do estado desde a sua estréia. A elegância do gesto, a perfeita movimentação coletiva, o peso genuíno das manifestações afro-brasileiras e a releitura de tais tradições com as lentes forjadas pela dança de nosso tempo, sem que isso significasse perda ou deturpação, já estavam lá, protagonizadas por bons dançarinos, músicos e cantores.

Infelizmente, teve que ser dito primeiro por bocas estrangeiras, mas ainda bem que o foi. O samba de roda, a capoeira, a puxada de rede e as demais coreografias do Balé Folclórico da Bahia (vejo o programa no box) representam, pelo seu poder de síntese, uma aula de [illegible] brasileira. E, nesse caso, todos deveriam fazer a lição.

No entanto, o contexto desfavorável para a manutenção da companhia em território nacional, devido à inviabilidade financeira, aliado à boa receptividade no exterior, acabaram atribuindo ao público internacional o título de melhor aluno, uma situação que deixa o diretor do BFB "constrangido".

Em dez anos, o Balé Folclórico da Bahia se apresentou em 20 cidades brasileiras, incluindo Salvador. Já as turnês do grupo no exterior somam 107 cidades, calculando-se apenas as apresentações feitas a partir de 1994. Para os próximos meses, a agenda do BFB, que já registra compromissos até para o ano de 2001, confirma a desproporção.

Outubro e novembro serão dedicados à turnê nacional, com shows no Rio de janeiro, São Paulo e Curitiba. O passeio internacional em 1999 começa pela América do Sul (Argentina, Chile e Uruguai), a ser coberta de janeiro a março, segue para a Europa em abril (Espanha, Alemanha, Áustria, Portugal, Inglaterra, Suíça, Holanda, Suécia e Noruega) e chega a Ásia em junho (Singapura, Taiwan e Japão).

O Balé Folclórico da Bahia se apresenta em Lyon em dezembro, integrando as comemorações de 20 anos do Maison de la Danse. O grupo também já foi convidado para a abertura dos Jogos Olímpicos do ano 2000, em Sydney, onde atraiu cinco mil pessoas por dia durante temporada de duas semanas no Teatro da Ópera.

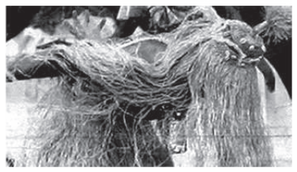
"Deveria ser um direito universal, não é justo que nós, a raiz do que está sendo mostrado lá fora, não tenhamos condição de ver a nossa própria cultura", afirma Botelho. O pagamento de cachê nos outros países, além de permitir que o BFB consiga se manter, possibilita apresentações gratuitas em praças, escolas públicas e asilos. "A integração social também é importante para a gente, gostaríamos muito que acontecesse também na Bahia, mas aqui não podemos fazer nem um trabalho de formação de platéia".

Participam das apresentações de hoje e amanhã no TCA os 40 integrantes - 22 homens e 18 mulheres - que formam o corpo internacional da companhia. A parte musical fica sob os cuidados de quatro cantoras e cinco músicos, que tocam berimbau, atabaque, congá e outros instrumentos africanos menos conhecidos, como o *djimbê*, o *xekerê* e o *djun-djun*.

Três professores fixos ensaiam com o elenco regularmente: José Carlos Arandiba ("Zebrinha"), responsável pelas noções de balé clássico, que após a morte de Ninho Reis passou a dividir a direção do grupo com Botelho; Nildinha Fonseca, professora de dança afro contemporânea, e José Ricardo Souza, que ensina dança afro-religiosa.

As coreografias são desenvolvidas pelos diretores e por Rosângela Silvestre. Walson Botelho, que concentrou seus estudos em antropologia na cultura africana, é o criador dos figurinos. Ele resolveu criar o BFB cinco anos após a dissolução do grupo Viva Bahia, em 1983, do qual participou durante seis anos como dançarino, músico e coreógrafo.

"Até então, eu nunca quis assumir uma companhia, embora as pessoas sempre me incentivassem", conta Botelho, também conhecido como Vavá. Depois do Viva Bahia, do grupo João de Barro e de outro que se apresentava no Solar do Unhão, eu tinha a necessidade de desenvolver um trabalho folclórico profissional que não fosse só para entreter turista".



SEGUNDO CORPO



O Balé Folclórico da Bahia mantém um segundo corpo que se apresenta diariamente há três anos no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, no mesmo bairro onde a Secretaria de Cultura do Estado está reformando um casarão para doá-lo ao grupo. Graças ao cachê pago pela Secretaria, os dançarinos podem se apresentar gratuitamente. De qualquer maneira, o valor cobre somente a remuneração dos artistas e não os custos necessários para a plena existência do Balé Folclórico enquanto companhia profissional, o que exigiria recursos mensais de R$ 80 mil, no mínimo.

Além das duas apresentações na cidade, o BFB promove uma mesa- redonda amanhã, a partir das 14h na Sala do Coro do TCA para discutir a importância da dança étnica. O evento contará com a presença da coreógrafa e escritora Lia Robatto, Alfredo Moreira (Departamento de Dança da Funarte), Neusa Saad (Escola de Dança da UFBA), Ana Francisca Ponzio (Revista Bravo e Folha de S. Paulo), Helena Katz (Estado de São Paulo e PUC-SP) e Marcos Bragato (Jornal da Tarde).■

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 434 29/04/10 02:51

DANÇA/INTERCÂMBIO

Nascido para brilhar

A TARDE
JULHO 1999

Jander dos Santos, 15 anos, foi escolhido para iniciar o intercâmbio entre a *Alvin Ailey Dance Company* (EUA) e o *Balé Folclórico da Bahia.*

Gideon Rosa
COLABORADOR



Aos treze anos, Jander dos Santos estava vendo tevê quando viu o *Balé Folclórico da Bahia* dançando. Ficou enlouquecido pelo espetáculo e começou a procurar um modo de dançar com o grupo. Seus amigos do bairro do Tororó, onde nasceu, disseram que era preciso, primordialmente, aprender capoeira. Ele então convenceu sua avó a colocá-lo num curso. E foi assim que, na primeira audição para formação de elenco, um ano depois, lá estava Jander. O garoto, aos 14, ainda não estava pronto para integrar o grupo, mas possuía uma flexibilidade e uma aptidão tão espantosas que, imediatamente, foi incluído nas aulas regulares que o BFB mantém para quase 200 crianças. Pouco tempo depois, Jander dos Santos já estava dançando para o segundo elenco, demonstrando um talento inato, muito embora ainda sem dominar a técnica.

"Ele ainda está verde", diz o diretor do BFB, Walson Botelho. Em outubro do ano passado, Judith Jamison, atual diretora da *Alvin Ailey Dance Company,* esteve em Salvador e viu o garoto dançando numa aula. Era o que faltava para colocar em prática a acalentada idéia de fazer um intercâmbio entre o *Balé Folclórico da Bahia* e a *Alvin Ailey,* que consiste em trazer professores e dançarinos americanos para ministrarem aulas ao *BFB* em Salvador e levar dançarinos baianos para estágios na *Alvin Ailey.*

Impressionada com a flexibilidade de Jander dos Santos, Jamison o escolheu para ser o primeiro. No último dia 25 de junho, ele fez sua primeira viagem de avião, tendo como destino o sonho da maioria das pessoas do planeta: Nova Iorque, onde fica a sede da *Alvin Ailey Dance Company*. "Essa viagem será decisiva, porque ele vai compreender o que significa a dança em escala mundial. Ele é uma criança ainda e o futuro depende de como ele vai enfrentar um mundo em que a disciplina é fundamental", diz Walson Botelho, feliz com o intercâmbio que em setembro terá a própria Judith Jamison ministrando aulas durante 15 dias para o *BFB.*

Jander confessa que está surpreso com tudo isso, que nem faz idéia do que o espera em Nova Iorque, para onde deverá retornar para um período mais longo no final do ano. "Eu acho que vou ter que malhar muito", diz. Estudante da sexta série, Jander conta com o apoio da família e dos amigos, o que revela uma mudança surpreendente da sociedade que, até pouco tempo, rejeitava a figura masculina no meio da dança.

Na escola para adolescentes entre 07 e 15 anos mantida pelo *Balé Folclórico*, na rua Gregório de Mattos, no Pelourinho, dentre os cerca de 200 alunos, quase a metade é do sexo masculino. "O que me alegra é que essas crianças são levadas pelos próprios pais", diz Botelho, que criou a escola para poder dispor de um elenco mais preparado quando tiver que completar os quadros da sua companhia.



Jander: flexibilidade chamou a atenção da companhia de dança norte-americana

> Na escola para adolescentes mantida pelo *Balé Folclórico,* quase a metade dos alunos é do sexo masculino.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 435 29/04/10 02:51

CARAS

Abril 50 anos

EDIÇÃO 336 · ANO 7 · N 15 · R$ 4,50 · 14/4/2000 · www.caras.com.br



Pavarotti com o grupo de capoeira do Balet Folclórico da Bahia

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

REVISTA CARAS

ABRIL 2000

BOOK 20 ANOS BFB.indd 436 29/04/10 02:51

A TARDE
JUNHO 2000

Dança



Balé Folclórico da Bahia: ingressos esgotados para apresentação na França

BFB vai à Europa

O *Balé Folclórico da Bahia* viaja, dia 10 próximo, a Lyon, para fazer a apresentação inaugural da comemoração dos 20 anos da Maison de la Danse, de 13 a 20. Os ingressos esgotaram-se rapidamente e, dos quatro dias previstos inicialmente, o grupo fará uma seqüência de oito espetáculos, cujos ingressos já estão esgotados. "Essa temporada é o reflexo do exato valor que o *Balé Folclórico* tem pro mundo, porque neste teatro circulam as melhores companhias de dança do planeta", diz o diretor do *BFB*, Walson Botelho.

DANÇA

Rompendo a fronteira entre as tribos

Festival de Joinville, que começa dia 19 de julho, fecha agenda e apresenta grade variada de espetáculos e cursos

Joceval Santana

Antenado para a pluralidade de linguagens que caracteriza a cena contemporânea, o Festival de Dança de Joinville (SC) estende a oferta de cursos e investe no ecletismo. O mais prestigiado evento do gênero no país começa no dia 19 de julho, com uma grade que inclui aulas de dança afro, percussão, capoeira, composição coreográfica e *workshop* para figurinistas. A programação de atrações vai contar com o grupo de Deborah Colker, Balé Folclórico da Bahia, Real da Dinamarca e a companhia portuguesa Gulbenkian, entre outras.

Durante 11 dias, serão realizados 61 cursos. O coordenador executivo do evento, Ely Diniz da Silva Filho, não considera a programação apertada ("aumentamos o número de salas") e diz que tal solicitação partiu dos próprios bailarinos. "A escolha pelos cursos de afro, percussão e capoeira ocorreu - também - em função da presença do Balé Folclórico da Bahia em Joinville", comentou Ely, via *e-mail*. Cada curso dura três ou quatro dias, no valor de R$60 (com redução de preço para quem se matricular em mais de uma modalidade).

Entre os 41 professores brasileiros e estrangeiros, nomes como os coreógrafos Luis Arrieta e o mestre da dança de salão Carlinhos de Jesus. A participação baiana fica por conta de Nildinha Fonsêca, do Balé Folclórico da Bahia, que vai ministrar o curso de dança afro, e Carlos Moraes, gaúcho radicado em Salvador e um dos fundadores do Balé Teatro Castro Alves, que vai dar aulas de balé clássico. Dança de rua, jazz, flamenco e sapateado fazem parte da variada grade, que conta ainda com uma oficina de acrobacia dada pela Intrépida Trupe.

"Nossa intenção é incentivar o conhecimento geral da dança e, com isso, quebrar as fronteiras entre as tribos", afirma Ely. "A programação de atrações tentou ser tão eclética quanto a grade de cursos". A companhia portuguesa Fundação Gulbenkian abre a noite do evento (o grupo, aliás, se apresenta em Salvador, também em julho). O programa de espetáculos do festival prossegue com o Balé Folclórico da Bahia, do Teatro Guaíra, o Real da Dinamarca e a Companhia de Dança Contemporânea da Academia de Moscou.



O Balé Folclórico da Bahia (acima)e a Companhia de Dança Deborah Colker estão no Festival de Dança de Joinville, o mais importante do gênero no país

CORREIO DA BAHIA
JUNHO 2000

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 437 29/04/10 02:51

CORREIO folha domingo da bahia
Salvador, 11 de junho de 2000



Do jeito que o mundo gosta





Joceval Santana

O Balé Folclórico da Bahia refez a agenda de apresentações e ensaios de seu novo espetáculo, mas o que não podia era recusar o convite. O corpo de baile acaba de partir para Lyon, na França, para reabrir a Maison de la Danse, uma das mais importantes casas para espetáculos de dança na Europa. As apresentações do balé, que foram estendidas por causa dos ingressos esgotados antecipadamente, acontecem de terça-feira ao dia 20 e marcam o fim das reformas da Maison, projeto que faz parte das comemorações dos 20 anos de atividades do espaço.

O convite reforça a projeção internacional que o grupo baiano, prestes a completar 12 anos, alcançou, desde que participou da prestigiada Bienal de Lyon, em 1994, atendendo ao chamado do curador Guy Darmet, que repetiu o convite em 96, numa reprise inédita em toda a história do evento. Guy, que também é o administrador da Maison, não deve ter tido muitas dúvidas na escolha da atração que reabria a casa.

"Ele queria um espetáculo alegre, que envolvesse o público", disse Walson Botelho, diretor artístico do Balé Folclórico. Por isso, a escolha do espetáculo caiu sobre *Bahia de todas as cores*, composto de coreografias vibrantes e irresistíveis. "A última parte do espetáculo, *Samba-reggae*, envolve o público num grande Carnaval, é enlouquecedor. Nós queremos sair para a rua, levar as pessoas para a praça que tem em frente ao teatro", planeja Walson.

Depois da França, o Balé Folclórico volta para uma turnê nacional, que inclui as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Joinville (dentro do Festival de Dança) e, provavelmente, Porto Alegre. Daí, segue novamente para o exterior: Itália, Alemanha (Feira Internacional de Hannover) e Inglaterra, em setembro. No mesmo mês, está prevista a estréia do novo espetáculo, *Rapsódia nordestina*, nos Estados Unidos.

Lançar um novo espetáculo fora do Brasil é também sintomático nessa ponte internacional da companhia, que, há cinco anos consecutivos, realiza turnês pelo exterior. Mas por que especificamente nos EUA? Uma das respostas, certamente, é a afinidade que o Balé Folclórico vem travando com aquele país, mostrando espetáculos de seu repertório em 109 municípios americanos. "Já nos apresentamos em cidade que nem McDonald's tem", graceja Walson. Além disso, a partir deste ano, o Balé Folclórico está sendo agenciado pela Columbia Artists, ramificação da Columbia Pictures (de cinema).

O contrato pode expandir a atuação da companhia, já que a Columbia atua em vários segmentos. De imediato, o contrato já reflete na atuação do balé, que, há quatro anos, vem mostrando um repertório ligado predominantemente às raízes africanas. A próxima montagem vai investir mais nos elementos da cultura nordestina.

"A gente está ampliando um pouco nosso universo de trabalho", dimensiona o diretor artístico. "Vamos mostrar também outras influências que se ramificaram aqui na Bahia, do bumba-meu-boi ao maracatu do Recôncavo". A intenção do Balé Folclórico, que já foi considerada pelo *The New York Times* a mais autêntica companhia de dança negra da atualidade (é sempre bom lembrar), não é retratar as danças originais, e sim o cruzamento de culturas.

Ainda não tem data confirmada a apresentação de *Rapsódia nordestina* na Bahia. Na verdade, dentro do território nacional, o Balé Folclórico parece encontrar mais dificuldades para se movimentar. Falta de patrocínio oficial e de uma política cultural que priorize a circulação de espetáculos são duas das razões que fazem essa companhia circular mais pelo exterior do que pelo seu próprio país. Algumas pautas em teatros, confessa Walson Botelho, chegam a ser fechadas com influência de amigos. "Nosso produto é muito vendável. Se tivesse metade da verba de alguns grupos no Brasil teria quatro vezes mais visibilidade", aposta o diretor artístico do Balé Folclórico.

CORREIO DA BAHIA

JUNHO 2000



Elogiado em vários países, mas com dificuldades para circular pelo Brasil, o Balé Folclórico da Bahia reinaugura, terça-feira, a Maison de la Danse, na França

Walson Botelho, diretor artístico da companhia: 'Se tivesse metade da verba de alguns grupos no Brasil, teria quatro vezes mais visibilidade'

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

Voz das Misericórdias
Órgão Dinamizador de Solidariedade Social
Director e Fundador: Dr. Manuel Ferreira da Silva • Publicação Mensal • Preço: 150$00 • Porte Pago • Ano 16 • Julho 2000 • N.º 181

Congresso Extraordinário e Mundial das Misericórdias chegou ao fim

Misericórdias de todo o mundo unidas contra a escravatura e a pena de morte

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

JULHO 2000

BAHIA

O Congresso foi festa no sumptuoso teatro Castro Alves, onde os congressistas foram soberbamente brindados com um dos mais sugestivos e inigualáveis espectáculos de música e arte folclórica, na exibição do "Balé Folclórico da Baía" única companhia de dança folclórica profissional do Brasil.

Aí todos puderam conhecer, ouvir, ver e aplaudir a maravilhosa combinação do folclore africano que tão engenhosamente se viria a casar com a mitologia índia para resultar numa virtuosa partitura de música, dança e coro, numa panóplia do mais engenhoso efeito, onde Oloruns e Oxalás, Maculelés e Sambas de roda, Capoeiras e Afixirés, ao ritmo de tambores, as vozes, tintinares de um engenhoso Berimbau, arrebataram a assistência.

Foi o delírio da festa.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 439 29/04/10 02:51

CORREIO DA BAHIA

AGOSTO 2000

Salvador, quarta-feira, 30 de agosto de 2000

DANÇA

A vibração da cultura popular

Joceval Santana

Fotos de Fábio di Castro



O Balé Folclórico da Bahia, cujo repertório está predominantemente ligado às raízes africanas, dá mais visibilidade ao nosso cruzamento de etnias no novo espetáculo, *Rapsódia nordestina*, com estréia marcada para o mês de setembro, em Atlanta, EUA - e com previsão de ser apresentado na Bahia somente no próximo ano. Sábado, o diretor da companhia, Walson Botelho, reuniu profissionais de dança e da imprensa para uma prévia da nova montagem.

A julgar pelo que foi apresentado, o Balé Folclórico amplia seu universo de trabalho, mas continua firme em recolher da cultura popular o que há de mais alegre e vibrante. A responsável pela agregação de elementos da cultura nordestina é a coreógrafa Amélia Conrado, nascida em Roraima, criada em Pernambuco e residindo há oito anos na Bahia. Amélia elaborou três coreografias para *Rapsódia nordestina*, *Xaxado*, *Maracatu* e *Boi-bumbá*, sem perder de vista implicações sociais que permeiam as manifestações culturais.

Xaxado, por exemplo, imbui-se de religiosidade popular e da resistência política do cangaço. Em *Maracatu*, o vistoso figurino agregou peças como palha e búzios, numa referência à cultura negra. "Os trajes do maracatu tentavam imitar a corte portuguesa. Aqui, nós estamos fazendo uma coroação de reis negros", comentou a coreógrafa, homenageando o elenco da companhia. Já com *Boi-bumbá*, Amélia diz não perder de vista o boi como uma espécie de alegoria "espalhada pelo mundo inteiro".

Talvez por isso, o bumba-meu-boi foi escolhido para *abrir Rapsódia nordestina*. O Balé Folclórico da Bahia consolida cada vez mais sua projeção internacional. Além das costumeiras turnês e apre-



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 440 29/04/10 02:51

Balé Folclórico da Bahia

Rapsódia afro-baiana

A TARDE
SETEMBRO 2000

O *Balé Folclórico da Bahia* faz uma série de apresentações em Hannover (Alemanha), estreando o espetáculo *Rapsódia Nordestina*. Sobre o novo trabalho, fala Walson Botelho, diretor do grupo.



Balé Folclórico: novas coreografias

Foto: Marisa Viana/Divulgação

GIDEON ROSA

Depois de correr quatro continentes com trabalhos de temática exclusivamente baiana, o diretor do *Balé Folclórico da Bahia*, Walson Botelho, resolveu acrescer ao repertório coreografias com outras temáticas do folclore nacional. Foi assim que ele se juntou com a coreógrafa pernambucana Amélia Conrado para produzir o espetáculo *Rapsódia Nordestina*. É um resultado apoteótico, que reúne xaxado, boi-bumbá e maracatu, mas que não tem previsão de ser apresentado na Bahia. Cada vez mais grandioso e exuberante na cor e confecção dos figurinos, o *BFB* contou com o apoio do Centro Técnico do Teatro Castro Alves, cujo resultado coloca a Bahia como um centro de excelência na confecção de figurinos, adereços e cenários. Antes de viajar para Hannover (Alemanha), onde o grupo se apresenta a partir de hoje, Walson Botelho concedeu entrevista exclusiva ao *Caderno 2* sobre a nova fase do *BFB*.

P - Por que você resolveu ampliar o universo temático do BFB?

R - Até então trabalhávamos com a cultura popular baiana de influência predominantemente afro-brasileira. No entanto, como em todo o País, a Bahia também sofreu uma influência marcante das outras culturas: a européia e a indígena. Esse lado do folclore baiano é colocado, sempre, em segundo plano em função da força que a cultura africana possui e do seu poder de dominar onde quer que se encontre. É um fenômeno mundial. As novas coreografias que iremos apresentar nas próximas turnês darão ao público, principalmente estrangeiro,

P - O que representa participar da Expo 2000*?*

R - É um evento de porte mundial, que tem janelas abertas para todos os meios de divulgação e todas as atenções estão voltadas para ele por quase um ano. Ou seja, não se trata de algo efêmero, que, quando você toma conhecimento, ele já acabou. São mais de seis meses de possibilidades de acontecerem milhares de coisas diferentes num único espaço. Em nosso caso, estaremos realizando a festa do Dia Nacional *(que acontece hoje)* com dois espetáculos no mesmo dia: o primeiro, às 10 da manhã, com a presença de todas as autoridades brasileiras e convidados de honra; e o segundo, às 20 horas, para o grande público, no teatro da *Expo*, com capacidade para 25 mil pessoas. Segundo Elizabeth Balsa, adida cultural da Embaixada do Brasil na Alemanha, todos os ingressos já estão esgotados.

P - Vocês ainda continuam sem patrocínio?

R - Sim, tivemos algumas possibilidades, este ano, de conseguirmos um grande patrocinador, mas a presidência da empresa mudou e estamos começando tudo da estaca zero. Mas acredito que, agora, esteja mais perto. Continuamos sobrevivendo dos espetáculos que realizamos no Pelourinho, que é apoiado pela secretaria da Cultura do Estado, e das turnês internacionais.

R - Por que não deu certo participar da abertura dos Jogos Olímpicos *em Sydney?*

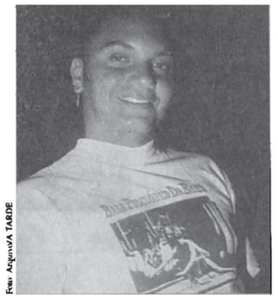


Foto: Arquivo A TARDE

Walson Botelho



R - De uma certa forma, essa participação na *Expo 2000* nos prejudicou, porque, desde que fomos convidados e fechamos contrato com eles, há dois anos, mudaram as datas de nossa apresentação mais de 10 vezes. Com isso, ficamos na dependência de quanto tempo teríamos para liberar a entrada do nosso equipamento na Austrália. A rigidez de controle que eles têm é muito grande, e nosso equipamento é, basicamente, composto de material que eles consideram de risco e, de uma certa forma, "antiecológico" a princípio. Ou seja, instrumentos de couro (atabaques, congas etc), roupas com apliques de penas e peles de animais (galinha, bodes, cabras etc). Quando estivemos lá, em 97, tivemos que comprovar que esses materiais não eram provenientes de nenhum ataque à natureza, mesmo assim, todo o equipamento ficou em quarentena antes de ser liberado para os espetáculos. Agora, não dispomos desse tempo, embora o documento que já temos da outra ocasião ainda sirva, mas, com essas coreografias novas, que consumiram uma quantidade enorme de plumas e couro de boi, teríamos que começar tudo outra vez. Fica para 2002, quando já estamos agendados para uma outra grande turnê por todo o país.

"O mais importante de tudo é que afirmamos que as regiões Norte e Nordeste são aquelas que ainda guardam, de forma mais pura, as tradições populares".

P - Rapsódia Nordestina *une outras manifestações nordestinas às baianas, reinterpretando-as. Por quê?*

R - Se observarmos todas as manifestações culturais do Norte e Nordeste do Brasil, elas terão, sempre, muitos pontos em comum. O fato de fazermos uma releitura dessas manifestações significa que não queremos tomar para nós a origem delas ou mesmo tentar interpretá-las melhor do que os lugares de origem, mas é uma forma de trazermos, ao mesmo ponto, algo que está separado apenas por questões geográficas. Acho que o mais importante de tudo é que afirmamos que as regiões Norte e Nordeste são aquelas que ainda guardam, de forma mais pura, as tradições populares, e esse é o nosso grande trunfo.



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 441 29/04/10 02:51

Salvador, 29 de outubro de 2000



Balé Folclórico da Bahia fez apresentações apoteóticas nos Estados Unidos, com ingressos esgotados e elogios da crítica



CORREIO DA BAHIA
OUTUBRO 2000

Paulo Sales*

Em meio ao aglomerado que se espremia à porta do Shubert Theatre, fugindo do ar gélido de Outono, homens e mulheres saíam em busca de ingressos, esgotados àquela altura. Às sete em ponto, com os 1.988 lugares da casa completamente ocupados, a cortina foi levantada. O que se viu em seguida foram reações catárticas, aplausos, apupos. Abrindo sua quarta passagem por Boston, o Balé Folclórico da Bahia consolidou de vez seu poder de sedução, ganhando o público com seus acordes, gingados e golpes de capoeira.

Nos três dias seguintes, 20 (com duas apresentações, uma delas para crianças pobres), 21 e 22 de outubro, sempre com lotação esgotada, a companhia mostrou seu novo espetáculo, *Carnaval 2000*, para uma platéia diversificada, formada por crianças, velhinhas que não conseguiam permanecer sentadas e jovens de todos os tipos. Localizado na Tremont Street, dentro da região conhecida como Theatre District, o Shubert, com suas linhas clássicas, firmou em definitivo a certeza de que o Balé Folclórico, com sua exuberância sonora e visual, é hoje um dos mais importantes e bem-sucedidos grupos de dança do mundo, embora o Brasil ainda não tenha se dado conta disso.

Desde o dia 26 de setembro, quando começou a turnê, em Atlanta, o espetáculo já foi exibido 14 vezes em cidades do leste americano, e até o final de dezembro terá percorrido 63 cidades dos EUA e do Canadá. "Já levamos cerca de 24 mil pessoas para teatros grandes, com no mínimo 1.800 lugares. A expectativa é de que possamos levar um público superior a 140 mil pessoas até o final da turnê", conta Walson Botelho - cofundador e diretor do grupo.

As reações da crítica especializada americana têm sido positivas. Para a conceituada especialista em dança Anna Kisselgoff, do *New York Times*, em artigo publicado no dia 13 de outubro, o show foi "comovente" e "sedutor". Não era para menos. A apresentação do Balé em Nova York, no New Jersey Performing Arts Center, terminou com o público seguindo os dançarinos e músicos até a rua. Em Boston, isso só não foi possível por causa do frio.

Anna Kisselgoff foi também responsável pelo primeiro estouro internacional da companhia, em 1994, quando escreveu um artigo elogiando a apresentação na Bienal de Lyon, na França. "Depois da crítica dela, começamos a receber uma série de propostas de empresários do mundo inteiro, interessados em trabalhar com a gente. Anna se tornou uma espécie de madrinha do balé", avalia Walson.

Fundado há 12 anos, o grupo vem ganhando o mundo com sua mistura de dança, música e teatro desde 1994, incluindo apresentações na França (42 cidades), Alemanha, Portugal, Suécia, Finlândia e Dinamarca. No total, foram três turnês pela Europa e quatro pelos EUA e pelo Canadá, além de apresentações na Austrália e no Caribe. A excursão atual está sendo organizada pela Columbia Artists Entertainment - um braço da poderosa Columbia Pictures.

Mas é mesmo na América que a companhia vem se firmando. "Hoje somos mais conhecidos aqui do que no Brasil, onde há um certo preconceito contra a dança folclórica, que não existe nos EUA. Para os americanos, nós representamos vida e sentimento, e eles reconhecem a autenticidade do nosso trabalho", analisa o diretor. Desde 1994, quando foi realizada a primeira turnê, até as últimas apresentações em Boston, o espetáculo já foi visto por cerca de 735 mil pessoas na América do Norte. Na Europa, mais de 200 mil pessoas já assistiram ao balé.

O som e a cor - As apresentações em Boston evidenciaram esse reconhecimento. Dividido em nove partes, o novo espetáculo apresentou de forma abundante manifestações como maracatu, maculelê, afixirê, xaxado e boi-bumbá, entre outras. "Pesquisamos fundo essas expressões, indo até cidadezinhas onde elas acontecem de forma genuína. A transposição para o palco não é estilizada. Jamais vou transformar nosso trabalho num cassino, num cabaré", explica Walson.

Uma poderosa cozinha de percussão e voz serve de costura para os números, que têm como marca o derramamento de cores pelo palco e a interatividade com a platéia. Em determinado momento, um bailarino deixa o palco e tira uma mulher do público para dançar. Não houve recusa em nenhuma noite, as americanas deixam-se levar, abandonam a vergonha e se remexem sem jeito mas com alegria. Ao final, o samba-reggae invade os corredores entre as poltronas, os tambores ensurdecem. As dançarinas intimam o público a se levantar e dançar, em meio a olhares perplexos. Ao fundo, as cantoras Dora Santana e Miralva Souto expelem uma sonoridade poderosa.

Mas nada fascina tanto o público americano quanto os golpes e malabarismos da capoeira. Formando um time coeso e competente, os lutadores lembram ginastas olímpicos e exigem aplausos que são imediatamente concedidos. O número inclui ainda um solo longo e bem executado de berimbau, realizado pelo percussionista Daniel Sousa, que se move entre o hino americano - *The star spangled banner* - e *Asa branca*, de Luiz Gonzaga. Quando cessam os tambores, encerra-se a dança e cai o pano, o público deixa o teatro entre atordoado e entorpecido, mas, acima de tudo, saciado.

* O jornalista viajou aos Estados Unidos a convite do Balé Folclórico da Bahia.

* Leia mais sobre as apresentações do Balé Folclórico da Bahia nos EUA na página 2

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 442 29/04/10 02:52

Espontaneidade, paixão e trabalho nos bastidores

Para atingir a excelência que seduz as platéias estrangeiras, o Balé Folclórico ensaia oito horas diárias

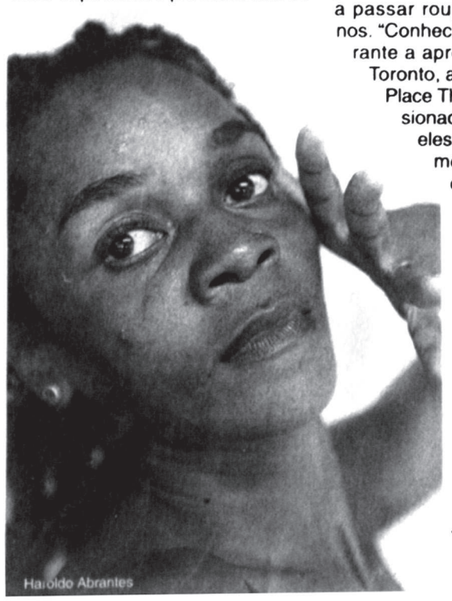
Paulo Sales

Ao lado do diretor artístico José Carlos Arandiba, Walson Botelho é o maestro que rege com um misto de disciplina e ternura a equipe de 32 pessoas, das quais 25 são os dançarinos, capoeiristas e músicos que literalmente se entregam no palco. São oito horas diárias de ensaios exaustivos, nos quais são corrigidos eventuais erros de posicionamento, luz e postura. Essa rotina, às vezes, acaba provocando baixas.

Durante o primeiro ensaio em Boston, a dançarina e assistente de coreografia Nildinha Fonseca torceu o pé e desfalcou o grupo nos quatro shows na cidade. Nildinha, que entrou para o balé como camareira, tornou-se uma das mais importantes profissionais do grupo, atuando hoje como solista. "Ela é um caso típico de talento nato. Hoje, Nildinha é também professora e dá cursos de licenciatura e dança profissional", comenta Walson.

Nascidos em sua maioria em regiões pobres de Salvador, os artistas ostentam com naturalidade a cultura baiana. Basta acompanhá-los no ônibus que leva o grupo do hotel ao teatro para entrar em contato com arte em estado bruto, dilapidada com competência nas coreografias e canções. Eles cantam sambas-de-roda, brincam entre si, falam da saudade de casa, esperam ansiosos a chegada do Carnaval.

Essa espontaneidade conquistou a empresária canadense Helen Lahti, que acompanhava o grupo durante a passagem por Boston. Apaixonada pelo grupo, ela se hospedou no mesmo hotel e chegou a passar roupa para os dançarinos. "Conheci o balé em 1997, durante a apresentação deles em Toronto, ao ar livre, no Malcon Place Theatre. Fiquei impressionada com a energia que eles desprendiam e fiquei me perguntando quem estaria por trás de tudo aquilo. Então conheci Walson e me envolvi de vez com o grupo. Sempre que posso, os acompanho nas turnês pelos EUA", explica. Através de sua empresa, a Rosmar Associates, Helen patrocinou parte da excursão.

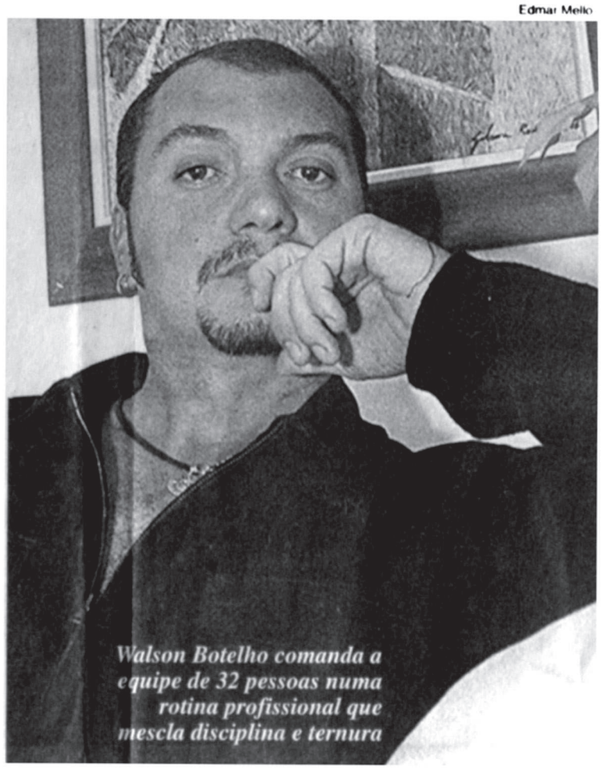

Haroldo Abrantes

Nildinha Fonseca - a camareira que virou professora e dançarina profissional - torceu o pé nos exaustivos ensaios e ficou de fora dos shows de Boston

Patrocínio, por sinal, tem sido um problema para o balé. No Brasil, a companhia tem apenas o apoio da Secretaria de Cultura do Estado, que destina mensalmente uma verba para cobrir as despesas. "Quando estamos em turnê pelo exterior, conseguimos nos manter com o dinheiro arrecadado nas apresentações. O problema é que, quando chegamos ao Brasil, não dá para manter todo o aparato. Por isso, já precisei parar o balé quatro vezes", explica Walson.

Alem da companhia principal, que viaja pelo exterior, o grupo mantém ainda uma segunda companhia, que se apresenta toda semana no Pelourinho, e também uma escola que ensina quase 200 crianças carentes a dançar. Sucesso de público e crítica no exterior, o Balé Folclórico da Bahia não consegue conquistar o próprio país, que retrata com autenticidade e amor em suas coreografias.

Edmar Mello


Walson Botelho comanda a equipe de 32 pessoas numa rotina profissional que mescla disciplina e ternura

Diversão no exílio

São 10, 15, 18 anos fora do Brasil. Para quem vive em Boston há tanto tempo, a chegada do Balé Folclorico da Bahia à cidade é uma maneira de reviver um pouco o país que ainda está fresco na memória. A porta do Shubert Theatre virou ponto de encontro de vários brasileiros, que já conhecem os integrantes da companhia e realizam encontros com muita música e comida típica. No sábado, dia 21, todo o balé - e mais dezenas de pessoas – deslocou-se para a casa de um desses brasileiros, Cosme Silva, onde foram preparados um caruru suculento, moqueca de peixe e farofa de azeite, regados a muitas latas de cerveja.

Trabalhando em atividades tão dispares quanto construção, mecânica, assistência social e jornalismo, essas pessoas buscam manter a identidade cultural indo às apresentações de artistas como Daniela Mercury e Gilberto Gil na cidade e realizando shows especiais de música brasileira. Um desses shows acontece duas vezes por semana no Bar Ryles, um *pub* bem decorado e aconchegante que fica na Hampshire Street, em Cambridge. Lá, é possível beber cervejas brasileiras e ouvir a música de nomes como Milton Nascimento, Caetano Veloso e Timbalada

Morando há 13 anos em Boston, o mineiro Márlon Catão é editor da revista *Bossa*, publicação sobre arte brasileira dirigida ao mercado americano e vendida na rede de lojas de CDs Tower Records. Para ele, a cultura do país é sempre bem-vinda nos EUA. "Nós despertamos interesse pela força da nossa música e dança, principalmente a de origem africana", acredita. Como Márlon, milhares de brasileiros sobrevivem no país mais poderoso do mundo, alguns com mais, outros com menos dignidade. E nenhum deles sente vontade de voltar a morar no Brasil.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 443 29/04/10 02:52

A TARDE

JANEIRO 2001

A TARDE

Salvador, Bahia ● Terça-feira ● 16/1/2001



Caderno 2

■ O Balé Folclórico da Bahia estréia, no próximo sábado, na sala principal do Teatro Castro Alves, o espetáculo *Rapsódia Nordestina*, que foi visto e aplaudido em 62 cidades americanas. O BFB resolveu explorar as interações culturais típicas das regiões Nordeste e Norte, apresentando sete coreografias, três delas – *Boi-Bumbá* (***foto***), *Xaxado* e *Maracatu Rural* – da pernambucana Amélia Conrado.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 444 29/04/10 02:52

A TARDE Bahia - Terça-feira, 16/1/2001

Caderno2

Nordeste **VIVO**

Mary Westein

RETORNO Chega a Salvador o espetáculo do Balé Folclórico da Bahia que balançou platéias nos Estados Unidos.

O Balé Folclórico da Bahia estréia Rapsódia Nordestina, no próximo sábado, na sala principal do Teatro Castro Alves. A platéia baiana vai ver o espetáculo que, depois da sua estréia em Atlanta, em setembro passado, foi ovacionado em mais 62 cidades americanas, recebendo críticas ainda mais inflamadas e comovidas do que as que vinham sendo feitas nos últimos anos pelos maiores jornais americanos.

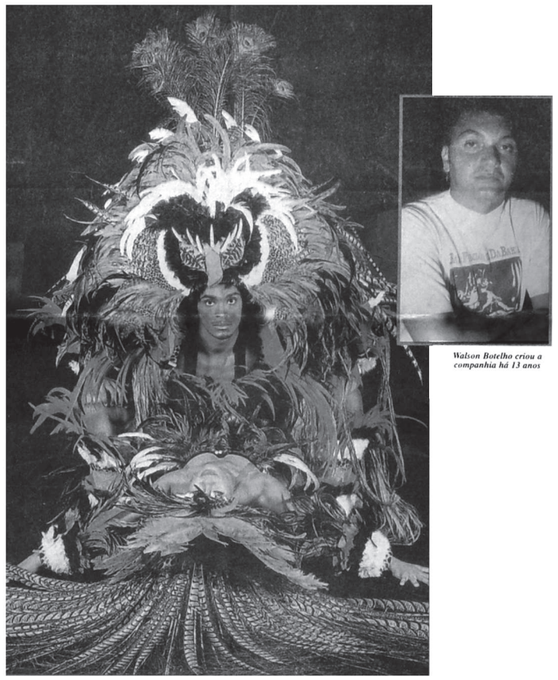
As críticas são todas por uma causa justa. A companhia de Walson Botelho, que sempre concentrou sua temática na cultura afro-baiana, em Rapsódia Nordestina, resolveu ampliar a pesquisa e explorar as interações culturais típicas das regiões Nordeste e Norte. O balé recusou-se a fazer a caricatura do exótico e encontrou a consistência ideal para a concepção do espetáculo na experiência da pesquisadora e coreógrafa pernambucana Amélia Conrado. Dela, são três coreografias: Boi-Bumbá, que intriga a imaginação porque descerra o mundo mítico das criaturas mágicas da floresta, Xaxado, que esmiúça a saga dos cangaceiros na caatinga, e Maracatu Rural, que dança as relações socioculturais entre os negros, os índios e os colonizadores.

O BFB conseguiu o prestígio que lhe garante trânsito livre e sucesso nos teatros do mundo.

Da costumeira colaboradora do balé, a professora formada pela Escola de Dança da Ufba, Rosângela Silvestre, que atualmente trabalha nos Estados Unidos, tem Ginga e Afixirê. Ginga mostra o virtuosismo que brota do repertório de idéias de Rosângela para os corpos dos inacreditáveis dançarinos do BFB. Afixirê também sacode o espectador na poltrona do teatro. Em iorubá, afixirê significa dança da alegria, e daí se tira o espírito da coreografia.

Do próprio Walson Botelho, diretor do balé, são Samba de Roda – a dança do Recôncavo que se diz ter originado o samba que se ouve hoje –, Maculelê, que também tem sua origem nas plantações de açúcar do Recôncavo e que foi utilizada como defesa contra os senhores de engenho, e Capoeira, coreografada em parceria com Zebrinha, diretor artístico do balé.

O figurino é de Ricardo Biriba. Miralva Couto e Dora Santana, sempre destacadas nas matérias que saem no The New York Times, fazem suas evoluções vocais a partir dos tocadores de atabaque e de outros instrumentos. Quem conhece o Balé Folclórico da Bahia sabe que seus espetáculos quando chegam ao palco estão prontos, limpos e surpreendentes e que o seu vigor dificilmente pode ser comparado por aí. Não é à toa que coleciona prêmios importantes como o Fiat 90, o Estímulo, como Melhor Espetáculo e Melhor Companhia de Dança do País em 1993, e o Mambembão, como melhor pesquisa em cultura popular e melhor preparação técnica de elenco do País, em 1996, ambos oferecidos pelo Ministério da Cultura.



Walson Botelho criou a companhia há 13 anos

Prestígio

O Balé Folclórico da Bahia conseguiu o prestígio, que lhe garante trânsito livre e sucesso nos teatros do mundo, depois de ter se apresentado na Bienal de Lyon, na França, em 1994. Foi a primeira vez que uma apresentação do balé rendeu uma página no The New York Times. Hoje, o balé tem um empresário em cada país da Europa. Nos Estados Unidos, é representado pela Columbia Arts (um dos braços da Columbia Pictures) e está sempre recebendo elogios rasgados nas páginas dos principais jornais.

Na Bahia, o balé não se apresenta desde 1998. Aqui, Walson Botelho diz que "é muito difícil, quase impossível". Recebe R$ 18.500 da Secretaria da Cultura e Turismo do Governo do Estado, pela venda de 300 espetáculos/ano que a sua segunda companhia apresenta diariamente no teatro Miguel Santana, exceto aos domingos, para uma platéia que aprecia muito a qualidade do show folclórico. Essa quantia mal dá para pagar o salário fixo de R$ 300,00 que cada um dos 70 integrantes de toda a companhia (incluindo a primeira e a segunda, técnicos etc.) recebe.

Em contrapartida, no exterior, cada dançarino brasileiro ganha em média o que os profissionais de companhias famosas como a de Alvin Ailey ou a New York City Ballet ganham. O dinheiro que o balé ganha no exterior acaba servindo para cobrir as despesas daqui. Duas delas são os aluguéis, R$ 500,00 cada um, que são pagos ao Ipac, pelos estúdios, que funcionam na rua Gregório de Mattos, e na rua Inácio Accioli, no Pelourinho. Esses estúdios abrigam os ensaios da companhia e a escolinha, que é mantida há dois anos para 200 crianças pobres. A escola serve também para garantir a atividade dos dançarinos que não podem mais estar em cena.

Os dançarinos do balé têm em média 18 anos de idade. Walson Botelho diz que a idade restringe o desempenho nesse tipo de dança, que exige muita força e vigor. Por isso, aos 28, já é hora de deixar os palcos. Hoje, os dançarinos estão muito mais preparados, exige Walson Botelho, que intensificou o número de aulas de balé clássico e dança moderna. Botelho soa exagerado, já que os dançarinos sempre esbanjaram competência em cena.

A TARDE
JANEIRO 2001

Nos jornais

"Energias explodem desinibidamente nas danças folclóricas de origem africana desta maravilhosa companhia. Das 20 companhias dos quatro continentes que se apresentaram na Bienal de Lyon, na França, nenhuma melhor incorpora a idéia da dança negra na África e em sua diáspora do que este vibrante grupo do Brasil. Com suas coreografias do Carnaval... este exuberante e único grupo brasileiro deve absolutamente ser visto nos Estados Unidos". The New York Times, em 16 de novembro de 1994.

"Uma turnê nacional trouxe a companhia aqui esta noite com um novo, mas espetacularmente produzido, programa, que acabou com a platéia seguindo os dançarinos e tocadores de tambor para fora do New Jersey Performing Arts Center. A visão da dança do lado de fora do teatro não é surpresa para quem já tinha visto anteriormente a performance do balé" – em Brazilian Levitates the Audience, título da matéria que saiu em 17 de outubro de 2000 no The New York Times.

QUANDO: DIA 20, ÀS 21 HORAS E, DIA 21, ÀS 20 HORAS
ONDE: TEATRO CASTRO ALVES
COTAÇÃO: ★★★★★

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 445 29/04/10 02:52

FOLHA DA BAHIA
CORREIO DA BAHIA
Salvador, sábado, 20 de janeiro de 2001



Balé Folclórico da Bahia apresenta no TCA, hoje e amanhã, 'Rapsódia nordestina', espetáculo que fez turnê de estréia por 63 cidades dos Estados Unidos

O Brasil que seduziu a América

Paulo Sales

Depois de levar mais de 130 mil pessoas aos teatros de 63 cidades norte-americanas, entre setembro e dezembro do ano passado, o Balé Folclórico da Bahia volta à sua terra para apresentar, pela primeira vez em solo brasileiro, o espetáculo *Rapsódia nordestina* (que na turnê pelos Estados Unidos ganhou o nome de *Carnaval 2000*). Hoje, às 21h, e amanhã, às 20h, no Teatro Castro Alves, o público baiano vai poder travar contato com o show de exuberância sonora e visual que seduziu a América.

Formada por 32 integrantes, a companhia transita por nove manifestações do folclore nordestino (boi-bumbá, xaxado, ginga, maracatu rural, maculelê, samba-de-roda, capoeira, afixirê e samba reggae), transpondo-as para o palco em coreografias precisas e fiéis à matriz original. Por trás delas, uma cozinha poderosa de percussão e vocais - comandados pelas cantoras Miralva Souto e Dora Santana - complementam o vestuário cênico do show.

À exceção do samba reggae, que não será exibido aqui por ser muito familiar ao público baiano, o espetáculo será exatamente o mesmo apresentado nos Estados Unidos. Nele, a interatividade com o público é marcante, com os dançarinos deixando o palco em vários momentos e dançando com a platéia. Iniciado com o boi-bumbá, quando um dançarino veste uma pesada fantasia e executa a luta simbólica com o vaqueiro, o show tem como principais destaques o xaxado, com sua movimentação de jagunços e outros tipos do agreste nordestino, e a capoeira, que não economiza nos golpes e malabarismos. Ponto também para o solo de berimbau do percussionista Daniel Sousa.

Para Walson Botelho, cofundador e diretor da companhia, *Rapsódia nordestina* representa uma imersão nas manifestações genuínas dos outros estados da região, que têm referências semelhantes às da Bahia. "Ampliamos nosso repertório com a pesquisa que fizemos. O espetáculo aglutina elementos das culturas portuguesa, indígena e negra, que formam o povo brasileiro", avalia.

Ele acrescenta que essa última turnê - a quarta pela América - consolidou o nome e a imagem do Balé Folclórico da Bahia como um dos mais importantes grupos do mundo em seu segmento. "Fomos reconhecidos nas ruas de San Francisco e Los Angeles, as pessoas nos paravam para pedir autógrafos e conversar. As críticas especializadas também foram bastante positivas", analisa.

Walson conta que, nas últimas apresentações da turnê, os dançarinos e capoeiristas estavam no ponto ideal, entrando, saindo e trocando de roupa num ritmo vertiginoso. "Quero utilizar exatamente essa boa forma nas apresentações do TCA", explica. Fruto de oito horas diárias de ensaios exaustivos, o preparo físico resistiu até mesmo a condições adversas de trabalho. Em Flagstaff, cidade fincada no meio do deserto do Arizona, eles se apresentaram a mais de quatro mil metros de altitude e com cerca de dois metros de neve sobre as ruas. "Deixamos vários balões de oxigênio atrás do palco", relata.

Os shows no TCA podem ser os primeiros de uma turnê nacional, que ainda depende de negociações com patrocinadores para se confirmar. A primeira etapa deve percorrer o Sul, o Sudeste e o Centro-oeste ainda neste primeiro semestre. A partir de agosto, a previsão é de que a companhia visite o Norte e o Nordeste. No meio do ano, eles voltam aos Estados Unidos para mais uma turnê do *Rapsódia*, e em 2002 já está confirmada uma temporada pela Europa. "Também já estamos em negociação para fazer uma extensa turnê por Estados Unidos e México em 2003, já com um novo espetáculo", conta Walson.

CORREIO DA BAHIA
JANEIRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 446 29/04/10 02:52

CORREIO DA BAHIA

Salvador, sábado, 20 de janeiro de 2001

FOLHA DA BAHIA

Balé Folclórico no TCA

O Balé Folclórico da Bahia chega a Salvador com o espetáculo que estreou em turnê por 63 cidades americanas. *Rapsódia nordestina* (foto) traz 32 dançarinos ao palco em coreografias inspiradas em nove manifestações do folclore nordestino (boi-bumbá, xaxado, ginga, maracatu rural, maculelê, samba-de-roda, capoeira, afixirê e samba reggae). O espetáculo tem apresentações hoje e amanhã no Teatro Castro Alves.

Pagina 1



CORREIO DA BAHIA JANEIRO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 447 29/04/10 02:52

CORREIO DA BAHIA

AUDIÇÃO

Passaporte para o melhor do mundo

Giovanna Castro

Considerado por especialistas como o melhor do mundo no gênero, o Balé Folclórico da Bahia realiza audição para dançarinos de ambos os sexos. A seleção, que acontece hoje (homens) e amanhã (mulheres), sempre a partir das 20h, vai incorporar novos artistas por conta da intensa agenda de shows a ser cumprida a partir de junho deste ano. O balé segue com o espetáculo *Rapsódia nordestina* em turnê pelos Estados Unidos (Charleston, Miami, Atlanta, Nova York, Boston, Durham). No Brasil, percorre as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, São Luís, Belém e Manaus.

Os candidatos devem se inscrever uma hora antes da audição na sede do balé (Rua Gregório de Mattos, 11 - Pelourinho). Oito pessoas serão escolhidas para integrar a primeira companhia e, a depender do desempenho nos ensaios, poderão viajar nas turnês. Até 30 pessoas poderão ser escolhidas para fazer uma espécie de estágio na segunda companhia, que se apresenta de segunda a sábado, às 20h, no Teatro Miguel Santana - Pelourinho. "A gente seleciona um número grande porque, com o tempo, há pessoas que desistem. Não agüentam enfrentar a barra de oito horas de ensaio por dia, seis dias por semana. Nosso sistema é muito puxado", avisa Walson Botelho, diretor do balé.

Botelho não exige formação acadêmica em dança, mas acha necessário que os candidatos cheguem à audição com muita energia. "Na verdade, a gente não precisa muito que eles venham prontos. As pessoas precisam trazer energia e força interior porque é disso que o balé vive. Espontaneidade não tem como se ensinar". A audição terá uma aula de dança afro e outra de dança moderna para avaliar a coordenação motora e a capacidade de apreender os movimentos propostos. Além dessas duas técnicas, os homens serão avaliados em princípios de capoeira.

Desde que mereceu, em 93, uma página inteira no jornal *The New York Times* com elogios da crítica americana Anna Kisselgoff, o balé permanece em turnê fora do país até sete meses por ano. Segundo o diretor a companhia atravessa uma fase de maior estabilidade financeira (resultado das turnês internacionais), o que permite a integração de novos dançarinos. O Balé Folclórico da Bahia tem agenda fechada até 2003. Maiores informações pelo 322-1962 (a partir das 13h30.

Div./Artur Ikishima



Balé Folclórico da Bahia faz audição para escolha de elenco

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CORREIO DA BAHIA

MARÇO 2001

BOOK 20 ANOS BFB.indd 448 29/04/10 02:52

CORREIO DA BAHIA

Salvador, quarta-feira, 1º de agosto de 2001

MARCAÇÃO

1 **No próximo** dia 9, o Balé Folclórico da Bahia faz apresentação do seu mais recente trabalho, ***Rapsódia nordestina***, às 21h, no Teatro Castro Alves (TCA). O espetáculo, além de comemorar 13 anos das elogiada companhia, marca a primeira turnê nacional do grupo (internacionais, já são várias), que inclui ainda as cidades de São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e Brasília. O patrocínio é da Nortel Networks, empresa canadense com filial no Brasil.

2 **Rapsódia** *nordestina* reúne três peças de Amélia Conrado (*Boi-bumbá*, *Xaxado* e *Maracatu rural*), duas de Rosângela Silvestre (*Ginga* e *Afixirê*) e três trabalhos com *mise-en-scène* assinado por Walson Botelho, diretor da companhia, José Carlos Arandiba e pelo grupo (*Maculelê, Samba-de-roda* e *Capoeira*). Além das elaborações coreográficas, ganham destaque a vitalidade, espontaneidade e preparação corporal da companhia.

Balé Folclórico da Bahia, dia 9, no TCA



Div./Maria Vianna

danca.redacao@correiodabahia.com.br

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 449 29/04/10 02:52

Em busca do reconhecimento nacional

Balé Folclórico da Bahia se apresenta amanhã no TCA, iniciando sua primeira turnê pelo Brasil

Div./Marisa Vianna



O samba-de-roda é uma das manifestações do espetáculo 'Rapsódia nordestina', que a companhia vai apresentar em seis cidades brasileiras

CORREIO DA BAHIA

AGOSTO 2001

Paulo Sales

A trajetória do Balé Folclórico da Bahia é inusitada. Primeiro, conseguiu o respaldo de crítica e público lá fora, na França, Estados Unidos, Canadá. Agora, quer o reconhecimento nacional, algo que não conseguiu ainda, apesar dos 13 anos de atividades, completados este mês. Iniciada amanhã, às 21h, com um espetáculo no Teatro Castro Alves, a primeira turnê pelo Brasil pretende conquistar novas platéias nas cidades de São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e Brasília.

Já apresentado em janeiro deste ano no TCA - e no ano passado, com o nome *Carnaval 2000*, nos EUA -, o espetáculo *Rapsódia nordestina* começa a ser exibido em outras cidades nos dias 18 e 19 de setembro, no Teatro Carlos Gomes (Rio), indo em seguida para o Teatro do Sesc (Santos, dia 21), Teatro Municipal (São Paulo, 23), Palácio das Artes (Belo Horizonte, 26), Teatro Guaíra (Curitiba, 30) e Teatro Nacional (Brasília, 4 de outubro). Nele, estão todos os ingredientes que formam a matéria-prima do balé: exuberância visual e sonora, coreografias precisas e imersão no universo autêntico do Nordeste.

Orçada em R$200 mil, a turnê pelo Brasil só se tornou possível com a chegada de um patrocinador, no caso a multinacional canadense Nortel Networks, que fabrica tecnologia para empresas de telefonia. Segundo Walson Botelho, cofundador e diretor do Balé Folclórico, o presidente da corporação no Brasil, o argentino Rafael Steinhauser, já conhecia o trabalho da companhia de uma apresentação no Teatro Municipal de São Paulo, quando ainda era presidente da Vésper, e patrocinou, através dessa empresa, a ida do grupo à capital paulista, no ano passado, para a abertura da Bienal 500 anos.

"Ele disse, na época, que não esqueceria da gente e faria o possível para firmar um patrocínio, o que acabou acontecendo quando ele se transferiu para a Nortel", conta. Para Walson, o apoio da empresa vai possibilitar ao balé mostrar o seu trabalho em âmbito nacional e conseguir um patrocínio permanente. "É uma semente que estamos plantando. A companhia está amadurecida e tem condições de conquistar novas platéias", opina. Ele revela ainda que a própria Nortel pode se tornar o patrocinador oficial e permanente do grupo.

As cidades escolhidas vão assistir a um espetáculo marcado por manifestações culturais como boi-bumbá, afixirê, xaxado, maracatu rural, maculelê e samba-de-roda, além da capoeira, que vai, certamente, ser responsável por momentos de êxtase do público.[1]Com coreografias criadas por José Carlos Arandiba (diretor musical do Balé), Amélia Conrado, Rosângela Silvestre e pelo próprio Walson, os números são acompanhados por uma percussão caprichada, metais (trombone, trompete, sax e flauta), teclados e acordeom, além de vocais poderosos, a cargo das cantoras Miralva Couto e Dora Santana.

As mudanças em relação ao espetáculo de janeiro são marcadas pela saída de metade dos 32 integrantes, que estão hoje em grupos do exterior e foram substituídos por membros da segunda companhia do balé. "Não houve prejuízo com as mudanças. Os novos bailarinos estão se firmando e têm talento para enfrentar a turnê", garante Walson.

Após a excursão pelo Brasil, o Balé Folclórico da Bahia vai arrumar as malas para novos vôos internacionais. Ainda este ano, entre 20 e 29 de outubro, o grupo fará uma turnê pelo Caribe, e, em novembro, estará nos Estados Unidos. No próximo ano, em março e abril, a companhia marca presença na Bienal de Lyon (França), onde já esteve em 1994 e 1996. Entre junho e julho, volta aos EUA para participar de vários festivais, incluindo o tradicional Spoleto Festival, na cidade de Charleston (Carolina do Sul).

Espetáculo: *Rapsódia nordestina*
Direção geral: Walson Botelho
Direção artística: José Carlos Arandiba
Grupo: Balé Folclórico da Bahia
Onde: Teatro Castro Alves
Quando: amanhã, às 21h
Ingresso: R$20 (inteira)

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 450 29/04/10 02:52

2 A TARDE

Salvador, quinta-feira, 9/8/2001

Balé Folclórico da Bahia

LUCIANO AGUIAR

Elogiada por críticos de jornais americanos, quando de recente turnê pelos Estados Unidos, no ano passado, a companhia de dança dá início, hoje, à turnê nacional, com o espetáculo Rapsódia Nordestina, no Teatro Castro Alves, às 21 horas. Direção: Walson Botelho. Ingresso: R$ 20,00.

Foto: Marisa Viana/Divulgação



A TARDE

AGOSTO 2001

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 451 29/04/10 02:53

Balé Folclórico da Bahia estréia amanhã espetáculo em Belo Horizonte

GAZETA DA BAHIA
JANEIRO 2001

Rodrigo Mascarenhas, de Belo Horizonte
rmascare@gazetamercantil.com.br

O Balé Folclórico da Bahia traz pela primeira vez a Belo Horizonte o espetáculo 'Rapsódia Nordestina' em única apresentação, amanhã, às 21h, no Grande Teatro do Palácio das Artes. A montagem foi criada no ano passado para integrar as comemorações dos cinco séculos do Brasil, mas não chegou a rodar o país por falta de patrocínio. Participou apenas da abertura da Bienal do Descobrimento em São Paulo.

As exibições internacionais são o forte da companhia, que, atualmente, passa de oito a nove meses no exterior. "Apesar dos 13 anos de existência, ainda enfrentamos grandes dificuldades financeiras. Somos pouco conhecidos no Brasil porque não circulamos. E não circulamos pois não temos dinheiro para as turnês nacionais", assinala Walson Botelho, diretor e fundador do grupo ao lado de Ninho Reis.

A recente excursão pelo País, que passou por Rio de Janeiro, Curitiba e Santos (SP), tem o patrocínio da empresa de telefonia 'Nortel Networks'. Nos cálculos do diretor Walson, a companhia já esteve em 182 cidades dos Estados Unidos e em 40 da França, além de se apresentar na Suíça, Alemanha, Portugal e Dinamarca. O preconceito contra a cultura popular brasileira e a falta de informação do empresariado nacional são apontados pelo diretor como os principais motivos das dificuldades que o grupo enfrenta.

"Num momento em que todos os países estão se voltando para as próprias raízes, as empresas que se interessam em investir em cultura têm obrigação de conhecer o melhor. Por estarem fora do centro financeiro do Brasil, o Norte e o Nordeste sofrem com as raras oportunidades. Mesmo com projetos aprovados na Lei Federal (Rouanet) ou na legislação do governo da Bahia, até hoje não conseguimos captar recursos", afirma Walson, destacando que o Balé Folclórico da Bahia acumula várias premiações: melhor companhia de dança do Brasil na avaliação da Fiat (1990), Mambembão do Ministério da Cultura (1996), melhor espetáculo de dança para 'Afixirê' (1996), concedido pelo Instituto Nacional de Artes Cênicas (1996). Além disso, o grupo baiano participou das edições de 1994 e 1996 da Bienal de Dança de Lyon (França). A sobrevivência do grupo é possível graças às turnês internacionais e ao apoio da secretaria de cultura da Bahia.

Nascido e desenvolvido em Salvador, o Balé Folclórico da Bahia produziu 'Rapsódia Nordestina' no ano passado. O elenco de 20 dançarinos, dez músicos e duas cantoras apresenta diferentes coreografias, entre as quais, 'Boi-Bumbá', 'Xaxado', 'Ginga', 'Samba de Roda', 'Capoeira' e 'Maculelê'. A inspiração ultrapassou os limites da Bahia e foi buscar no Maranhão, Pernambuco, Paraíba e Amazonas outras formas de festejos populares. 'Não nos restringimos à cultura afro-baiana, buscamos também a herança indígena e portuguesa.

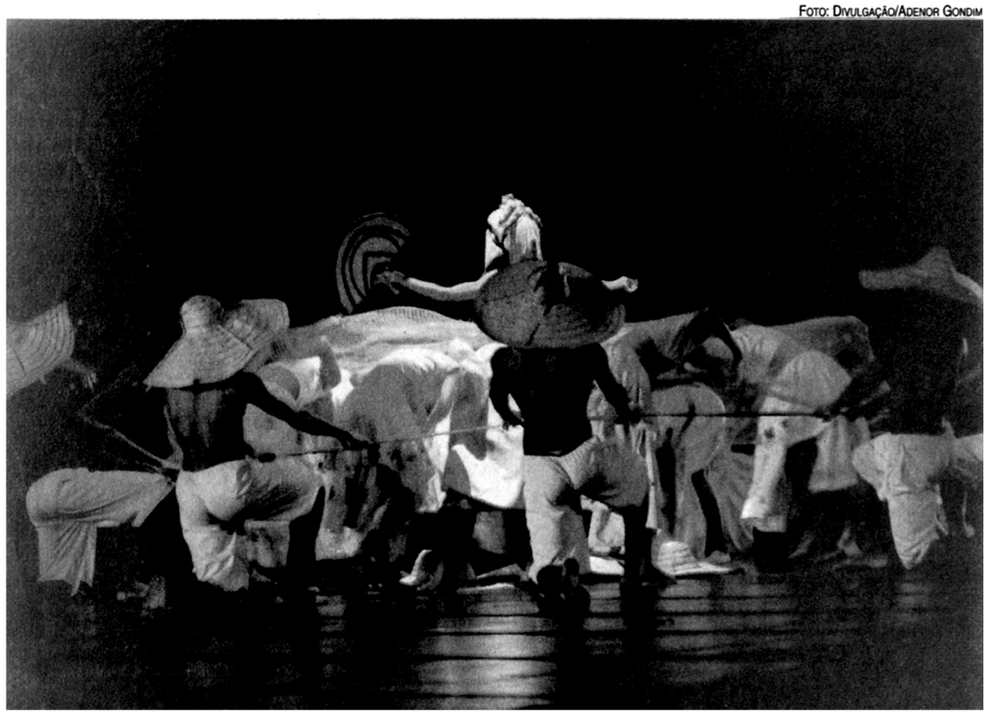
MARACATU DE CABOCLOS

O interessante é que para muitas manifestações de outros estados encontramos correspondentes na Bahia, como o Maracatu Rural, típico de Pernambuco, que na nossa terra chama Maracatu de Caboclos", diz. A rotina de ensaios dos dançarinos inclui aulas de clássico e moderno, além da dança afro. O repertório da companhia, composto por sete montagens, também é constantemente repassado.

O Balé Folclórico da Bahia mantém temporada permanente de segunda a sábado, com um segundo elenco de 27 artistas, no Teatro Miguel Santana, localizado no Pelourinho. Com propósito social e de formação para novos artistas, o grupo possui um projeto que atende 200 crianças carentes na capital baiana. 'Por muito tempo enfrentamos séria dificuldade para selecionar dançarinos, apesar dos vários interessados que nos procuravam.

A maioria sonha em entrar para uma banda de pagode, axé ou samba-reggae em razão do apelo financeiro e, por isso, rebolam demais. Com o projeto, já estamos incorporando vários adolescentes à companhia', revela Walson, que se preocupa em aprofundar o conhecimento dos integrantes do balé com atividades que resgatam o folclore local. ■

FOTO: DIVULGAÇÃO/ADENOR GONDIM



Exibições internacionais são o forte da companhia, que passa de oito a nove meses no exterior

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 452 29/04/10 02:53

CORREIO DA BAHIA
JANEIRO 2002

Bailado em expansão


Div./Marisa Vianna

O Balé Folclórico da Bahia traz de volta o espetáculo 'Rapsódia nordestina', sexta e sábado, no TCA

Joceval Santana

Conhecido internacionalmente pelo acento afro-brasileiro de suas produções, o Balé Folclórico da Bahia resolveu, em sua última montagem, ampliar as fontes de pesquisas rítmicas e gestuais, investindo em manifestações populares regionais do Brasil. O resultado, *Rapsódia nordestina*, volta a ser apresentado sexta e sábado, às 21h, no Teatro Castro Alves (Campo Grande), com ingressos a R$12 (inteira). O espetáculo abre a programação 2002 do Balé Folclórico, que já tem confirmadas novas turnês pela Europa e Estados Unidos, e, este ano, pretende estender sua atuação com a realização de um CD e um livro.

Com estréia em janeiro passado, *Rapsódia nordestina* volta ao palco do TCA, a convite da própria direção da casa. A montagem (com oito coreografias) é um interessante painel do cruzamento de nossas matrizes étnicas, ao destacar, além da herança africana, também as influências ibéricas e caboclas. Três das peças – as mais novas do repertório do grupo e que nomeiam o espetáculo – foram concebidas pela coreógrafa, pesquisadora e professora Amélia Conrado: *Boi-bumbá*, *Xaxado* e *Maracatu rural*.

Amélia Conrado (que nasceu em Roraima, foi criada em Pernambuco e atualmente reside na Bahia) procurou manter a integridade das manifestações como bumba-meu-boi e maracatu, transpondo-as para o espaço cênico, mas conservando, principalmente, elementos narrativos, como personagens e organização em cortejo. Já em *Xaxado*, ela investe numa "encenação" da dança característica dos cangaceiros e pincela a coreografia com traços de religiosidade popular e resistência política.

Outras duas coreografias do programa são assinadas pela baiana Rosângela Silvestre e oportunamente resgatadas pela companhia. São elas *Ginga* e *Afixirê*, elaboradas na década de 90 e destaques no repertório da companhia. Com menos exuberância visual do que as peças anteriores, as obras de Rosângela investem numa linguagem corporal mais específica da cultura negra para celebrar a alegria e a sensualidade, respectivamente. Completam o programa as emblemáticas *Maculelê*, *Samba-de-roda* e *Capoeira*, com *mise-en-scène* assinadas por Walson Botelho, diretor artístico da companhia.

Livro e disco – Além da vitalidade rítmica que o Balé Folclórico da Bahia exibe no palco (graças sobretudo à preparação corporal impressa por Zebrinha), uma outra característica marcante da companhia é a participação dos músicos – na verdade, a presença dos instrumentistas contribui sobremaneira para a vibração dos espetáculo do grupo. "Como, principalmente nas apresentações no exterior, o público sempre procura pelas músicas, pensamos em gravar um CD", diz Walson.

O projeto, que deve ser desenvolvido este ano, vai resgatar as canções interpretadas pelo grupo musical da companhia, desde sua primeira coreografia, *Bahia de todas as cores*. "São canções originais ou músicas reelaboradas do folclore e do candomblé. Nossa intenção é chamar alguns convidados para enriquecer o projeto", tenciona Botelho. Ele também quer viabilizar a antiga idéia de publicar um livro, que, segundo comenta, "não seria uma publicação sobre a companhia, mas um trabalho antropológico, com pesquisa das danças populares desde a época colonial aos dias atuais". Os dois projetos tramitam na lei de incentivo Fazcultura.

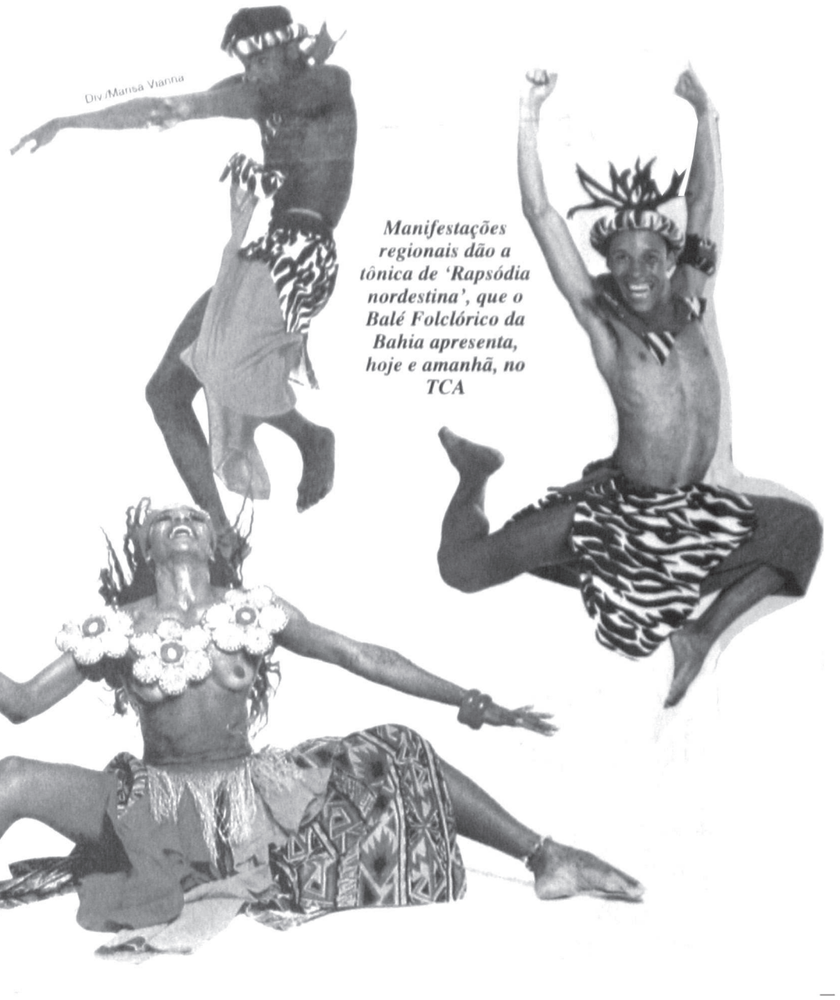
Enquanto isso, o Balé Folclórico da Bahia dá continuidade às apresentações no exterior, este ano com ênfase em programas filantrópicos e participação em festivais. Também este ano, a temporada européia vai ser dividida em duas partes, em março e setembro. Depois, vêm os EUA, numa turnê de três semanas. A segunda turnê brasileira do balé em quase 14 anos – a primeira foi no ano passado: SP, RJ, MG, DF e PR – depende do fechamento do patrocínio, mas Walson já pensa em ampliar a rota para Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Goiás. O novo site da companhia é www.balefolcloricodabahia.com.br.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 453 29/04/10 02:53

CORREIO DA BAHIA

Salvador, sexta-feira, 25 de janeiro de 2002



Manifestações regionais dão a tônica de 'Rapsódia nordestina', que o Balé Folclórico da Bahia apresenta, hoje e amanhã, no TCA

DANÇA

RAPSÓDIA NORDESTINA – Direção: Walson Botelho. Coreografia: Amélia Conrado, Rosângela Silvestre e Walson Botelho. Com o Balé Folclórico da Bahia. Boi-bumbá, xaxado, maracatu rural e outras danças populares são a tônica do espetáculo. **Teatro Castro Alves** (Campo Grande). Hoje e amanhã, às 21h. Ingressos: R$12 (inteira)

CORREIO DA BAHIA
JANEIRO 2002

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 454 29/04/10 02:53

teatro

teatro@atarde.com.br

DANÇA O exuberante *Balé Folclórico da Bahia* volta ao TCA, hoje e amanhã, com o espetáculo *Rapsódia Nordestina*.

COMPASSO NORDESTINO

MARY WEINSTEIN

Vibrante, com dançarinos que possuem um refinamento técnico impressionante, o *Balé Folclórico da Bahia* estará, hoje e amanhã, a partir das 21 horas, no Teatro Castro Alves, mostrando *Rapsódia Nordestina*, que estreou em 2000, em Atlanta, e percorreu mais de 60 cidades americanas. O espetáculo esteve, também, no Canadá, na América Central e na Europa, e, no ano passado, foi apresentado em quase todos os Estados brasileiros.

"A idéia é mostrar que não é só escola de samba que o Brasil tem. Nesses sete anos de carreira internacional, apresentamos as danças folclóricas do Nordeste, dentro de uma linguagem contemporânea, sem perder as nossas raízes", explica o diretor Walson Botelho, que, para manter um espetáculo absolutamente afinado, conta com uma equipe invejável de profissionais.

Na direção artística está o coreógrafo José Carlos Arandiba, o Zebrinha, e, na direção musical, o músico José Ricardo Souza. Os figurinos e adereços são de Ricardo Biriba, Walson Botelho, Antônio das Graças e Ninho Reis (falecido), este, co-fundador da Companhia.

Coreografando *Boi-Bumbá*, *Xaxado* e *Maracatu Rural*, está Amélia Conrado. *Ginga* e *Afixirê* são de Rosângela Silvestre, coreógrafa formada pela Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia e pela Escola de Dança do Sesc e, atualmente, radicada nos Estados Unidos. O diretor-geral, Walson Botelho, assina *Maculelê*, e, em *Samba de Roda* e *Capoeira*, divide a criação com Zebrinha e os 20 dançarinos que compõem o elenco. Sobre estes, Botelho diz: "Têm uma bagagem técnica que permite uma performance diferenciada da dos demais dançarinos de folclore".

Aproveitando a reapresentação de *Rapsódia Nordestina*, o *Balé* está lançando o *site www.balefolcloricodabahia.com.br*, que contém dados sobre a história e os sucessos da companhia. Este ano, estará lançando, também, um CD e um livro com informações sobre as danças nordestinas que compõem os exuberantes espetáculos.



Xaxado, *coreografia criada por Amélia Conrado*

QUANDO: **HOJE E AMANHÃ, ÀS 21 HORAS**
ONDE: **TEATRO TEATRO CASTRO ALVES (CAMPO GRANDE)**
INGRESSO: **R$ 12 (INTEIRA) E R$ 6 (MEIA)**
TELEFONE: **339-8000**

A TARDE
JANEIRO 2002

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 455 29/04/10 02:53

A TARDE
A TARDE

JANEIRO 2002

2 - Turismo

Salvador, quarta-feira, 24/4/2002

Inauguração do Pestana Bahia Hotel será no dia 2

A inauguração oficial do Pestana Bahia Hotel (antigo Pestana Carlton) será no dia 02 de maio próximo, a partir das 18 horas. Música, folclore e comidas típicas estão no programa do evento que contará com show das cantoras Margareth Menezes (baiana) e Simone de Oliveira (portuguesa) além da apresentação do Balé Folclórico da Bahia. Na oportunidade, será lançada, também, a nova logomarca do empreendimento. Os convidados farão ainda um tour gastronômico pelas cozinhas portuguesa, africana e brasileira.

O Pestana está funcionando em soft oppening desde o dia 15 de novembro. A proposta do grupo foi fazer renascer em Salvador um hotel cinco estrelas que acolhesse bem tantos os baianos como aqueles que visitam a cidade, seja a negócios ou em viagem de turismo e lazer.

O grupo iniciou suas atividades no começo da década de 70, com a abertura do Pestana Carlton Madeira Hotel, na cidade de Funchal, em Portugal. Hoje possui e administra uma cadeia de 22 hotéis na Ilha de Madeira, em Portugal, Moçambique e no Brasil. É considerado o maior grupo hoteleiro português e um dos maiores da Europa.

No próximo dia 30 também estará sendo inaugurado o Pestana Natal Hotel, estilo resort, localizado na Via Costeira da capital potiguar.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 456 29/04/10 02:53



NOVOS DANÇARINOS SURGEM NO PELÔ

reportagem
POR ANA BASTOS
FOTOS: ANDRÉ DE FARIA

A Escola de Balé Folclórico da Bahia existe há quatro anos, no Pelourinho, e tem formado não somente dançarinos, mas principalmente cidadãos. Ela é um antigo sonho do diretor artístico da Companhia, José Carlos Santos, mais conhecido como Zebrinha, cuja idéia inicial era possibilitar renovação do elenco da companhia com o surgimento de novos talentos, já que havia uma dificuldade muito grande nas audições em conseguir novos dançarinos para a companhia. O Balé Folclórico da Bahia (BFB) é a única companhia de dança folclórica profissional do país, sendo criada em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis, e, a partir do próximo ano, irá promover, em conjunto com uma ong internacional, um projeto que irá beneficiar crianças carentes do mundo inteiro para assistirem aulas de dança afro, capoeira e percussão, ministradas durante um mês, na Holanda, por integrantes do balé.

O trabalho na escola possibilitou a formação quase integral da segunda companhia do BFB. Ela se apresenta, há oito anos, diariamente, no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, pelo Projeto Pelourinho Dia & Noite, coordenado pela Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. O cuidado, tanto na sala de aula como no convívio familiar com os alunos, fez com que a Escola do Balé Folclórico da Bahia conseguisse uma proeza: formar, entre quatro a seis anos, dançarinos profissionais, enquanto normalmente isso só acontece entre sete a dez anos.

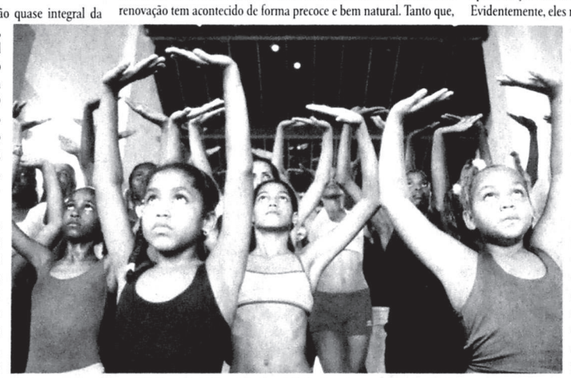
O diretor artístico do BFB, José Carlos Santos, o Zebrinha, reconhece que a companhia proporciona uma condição de vida invejável para o dançarino baiano, porque além de projetá-lo internacionalmente e dar base financeira, oriundos das temporadas fora do país, tem se preocupado em criar um futuro artístico para cada bailarino. Por isso mesmo, além de participarem das turnês no exterior, os integrantes do BFB estão sendo preparados gradativamente para serem assistentes, coreógrafos e professores da escola e terem assim uma nova ocupação quando largarem o palco.

porque, na maioria das vezes, as salas de aulas são utilizadas para ensaio da própria companhia.

Na escola também existe uma preocupação com o futuro. Zebrinha salientou que tem aplicado uma didática própria, baseada principalmente na psicologia da família. "O trabalho é super diferenciado, tanto no tratamento físico, como educativo. Estamos direcionando as pessoas para o que elas têm de aptidão", explicou Zebrinha, que descobriu nos quatro professores da escola a vocação de ensinar novos talentos.

Renovação Garantida

A segunda companhia da BFB é formada, na sua maioria, por ex-alunos da escola. Apenas dois dançarinos, dos 12 homens e oito mulheres, foram selecionados em testes abertos na comunidade. A renovação tem acontecido de forma precoce e bem natural. Tanto que,


Crianças carentes , de 7 a 14 anos, são beneficiadas com a escola

explica que a explosão do axé music, samba-reggae e do pagode, resultou na saida de vários dançarinos da companhia para esses grupos musicais, além de também todos os dançarinos baianos voltarem sua atenção para esse objetivo, porque assim chamariam mais atenção da mídia. A dificuldade em conseguir novos dançarinos acabou determinando a criação da Escola do Balé Folclórico da Bahia. Os pais traziam crianças com cinco anos e perguntavam se tinha aula de pagode. Um trabalho de conscientização foi realizado pelos integrantes do BFB para explicar a essas pessoas que a proposta da escola não era essa.

"Não era uma questão financeira, mas dessas pessoas estarem aparecendo na televisão no programa da Xuxa, de serem idolatrados pela vizinhança e, no balé, elas ficam oito horas ensaiando e as apresentações são sempre em teatros fechados no Brasil e no exterior. Evidentemente, eles não têm a projeção que todo mundo idealiza hoje em dia de ser dançarino ou top model, que é o sonho de consumo dos jovens brasileiros, meninos e meninas", salientou Walson.

Além de receberem aulas de várias técnicas de dança, os alunos da escola e também seus pais recebem uma atenção especial dos integrantes do BFB. São realizadas visitas nas casas das crianças e dos adolescentes. "Esse trabalho que estamos fazendo é diferente de uma escola comum, onde as crianças sabem que têm obrigação de estudar. Nossa atividade implica em muitas coisas como, por exemplo, o preconceito contra o menino. E nós temos uma quantidade enorme de meninos; o que é inédito em Salvador", ratificou Walson. Atualmente, 20% dos alunos são do sexo masculino e o diretor geral da companhia reforçou que um dos meninos era trazido pelo pai, que era carteiro, e acabou virando dançarino depois de assistir a performance do filho em sala de aula.

Trabalho semiprofissional

O curso promovido pela Escola de Balé Folclórico da Bahia é anual. As aulas iniciam em março e vão até a semana anterior do Natal. No final do ano, o BFB promove um festival com apresentações dos alunos da escola, que é totalmente gratuita. Seu público alvo são crianças, a partir de 7 até 14 anos, que moram em diversos bairros carentes de Salvador, embora tenha um menino residente no município de Amélia Rodrigues. Segundo o diretor geral da BFB, Walson Botelho, entre os diferenciais da Escola de Balé Folclórico da Bahia está a realização de aula três vezes por semana (segunda, quarta e sexta), enquanto as academias de dança dão aulas duas vezes por semana. As aulas têm também uma hora e meia de duração, quando, normalmente, elas duram apenas uma hora.

"O trabalho é semiprofissional. Cada dia da semana é trabalhada uma técnica diferente", explicou. A aula pela manhã é repetida no turno da tarde. Entre os professores estão: Nildinha, para dança afro; Rose Soares, para dança moderna; Joilson Lima e Augusto Braga, para dança clássica. A matrícula acontece sempre após o carnaval e as crianças, para continuarem na Escola do Balé Folclórico da Bahia, precisam ser aprovadas em todas as matérias a cada unidade escolar. No primeiro ano a escola atraiu de 20 a 30 crianças. No segundo ano foram 120 crianças e hoje são 100 alunos matriculados, distribuídos em duas turmas, uma pela manhã e uma pela tarde. Apesar de despertar muito interesse da comunidade, a escola não pode atender mais crianças e adolescentes, por falta de espaço. Além de diminuir o número de alunos, também foi revisto esse critério de aulas diárias cinco dançarinos desse segundo elenco estão sendo preparados para ingressar na primeira companhia, que realiza as turnês internacionais. Desde abril, os novos dançarinos, que têm no máximo 16 anos, estão ensaiando toda a coreografia e a expectativa é que, até o final do ano, estejam se apresentando na companhia principal.

De acordo com Walson, em 15 anos de BFB, apenas uma vez teve no seu elenco um dançarino que não era baiano. "Não precisamos apenas de dançarinos, mas de ter a baianidade no sangue, ter o espírito da Bahia, essa espontaneidade; essa alegria é que trabalhamos no palco. É a nossa grande diferença para as outras companhias de dança", ressaltou. O diretor geral lembrou ainda que, apesar do reconhecimento internacional da companhia e de se apresentar no mundo inteiro, o BFB realizou apenas duas temporadas no Brasil, e até hoje não obteve patrocínio. A companhia vive exclusivamente das turnês internacionais e do apoio da Secretaria de Cultura do Estado, através do Projeto Pelourinho Dia & Noite.

O BFB atingiu um alto nível técnico quando contratou como diretor artístico Zebrinha, que vem chamando atenção dos mais exigentes profissionais e críticos da área de dança, ganhando vários prêmios. A companhia conseguiu projeção internacional a partir da primeira apresentação, em 1994, na Bienal de Dança de Lyon (França), e mantém até hoje o título de ser a melhor companhia de dança folclórica do mundo. Com o reconhecimento no exterior, o BFB pôde se estabilizar financeiramente. Antes disso, Walson explicou que, de 1988 até 1994, tinha fechado o balé cinco vezes por falta de recursos para mantê-lo funcionando.

Dançarinos cidadãos

O diretor geral do Balé Folclórico da Bahia, Walson Botelho,

Intimidade familiar

A Escola do Balé Folclórico incentiva ainda a realização de reuniões com os pais, para evitar conflitos entre o que as crianças e adolescentes aprendem na sala de aula e em casa. "Notamos que não podíamos somente formar um elenco para a companhia, mas trabalhar com essas crianças e adolescentes a questão da cidadania e da educação", explica Walson. O conteúdo envolve uma série de pontos, como racismo, preconceito e outros. No início, o ensino era estritamente de dança afro e capoeira, passando para balé clássico, dança moderna, percussão. A escola também começou a realizar seminários internos, trazendo pessoas do mundo das artes para passarem sua experiência. Nesses seminários participam tanto os alunos da escola como os próprios dançarinos da companhia, a fim de que eles saibam que é difícil a vida de um artista, mas também não é impossível ele triunfar.

Para Walson, essa intimidade com a família dos alunos é importante para o futuro deles. "Eles não estão gastando tempo na sala de aula, faz parte de uma experiência de vida. Procuramos conversar usando a linguagem de cada família. É um trabalho cuidadoso, que fica mais com Zebrinha", destacou. Os alunos talentosos recebem tratamento acelerado e individual, sendo levados para ensaiarem junto com o BFB. O diretor geral da companhia garantiu que tudo é feito de forma responsável e sem prejudicar nem a convivência familiar e nem a escola de cada criança.

"Garanto para você que chegamos a ter pessoas formadas com seis meses, se tiverem talento natural, disponibilidade e interesse... Porque não adianta ter só talento. Temos inúmeros talentos nesta terra, mas falta um interesse real de se fazer um trabalho sério. A Bahia ficou muito incensada. Todos somos dançarinos, artistas, músicos. Todo mundo acha que estréia e não nasce e isso prejudica o baiano que é talentoso por natureza", argumentou Walson.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 457 29/04/10 02:53

A TARDE
Caderno 2
SALVADOR, QUINTA-FEIRA, 7/8/2003

A TARDE
AGOSTO 2003

Sem festa de 15 anos

Hoje, o Balé Folclórico da Bahia comemora 15 anos de existência. Um megaprojeto comemorativo foi cancelado por falta de patrocínio.



Maracatu Rural, uma das mais recentes coreografias do Balé Folclórico da Bahia

Uma dança SOCIAL



Afixirê encerra tradicionalmente todas as apresentações do balé

KÁTIA BORGES

Os 40 profissionais que integram o Balé Folclórico da Bahia almoçam juntos hoje, em uma comemoração simbólica dos 15 anos de palco. Mas é o cardápio cultural dos baianos que fica mais pobre, sem uma celebração artística da existência da companhia, a segunda mais antiga do Estado (depois do BTCA) e uma das mais conhecidas fora do País, com agentes em todos os continentes e uma média de seis meses de turnê internacional.

Na gaveta de Walson Botelho, diretor do BFB, repousa um megaprojeto (uma semana de retrospectiva de espetáculos, um livro de fotografias, um CD, o lançamento de uma nova coreografia e uma excursão). Tudo foi cancelado por falta absoluta de patrocinadores. Não que a celebração tenha sido planejada de última hora e perdido a oportunidade de disputar as verbas públicas e privadas, via Lei Rouanet ou FazCultura.

Walson Botelho diz que vem batalhando a realização da comemoração há mais de um ano e obteve o aval das principais leis de incentivo à cultura. "Não conseguimos empresas patrocinadoras no Estado ou fora dele. De acordo com o que ouvimos, toda a verba já estava comprometida ou reservada, devido a pedidos políticos", diz.

RETROSPECTIVA - Na programação comemorativa do Balé Folclórico da Bahia, cada um dos projetos estava orçado em R$ 180 mil, com exceção da turnê nacional, que sairia por R$ 450 mil. De acordo com o planejamento inicial, durante uma semana, o BFB estaria no palco do TCA apresentando ao público *Ginga*, *Mandacaru*, *Xaxado* e *Afixirê*, dentre muitas outras coreografias.

No mesmo local, seria lançado o livro de fotografias da companhia, em edição trilíngue (português, espanhol e inglês), com trabalhos de Marisa Vianna, Isabel Gouvêa e de fotógrafos internacionais, como o australiano Philipe Martin. "O livro é um trabalho de cunho antropológico", explica Walson. Também fazia parte da celebração o lançamento de *Herança Sagrada*, uma nova coreografia, e uma turnê nacional levando a retrospectiva a várias capitais brasileiras.

Há, ainda, o projeto de um CD, com as músicas dos espetáculos da companhia, um dos *souvernirs* mais procurados pelo público que assiste a apresentações do BFB mundo afora. Por conta da comemoração, os profissionais da companhia acabaram tendo prejuízos financeiros, com o cancelamento de dois meses de turnê internacional.

DE FORA PARA DENTRO - Em média, o Balé Folclórico da Bahia passa seis meses percorrendo cidades do mundo inteiro, representando o Estado em eventos como a *Bienal de Lyon*, na França, o *Kuopio Festival*, na Finlândia, ou a inauguração do *New Jersey Performing Arts Center*, nos EUA. "Nossa companhia é sustentada de fora para dentro. No Brasil, recebemos apenas um cachê de R$ 20 mil, pelas apresentações que fazemos no Teatro Miguel Santana, pago pela Secretaria da Cultura do Estado", diz.

Para Walson, tamanho descaso em relação à importância do BFB tem origem no preconceito. "Sinto que há uma grande rejeição pelo produto popular, um sentimento que vai de encontro ao que acontece no mundo todo. Em outros países, as pessoas estão querendo trabalhar suas raízes", argumenta. Agora, Walson Botelho que marcar uma audiência com o ministro da Cultura, Gilberto Gil, e batalhar um patrocínio fixo, a exemplo do que acontece com o Grupo Corpo e a companhia de Deborah Colker. "Creio que ele entende a dimensão do nosso trabalho", acredita.

Retomando as atividades, em direção a mais 15 anos de dança, o BFB tem agenda fechada até 2006, recuperando o tempo, o dinheiro e os aplausos perdidos com a pausa forçada e os efeitos do 11 de Setembro e da Guerra do Iraque. Ainda assim, eles pretendem manter os espetáculos planejados para o TCA. "Mudamos as datas reservadas e já entramos em novo acordo para garantir a pauta, sem prejudicar o teatro. Em janeiro, faremos uma temporada de verão", explica. Ao público, só resta lembrar aquela famosa canção dos *Titãs*: "A gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão e balé...".

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 458 29/04/10 02:53

CORREIO DA BAHIA
DEZEMBRO 2003

Balé Folclórico em missão oficial no Chile

Companhia baiana é convidada pelo presidente do país para temporada e intercâmbio com grupos locais

Fotos./Div./Artur Ikishima





Div./Marisa Vianna



Walson Botelho, diretor do Folclórico: 'Quero mostrar a raiz mais pura da nossa cultura popular'

Doris Miranda

A equipe do Balé Folclórico da Bahia está de malas prontas para passar um Natal e um Reveillon bem diferentes. O grupo embarca amanhã para o Chile, onde faz uma pequena maratona de apresentações a convite do Ministério da Cultura recém-criado daquele país. E vão com tanta moral que viajam no próprio avião presidencial. "Fazer o quê, não é? Vamos aproveitar", brinca Walson Botelho, diretor do balé. As apresentações, quatro ao todo, acontecem em Santiago (sexta-feira e dia 31), com convidados especialíssimos, como o próprio presidente da República, Ricardo Lagos; e em Valparaíso (sábado e domingo), durante as festividades do Carnaval Cultural, uma espécie de desfile alegórico nas ruas da cidade.

"Essa é uma viagem muito especial para o Balé Folclórico, pois é a primeira vez que dançamos num país da América do Sul nesses 15 anos de existência do balé. E vamos a convite do primeiro Ministério da Cultura que se organiza no Chile. Temos mesmo que comemorar a honra", exulta Botelho. A oportunidade surgiu, na verdade, em meados deste ano, quando a atriz chilena Carmen Romero assistiu ao balé no Pelourinho e, de volta ao país natal, escreveu para Walson questionando o diretor sobre a possibilidade de uma temporada no Chile.

Fecharam negócio e, de quebra, o diretor ainda recebeu um outro convite: ajudar na reformulação do Ballet Nacional do Chile, que existe há mais de 50 anos e necessita de novas idéias e coreografias. "Não conheço a companhia, esse é apenas o primeiro contato. Se eles quiserem que eu fique como coreógrafo residente, terei o maior prazer. Já fiz isso em algumas companhias da Bolívia, da Colômbia e do Peru, e o resultado foi maravilhoso", explica ele, anunciando também que o Balé Folclórico da Bahia já tem sede própria. Trata-se do Teatro Miguel Santana, que foi doado pela Secretaria da Cultura e Turismo para a companhia.

Para a temporada chilena, o balé vai levar o espetáculo *Bahia de todas as cores*, o primeiro do repertório do grupo, criado em 1988. Dividido em seis coreografias, o espetáculo resgata o que há de mais tradicional no folclore baiano. "Quero mostrar a raiz mais pura da nossa cultura popular. *Bahia de todas as cores* mostra como o baiano se vê, é um resumo de toda a influência que os africanos deixaram para nós", avalia Walson. O espetáculo mistura diversas referências, como *a* puxada de rede, o maculelê, a capoeira, o samba de roda e até das lendas e danças tradicionais da cultura iorubá, como a Afixirê (dança da felicidade) e a Dança da Origem, inspirada numa antiga lenda sobre a criação do mundo.

Arte e tradição - "O Balé Folclórico é 99% baseado na cultura africana, por isso, escolhemos essa coreografia para viajar. Pegamos os movimentos tradicionais da capoeira e do maculelê, por exemplo, e demos um tratamento artístico, adaptando somente a técnica para o palco. É justamente isso que chama atenção no mundo, o fato de nós conseguirmos manter a tradição da forma mais pura possível", afirma o diretor. Apesar das excelentes críticas mundo afora, o Balé Folclórico da Bahia não tem patrocínio e ainda sofre as conseqüências do ataque terrorista de 11 de setembro ou da Guerra do Iraque. Por causa disso, todas as agendas internacionais da companhia foram canceladas ou estão sob ameaça de cancelamento. "Sem as turnês internacionais, a situação do grupo ficou dificílima. Se não tivéssemos a ajuda do governo do estado, fecharíamos", arremata Walson Botelho.

Elogiado nos Estados Unidos e em vários países da Europa, o Balé Folclórico da Bahia parte para o Chile, amanhã, em avião presidencial

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 459 29/04/10 02:53

Todas as cores no CHILE



Convidado especial do Ministério de Cultura do Chile, o Balé Folclórico da Bahia, criado há 15 anos, faz a primeira turnê por um país da América Latina

EDUARDA UZÊDA

O eletrizante Balé Folclórico da Bahia, única companhia de dança folclórica profissional do País que tem reconhecimento internacional e considerada uma das melhores do mundo, viajou, ontem, para o Chile, onde fará quatro apresentações do espetáculo *Bahia de Todas as Cores* para a Presidência da República, durante as comemorações das festividades de Natal e Ano Novo. Trata-se da primeira turnê que o grupo, criado há 15 anos, faz pela América Latina.

A trupe mais famosa da Bahia, que tem rodado o mundo, com aplausos do público e crítica especializada, é convidada especial do Ministério da Cultura do Chile, que foi formado há apenas três meses, tendo à frente o ministro Eugenio Llona. O grupo, que inicialmente se apresentará em Santiago, também participará, nos dias 27 e 28, do Carnaval Cultural de Valparaíso.

O diretor geral do Balé Folclórico da Bahia, Walson Botelho, Vavá, comemora o reconhecimento do balé. "A festa do Ano Novo será exclusiva para o presidente, ministros e todos os principais nomes da TV, cinema, assim como escritores e artistas daquele país", destaca, complementando que é um presente do Governo aos artistas chilenos.

KNOW-HOW BAIANO – Outra boa novidade é que Vavá Botelho, que também é antropólogo, foi convidado pelo ministro da Cultura do Chile para ajudar na reformulação do Ballet Nacional do Chile. Segundo o ministro Eugenio Llona, a companhia chilena, que existe há mais de 50 anos, está ultrapassada e precisa de novas idéias e coreografias. "Já pensou na responsabilidade? Neste primeiro contato, quero apenas assistir ao balé nacional para depois dar sugestões", pondera.

Para se ter uma idéia da importância que o governo chileno está dando ao Balé Folclórico da Bahia, basta dizer que o grupo viajou em um avião presidencial do Chile, que veio a Salvador especialmente para buscar os integrantes do grupo - 35 pessoas ao todo, entre bailarinos, músicos, técnicos, cantores, além dos diretores geral e artístico do Balé, Vavá Botelho e José Carlos Santos, o Zebrinha, respectivamente.

O espetáculo *Bahia de Todas as Cores*, que será mostrado pela primeira vez aos chilenos, é o primeiro criado pelo grupo, em 1988, aclamado nos EUA e na Europa. É formado pelas coreografias *Dança de Origem*, de Augusto Omolu, que fala da criação do mundo, na visão iorubá; *Puxada de Rede*, que destaca a manifestação dos pescadores e seu culto a Iemanjá; *Maculelê* , que conta a história da dança dramática que teve origem nas plantações de cana-de açúcar do Recôncavo baiano; *Samba de Roda*, que enfoca as primeiras manifestações do samba nacional. Todas de Vavá Botelho.

CULTURA AFRO – Integram, ainda, as coreografias, *Capoeira* (Vavá Botelho), que enfatiza a luta de origem africana trazida ao Brasil pelos escravos africanos, enfatizando os dois tipos mais conhecidos: a de angola e a tradicional; e *Afixirê* (Rosângela Silvestre), que retrata as diversas manifestações da cultura africana no Brasil e na Bahia. Com esta coreografia, o Balé Folclórico da Bahia ganhou o Prêmio Fiat nacional.

Vavá Botelho conta que o namoro com o Chile teve início quando, há três anos, a atriz chilena Carmen Romero veio assistir a um espetáculo do grupo, no Pelourinho. A atriz, que hoje trabalha com produção, organizando festas de fim de ano dos altos escalões do governo, sugeriu então ao presidente da República do Chile, Ricardo Lagos, a apresentação do Balé Folclórico.

"Ela me falou isso no meio do ano, e a partir daí os contatos foram se intensificando. A princípio só estava agendada a apresentação em Santiago, no Natal, mas depois foi marcado o Carnaval Cultural de Valparaíso, que acontece nos dias 27 e 28 de dezembro, com desfile de carros alegóricos e corsos. Com a apresentação do Balé Folclórico da Bahia, pela primeira vez será exibido um espetáculo em um palco", exulta.

A TARDE
DEZEMBRO 2003

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 460 29/04/10 02:54

A TARDE
DEZEMBRO 2003

Manifestações populares

O Balé Folclórico da Bahia, conhecido pelo vigor e técnica indiscutível, foi criado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis. Desde então, apresenta um significativo currículo de atividades, especialmente turnês nacionais e internacionais, acumulando diversos prêmios, além de um considerável prestígio.

As manifestações populares do dia-a-dia do povo baiano e brasileiro são tópicos de pesquisa da companhia, através da dança, música e aspectos cênicos que compõem os espetáculos.

A 1ªcompanhia é integrada por 40 pessoas, entre bailarinos, diretores, músicos, cantores e técnicos, e é quem faz as turnês internacionais. A 2ª companhia se apresenta há oito anos no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, pelo projeto *Pelourinho Dia & Noite*, visando, principalmente, o turista estrangeiro e de outros estados brasileiros.

Funcionando em regime integral de oito horas de trabalho por dia, os bailarinos do Balé Folclórico da Bahia recebem as mais variadas orientações em técnicas de dança, música e teatro.

Sob a direção artística de José Carlos Santos (Zebrinha) desde 1993, a companhia atingiu um nível técnico que vem sendo alvo de atenção dos mais exigentes profissionais e críticos da área de dança, que lhe valeu, inclusive, um prêmio pelo desempenho de seu elenco durante 1996: o Prêmio Mambembão, oferecido pelo Ministério da Cultura, à melhor preparação técnica de elenco no país, naquele ano.

De 1988 até 1993, embora elogiado, o Balé Folclórico da Bahia ainda não tinha saído do país. Com a apresentação na Bienal de Dança de Lyon, em 1994, os caminhos foram abertos para as constantes turnês internacionais da companhia, que se consagrou, definitivamente, como uma das mais importantes e atuantes da atualidade. Recentemente, a companhia conseguiu do governo o Teatro Miguel Santana como sede própria. A festa de reinauguração será no início do próximo ano.



ARTHUR IKISHIM



Entrega das chaves

A TARDE
AGOSTO 2004

O Balé Folclórico da Bahia, ocupante de fato do Teatro Miguel Santana, passa também a ser seu dono de direito

A TARDE

NEYSE LIMMA

Os 72 bailarinos e as dezenas de crianças carentes que recebem aulas gratuitas de dança e capoeira do Balé Folclórico da Bahia não terão mais que se dividir entre três endereços alugados em três quarteirões diferentes do Pelourinho. A partir de segunda-feira, o Teatro Miguel Santana, ocupado de fato pela companhia desde 1996, passa também a ser seu de direito, graças a uma doação do governo do Estado. Uma versão *pocket* do novo espetáculo da companhia será apresentada, às 19 horas, apenas para convidados, marcando marcando a ocasião.

"Teremos uma sala de aula como nunca imaginamos, com 14m x 12m, com piso emborrachado, para absorver o impacto dos saltos, barras, espelhos e vestiários", comemora Walson Botelho, coreógrafo e fundador da companhia, que existe há 16 anos. A capacidade da casa, para 100 assistentes, não foi ampliada, mas as arquibancadas "meio mambembes" foram substituídas por estruturas metálicas e o palco, que antes era de compensado e exigia reformas constantes, por causa do impacto saltos, foi trocado. Além foram colocadas cortinas, construídas coxias, seis camarins e até uma pequena lojinha de *souvenirs* no *foyer*.

ARTHUR IKISHIMA/ARQUIVO A TARDE (4/8/98)



O Balé Folclórico da Bahia se prepara para três meses de apresentações na Europa e Estados Unidos

A obra demorou 17 meses para ficar pronta. "Inicialmente, ele seria fechado apenas dois meses, para pequenas reformas", diz Botelho. Ele conta que, no último dia 7, aniversário de fundação do balé, a Secretaria de Cultura e Turismo fez a doação, propondo-se também a bancar a revitalização do espaço. "Fizeram 80% do que foi pedido e ficou ótimo – o resto a gente vai arrumando aos poucos", diz Botelho. O coreógrafo acredita que, com a transformação do balé em fundação, em janeiro passado, vai ficar mais fácil obter apoios e patrocínios.

O Balé Folclórico da Bahia, cuja direção artística é de José Carlos Santos, o Zebrinha, é dividido em duas companhias. A primeira, com 40 integrantes, entre bailarinos, músicos e cantores, se dedica apenas a apresentações fora da Bahia. A segunda, com 32 pessoas, é a que se apresenta de segunda a sábado no Miguel Santana, há nada menos que oito anos.

A divisão se explica pela atividade intensa da companhia desde 1992, quando fez sua estréia internacional no *Festival de Alexanderplatz*, em Berlim, para um público de mais de 50 mil pessoas. Depois, fez várias pequenas turnês pela Europa, até ser convidada para participar da *Bienal de Dança de Lyon*, na França, um dos mais importantes eventos do gênero no mundo. A apresentação abriu caminho para outras turnês internacionais pela América do Norte, América Central e Austrália. Agora mesmo, a primeira companhia se prepara para três meses de show entre Estados Unidos e Europa, e sua agenda está programada até o final do ano que vem.

Os espetáculos itinerantes, apresentados em grandes salas, são geralmente mais longos e complexos que os da segunda companhia, que estão sujeitos às limitações do Miguel Santana em relação a espaço e condições técnicas. Na cerimônia de hoje, uma versão condensada de 15 minutos da nova coreografia da casa será apresentada aos presentes.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 461 29/04/10 02:54

A TARDE

Sete dias

setedias@atarde.com.br

Therezinha Cardoso

Da Bahia, para o mundo

Parece pomposo mas não é. O Balé Folclórico da Bahia (BFB) teve que consolidar o prestígio no exterior para, depois, abrir as portas dos poderosos locais. Isso explica por que o professor Edvaldo Brito, presidente da fundação que agora abriga o balé, disse em discurso que, preciso fosse, "agradeceria de joelhos ao governador Paulo Souto a decisão de dar uma sede própria ao BFB". E o governador garantiu, dia 23, na reinauguração do Teatro Miguel Santana, que o governo está com o balé e não abre. Viu-se, a seguir, a riqueza do espetáculo montado por dois sonhadores – Vavá Botelho, diretor internacional, e Zebrinha, o coreógrafo dos melhores ritos da negritude, das divindades dos terreiros, em guarda-roupa estampado na mama África, um caleidoscópio de cores delirantes. Na platéia, uma personalidade internacional – senhora Hellen Lahti, canadense de Toronto, apaixonada por nosso balé desde 1996, empossada como membro do conselho da fundação. E, sintam: ela pertence à família proprietária da maior empresa de energia do Canadá, a Storey Group, transita livremente no mundo rico e cultiva, desde a infância, a amizade da família real britânica. É mole? O BFB entra no novo palco a partir de amanhã. Fiquem de olho no emocionante *pas-de-deux* feito por Ísis Paula e Reinaldo Pepe, ao som do berimbau de Fábio, o bruxo de uma corda só.

A TARDE

AGOSTO 2004

A TARDE

SETEMBRO 2004

A TARDE

CADERNO 2

Sete dias

setedias@atarde.com.br

Therezinha Cardoso

Entrelinhas

✓ Semana passada, pela primeira vez, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) apresentou-se na Itália, onde vivem e dançam mais de 50 de seus ex-bailarinos. Nas coxias, trocando saudades, foi aquele chororô depois das palmas da platéia. Mal arriou as malas, Walson Botelho, diretor do BFB, atendeu ao desejo do embaixador americano John Danilovitch, que desejava ver o espetáculo tão louvado nos Estados Unidos. E viu, cercado de autoridades locais.

A TARDE

Sete dias

setedias@atarde.com.br

Therezinha Cardoso

Deslancha, Bahia!

Antes de embarcar para os Estados Unidos com um corpo de baile especialmente direcionado aos espetáculos itinerantes (agora, dois meses em turnê), o Balé Folclórico da Bahia (BFB) abriu seu palco para mostrar a convidados especiais as coreografias destinadas aos gringos. De segunda a quinta última, felizes convidados de Vavá Botelho e de Zebrinha, o diretor artístico de nossos ritos, vibraram de emoção. Entre eles: Grace e Victor Gradin, Heather McLane Marques e Gabriel Marques, Cristina Franco, Pedro Paulo Bastos e... chega! É importante frisar: a maior parte dos bailarinos do BFB permanece aqui, em cartaz, no Teatro Miguel Santana, no Pelô, arrancando palmas de baianos e turistas.

A TARDE

AGOSTO 2004

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 462 29/04/10 02:54

A TARDE
Sete dias
setedias@atarde.com.br
Therezinha Cardoso

Entre cinco bambas

Amanhã, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) volta da consagrada turnê americana e marcha direto para São Paulo, onde vai receber o Prêmio Varig, concedido na rubrica Cinco Melhores Idéias Existentes no País. Com 16 anos de existência, o BFB estará lado a lado da Fiocruz, também premiada por seu projeto de amamentação, por meio do Banco de Leite, idéia melhor da instituição neste 2004. Além do prêmio local, outro, na reportagem de Jack Anderson, do The New York Times, em que nossos bailarinos ganham duas fotos e honras de *performers* sonhados pelo Radio City Music Hall.

A TARDE
OUTUBRO 2004

A TARDE
OUTUBRO 2004

A TARDE
Sete dias
setedias@atarde.com.br
Therezinha Cardoso

Glória total

Críticas maravilhosas dos jornais texanos saudaram o Balé Folclórico da Bahia (BFB) nas primeiras apresentações do tour americano. Em Houston, no palco do teatro Johnny's Hall, lotada a platéia de 3.350 lugares, vários brasileiros entraram em delírio, entre eles, a senhora Cláudia Carrera, chefe do protocolo do governo do Texas, representando as autoridades da área cultural. Na primeira fila, duas personalidades: a biliardária canadense Helen Lahti, que (como integrante da Fundação que embasa o balé de sua paixão) veio de Toronto para a noite de estréia; a seu lado, Tim Fox, presidente da Columbia Artists, patrocinadora do espetáculo.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A TARDE
NOVEMBRO 2004



A TARDE NACIONAL CURTAS

Balé baiano

O Brasil exótico do Balé Folclórico da Bahia continua fazendo fãs mundo afora. Em turnê pelos Estados Unidos, o grupo baiano de dança ganhou uma crítica elogiosa na edição do "New York Times". O crítico Jack Anderson usou muitos adjetivos positivos para falar sobre a estréia de "Brazilian Rhapsody", na última quinta-feira, no Symphony Space, na Broadway, em Nova York.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CORREIO DA BAHIA
NOVEMBRO 2004

CRÍTICA POSITIVA

O Balé Folclórico da Bahia, que está em turnê pelos Estados Unidos, foi elogiado pelo crítico Jack Anderson, do jornal *The New York Times*, em artigo publicado na segunda-feira. Para Andersen, *Brazilian rhapsody*, que estreou semana passada na Broadway (Nova York), é uma explosão de imagens e sons que permanece inabalável por duas horas. "A destreza acrobática dos dançarinos era incrível", derramou-se.

Div./Marisa Vianna

Balé Folclórico da Bahia: elogios no 'New York Times'



BOOK 20 ANOS BFB.indd 464 29/04/10 02:54

Informativo – **Rodolpho Tourinho**

Assessoria de imprensa



Tourinho visita a sede do balé

O senador Rodolpho Tourinho visitou a sede do Balé Folclórico da Bahia, no Pelourinho, para levar a notícia que emenda de sua autoria à Lei Orçamentária vai destinar recursos à companhia de teatro baiana. O senador foi recebido pelo diretor-geral do Balé Folclórico, Walson Botelho, o Vavá, um dos seus fundadores.

O senador Tourinho é um entusiasta do Balé desde o tempo em que estava à frente da Secretaria de Fazenda da Bahia, quando desenvolveu um trabalho para que o Balé Folclórico superasse dificuldades que ameaçavam a sua continuidade.

Durante sua visita, o senador Tourinho recordou que a primeira vez que teve oportunidade de assistir ao balé sentiu "orgulho por eles e o orgulho também de ser baiano". "Desde então passei, efetivamente, a buscar ajudá-los de todas as formas possíveis, dentro das possibilidades do Estado e, agora, com o meu mandato no Senado".

O Balé Folclórico da Bahia foi criado em 1988 pelo atual diretor da companhia Walson Botelho e por Ninho Reis. A companhia é composta por 38 integrantes, entre dançarinos, músicos e cantores e tem funcionado em regime integral de seis horas de trabalho diário. O balé já formou mais de 500 bailarinos e bailarinas espalhados hoje pelo mundo e goza de prestígio nacional e internacional. Desde a sua estréia o Balé Folclórico tem recebido prêmios, elogios e críticas favoráveis.

Balé Folclórico, patrimônio cultural do povo da Bahia

Durante o ano de 2004, o senador Rodolpho Tourinho teve uma emenda individual à Lei Orçamentária aprovada pelo Congresso Nacional que destina recursos ao Balé Folclórico da Bahia, única companhia de dança folclórica profissional do País que goza de prestígio nacional e internacional. O Balé Folclórico já recebeu inúmeros prêmios e participou de inúmeras turnês nacionais e internacionais.

Em agosto passado, numa demonstração de sensibilidade do governador Paulo Souto, foi doado em definitivo ao Balé Folclórico o Teatro Miguel Santana, localizado no Pelourinho, centro cultural e turístico de Salvador. Trata-se, portanto, de um patrimônio Cultural do Estado da Bahia que, desde agosto, passou a ter endereço certo em um dos locais mais visitados.

O Balé Folclórico da Bahia foi criado em 1988 pelo atual diretor da companhia Walson Botelho, o Vavá, e por Ninho Reis. A companhia é composta por 38 integrantes, entre dançarinos, músicos e cantores e tem funcionado em regime integral de seis horas de trabalho diário. O balé já formou mais de 500 bailarinos e bailarinas.

O senador Rodolpho Tourinho recorda que a companhia passou por alguns momentos difíceis, como a maioria dos movimentos culturais neste País, que levaram ao seu quase fechamento. Mas o empenho de muitos e o reconhecimento de sua importância para a cultura afro-baiana levaram a instituição a resistir. E hoje ela goza de grande prestígio nacional e internacional, refletindo na resposta do público e também da crítica especializada.

Histórico – Desde a sua estréia o Balé Folclórico da Bahia vem colecionando prêmios, elogios e críticas favoráveis à sua atuação. No ano de 1992, fez sua estréia internacional no renomado festival da Alexander Platz, em Berlim, para um público de mais de 50 mil pessoas. Foi convidado a participar da Bienal de Dança de Lyon, na França, considerado o mais importante evento do gênero no mundo.

O enorme sucesso das apresentações, em Lyon, no Auditorium Maurice Ravel, foi motivo para a primeira crítica de página inteira no jornal *The New York Times*, que considerou o Balé Folclórico da Bahia, entre as diversas companhias dos quatro continentes presentes no festival, como a que melhor exemplificava a temática do evento, que era a Mama África.

A Bienal de Dança de Lyon abriu caminho para as constantes turnês internacionais da companhia que se consagrou como uma das mais importantes e atuantes companhias de dança do mundo na atualidade.

Com a chegada do sucesso, realizou novas turnês nas Américas do Norte e Central, Europa e Austrália, tendo se apresentado nos mais prestigiados palcos dos Estados Unidos, da França, do Canadá, da Suíça, da Alemanha, de Portugal, da Finlândia, da Suécia, da Dinamarca, entre outros. No Brasil, em 1996, recebeu o "Prêmio Mambembão, oferecido pelo Ministério da Cultura".

Assessoria de imprensa



INFORMATIVO RODOLPHO TOURINHO

ABRIL 2005

A TARDE

Sete dias setedias@atarde.com.br

Therezinha Cardoso

Entrelinhas

✓ Dia 19, o Balé Folclórico da Bahia estréia sua *Sinfonia Nordestina* e será honrado com presenças ilustres: o governador Paulo Souto, o prefeito João Henrique e o senador Rodolpho Tourinho. Walson Botelho será o anfitrião da noite coreografada em gala colorida e música de raiz.

A TARDE

AGOSTO 2005

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 465 29/04/10 02:54

19 E 20 DE AGOSTO · 21h · TCA

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA



Rapsódia NORDESTINA

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

CORREIO DA BAHIA
AGOSTO 2005

GENTE

Maria Luísa Brígido

ZOOM SOCIAL





•O Balé Folclórico da Bahia, dirigido por Walson Botelho, comemora seus 17 anos de sucesso com a reapresentação do Balé *Rapsódia nordestina*, sexta e sábado, no TCA.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 466 29/04/10 02:54

FOLHA DA BAHIA

CORREIO DA BAHIA

Salvador, quinta-feira, 18 de agosto de 2005

FOLCLORE

Fragmentos da cultura nordestina

Osmar Martins

Apresentado apenas duas vezes no Teatro Castro Alves, em 2001, o espetáculo *Rapsódia nordestina*, com o Balé Folclórico da Bahia, volta a cartaz amanhã e sábado, às 21h, comemorando os 17 anos de fundação da companhia, os dez anos de apresentações no Teatro Miguel Santana e um ano da doação da sede própria, feita pelo governo do estado.

Dividido em oito coreografias, *Boi-bumbá*, *Xaxado*, *Maracatu*, *Ginga*, *Afixirê*, *Samba-de-roda*, *Capoeira* e *Maculelê*, assinadas por Rosângela Silvestre, Amélia Conrado, Walson Botelho e Zebrinha, o espetáculo leva para o palco as tradições populares do Norte e Nordeste com influência portuguesa e indígena, além, é claro, da forte presença africana. Desse modo o Balé foi buscar a inspiração no Amazonas, Maranhão, Pernambuco e Paraíba. Durante as pesquisas, foram descobertos os paralelos entre as manifestações desses estados e os festejos do interior baiano.

"*Rapsódia nordestina* foi montado em 2001, com o objetivo de comemorar os 15 anos do Balé Folclórico (em 2003) dentro de um projeto que incluía uma turnê nacional, um livro de fotografias e a gravação de um CD. Como a gente não conseguiu patrocínio, o projeto não vingou, só me restou apresentar o espetáculo no exterior. Na volta, com o dinheiro que ganhei na turnê, banquei as apresentações no TCA, como uma maneira de atenuar a frustração de não conseguir concretizar o projeto". A revelação é do criador e diretor geral do Balé Folclórico, Walson Botelho.



No palco, os 24 bailarinos se revezam nas coreografias pontuadas pela percussão de Alcides Morais, André Souza, Fábio Santos, Joel Souza, José Ricardo Souza; o trombone de Renato Cavalcanti, trompete de Val Souza, teclado e acordeom de Zelito Bezerra, baixo de Nino Bezerra, saxofone, sax e flauta de Ricardo Sibalde e o canto de Dora Santana e Miralva Couto. Zebrinha assina a direção artística e José Ricardo Souza a direção musical.

Mantendo a tradição de excursionar pela Europa e Estados Unidos sempre no primeiro semestre, o Balé Folclórico ensaia sua nova coreografia para estrear em 2006. "Com três anos de antecedência estamos montando um megaprojeto para comemorar 20 anos em 2008. Quero fazer uma festa tão bonita quanto a que fiz quando completamos dez anos e espero que dessa vez eu possa, enfim, lançar o livro e o CD", antecipa Walson.

'Rapsódia nordestina': espetáculo que celebra 17 anos do Balé Folclórico da Bahia será apresentado amanhã e sábado, no TCA

FICHA

Espetáculo: *Rapsódia nordestina*
Atração: Balé Folclórico da Bahia
Data: amanhã e sábado
Local: Teatro Castro Alves
Horário: 21h

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 467 29/04/10 02:54

A TARDE

Sete dias

Therezinha Cardozo

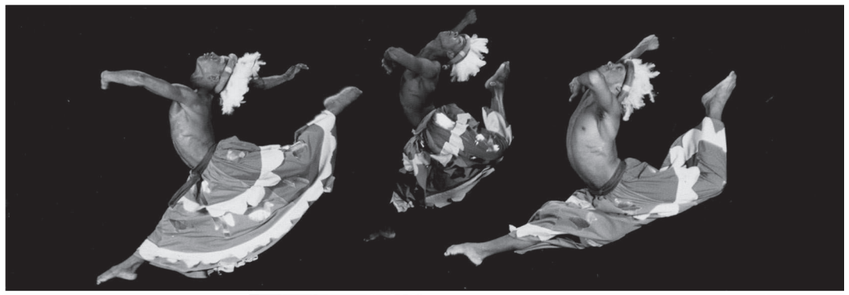
✔ Aos que acreditaram no Balé Folclórico da Bahia, como Walson Botelho e sua equipe de palco, palmas, bravos e hosanas nas alturas. Dois dias de sucesso no TCA, sexta e ontem. Logo mais, pé no mundo onde moram os dólares e os euros.

A TARDE
AGOSTO 2005

SALVADOR, SEXTA-FEIRA, 19/8/2005

Dança de raiz

Espetáculo do Balé Folclórico da Bahia mostra as ricas manifestações populares das regiões Norte e Nordeste no TCA



A montagem *Rapsódia Nordestina* comemora os 17 anos da companhia, que fez turnê por mais de 60 cidades dos Estados Unidos e na Europa

EDUARDO LUZÊDA

Depois de uma única apresentação em Salvador, há dois anos, o espetáculo *Rapsódia Nordestina* do Balé Folclórico da Bahia, volta a mostrar as tradições populares do Norte e Nordeste, hoje e amanhã, às 21 horas, no palco do Teatro Castro Alves. Composta por oito coreografias – *Boi-bumbá, Xaxado, Ginga, Maracatu rural, Maculelê, Samba-de-roda, Capoeira* e *Afixirê* –, a montagem tem direção geral de Walson Botelho.

As apresentações deste final de semana acontecem após a bem-sucedida turnê pelos EUA (mais de 60 cidades) e pela Europa (França, Itália e outros países) e com uma razão *pra* lá de especial: comemora os 17 anos da companhia e os 10 anos de apresentações do Balé Folclórico da Bahia no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho.

Botelho acentua que, sem desprezar a presença africana na cultura baiana, o grupo, criado em 1988, pela primeira vez, em 17 anos, foi buscar em Estados como Amazonas, Maranhão, Pernambuco e Paraíba, manifestações com forte traço português e índígena para tentar desenhar um painel mais amplo da cultura do Nordeste.

PESQUISAS PARALELAS – Ainda segundo Botelho, as pesquisas feitas mostraram paralelos entre manifestações de outros Estados e festejos do interior baiano. "Assim foi feita a associação entre o bumba-meu-boi maranhense e cearense com o boi-bumbá amazonense e o Rancho do Boi, encontrado em cidades baianas como Vitória da Conquista. No espetáculo predomina a versão amazonense devido à riqueza de personagens míticos e à beleza das cores.

O xaxado também é apresentado aos baianos "para mostrar que, apesar de ser associado a tradições da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, também está presente no interior baiano". Já *Ginga é* o nome de coreografia de Rosângela Silvestre, que tem base o folclore baiano e mostra a influência cultural africana. "Mostra uma visão bem contemporânea e, entre outras manifestações, apresenta candomblé, capoeira e samba-de-roda", frisa.

"O maracatu rural, típico de Pernambuco, encontrou um correspondente baiano no Maracatu dos Caboclos de Lança", diz, acrescentando que se trata de um cortejo que mostra a coroação de reis africanos. Em seguida, seguem-se as apresentações de maculelê, samba-de-roda e capoeira. No final, é apresentada a coreografia *Afixirê* (em ioruba, quer dizer dança da felicidade), carro-chefe da companhia, que traça um rico painel da cultura afro na cultura baiana.

QUEM É QUEM – José Carlos Arandiba assina a direção artística e José Ricardo Souza, a direção musical. A assistência de coreografia ficou a cargo de Nildinha Fonseca e Reinaldo Pepe. E as coreografias propriamente são de Amélia Conrado (*Boi-bumbá, Xaxado* e *Maracatu*), Rosângela Silvestre (*Ginga* e *Afixirê*) e Walson Botelho, José Carlos Arandiba e da companhia (*Samba-de-roda* e *Capoeira*). Os figurinos e adereços são de Ricardo Biriba, Antônio das Graças, Ninho Reis e Walson Botelho. Já a iluminação é de Marcos Souza e Tiê Valente.

Participam da *Rapsódia Nordestina,* os bailarinos Adeilton Ribeiro, Arismar Júnior, Cristiane de Jesus, Dalila Leal, Darlan de Jesus, Edileuza dos Santos, Edvam Lima, Erivan Souza, Gustavo Caldas, Ibersson Dórea, Janete Santana, Jean Salomão, Jeferson Conceição, Letícia Cardoso, Luciano Souza, Marcelo Bonfim, Nildinha Fonseca, Priscila Vaz, Reinaldo Pepe, Rose Soares, Rosenildo Moreira, Sidinei Leite, Slim Melo e Vanessa Carvalho.

SERVIÇO

***Rapsódia Nordestina*, com o Balé Folclórico da Bahia**
- Hoje e amanhã, 21h
- Teatro Castro Alves (3339-8014)
- Pça. Dois de Julho, s/n, Campo Grande

A TARDE
AGOSTO 2005

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

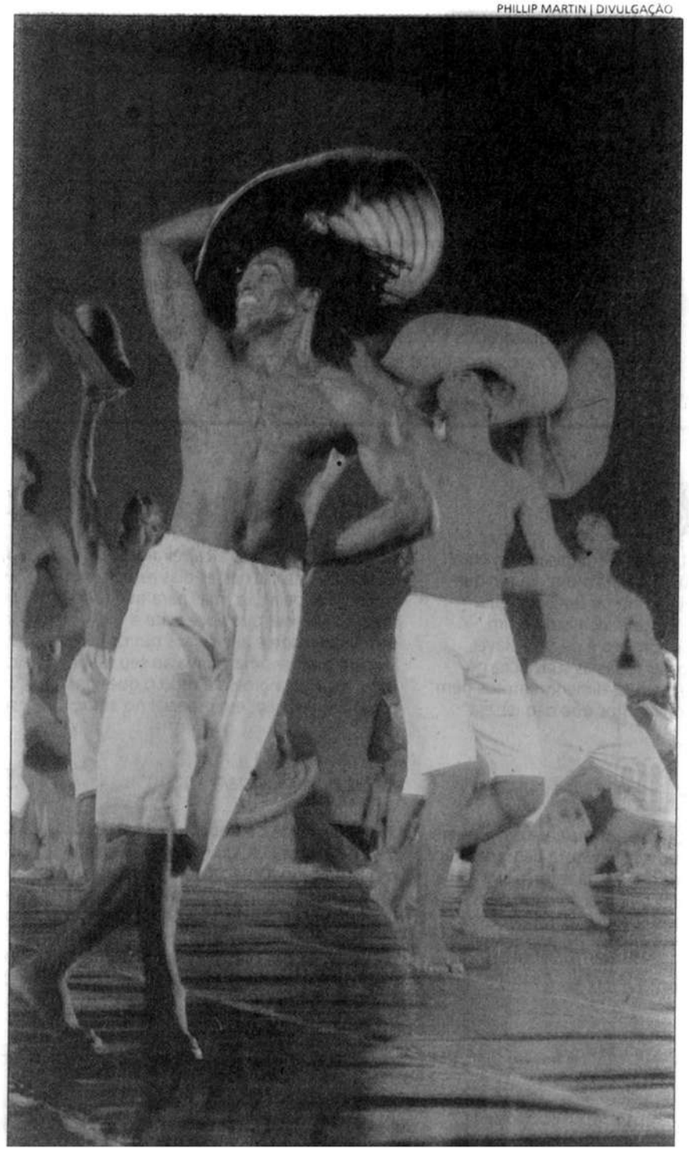
BOOK 20 ANOS BFB.indd 468 29/04/10 02:55

Agende-se

A TARDE

A dança vigorosa do Balé Folclórico

PHILLIP MARTIN | DIVULGAÇÃO



O Balé Folclórico da Bahia tem reconhecimento internacional

EDUARDA UZÊDA

Os dançarinos do Balé Folclórico da Bahia estão a todo vapor. Não é para menos. Eles vão subir ao palco do Teatro Castro Alves, nos próximos dias 23 e 24 de agosto, para comemorar os 20 anos da companhia, que tem conquistado, a cada dia, mais prestígio no país e no exterior.

Mas quem quiser conferir a dança vigorosa e o apuro técnico dos dançarinos pode agendar a apresentação do grupo no Teatro Miguel Santana, de hoje a sábado (com exceção da terça), às 20 horas.

Ali, o grupo continua apresentando a dança que alia as raízes da cultura regional da Bahia ao estilo de movimentos contemporâneos, com coreografia de Zebrinha.

Walson Botelho, diretor e fundador da Cia, antecipa que o espetáculo comemorativo do Teatro Castro Alves será dividido em duas partes.

Nos primeiros 40 minutos, o balé abre a noite com a coreografia *Sagração*, uma releitura de *Sagração da Primavera*, de Igor Stravinsky.

"Na segunda parte, será apresentado um compacto de todas as coreografias montadas ao longo das duas décadas do Balé", destaca Walson.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA | I
Seg a sáb, 20h (exceto às terças-feiras) | Teatro Miguel Santana (3322-1962) | R. Gregório de Mattos, 49, Centro Histórico | R$ 25.

A TARDE
JULHO 2008

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 469 29/04/10 02:55

A TARDE

EDUARDA UZÊDA

O Balé Folclórico da Bahia apresenta, amanhã, às 20 horas, no Teatro Castro Alves, o espetáculo *Bahia de Todas as Cores*, que trata das manifestações culturais da Bahia. A apresentação marca as comemorações dos 19 anos da única companhia de dança folclórica profissional do país e integra as festividades dos 95 anos de nascimento do escritor Jorge Amado.

O diretor do Balé Folclórico da Bahia, Walson Botelho, informa que a apresentação não é aberta ao público, só para convidados.

"O espetáculo *Bahia de Todas as Cores*, foi o primeiro espetáculo montado pelo Balé há 19 anos. Foi o primeiro a ser levado em nossas turnês nacionais e internacionais, fazendo com que o Balé ganhasse notoriedade e fama mundial", acrescenta o diretor.

O balé, que tem a duração de uma hora e 20 minutos, mostra coreografias de puxada de rede, maculelê, samba de roda e capoeira, de Walson Botelho; além da *Dança de Origem*, de Augusto Omolú, e *Afixirê*, de Rosângela Silvestre. "Este espetáculo continua sendo exibido nas turnês da companhia, principalmente nos locais onde o Balé vai se apresentar pela primeira vez, por ser o espetáculo que melhor mostra as manifestações folclóricas do nosso Estado. Pode ser considerado um cartão postal da cultura popular baiana", frisa.

DANÇA DA ALEGRIA – Ainda segundo Walson Botelho, a *Dança da Origem* trata da criação do mundo na visão iorubá e o *Afixirê*, que em iorubá significa dança da alegria, faz uma homenagem a todos os países africanos que, de alguma forma, influenciaram culturalmente o Brasil e a Bahia.

"*Pra* gente é uma honra participar das comemorações em homenagem aos 95 anos do escritor Jorge Amado. Nas nossas coreografias, personificamos a Bahia de Jorge Amado", acentua Walson Botelho, que destaca a excelente performance dos bailarinos formados pelo balé, alguns atualmente trabalhando em companhias consagradas fora do País.

O Balé Folclórico da Bahia, criado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis, além de vários prêmios, tem colecionado críticas positivas nas turnês internacionais. Funcionando em regime integral de seis horas de trabalho por dia, os 38 integrantes da companhia – entre dançarinos, músicos e cantores – recebem as mais variadas orientações em técnica de dança, música e teatro. Em 1996, recebeu o *Prêmio Mambembão*, do Ministério da Cultura, como a melhor preparação técnica de elenco no País.

FALTA APOIO – Walson ressalta que "as nossas audições são bastantes concorridas, mas nem todos que passam se adaptam ao nosso ritmo de trabalho. Temos aulas de balé clássico, dança moderna, dança afro e capoeira. É um regime intensivo, que exige muito do bailarino".

Com uma agenda programada até o ano de 2009, o Balé Folclórico da Bahia ainda possui uma segunda companhia que realiza espetáculos diários, há 12 anos, no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, atendendo, principalmente, ao turista estrangeiro e de outros estados brasileiros.

E Walson Botelho informa que, para 2008, nas festividades de 20 anos do Balé Folclórico da Bahia, será apresentado um espetáculo que tem o título provisório de *Herança*. "Queremos resgatar a africanidade do povo baiano, mostrando danças africanas legítimas, as influenciadas pelo candomblé e as mais atuais", comemora.

Enquanto isso, o Balé, que traz no repertório espetáculos destacados, como *Obaxirê* e *Rapsódia Nordestina*, continua com as turnês internacionais. "A dança da Bahia precisa de uma maior valorização. Há uma falta de apoio generalizado tanto por parte dos poderes públicos como da iniciativa privada. Diferente de outras regiões do País, as companhias do Norte e o Nordeste sofrem com a falta de apoio e incentivo"", finaliza.

BAHIA DE TODAS AS CORES | Amanhã, 20 h | Teatro Castro Alves (3339-8014) | Pça. Dois de Julho, s/n, Campo Grande | Só para convidados

Bahia de Todas as Cores é o nome do espetáculo mostrado pelo Balé Folclórico da Bahia, amanhã, às 20 horas no Teatro Castro Alves

A apresentação marca as festividades de 19 anos do Balé Folclórico da Bahia e dos 95 anos de nascimento do escritor Jorge Amado. No palco, várias manifestações culturais brasileiras



DANÇA | O espetáculo *Bahia de Todas as Cores* traz à cena o Balé Folclórico da Bahia, amanhã às 20h, no Teatro Castro Alves

O Dança de todas as cores

O Balé Folclórico da Bahia, única companhia de dança folclórica profissional do País, comemora agora 19 anos de atuação, ao longo dos quais vem colecionando críticas positivas em inúmeras turnês internacionais

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

A TARDE
AGOSTO 2007

BOOK 20 ANOS BFB.indd 470 29/04/10 02:55

CORREIO DA BAHIA
AGOSTO 2008



BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 471 29/04/10 02:55

A TARDE SALVADOR, SEXTA-FEIRA, 22/8/2008 | CADERNO 2 |

DANÇA | O Balé Folclórico da Bahia comemora 20 anos com coreografia inédita e compacto de montagens do repertório

Linguagem afro-brasileira

EDUARDA UZÊDA

"Eu acredito que o Balé Folclórico da Bahia revitalizou a linguagem afro-brasileira, não só na Bahia, mas em todo o mundo. O Balé valorizou esta linguagem, que sofria muitos preconceitos e discriminação". A declaração é de Walson Botelho, o fundador e diretor do Balé Folclórico da Bahia, que comemora 20 anos.

E para marcar a data comemorativa, o balé apresenta, no Teatro Castro Alves, amanhã (para convidados) e domingo (para o grande público), às 20 horas, a inédita *Sagração*, releitura da obra do compositor Igor Stravinsky, com duração de 40 minutos e linguagem própria da companhia, reconhecida internacionalmente.

Mas a festa não pára por aí. Depois de um pequeno intervalo, também será mostrado um compacto de algumas montagens que integraram o repertório de duas décadas da companhia.

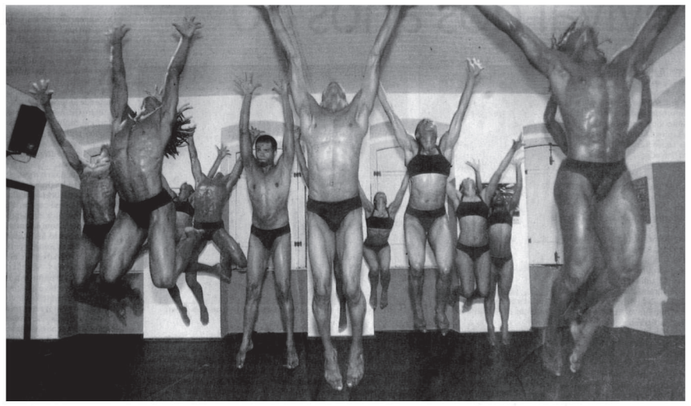
RITUAL – As coreografias que sobem ao palco e mostram o vigor e a técnica da companhia são *Afixirê*, *Corte de Oxalá*, *Puxada de Rede* e *Capoeira do Amor*. Ao todo, serão 30 bailarinos em cena nos dois espetáculos. Walson Botelho destaca que *Sagração*, que tem coreografia de José Carlos Arandiba (Zebrinha), trata de um ritual pagão, em que uma jovem é sacrificada.

"Não utilizamos dança clássica, nem moderna, mas a movimentação afro-brasileira que caracteriza a companhia", ressalta. *Sagração da Primavera*, composta originalmente por Igor Stravinsky, estreou em 1913, com coreografia de Valasv Nijinsky, sendo considerada a obra que marca o início do modernismo na história da música.

PRÊMIOS – Única companhia de dança folclórica do País, o Balé é considerado, desde 1994, como a melhor do mundo, acumulando, ao longo desses 20 anos, vários prêmios. Já se apresentou em 182 cidades e 19 países. E a trajetória sempre foi de muita luta. "Em 20 anos, enfrentamos muitas dificuldades, chegando a interromper os trabalhos cinco vezes, por falta de recursos", relembra Botelho.

Ele diz que somente a partir de 1994, quando iniciou carreira internacional, é que o balé começou a se estabilizar. Os atentados terroristas, entretanto, prejudicaram a companhia, que durante muito tempo ficava durante oito meses com turnê no exterior, sempre com sucesso.

"Reduzimos em 60% os contratos e só agora tivemos um pequeno aquecimento", diz o diretor Walson Botelho, que reafirma a dificuldade da companhia em conseguir patrocínio, apesar do reconhecimento internacional e da excelente técnica dos bailarinos.



Ao longo de duas décadas, vários dançarinos formados pelo Balé Folclórico da Bahia seguiram carreira internacional em outras companhias, sempre com destaque e reconhecimento da técnica.

A coreografia *Sagração*, que tem estréia mundial no TCA, foi criada para comemorar o aniversário de 20 anos do grupo, que é a única companhia de dança folclórica profissional do País.

A TARDE
AGOSTO 2008

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 472 29/04/10 02:55

Balé Folclórico da Bahia comemora 20 anos

Exuberantes, incansáveis, vibrantes e donos de movimentos virtuosos, os 20 dançarinos do Balé Folclórico da Bahia vão subir ao palco do Teatro Castro Alves, neste sábado - só para convidados - e domingo, ambos às 20h, para mostrar como o grupo tem conquistado cada dia mais prestígio nos quatro cantos do mundo. Ao todo, são 40 integrantes - dançarinos, músicos e cantores. Considerada, desde 1994, pela Associação Mundial de Críticos como a melhor companhia de dança folclórica do mundo, a companhia, que já ganhou várias vezes página inteira no The New York Times, foi fundada em 1988 e, de lá para cá, viajou para vários países, acumulou prêmios e ganhou reconhecimento nacional e internacional. Ao longo dessas duas décadas, muitos dançarinos formados pelo Balé seguiram carreira profissional em outros países e em grandes companhias. Ingresso: R$ 20 (inteira).

Além de duas apresentações no Teatro Castro Alves, em Salvador, a companhia, dirigida por Walson Botelho vai promover uma exposição no foyer do TCA para exibir objetos que fazem parte da sua história - troféus, cartazes, cartas recebidas do mundo inteiro etc. O espetáculo comemorativo será dividido em duas partes. Nos primeiros 40 minutos, o Balé abre a noite com a estréia mundial da coreografia "Sagração", uma releitura, utilizando a linguagem técnica própria da companhia, da emblemática obra-prima Sagração da Primavera, do compositor Igor Stravinsky. A montagem conta a história de um ritual pagão onde sábios anciãos, sentados em círculo, assistem uma garota que dança até morrer. Ela é sacrificada para apaziguar o deus da primavera. A coreografia é assinada por José Carlos Arandiba (Zebrinha), o diretor artístico da companhia. "A idéia é aplicar tudo que os dançarinos aprendem dentro do projeto Balé que você não vê, mantido pela companhia, e fazer também com que nosso corpo dance repertórios conhecidos e interpretados por grandes companhias do mundo", explica o diretor artístico. No projeto, os integrantes recebem formação de dança moderna, clássica e jazz.



HISTÓRIA

Única companhia de dança folclórica profissional do país, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) foi criado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis. De lá para cá, o Balé já recebeu vários prêmios e se apresentou em 182 cidades e em 19 países, dentre eles, Estados Unidos, Itália, Canadá, Dinamarca, Austrália, Alemanha, França, Holanda e Suiça, além de ter conquistado sucesso de público e considerável prestígio da crítica especializada no Brasil e no exterior.

Baseado em Salvador, o Balé fez sua estréia durante o Festival de Dança de Joinville, mesmo antes do seu lançamento oficial, quando mais de 20 mil pessoas aplaudiram o espetáculo "Bahia de Todas as Cores". O sucesso imediato propagou-se e trouxe convites para apresentações em outros festivais por todo o país.

Em 1992 fez sua estréia internacional no renomado Festival da Alexander Platz, em Berlim, para um público de mais de 50 mil pessoas, sendo ovacionado no final do espetáculo por quase 15 minutos. Seguiu então, a partir daí, realizando pequenas outras turnês ao exterior, até que foi convidado para participar da Bienal de Dança de Lyon, na França, considerado o mais importante evento do gênero no mundo, ao lado de companhias já consagradas, a exemplo da Alvin Ailey Dance Company, Ballet of Harlem, Bill T-Jones Dance Company, Dayton Ballet, entre outras.

BOOK 20 ANOS BFB.indd 473 29/04/10 02:55

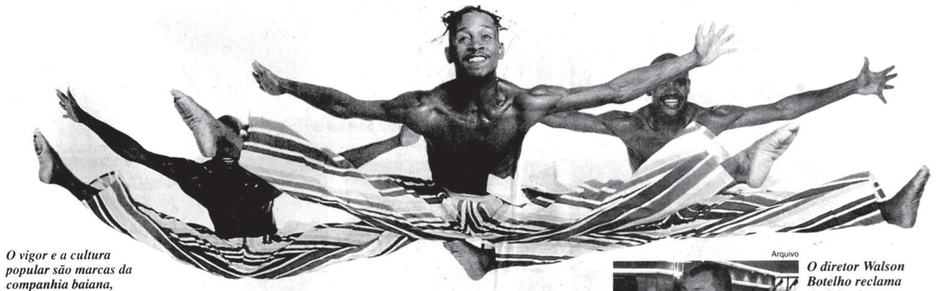
CORREIO DA BAHIA

AGOSTO 2008

CORREIO DA BAHIA

FOLHA DA BAHIA Salvador, sábado, 2

Div./Marisa Viana



O vigor e a cultura popular são marcas da companhia baiana, considerada pela Associação Mundial de Críticos como a melhor do gênero no mundo

Arquivo



O diretor Walson Botelho reclama da falta de patrocínio para a companhia

Dança para o alto

Em 20 anos de trajetória, o Balé Folclórico da Bahia conquistou reconhecimento internacional

Nina Atalla

A trajetória de 20 anos do Balé Folclórico da Bahia vai ser retomada na segunda metade do espetáculo que será apresentado no TCA. Serão encenados trechos das famosas coreografias *A corte de Oxalá* (Vavá Botelho e Zebrinha), *Puxada de rede* (Vavá Botelho), *Capoeira do amor* (Zebrinha, Vavá Botelho e companhia) e *Afixirê* (Rosângela Silvestre). Desde sua criação, em 1988, que o BFB vive de levar a cultura popular do povo brasileiro aos palcos. A estréia aconteceu no Festival de Dança de Joinville, e foi contemplada por 20 mil pessoas.

Bastaram apenas quatro anos para que a companhia fizesse sua estréia internacional no Festival de Alexander Platz (Berlim). No evento, que teve um público total de cerca 50 mil pessoas, o grupo foi ovacionado por quase 15 minutos, como lembra o diretor. Nessa mesma época, realizou algumas turnês pelo exterior, incluindo a importantíssima Bienal de Dança de Lyon, em 1994, exatamente o ano em que Zebrinha, um dos maiores responsáveis pelo vigor atual do balé, assumiu sua direção artística.

Vigor que inclui um incrível reconhecimento internacional. Além de todas as apresentações por bandas além dos limites brazucas, foi considerado pela Associação Mundial de Críticos como a melhor companhia de dança folclórica do mundo. Tem como representante no exterior o gigante Columbia Pictures Enternaiment e já exportou bailarinos para algumas das mais importantes companhias de dança do mundo. Fez sucesso também nas publicações internacionais. Ganhou páginas inteiras no *The New York Times*, destaques no *Washington Post* e no *Boston Globe*, veículos que descrevem o BFB como um espetáculo exuberante, cheio de cores, energia e força.

Vavá conta que se sente feliz com tudo isso. Ele considera uma grande realização, por exemplo, que o Balé tenha conseguido sobreviver por todo esse tempo e, hoje em dia, seja a única companhia de dança folclórica profissional do país com salário fixo e horas de trabalho determinadas para os bailarinos. "São diversos grupos do gênero, mas, apesar de exibirem qualidade, não possuem caráter profissional no sentido da estrutura". Outro motivo de uma ação social levada inteiramente pelo balé que engloba mais de 200 crianças, no Teatro Miguel Santana (Pelourinho). O objetivo é ensiná-las não só movimentos afros, mas passos contemporâneos e de balé clássico.

Nem tudo, porém, está do jeito que Vavá imagina ser o ideal. Embora, o BFB receba apoio da Secult na manutenção do Teatro Miguel Santana, sede doada a companhia pelo governo da Bahia no seu aniversário de 14 anos, o diretor se recente muito das empresas privadas brasileiras não terem se mobilizado para patrocinar o balé. Segundo ele, isso faz com que o número de turnês realizadas pelo Brasil seja bem pequeno em relação ao do exterior. "Apesar de ter sede em Salvador, nunca viajamos pelas capitais do Nordeste, por exemplo. Fomos, no máximo, para o interior da Bahia", reclama Vavá.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

FOLHA DA BAHIA Salvador, Sábado, 23 de Agosto de 2008



'Corte de Oxalá': trecho da coreografia será apresentada na segunda parte do espetáculo no TCA, que conta com a estréia de 'Sagração'

A sagração do Balé Folclórico da Bahia

A celebrada companhia baiana estréia espetáculo em comemoração aos seus 20 anos

Nina Atalla

A história que conta o sacrifício de uma jovem, obrigada a dançar até a morte para agradar a um deus, musicada por Igor Stravinski no começo do século XX, foi escolhida pelo Balé Folclórico da Bahia para ser a montagem inédita nas suas comemorações de 20 anos. Com apresentações agendadas hoje (para convidados) e amanhã no Teatro Castro Alves, o grupo mostra, além de uma releitura do balé *A sagração da Primavera*, um compacto de quatro coreografias que foram marcantes ao longo das suas duas décadas de existência, além de uma exposição no foyer do teatro.

Embora *A sagração da Primavera* seja considerado um dos mais geniais balés já compostos, na época de sua estréia em Paris, no ano de 1913, a reação que causou na platéia foi de absoluto espanto. A forte pegada percussiva, o cenário tribal e a quantidade de movimentos feitos com a pélvis na coreografia assinada por Vaslav Nijinsky diferiam em muito dos parâmetros da dança clássica tradicional. Acabou sendo também, um divisor de águas, inaugurando o preceito de que, na música sinfônica, o ritmo poderia se sobrepor à melodia.

Também por causa dessas características, o Balé Folclórico da Bahia resolveu dar sua versão para a obra – afinal, o perfil da companhia é o de misturar organicidade dos movimentos afros com o rigor dos passos do balé clássico. Mesmo assim, Walson Botelho, diretor-fundador do grupo, aposta na novidade. Isso porque, é a primeira vez que o BFB dança uma peça clássica. Dessa vez com a trilha original de Stravinski e sem a usual execução de canto e percussão ao vivo. E, embora a trilha do compositor russo seja bastante percussiva, ainda há muita instrumentação de corda. "Vai ser uma surpresa para o público que está acostumado a ver nossas apresentações", supõe Vavá Botelho. A versão da coreografia, que na versão do BFB chama-se apenas *A sagração* é de José Carlos Arandiba, o famoso Zebrinha.

Já a exposição no Foyer do teatro, o objetivo é resgatar a memória. São cartazes, imagens feitas por fotógrafos de vários países, cartas e até desenhos de crianças, que, abismadas com o espetáculo do Balé Folclórico da Bahia, coloram suas impressões no papel.

➲ Leia mais sobre o Balé Folclórico na página 4

FICHA

Espetáculo: 20 anos do Balé Folclórico da Bahia
Coreografia: *A sagração* e trechos de *A corte de Oxalá, Puxada de rede, Capoeira do amor* e *Afixirê*
Direção: José Carlos Arandiba (Zebrinha)
Companhia: Balé Folclóric Bahia
Onde: Teatro Castro Alves
Quando: hoje (para convid e amanhã, às 20h.



CORREIO DA BAHIA
AGOSTO 2008

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 475 29/04/10 02:55

BOOK 20 ANOS BFB.indd 476 29/04/10 02:55

MÍDIA ELETRÔNICA

WWW.AFRIQUE.COM

WWW.ATARDEONLINE.COM.BR

WWW.BAHIAJA.COM.BR

WWW.BAHIAVITRINE.COM.BR

WWW.CAMACARINOTICIAS.COM.BR

WWW.IDANCA.NET

WWW.IMBUI.COM.BR

WWW.INFORMESERGIPE.COM.BR

WWW.JBONLINE.TERRA.COM.BR

WWW.MICHELLEMARIE.COM.BR

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA 20 ANOS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 477 29/04/10 02:55

BOOK 20 ANOS BFB.indd 478 29/04/10 02:55

Windows Internet Explorer

WWW.MICHELLEMARIE.COM.BR JUNHO 2008

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Favoritos | Sites Sugeridos | MSN Brasil | MSN Entretenimento | MSN Notícias | MSN Esportes | MSN Vídeo | Hotmail | Messenger | HotMail gratuito | Galeria do Web Slice | MSN Esporte

Página | Segurança | Ferramentas

mm

Navegue com estilo

WWW.MICHELLEMARIE.COM.BR

O premiado Balé Folclórico da Bahia!

O premiado Balé Folclórico da Bahia (BFB) viajou para Bogotá para participar da programação de inauguração do Teatro de Belas Artes da capital colombiana, no próximo dia 7 de junho. A companhia, a única atração brasileira na ocasião, foi convidada após uma indicação da Embaixada do Brasil na Colômbia. No palco, os 20 dançarinos vão apresentar o espetáculo "Bahia de Todos as Cores", a primeira montagem da companhia composta por sete coreografias assinadas por Vavá Botelho (diretor geral), Augusto Omulu, Zebrinha (diretor artístico) e Rosângela Silvestre. Amanhã, dia 5, o balé vai abrir o Bogotá Fashion Week a convite da primeira-dama do país, Lina María Moreno de Uribe.

Philip Martin/Divulgação



© 2006 Michelle Marie. Todos os direitos reservac
www.michellemarie.com.br

Internet 100%

Iniciar 21:44

Windows Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Favoritos | Sites Sugeridos | MSN Brasil | MSN Entretenimento | MSN Notícias | MSN Esportes | MSN Vídeo | Hotmail | Messenger | HotMail gratuito | Galeria do Web Slice | MSN Esporte

Página | Segurança | Ferramentas

www.camacarinoticias.com.br CAMAÇARI NOTÍCIAS

Balé Folclórico da Bahia encanta colombianos
15 de Junho de 2008



Com casa lotada e convites esgotados, a apresentação do premiado Balé Folclórico da Bahia (BFB) no Teatro de Belas Artes de Bogotá, no último dia 7 de junho (sábado passado), foi um sucesso. Faltou lugar para quem queria ver o Balé baiano. "Se houvesse oportunidade, faríamos mais dois ou três espetáculos lotados pela quantidade de pessoas que buscavam ingressos e ligavam", conta Vavá Botelho, diretor geral do Balé. Na platéia, estavam presentes representante da presidência da Colômbia, praticamente todos os ministros de estado e embaixadores de vários países. A ministra da cultura da Colômbia, Paula Marcela Moreno Zapata, se entusiasmou com a apresentação e confirmou presença na festa de 20 anos do Balé, no final de agosto, em Salvador. Considerado, desde 1994, pela Associação Mundial de Críticos de Dança como a melhor companhia de dança folclórica do mundo, o balé está completando 20 anos e, em breve, deve anunciar sua programação comemorativa.

Depois do espetáculo na capital colombiana, a Embaixada do Brasil no país, que apoiou a ida do Balé para a festa do Teatro de Belas Artes de Bogotá, ofereceu um coquetel para a pláteia (1600 pessoas) na área externa do teatro, com muita caipirinha e petiscos brasileiros.

A viagem do BFB para capital colombiana foi patrocinada pela Petrobras e pela Varig.

Internet 100%

Iniciar 21:44

Windows Internet Explorer

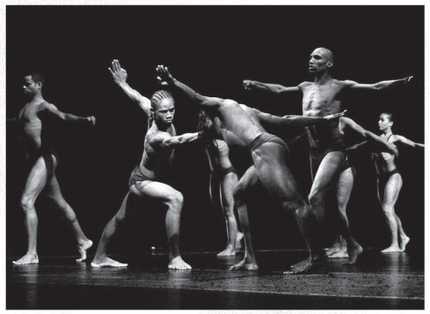
WWW.BAHIAJA.COM.BR JUNHO 2008

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Favoritos | Sites Sugeridos | MSN Brasil | MSN Entretenimento | MSN Notícias | MSN Esportes | MSN Vídeo | Hotmail | Messenger | HotMail gratuito | Galeria do Web Slice | MSN Esporte

Página | Segurança | Ferramentas

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA COMEMORA 20 ANOS COM APRESENTAÇÕES NO TCA



Logo das comemorações do BFB (F/Div)

Com movimentos virtuosos os 20 dançarinos do Balé Folclórico da Bahia vão subir ao palco do Teatro Castro Alves, nos dias 23 e 24 de agosto, para mostrar como o grupo, que já ganhou destaque na imprensa internacional, tem conquistado cada dia mais prestígio.

Em 2008, o Balé Folclórico da Bahia **(BFB)** completa 20 anos. Para comemorar, a companhia, dirigida e fundada por Walson Botelho, vai promover, no mês que vem, duas apresentações no TCA, além de uma exposição no foyer do teatro, onde serão exibidos objetos que fazem parte da sua história.

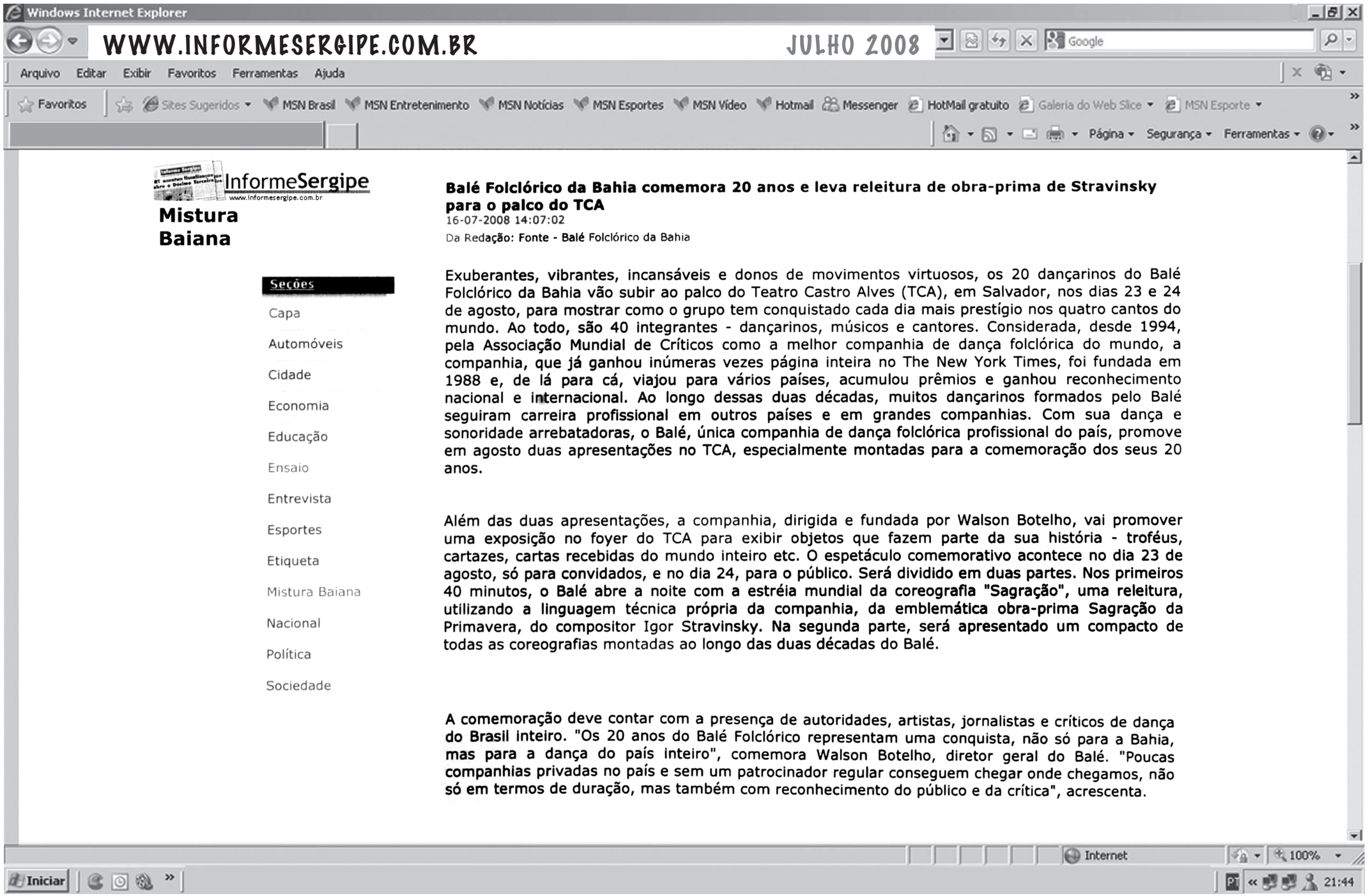
O espetáculo comemorativo será dividido em duas partes. Nos primeiros 40 minutos, o Balé abre a noite com a estréia mundial da coreografia "Sagração", uma releitura, utilizando a linguagem técnica própria da companhia, da emblemática obra-prima Sagração da Primavera, do compositor Igor Stravinsky. Na segunda parte, será apresentado um compacto de todas as coreografias montadas ao longo das duas décadas do Balé.

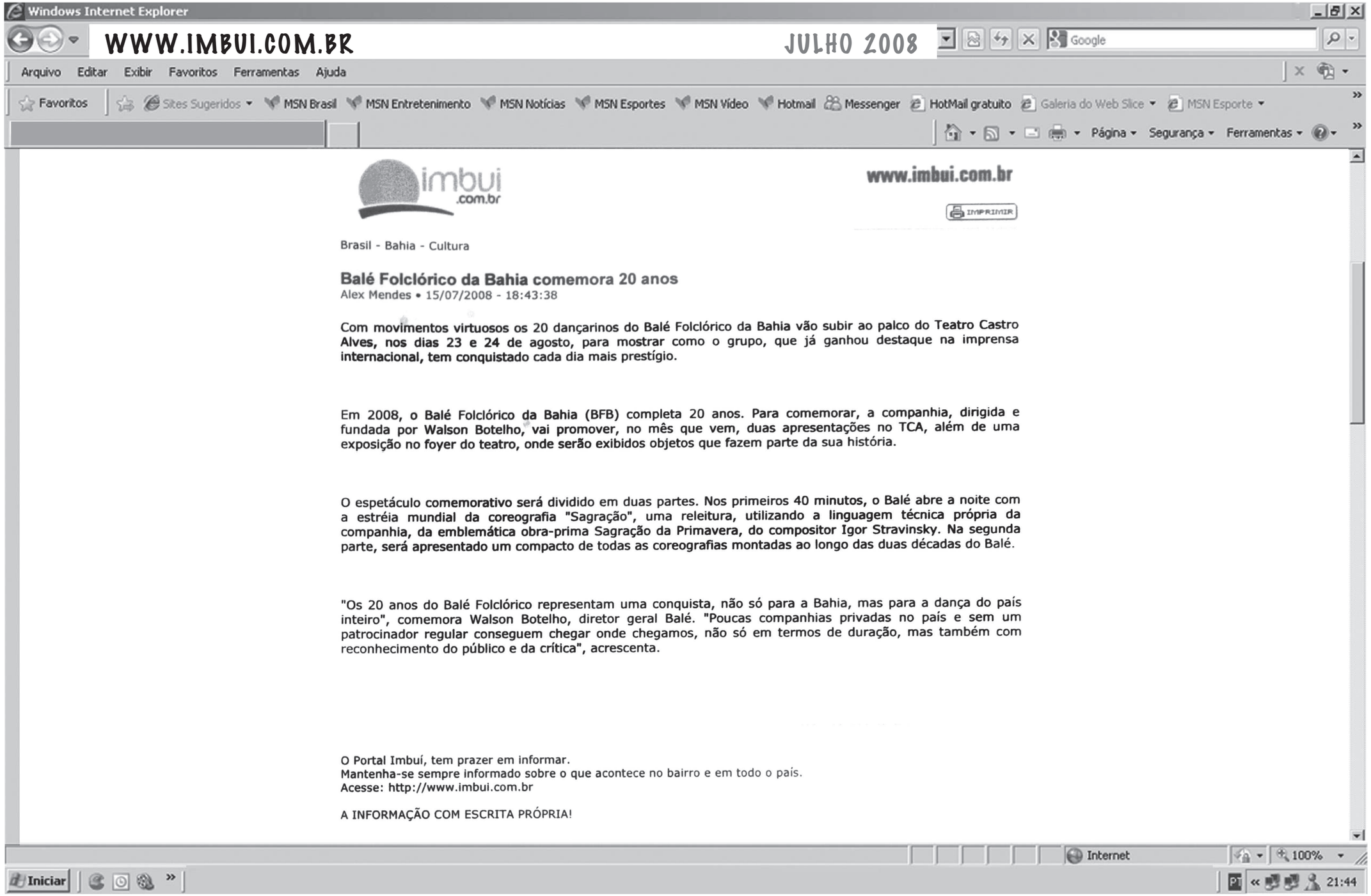
"Os 20 anos do Balé Folclórico representam uma conquista, não só para a Bahia, mas para a dança do país inteiro", comemora Walson Botelho, diretor geral Balé. "Poucas companhias privadas no país e sem um patrocinador regular conseguem chegar onde chegamos, não só em termos de duração, mas também com reconhecimento do público e da crítica", acrescenta.

©2006 Bahia Já. Todos os direitos reservados.

Internet | 100% | Iniciar | PT | 21:44

BOOK 20 ANOS BFB.indd 481 29/04/10 02:56


Windows Internet Explorer
WWW.INFORMESERGIPE.COM.BR
JULHO 2008
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Favoritos
Sites Sugeridos
MSN Brasil
MSN Entretenimento
MSN Notícias
MSN Esportes
MSN Vídeo
Hotmail
Messenger
HotMail gratuito
Galeria do Web Slice
MSN Esporte
Página
Segurança
Ferramentas
InformeSergipe
www.informesergipe.com.br
Mistura Baiana
Seções
Capa
Automóveis
Cidade
Economia
Educação
Ensaio
Entrevista
Esportes
Etiqueta
Mistura Baiana
Nacional
Política
Sociedade
Balé Folclórico da Bahia comemora 20 anos e leva releitura de obra-prima de Stravinsky para o palco do TCA
16-07-2008 14:07:02
Da Redação: Fonte - Balé Folclórico da Bahia
Exuberantes, vibrantes, incansáveis e donos de movimentos virtuosos, os 20 dançarinos do Balé Folclórico da Bahia vão subir ao palco do Teatro Castro Alves (TCA), em Salvador, nos dias 23 e 24 de agosto, para mostrar como o grupo tem conquistado cada dia mais prestígio nos quatro cantos do mundo. Ao todo, são 40 integrantes - dançarinos, músicos e cantores. Considerada, desde 1994, pela Associação Mundial de Críticos como a melhor companhia de dança folclórica do mundo, a companhia, que já ganhou inúmeras vezes página inteira no The New York Times, foi fundada em 1988 e, de lá para cá, viajou para vários países, acumulou prêmios e ganhou reconhecimento nacional e internacional. Ao longo dessas duas décadas, muitos dançarinos formados pelo Balé seguiram carreira profissional em outros países e em grandes companhias. Com sua dança e sonoridade arrebatadoras, o Balé, única companhia de dança folclórica profissional do país, promove em agosto duas apresentações no TCA, especialmente montadas para a comemoração dos seus 20 anos.
Além das duas apresentações, a companhia, dirigida e fundada por Walson Botelho, vai promover uma exposição no foyer do TCA para exibir objetos que fazem parte da sua história - troféus, cartazes, cartas recebidas do mundo inteiro etc. O espetáculo comemorativo acontece no dia 23 de agosto, só para convidados, e no dia 24, para o público. Será dividido em duas partes. Nos primeiros 40 minutos, o Balé abre a noite com a estréia mundial da coreografia "Sagração", uma releitura, utilizando a linguagem técnica própria da companhia, da emblemática obra-prima Sagração da Primavera, do compositor Igor Stravinsky. Na segunda parte, será apresentado um compacto de todas as coreografias montadas ao longo das duas décadas do Balé.
A comemoração deve contar com a presença de autoridades, artistas, jornalistas e críticos de dança do Brasil inteiro. "Os 20 anos do Balé Folclórico representam uma conquista, não só para a Bahia, mas para a dança do país inteiro", comemora Walson Botelho, diretor geral do Balé. "Poucas companhias privadas no país e sem um patrocinador regular conseguem chegar onde chegamos, não só em termos de duração, mas também com reconhecimento do público e da crítica", acrescenta.
Internet
100%
Iniciar
21:44


Windows Internet Explorer

WWW.IMBUI.COM.BR

JULHO 2008

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Favoritos | Sites Sugeridos | MSN Brasil | MSN Entretenimento | MSN Notícias | MSN Esportes | MSN Vídeo | Hotmail | Messenger | HotMail gratuito | Galeria do Web Slice | MSN Esporte

Página | Segurança | Ferramentas

imbui .com.br

www.imbui.com.br

IMPRIMIR

Brasil - Bahia - Cultura

Balé Folclórico da Bahia comemora 20 anos

Alex Mendes • 15/07/2008 - 18:43:38

Com movimentos virtuosos os 20 dançarinos do Balé Folclórico da Bahia vão subir ao palco do Teatro Castro Alves, nos dias 23 e 24 de agosto, para mostrar como o grupo, que já ganhou destaque na imprensa internacional, tem conquistado cada dia mais prestígio.

Em 2008, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) completa 20 anos. Para comemorar, a companhia, dirigida e fundada por Walson Botelho, vai promover, no mês que vem, duas apresentações no TCA, além de uma exposição no foyer do teatro, onde serão exibidos objetos que fazem parte da sua história.

O espetáculo comemorativo será dividido em duas partes. Nos primeiros 40 minutos, o Balé abre a noite com a estréia mundial da coreografia "Sagração", uma releitura, utilizando a linguagem técnica própria da companhia, da emblemática obra-prima Sagração da Primavera, do compositor Igor Stravinsky. Na segunda parte, será apresentado um compacto de todas as coreografias montadas ao longo das duas décadas do Balé.

"Os 20 anos do Balé Folclórico representam uma conquista, não só para a Bahia, mas para a dança do país inteiro", comemora Walson Botelho, diretor geral Balé. "Poucas companhias privadas no país e sem um patrocinador regular conseguem chegar onde chegamos, não só em termos de duração, mas também com reconhecimento do público e da crítica", acrescenta.

O Portal Imbuí, tem prazer em informar.
Mantenha-se sempre informado sobre o que acontece no bairro e em todo o país.
Acesse: http://www.imbui.com.br

A INFORMAÇÃO COM ESCRITA PRÓPRIA!

Internet | 100% | Iniciar | 21:44

Windows Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Favoritos | Sites Sugeridos | MSN Brasil | MSN Entretenimento | MSN Notícias | MSN Esportes | MSN Vídeo | Hotmail | Messenger | HotMail gratuito | Galeria do Web Slice | MSN Esporte

Página | Segurança | Ferramentas

TEXTOS DO IMPRESSO

Raízes africanas dão novo tom a Stravinski

Balé Folclórico da Bahia celebra seus 20 anos no palco

JORNAL DO BRASIL
Edição Eletrônica

Renata Ramos

SALVADOR

Em 1913, o trabalho do russo Igor Stravinski foi assunto em Paris com o espetáculo Sagração da Primavera. Era o início da história moderna na música. O balé narrava o sacrifício de uma mulher – que deveria dançar até a morte – como ritual de uma tribo. Quase um século depois, o Balé Folclórico da Bahia, dirigido por Vavá Botelho, comemora os 20 anos da companhia com uma releitura da obra. Ao misturar dança clássica e moderna com passos africanos, o coreógrafo José Carlos Arandiba, conhecido como Zebrinha, mostra uma nova vertente do grupo, que já se apresentou em países como Estados Unidos, Alemanha, Chile e Dinamarca. A coreografia mostra como sacrifícios fazem do corpo instrumento de dança.

– O objetivo é criar um bailarino completo para que tenha oportunidade em companhias pelo mundo. Os integrantes fazem aulas de balé, clássico e moderno, além das danças africanas – afirma Zebrinha.

O espetáculo intitulado Sagração leva ao palco 40 integrantes, entre bailarinos, músicos e coral para o segundo ato, que reúne trechos das principais coreografias do grupo, como A corte de Oxalá, Capoeira do amor, Puxada de rede e Afixirê. São danças que fazem referências às raízes africanas com movimentos pesquisados na religião do candomblé. Além de passos sincronizados, há um solo de berimbau. Na platéia do Teatro Castro Alves, estão fãs ilustres do grupo, como Lázaro Ramos, Arlete Salles, Vera Holtz, Adriana Lessa, Daniela Mercury e Judith Jamison, diretora artística da americana Alvin Ailey Dance Company.

– Acompanho o grupo há muitos anos e o admiro por conseguir apresentar danças tradicionais africanas de uma maneira contemporânea, sem perder as raízes – elogia Lázaro Ramos, mestre de cerimônias do espetáculo. – É uma reverência aos nossos antepassados. Vim para Salvador especialmente para o aniversário do Balé.

Dança une mãe e filho

A sede do Balé Folclórico da Bahia fica no Pelourinho e atrai turistas para as apresentações diárias que o segundo corpo de baile faz. Para aprimorar os conhecimentos, recebem lições teóricas sobre as raízes africanas. Quem conhece bem a rotina do grupo é a bailarina e professora Nildinha Fonseca, 38 anos, que está na companhia desde a sua fundação. Após assistir a uma apresentação do balé que, então, acabara de se formar decidiu que era isso que queria fazer da vida:

- Quando quis entrar, não havia vagas para bailarinos. Mas fiquei fazendo aulas e prestando atenção aos detalhes. Numa viagem pedi para acompanhar e aceitaram que fosse para passar os figurinos. Como sabia as coreografias, substitui uma solista com problema dentário. Depois, nunca saí – conta Nildinha, cujo filho Caio Ricardo, de 6 anos, já estreou como percussionista na companhia.

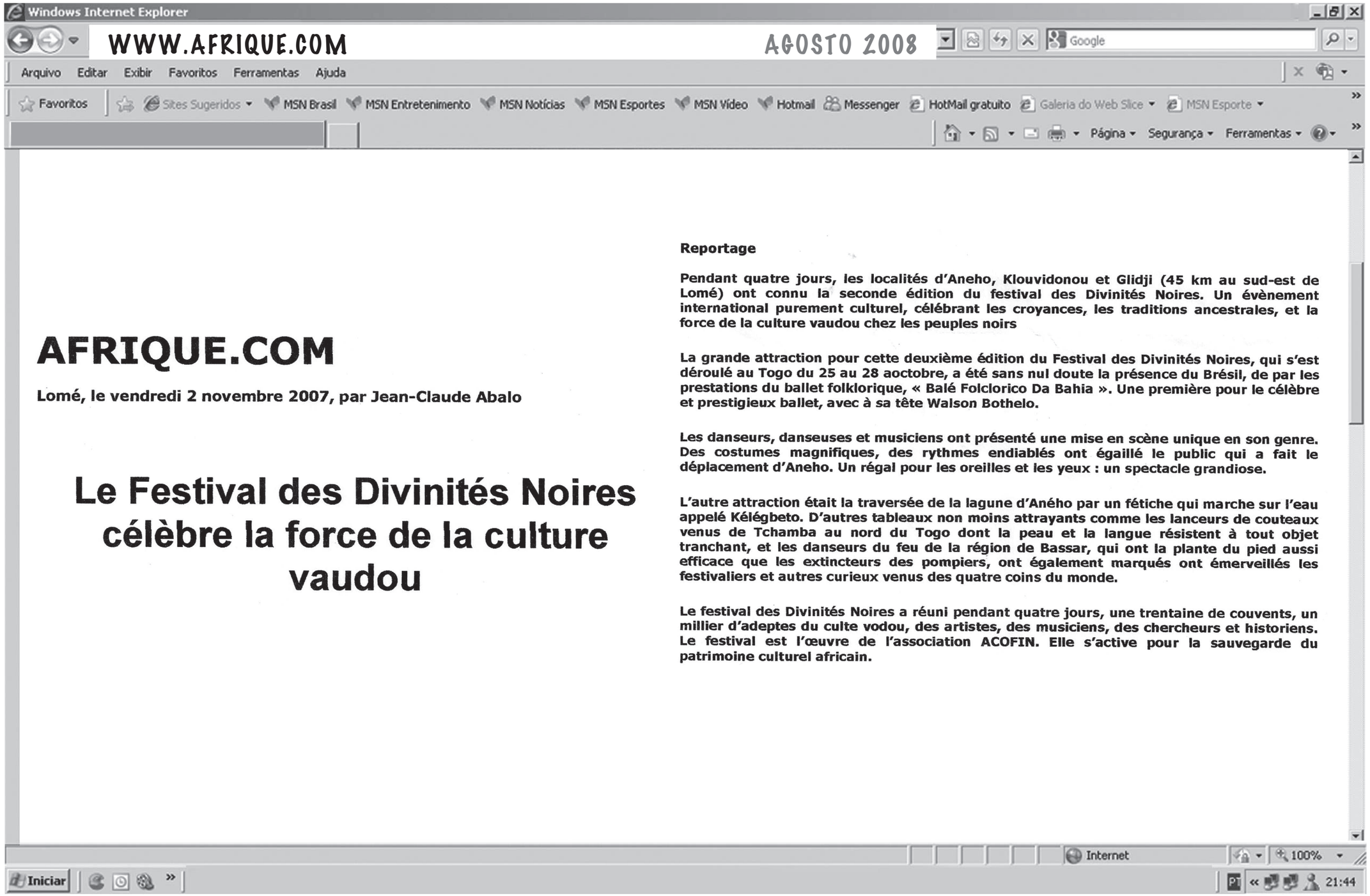
Nildinha dançou ao lado de companheiros antigos de Balé, mas também dividiu o palco com iniciantes. Tiago Lima, de 17 anos, ainda não completou um ano de dança, mas já mostrou que tem talento. Ele não havia entrado num teatro quando foi convidado para uma apresentação como capoeirista. A dança falou mais alto: entrou para o corpo de baile principal.

- Essa é a minha primeira apresentação como bailarino. Apesar do pouco tempo na companhia, me dediquei muito. Fazia todas as aulas oferecidas. A dança mudou a minha vida e me deu oportunidades que jamais teria antes de conhecer o Balé Folclórico da Bahia – diz Lima.

Renata Ramos viajou a convite do Balé Folclórico da Bahia

25 de julho de 2008 : 01h00m

Internet | 100% | Iniciar | 21:44



BOOK 20 ANOS BFB.indd 485 29/04/10 02:56

Windows Internet Explorer

WWW.IDANCA.NET AGOSTO 2008

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Favoritos Sites Sugeridos MSN Brasil MSN Entretenimento MSN Notícias MSN Esportes MSN Vídeo Hotmail Messenger HotMail gratuito Galeria do Web Slice MSN Esporte

Página Segurança Ferramentas

Balé Folclórico da Bahia:

20 anos de pesquisa cultural

por Isabella Motta · **25/08/2008**

- Envie este artigo
- Imprimir
- Comente
- **Este artigo em outros idiomas:** Eng



Há 20 anos, um grupo de danças folclóricas saído de Salvador conquistava o público do Festival de Joinville ao dançar em homenagem aos 100 anos da abolição dos escravos. O sucesso da então apresentação única dentro da programação do festival rendeu uma pequena turnê por Santa Catarina, além do batismo do grupo que está oficialmente completando 20 anos em 2008: Balé Folclórico da Bahia (BFB).

As duas décadas de história do Balé começaram pelas mãos de Walson Botelho e Ninho Reis, os fundadores. Eles haviam sido colegas no grupo de danças folclóricas Viva Bahia, um dos mais famosos dentro e fora do país na década de 80. Em 1985, Walson – o Vavá – saiu da companhia para terminar a faculdade de Antropologia. Formado, recebeu muitos convites para voltar ao mundo da dança, mas a idéia do que mais tarde se tornaria o Balé Folclórico já começava a tomar conta da cabeça de Vavá. "Muitos amigos me chamaram para trabalhar, mas meu objetivo não era aquele. Eu sonhava com a profissionalização do trabalho de bailarino", lembra o coreógrafo. A oportunidade apareceu em 1988, quando uma grande empresa o contratou para que realizasse um show com danças folclóricas. "A partir dali não paramos mais, foi um show atrás do outro. Fomos juntando o que tínhamos de melhor e, em algum tempo, já podíamos nos manter apenas com os cachês. E foi nesse contexto que surgiu o convite para ir a Joinville", conta Vavá, orgulhoso. "Lá foi um teste para nós, se desse errado eu pararia por ali". A empreitada deu certo e de lá pra cá o Balé Folclórico da Bahia recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais.

Mas o caminho não foi sempre tão simples. Até 1994, o BFB teve dificuldades para encontrar espaços para se apresentar no circuito comercial justamente por basear seu trabalho na dança folclórica baiana. "Foi uma época em que o folclore estava desgastado em todo o mundo, o público já estava saturado, tudo o que existia era muito igual. Só conseguíamos participar de festas culturais. Até que o Guy Darmet (diretor da Bienal de Lyon) veio a Bahia, nos conheceu e nos convidou para participar do festival", recorda Vavá. Novamente as portas se abriram para o Balé.

Fêmeas / Foto divulgação

Hoje, o grupo conta com uma equipe de 40 pessoas – entre bailarinos, músicos e técnicos – e um currículo comparável ao de uma companhia clássica. "Nosso trabalho é diferente porque conseguimos aliar o que há de mais puro da cultura folclórica tradicional a uma linguagem contemporânea", explica o coreógrafo e diretor do BFB. Essa mistura entre tradicional e contemporâneo a que Vavá se refere é visível no palco e resultado de muito trabalho de pesquisa aliado a aulas para melhorar a técnica. "Dou o maculelê como exemplo. É uma dança típica dos escravos que trabalhavam na cana-de-açúcar, com movimentação violenta e movimentos bem característicos. No Balé, nós fazemos esses movimentos característicos mas com incremento técnico, aliamos a técnica sem perder a dança tradicional. Não vejo essa evolução em outros grupos", afirma ele.

Para alcançar essa técnica, os bailarinos se dividem entre ensaios e aulas oito horas por dia, de segunda-feira a sábado. Eles têm aulas de balé, dança contemporânea, dança moderna, dança afro-brasileira, capoeira e o que mais for necessário para a composição de um novo trabalho. "O bailarino que se forma aqui está apto a dançar em companhias de qualquer outro estilo", orgulha-se Vavá.

E como várias boas iniciativas pelo Brasil, o BFB também resolveu disseminar sua arte para fora das salas de ensaio e, há seis anos, criou o Balé Jr. Com crianças de quatro a 14 anos, a 'escolinha' começou de uma forma curiosa: incomodados com a algazarra que os meninos de rua faziam do lado de fora, os bailarinos resolveram convidá-los para entrar. Pronto. "O projeto ganhou corpo e resolvemos estendê-lo para toda a cidade. Hoje temos mais de 200 crianças de classe baixa, não apenas meninos e meninas de rua", comemora Vavá.

Além das aulas, as crianças participam freqüentemente de mostras de trabalhos seus e dos bailarinos da companhia oficial como uma forma de incentivo para que eles continuem no projeto. De uma dessas mostras nasceu outro projeto do Balé Folclórico: o Balé que você não vê. Nele, o folclore dá lugar a remontagens de espetáculos clássicos, modernos e contemporâneos feitas pelos próprios bailarinos – que também podem experimentar áreas como figurino, iluminação e cenografia. O resultado desse 'projeto paralelo' que mostra uma outra cara da companhia é mostrado diariamente, de segunda-feira a sábado, no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, logo após a apresentação diária e oficial do Balé.

Internet 100%

Iniciar PT 21:44

BOOK 20 ANOS BFB.indd 486 29/04/10 02:57

Orgulho de Vavá Botelho e um dos símbolos da carreira bem-sucedida do BFB, o Balé que você não vê acabou inspirando o espetáculo comemorativo pelos 20 anos da companhia, que foi apresentado sábado e domingo (23 e 24/08), no Teatro Castro Alves, em Salvador. Especialmente para a data, a companhia criou Sagração, uma releitura de Sagração da Primavera, de Igor Stravinsky, que mostrará a vertente contemporânea do grupo. A coreografia é José Carlos Aranbiba, o Zebrinha. A segunda parte, sim, mostrará o folclore que acompanha o grupo há 20 anos com trechos dos espetáculos Oxalá (98), Afixirê (90), Capoeira do Amor (94), Berimbau (2004), Dança de origem e Puxada de Rede (88).

"Trata-se de um espetáculo comemorativo. Não entrará no nosso repertório, nossa linguagem é folclórica. Criar um espetáculo folclórico demanda tempo e dinheiro e como não tivemos patrocínio, não pudemos criar nada novo. Não se pode inventar o folclore, ele está baseado na cultura. É um trabalho de pesquisa muito grande, já que o folclore já está quase todo morto", explica Vavá. "Optamos, assim, por explorar o Balé que você não vê para valorizar os nossos bailarinos pois é tão difícil fazer arte no Brasil." Mas não se pode negar que ele está vendo realizado o sonho de profissionalização que, lá atrás, o impulsionou a criar o Balé Folclórico da Bahia.

20 years ago, a folkloric dance group out of Salvador conquered the audience of Festival de Joinville by dancing a tribute to the 100th anniversary of the slavery abolition in Brazil. The success of that first, and then only, show in the festival program prompted a small tour through Santa Catarina, and originated the name of the group that is celebrating its 20th birthday in 2008: Balé Folclórico da Bahia.

The two decades of the Balé history started through the work of Walson Botelho and Ninho Reis, the founders. They had been colleagues in the folkloric dance group Viva Bahia, one of the most famous groups in and out of the country in the 80´s. In 1985, Walson – aka Vava – left the group the finish studying Antropology. After graduation, he received many invitations to come back to the dance scene, but the idea of what later became Balé Folclórico was already in his mind. "Many friends invited me to work, but that wasn´t my goal. I dreamed of the profissionalization of the work of dancers", remembers the choreographer. The opportunity came in 1988, when a large company hired him to produce a show of folkloric dance. "From that point on, we didn´t stop, it was one show after the other. We put together the best of what we had and, after some time, we were able to live out of our payment. And it was in that context that the invitation to Joinville came up" says a proud Vava. "It was a test for us, if it had not worked, I would have given up right there." The enterprise worked and since then, Balé Folclórico da Bahia received countless national and international awards.

But the path was not always so smooth. Until 1994, BFB had trouble finding venues to perform in the commercial circuit exactly for having the folkloric dance of Bahia as foundation for their work. "It was a time when folklore was washed out all over the world, the audiences were saturated, everything was just the same. We could only participate in cultural festivals. Until Guy Darmet (director of Biennale de Lyon) came to Bahia, got to know us and invited us to participate in the festival", remembers Vavá. Again, the doors opened to Balé.

Nowadays, the group has a crew of 40 people – dancers, musicians and technicians – and a resumé that can be compared to that of a classic company. "Our work is different because we are able to combine the most pure elements of traditional folkloric culture and contemporary dance language", explains the choreographer and director of BFB. This mixture of traditional and contemporary Vava mentions is noticeable on stage and is the result of a lot of research work combined with classes to improve technique. "I teach maculelê, for example. It´s a typical dance of the slaves who worked in the sugar cane plantations, with violent movement and very characteristic moves. In Balé, we perform these characteristic moves, but with technical enhancement, we combine technique without losing the traditional dance. I don´t see that evolution in other groups".

To reach this technique, the dancers divide themselves between rehearses and classes eight hours a

Orgulho de Vavá Botelho e um dos símbolos da carreira bem-sucedida do BFB, o Balé que você não vê acabou inspirando o espetáculo comemorativo pelos 20 anos da companhia, que foi apresentado sábado e domingo (23 e 24/08), no Teatro Castro Alves, em Salvador. Especialmente para a data, a companhia criou Sagração, uma releitura de Sagração da Primavera, de Igor Stravinsky, que mostrará a vertente contemporânea do grupo. A coreografia é José Carlos Aranbiba, o Zebrinha. A segunda parte, sim, mostrará o folclore que acompanha o grupo há 20 anos com trechos dos espetáculos Oxalá (98), Afixirê (90), Capoeira do Amor (94), Berimbau (2004), Dança de origem e Puxada de Rede (88).

"Trata-se de um espetáculo comemorativo. Não entrará no nosso repertório, nossa linguagem é folclórica. Criar um espetáculo folclórico demanda tempo e dinheiro e como não tivemos patrocínio, não pudemos criar nada novo. Não se pode inventar o folclore, ele está baseado na cultura. É um trabalho de pesquisa muito grande, já que o folclore já está quase todo morto", explica Vavá. "Optamos, assim, por explorar o Balé que você não vê para valorizar os nossos bailarinos pois é tão difícil fazer arte no Brasil." Mas não se pode negar que ele está vendo realizado o sonho de profissionalização que, lá atrás, o impulsionou a criar o Balé Folclórico da Bahia.

20 years ago, a folkloric dance group out of Salvador conquered the audience of Festival de Joinville by dancing a tribute to the 100th anniversary of the slavery abolition in Brazil. The success of that first, and then only, show in the festival program prompted a small tour through Santa Catarina, and originated the name of the group that is celebrating its 20th birthday in 2008: Balé Folclórico da Bahia.

The two decades of the Balé history started through the work of Walson Botelho and Ninho Reis, the founders. They had been colleagues in the folkloric dance group Viva Bahia, one of the most famous groups in and out of the country in the 80´s. In 1985, Walson – aka Vava – left the group the finish studying Antropology. After graduation, he received many invitations to come back to the dance scene, but the idea of what later became Balé Folclórico was already in his mind. "Many friends invited me to work, but that wasn´t my goal. I dreamed of the profissionalization of the work of dancers", remembers the choreographer. The opportunity came in 1988, when a large company hired him to produce a show of folkloric dance. "From that point on, we didn´t stop, it was one show after the other. We put together the best of what we had and, after some time, we were able to live out of our payment. And it was in that context that the invitation to Joinville came up" says a proud Vava. "It was a test for us, if it had not worked, I would have given up right there." The enterprise worked and since then, Balé Folclórico da Bahia received countless national and international awards.

But the path was not always so smooth. Until 1994, BFB had trouble finding venues to perform in the commercial circuit exactly for having the folkloric dance of Bahia as foundation for their work. "It was a time when folklore was washed out all over the world, the audiences were saturated, everything was just the same. We could only participate in cultural festivals. Until Guy Darmet (director of Biennale de Lyon) came to Bahia, got to know us and invited us to participate in the festival", remembers Vavá. Again, the doors opened to Balé.

Nowadays, the group has a crew of 40 people – dancers, musicians and technicians – and a resumé that can be compared to that of a classic company. "Our work is different because we are able to combine the most pure elements of traditional folkloric culture and contemporary dance language", explains the choreographer and director of BFB. This mixture of traditional and contemporary Vava mentions is noticeable on stage and is the result of a lot of research work combined with classes to improve technique. "I teach maculelê, for example. It´s a typical dance of the slaves who worked in the sugar cane plantations, with violent movement and very characteristic moves. In Balé, we perform these characteristic moves, but with technical enhancement, we combine technique without losing the traditional dance. I don´t see that evolution in other groups".

To reach this technique, the dancers divide themselves between rehearses and classes eight hours a

BOOK 20 ANOS BFB.indd 487 29/04/10 02:57

nessa eu vou

Bahia Vitrine
Jacques de Beauvoir & Paulo Sousa

OK OK ESQUECI MINHA SENHA
FOTOS E EVENTOS COLUNAS DE JACQUES DE BEAUVOIR ENTREVISTAS FALE CONOSCO CADASTRO
FUSION TONEL MODA É... FARO FINO PANORAMA VISTO DA PONTE

Evento

Comemoração dos 20 anos do Balé Folclórico da Bahia

Duas décadas de sucesso

23/08/2008

Festança comemorou os 20 anos do *Balé Folclórico da Bahia*, neste final de semana, no Teatro Castro Alves. Reconhecida internacionalmente, a Companhia (criada por Walson Botelho e o saudoso Ninho Reis), aliada ao trabalho fantástico do coreógrafo Zebrinha, é um orgulho para o Brasil no contexto da dança folclórica. Figuras como Emília Biancardi e King não podem ser esquecidas nesta caminhada. A festa começou no foyer do teatro com bela exposição de cartazes focando coreografias do repertório por onde a Companhia já passou. Em seguida à apresentação de Lázaro Ramos, o palco foi invadido por uma releitura do balé (assinada por Zebrinha) de *A sagração da Primavera*, com música de Igor Stravinski. No segundo ato, compacto de quatro coreografias que mais marcaram a história do *Balé Folclórico da Bahia*, considerado um dos melhores do mundo. Coquetel no Palacete das Artes (Graça) para cerca de 500 convidados encerrou a noite em grande estilo. Em Salvador especialmente para a comemoração, Judith Jamison (primeira bailarina negra de reconhecimento internacional), diretora artística da *Alvin Ailey American Dance Theatre*, considerada uma das principais companhias de dança moderna do mundo. Sediada em Nova York, a Alvin Ailey completa em dezembro 50 anos (o Balé Folclórico da Bahia marca presença no evento). Confira cliques nos dois espaços.

CONFIRA AS FOTOS DO EVENTO
VEJA A FOTO EM QUALQUER PONTO DA PÁGINA. CLIQUE E ARRASTE!
ENVIE ESSA FOTO PARA UM AMIGO
GUARDE ESSA FOTO EM SUA VITRINE PESSOAL



Judith Jamison e Walson Botelho



BOOK 20 ANOS BFB.indd 488 29/04/10 02:57

A TARDE On Line - CULTURA :

CULTURA

22/08/2008 (18:04) | COMENTÁRIOS (1)

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA COMEMORA 20 ANOS COM ESPETÁCULO ESPECIAL NO TCA



Companhia apresenta coreografias que marcaram sua trajetória

Os dançarinos do Balé Folclórico da Bahia vão subir ao palco do Teatro Castro Alves, para realizar uma apresentação especial em comemoração aos 20 anos da companhia. O espetáculo comemorativo acontece **no sábado, 23**, só para convidados, e **no domingo, 24**, aberto ao público. O encontro está marcado para as 20 horas.

O espetáculo comemorativo será dividido em duas partes. Na primeira apresentação, o Balé abrirá a noite com a coreografia *Sagração*, uma releitura da emblemática obra-prima *Sagração da Primavera* do compositor Igor Stravinsky utilizando a linguagem técnica própria da companhia. Na segunda parte, será apresentado um compacto com várias coreografias montadas ao longo das duas décadas do Balé como *A Corte de Oxalá*, *Puxada de Rede*, *Capoeira do Amor* e *Afixirê*.

Fundada em 1988 o Balé Folclórico da Bahia, sempre buscou preservar e divulgar as principais manifestações folclóricas da Bahia. Marcado pela exuberância e movimentos vibrantes, viajou para vários países, acumulou prêmios e ganhou reconhecimento nacional e internacional. A companhia já se apresentou em 182 cidades e em 19 países, dentre eles Estados Unidos, Itália, Canadá, Dinamarca, Austrália, Alemanha, França, Holanda e Suíça. Única companhia de dança folclórica profissional do país, o Balé é composto por 40 integrantes, entre dançarinos, músicos e cantores.

Ao longo das duas décadas, a companhia de dança tem muitas histórias para contar, e por isso, além das apresentações no TCA, o Balé, dirigido por Walson Botelho, irá expor objetos que fazem parte da sua trajetória. Troféus, cartazes e cartas recebidas do mundo inteiro, entre outras coisas, ficarão a mostra no foyer do teatro.

Com agenda programada até 2010, o Balé possui um segundo corpo de baile, que realiza espetáculos, diariamente, no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho.

PRÊMIOS E RECONHECIMENTO

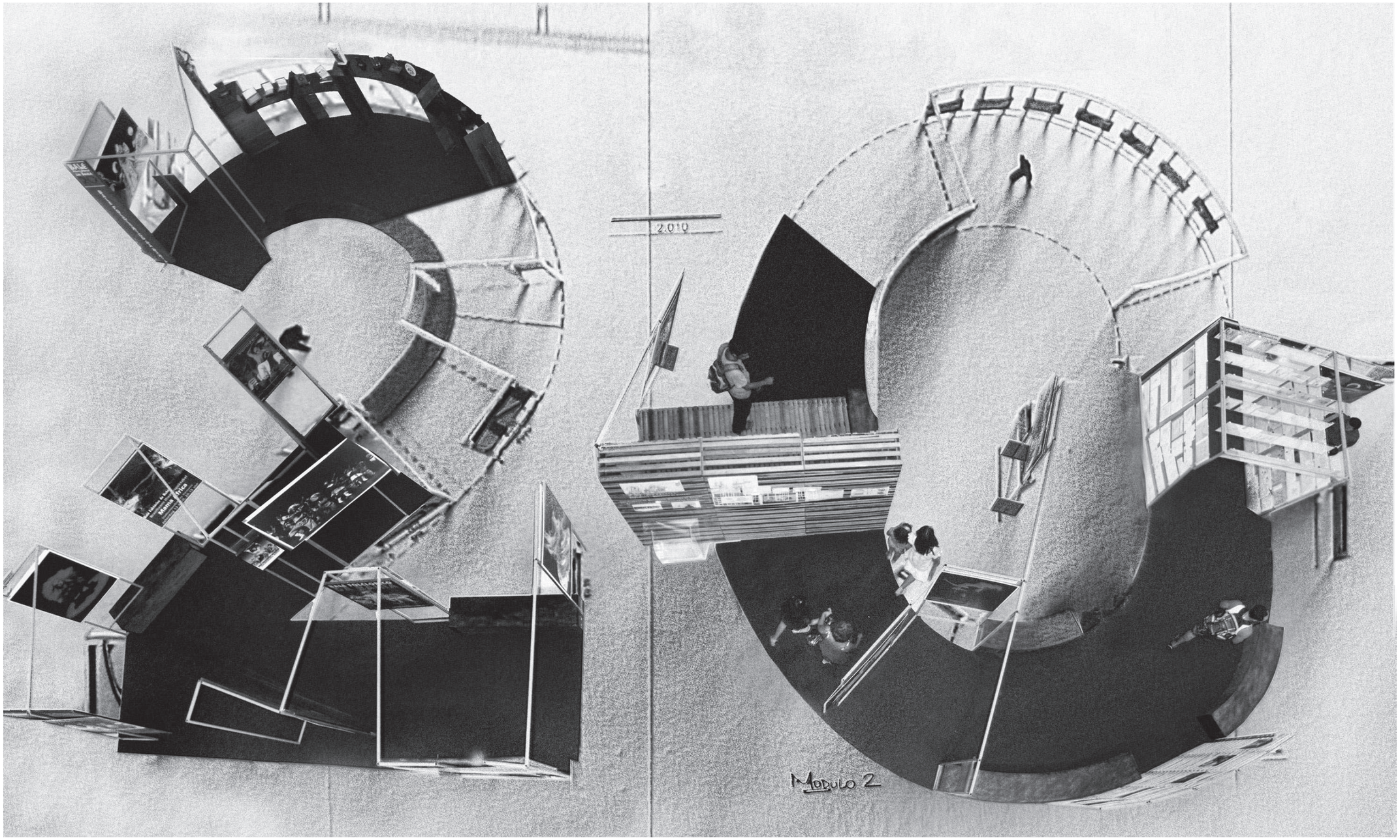
Considerado, desde 1994, pela Associação Mundial de Críticos como a melhor companhia de dança folclórica do mundo, o Balé Folclórico da Bahia acumulou ao longo dos seus 20 anos vários prêmios e reconhecimento.

- Prêmio Fiat (oferecido pela Fiat do Brasil como a melhor companhia de dança do país em 1990);
- Prêmio Estímulo (oferecido pelo Ministério da Cultura como a melhor companhia de dança do país e melhor espetáculo de dança do país em 1993);
- Prêmio Mambembão (oferecido pelo Ministério da Cultura como a melhor pesquisa em cultura popular e melhor preparação técnica de elenco em 1996);
- Prêmio Bom do Brasil (oferecido pela Varig como um dos cinco mais importantes projetos sócio-culturais existentes no país em 2004)
- Prêmio Mérito ao Turismo (oferecido pela ABRAJET - Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo pelos serviços prestados ao turismo no estado)

Veja o vídeo da apresentação 'Corte a Oxalá' do Balé Folclórico da Bahia

BOOK 20 ANOS BFB.indd 489 29/04/10 02:57

BOOK 20 ANOS BFB.indd 490 29/04/10 02:57


2.010
MODULO 2



BOOK 20 ANOS BFB.indd 492 29/04/10 02:57


COMITE
D'ORGANISATION DU FESTIVAL
LA VEILLE DU GRAND DEPART
OLY
SECTIONE URBAINE



BOOK 20 ANOS BFB.indd 494 29/04/10 02:57


Van Ness Ave., California
56
& Market Streets









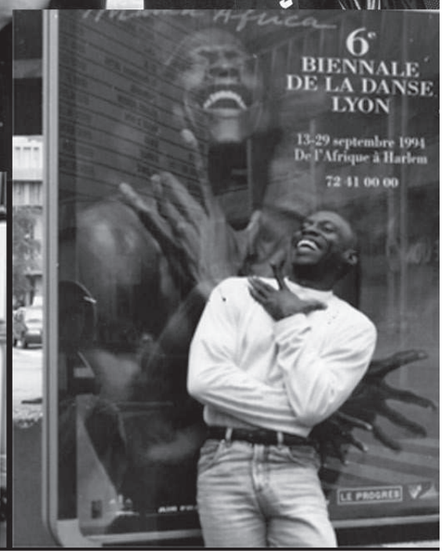











6e
BIENNALE
DE LA DANSE
LYON
13-29 septembre 1994
De l'Afrique à Harlem
72 41 00 00
LE PROGRES




BOOK 20 ANOS BFB.indd 496 29/04/10 02:57

FUNDAÇÃO BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

Conselho Deliberativo
Presidente: Nilson Mendes
Conselheiros: Emília Biancardi, Lia Robatto, Lúcia Mascarenhas, Xavier Veciana
Diretor Executivo: Walson Botelho

Conselho Fiscal
Albérico Mascarenhas, Arlinda Paranhos, Edivaldo Boaventura, João Gualberto Vasconcelos, Victor Gradin.

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

Diretor Geral: Walson Botelho
Diretor Artístico: José Carlos Arandiba (Zebrinha)
Diretor Musical: José Ricardo Sousa
Assistentes de Coreografia: Nildinha Fonseca, Reinaldo Pepe, Rose Soares
Secretária Administrativa: Norma Freitas

EDIÇÃO DO LIVRO "20 ANOS DO BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

Coordenação Geral: WALSON BOTELHO
Editoração Eletrônica / Designer Gráfico: VINÍCIUS LIMA
Assistente de Editoração: RICARDO GOMES
Produção Executiva: TICIANA GUARANYS
Projeto Gráfico: TORNAR PRODUÇÃO DE IDÉIAS
Arquivo / Catalogação: NORMA FREITAS
Fotos em "Repertório": ARTUR IKISHIMA, MARISA VIANNA, PHILIP MARTIN, VINÍCIUS LIMA

Agradecimentos:

Márcio Meirelles, Gisele Nussbaumer, Sérgio Rivero, Alexandre Molina, Sidônio Palmeira, Leiaute Propaganda, EGBA e a toda imprensa nacional e internacional.

Apoio Financeiro:

FUNDAÇÃO CULTURAL ESTADO DA BAHIA

Bahia TERRA DE TODOS NÓS Secretaria de Cultura

Apoio:

Tornar PRODUÇÃO DE IDEIAS

BOOK 20 ANOS BFB.indd 497 29/04/10 02:57

BOOK 20 ANOS BFB.indd 498 29/04/10 02:57



FUNDAÇÃO BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA
RUA GREGÓRIO DE MATOS, 49
PELOURINHO - CEP: 40026-240
SALVADOR / BAHIA / BRASIL
TEL/FAX: 55 71 3322-1962
WWW.BALEFOLCLORICODABAHIA.COM.BR

BOOK 20 ANOS BFB.indd 499 29/04/10 02:57

BOOK 20 ANOS BFB.indd 500 29/04/10 02:57